A. S. Franchini / Carmen Seganfredo
AS 100 MELHORES HISTÓRIAS DA MITOLOGIA
Deuses, heróis, monstros
e guerras da tradição greco-romana
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FNDE
PNBE
2006
VENDA PROIBIDA
L&PM
14002

Aquilo que hoje conhecemos por mitologia greco-romana começou como histórias mágicas e alegóricas que os antigos inventaram para, na falta da ciência, responder a algumas perguntas. Como começou o Universo? Como surgiram os homens? O que há no além-mar? Para onde vão as pessoas quando morrem? O que faz um homem apaixonar-se por uma mulher e vice-versa? De onde surgiram os animais que habitam a Terra? O que ocasiona os relâmpagos? As respostas para essas e outras questões foram sendo forjadas pela sabedoria popular, isto é, não foram obradas por um autor específico, mas nasceram espontânea e anonimamente da necessidade delas próprias e passaram de geração em geração em relatos flexíveis, que se modificaram e se modificam conforme as circunstâncias. De tempos em tempos, um compilador decide fixá-las na forma que melhor lhe convém, daí por que hoje se podem encontrar tantas versões de cada mito.

A.S. Franchini e Carmen Seganfredo escolheram contar os mitos não de um modo distanciado e acadêmico, mas como ocorria no início: como histórias de pessoas reais, de carne e osso, que realmente existiam. Por isso os episódios são apresentados em forma de contos.

Se hoje não precisamos mais dos mitos para responder às perguntas elucidadas pela precisão científica, eles ainda são a melhor fonte para conhecer o percurso do pensamento do homem e para nos encantar com sua singeleza, beleza e fantasia.

CARMEN SEGANFREDO
é gaúcha e nasceu em 1956.
É tradutora e vive em
Porto Alegre.
A. S. FRANCHINI
nasceu em 1964 e também é gaúcho. É formado em Direito e também trabalha como tradutor.
Traduziram juntos textos de Ambrose Bierce, Robert Louis Stevenson e Charles Dickens, entre outros.
Em co-autoria publicaram o romance *Irmãos Pitowkers* (Sulina, 1999), que recebeu o Prêmio Açorianos de Revelação Literária 1999, e o livro *Em mares nunca navegados* (Artes e Ofícios, 2003), uma adaptação em prosa de *Os Lusíadas*, de Camões.

AS 100 MELHORES HISTÓRIAS DA MITOLOGIA

Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana

A. S. Franchini / Carmen Seganfredo

AS 100 MELHORES HISTÓRIAS DA MITOLOGIA

Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana

9ª edição

capa: Marco Cena
revisão: Caroline Chang, Jó Saldanha e Flávio Dotti Cesa

1ª edição: outubro de 2003
9ª edição: janeiro de 2007

ISBN 85.254.1316-X

F816c Franchini, A. S.
As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana/ A. S. Franchini /e/ Carmen Seganfredo. — 9 ed. — Porto Alegre : L&PM, 2007.
464 p. ; 23 cm

1.Ficção greco-romana-mitologia. 2.Seganfredo, Carmen, I.Título.
CDD 883
CDU 870-34
821.14-343

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

PORTO ALEGRE: Rua Comendador Coruja, 326
Floresta — RS — CEP: 90220-180
Fone: 51. 3225.5777
Impresso na Gráfica Editora Pallotti
Plínio Brasil Milano 2145 — Porto Alegre — RS
Brasil — verão de 2007

Porque é esta a maneira de o mito existir: variando.
Ruth Guimarães, Dicionário da Mitologia Grega

CONTRA-CAPA

AS 100 MELHORES
HISTÓRIAS DA
MITOLOGIA

Guerra de Tróia. Os Doze Trabalhos de Hércules. A história de amor de Cupido e Psique. A desgraça de Édipo. O retorno de Ulisses a Ítaca.

As maiores batalhas do mundo antigo, o nascimento dos mais célebres heróis de então, os principais episódios envolvendo deuses e deusas do Olimpo, mortais, imortais, monstros e bestas são aqui relatados na sua forma original: com o vigor da ficção. Nas cem histórias que compõem este livro, as forças da natureza tomam vida, forma-se o Universo, nasce o homem, surgem os animais e explicam-se, segundo a ótica mágica da mitologia greco-romana, os primórdios da existência e da história da humanidade. Os mitos não são mitos, mas personagens vividos e de carne e osso, que pensam, sentem e amam — tudo isso contado numa prosa acessível — e que compõem o berço da cultura ocidental.

ORELHAS

Aquilo que hoje conhecemos por mitologia greco-romana começou como histórias mágicas e alegóricas que os antigos inventaram para, na falta da ciência, responder a algumas perguntas. Como começou o Universo? Como surgiram os homens? O que há no além-mar? Para onde vão as pessoas quando morrem? O que faz um homem apaixonar-se por uma mulher e vice-versa? De onde surgiram os animais que habitam a Terra? O que ocasiona os relâmpagos? As respostas para essas e outras questões foram sendo forjadas pela sabedoria popular, isto é, não foram obradas por um autor específico, mas nasceram espontânea e anonimamente da necessidade delas próprias e passaram de geração em geração em relatos flexíveis, que se modificaram e se modificam conforme as circunstâncias. De tempos em tempos, um compilador decide fixá-las na forma que melhor lhe convém, daí por que hoje se podem encontrar tantas versões de cada mito.

A.S. Franchini e Carmen Seganfredo escolheram contar os mitos não de um modo distanciado e acadêmico, mas como ocorria no início: como histórias de pessoas reais, de carne e osso, que realmente existiam. Por isso os episódios são apresentados em forma de contos.

Se hoje não precisamos mais dos mitos para responder às perguntas elucidadas pela precisão científica, eles ainda são a melhor fonte para conhecer o percurso do pensamento do homem e para nos encantar com sua singeleza, beleza e fantasia.

CARMEN SEGANFREDO é gaúcha e nasceu em 1956.
É tradutora e vive em Porto Alegre.
A. S. FRANCHINI nasceu em 1964 e também é gaúcho. É formado em Direito e também trabalha como tradutor.
Traduziram juntos textos de Ambrose Bierce, Robert Louis Stevenson e Charles Dickens, entre outros.
Em co-autoria publicaram o romance *Irmãos Pitowkers* (Sulina, 1999), que recebeu o Prêmio Açorianos de Revelação Literária 1999, e o livro *Em mares nunca navegados* (Artes e Ofícios, 2003), uma adaptação em prosa de *Os Lusíadas*, de Camões.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

As histórias que você está prestes a ler são, além de deliciosas aventuras, milenar espinha dorsal da civilização ocidental. Abarcando as principais raízes da mitologia antiga, o conjunto destes cem contos engloba a história da humanidade tal como ela era vista pelos antigos gregos e romanos: de onde surgiu o Universo, como apareceram os homens, a descoberta do fogo e variados estágios de desenvolvimento do ser humano — com um sem-fim de divindades diretamente relacionadas às forças primordiais da natureza orquestrando esta verdadeira sinfonia da vida.

As origens destas lendas povoadas por deuses e mortais perdem-se nas memórias do tempo. Elas surgiram de maneira espontânea, da imaginação popular, quando os registros da linguagem verbal eram muito diferentes da escrita de hoje, a caneta ou a computador: o conhecimento de então era passado oralmente através de gerações, daí a matriz necessariamente flexível da mitologia. Com o passar do tempo tais lendas se cristalizaram em formas mais ou menos definidas, porém nunca acabadas, já que com a passagem dos milênios as histórias iam sofrendo alterações, eram levadas de um país a outro, adquirindo novo cenário, por vezes novo roteiro e até novos personagens. De modo que, hoje, temos à nossa disposição as mais diversas versões para os mais diferentes mitos — sem falar nas versões que por uma razão ou outra possivelmente tenham sido soterradas pelos anos.

Desse modo, a importância do mito está na sua maleabilidade — não em uma forma fixa -, que traz consigo o legado ancestral assim como os sinais de seu próprio tempo e espaço. Nossos personagens não são autômatos divinos, a repetir eternamente os mesmos atos e discursos. São mitos que têm a vida renovada conforme são reescritos e recontados, sendo tanto de hoje quanto da Antigüidade.

A maioria dos contos deste livro baseia-se em relatos que a tradição consagrou, recolhidos em coletâneas e livros específicos sobre o assunto. Embora tenhamos procurado nos servir das versões mais conhecidas dessas lendas, não desprezamos outras, menos populares.

Optamos por apresentar os personagens, na sua maioria, com os seus nomes latinos. Sem pretender desfigurar demasiadamente o conteúdo dos relatos, escolhemos recontá-los com o auxílio da ficção: atribuímos a cada história o estilo, a forma de contar, os detalhes circunstanciais, os diálogos, etc. que mais favorecem o seu colorido, movimentação e fantasia.

Os autores

NASCIMENTO E GLORIA DE SATURNO

Numa era muito antiga — tão antiga que antes dela só havia o caos — o mundo era governado pelo Céu, filho da Terra. Um dia, este, unindo-se à própria mãe, gerou uma raça de seres prodigiosos, chamados Titãs. Ocorre que o Céu — deus poderoso e nem um pouco clemente — irritou-se, certa feita, com as afrontas que imaginava receber de seus filhos. Por isto, decidiu encerrá-los nas profundezas do ventre da própria esposa, à medida que eles iam nascendo.

— Aí ficarão para sempre, no ventre da Terra, para que nunca mais ousem desafiar a minha autoridade! — exclamou, colericamente, o deus soberano.

A Terra, subjugada, teve de segurar em suas entranhas, durante muitas eras, aquelas turbulentas criaturas e suportar, ao mesmo tempo, o assédio insaciável e ininterrupto do marido. Um dia, porém, farta de tanta tirania, decidiu a mãe do mundo que um de seus filhos deveria libertá-la deste tormento. Para tanto escolheu Saturno, o mais jovem de seus rebentos.

— Saturno, meu filho — disse a Terra, lavada em pranto -, somente você poderá libertar-me da tirania de seu pai e conquistar para si o mando supremo do Universo!

O jovem e ambicioso Titã sentiu um frêmito percorrer suas entranhas.

— Diga, minha mãe, o que devo fazer para livrá-la de tamanha dor! — disse Saturno, disposto a tudo para chegar logo à segunda parte do plano.

A Terra, erguendo uma enorme foice de diamante, entregou-a ao filho.

"Tome e use-a da melhor maneira que puder!", disseram seus olhos, onde errava um misto de vergonha e esperança.

Saturno apanhou a foice e não hesitou um instante: dirigiu-se logo para o local onde seu velho pai descansava. Ao chegar no azulado palácio erguido nos céus, encontrou-o ressonando sobre um grande leito acolchoado de nuvens.

— Dorme, o tirano... — sussurrou baixinho.

Saturno, depois de examinar por algum tempo o rosto do impiedoso deus, empunhou a foice e pensou consigo mesmo: "Realmente... demasiado soturno."

E fez descer o terrível gume, logo abaixo da cintura do pobre Céu.

Um grito terrível, como jamais se ouvira em todo o Universo, ecoou na abóbada celestial, despertando toda a criação.

— Quem ousou levantar mão ímpia contra o soberano do mundo? — gritou o Céu, com as mãos postas sobre a ensangüentada virilha.

— Isto é pelos tormentos que infligiu à minha mãe, bem como a mim e a meus irmãos — respondeu Saturno, ainda a brandir a foice manchada de sangue.

Os testículos do Céu, arrancados pelo golpe certeiro da foice, voaram longe e foram cair no oceano, com um baque tremendo. Em seguida, o deus ferido caiu, exangue, sobre seu leito acolchoado, sem poder dizer mais nada. As nuvens que lhe serviam de leito tingiram-se de um vermelho tal que durante o dia inteiro houve como que um infinito e escarlate crepúsculo. Saturno, eufórico, foi logo contar a proeza à sua mãe.

— Isto é que é filho — disse a Terra, abraçada ao jovem parricida. Imediatamente foram soltos todos os outros Titãs, irmãos de Saturno. Este, por sua vez, recebeu a sua recompensa: era agora o senhor inconteste de todo o Universo.

Quando a noite caiu, entretanto, escutou-se uma voz espectral descer da grande cúpula côncava dos céus:

— Ai de você, rebento infame, que manchou a mão no sangue do seu próprio pai! Do mesmo modo que usurpou o mando supremo, irá também um dia perdê-lo...

Saturno assustou-se a princípio, mas em seguida ordenou a seus pares que recomeçassem os festejos.

— Ora, ameaçazinhas... Deus morto, deus posto! — exclamou, com um riso talhado no rosto.

Mas aquela profecia, irritante como um mosquito, ficara ecoando na sua mente, até que Saturno, por fim, reconheceu-se também meio soturno:

— Será que uma vitória, neste mundo, não pode ser nunca completa?

NASCIMENTO E GLÓRIA DE JÚPITER

Saturno, após destronar sangrentamente o próprio pai, era agora senhor de todo o Universo.

— Aqui é assim: mando eu e ninguém mais — dizia o tempo todo, a ponto de suas palavras reverberarem noite e dia pelos céus.

Certa feita, sua esposa, Cibele, que também era sua irmã, chegou-se a ele e disse:

— Abrace-me, querido Saturno, pois serei mãe!

O velho Saturno, encanecido no mando, esboçou apenas um sorriso.

— Muito bonito — resmungou o deus. — Mas e daí?

— Ora, e daí que você, meu esposo, será pai! — disse ela, tentando animá-lo. Esta palavra, no entanto, despertou a fúria de Saturno. Pondo-se em pé,

com os olhos acesos, esbravejou:

— Não quero ouvir falar mais nesta palavra aqui no céu. Imediatamente ordenou que a pobre Cibele saísse da sua frente, para que pudesse reorganizar seus pensamentos. A praga que

seu pai lhe lançara no dia em que o mutilara com a foice diamantina ainda ecoava em seus ouvidos:

"Ai de você, rebento infame... Do mesmo modo que usurpou o mando supremo. irá também um dia perdê-lo..."

— Nada de filhos — exclamou, por fim, a velha divindade. — Cibele, venha já até mim!

Sua esposa surgiu, um tanto intimidada.

— Quando nasce esta criatura que você está carregando? Vamos, diga! — bradou Saturno.

— Nos próximos dias, Saturno querido...

— Assim que nascer, traga-a imediatamente até mim.

— Assim será, meu esposo.

Cibele, correndo os dedos pelas madeixas, sorria candidamente. Alguns dias depois, com efeito, nasceu o primeiro bebê: era Juno, uma menina encantadora, porém de poucos sorrisos.

— Deixe-me vê-la — sussurrou Saturno, besuntando de mel a sua áspera **i**

— Veja, não é linda? — disse Cibele, a imprudente.

— Encantadora! — respondeu o deus, com um sorriso equívoco.

— Vamos, dê-lhe um beijo! — disse Cibele, a louca.

O velho deus tomou, então, a criança, envolta nos panos, e aproximou-a de seu imenso rosto.

— Dá mesmo vontade de engoli-la inteira — exclamou, arreganhando os dentes.

Cibele chorou de ternura.

Num segundo Saturno abriu de par em par a bocarra, como duas portas que dão para um abismo, e engoliu a pobre criança, que não deu um único pio.

Cibele chorou de horror.

Sem descer a explicações, Saturno tomou a cabeça da esposa em suas mãos e exclamou:

— E nada de choros, hein? Nada de vinganças. Depois, despediu-a, não sem antes adverti-la:

— E já sabe: nascendo outro, quero-o logo aqui.

Saturno dava tapinhas na sua barriga cheia, como que parabenizando-se pelo engenhoso estratagema. Depois retomou o seu eterno estribilho, agora com renovado prazer:

— E você aí dentro, já sabe: aqui é assim, mando eu e ninguém mais.

O tempo passou e foram nascendo os rebentos. Tão logo os filhos da desgraçada Cibele iam saindo do cálido ventre da mãe, eram imediatamente metidos na cova tétrica do estômago do

pai. Passaram, assim, por este odioso portão, além da já citada Juno, os infelizes Plutão, Netuno, Vesta e Ceres.

Quando chegou, porém, a vez do quinto bebê, Cibele, farta de tanta sujeição, revoltou-se afinal:

"Não, este não...", pensava, e o seu laconismo dava bem a medida da sua determinação.

Passando, então, das palavras à ação, correu até a mais distante caverna do mundo — a caverna de Dicte — e lá gemeu e gritou, até dar à luz Júpiter, seu último e mais esperado filho.

Depois de entregar o garoto aos cuidados das ninfas da floresta, Cibele retornou às pressas para o palácio de Saturno. Uma vez em seus aposentos, envolveu uma pedra nos lençóis e começou a gritar, como quem está em trabalho de parto.

— Temos nova peste — exclamou Saturno, rumando celeremente para o quarto.

Tão logo enxergou sua esposa segurando algo envolto nos panos, tomou-lhe o embrulho das mãos e engoliu-o, imaginando ser o quinto bebê.

— É o último, hein... ? — disse o deus, limpando a boca com as costas da mão e desaparecendo em seguida pela porta.

Mas Cibele chorou, como das outras vezes.

Tudo agora parecia em paz, pensava Saturno, enquanto gozava do silêncio, refestelado em seu trono dourado. De vez em quando, porém, repetia bem alto o seu amado estribilho, pois o silêncio absoluto enchia-o de vagas apreensões.

— Bom mesmo é minha voz retumbando: aqui é assim, mando eu e ninguém mais — gritava ele, acalmando-se.

E isto era bom, também, para o jovem Júpiter, que permanecia oculto nas grutas distantes, podendo chorar à vontade. Quando chorava alto demais, as ninfas que dele cuidavam ordenavam que alguns guerreiros, chamados curetes, reverberassem seus escudos com toda a força, para abafar os sons infantis.

Para acalmá-lo, havia uma doce cabra, chamada Amaltéia, que o amamentava e lhe servia de distração — distração que também lhe era trazida por uma bola estriada de ouro, que o garoto recebera de presente de uma das ninfas, a qual ao subir e cair deixava no céu, como um fulgente meteoro, um belo rastro dourado.

Por fim, havia ainda uma águia encantada que todos os dias vinha de todas as partes do mundo contar novidades e instruir o jovem deus nas coisas da vida.

— Júpiter, grande deus — disse-lhe um dia a águia, quando o garoto já estava crescido -, já é hora de saber sobre o terrível perigo que você corre.

A ave, então, narrou ao deus todo o drama que dera origem à sua existência.

— Vai e liberta os seus irmãos da negra prisão em que estão metidos, para que você possa assumir o lugar de seu pérfido pai no comando do mundo — disse a águia, estendendo as longas asas, para enfatizar suas palavras.

Júpiter, que era um rapaz extraordinariamente forte e corajoso, acatou imediatamente a sugestão da sua fiel conselheira; auxiliado pela filha do titã Oceano, a suave Métis, tomou posse, então, de uma poderosa erva mágica.

— Faça com que seu perverso pai beba desta poção e num instante verá regurgitados todos os seus aprisionados irmãos — disse-lhe a bela oceânide.

Júpiter conseguiu disfarçar-se de escanção de Saturno, oficial que deveria servi-lo, e ofereceu-lhe a atraente beberagem numa taça de ouro.

— Que espécie de néctar é este, que tem o brilho de todas as cores e se perfuma de todos os odores? — perguntou Saturno, arregalando o olho para dentro da taça.

— Um néctar como nunca experimentou igual! — asseverou Júpiter, desviando ao mesmo tempo o olhar da carranca severa do pai.

Saturno, após infinitos vacilos, finalmente emborcou o conteúdo da taça. A princípio estalou os beiços, achando maravilhosa a poção. Durou pouco, entretanto, o prazer, pois logo em seguida o velho começou a passar muito mal.

— Mas o que é isto? — exclamou Saturno, fazendo-se todo branco. — Sinto náuseas fortíssimas!

Dali a instantes Saturno começou a regurgitar, um por um, cada um dos filhos que havia ingerido. Pobre deus! Como já fazia muito tempo que os engolira, agora se via obrigado a restituí-los completamente adultos. A incrédula Cibele, que estava junto do esposo, ia recebendo cada um dos filhos com a face lavada pranto:

— Oh, Juno querida... Vesta amada... Adorada Ceres... Netuno, meu anjo! Plutão, meu amor...

Com o retorno de seus irmãos, Júpiter havia dado o primeiro e irredutível passo para retirar o poder supremo do mundo das mãos de seu pérfido pai.

— Exijo, Saturno cruel, que me ceda agora o cetro do mundo! — exclamou Júpiter, com altivez e confiança.

— Como ousa levantar mão ímpia contra mim, o soberano do mundo? -exclamou Saturno, repetindo ao filho algo que lhe soava estranhamente familiar.

Pressentindo, no entanto, o perigo, Saturno tratou logo de ir procurar seus antigos irmãos e aliados — os velhos, porém ainda fortíssimos, Titãs.

— Mas isto é o fim dos tempos! — acrescentou, criando uma frase que as gerações futuras repetiriam sempre que uma civilização entrasse em decadência.

A Guerra dos Titãs apenas começava a ser esboçada.

JÚPITER E A GUERRA DOS TITÃS

Não há crônica, antiga ou moderna, que refira de maneira exata todos os feitos e lances heróicos desta que foi a verdadeira primeira guerra mundial. Ela é demasiado antiga e perde-se na noite dos tempos. Só podemos nos basear no que dela referiram alguns comentadores tardios, como Hesíodo.

Ainda assim, ela houve: os sinais, por tudo, são demais evidentes.

A própria geologia comprova que as extintas divindades de outrora -personificações, talvez, dos elementos em estado caótico — se engalfinharam um dia numa luta impiedosa, revolvendo no embate o Céu, a Terra e os mares.

Esta gigantesca querela teve início com a pretensão de um filho rebelde, chamado Júpiter, sobre o poder supremo que estava em mãos de uma divindade cruel e despótica, chamada Saturno.

Mas quem foram as partes deste espantoso embate?

De um lado, liderados por Saturno, estavam ele e seus irmãos, os poderosos Titãs ("filhos da Terra"). Do outro, Júpiter, o filho insubmisso, e seus irmãos, além de algumas defecções titânicas que se alistaram à causa rebelde, tais como o Oceano e o filho de Japeto, Prometeu.

Os deuses da segunda geração, liderados por Júpiter, foram organizar seu ataque no monte Olimpo (daí serem chamados de "deuses olímpicos"), enquanto os Titãs, abrigados no monte Ótris, tramavam a sua defesa.

Num dia incerto, que nenhum cálculo humano pode aproximar, deu-se o primeiro lance desta refrega colossal, que os anais bélicos da humanidade batizaram de Titanomaquia (ou "Guerra dos Titãs"). Uma imensa massa negra de nuvens destacou-se dos limites extremos do Olimpo e começou a marchar, num estrondo feroz de carros de guerra que rondam pelos céus. O empíreo escureceu de tal forma que o Caos parecia haver gerado de seu ventre uma segunda Noite, ainda mais negra e tétrica do que a primeira.

De dentro desta montanha alada, da cor do ferro, partiam raios tão ofuscantes (novidade horripilante inventada pelos Ciclopes, aliados de Júpiter, que este libertara do Tártaro), que por alguns instantes brevíssimos não havia em todo o Universo a menor parcela de escuridão. Mas logo o negror da noite tombava outra vez sobre a Terra, e a alma de tudo quanto vivia agachava-se, oprimida por indizível pavor.

Ocultos acima dessa nuvem prodigiosa, Júpiter e seus aliados caíram finalmente sobre seus inimigos. Os Titãs, contudo, bem protegidos em suas trincheiras, começaram a enterrar suas unhas duras e compridas como gigantescas pás de bronze até as profundezas do solo, para dali arrancarem pela raiz, com pavoroso estrondo, montanhas inteiras, que arremessavam em seguida contra os deuses olímpicos.

Uma voz espantosa ecoou, vinda do alto, sobrepondo-se à massa inteira de ruídos:

— Irmãos da nobre causa, desçamos até onde rastejam estes vermes! -disse Júpiter e, junto com seus aliados, saltou das nuvens com as vestes guerreiras, dando grandes brados de fúria. Seus escudos refulgiam na queda como tremendos sóis prateados, enquanto suas lanças, brandidas com fúria, pareciam raios retilíneos que cada qual portasse com destemor infinito.

— Amantes da nobre verdade, recebamos estas aves de rapina que descem dos céus, tal como elas merecem! — bradou outra voz, desta vez de Saturno, encorajando os seus Titãs.

Quando os dois exércitos se misturaram, um ruído mais feroz do que qualquer outro jamais escutado fez-se ouvir, então, por todo o Universo. A terra inteira sacudia-se em tremores, levantando-se de dentro dela imensas labaredas de fogo e de pez. Netuno, com seu tridente aceso, fazia ferver os mares, e por toda parte não havia um único bosque que não tivesse sido varrido pelo assobio endemoniado de uma tórrida ventania.

Os combatentes, misturados num pavoroso atraque corporal — atirando às cegas, uns contra os outros, cutiladas, raios, rochas imensas, vapores sufocantes e dentadas -, assim estiveram por uma eternidade, até que Júpiter, temendo que a vitória estivesse pendendo para o inimigo, anunciou um novo propósito:

— Companheiros, libertemos do Tártaro profundo os poderosos Hecatônquiros!

Hecatônquiros. Esses terríveis seres haviam sido aprisionados por Saturno nas profundezas da terra e, uma vez libertos, espalhariam o terror entre as hostes inimigas.

Júpiter, auxiliado pelos seus, desceu até as tênebras profundas e, após romper os grilhões que mantinham estas colossais criaturas presas ao abismo, subiu com elas à superfície. Uma fenda enorme rasgou-se sob o chão; imediatamente um vapor negro subiu da cratera num jato hediondo, até envolver o próprio Sol.

Tudo estava envolto numa treva sufocante, quando todos sentiram um baque formidável sacudir o solo. Um tufão poderoso surgiu em seguida, varrendo **toda** a fuligem espessa e deixando à mostra, sobre a superfície, os três Hecatônquiros, postados lado a lado. A arte dos antigos não nos deixou nenhuma imagem do que seriam tais divindades, porém as descrições nos afirmam que se ratavam de seres "enormes como a mais alta das montanhas" e que possuíam n olhos e cinqüenta cabeças".

Um urro colossal, partido das cento e cinqüenta bocas, atroou todo o Universo. As criaturas, empunhando rochedos imensos, lançaram sobre os apavorados Titãs trezentas montanhas, sepultando-os vivos sob os escombros. Em seguida os Ciclopes os acorrentaram com suas pesadas correntes, encerrando-os para **sempre** nas profundezas do Tártaro, de onde jamais tornariam a sair, vigiados **pelos** invencíveis Hecatônquiros.

Esta, em resumo, foi a primeira batalha que o Universo conheceu, **e** da qual saiu vitorioso Júpiter, o novo soberano do Universo, para reinar como pai dos deuses sobre todos os homens e as demais divindades.

JUNO, A RAINHA DO CÉU

— Sim, agora minha pequena Juno está a salvo... Mas até quando? Assim dizia Cibele, após ver resgatada, do ventre de seu cruel esposo

Saturno, a sua filha querida. O velho deus havia engolido um a um os seus filhos, tão logo estes haviam nascido; Júpiter, porém, lhe ministrara uma bebida encantada, obrigando-o a regurgitá-los de volta para os braços da mãe. Cibele, a precavida, imaginava agora um meio de manter a salvo a sua filha dileta.

"Tenho um pressentimento de que a ela está destinado um lugar de honra na corte celestial!", pensava a deusa, acariciando os cabelos de Juno.

Imaginava Cibele, como todas as mães, divinas ou não, que sua filha excederia em beleza e poder todas as outras filhas da face da Terra ou da imensidão do céu.

De repente seus olhos avistaram, para o ocidente, um fulgor intenso.

— É isto! — exclamou Cibele, feliz. — Levarei-a para o país das Hespérides! Hespérides eram três encantadoras deusas que governavam um país paradisíaco, onde a primavera era eterna e a necessidade não existia.

— Queridas amigas, preciso entregar a minha bela Juno aos seus cuidados, pois somente aqui ela estará em segurança.

Abriram um largo sorriso, enquanto uma delas envolvia a deusa em suas vestes esvoaçantes.

— Vá em paz, Cibele — disse esta. — Nós faremos da sua filha a mais poderosa das deusas.

Juno respondeu apontando o dedo para o céu.

O tempo passou e Juno tornou-se uma deusa de maravilhosa beleza. As Hespérides eram unânimes em reconhecer este seu atributo, que fazia par com o da perfeita sapiência.

— Vejam: os animais e mesmo as flores parecem ficar felizes tão logo sua presença se anuncia — diziam alegremente as irmãs, todos os dias, umas às outras.

Juno, contudo, apesar de estar satisfeita naquele lugar paradisíaco, ambicionava mais alto. Com olhos postos no céu, suspirava todos os dias:

— Tudo é belo... mas eu queria mesmo era ser rainha do céu.

Por uma natural inclinação, a moça procurava sempre os lugares mais altos da ilha para dar largas à sua imaginação. Havia um rochedo, à beira-mar, que era o seu refúgio especial.

— Mais um passinho e posso quase tocar o céu... — dizia ela, brincando e esticando seu alvo dedo.

Um dia, estando ali sentada, sentiu muito calor. Então avistou no horizonte uma nuvem que vagava meio sem jeito, como que perdida das outras.

— Adoro chuva! — pensou, esticando o pescoço na ânsia de ver as companheiras daquela comparsa extraviada. — O único defeito deste país encantador, se há algum, é o de chover tão pouco!

Então pôs-se em pé, cerziu os olhos e começou a pensar com toda a força:

— Quero muito que chova! Que chova muito! E o que quero!

Juno reabriu os olhos e viu que agora aquela nuvem mal-esboçada e solitária, lá adiante, havia ganho uma inesperada e rechonchuda companheira. A jovem fechou os olhos outra vez e repetiu com toda a força:

— Quero muito que chova! Que chova muito! É o que quero!

Quando reabriu outra vez os seus olhos, viu que um exército de outras nuvens havia se juntado à primeira, engolfando-a num turbilhão escuro e barulhento. Juno colocou-se na ponta dos pés e aspirou profundamente.

— Hmmm.... Perfume de chuva, não há outro igual.

Num instante as nuvens chegaram, e a jovem deusa comandou do alto ma tremenda tempestade, como nunca as Hespérides haviam visto. Os raios miam ao redor da jovem os seus espadins recurvos, porém sem nunca atingi-la, enquanto a água da chuva a envolvia num frescor delicioso.

Depois que a chuva passou e um vento fresco secou suas roupas, afastando-o para longe as nuvens tempestuosas, Juno olhou para o céu, novamente azul.

— Tudo é belo... Mas eu queria mesmo era ser rainha do céu.

Neste instante uma águia de asas imensas surgiu das alturas. A ave, após rodopiar ao redor da deusa, agarrou-a delicadamente e suspendeu-a no ar. Juno, embora surpresa, não se assustou; algo lhe dizia, secretamente, que o seu sonho começava a se concretizar.

— Para onde me leva, águia sutil?

Foram ambas subindo, a águia e a deusa, até que, adentrando o próprio **céu.** Juno viu-se diante do jovem Júpiter.

— Estou no céu! — gritou Juno, de olhos brilhantes.

O pai dos deuses explicou então a Juno tudo o que havia ocorrido e como ele a havia salvo do ventre do tirânico pai de ambos, Saturno.

Juno, agradecida, abraçou os joelhos de Júpiter. Depois disse a ele, radiante de esperança:

— Tudo o que você diz é belo... Mas eu queria mesmo...

O pudor, entretanto,impediu-a de repetir pela milésima vez o seu desejo.

— Sim, adorada Juno, você será, sem dúvida, rainha do céu — completou Júpiter**,** sorridente, que escutara diversas vezes, ali do alto, a jovem clamar por seu desejo. — Desde que a vi manejando a tempestade e orquestrando os raios, decidi que seria a esposa ideal para mim.

E foi assim que Juno casou-se, tornando-se Rainha do Céu e dando início à história do casal mais famoso da mitologia antiga.

O CASTIGO DE QUELONE

O Olimpo estava em festa: Júpiter e Juno iriam finalmente se casar.

As duas imensas portas do Empíreo, algodoadas de nuvens, haviam sido abertas de par em par pelas três Horas — Eunomia, Dice e Irene -, que faziam o papel de anfitriãs. Atrás delas podia-se divisar perfeitamente o brilho feérico e resplandecente do palácio dourado onde iria se realizar a tremenda festa.

Os convidados iam chegando em grande número, atravessando a ponte multicolorida do imenso arco-íris.

— Vejam, irmãs — disse Eunomia, radiante -, quantos convidados! Estejamos atentas para que não nos escape presença alguma.

— E nenhuma ausência, também! — disse Dice, cuja tarefa era ir riscando os nomes dos convidados que chegavam.

Os principais deuses do panteão olímpico iam chegando, sozinhos ou aos pares, conversando alegremente. Ceres, vestida com uma túnica drapejada e esvoaçante, surgiu, entre tantas outras divindades, toda sorridente.

— Nossa! — disse Irene, a porteira esbelta. — Ela caprichou mesmo! Junto dela estava Minerva, a deusa da sabedoria.

— Sempre recatada, mas também sempre encantadora! — comentou Eunomia, afastando-se um pouco para permitir a sua passagem.

Apólo e sua irmã Diana vinham abraçados, dando uma gostosa gargalhada. Do que riam tanto?

Os grupos foram passando um a um até que chegou o casal mais curioso: a maravilhosa Vênus e seu truculento esposo Vulcano.

— Vejam só, será que finalmente ele resolveu tomar um banho? — cochichou Irene à sua irmã Dice, que ocultou no véu um sorriso discreto.

De fato, o deus das forjas, normalmente coberto de fuligem, naquele dia surgira diante de todos um pouco mais apresentável, apesar de toda a sua feiúra. Seus cabelos emaranhados pareciam ter sidos apresentados finalmente a uma escova, e algo parecido com uma esponja parecia ter sido esfregado sobre o pêlo espesso do peito e dos membros.

Quase todos os convidados já haviam chegado, inclusive Netuno, com sua corte aquática, úmida e festiva, e o sombrio cortejo de Plutão, que trazia pelo braço sua esposa Prosérpina, pálida como sempre, porém um pouco mais animada.

De repente, porém, Eunomia, que passava em revista com suas irmãs a enorme lista com os nomes riscados, escutou uma voz soar bem ao seu lado.

— Porteiras do Olimpo, como estão? Era Mercúrio, o deus dos pés ligeiros.

— Ótimas! — respondeu Irene, pelas três. — Acho que não falta mais ninguém, e você deve ser o último.

Na verdade Mercúrio fora o encarregado de levar os convites do casamento a todos os recantos do Universo. Finalmente, retornava de sua trabalhosa missão.

— Não, esperem! — gritou Eunomia, colando o alvo dedo sobre um nome da lista.

Os rostos das duas irmãs, mais o de Mercúrio, voltaram-se atônitos para ela.

— Como? Ainda falta alguém? — perguntou o deus mensageiro.

— Sim, a ninfa Quelone! — exclamou Eunomia. — Alguém a viu passar? -Não, ninguém a vira passar.

— O que terá acontecido? — disseram as Horas numa só voz. Mercúrio apertou um pouco mais as suas sandálias aladas e desapareceu como um pé de vento pela estrada colorida, deixando somente a sua voz:

— Vou refazer o trajeto até sua casa e ver o que houve!

O filho de Júpiter percorreu grande parte da estrada, e quanto mais avançava, mais temia pelo atraso — ou mesmo pela ausência definitiva da ninfa Quelone.

"Por Júpiter, se Juno descobre que ela ignorou sua festa, a matará!", pensava o deus mensageiro, enquanto apertava o pétaso para que não voasse de sua cabeça.

Quelone, entretanto, ainda estava descansada em sua casa, à beira do rio.

— Que calor! — disse ela, espreguiçando-se. — Essa tal de Juno, também, pensa que eu sou o quê, para me largar desta distância toda até a sua casa? Só para ir lhe bajular?

A vontade de ir para a festa de casamento de Juno era nenhuma. Na verdade não tinha vontade de fazer nada. Sim, porque apesar de ser uma ninfa adorável, era também a mais preguiçosa das criaturas. "Miseravelmente preguiçosa", como lhe dissera um dia um fauno das redondezas.

Por diversas vezes Quelone ensaiara a sua ida ao casamento. Na verdade, passara a manhã toda indecisa: que roupa usaria, afinal? Mais vaporosa ou mais discreta? Isto implicava uma escolha — e escolher era tão cansativo! E o maldito penteado, solto ou preso? Pintaria ou não as suas compridas unhas? Ai! Dez unhas nas mãos e mais dez lá nos pés! E a que horas deveria sair? Um pouco mais cedo ou bem mais tarde?

Afinal de contas, *deveria mesmo ir?*

Cogitando e refrescando os pés na água, a ninfa deixava o tempo passar.

— Acho que agora não dá mais tempo... — pensou, ao observar o sol lá no alto. De repente, Mercúrio tapou o sol. Quelone, já de olhos fechados, murmurou."

— Ih, agora é que não vai dar para ir mesmo... Lá vem chuva!

— Sua preguiçosa, eu já imaginava! — disse o deus, pousando ao seu lado. Quelone levantou-se, de susto.

— Ah, é você? — disse ela, com a mão em pala sobre os olhos. — Sempre correndo pra cima e pra baixo, não é?

— Voando, querida, voando! — respondeu Mercúrio, passando uma água no rosto.

— Humpf! — fez Quelone, esgotada, fechando os olhos outra vez.

— Vamos, levante-se, preguiçosa! Está quase na hora das bodas de Juno.

— Não posso — disse Quelone. — Acordei com o pé machucado.

— O lençol o esmagou? — perguntou Mercúrio, com um tom de mofa.

— Ai, é verdade — disse a ninfa, colocando-se em pé com fingida dificuldade. Mas o deus não estava para lorotas e, em dois tempos, colocou-a no rumo da estrada. Mas a ninfa teimava em atrasar o seu passo: ora parava para descansar, ora simulava uma insolação. As horas passavam, e Mercúrio, aflito, sentia que daquele jeito jamais chegariam.

— Bem, adeus, vou indo na frente, senão Juno também *me* matará! — disse o deus, perdendo de vez a paciência.

— Isto, vá logo, apressadinho! — disse Quelone, sentando numa pedra azulada, bem no começo da longa estrada do arco-íris que levava até o palácio de Júpiter. — "Por que não me levou nos braços, então, se estava com tanta pressa?", perguntou-se, mal-humorada. "Depois a preguiçosa sou eu!"

Quelone adormeceu bem na entrada do arco-íris. Quando acordou novamente, a magnífica festa já havia acabado. Grupos alegres já voltavam, cruzando por ela.

— Que festa, hein? — dizia um fauno, todo descabelado.

— Esta, sim, valeu a pena! — dizia uma nereida, que parecia ter abusado um pouco do vinho.

Deuses, ninfas, faunos, todos esbarravam em Quelone, que era a única a seguir em sentido contrário.

— Esqueceu algo, querida? — perguntou-lhe Dóris, esposa de Nereu.

— Não me amole — replicou Quelone.

Apesar da festa já haver acabado, ela ainda tentava avançar, nem que fosse para se explicar com a nova rainha do céu.

— "Rainha do Céu!" — tripudiou a ninfa. — "Ai, *Rainha do Céu,* desculpe o atraso!" "Tudo bem, *Rainha do Céu?"* "Quem diria, hein: *Rainha do Céu!"* Quer saber de uma coisa? Vou é voltar já para casa!

E voltou mesmo. Um pouquinho mais rápida, desta vez.

Quando chegou lá, jogou-se em seu leito, exausta. Mas Mercúrio a aguardava.

— Você não foi até lá, então? — disse o deus, com o cenho franzido.

— Não incomoda, pé-de-vento! — resmungou a ninfa, cobrindo o rosto. -Diz lá pra Rainha do Céu que um dia desses apareço para dar os parabéns.

Mercúrio, perdendo definitivamente a paciência, pegou-a pelos pés e arrojou-a dentro do lago. Em seguida lançou também a própria casa da ninfa em cima dela.

— Aí está! — disse o deus, dando as costas e indo embora.

A pobre Quelone ressurgiu instantes depois das profundezas do lago. Seu rosto estava mudado, e era como o de um enrugado lagarto. Tinha agora quatro pernas — quatro pernas imensas — e em cima de suas costas pesava a sua antiga casa, virada numa imensa e pesada carapaça. E Quelone nunca fora tão lenta como agora!

Assim a ninfa que faltou à cerimônia de casamento do grande Júpiter e da poderosa Juno foi transformada no animal hoje conhecido como tartaruga.

O NASCIMENTO DE VÊNUS

A véspera do nascimento de Vênus fora um dia violento. O firmamento, tingindo-se subitamente de um vermelho vítreo, enchera de espanto toda a Criação.

Saturno, munido de sua foice, enfrentara o próprio pai, o Céu, num embate cruel pelo poder do Universo. Com um golpe certeiro, o jovem deus arrancara fora a genitália do pai,

tornando-se o novo soberano do mundo. Um urro colossal varrera os céus, como o estrondo tremendo de um infinito trovão, quando o Céu fora atingido.

O fecundo órgão do deus deposto, caindo do alto, mergulhara nas águas profundas, próximo à ilha de Chipre. Assim, o Céu, depois de haver fecundado incessantemente a Terra — dando origem à estirpe dos deuses olímpicos -, fecundava agora, ainda que de maneira excêntrica e inesperada, o próprio Mar.

Durante toda a noite o mar revolveu-se violentamente. A espuma do mar, unida ao sangue do deus caído, subia ao alto em grandes ondas, como se lançasse ao vento os seus leves e espumosos véus. Mas quando a Noite recolheu finalmente o seu grande manto estrelado, dando lugar à Aurora, que já tingia o firmamento com seus dedos cor-de-rosa, percebeu-se que as águas daquele mar pareciam agora outras, completamente diferentes.

O borbulhar imenso das ondas anunciava que algo estava prestes a surgir.

Das margens da ilha de Chipre, algumas ninfas, reunidas, apontavam, temerosas, para um trecho agitado do mar:

— O mar está prestes a parir algo! — disse uma delas.

— Será algum monstro pavoroso? — disse outra, temerosa.

Mas nem bem o sol lançara sobre a pátina azulada do mar os seus primeiros raios, viu-se a espuma, que parecia subir das profundezas, cessar de borbulhar. Um grande silêncio pairou sobre tudo.

— Sintam este perfume delicioso! — disse uma das ninfas.

As outras, erguendo-se nas pontas dos pés, aspiraram a brisa fresca e olorosa que vinha do alto-mar. Nunca as flores daquela ilha haviam produzido um aroma tão penetrante e, ao mesmo tempo, tão discreto; tão doce e, ao mesmo tempo, tão provocantemente acre; tão natural e, ao mesmo tempo, tão sofisticado.

De repente, do espelho sereno das águas — nunca, até então, o mar tivera aquela lisura perfeita de um grande lago adormecido — começou a elevar-se o corpo de alguém.

— Vejam, é a cabeça de uma mulher! — gritou uma das ninfas.

Sim, era uma bela cabeça — a mais bela cabeça feminina que a natureza pudera criar desde que o mundo abandonara a noite trevosa do Caos. Um rosto perfeito: os traços eram arredondados onde a beleza exigia que se arredondassem, aquilinos onde a audácia pedia que se afilassem e simétricos onde a harmonia exigia que se emparelhassem.

O restante do corpo foi surgindo aos poucos: os ombros lisos e simétricos, os seios perfeitos e idênticos — tão iguais que nem o mais consumado artista saberia dizer qual era o modelo e qual a sua réplica perfeita. Sua cintura, com duas curvas perfeitas e fechadas, parecia

talhada para realçar o umbigo perfeito, o qual acomodava delicadamente, como um encantador pingente, uma minúscula e faiscante pérola. E, logo abaixo, um véu triangular — loiro e aveludado véu -, tecido com os mais delicados e dourados fios, agitava-se delicadamente, esbatido pela brisa da manhã. Nenhum humano podia saber ainda o que ele ocultava — seu segredo mais cobiçado, que somente a poucos seria revelado.

Algumas aves marinhas surgiram, arrastando uma grande concha, a qual depositaram ao lado da deusa — sim, era uma deusa -, para que ela, como em um trono, se assentasse. Um marulhar de peixes saltitantes a cercava, enquanto golfinhos puxavam seu elegante carro aquático até as areias da praia cipriota.

Nem bem a deusa colocara os pés na ilha, e toda ela verdejou e coloriu-se como nunca antes havia sido. Por onde ela passava, brotavam do próprio solo maços aromáticos de flores multicores, os pássaros todos entoavam um concerto de vozes perfeitamente harmoniosas e os animais quedavam-se sobre a relva com as cabeças pendidas, para receber o afago daquela mão alva e sedosa.

— Quem é você, mulher mais que perfeita? — perguntou-lhe, finalmente, a ninfa que primeiro recuperara o dom da fala.

— Sou aquela nascida da espuma do mar e do sêmen divino — respondeu a deusa, com uma voz cristalina e docemente áspera, envolta num hálito que superava em delícia ao de todas as flores que seus pés haviam feito brotar.

No mesmo dia, a extraordinária notícia do nascimento de criatura tão bela chegou ao Olimpo, e os deuses ordenaram que as Horas e as Graças a fossem recepcionar. Ainda mais enfeitada pelas mãos destas caprichosas divindades, apresentou-se a nova deusa diante de seus pares no grandioso salão do Olimpo, sendo imediatamente acolhida e festejada pelos deuses.

Mas quando todos ainda se perguntavam quem seria, afinal, aquela criatura encantadora, um descuido — seria, mesmo? — pôs fim a todas as indagações. Pois o véu que a envolvia, descendo-lhe até os pés, revelara o que nenhum dos embelezamentos artificiais pudera antes realçar: a sua infinita beleza original.

— E Vênus, sim, a mais bela das deusas! — disse o coro unânime das vozes.

APOLO E A SERPENTE PÍTON

— É tudo verdade, Juno: Latona está grávida do seu esposo, Júpiter!

Íris, a mensageira e confidente de Juno, fora quem descobrira a novidade.

— Pois quero esta mulher bem longe de qualquer terra, compreendeu? -esbravejou Juno, enciumada. — Bem longe de qualquer terra.

"Bem longe de qualquer terra", pensou íris. "É um bocado longe."

Latona, com o ventre dolorido, foi obrigada, assim, a percorrer o mundo todo — atravessando, exausta, lugares como o Quio, a Trácia, a Ática, a Eubéia, as ilhas do mar Egeu, sem jamais receber abrigo de quem quer que fosse, em lugar algum. E como se isto não bastasse, atrás dela ainda ia Píton, uma terrível serpente encarregada de devorar os seus filhos. Sem dar um segundo de descanso, a pavorosa serpente empenhou-se na sua tarefa, sem nunca, entretanto, conseguir alcançar o seu objetivo maior.

Assim, depois de muito vagar, Latona acabou por chegar à ilha de Ortígia, onde encontrou, finalmente, um abrigo. Ortígia era uma ilha flutuante, não estando fixa, portanto, em lugar algum, não fazendo parte da terra.

Ali, durante nove dias e nove noites, Latona gemeu sob o império da dor. Mas Ilícia, a deusa que preside os partos, soube dos sofrimentos atrozes pelos quais a pobre mãe passava e resolveu socorrê-la.

— O filho de Latona será o mais belo dos deuses, e para mim será uma honra excelsa presidir o seu nascimento — disse ela às amigas, antes de partir.

E assim foi. Depois de intenso sofrimento, Latona viu seus trabalhos duplamente recompensados: de seu ventre saíram não um, mas dois filhos — um belo menino, de nome Apólo, e uma graciosa menina, chamada Diana.

— Aí tens o dia e a noite, um em cada braço — disse Ilícia, ternamente. Apólo, de pele alva e louros cabelos, de fato era a representação perfeita do sol e do dia, enquanto que Diana, de cabelos negros caídos sobre um colo faiscante, representava a lua envolta pela noite.

Júpiter deu a seus filhos muitos presentes, mas o que mais lhes agradou foi um maravilhoso arco confeccionado por Vulcano. Desde este dia Diana afeiçoou-se de tal modo ao seu exercício, que acabou se tornando a deusa da caça. Quanto a Apólo, tinha em mente, antes que tudo, vingar sua mãe.

— Diga-me, meu pai, onde está a terrível serpente que perseguiu tão cruelmente a minha mãe — disse ele, com os olhos postos no céu -, e irei matá-la com minhas próprias setas.

Latona e seus filhos abandonaram a ilha — que passou a se chamar, desde então, Delos, ou seja, "ilha luminosa", em homenagem ao deus da luz e do sol -e, após vários percalços, chegaram enfim ao seu destino.

— Eis o monte Parnaso, meus filhos — disse Latona, abraçada aos dois. Mas aquele local magnífico, repleto de montanhas e abundante vegetação, escondia também um horror. Era ali que a serpente Píton, filha da Terra, vivia, instalada bem ao pé do monte Parnaso em um imundo covil.

— Chegou a hora, maldita serpente — disse Apólo, enganchando uma flecha em seu poderoso arco -, de acertarmos as nossas contas.

De dentro da caverna partiu um urro tremendo, que fez desmoronar muitas montanhas ao redor. Logo em seguida um bafo pestilencial, um misto de fogo e de sangue, foi expelido de dentro, incendiando tudo que estivesse à sua frente. A serpente medonha escorregou para fora da cova como se fosse uma língua em chamas expelida pela goela escancarada da montanha.

Apolo, após subir em cima de um rochedo, estendeu o mais que pôde a corda de seu arco e mirou no abismo de sua boca infernal. A fera, contudo, desviou-se da seta, dando um salto inesperado e rolando de lado sobre a relva, que ficou toda crestada.

— Apolo, meu filho, cuidado! — gritava sua mãe, abraçada a Diana, que queria se desvencilhar dos braços da mãe para ir ajudar o irmão.

— Não se meta nisto, minha irmã! — bradou o deus solar. — Você é muito nova e frágil para enfrentá-la!

Apólo nem se dava conta de que tinha a mesma idade da irmã, mas naquele momento foi a única coisa que lhe ocorreu para manter a salvo as duas mulheres.

A serpente agora estava completamente em pé — parecia impossível, mas estava completamente ereta, como uma gigantesca palmeira -, e seu ventre, originalmente claro, estava todo coberto do sangue seco e dos ossos esmagados de antigos e horrendos festins. Um silvo ensurdecedor passou sobre o rosto de Apólo, como um vento quente e mórbido que um vulcão houvesse expelido em seu rosto.

Píton entesou o seu corpo e lançou um bote quase certeiro sobre a rocha onde o deus do sol se mantinha precariamente equilibrado. Um grande dente amarelado da serpente ficou cravado sobre a rocha, como se fosse uma gigantesca espada enterrada na pedra. Dela escorria um líquido pestilencial da cor do âmbar e que exalava um odor terrivelmente nefasto.

Apólo foi cair sobre a saliência de um penedo, ainda entontecido pelo bafo mefítico da sua cruel inimiga. A serpente Píton, após relancear a cabeça em várias direções, arregalou suas grandes pupilas horizontais: uma centena de línguas fendidas saíram ao mesmo tempo de sua boca e chicotearam o ar em todas as direções. A temível Píton farejara novamente a sua presa.

Mas antes que volvesse sua cabeça na fatídica direção, Apólo já estava em pé outra vez. Retesando ao mesmo tempo em seu arco três de suas mais afiadas setas, Apólo esticou a corda até que ela quase estalasse.

— Serpente maldita, aqui está o seu castigo! — disse o deus, despedindo as três setas, que partiram sibilando pelo ar.

Já no caminho as poderosas setas foram duelando com as línguas serpenteantes da víbora, e uma chuva delas caiu do alto, decepadas pela velocidade das setas. Em seguida, cada qual tomando seu caminho foi buscar um alvo diferente: a primeira foi alojar-se no olho esquerdo da víbora; a segunda penetrou em seu peito, ausente de escamas, enterrando-se em seu coração; e finalmente a terceira entrou-lhe pela boca adentro, tirando-lhe o hausto da vida. Como uma palmeira que tomba, a serpente Píton caiu, provocando um grande estrondo, que fez tremer a Terra durante oito dias.

Apólo vencera. Tomando então sua lira — que Mercúrio lhe dera de presente -, ele entoou sua canção de vitória, abraçado à mãe e à irmã. Disse a elas, triunfante:

— Aqui enterrarei a terrível serpente, e sobre seu túmulo erguerei um sagrado templo, além de um oráculo, que será em breve o mais famoso de todos.

Era o oráculo de Delfos, local onde todo mortal iria sondar os irrevogáveis decretos das Parcas, as deusas que presidem ao destino.

MERCÚRIO, O DEUS DOS PÉS LIGEIROS

A cena é lírica: Maia, uma das belas ninfas do monte Cilene, está parada diante do berço. Observa com toda a ternura o seu filho Mercúrio, que está aparentemente adormecido, com o dedinho metido na boca.

— Um digno filho de Júpiter! — diz baixinho a filha de Atlas. Enquanto observa o filho adormecido, relembra o dia em que, nos braços

do pai dos deuses, concebeu o filho numa das cavernas do monte Cilene. Júpiter havia feito descer dos céus uma grande tormenta para abafar os amorosos ruídos de sua união com a ardorosa ninfa. Agora, ali estava, diante dos seus olhos, o produto daquela inesquecível e tempestuosa noite de amor. Maia, na ponta dos pés, afasta-se do quarto, deixando o pequeno deus entregue aos cuidados do Sono, que vela ao seu lado.

Mas tão logo a mãe se afasta, uma minúscula pálpebra lentamente se abre. Mercúrio, com o rosto parcialmente oculto pelo cobertor, estuda o ambiente. Sim, o Sono, bem ao seu lado, está completamente adormecido.

Afastando as cobertas, o pequenino deus, ainda deitado, faz deslizar uma de suas perninhas para fora do leito. Enquanto o Sono sonha e ressona, o pequeno pé tateia o chão, à procura de sua minúscula sandália: ah!, ali está!

Deslizando o resto do corpo para fora do leito, o pequeno Mercúrio está pronto para protagonizar a primeira de suas façanhas. "Uma façanha perfeitamente memorável!", pensa o deusinho, lá no seu tatibitati divino.

Já com suas sandalinhas aladas presas ao pé, Mercúrio aproxima-se da janela. A noite é cálida e estrelada — perfeita para um delicioso vôo noturno. Dando um impulso às suas pernas, o deus menino lança-se à vastidão do espaço negro, isento de qualquer receio — porque o pequeno Mercúrio fora brindado com esta inexcedível virtude: nascera sem medo.

Pela primeira vez o filho de Júpiter corta a imensidão dos ares, levado por suas sandálias aladas. Incumbido por seu pai das mais diversas missões — na maioria das vezes urgentes e inadiáveis -, Mercúrio se notabilizará justamente por este seu atributo básico: o da irrequieta mobilidade. Nenhum deus mais ágil, mais expedito, mais voluntarioso e, ao mesmo tempo, mais disciplinado do que Mercúrio. Condutor de recados, não se limitará, porém, à função de mensageiro, sendo também condutor de almas. A ele, o mais atarefado dos deuses, caberá também a tarefa de conduzir as almas dos mortos até as margens do sinistro Aqueronte. Por muitas vezes, assim, o veremos levar heróis e mortais pelos caminhos obscuros do Hades sombrio: será ele, por exemplo, quem conduzirá Orfeu até os braços de sua amada Eurídice para o ardoroso e fugaz reencontro.

Mas o pequeno Mercúrio também, desde cedo, já revela outra de suas inúmeras vocações. É o que veremos agora.

O deus-menino, após viajar muito, já está em Piéria, local onde Apólo, o deus solar, guarda os seus rebanhos. É noite, ainda, e os animais estão abrigados em seu redil. Mercúrio, sem se deixar deter por tão mísero detalhe, abre a porteira e sozinho — daquele tamanhinho — aparta cinqüenta novilhas para si.

"Uma... duas... três... três e uma... três e duas... cinqüenta de uma vez!", contabiliza ele, lá na sua matemática infantil.

Uma coisa é furtar grosseiramente, sem arte nem graça; outra é fazê-lo com a elegância do estilista. Mercúrio é isto: um esteta do furto. Por isto é padroeiro dos ladrões e também — desculpem — dos comerciantes. Mas sigamos adiante com o divino garoto, porque ele já vai longe, obrando a sua primeira façanha.

Conduzindo, então, as novilhas, ele chega ao Peloponeso. Na cauda de cada animal — e aqui está o engenho — prende uma vassoura de ramos, que vai apagando o rastro das reses. Mas isto ainda não é o bastante: o pequenino Mercúrio, sempre previdente, inverte também a posição dos cascos das novilhas, calçando igualmente as suas sandalinhas de maneira invertida, para tornar mais perfeita a ilusão.

No caminho, entretanto, cruza com um velho enxerido, que pergunta:

— Aonde vai com tantas novilhas, gracioso menino?

Mercúrio sabe que não o enganará, porque velhos metidos têm muita lábia.

— Fique com uma delas de uma vez! — diz Mercúrio, dando seus primeiros passos na antiqüíssima arte do suborno. — Mas não me denuncie, hein, velho?!

— Oh, não, confie em mim, gracioso menino! — diz o velho, abraçando-se à mais gorda das novilhas. — Confie em mim!

Mercúrio dá alguns passos e vira a esquina de um rochedo. O rosto de pica-pau do velho enxerido, contudo, não abandona a sua mente: "Oh, não, confie em mim, gracioso menino! Confie em mim!".

Aquele segundo "confie em mim!" é prova bastante: ele irá denunciá-lo. Mercúrio disfarça-se de proprietário ganancioso e irado e retorna.

— Velho enxerido, não viu passar por aqui um ladrão com cinqüenta novilhas?

— Bem, não...

— Dou-lhe uma novilha e mais quatro bois se me disser.

— Foi para lá, meu senhor! — grita o velho enxerido, apontando o dedo.

— Ótimo! — exclama Mercúrio, puxando seus bigodões de crina de proprietário ganancioso e irado. — Vou já buscar a sua recompensa.

Dobra por trás do rochedo e dali mesmo esmurra a montanha até fazer desprender dela uma rocha imensa, que vai cair exatamente sobre a cabeça do velho enxerido.

— Aí está sua recompensa! — diz Mercúrio, retomando a sua fuga.

E até hoje lá está um grande rochedo, sob a forma de um velho enxerido, postado em pé para sempre sob o pó do Peloponeso.

Depois disso, Mercúrio, novamente na sua forma original, conduz as novilhas até uma caverna, perto de Pilos. Ali faz uma oferenda aos deuses e aproveita para descansar. Está nisto, quando vê o casco vazio de uma tartaruga morta.

— Que é isso? — indaga a si mesmo.

Então, sem ter o que fazer, estica indolentemente alguns nervos de boi sobre o casco e, ao dedilhá-los, descobre que deles parte um som mavioso!

Mas eis que já amanhece, e Mercúrio retorna voando para casa, indo se meter rapidamente debaixo do cobertor. O Sono, é claro, ainda sonha docemente.

O deus Apólo, por sua vez, dá logo pela falta das suas cinqüenta novilhas. Mas descobrir o autor do maravilhoso furto é que são elas! Ludibriado pelas artimanhas do menino deus, não tem outro recurso senão valer-se — oh, vergonha! — de seu próprio oráculo, em Delfos.

Irado, Apólo apresenta-se diante de Maia, a bela mãe de Mercúrio, para reclamar das traquinagens de seu pequenino garoto. Ambos correm até o berço, mas pasmem, lá está ele,

adormecido. Sua respiração está perfeitamente tranqüila, mas um ligeiro rubor de suas rechonchudas bochechas denuncia, talvez, uma recente atividade.

— É que ele está meio febril — diz a mãe, inventando qualquer coisa. Apólo coloca a mão na testa do bebê. Não, nada de febre!

— É que ele chupou o dedinho demais — diz a mãe, inventando outra desculpa.

E assim ficariam para sempre, porque mãe, em se tratando de filho, tem justificativa para tudo. Mas Apólo não está para rodeios, e já se prepara para dar umas palmadas no garoto quando este estica os dois bracinhos para fora das cobertas e começa a dedilhar uma bela melodia na lira que inventara.

Apólo congelou como uma estátua.

— Que instrumento maravilhoso é este?

Os hábeis e minúsculos dedos de Mercúrio dedilham com virtuosismo a lira, enquanto ele mastiga serenamente a sua chupeta.

Apólo, esquecido das malditas novilhas, só quer saber agora de obter aquela preciosidade.

— Vamos, dê-me esta lira e está tudo esquecido! — diz o deus, deliciado. Mercúrio estende o objeto — afinal, poderá fazer quantas liras quiser – e expele a chupeta com uma grande risada.

VULCANO, DEUS DAS FORJAS

Juno, esposa de Júpiter, descobriu um dia que estava grávida.

— Meu primeiro filho! — dizia ela, orgulhosa, a todo instante.

O Olimpo inteiro aguardava com ansiedade irreprimível o nascimento do primogênito de Júpiter. Que tal seria? Teria a audácia viril do pai ou puxaria à beleza austera da mãe? E que inclinações traria do ventre? O gosto pelas batalhas? O pendor bucólico dos pastores? Ou, quem sabe, o refinado talento do artista?

Todas as indagações ficaram suspensas nas línguas, pois Juno estava agora prestes a parir o bebê tão esperado.

De repente um grito atroou pelos corredores do palácio de Júpiter.

— Não, não... Meu filho, *isto?!*

Tais foram as primeiras palavras ditas pela mãe, ao receber nos braços a criança recém-nascida: um bebê peludo, de cor escura, como que encardido ou chamuscado, e que produzia feições horríveis quando chorava — ou estaria, o pobre, a sorrir?

Júpiter, constrangido, afastara-se da deprimente cena — o primeiro drama doméstico e familiar de uma série que teria de enfrentar. Juno, a seu turno, com a cabeça voltada em direção oposta ao berço onde estava o bebê, roía as unhas.

"Eu, Juno, rainha do céu, mãe de um demônio", pensava.

O choro horrendo do bebê não cessava; não era, nem de longe, aquele choro forte e melódico que se esperaria do filho do senhor do Universo. Não, aquilo não era um choro, mas um guincho rouco e desprovido de qualquer encanto ou harmonia.

Juno, envergonhada daquele guincho humilhante, tapava os ouvidos, pressionando com toda a força a polpa dos dedos roídos sobre a entrada de suas divinas orelhas. Mas o ronco, o guincho, o chiar, o estrídulo, o relincho — o que quer que fosse aquilo — não cessava nunca.

— Basta, criatura! — disse Juno, pondo-se em pé com decisão. — Deve ter havido, afinal, algum engano. Com este corpo de tritão, deve ser filho de Netuno, rei dos mares, e não de Júpiter celestial. Volte, pois, para o seu lar.

Juno, cega de desgosto, ergue a criança do berço. Num esforço supremo o garoto ainda tenta um último estratagema: dar à mãe um sorriso terno e alegre.

— Olha a boca esgarçada! Vai chorar de novo! — diz Juno, cega de ódio. Então, após rodopiar por duas vezes no ar a infeliz criança, arremessa-a do alto do Olimpo. Um grito medonho desce das alturas, e durante o dia e a noite aquela voz ecoa por mares e continentes. O dia amanhece outra vez, e o menino peludo, feio e imensamente infeliz ainda voa, rodopiando pelos ares. Seu destino parece ser o revolto mar que se abre lá embaixo, como uma goela azul e escancarada, pronto para tragá-lo em suas ignotas profundezas.

"Escondido bem no fundo do oceano, ninguém jamais o descobrirá!", pensara a deusa, um instante antes de arremessá-lo.

Duas massas líquidas e azuis, separadas como dois imensos lábios salgados, recebem, então, o bebê, para se fechar logo em seguida com o fragor de duas ondas gigantescas que se chocam, borrifando as estrelas lá no alto com um turbilhão de espuma.

— Que espantoso ruído foi esse? — pergunta Eurínome, filha de Tétis e do Oceano, à sua mãe.

— Algo caiu do céu direto em nossos domínios — exclama Tétis, a mais bela das filhas de Nereu e futura mãe do irado Aquiles.

— Vamos ver o que é! — grita Eurínome, seguida de imediato pela mãe.

No fundo do oceano, engolido pelas águas, está o pequeno e peludo garoto, a se debater convulsamente entre as funestas ondas. Tétis agarra-o imediatamente e sobe com ele até a superfície:

— Levemos o pobrezinho para terra.

Deste modo chegam os três à ilha de Lemnos. Após cuspir o resto da água que agoniava seus pequenos pulmões, o pequeno ser pedala seus pezinhos e faz uma careta de choro para aquela estranha que o tem em seus braços.

— Veja, que lindo sorriso! — diz Tétis, encantada.

Ao escutar essas palavras o serzinho se anima e remete agora, no melhor de seus pequenos esforços, aquilo que pretende ser o mais grato dos seus risos.

— Veja, Eurínome, ele sorri de novo! — exclama Tétis.

Envolto em um cobertor, o garoto é levado para uma profunda e calorosa caverna.

— Aqui ele estará aquecido, o pobrezinho! — diz Eurínome, beijando a testa cabeluda do pequeno deus, que conhece pela primeira vez o significado de um gesto chamado carícia e de um sentimento chamado afeto.

As duas estão preparando a nova morada para o bebê, quando Tétis, voltando-se para onde o bebê estava, percebe que ele sumiu.

— Onde se meteu este menino? — perguntam-se as duas nereidas.

O garoto, engatinhando, metera-se numa escura furna. Atraído pelo fogo da lava que agitava-se nas profundezas da terra, lá vai ele, destemido, descobrir o que é aquilo. Será um pedacinho desprendido do sol, que escorreu do céu para ir meter-se dentro da terra?

Um grito rouco atrai a atenção de Tétis e de sua filha.

— Ouça, ele deve estar nas grotas!

Elas o encontram sentado, com um pedaço de ferro metido entre os dedinhos chamuscados; um trejeito de dor denuncia que ele e o Fogo já foram apresentados.

— Veja, ele sorri mais uma vez! — diz Tétis, encantada.

Entretanto, o cumprimento do Fogo, seu novo amigo, não foi dos mais delicados. Mas este garoto já descobriu que o melhor é ir logo descobrindo o que o mundo tem de mau e perigoso. Afinal, esta lição ele aprendeu do berço.

— Já que gosta tanto de vulcões, vamos chamá-lo de Vulcano — diz Tétis a Eurínome.

— Excelente nome! — brada a outra. — Vulcano. Vulcano. Vulcano.

O garoto volta-se misteriosamente para as duas. Nos seus dedinhos chamuscados brilham duas pequenas coisinhas, delicadas e douradas.

— O que você tem aí, meu moleque?

Com um brilho radiante nos olhos, o pequeno Vulcano estende às suas duas mães adotivas dois pares de maravilhosos brincos, que ele mesmo confeccionara.

— Meu Zeus! — diz Tétis, com um riso cristalino que ecoa pelas paredes da profunda gruta. — O danadinho é um artista!

Sim, Vulcano, acossado desde o primeiro instante pelo infortúnio, é alma forte e lúcida, com discernimento bastante para fazer mudar em beleza a dor que o destino lhe remete.

Assim cresce o pequeno, metido em sua forja nas profundezas da terra, confeccionando as mais belas peças de ferro, bronze e metais preciosos de todo tipo.

Aos nove anos já é artista bastante para fazer uma peça de beleza estonteante.

— O que é isto, Vulcano querido? — pergunta-lhe Tétis, sua mãe adotiva.

— Um presente para Juno, minha mãe! — exclama o deus, já um esperto adolescente.

Trata-se de um magnífico trono dourado, todo cinzelado e reluzente. No mesmo dia se apresenta no Olimpo, carregando seu maravilhoso presente.

— Quem e você, feia criatura? — pergunta-lhe uma das Horas, porteiras do céu.

— O filho da rainha do céu — responde Vulcano. — Queira abrir os alvos portões, subalterna.

Vulcano, como se vê, já aprendeu perfeitamente a se defender. Quando o jovem feio, coxo e peludo apresenta-se nos salões do Olimpo, é recebido por um coro celestial de risos.

— Isto aí, filho de Júpiter e de Juno? — exclamam, incrédulos, os habitantes da morada dos deuses.

Vulcano retira, então, o veludo que envolve o magnífico trono dourado.

— Aqui está, minha mãe, o presente com o qual pretendo ganhar a sua afeição!

Juno, que a princípio envergonhara-se de tal filho, agora o vê com outros olhos. Afinal, o brilho que o trono dourado despede reflete-se um pouco sobre o seu corpo disforme, e um monstro pintado a ouro já é, ao menos, pintado a ouro.

Juno, lavada em orgulho, senta-se, então, sobre o trono maravilhoso. Um coro estrondoso de palmas ensurdece o Universo. Vulcano, beijando a mão de sua mãe, retira-se, então, com um largo e dócil sorriso, como faria o mais vil de seus lacaios. "Não é mau garoto, afinal!", pensa Juno. "Mas por que insiste em fazer cara de choro diante de minha presença?"

Durante o dia inteiro a rainha do céu despachou de seu novo trono.

— Vou comer aqui mesmo, em meu maravilhoso trono, a ambrosia e o néctar divinos — diz ela a Hebe, a sua copeira.

Somente no fim do dia, quando seu traseiro divino começa a tomar um formato indigno da formosura curvilínea de uma deusa, é que ela pensa em erguer-se, afinal, de seu trono faiscante.

— Mas o quê? Como? O que se passa com minhas nádegas celestiais? -pergunta-se, ao tentar erguer-se sem sucesso. — Hebe, Hebe, corra já aqui!

A afoita Hebe surge correndo.

— Hebe, Júpiter que me perdoe, mas não consigo levantar-me de meu maravilhoso trono!

— Ah, Juno suprema, isto é compreensível! — diz Hebe, tentando ajudá-la com a maior dignidade possível. — Afinal, você não desgrudou vossas nádegas sublimes um instante do assento de vosso trono maravilhoso.

— Cale a boca e me ajude! — diz Juno, com o rosto escarlate do esforço.

Ajudantes são chamados. Gemidos de dor percorrem os corredores enquanto tentam descolar a rainha do céu de seu trono maravilhoso, dourado e magnificamente cinzelado.

— Que lindas filigranas há aqui na base, deusa suprema! — diz um ferreiro, convocado às pressas para desentalar a rainha do céu da prisão de seu sublime trono.

— Cale a boca e me tire daqui, maldito idiota, ou vou mandar fazer lindas filigranas você sabe onde! — grita Juno, rainha do céu, começando a perder a realeza moral.

Ao cabo, nenhum dos deuses consegue libertar Juno.

— Chamem o desgraçado — diz, afinal, Juno, rendida. Vulcano volta ao palácio de sua mãe.

— Vamos, filho ingrato, diga o que quer para me libertar de tamanho opróbrio! — diz ela, fuzilando o filho com o olhar.

— Quero apenas ser recebido em minha casa com respeito e poder transitar livremente pelo Olimpo, como deus e filho da maior das deusas — responde Vulcano, serenamente.

— Está bem, agora liberte-me — diz Juno, mais aliviada.

— Ah! — diz Vulcano, como quem lembra de algo muito importante. — Quero também tomar por esposa a maravilhosa Vênus, pois amo-a perdidamente.

— Vênus... com você? — diz Juno, incrédula.

— Sim, bem sei que sou feio, mas conheço algo das mulheres para saber que não desprezam, também, a segurança— responde Vulcano, deus sapientíssimo. — E com minha forja possa sustentá-la e lhe dar todo o luxo e riqueza que sua beleza merece.

Vênus é chamada e, diante de proposta tão vantajosa, aceita imediatamente. Vulcano toma suas delicadas mãos e deposita nelas o beijo de seus rudes lábios, e remete à mais bela das deusas o seu melhor sorriso. "Ele me ama mesmo", pensa Vênus, "pois chora, diante de mim, de felicidade!"

Assim Vulcano e sua mãe Juno fizeram as pazes, tornando-se o deus artífice amado e respeitado em todo o Olimpo.

O NASCIMENTO DE MINERVA

— Júpiter, preciso muito lhe falar — disse um dia a Terra, sua avó.

A velha deusa, que engendrara Saturno, o pai devorador de filhos, tivera um sonho profético no qual a antiga e violenta maldição familiar de filhos destronarem os pais ameaçava recomeçar.

— Agora será com você, Júpiter, que a história vai se repetir! — disse a Terra, perfurando as nuvens com sua bengala de pedra.

Na mente da deusa passou, como num relâmpago, todo o seu tormentoso passado com o brutal Céu, que a obrigara a esconder em seu ventre todos os filhos gerados por ele. Depois enxergou seu filho Saturno chegando em casa com a foice ensangüentada e o ar aliviado do jovem que triunfa, afinal, sobre a tirania decrépita dos pais. "Seu odioso marido está mutilado e o poder agora é todo meu!", dissera o jovem deus, ao destronar o próprio pai.

— Não diga tolices, minha vó! — bradou o pai dos deuses, despertando a Terra de seu devaneio. — Quem se atreverá a levantar mão ímpia contra o soberano do mundo?

A velha deusa sorriu. Fora esta mesma frase que Saturno envelhecido repetira, um pouco antes de seu próprio filho Júpiter expulsá-lo do trono, tornando-se o novo e supremo mandatário do Universo. Júpiter, entretanto, era muito jovem e estava mais preocupado em conquistar o coração da sua amada Métis, a deusa da Prudência.

— Não se case com ela — advertiu a Terra, com severidade -, pois de seu ventre sairá aquele que trará a sua ruína.

— A deusa meiga e de olhos mansos como a corça será capaz, então, de gerar um tal monstro? — disse Júpiter, alisando sua negra e ainda curta barba.

— Sim, seu tonto, a meiga e de olhos mansos como a corça! — bradou a Terra, cujas palavras, com a idade, iam perdendo o mel da paciência. — Na verdade serão dois filhos; o primeiro será uma mulher, a mais justa e sensata das deusas, que só lhe trará alegria e motivo de orgulho...

Júpiter sentiu um alívio percorrer suas divinas entranhas.

-... mas cuidado com o segundo! -prosseguiu a deusa. — Ele será o flagelo de sua existência. Muito mais insubmisso do que seu pai ou você próprio, ele o destronará sangrentamente, tomando o seu lugar para todo o sempre. E com o filho dele acontecerá o mesmo, e assim por diante, até que alguém decida pôr um fim a esta orgia de parricídios.

Durante um longo tempo os dois estiveram em silêncio. De vez em quando Júpiter erguia os olhos para a avó, que permanecia parada à sua frente, apoiada ao seu cajado; em seus olhos inflamados pela profecia brilhava ainda, com a mesma intensidade, a luz ofuscante da determinação.

— Está bem, vovó — disse, afinal, o pai dos olímpicos -, você venceu. Vou falar com a adorável Métis.

No mesmo dia Júpiter dirigiu-se à morada da deusa, que ficava no fundo do oceano.

— Adorável Métis, meiga e de olhos mans... — disse Júpiter, interrompendo-se.

— Oh, é você, meu querido Júpiter! — exclamou a deusa, caindo em seus braços. — Estava morta de saudades...

"Tão meiga e tão feminil ao mesmo tempo!", pensava, enquanto deslizava os dedos pelas curvas simetricamente perfeitas das costas da encantadora Métis.

Num instante estavam ambos sobre o leito. Júpiter, esquecido das advertências de sua avó, passou o resto do dia nos braços da divina amada, descobrindo a cada instante, em seu corpo, novos e insuspeitados mistérios.

Ao final do dia, entretanto, ela voltou-se para ele e disse:

— Júpiter, regozije-se: estou grávida!

— *Grávida?!* — exclamou o deus olímpico.

— Sim, seremos ambos pais de uma bela menina!

Júpiter ficou paralisado por alguns instantes. De repente, porém, como quem toma uma súbita decisão, tomou-a nos braços e disse, num tom enigmático:

— Está enganada: ambos seremos *mães*.

Nem bem dissera isto, Júpiter abriu desmesuradamente a boca — onde ele vira isto antes? — e engoliu a pobre Métis!

— Pronto, minha amada — exclamou ele. — Agora estamos unidos para sempre.

Imediatamente o deus retornou para junto da avó, como obediente neto que era, e lhe comunicou, cheio de orgulho:

— Minha vó, acabei de comer a formosa Métis!

— Menino sujo! — gritou a velha, dando uma bastonada em sua cabeça. Custou um pouco, mas afinal Júpiter conseguiu fazer a velha entender o que quisera dizer e acabou mesmo elogiado por ela.

Os dias passaram e as apreensões foram se desvanecendo, até que, certa manhã, Júpiter acordou com uma terrível dor de cabeça.

— Céus, o que é isto em minha cabeça? — gritava.

Todos os deuses acorreram para ver que gritos eram aqueles.

O deus dos deuses gemia, enquanto os demais se agitavam em torno.

— Sua cabeça cresceu assustadoramente! — disse Mercúrio, espantado.

— É da ambrosia... Eu disse pra não abusar! — gritava, aflita, a sua mãe, Cibele.

— Calem a boca, todos, e chamem Vulcano — gritou Júpiter, com as duas mãos postas na cabeça.

Dali a instantes surgiu o deus das forjas, coberto de fuligem.

— O que houve, meu divino pai?

— Tenho algo dentro da cabeça! Descubra o que é — exclamou Júpiter.

— Sim, de fato, parece haver algo muito grande dentro dela... — respondeu Vulcano, espantado com o gigantesco tamanho da cabeça de seu genitor. — O que será?

— Mas foi o que lhe perguntei! — respondeu Júpiter, colérico. — Vamos, pegue suas ferramentas, abra minha cabeça e retire logo daí de dentro seja lá o que for que esteja me atormentando!

Vulcano abriu seu maravilhoso estojo. Dentro dele, em pequenos compartimentos, estavam dispostas em perfeita simetria as suas extraordinárias e eficientes ferramentas.

— Hm... Martelo, broca, chave, pé-de-cabra... Calma, meu pai, que a coisa já vai!

O deus dos artífices encontrou, afinal, o seu melhor martelo e avançou destemidamente para o pai.

Um calafrio de horror percorreu os nervos e tendões de Júpiter. "E se a velha Terra estiver senil, e for *ele,* afinal, o filho que me tirará o cetro?", pensou Júpiter de olhos arregalados ao ver avançar o filho imundo, com aspecto de demônio, balançando o martelo gigantesco, como para lhe tomar o peso.

— Este não falha, meu divino pai! — disse Vulcano, arreganhando seus quatro negros dentes, e vibrou o martelo ao primeiro golpe.

O pobre Júpiter sentiu o mundo rodar.

Vibrou o martelo ao segundo golpe.

Uma rachadura surgiu de alto a baixo em sua cabeça.

— Só mais uma, pai! — disse Vulcano, respirando fundo e erguendo o martelo o mais alto que pôde.

PA!, vibrou o martelo ao terceiro golpe.

Um jato de luz ofuscante escapou pela rachadura, fazendo com que os deuses corressem para todos os lados. De dentro da cabeça de Júpiter surgiu, então, uma outra cabeça, revestida com um magnífico capacete dourado.

Um grito de espanto varreu o Olimpo inteiro.

Logo em seguida surgiu o resto do corpo da criatura — uma mulher, vestida inteira, dos pés à cabeça, com uma reluzente armadura. Todos os deuses estavam boquiabertos, e até Apólo,

que conduzia no alto o seu flamejante carro do sol, parou por um instante para observar aquele fantástico prodígio.

A mulher saltou para o chão e deu um grito de guerra, o mais alto que o Olimpo já havia escutado. Depois pôs-se a executar, de maneira absolutamente perfeita e graciosa, os passos do mais estranho e original peã que os olhos humanos e divinos já haviam contemplado.

— Honra e Paz para você, divino pai e senhor absoluto do Universo! — disse a criatura, após encerrar a sua magnífica dança marcial. — Sou Minerva, sua filha, gerada de seu sêmen para cumprir as suas ordens.

Júpiter ficou encantado com a nova deusa que surgia — parida por ele próprio! — e com suas filiais e piedosas palavras.

Assim que veio ao mundo a mais útil e benemérita das divindades: Minerva, deusa da sabedoria, do trabalho e das artes. E quanto às negras previsões da velha Terra, que ameaçavam Júpiter com a chegada de um segundo e destruidor filho, deram, felizmente, em nada.

Júpiter ousou então debochar da anciã:

— Minha vó, suas profecias são furadas!

— Imbecil, furada é sua cabeça-de-vento! — disse a velhinha, que nada tinha de caduca. — Bem se vê que fugiu o resto de sabedoria que havia na cachola.

E depois de assestar uma bela pancada na cabeça do neto, completou:

— Pois honre a mim, então, que sou a única divindade competente o bastante para fazer reverter uma funesta profecia.

NETUNO, SENHOR DOS MARES

Netuno, após ter sido engolido por seu pai, Saturno, a exemplo de seus irmãos, foi um dia regurgitado, depois que Júpiter obrigou o velho deus a ingerir uma beberagem mágica.

— Pronto, meu irmão — lhe disse Júpiter, satisfeito, depois de ambos haverem derrotado Saturno e seu poderoso exército na famosa Guerra dos Titãs. -Agora já pode tomar posse do mar, que é a parte do Universo que cabe a você. A mim caberão os céus, enquanto que nosso irmão Plutão reinará nos subterrâneos.

Netuno, todo sorrisos, abraçou o irmão. Mas embora todo o imenso território que lhe coube, não foi isto o bastante para contentá-lo. De fato, Netuno era um deus ambicioso, invejoso e intratável, e desde aquele dia entrou em inúmeras disputas com as mais diversas divindades: contra Minerva, disputou a Ática; contra Juno, o domínio da Argólida; contra Apólo, pelo controle do arquipélago de Delfos; e contra o próprio Júpiter, numa tentativa abortada de destroná-lo, ousadia que lhe custou o castigo de ter de servir o rei Laomedonte e construir para ele, pedra por pedra, as muralhas da cidadela de Tróia.

— Só entro em fria, mesmo! — dizia ele, enquanto carregava as imensas pedras. — E além de tudo ainda tenho de agüentar este tagarela dedilhando a lira o dia inteiro. — Netuno referia-se ao deus Apólo, que também estava ali de castigo por uma falta cometida contra Júpiter.

— Sou um astro — disse o acalorado deus do sol, ajeitando-se numa sombrinha para melhor exercer o seu delicado ofício. — Nasci só para brilhar.

Netuno, para piorar, ainda teve o dissabor de ver-se logrado por Laomedonte, que recusou-se a lhe pagar o serviço.

E assim seguia sua vida, de deus rabugento e colérico, sempre fincando seu tridente no fundo do mar e provocando terremotos a propósito de qualquer contrariedade, a ponto de acabar conhecido como "Netuno, abalador da terra".

— "Netuno, o importuno", eis o que é! — disse um dia Júpiter, perdendo de vez a paciência. — É, não tem jeito mesmo, vamos ter de lhe arrumar uma mulher...

Depois de muito pesquisar, o pai dos deuses chegou à conclusão de que a solução estava nas mãos de Nereu, "o velho do mar". Este deus decrépito era filho da velhíssima Terra e do antiqüíssimo Mar, e tinha uma penca de filhas, as Nereidas, assim chamadas em sua homenagem.

— Mercúrio! — disse Júpiter.

— Sim, meu pai — disse o deus dos pés ligeiros.

— Vá até o fundo do mar e me traga o velho Nereu.

No mesmo instante, Mercúrio, que era extremamente rápido em tudo que fazia, calçou suas sandálias aladas e rumou para o oceano. Dando um mergulho espetacular, chegou até os domínios de Nereu.

Mais tarde, no Olimpo, Júpiter exclamou, ao ver a visita:

— Nereu, velho amigo, que bom vê-lo aqui no Olimpo outra vez!

— O que ordena, deus supremo? — disse Nereu de longas e alvas barbas.

— Quero que ceda uma de suas filhas a meu irascível irmão — disse Júpiter, pondo uma mão sobre o ombro do velho amigo. — Não posso mais suportar as suas teimosias e temo que haja um confronto mais sério entre nós, caso ele não se acalme.

— Pois não, Júpiter poderoso — disse Nereu. — Pode escolher qualquer uma de minhas cinqüenta filhas.

— Cinqüenta? — exclamou Júpiter, puxando o lóbulo da divina orelha. -Mas não eram cem?

— Podem ser cem, como podem ser mil, deus supremo — disse o pobre Nereu, cuja memória já claudicava há muito tempo.

Depois de estudar a questão e analisar uma por uma as Nereidas, chegaram, enfim, a um consenso:

— Anfitrite será a esposa de Netuno! — disse Júpiter, jubiloso.

— Anfi-quem? — disse o pobre Nereu.

— Esqueça — disse Júpiter, dando uma palmadinha na face enrugada do amigo.

No mesmo dia Júpiter comunicou a escolha ao mal-humorado irmão, que decidiu, ainda assim, conhecer a sua futura noiva.

— Vá com calma — disse Júpiter. — As filhas de Nereu costumam ter o senso de independência muito pronunciado.

Mas Netuno, que tinha o senso de prepotência ainda mais pronunciado, não se intimidou.

— Onde posso ir encontrá-la? — disse, já se ajeitando.

— Ela está na ilha de Naxos, junto com suas irmãs — disse Júpiter. Netuno, confiante, partiu de seu palácio azulado no fundo do mar em direção a Naxos, conduzindo seu carro puxado por golfinhos.

Fazia um lindo dia de sol quando chegou às margens pedregosas da ilha. De fato, por cima dos grandes rochedos franjados pelas espumas do mar, lá estavam as encantadoras filhas de Nereu, algumas deitadas, descansando, enquanto outras, mais animadas, executavam os passos de uma movimentada dança. De vez em quando uma delas, estirando sua longa cauda recoberta de escamas douradas, dava um mergulho repentino nas águas verdes do arquipélago: um grande borrifo verde erguia-se, então, como se elas lançassem lá do fundo um imenso punhado de esmeraldas, que subiam, faiscando, em todas as direções.

Netuno, boquiaberto, pasmava para aquela cena paradisíaca.

— Verdadeiramente encantadoras... — exclamou o excitado deus, tratando, em seguida, de sentar-se ligeiro em seu carro.

De repente, escutou a voz de uma das Nereidas.

— Ei, Anfitrite! Venha juntar-se a nós, sua boba!

Os olhos de Netuno voltaram-se para uma grande pedra isolada, que estava situada mais para dentro do mar. A pedra tinha o formato de um leito, magnífico trabalho de polimento operado pelas perfeccionistas Ondas, que durante séculos, com toda a calma, a haviam polido até dar-lhe aquela conformação ideal.

Em cima daquele leito solitário e da cor do chumbo estava estendida a divina Anfitrite. Era uma das poucas Nereidas a ter os cabelos negríssimos, da cor da noite, enquanto que as escamas de sua longa cauda tinham uma brilhante cor prateada, matizada por maravilhosos reflexos azulados e cor-de-rosa que se alternavam ao menor movimento. Com as costas coladas à

pedra, Anfitrite dos cabelos negros tinha a face voltada para o alto; seu braço direito, caído sobre o rosto, protegia seus olhos dos raios fortes do sol, enquanto os peitos firmes apontavam para o céu.

Netuno empinou seu carro na direção da Nereida de esbelto corpo. Emparelhando com a rocha, Netuno esteve longo tempo a observar os traços de Anfitrite, para ver se podia confiar em suas virtudes. Mas a ninfa adorável permanecia com o rosto quase completamente oculto pelo braço. O deus dos mares, na verdade, só podia observar direito o nariz perfeitamente aquilino de Anfitrite e sua boca úmida e carnuda, maravilhosamente desenhada para o beijo.

"Que mulher!", pensou Netuno, quase apaixonado. "Se tais são seus lábios e seu nariz... oh, como não haverão de ser seus divinos olhos!"

Um arfar mais indiscreto do deus, contudo, despertou a atenção da formosa Anfitrite. Seu braço caiu e as pestanas de longos cílios recurvos ergueram-se, piscantes — e foi, então, como se duas estrelas houvessem se descortinado. -Divina e encantadora Anfitrite! — disse a voz rouca ao seu lado. — A partir de hoje será minha divina esposa e a você caberá a honra de ser, para sempre, o repositório sagrado de meu divino sêmen.

Anfitrite, assustada, ao enxergar a seu lado aquele homem espadaúdo, de longos cabelos recobertos de mariscos e uma barba hirsuta tostada pelo sol a lhe dizer tais disparates, deu um ágil mergulho para dentro da água. Netuno ainda conseguiu agarrar um pedaço de sua cauda, mas as escamas lisas escorregaram por entre seus dedos, até surgir a grande e quase transparente barbatana, leve e fremente como um leque, que lhe deu uma bofetada, antes de desaparecer nas ondas.

— Para onde foi... ? — bradou o deus, desesperado.

E desde aquele dia Netuno perdeu Anfitrite de vista. Percorreu todos os mares, foi mil vezes ao palácio de Nereu, nas profundezas do mar, mas ninguém sabia dizer onde ela estava.

Irado, Netuno começou a sapatear e a bater ferozmente com seu tridente por toda parte, demolindo os imensos rochedos subterrâneos e provocando, com isso, terríveis maremotos na superfície dos oceanos. Ondas imensas eram cuspidas para o alto e montanhas inteiras arremessadas para as costas das cidades marítimas, levando o pânico a todos os mortais.

Finalmente, Júpiter, no último limite da aflição, ordenou a Nereu que revelasse o local onde a apavorada Anfitrite fora se ocultar. O pobre velho não sabia, mas sua esposa Dóris, como toda boa mãe, sabia — e muito bem.

Depois de um sem-número de pedidos, Júpiter finalmente conseguiu obter da mãe das nereidas o que os rogos e súplicas do velho marido, é claro, não tinham podido alcançar.

— Somente as carícias de sua divina filha poderão suavizar o rude temperamento de meu irmão — disse Júpiter à ainda reticente Dóris. — Quando isto acontecer, e a crosta primitiva de meu irmão houver caído, verá ela que se casou com um homem gentil e atencioso, além, é claro, de ter se tornado rainha de todo um império.

— Rainha de todo um império... — resmungou várias vezes a mãe de Anfitrite, até que finalmente cedeu, embora fizesse questão de afirmar que não fazia o menor caso de vir a se tornar mãe da "rainha de todo um império".

Revelado o esconderijo da filha de Nereu, o impaciente Netuno rumou para lá, silenciosamente, montado em seu discreto golfinho. Dentro de uma caverna, oculta por uma floresta de líquens, estava a assustada Nereida, quando Netuno, pé ante pé, adentrou o recinto.

— Anfitrite adorada! — disse ele, cujas barbas estavam lustrosas do aromático âmbar. — Venha comigo e garanto que não terá jamais motivos para se queixar de mim.

Netuno parecia realmente mudado: trajado modestamente, sem aquele ar arrogante que o caracterizava, havia deixado em casa até o seu horroroso tridente. Anfitrite, cautelosa, estudou ainda, longamente, o aspecto do deus. Depois, ainda indecisa sobre se deveria ou não aceitar aquela proposta, perguntou, amuada:

— E quanto àquele negócio de "meu repositório de sêmen"?

— Oh, não, esqueça esta bobagem! — disse Netuno, baixando os olhos. -Você será, para sempre, apenas o repositório de minha divina devoção e meu divino carinho.

Ainda mais corado por aquele sorriso de superioridade da divina Nereida, Netuno enterrou as unhas nas palmas das mãos e resolveu voltar ao velho estilo.

— Venha, vamos de uma vez, minha rainha! — disse, encurralando-a na parede da gruta úmida e dando-lhe um beijo intenso e apaixonado.

Depois levou-a nos braços até o golfinho e retornaram para o palácio de Netuno, onde ambos, desde então, governam felizes o imenso império dos mares.

O NASCIMENTO DE BACO

A princesa Sêmele, filha de Cadmo e Harmonia, estava deitada em seu leito. Estava só, mas ao seu lado ainda havia a marca profunda de um corpo — o corpo de um deus. De fato, Júpiter, o mais poderoso dos deuses, estivera até há pouco gozando dos prazeres que lhe proporcionara sua mortal amante.

— Béroe! — disse Sêmele, espreguiçando-se. Um raio cálido de sol que entrava pela janela de cortinas balouçantes acariciou seu ventre.

Alguns instantes de silêncio.

— Béroe, surda! — gritou Sêmele, apoiada aos cotovelos. Uma velha criada entrou apressada.

— Desculpe, minha ama...

— Béroe, esta noite foi verdadeiramente divina... — disse a jovem, sorrindo. "Então é tudo verdade!", pensou Juno, pois era a esposa divina de Júpiter quem estava ali, metamorfoseada na velha criada de Sêmele.

— Vamos, ajude-me a me vestir — disse a jovem, erguendo-se.

— Desculpe, ama, me intrometer em tais assuntos — disse Juno disfarçada -, mas está certa, verdadeiramente, de que este homem que priva de seu leito todas as noites seja *mesmo* Júpiter, o deus supremo?

— Que diz, Béroe? — exclamou Sêmele, enrubescendo. — Um homem, ele? Sua tonta, nenhum mortal poderia amar uma mulher como este divino ser! Homem algum teria o seu toque misterioso, nem beijo algum teria a volúpia que ele, Júpiter, põe em seus divinos lábios...

Sim, Juno sabia perfeitamente de tudo isso. "Mas as carícias que ele lhe dá nunca serão mais do que o mero produto de um instante, estando sempre conspurcadas pelo susto e pelo medo de um terrível castigo", pensava Juno, tentando vingar-se mentalmente da adversária. Entretanto, desconfiava em seu íntimo, mesmo sem dar-se conta claramente disto, de que justamente ali poderia estar uma parcela do encanto e das delícias que ela, esposa legítima, jamais poderia desfrutar.

— Mas existem tantos homens, bem, digamos... — disse a falsa Béroe, fingindo escolher o termo certo -... tão *hábeis,* minha ama, que às vezes nós mulheres, frágeis e tolas que somos, deixamos nos enganar com humilhante facilidade...

— Não diga tolices, Béroe — disse Sêmele, entregando as vestes à velha e lhe dando as costas nuas. — Vamos, vista-me.

— Eu mesma, minha ama — prosseguiu Béroe, sem dar atenção às reprimendas -, quantas vezes fui ludibriada por homens que me pareceram deuses.

— *Você?!* — exclamou Sêmele, com um riso escarninho. — Você, Béroe, amada por um deus? Rá!

Sêmele, contorcendo-se de riso, impedia que a ama lhe cobrisse o corpo, e embora Juno soubesse que o deboche não fora feito a ela, ainda assim sentiu-se tomada pelo rancor — tal o poder que uma afronta, mesmo feita por engano, pode ter sobre a vaidade feminina. Enquanto escutava o riso, sem poder concluir sua tarefa, Juno percebeu nas costas da jovem as marcas inequívocas que o amor deixara em sua — sim, ela tinha de admitir — nudez perfeita. Juno tinha diante de si o mapa exato do país da traição: cada mancha arroxeada que Juno encontrava sobre

aquela alva pele simbolizava uma província do prazer que Júpiter, auxiliado pelos desvelos da amante, havia descoberto e marcado em seguida com a mesma ganância do explorador que descobre um lugar paradisíaco e instala com fúria o seu marco a fim de deixar bem clara a sua posse exclusiva.

Sêmele fez menção de virar-se, mas a falsa Béroe não lhe permitiu; temia ver em que outros lugares infames poderiam estar depositadas aquelas manchas.

— Vamos, minha ama, deixe-me vesti-la — disse a criada, introduzindo a veste pela cabeça, como quem ensaca algo que deseja ver logo ocultado.

— Calma, Béroe, não se zangue... — disse a jovem, ainda tomada pelo acesso de hilaridade.

— Peça-lhe uma prova... — disse Béroe, com voz insinuante.

— O quê?

— Peça a ele uma prova, cabal e definitiva, de que ele é mesmo quem afirma ser.

— Mas que prova melhor poderia Júpiter me dar, além das que já tenho? -disse Sêmele, já vestida, abraçando-se com braços fingidamente alheios.

— Você sabe que os deuses usam uma forma humana apenas para se relacionar com os mortais — disse a Juno disfarçada. — Peça, então, que ele se mostre para você em todo o seu divino esplendor. Sêmele ficou alguns instantes pensativa, enquanto Béroe penteava, fio a fio, os seus longos cabelos. — Está bem, lhe pedirei a tal prova! — disse a bela filha de Cadmo.

— Apenas não esqueça de uma coisa — disse a velha, com um sorriso pérfido no escondido rosto -, deve fazer antes com que ele jure pelo Estige que não lhe negará qualquer pedido.

— Por que pelo Estige? — quis saber a jovem.

— Porquê este é um juramento fatal, ao qual os próprios deuses estão submetidos — disse Juno, em tom solene. — Todo aquele que jura pelo rio infernal deve cumprir rigorosamente com a sua palavra, e nem mesmo Júpiter tem poder para transgredi-la.

Dito isto, a falsa Béroe afastou-se, e Sêmele ficou entregue aos seus próprios pensamentos. Quando a noite chegou, Júpiter reapareceu, como de costume. -Júpiter, meu amado! -disse a jovem, lançando-se a seus braços.— Desde que você começou a vir até mim, nos braços da noite, que eu nunca mais soube dizer, com certeza, quando é dia ou quando é noite.

— Por que estas palavras? — perguntou o deus supremo.

— Porque me parece que a noite quando chega, trazendo-te consigo, me traz um dia ainda mais claro e brilhante do que aquele que está partindo, apenas isto.

Os dois amantes abraçaram-se, e após um longo beijo, Sêmele, tornando-se séria, tomou o rosto de Júpiter em suas mãos.

— Meu querido, preciso que você me dê uma prova de seu amor.

— Prova de amor? — exclamou Júpiter, surpreso. — Para quê?

— Não importa; apenas prometa. Prometa pelo Estige que me dará tal prova. Só assim poderei ter sossego em minha alma e confiar plenamente em você.

Júpiter relutou durante um longo tempo. Jurar pelo Estige — o mais irrevogável dos juramentos -, e tudo apenas por um capricho feminino!

— Está bem, eu prometo — disse Júpiter, afinal.

— Vamos, *pelo Estige*... — disse Sêmele. — Diga, por favor...

Júpiter acedeu, contrariado, e fez o juramento. Sêmele, aliviada, foi até o fundo do quarto e parou, com um ar misterioso estampado no rosto.

— Quero agora uma prova definitiva de que você é mesmo o Júpiter que tanto amo — disse ela, com o ar subitamente decidido.

— Do que está falando, criatura?

— Mostre-se agora, diante de mim, tal qual é! Júpiter ficou paralisado.

Não, aquilo não podia ser verdade. Ela devia estar brincando, ou então louca. Claro, só uma louca lhe pediria uma coisa destas. E ele sabia perfeitamente que não poderia fazer isto sem destruí-la.

Júpiter chegou a abrir a boca para lhe explicar o motivo, mas subitamente deu-se conta de que o destino da pobre moça já estava selado, pois ele havia feito o juramento fatal. Nada poderia fazer com que ele voltasse atrás — mesmo que ela mudasse de opinião ou tentasse anular sua vontade anterior.

"Finalmente verei o que mortal algum antes viu", pensou a jovem, extasiada.

Júpiter, pesaroso, afastou-se um pouco, embora soubesse que era um ato inútil. Depois, concentrou-se e fez com que suas formas humanas fossem lentamente se apagando. Ao mesmo tempo uma luz, a princípio muito tênue, foi brotando do seu corpo, em dourados feixes, como se um segundo sol estivesse a nascer dentro dele.

Sêmele deu-se conta, subitamente, do que estava para acontecer, quando viu a vaporosa cortina atrás do deus desaparecer como num sopro, e uma nuvenzinha de fagulhas ser expulsa pela janela, impelida pelo vento.

— Não, Júpiter... Não! — gritou a pobre jovem, mas já era tarde demais. Uma bola de chamas irrompeu de dentro da forma humana do pai dos deuses e se expandiu por todo o quarto;

relâmpagos espalhavam-se em todas as direções e um fragor intenso de chamas devorando tudo abatia-se sobre a jovem infeliz.

— O, maldita Béroe! — gritava Sêmele, ajoelhada, com a cabeça oculta e os ouvidos tapados. — Béroe e a minha maldita desconfiança foram a minha perdição!

Caiu no chão o corpo chamuscado e já sem vida de Sêmele. Dentro dela, porém, sem que ela tivesse sequer sabido, ainda pulsava outra vida.

Júpiter, dando-se conta disso, retirou do ventre da amante morta o produto divino dos seus amores: um bebê, muito jovem ainda, mas que respirava. Sim, ele respirava! Júpiter, antes que o palácio inteiro ardesse, retomou sua forma humana e, fazendo um talho na própria perna, introduziu o pequeno e delicado ser dentro de sua própria coxa.

"Não poderia encontrar um refúgio mais seguro", pensou Júpiter, que já era capaz de se alegrar outra vez, com a descoberta daquele agradável consolo.

— Afinal, para alguém que já gestou um ser em sua própria cabeça, gestar outro em sua coxa não será coisa tão penosa... — disse o deus supremo, indo embora.

E foi assim que dali a algum tempo veio ao mundo Baco, o único deus cujos pais não eram ambos divinos, sendo filho de uma divindade com uma bela mas infeliz mortal.

BACO APRISIONADO

Assim que Baco, filho de Júpiter e de Sêmele, nasceu da coxa do próprio pai, este chamou Mercúrio e ordenou-lhe que levasse o garoto para ser criado pelas ninfas do Nisa, um lugar ameno e paradisíaco.

— Lá ele estará em perfeita segurança — disse Júpiter, com alegria.

O pequeno Baco foi entregue às ninfas e também a um estranho e divertido ser chamado Sileno, filho do deus Pã, que se tornou o pai adotivo do futuro deus das vinhas.

Durante seus primeiros anos Baco participou, junto com Sileno — sempre bêbado e a cair de cima de seu inseparável burrico -, de toda espécie de brincadeiras. Mas se o velho Sileno sabia ser brincalhão — e mesmo irresponsável, muitas vezes -, também sabia demonstrar que era dono de profundos conhecimentos, que sua aparência exótica e pouco respeitável podia fazer adivinhar.

— Deixe que falem — hic! — o que quiserem! — dizia Sileno, erguendo-se do **são.** amparado pelo jovem pupilo. — Sileno sabe mais — hic! — que todos os sabichões da Terra...

Um dia o jovem Baco, vestido com seu manto púrpura, resolveu ir até a praia e lá adormeceu. Neste ínterim havia se aproximado da costa um grande navio — na verdade, um navio pirata — que andava à caça de nova presa.

Um grupo de marinheiros desceu à terra para buscar água, e quando estes pisaram nas areias claras deram de cara com o belo rapaz adormecido. Sua tez delicada, seus lábios rubros e o todo mais de sua aparência denunciavam que seria filho, ao menos, de um senhor poderoso do lugar. Quem sabe, até, do próprio rei.

— Vamos levá-lo conosco — disse o mais rude daqueles homens. — Poderemos pedir por ele um belo resgate.

Entretanto, o timoneiro, Acetes, tinha bom olho para as coisas divinas e percebeu logo que o garoto tinha algo de estranho.

— Deixemos o rapaz em seu lugar e vamos embora de uma vez — disse ele -, pois não pressagio nada de bom desta aventura.

— Virou Cassandra, agora? — disse Lícabas, o mais feroz e impiedoso dos piratas, com uma gargalhada assoprada que fez espirrar no rosto do pobre timoneiro uma chuva de seus perdigotos podres.

Acetes, conhecedor do estratagema do vilão, deixou para limpar depois o produto infecto da boca do asqueroso Lícabas, pois sabia perfeitamente -já vira, na verdade, por duas vezes acontecer o mesmo — que limpar o rosto diante dele era decretar a própria morte.

O garoto foi, então, embarcado, mas não à força, porque não opôs nenhuma resistência contra seus raptores. Estranhamente calmo, Baco só fazia observar docilmente aqueles homens sujos e cruéis.

"Verdadeiramente é um deus!", pensava o bom Acetes, observando o rapaz.

— Dirija direito este troço! — disse uma voz ao seu lado. Era um dos piratas, que fora destacado pelo próprio Lícabas para vigiar o timoneiro.

Enquanto isto, Lícabas, que fora se tomando cada vez mais de antipatia pelo jovem deus, ordenou de repente a um de seus marujos:

— Amarrem esta mocinha! — disse, acentuando bem a última palavra. E antes que dessem cumprimento a sua nefanda ordem, aproximou bem a horrível carranca do rosto delicado de Baco.

— Frisou hoje cedo os lindos caracóis, menina loira? — disse o sórdido Lícabas, arreganhando a horrível dentadura, na qual se podiam perceber três dentes acavalados a disputarem o mesmo espaço.

Depois, tomando sua faca, enrolou um dos cachos loiros sobre o fio, como se fosse frisá-lo, mas os fios partiram-se.

— Ora, menina, que pena! — disse. — Eu só ia fazer mais um cachinho... Um jato de perdigotos explodiu da boca de Lícabas, como a onda esbatida

que o vento impele, no inverno, sobre a costa pedregosa — mas, curiosamente, nenhuma das gotas apodrecidas foi alojar-se no rosto do jovem Baco.

— Cadê a corda, sardinhas regurgitadas pelo gato? — perguntou Lícabas, que mudava de espírito como o céu muda durante o verão abrasante.

Um boçal bem mandado surgiu carregando um rolo áspero de cordas.

— Deixa ver — disse Lícabas, esfregando um pedaço sobre a parte interna do braço. — Não serve; traga outra!

Um rolo de fios de cobre espetado surgiu, nos braços do mesmo homem. Depois de testá-lo, o vil Lícabas aprovou.

-Amarrem-no, já!

Três homens fortes tomaram da corda e enrolaram Baco num abraço odioso. Mas, coisa estranha!, tão logo terminavam de fazer os nós, eles se desmanchavam como por encanto, e a corda caía aos pés de todos, sem provocar o menor arranhão na vítima.

— Imbecis! — disse Lícabas. — Tratem de fazer um nó decente ou mandarei dar um nó nas tripas de cada um de vocês!

Trinta nós foram feitos, e os mesmos trinta nós desfeitos, até que o sol caísse. De repente, porém, o navio parou em meio ao mar. Parou, simplesmente. Ninguém sabia explicar o motivo.

— O vento cessou de todo — explicou Acetes ao capitão, temendo uma reação brutal.

— Então dêem nos remos! — ordenou Lícabas, que sabia dividir o instante das punições com o instante da ação.

Os remos foram lançados com estrídulo à água, mas na mesma hora viram-se enrolados por um emaranhado de algas. Ao mesmo tempo começou a subir pelo mastro a folhagem espessa das vinhas, que se espalhou por todo o convés.

— Vejam, está chovendo! — disse um dos marinheiros, estendendo a mão.

Mas não era uma chuva normal, e sim uma chuva de vinho, que num instante cobriu todos de vermelho. Alguns, é verdade, gostaram da peça e abriam suas bocas para receber o produto da grande nuvem vermelha pairada acima do barco. Mas quando Lícabas, que não era homem para graças, enterrou uma espada dentro da garganta do primeiro, a brincadeira acabou-se ali.

Baco, misteriosamente, tinha agora ramos da vinha pendurados atrás das orelhas e portava em sua mão um grande tirso, com a ponta encimada por uma enorme pinha. Como quem rege um concerto de flautas, Baco agitava o seu cet**ro,** com um sorriso alegre estampado no rosto — o sorriso da embriaguez divina!

O convés encheu-se, também, de animais silvícolas, enormes e assustadores. Enormes felinos espalhavam-se por todo o barco — tigres, linces e um jaguar que parecia divertir-se imensamente com aquilo tudo -, o que tomou os marinheiros de pavor.

— Verdadeiramente, este rapaz é um deus ou um demônio! — exclamou um deles, lançando-se borda afora. Muitos outros o seguiram, mas tão logo alcançavam a água, viam seus corpos mudarem abruptamente para algo inumano.

Lícabas, o último que relutava, ainda, em abandonar o barco, de repente começou a perder o equilíbrio.

— Mas o que é isso? Maldição! — disse, enquanto observava seus pés unindo-se por uma estranha membrana, quase transparente. Suas pernas também foram perdendo o pêlo espesso que as recobria e tornando-se lisas como a pele de um peixe.

Num último instante, antes de enlouquecer, o sórdido Lícabas chegou a achar graça daquela estranha metamorfose que se operava em si próprio.

— Estarei enlouquecendo, então? — exclamou, dando sua última gargalhada. Mas não foi de sua boca que saiu, desta vez, o infame jato, mas de uma

protuberância instalada bem no alto de sua cabeça. Lícabas, bem como todos os seus homens — à exceção do bom Acetes -, haviam se transformado em golfinhos, que tubarões ferozes perseguiam em alucinante disparada.

— Sou Baco, deus do vinho e da alegria! — disse o jovem, com os olhos refulgentes, ao timoneiro. — Leve-me de volta e instaure um templo, em meu nome, em todas as terras por onde andar, para que se possam celebrar neles os meus sagrados ritos.

Assim se fez, e desde então Baco obrou ainda muitos e mil outros prodígios.

HIPOMENE E ATALANTA

— A mulher mais veloz do mundo é minha filha, Atalanta! — dizia sempre Esqueneu, o rei de Ciros, orgulhoso.

Sua filha, por sua vez, não fazia nada para desmentir tais palavras. Desde menina que a esbelta Atalanta já corria velozmente pelos campos. Porém, também corria uma lenda a respeito desse hábito — que nela parecia mais uma obsessão — e que dizia o seguinte: quando a jovem nascera, fora profetizado que ela jamais deveria se casar, pois o casamento seria a sua ruína.

Levado por este temor, seu pai a ensinou desde cedo a se esquivar de qualquer pretendente, pois desde a infância que os pedidos de casamento se acumulavam diante do trono:

— Minha filha, lembre-se de que você jamais deverá se casar — dizia-lhe sempre seu pai, quando a via inclinada a aceitar os elogios de algum amante mais afoito.

Atalanta acabou gostando do hábito de se esquivar, de tal forma que sentia mais prazer em fugir do que conversando com seus pretendentes. Tendo se colocado sob a proteção de Diana, a jovem isolou-se no campo, em caçadas com suas companheiras.

Mas os pedidos continuavam cada vez mais, e com tanta insistência, que um dia ela disse ao pai:

— Pai, não agüento mais essa perseguição dia e noite! Preciso afastar esse bando de impertinentes.

O rei concordou e arranjou um meio de afastá-los: todo homem que quisesse receber a mão de sua filha teria de vencê-la em uma corrida de vida ou morte. Aquele que perdesse, porém, seria inevitavelmente morto.

— Isto os fará pensar duas vezes antes de entrar na disputa — disse o rei. Atalanta ficou encantada com a idéia, pois tinha certeza de que ninguém

conseguiria ser mais veloz do que ela. Ficou marcada, assim, uma corrida para o mês seguinte.

Apesar da ameaça que pairava sobre a cabeça dos concorrentes, apresentou-se uma quantidade imensa deles, de tal modo que o rei chegou a pensar em suspender a disputa.

— Não se preocupe, pai, eu vencerei todos eles! — disse Atalanta, confiante.

No dia marcado, apresentaram-se homens de todos os tipos. Mais um pouco, e surgiu o alvo de todas as atenções: Atalanta, cuja beleza nunca estivera tão evidente. Seus cabelos estavam presos num gracioso penteado ao alto da cabeça. Vestida com um levíssimo traje de linho, ela achou melhor despi-lo, para ter seus movimentos facilitados. Mas ao despir-se, fez também com que mais uma centena de concorrentes se inscrevessem às pressas, aglomerando-se entre os demais na linha de partida.

Aquilo começava a tomar as perigosas proporções de um suicídio coletivo.

— Isto será um verdadeiro massacre, alteza! — disse um assessor do rei, temeroso das conseqüências.

— Ótimo — replicou o monarca. — Servirá de lição aos futuros pretendentes.

Enquanto isto se passava nas tribunas, Atalanta, separada dos concorrentes, passava um óleo por todo o corpo. Seus seios e curvas brilhavam ao sol, e a jovem parecia recém-emergida das águas. Suas formas eram atléticas o bastante para lembrar o corpo de um homem e suficientemente femininas para afastar tal idéia. Os músculos de suas pernas luziam, fremindo como as coxas de um puro sangue, enquanto seus pés, flexionados, tinham a perfeição dos pés de uma estátua prestes a saltar do pedestal.

Quando a jovem se abaixou para esfregar o óleo nas canelas, um suspiro de admiração percorreu toda a assistência: seus seios, apesar de volumosos, permaneciam firmes e sólidos, enquanto as nádegas fremiam no retesar vibrante dos músculos.

Atalanta lançou, então, um olhar aprovativo para o rei, na tribuna. Finalmente, soou o sinal para a partida. No mesmo instante Atalanta partiu, lançando seu pé direito para a frente num salto que lembrava o da mais ágil gazela. Os homens, amontoando-se na pressa de serem os primeiros, tropeçavam uns sobre os outros, caindo num bolo humano logo na saída. Parecia que um monstro masculino formara-se no solo, com dezenas de cabeças, membros, braços e pernas.

Dentre os juízes, contudo, havia um jovem ambicioso, chamado Hipomene, que mais que qualquer outro parecia acompanhar a competição em um estado de ânimo próximo do êxtase. Desde que Atalanta se despira, ele não pôde mais desgrudar os olhos daquela magnífica mulher. "Essa mulher será minha!", pensava Hipomene, enquanto torcia pela vitória de Atalanta e, conseqüentemente, pela morte de todos os seus adversários.

Atalanta já ganhara a dianteira; seu corpo movia-se com a perfeição elástica de um felino. Os pés nus batendo sobre a areia levantavam um fino vapor, como se pelo atrito fossem incendiar o solo. Os seios rijos da princesa sacudiam, mas sem comprometer a leveza dos movimentos. Seu rosto, incendiado por duas manchas vermelhas, abrasava-se, enquanto da boca escapava um sopro forte e ritmado. Mas a nada disso os concorrentes — sempre atrás de Atalanta — puderam ver. Enxergaram apenas as suas costas, o que, por certo, não era espetáculo menos digno e empolgante: os ossos de suas omoplatas moviam-se alternadamente, ao ritmo dos braços, produzindo um movimento perfeito da musculatura dorsal. As nádegas não balançavam, mas fremiam, absorvendo o impacto das vigorosas passadas.

Os adversários já estavam reduzidos a apenas meia dúzia de concorrentes que, de longe, não ameaçavam a moça. Mesmo o mais veloz nunca esteve a menos de cem metros dela, que dava-se ao luxo de virar-se para observar os rivais.

Quando Atalanta cruzou a linha de chegada, um sorriso brilhava nos seus lábios entreabertos. Os infelizes, derrotados, foram imediatamente reunidos para o sacrifício.

— Pai, proponho que, no lugar de serem sacrificados, sejam estes homens privados da sua virilidade! — disse Atalanta, mostrando-se mais cruel em sua aparente piedade do que se tivesse autorizado a morte de todos. -Assim, ao menos, deixarão de me incomodar.

O povo, no entanto, viu-se presenteado com o espetáculo das execuções, do qual desfrutou com imenso assombro e prazer, enquanto a causadora do holocausto retirava-se, aborrecida pelo vulgarismo do sangue. Contudo, Hipomene — cuja decisão não fora afetada pelo

funesto resultado da competição — continuava determinado a conquistar Atalanta. Pulou da tribuna e caiu aos pés da bela corredora e futura adversária:

— Lindíssima Atalanta, permita que eu a desafie para uma disputa, somente eu e você! — disse Hipomene, com os olhos erguidos e ofuscados pelo olhar surpreso da moça.

— Você... ?! — disse Atalanta, surpresa. — Não teme se unir àqueles desgraçados?

— A única coisa que temo é não ter você ao meu lado — exclamou o rapaz, arrebatado.

— Muito bem, belo e audacioso jovem, marque o dia e a hora — disse a moça, retirando-se para lavar o suor e o óleo de seu corpo.

Hipomene, à medida que via a data do confronto se aproximar, começava, no entanto, a inquietar-se. Talvez tivesse sido imprudente ao se lançar a um desafio sem ter um trunfo nas mãos.

Na véspera da disputa, temeroso de perder a sua amada, ele foi ao templo de Vênus pedir proteção. A deusa do amor, lisonjeada com o pedido e desejosa de abater aquela moça que parecia fazer pouco dos seus dons, disse ao desesperado pretendente:

— Aqui, ao lado do templo, há um pomar consagrado a mim; vá até lá e colha três maçãs douradas que pendem de seus galhos.

Instruiu-o na maneira de usar os frutos durante a competição, e o rapaz saiu, mais confiante. No dia seguinte, postaram-se ambos — Atalanta e Hipomene — para a disputa, o que atraiu nova multidão ao campo do confronto. Atalanta, bela e radiante, estava lado a lado com seu oponente, que preferiu correr vestido com um pequeno manto — em cujos bolsos levava as três maçãs. Tão logo o rei deu o sinal para a partida, Atalanta arremessou-se outra vez para a frente, nua e ágil como uma leoa. Hipomene, não menos empolgado, também lançou-se com toda a vontade. O jovem parecia ser o primeiro rival à altura da veloz moça. Por alguns instantes esteve emparelhado com Atalanta, roçando a sua pele nos membros ágeis daquela mulher e sentindo em seu rosto o hálito intenso e perfumado da adversária. Tão entusiasmante era esse combustível, que Hipomene não precisaria sequer das suas maçãs para chegar no mínimo empatado com ela. Atalanta, percebendo a proximidade, apertou o passo e logo deixou para trás o desafiante.

Hipomene, vendo que suas forças não seriam o bastante para dobrar a rival, decidiu recorrer ao artifício de Vênus. Pegou do bolso uma das maçãs douradas, esfregou-a no manto e lançou-a longe, de tal modo que o fruto caiu um pouco adiante dos pés de Atalanta. A moça, vendo aquele objeto dourado rolar aos seus pés, parou para ver o que era. Ajoelhando-se, recolheu o fruto, admirada de seu brilho e beleza, enquanto Hipomene aproveitava sua distração para ultrapassá-la. Entretanto, percebendo que o rapaz a deixava para trás, Atalanta retomou a

corrida e num instante ganhou vantagem sobre o adversário. Hipomene, outra vez, recorreu ao mesmo expediente. Atalanta, apesar de já ter sido enganada uma vez, não pôde deixar de recolher novamente o belo e precioso fruto. De posse dele, retomou sua carreira, ultrapassando com facilidade Hipomene. Agora ela já estava a dez passos da linha de chegada. Hipomene teve de calcular bem o seu último disparo. Com extrema perícia, arremessou o último fruto dourado, que foi cair a apenas alguns metros da linha de chegada. Atalanta, calculando que teria tempo de juntar a maçã e ainda chegar à frente de seu adversário, abaixou-se para juntá-lo. — É agora ou nunca! — esbravejou o rapaz, colocando toda a sua força num último arremesso.

Enquanto Atalanta erguia-se, sentiu passar-lhe pelo rosto um vento veloz. Em seguida um grito de espanto ecoou ao seu redor.

Hipomene transpusera a linha de chegada e vencera a corrida! Atalanta, abatida, deu-se finalmente por vencida. O casamento foi marcado, e embora a jovem se mostrasse decepcionada com o resultado do desafio, não estava de todo desgostosa com as núpcias. Hipomene era um belo rapaz — e também inteligente, o que ela apreciava mais do que tudo em um homem.

Os dois casaram-se e tiveram a oportunidade de disputar ainda, reservada-mente, muitas outras corridas, das quais ela se saía sempre vencedora. Cada vez mais se acendia o ardor entre os dois amantes, até chegar ao ponto de fazê-los descuidar-se de suas obrigações para com os deuses. Hipomene, num descuido imperdoável, esqueceu de agradecer a Vênus pela vitória. Irada, a deusa do amor decidiu punir marido e mulher, fazendo com que profanassem o templo de Cibele, deusa da fertilidade e da terra, ao fazer ali os exercícios prescritos por Vênus. A divindade, encolerizada com o desrespeito, puniu imediatamente os dois amantes, transformando Hipomene num leão e Atalanta numa leoa e colocando-os a puxar o seu belo carro.

AS ASAS DE ÍCARO

— Meter-se com reis dá nisto, Ícaro! -dizia o inventor Dédalo, desconsolado, ao seu filho, que o observava.

Ambos estavam presos no labirinto de Creta, encomenda que o rei Minos fizera ao próprio Dédalo para encerrar o Minotauro, flagelo da cidade. O Minotauro fora derrotado, mas Dédalo caiu em desgraça com o rei, pois fornecera à princesa Ariadne o fio que ela entregou a Teseu e o qual este usou para fugir do labirinto após matar o Minotauro. Minos, que não esperava que Teseu derrotasse o monstro, passou a ver Dédalo como traidor e o fez provar, junto com o filho Ícaro, um pouco do seu próprio remédio.

Um dia os dois estavam a contemplar o azul do céu, sentados em uma colina como de hábito, quando Dédalo deu uma palmada repentina na testa:

— Já sei, Ícaro, o que faremos!

Sem dizer mais nada, começou a descer o rochedo, acompanhado pelo filho, que o seguia apressadamente. O jovem sabia que o pai era muito inventivo e que estava sempre com a cabeça cheia de novos projetos. Preferiu deixar que a idéia amadurecesse na cabeça do velho enquanto desciam. Tão logo chegaram à base da ilha, o velho mandou.

— Vamos, pegue minhas ferramentas — disse o pai ao filho, antes de sair em busca de alguma coisa.

Quando Dédalo retornou, seus braços estavam repletos de penas de aves, que ele abatera com a eficiência de um experiente caçador.

— O que pretende fazer, pai, com todas estas penas? — disse Ícaro.

Sem responder, Dédalo começou a serrar pedaços de madeira. De suas mãos começaram a surgir duas grandes armações, que lembravam o esqueleto de uma asa.

— O que é isto, uma fantasia? — perguntou Ícaro, ao ver o pai colar as penas nas varas de madeira.

— Tudo se inicia pela fantasia, meu Ícaro... — disse o velho, com o ar sonhador.

Logo Dédalo tinha nas mãos um grande e alvo par de asas.

— Vamos, filho, me ajude a colocá-las nas costas!

Ícaro, que naturalmente já entendera o plano, ajudou-o, empolgado pela idéia. Nem bem Dédalo terminara de colocar o par de asas às costas, seus pés começaram a se erguer do solo.

— Funciona! — exclamou Ícaro, sentindo no rosto suado o vento refrescante das asas do pai.

— Vamos, Ícaro, vamos construir uma para você também!

Os dois passaram o resto do dia aplicados em aperfeiçoar o mecanismo das asas artesanais.

— Aqui está a nossa liberdade! — disse o velho, ao colar as últimas penas nas armações.

— Mas serão sólidas o bastante para atravessarmos o oceano? — perguntou Ícaro.

— Claro! — respondeu Dédalo — O único cuidado que devemos ter é não nos aproximarmos muito do sol, pois o calor poderia derreter a cera que prende as penas.

No dia seguinte, bem cedo, subiram para o alto da torre, cada qual carregando com amoroso cuidado o seu par de asas. Exaustos, descansaram um pouco até que Ícaro, impaciente para testar o seu equipamento, ajustou as suas asas às costas.

— Veja, pai, estou voando! — disse o rapaz, sem conter a sua euforia. Deu várias voltas ao redor da torre, perdendo aos poucos o medo da altitude; seu pai também circundou a ilha munido das asas para testar-lhes a resistência.

— Basta de preparativos! — disse Dédalo. — Vamos embora!

Pai e filho, juntos, colocaram os pés sobre a amurada, no ponto mais alto da torre; abaixo deles o mar espumava, chocando-se violentamente contra os recifes negros que pontilhavam toda a costa.

— Agora! — ordenou Dédalo.

Os dois lançaram-se ao ar, batendo os braços de maneira tão ritmada que pareciam dois pássaros a dividir o azul do céu com as gaivotas, que os observavam pasmadas.

— Não se esqueça do sol! — dizia de vez em quando Dédalo, ao ver que Ícaro se descuidava, subindo em demasia. No começo os dois lutaram um pouco com as correntes de ar, que lhes roubavam momentaneamente o equilíbrio. Às vezes, o pai buscava Apolo nos braços do filho, às vezes, o filho recorria ao auxílio do pai.

Já haviam deixado há muito tempo a ilha e agora não havia outro jeito senão mover os músculos com vigor, tentando poupar ao máximo o fôlego. Dédalo ainda estava entregue ao deslumbramento quando percebeu que seu filho havia desaparecido.

— Ícaro, onde está você? — disse, inquieto.

O jovem, muito distante dali, planava nas alturas. De olhos cerrados, Ícaro lançara-se num vôo cego, para além das nuvens. Após haver ultrapassado a linha dos grandes e acolchoados montes brancos, ficara pairando sobre eles, enquanto o sol arrancava um brilho intenso de suas asas. Sua pele refletia um tom dourado, e parecia que ele era o próprio filho do Sol.

— Queria ficar aqui para sempre! — disse, inebriado de liberdade.

Enquanto agitava as asas, percebeu que uma grande pena roçou-lhe o nariz. Seus olhos a acompanharam rodopiando pelo espaço sem limites até desaparecer misturada ao branco das nuvens.

Ícaro passou as costas das mãos sobre a testa suada. Uma deliciosa rajada de vento refrescou sua pele ao mesmo tempo em que percebeu que um grande tufo de penas espalhava-se ao seu redor, como se um imenso travesseiro tivesse sido rasgado e esvaziado de todo o seu conteúdo. Grossos fios de cera derretida escorriam pelas armações, alcançando os seus braços. Com um grito de medo, Ícaro percebeu que a estrutura das asas se desfazia. Procurou esconder-se sob as nuvens, mas o sol tornara-se tão intenso que desmanchava as próprias nuvens, Ícaro percebeu que era o seu fim:

— Socorro, pai! — gritou.

Entretanto, sua voz perdeu-se no vácuo. Seu pai, longe dali, estava impotente para lhe prestar qualquer auxílio. Desistindo, afinal, de tentar recuperar altura, Ícaro abandonou-se ao destino, indo cair nas águas revoltas do oceano.

Enquanto isto, Dédalo vasculhava os céus.

— Ícaro, meu filho, responda! — clamava inutilmente.

Durante muito tempo o velho vagou, fugindo sempre ao calor do sol, até que avistou sobre as ondas algumas penas. Sobrevoando mais um pouco o local. Dédalo acabou por avistar o corpo do filho jogado às margens de uma das praias. Depois de tomá-lo nos braços, ficou um longo tempo abraçado a ele. Com o coração despedaçado, como as asas de Ícaro, Dédalo o enterrou no mesmo local, que passou a se chamar Icária, em sua homenagem.

A QUEDA DE FAETONTE

Faetonte era o jovem filho do Sol e tinha, como todo adolescente, o gênio inquieto. Um dia, numa acirrada disputa que mantivera com um amigo — Epafo, filho de Júpiter -, garantiu a ele que era capaz de dirigir o veículo do pai.

— Impossível! — disse Epafo, com ar de zombaria. — Todo mundo sabe que o carro do Sol só pode ser guiado pelo próprio Sol! Além do mais, dizem que nem filho dele você é... !

Faetonte, chocado com a revelação, resolveu ir confirmar com sua mãe, a ninfa Climene.

— Mãe, Epafo disse que eu não sou filho do Sol — exclamou Faetonte, com as narinas dilatadas de indignação.

— Não dê ouvido às conversas dele, meu filho — disse Climene. — É claro que você é filho do Sol. Basta olhar para os seus cabelos dourados e sua pele bronzeada.

— Então quero uma prova — disse o jovem, intransigente.

— Que prova, seu bobo? — exclamou a ninfa, perdendo a paciência.

— Quero dirigir sozinho o carro do Sol! — disse Faetonte.

De nada adiantou a sua mãe dizer que isso era pura loucura; o rapaz tanto insistiu que Climene deixou que ele fosse procurar o pai, cuja residência ficava no ponto mais extremo do Oriente. Depois de vários dias de viagem, Faetonte chegou, afinal.

O palácio de Febo — como também é conhecido o Sol — era todo dourado, desde os alicerces até a mais alta cúpula. No interior, as escadarias de mármore despediam reflexos de um dourado intenso, de tal modo que não se sabia se eram as escadarias que refletiam o ouro das paredes ou as paredes que refletiam o ouro das escadarias.

— Faetonte, meu filho, o que está fazendo aqui? — disse o velho Sol, surpreso com aquela visita.

— Pai, antes de mais nada quero saber se sou mesmo seu filho — foi logo dizendo o inquieto rapaz.

— É lógico que é! — disse o Sol, passando a enorme mão na cabeça do filho, despenteando-o distraidamente.

— Então prove, atendendo ao pedido que vou lhe fazer!

Febo reclinou-se em seu trono, dando um suspiro. Era encrenca, na certa.

— Que pedido, meu rapaz, que pedido?

— Primeiro prometa que irá aceitar, qualquer que ele seja.

— Está bem, eu prometo, eu prometo.

— Pois bem, eu quero dirigir o carro do Sol amanhã, bem cedinho.

— Dirigir o quê?! — disse Febo, começando a prestar atenção ao que o filho dizia.

— É isso, quero tomar as rédeas do seu carro.

Febo alarmou-se com o pedido; não pensara que a audácia do filho chegaria a tanto. Qualquer um sabia da dificuldade tremenda — e, sobretudo, da responsabilidade — que era dirigir o carro do Sol, conduzido pelos quatro cavalos selvagens e incandescentes que expeliam labaredas de fogo pelas ventas, arrastando a luz e o dia por toda a Terra.

— Meu filho, sinto muito, mas não posso permitir — disse Febo, tentando encerrar a discussão.

— Você disse *qualquer coisa!* — exclamou Faetonte, vermelho de desapontamento.

— Mas eu não podia imaginar que você iria me pedir um absurdo desses! -disse Febo, na defensiva.

— Não quero saber, promessa é promessa; amanhã vou dirigir o carro do Sol de qualquer maneira — disse o jovem, irredutível.

O velho deus ergueu-se de seu trono e foi dar uma volta pelo salão. A aurora já se anunciava e ele logo teria de partir em seu longo curso.

— Está bem, amanhã você irá comigo — disse o deus.

— Sozinho, pai, eu quero ir sozinho! — disse o rapaz. Depois, voltando os olhos para fora da janela do palácio, percebeu que o dia estava prestes a romper:

— Pai, não é a Aurora quem vai indo ali adiante? — Sim, era ela que, com suas vestes rosadas, lançava-se aos céus, anunciando o novo dia.

— Deixe-me ir hoje mesmo, pai! Por que esperar até amanhã?

— Para refletir um pouco melhor, apenas isto — disse Febo.

Mas o rapaz não queria saber de mais conversas. De um pulo desceu as escadarias douradas até chegar diante das portas onde estava guardado o carro. Uma das Horas aproximou-se, nervosa, do deus solar.

— Febo poderoso, já é hora de atrelarmos os corcéis de fogo ao carro. Veja, a Aurora já está indo, e é preciso que seu carro flamejante siga logo atrás! -disse.

Imediatamente os cocheiros correram à gigantesca cavalariça, de cujo interior podia-se escutar os relinchos e o escoicear impaciente dos cavalos, que pareciam adivinhar que a hora da saída já passara.

— Ligeiro, tragam os cavalos! — berrou Febo. Faetonte, eufórico, correu até a cavalariça.

— Para trás, rapaz, cuidado! — disse um dos cocheiros, que escancarara a imensa porta.

Um dos cavalos arremessou-se para fora da estrebaria, preso apenas por um laço, enquanto o cocheiro forcejava para mantê-lo sob seu domínio. Os olhos do cavalo disparavam chispas, enquanto sua boca emitia um relincho ensurdecedor. De suas ventas largas saíam jatos de fogo que teriam reduzido Faetonte a pó, se um dos serviçais não o tivesse afastado dali com sua mão potente.

— Suba ao carro, enquanto atrelamos os cavalos — disse o cocheiro ao rapaz, com evidente má vontade, sem parecer ligar a mínima para o fato dele ser o filho do deus Sol.

Outros três cavalos, do mesmo porte e fúria, saíram das cavalariças com o mesmo destino. Faetonte, obedecendo às instruções dos gigantes, já fora postar-se adiante do carro do Sol. Nada podia ser mais imponente do que aquela fabulosa máquina, que se assemelhava a uma enorme carruagem: o eixo, o timão e as rodas eram feitos do mais puro ouro, enquanto os raios das rodas eram todos prateados. Num salto ágil, Faetonte subiu para dentro do carro.

— Meu filho, já que você insiste nesta aventura louca, deixe que eu dê alguns conselhos! — disse Febo ao filho, que fingia escutar, enquanto observava os cocheiros atrelarem os quatro monstruosos cavalos alados, cujas asas moviam-se inquietas como grandes línguas de fogo.

— Não podemos esperar mais! — disse uma das Horas, exasperada.

No mesmo instante, os criados afastaram-se, enquanto o deus insistia com o filho:

— Não esqueça, Faetonte, jamais largue as rédeas ou as deixe afrouxar!

Os gigantescos portões do dia foram abertos. Uma intensa luz rósea iluminava o caminho que Faetonte deveria seguir. Os cavalos, mastigando os freios, pareciam clamar por liberdade nos seus movimentos, estranhando aquela mão vacilante que ora encurtava, ora afrouxava as rédeas. Por fim, uma grande chicotada no lombo dos quatro cavalos, e o carro partiu, finalmente, com um estrondo que abalou as estruturas do palácio do Sol.

O primeiro terço da jornada era aquele que exigia mais esforço dos animais, pois era uma subida íngreme; nesse trecho os cavalos deveriam erguer o carro até o ponto mais alto e ali procurar mantê-lo firme, sem se aproximar demais da Terra nem do Céu — a fim de não incendiar a morada dos homens ou a morada dos deuses —, para depois fazê-lo despencar-se nos abismos, na última quadra do dia.

Faetonte, percebendo que os cavalos tinham força bastante nas pernas, de início não teve muito trabalho para controlar o carro. O ar matinal ainda estava fresco e o orvalho caído durante a noite passava por sua pele e voltava à atmosfera como uma brisa úmida e refrescante. No entanto, antes de aderir às suas roupas, o orvalho já secava, devido ao calor tremendo produzido pelo carro.

Por alguns instantes, Faetonte sentiu-se senhor do mundo. Terras, povos e nações desfilavam abaixo de seus pés, recebendo as benesses dos raios que seu carro emitia. Os cavalos, entretanto, pareciam decididamente indóceis com seu novo condutor. Relinchando e sacudindo as longas crinas flamejantes, faziam com que o celestial veículo sacolejasse perigosamente. Faetonte, que não estava acostumado com as bruscas inclinações, chegou a perder o equilíbrio numa das primeiras curvas, quase despencando do carro, agarrando-se à última hora num dos eixos.

— Eia! — gritava o inexperiente condutor.

Os joelhos de Faetonte começavam a bater um contra o outro, e um frio na boca do estômago produzia uma secura desagradável em sua boca. A coisa parecia ser mais difícil do que ele a princípio imaginara. Chegando ao topo, Faetonte perdia mais e mais o governo das rédeas. Os cavalos, sentindo-as progressivamente mais frouxas, desciam cada vez mais. Grandes nuvens, que deveriam ficar sempre abaixo das rodas do carro, agora se esfarelavam de encontro ao veículo, evaporando-se em frações de segundos.

— Esperem, não desçam demais! — disse Faetonte, impotente para conter a ânsia dos quatro cavalos.

Faetonte sentiu renovar-se o frio na boca do estômago quando o carro, num brusco movimento, mergulhou em direção à Terra, feito um meteoro. Colocando toda a força nos braços, o jovem conseguiu evitar que o carro se espatifasse no solo. O veículo desgovernado, no entanto, prosseguia em sua rota em direção ao final do dia, numa linha horizontal, passando rente à Terra.

Num relance, o jovem viu as cúpulas das torres e templos mais altos arderem, como se fossem tochas que o Sol viesse acendendo uma a uma, durante a sua passagem.

— Meu Deus, meu pai vai me matar! — esbravejava Faetonte, tentando fazer com que os cavalos erguessem o carro para o alto outra vez.

Ao passar pelas coberturas de neve das montanhas geladas, o calor do carro fazia com que elas se desprendessem, sob a forma de rios. O calor era tamanho que, antes mesmo de alcançarem o solo, estas geleiras derretidas eram sugadas para o céu sob a forma de um vapor colossal.

Declinando ainda mais em sua altura, o carro passava quase rente ao chão. Cidades inteiras ardiam diante dos olhos do assustado Faetonte: o simples bafo dos cavalos e o calor que o carro emitia eram o bastante para incendiar tudo. Florestas inteiras ardiam também à passagem da carruagem escaldante. Pessoas saíam para fora de suas casas ao perceber que havia um brilho e um calor extraordinários no ar, para em seguida morrerem queimadas. Suas peles derretiam como cera, deixando a nu as suas caveiras brancas, que em seguida se tornavam negras até desfazerem-se num pó escuro que o vento impetuoso da passagem do carro espalhava pelo ar.

Abandonando as cidades, o carro investia agora sobre os mares, levantando massas espantosas de vapor, que passavam pelo corpo de Faetonte como uma chuva invertida e escaldante. O mar secava inteiramente, deixando à mostra, nas profundezas finalmente reveladas ao olho humano, uma quantidade incalculável de peixes que se debatiam, agonizantes, até que uma faísca mais intensa incendiava-os todos, até não restar mais nada além das cinzas dos cardumes mortos.

A pele de Faetonte, a esta altura, já estava toda esfolada; seu rosto era uma máscara vermelha, e suas mãos cobertas de bolhas não podiam mais segurar as rédeas, que ardiam intoleravelmente em suas mãos. Netuno, ao perceber a devastação que ocorria nos oceanos — seu domínio —, resolveu subir até o Olimpo para pedir socorro a Júpiter.

— Meu irmão, que calamidade é esta que assola a Terra e os mares? — disse o deus dos mares, tomado pela aflição. — Faça algo ou a Terra inteira perecerá!

Febo foi chamado às pressas para saber o que estava acontecendo.

— O que está fazendo aí, em vez de estar comandando o seu carro? — perguntou-lhe Júpiter.

Em breves palavras vexadas, o deus do Sol explicou que sua fraqueza fora a causadora de toda a catástrofe.

— Não há mais tempo a perder, derrube-o de lá, de qualquer jeito! -esbravejou Netuno, ao perceber que o carro incendiário aproximava-se perigosamente de um menino que brincava sozinho no campo. — Impeça, ao menos, mais esta tragédia!

Júpiter sacou de um de seus terríveis raios e lançou-o sem pestanejar na direção do condutor do carro. Faetonte, que também percebera o menino, tentava conter as rédeas num último esforço, inclinando para trás o seu torso, rubro das queimaduras. Seu próprio corpo ardia, prestes a incendiar-se numa tocha humana. O jovem não teve tempo para ver que o raio despedido por Júpiter rumava certeiro em sua direção. Numa fração de segundos o raio explodiu no local exato onde ele estava, atirando-o para fora do carro. Os cavalos, assustados, ergueram as cabeças, lançando seus corpos de fogo para o alto, impedindo que o garotinho morresse

queimado. Diante dos olhos do pequeno garoto, o corpo de Faetonte passou como um cintilante meteoro, indo mergulhar ao longe, no rio Erídano. Já sem vida, foi recolhido pelas ninfas, que erigiram no local um túmulo, em homenagem à sua audácia.

DEUCALIÃO E PIRRA

A humanidade conheceu várias épocas, desde a sua criação — épocas que a história batizou de Idades. Na primeira delas, a *Idade do Ouro,* todos eram felizes. Apesar do nome, ninguém, então, pensava em ouro. A velhice não existia, tampouco as doenças. Reinava uma primavera permanente, os alimentos brotavam da terra por si sós, e a inocência imperava por tudo.

Depois dessa idade feliz seguiu-se a *Idade da Prata,* na qual a eterna primavera deu lugar às quatro estações e a terra passou a ter de ser cultivada para oferecer os seus frutos. A decadência prosseguiu com a *Idade do Cobre,* na qual começaram as disputas entre os homens, até que se chegou, finalmente, à *Idade do Ferro,* quando o crime fez a sua entrada triunfal entre os mortais. A paz abandonou definitivamente a Terra, que ficou entregue à cobiça dos homens. As coisas estavam nesse estado quando Júpiter, deus dos deuses, observando o caos que se instalara, decidiu pôr um fim nele. Enfurecido, chamou um dia à corte o seu irmão Netuno.

— Meu irmão, creio que é chegada a hora de castigarmos estes mortais insanos, que transformaram o paraíso terrestre num horrível lugar de dor.

— Estou de acordo, meu poderoso irmão — respondeu Netuno. — O que você sugere?

Júpiter ordenou ao irmão que fendesse a terra com um golpe de seu poderoso tridente. Dali se abririam as comportas das águas dos mares, que, uma vez liberadas, inundariam o mundo todo.

Netuno, retirando-se, foi fazer exatamente o que Júpiter lhe dissera. Chegou a um vale seco e pedregoso e empunhou o tridente, erguendo-o para o alto. Em seguida, o fez descer à terra com tamanha força que o enterrou quase inteiro no solo. Uma rachadura começou a se espalhar do ponto onde se abatera o golpe, espraiando-se para todos os lados, como se fossem as raízes de uma árvore invisível. Daquelas imensas fissuras começou a brotar a água submersa, que corria por debaixo da terra em imensos e borbulhantes veios.

Netuno foi por todas as partes golpeando o solo, até que em menos de um dia a terra começou a desaparecer, engolida pela água.

Diante dos olhos deliciados de Júpiter — que a tudo observava do alto -desfilaram envoltos em ondas de incrível ferocidade gafanhotos, moscas, ratos, esquilos, zebras, leões, elefantes, casas, templos e palácios. Em meio a tudo isso, passavam homens, agarrados em qualquer coisa que sobrenadasse na violência das águas. A maioria das pessoas, no entanto,

passavam já mortas. As aves, não encontrando mais nenhum lugar seco onde repousar, deixavam-se cair às águas, renunciando à luta pela vida.

No entanto, Júpiter resolveu poupar da destruição um homem e sua esposa, que considerava os únicos justos sobre a face da Terra. Deucalião e Pirra eram seu nomes. Ao verem que tudo naufragava sob as ondas impetuosas, Deucalião abraçou-se à esposa, e foram ambos refugiar-se num velho barquinho. As águas rapidamente cobriram tudo, enquanto suspendiam a frágil embarcação até o topo do monte Parnaso, o último lugar seco da Terra.

Netuno, vendo sua tarefa cumprida, chamou logo os seus tritões, semideuses marinhos metade homens, metade peixes.

— Vão, agora, e devolvam tudo à normalidade — disse, com autoridade.

Um exército de tritões partiu, espalhando-se pela Terra. Surgindo de vários pontos das águas, fizeram soar as imensas conchas marinhas, o que milagrosamente fez as águas recuarem de volta aos leitos dos rios e dos oceanos. Rapidamente as águas foram baixando, deixando à mostra outra vez as árvores, as casas, os templos, os palácios e uma multidão de homens e animais mortos. Parecia que era a própria Terra que ressurgia de dentro das águas, toda lavada e pronta para ser novamente ocupada.

O único casal de sobreviventes vagou, assim, pela Terra, revendo antigos lugares que antes fervilhavam de pessoas, mas que agora eram habitados somente pelo silêncio. De mãos dadas penetraram num grande teatro, onde dias antes uma multidão alegre rira das piadas e gracejos de uma velha comédia, pouco antes de morrer afogada. No centro do palco, Deucalião enxergou o cadáver de um dos atores, que ainda tinha presa ao rosto uma máscara, toda dobrada e enferrujada. Curioso, retirou o dourado e sorridente adereço, mas por detrás da máscara só havia agora uma caveira pálida, que sorria, a seu modo, o grande e compulsório sorriso da Morte.

Pirra virou o rosto para o lado, com um ar compungido.

— Vamos, Deucalião. Aqui só há desolação e morte!

Viram também templos desertos, onde as estátuas dos deuses que não haviam tombado ainda permaneciam em pé, em poses e gestos tão vividos que pareciam prestes a descer de seus nichos para ocupar o lugar dos vivos. Passaram por ruas desertas. Entraram e saíram de casas vazias. Percorreram cidades inteiramente abandonadas. Tudo estava ocupado pela morte.

— Ninguém sobreviveu à cólera de Júpiter, a não ser nós! — disse Deucalião à esposa.

— Oh! — gemia a mulher. — Que faremos vivos, num mundo de mortos?

— Procuremos nos consolar, minha querida Pirra! — exclamou Deucalião, que intimamente estava grato a Júpiter por haver poupado de sua ira a esposa, o seu único consolo e razão de viver.

Ela, de braços cruzados ao peito, chorava em silêncio.

— Deucalião, devemos procurar o templo de Têmis e lá implorarmos piedade — disse Pirra, tornando-se outra vez resoluta.

De comum acordo seguiram até chegar ao templo da deusa da Justiça. Do teto pendia ainda um musgo lamacento, que o vento fazia dançar sobre as colunas, enquanto dos capitéis desciam finas cordas de água. Sobre os altares, os vasos estavam vazios, e não havia fogo algum a brilhar. Deucalião e Pirra, comovidos, lançaram-se aos pés da estátua da deusa:

-Poderosa Têmis, que nos observa, com clemência, do alto! — disse Pirra. — Não queremos habitar um mundo sem vida! Como faremos para repovoá-lo, se já não temos mais forças nem idade para isso?

Uma voz suave saiu da boca cerrada da estátua:

— Meus amados, se quiserem ver de novo a terra povoada, façam exatamente como vou lhes dizer. Após cumprirem meus ritos, quero que saiam do templo — disse a deusa. — Depois, cubram seus rostos, alarguem seus cintos e atirem para trás de si os ossos de sua avó! — completou, de modo enigmático.

Pirra, não entendendo o que a deusa desejava, começou a chorar.

— Ó deusa, como farei tal coisa? — exclamou. — E mesmo que reencontre os ossos de minha avó, como poderia cometer tamanha blasfêmia?

Deucalião, no entanto, tomando o rosto de Pirra nas mãos, a acalmou:

— Calma, querida! Acho que compreendi o sentido das palavras da deusa! É muito simples — esclareceu Deucalião. — A deusa está se referindo não aos ossos da sua avó, mas à Terra, nossa avó comum! Ora, os ossos de nossa avó não são senão as pedras da Terra!

Eufóricos, os dois velaram os rostos e saíram do templo. Juntaram todas as pedras que puderam encontrar, e Deucalião lançou atrás de si a primeira. Tão logo ela caiu, eles escutaram o ruído da pedra se esfarelando e algo surgindo às suas costas.

Era um homem!

Sim, um homem que surgira dos restos da pedra.

Pirra, extasiada, velou também o rosto e lançou para trás uma pedra, e surgiu dali uma linda mulher. E assim foram ambos jogando pedras para trás. Daquelas lançadas por Deucalião surgiam homens, e das que Pirra lançava surgiam mulheres, os novos habitantes da Terra.

O RAPTO DE GANIMEDES

Júpiter tinha como animal de estimação uma linda águia. Esta ave, branca e imensa, era a mesma que levara ao deus dos deuses o néctar, durante sua perigosa infância, na ilha de Creta, quando vivia escondido do pai, Saturno, que comia os próprios filhos. Júpiter, agora adulto e na

condição suprema de deus dos deuses, casara-se com Juno e dela tivera uma filha chamada Hebe. Ela estava encarregada de servir o néctar aos deuses, durante os seus ociosos e felizes encontros.

Hebe, considerada a encarnação da juventude, parecia não se incomodar com a humilhante tarefa, e era sempre sorrindo que derramava nas taças dos deuses o néctar que trazia em sua jarra. Mas um dia, Hebe, um tanto descuidada, resvalou em pleno salão do Olimpo e caiu com a jarra. Seu pai, Júpiter, desgostou-se com o lamentável desempenho e demitiu-a no ato. A partir daquele instante, a corte celestial não tinha mais quem servisse os deuses, problema que, num lugar onde os problemas eram poucos, revestia-se de relevante importância.

— Júpiter, querido — disse um dia Juno ao seu esposo. — Se você não quer mais que nossa desastrada filha reassuma suas antigas funções, trate de arrumar alguém para tomar o seu lugar.

— Você poderia exercê-las perfeitamente, querida Juno — disse Júpiter.

Juno nem se deu ao trabalho de responder, simplesmente deu-lhe as costas, seguida de seu pavão de estimação, que parecia também ofendido. Júpiter, reclinando-se em seu trono, pensou um pouco. Depois, levantando-se, foi até a janela espiar a Terra, sua distração principal. Observar os mortais era também um bom calmante, pois, ao ver as loucuras e confusões nas quais eles viviam metidos, as apreensões do grande deus diminuíam.

No exato instante em que Júpiter deitou para baixo o seu olhar, ele caiu sobre um belo rapaz que passeava em meio a várias ovelhas, por um prado ameno e recoberto de flores. Era Ganimedes, filho do rei de Tróada. Apesar de sua alta condição, era pastor, e neste instante guiava o seu rebanho. O jovem trazia à cabeça um barrete frígio, tendo jogado displicentemente às costas um pequeno manto. Sua compleição física destacava-se em meio à brancura das ovelhas, o que logo atraiu Júpiter.

— Ora, vejam... Este belo rapaz daria aqui um ótimo serviçal! — disse o deus dos deuses, alisando as barbas.

Assim, sem pensar em mais nada, o rei dos deuses decidiu simplesmente raptá-lo, levando o jovem para morar no Olimpo com os deuses. Num instante, Júpiter fez um sinal para sua águia, que estava sempre por perto.

— Minha querida — disse Júpiter à ave -, desça já à Terra e traga-me aquele belo rapaz!

A ave estendeu suas imensas asas e arremessou-se ao abismo, como uma flecha recoberta de penas.

Enquanto isto, Ganimedes, alheio a tudo, continuava a pastorear o seu rebanho. Como o sol estivesse um tanto forte, o rapaz decidiu sentar-se um pouco sobre uma pedra, à sombra de uma grande árvore. Puxou uma flauta rústica para distrair-se e acalmar as ovelhas. Mas por entre

as nuvens já pairava a imensa águia, atenta. Do alto observava o alvo rebanho, como outra nuvem que estivesse pousada ao chão. Quando percebeu que o inocente jovem estava inteiramente entregue à sua distração, destacou-se das nuvens e arremeteu com suas grandes garras expostas.

Ganimedes, erguendo um pouco o olhar, percebeu que uma grande sombra ocultava por instantes a luz do sol. Antes que entendesse direito o que era aquilo, sentiu em seus ombros a pressão dolorida das garras da águia. O jovem não teve tempo de ver o que o feria. Sentiu apenas que se elevava cada vez mais pelos ares, enquanto observava, atônito, as suas ovelhas diminuírem lá embaixo, até se tornarem somente um pontinho branco no imenso tapete verde do campo.

O vento frio arrebatara o seu manto ao mesmo tempo em que deixava em selvagem desalinho a sua cabeleira revolta. Mas à medida que subia, o calor do sol esquentava Ganimedes. Quando ficava quente demais, a ave agitava com mais força as suas asas, para aliviá-lo do calor.

— O que quer de mim? — gritava o jovem à sua raptora.

A águia, entretanto, permanecia em majestoso silêncio, ascendendo cada vez mais com sua presa para além das nuvens. Assim foram subindo, até que Ganimedes, por entre as brumas das regiões superiores, viu surgir afinal o palácio majestoso de Júpiter. Em instantes o jovem, mudo de espanto, foi depositado diante do trono do pai dos deuses.

— Meu caro jovem! — disse Júpiter, com um ar de boas-vindas. — Saiba que a partir de hoje você passará a fazer parte de minha corte celestial.

A esposa de Júpiter, que também aguardava o jovem, mostrava-se bastante surpreendida com sua beleza, admitindo que seu marido fizera uma bela escolha.

— O que querem de mim? — exclamou Ganimedes, que não sabia se ficava alegre diante dessa notícia ou se a lamentava.

Vênus, a bela deusa do amor, que também estava por ali, adiantou-se:

— Permita, Júpiter, que eu converse um pouco com ele — disse, entusiasmada. — Estou certa de que nos entenderemos às mil maravilhas.

Júpiter assentiu, enquanto Vênus, envolvendo com seu braço a cintura do jovem, conduziu-o até um recanto afastado nos jardins perfumados do Olimpo. Ganimedes, apesar de assustado com tudo, ficou fascinado com a beleza daquela deusa, que o tomava, assim, em seus braços, com a intimidade de uma velha amiga.

— Você teve a honra de ser escolhido dentre os mortais para ser o novo servidor de Júpiter e de todos os deuses — disse-lhe Vênus, fazendo uma pausa na caminhada, com os olhos fitos em Ganimedes.

O jovem podia sentir o calor da pele da deusa envolvê-lo como uma veste imaginária.

— A partir de agora você será um de nós, tendo também o dom divino da imortalidade. Agora, meu querido, vamos tratar destas pequenas feridas, caso contrário você não poderá vestir tão cedo o seu novo e elegante traje — completou a deusa.

Vênus levou, então, o seu hóspede para um dos aposentos do palácio de Júpiter, onde soube consolá-lo, de maneira bastante eficiente, das suas saudades terrenas.

Enquanto isso, Júpiter, percebendo que o pai do jovem raptado ficara inconsolável com a perda do filho, decidiu recompensá-lo. Já era noite estrelada quando o mensageiro de Júpiter apresentou-se diante do infeliz rei e da sua esposa. Ambos mostravam-se inconformados com a perda do filho.

— Rei poderoso! — disse-lhe Mercúrio, num tom solene. — Venho aqui, em nome de Júpiter, para lhe comunicar que seu filho é agora um deus.

— Ganimedes imortal...! — exclamou o pobre rei, sem saber o que dizer. Sua esposa, que preferia seu filho humano, mas ao seu lado, perguntou, aflita:

— Mas nunca mais veremos nosso amado Ganimedes?

— Não, nunca mais — respondeu Mercúrio -, a não ser no céu, onde poderão enxergá-lo em noites claras como esta, sob a forma do zodíaco de Aquário. Em compensação, Júpiter lhes manda estes dois magníficos presentes, que acalmarão em seus corações a aflição provocada por essa dolorosa perda.

Mercúrio, com ar triunfal, descobriu, então, diante dos olhos do velho casal, um magnífico cepo de ouro, que esplendeu majestosamente na escuridão da noite. Depois fez surgir uma maravilhosa parelha de cavalos que, lançando-se pelo prado, pôs-se a correr ao redor deles, numa cavalgada mais veloz do que a do próprio vento.

O rei e a rainha, no entanto, não viram nenhuma dessas maravilhas: abraçados, tinham os olhos postos no céu, à procura do filho.

O CASTIGO DE ERESICTÃO

Qualquer mortal sensato sabia que o respeito era a principal oferenda que se devia a Ceres, a deusa da fertilidade. Sem os favores dessa importantíssima divindade, qualquer criatura estava ao desamparo. Tudo ao seu redor virava secura e desolação, até que o desgraçado se decidisse a também venerar a exigente deusa. Além do mais, não havia razão alguma para que se faltasse com este dever, pois ela era, dentro do panteão das divindades, uma das mais simpáticas e dignas. Havia muitos bosques consagrados a Ceres, e é num deles que esta história começa.

Era geralmente durante as primeiras horas do dia que os devotos de Ceres vinham fazer as suas oferendas, para agradecer a boa colheita ou para pedir que a próxima fosse mais abundante. Ao centro da floresta postavam-se os fiéis. Modestos camponeses, homens e

mulheres, trazendo pequenos cestos com uma ou duas frutas, apenas, forrados com flores que as crianças colheram no próprio bosque, para tornar sua oferta um pouco mais caprichada. Outros, ainda, ofereciam a Ceres apenas simulacros de ofertas: no lugar de pães, pequenos arranjos redondos de terra, recobertos com uma leve mão de farinha. Oficiando o culto, costumava ficar a sacerdotisa de Ceres, envolta em seu manto e segurando um feixe de espigas. A deusa, em algum lugar, a tudo observava.

De repente, porém, ouviu-se, vindo de fora do bosque, um rumor de vozes masculinas, nas quais gritos entremeavam-se a cantos. Não eram, contudo, cantos sacrificiais. O ruído do vozerio aumentou a ponto de a sacerdotisa ver-se obrigada a interromper o culto. Logo surgiu por entre as árvores um grupo de homens que tem o ar descontraído e folgazão. Eles portavam grandes machados sobre os ombros e olham divertidamente, cutucando-se uns aos outros, ao perceber o que se passa.

— Vai demorar muito aí, dona sacerdotisa? — perguntou um deles, com o grande dente de ferro do seu machado faiscando no ar e com um olhar de impaciência.

— O tempo suficiente para que o silêncio se restabeleça e possamos recomeçar nosso culto — respondeu a sacerdotisa, calmamente, dando-lhe as costas.

Um homem gordo e imenso — que parecia ser, de fato, o líder do grupo — afastou com uma das mãos o lenhador, como quem afasta um galho do rosto. Depois, adiantando-se, tomou a palavra:

— A senhora pode prosseguir com sua ladainha, que nós cumpriremos a nossa tarefa, a nosso modo — disse. — Adiante, vamos colocar abaixo estas árvores!

Esse homem rotundo era Eresictão, homem rico e poderoso. Ele estava decidido a construir um novo palácio para si com a madeira de toda a floresta.

— O que pensa que está fazendo? — gritou, indignada, a sacerdotisa. Mas sua voz humana já não era o bastante para se sobrepor ao ruído dos machados, que estalam com vigor sobre os troncos das árvores.

Ceres, que tudo vira, decidiu ela própria tomar a palavra, falando pela boca de sua sacerdotisa.

— Fora, invasores! — gritou a deusa, cuja voz vibrante silenciava todos os machados. — Como ousam destruir este bosque, consagrado exclusivamente a mim?

— Preciso destas árvores, dona — disse Eresictão.

— Ninguém tocará nestas árvores, sob pena de terrível castigo — advertiu Ceres.

— Dona, não fique nervosa. Há milhares de bosques espalhados por toda esta região. Escolha outro e deixe-nos trabalhar em paz.

— Você insiste em me desafiar? — disse a deusa, encolerizando-se.

O homem, ao perceber que Ceres avançava para si, empunhou com vigor o machado.

— Para trás, mulher, ou a farei em pedaços!

Ceres, então, resolveu aparecer com a sua própria aparência.

— Maldito! — gritou a deusa. — A partir de agora você está sob o peso da minha maldição...

Eresictão, diante daquela assustadora intervenção, deu um grito de terror, lançou para o alto o machado e pôs-se a correr, espavorido, juntamente com os seus homens. Chegando em seu castelo, Eresictão correu para os seus aposentos. Decidiu andar um pouco pelo quarto, para dissipar o medo. Ali vagou durante longos cinco minutos, até que uma fome repentina o obrigou a sair. Pé ante pé, Eresictão retornou ao salão. Tinha um vago receio de que algo pavoroso tivesse acontecido. Não, tudo parecia em ordem. A sua querida mesa ainda estava lá, embora terrivelmente vazia. Ainda era cedo, mas a correria e o terror adiantaram o relógio do seu estômago.

— Cozinheiros! — troveja Eresictão.

— Pois não, senhor? — responderam os quatro cozinheiros.

— Estou morto de fome. Adiantem o almoço.

— Sim, senhor — e voltaram à cozinha.

Uma fome terrível lhe devorava as entranhas. Nunca sentira fome parecida.

— Vamos, tragam logo a comida! — rugia Eresictão, sentindo um vácuo crescer-lhe no estômago.

Imediatamente os criados surgiam com os primeiros pratos, que desapareceram em questão de minutos em sua goela voraz. Sua fome gigantesca, porém, em nada foi aplacada.

— Mais comida! — rugiu outra vez Eresictão.

Os quatro cozinheiros preparavam tudo o que enxergaram na despensa, enquanto os criados levavam para o salão imensas travessas repletas de comida. Instantes depois retornavam com elas completamente limpas.

— Mais comida! — ouvia-se, ainda.

Nada parecia bastar ao apetite bestial de Eresictão, que começava a se tornar colérico.

— O que está havendo aí dentro? — gritou, com a boca cheia. — Tragam comida de verdade!

Numa medida extremada, o chefe dos cozinheiros ordenou que o maior dos javalis fosse abatido e assado imediatamente sobre uma grande fogueira, montada às pressas no pátio. O dia fez-se noite quando a fumaça do assado levantou-se das brasas e cobriu o sol como uma imensa

nuvem de incenso. Eresictão, sentado à mesa, despejou sobre ela uma cachoeira de saliva, enquanto aguardava, impaciente, o prato principal.

Dez escravos carregaram numa imensa bandeja de prata o monstro dourado e fumegante, coberto de ervas aromáticas e guarnecido por fatias de duzentos abacaxis. O maravilhoso prato chegou aos olhos de Eresictão como uma sublime oferenda de ouro. Em dez minutos a travessa retornou à cozinha contendo somente os ossos do javali, empilhados junto às suas presas.

— Mais comida! — era o refrão incessante que se ouvia no salão. Florestas inteiras de verduras já haviam entrado para dentro do estômago do patrão; uma plantação inteira de batatas também sumiu nos abismos daquela caverna sem fundo. Sua fome colossal era acompanhada de uma terrível sede, que o obrigava a beber sem parar imensas jarras de vinho, que ele lançava, depois de esvaziadas, à cabeça confusa dos seus escravos.

— Tragam mais!

Eresictão não se levantava da mesa. Quanto mais comia, mais insistentes tornavam-se os seus pedidos. Os cozinheiros já não sabiam mais o que colocar nas panelas. Todas as aves de criação já haviam passado pelo holocausto das chamas. No terror das exigências, treze gatos, vinte cachorros e até mesmo a parelha de cavalos que puxava o carro de Eresictão foram lançados vivos na fornalha. Ele não distinguia mais nada, engolindo até os ossos.

Quando chegou a noite, Eresictão ainda estava à mesa. Seu rosto, no entanto, estava um tanto mais magro, e sua pança parecia ter recuado um pouco para dentro do manto. Por incrível que parecesse, Eresictão estava emagrecendo! Preso à mesa, o pobre homem, gordo e famélico, implorava:

— Comida, meus escravos... Pelo amor de Deus, mais comida...

A noite passou-se em comilanças. Não tendo mais, enfim, o que comer em casa, Eresictão saiu em desespero pelas estalagens, devorando tudo o que encontrava nessa selvagem expedição noturna. Quando o sol retornou, encontrou-o devorado por uma fome infinitamente maior do que aquela com a qual sentara-se pela primeira vez à mesa. Seu corpo estava debilitado. Suas faces começaram a encovar-se. Suas mandíbulas, de tanto comer, doíam a ponto de não poder mais movê-las. Suas vestes pendiam do corpo. Eresictão estava a meio caminho de se tornar um espectro de si mesmo.

Seus pais, alarmados, quiseram saber o que se passava com seu pobre filho.

— Meu filho, o que houve com você? — exclamou a mulher. Horrorizada, ela arrancou os cabelos, tirando sangue do rosto com as unhas.

Seu pai, com o passar dos dias, gastou também tudo o que tinha na vã tentativa de alimentar o seu insaciável filho. Até o touro que sua esposa engordava para sacrificar a Vesta, a

deusa virgem do lar e do fogo, foi sacrificado ao altar desta horrenda fome. A miséria chega, afinal, para o desgraçado Eresictão.

O seu pai, não podendo mais fazer nada — pois tornara-se miserável, também -, abandona-o à própria sorte, reduzido à mais negra mendicância. Passava os dias sentado nas praças, recolhendo de forma vil os restos que até os cães cobertos de sarna refugam. O único consolo é ter ainda ao seu lado Metra, sua dedicada filha.

— Minha querida filha, faça-se o mais bela que puder — disse, um dia, Eresictão.

— Por quê, meu pai? — indagou Metra, acariciando-lhe a face encovada.

— Vou vendê-la.

— Vender-me?

— É preciso... *Eu* preciso -justificou o velho, fraco e faminto.

No mesmo dia a bela e encantadora Metra foi feita escrava nas mãos de um horripilante comerciante. Depois de passar pelo suplício das carícias daquele homem abominável, Metra, à noite, remeteu a Netuno as suas mais ardentes preces, enquanto o seu odioso amo, ao lado, roncava:

— Poderoso Netuno, livra-me disto! — rogou, lançando um olhar ao seu algoz. O deus, apiedado, decidiu atender às suas súplicas. Para tanto, converteu-a numa jumenta. Assim, enquanto seu amo ainda ressonava, Metra levantou-se do leito, firmou bem as quatro patas e, dando um grande salto, escapou pela janela. No mesmo instante correu, feliz, ao encontro de seu pai.

— Meu querido pai, voltei! — disse, lambendo a face escaveirada do seu progenitor.

— Minha adorada filha! Como estou feliz em tê-la de volta! Depois, voltando-se para um carroceiro que passava:

— Ei, quanto quer por esta magnífica jumenta?

Um zurro de dor partiu da infeliz Metra, que foi levada embora outra vez. Mas também deste novo amo conseguiu escapar, metamorfoseada num cão e retornando novamente para os braços do pai, que a revendeu outra vez. Transformada, assim, em fonte inesgotável de recursos, a infeliz Metra percorreu toda a escala zoológica, até que um dia, metamorfoseada numa linda borboleta, desapareceu para sempre no ar.

Eresictão, perdendo sua última fonte de renda e devorado por uma fome absolutamente insuportável, decidiu tomar uma atitude que seu orgulho insensa-: até então impedira. Entrando naquele mesmo bosque que maculara com sua blasfêmia, pediu perdão à vingativa Ceres.

— Ceres poderosa! — começou a dizer Eresictão, com as mãos postas. -Concede-me a graça do seu perdão, ó deusa, cujos olhos brilham com graça e majestade por todo o Olimpo! Ouve-me, por piedade, ó magnífica deusa!

A deusa, no entanto, não lhe deu ouvidos. Tomado pelo desânimo, Eresictão sentou-se, derrotado, à sombra das árvores. Era noite e caía uma chuva forte, filtrada para dentro do bosque sob a forma de cordas d'água que se balançavam do alto. Os relâmpagos intensos varavam a escuridão, iluminando inteiramente o seu corpo — um esqueleto coberto apenas por uma fina camada de pele. Eresictão estava sentado, com os olhos pousados sobre o próprio pé. Vislumbrou ali uma protuberância, que sugeria a presença de um pouco de carne. Sem hesitar, arreganhou os dentes e cravou-os com força sobre o membro, arrancando-o e engolindo-o inteiro. Durante a noite inteira o ímpio Eresictão saciou-se de si mesmo, sob a luz dos relâmpagos, até que na manhã seguinte nada mais restava dele sobre a face da Terra.

FILEMON E BAUCIS

Júpiter, estando um dia ocioso no Olimpo, chamou seu filho Mercúrio e disse:

— Venha, vamos dar uma volta pelo mundo e testar a hospitalidade dos mortais.

Mercúrio, que adorava passear, concordou imediatamente. Já estava saindo junto com seu pai, quando este o deteve:

— Espere, deixe aqui as suas asas.

— Por que, meu pai? — perguntou Mercúrio.

— Não seja tonto — disse Júpiter. — Se nos apresentarmos como deuses, obviamente que seremos bem recebidos por todos.

Mercúrio concordou e, após desfazer-se de suas asas, seguiu junto com ele. Tão logo chegaram à Terra, começaram a percorrer as estradas da Frígia, como se fossem dois pobres andarilhos. Em alguns instantes estavam suados e cobertos de pó. De repente, avistaram uma bela casa de campo. Bateram à porta por um longo tempo, até que surgiu do alto de uma janela uma pequenina cabeça.

— O que querem, vagabundos? — gritou alguém, com irritação.

— Somos viajantes, bom amigo, e precisamos descansar — respondeu Mercúrio.

— Dêem o fora! — disse a pessoa à janela, desaparecendo em seguida.

Os dois viajantes, desgostosos com seu primeiro insucesso, partiram sem nada dizer. Era um dia quente e úmido, e o sol estava exatamente acima de suas cabeças. Enquanto retomavam seu caminho, Mercúrio tentava acalmar a ira de seu pai, que já se preparava para lançar naquela casa um de seus terríveis e vingativos raios.

— Calma, pai! Não podemos tomar como exemplo um único caso. Tentemos aquela outra casa, lá adiante.

De fato, um pouco mais além havia uma outra casa, um pouco menor do que a anterior, mas muito bem cuidada. Os dois andarilhos chegaram à porta e outra vez prepararam-se para pedir abrigo.

— Veja, pai, parece que há aqui alguma festa — disse Mercúrio, ao escutar no interior um alarido de risos e de pratos. — Certamente que também nos convidarão para ela.

— Júpiter, no entanto, tinha um ar cético.

Mercúrio, temendo o pior, antes de bater à porta passou a manga de sua túnica esfarrapada pelo rosto, a fim de melhorar o seu aspecto. Enquanto isto Júpiter já tomara a frente e esmurrava a porta. Depois de quase pô-la abaixo, viu surgir um rosto gordo e inchado.

— Pois não, senhores! — disse o homem, com um forte hálito de vinho.

— Boa-tarde, meu bom homem — disse Mercúrio. — Somos viajantes, e o sol inclemente impede que prossigamos nossa jornada. Poderíamos fazer aqui nosso descanso e uma breve refeição, para que possamos renovar nossas forças?

— Desculpem-me, mas não posso recebê-los agora — disse o bêbado. -Minha filha casa hoje e estou recebendo agora os meus convidados.

Mas, tomado por um acesso brusco de generosidade, chamou a criada e disse-lhe:

— Traga um prato com alguma coisa para estes dois aí!

Depois, virando as costas, sumiu-se de novo para o interior da casa. Trinta minutos se passaram até que a criada, abrindo uma fresta mínima na porta, passou pelo vão um pequeno prato, com as sobras ajuntadas de dois ou três convidados.

— Deixem o prato aí e desapareçam — disse a criada, com uma voz áspera. Mas, ao introduzir o prato no estreito vão, ela o inclinara de tal modo que virara no chão a metade do seu conteúdo. Cinco ossos com alguns nacos de carne era tudo o que restava da estreita generosidade daquela alegre e festiva casa. Mercúrio ainda os estudava, na esperança de encontrar algo que pudesse revelar-se como um sinal de autêntica generosidade, sem ousar erguer os olhos para seu colérico pai. Júpiter, por sua vez, depois de mirar com fúria a casa, partiu, procurando de qualquer modo controlar o seu gênio.

Já era adiantado da tarde quando chegaram, sedentos e famintos, à porta de uma terceira casa. Esta, embora modesta, parecia ainda a salvo da miséria. De dentro das suas paredes escapava o ruído contínuo e vigoroso de um sopro, como se um grande fole trabalhasse ali sem trégua. Mercúrio bateu à porta uma, duas, dez vezes. Um murmúrio fez-se ouvir de uma das janelas, ao alto. Uma sombra por detrás da cortina revelava que alguém espiava, desconfiado. De

repente, porém, liberta do medo, a pessoa afastou, de par em par, os dois panos. Era uma mulher, que segurava um lençol à frente do seu torso nu.

— O que querem, mendigos? — perguntou a mulher, impaciente, enquanto ajeitava os cabelos.

Júpiter e Mercúrio entreolharam-se, em dúvida.

— Vamos lá, que tenho mais o que fazer! — exclamou a mulher, deixando cair a proteção, com um ar distraído.

Às suas costas, uma voz masculina disparou um desaforo.

— Só queremos um pouco de repouso e algum alimento! — disse Mercúrio.

— Eles querem *repouso*! — disse a mulher, virando-se para dentro, num tom de deboche.

Um homem surgiu, então, por detrás dela e disparou outro desaforo aos dois andarilhos, fechando em seguida, com estrondo, a janela. Júpiter e Mercúrio tiveram de seguir novamente o seu caminho sob o ruído estridente do fole que começara a trabalhar lá dentro, outra vez, a toda fúria.

Já estavam exaustos, quando chegaram, afinal, à frente de uma humilde choça, coberta de palha. Com receio de derrubar a frágil porta, Júpiter bateu palmas, enquanto Mercúrio, um pouco mais atrás, apenas o observava, sem acreditar em mais nada. De dentro da choupana, entretanto, surgiu o rosto enrugado de um velho.

— Bom-dia, meu senhor— disse Júpiter. — Somos dois andarilhos e gostaríamos...

Antes, porém, que Júpiter concluísse, a porta foi escancarada.

— Entrem, por favor — disse o velho, dando-lhes a passagem.

Os dois, surpresos, entraram na casa. Embora já estivesse um pouco escuro ali dentro, a casa ainda não tinha iluminação alguma. Da penumbra avançou para eles uma velhinha, toda encurvada, que os cumprimentou de maneira discreta. Ele chamava-se Filemon, e ela, Baucis. Casados há muitos anos, viviam desde então naquela modesta casa, enfrentando juntos as privações naturais da pobreza. Não tinham criados nem filhos.

— Por favor, sentem-se aqui — disse Filemon, estendendo duas cadeiras aos visitantes, tomando antes o cuidado de forrá-las com um pouco de palha limpa.

Enquanto isto, Baucis tentava reavivar um resto de fogo que ainda se escondia por debaixo das cinzas. Filemon, por sua vez, arrancou alguns gravetos da cobertura da choça, retirando também dos caibros um pouco da palha que protegia a casa das constantes chuvas. Baucis dirigiu-se à horta e de lá retornou trazendo um maço de verduras e as lançou com gosto dentro de uma vasilha. Filemon pegou a faca e cortou um bom pedaço do toucinho que pendia

do teto. lançando-o na sopa, indo logo em seguida conversar com seus visitantes, para que estes não se sentissem abandonados.

Baucis pegou a melhor toalha que possuíam, toda velha e cheia de furos de traças; ergueu-a para o alto duas ou três vezes, inflando-a, até que a peça desabou exaurida sobre a madeira escura da mesa, com o ânimo triste e abatido das mortalhas. A sopa, a essa altura, já estava pronta. Baucis trouxe logo para a mesa a panela de barro fumegante. Em seguida, depositou sobre a mesa um cesto contendo um pão, ainda em bom estado, e um pequeno pedaço de queijo. Para completar, o velho anfitrião retirou de seu esconderijo uma garrafa de vinho.

— Os senhores nos perdoem se não for o bastante — disse o velho, obsequioso. depositando a garrafa diante de Júpiter -, mas é a única que nos restou.

Começaram todos, assim, a se regalar como podiam com aquela prosaica refeição.

— O senhor não bebe? — disse-lhe, de modo vago, Júpiter.

O velho, afetando uma dor de lado, fez que não. No entanto, ao voltar os olhos para sua querida garrafa, percebeu que ela estava, diante de si, cheia até o gargalo, embora os visitantes estivessem com seus copos também cheios, até as bordas. Compreendendo tudo, o velho ergueu-se, assombrado:

— Júpiter todo-poderoso! — exclamou Filemon, virando-se para sua esposa. — Baucis, é o pai dos deuses quem temos diante de nós!

A pobre velha, engasgando-se, teve de ser socorrida pelo filho de Júpiter, antes de entender direito o que se passava.

— Que vergonha! — exclamava Filemon, cobrindo o rosto com as mãos. -Veja, Baucis, querida, o que temos a coragem de servir para Júpiter e seu filho...

Júpiter, entretanto, acalmou os dois velhos, dizendo-se muito satisfeito com aquela refeição. E ordenou aos amáveis anfitriões:

— Agora, levantem-se e me acompanhem.

Júpiter saiu porta afora, levando atrás de si os dois velhos, que, apoiados com dificuldade em seus cajados, procuravam acompanhar o passo firme dos dois deuses. Subiram todos à montanha vizinha e, uma vez ali, Júpiter perguntou-lhes o que mais desejavam na vida.

Depois de conversarem baixinho por um bom tempo, os dois velhinhos chegaram a um acordo.

— Queríamos a graça de não sobrevivermos um ao outro — disse Filemon. Tão logo terminou de falar, um terrível temporal desabou sobre a campina onde ficava a humilde choça. Os dois velhos, aterrados, viram então todo o vale cobrir-se de água, fazendo desaparecer todas as outras casas onde os deuses haviam sido mal recebidos. Passaram, assim, mortos, na corrente

raivosa das águas, o primeiro anfitrião, que sequer lhes ouvira o pedido, depois o velho bêbado, junto com dezenas de seus convidados, e, finalmente, o casal de amantes, abraçados em meio à correnteza.

A modesta choupana de Filemon e Baucis também parecia ruir, o que arrancou de Baucis um grito de terror:

— Filemon querido, nossa casa também se vai!

No entanto, no lugar da choupana que ruíra, colunas de mármore levantavam-se. Escorado sobre elas repousava um magnífico e solene teto de ouro. Paredes, também do mais fino mármore, fixavam-se, além de uma magnífica porta prateada, onde figuravam os mais belos baixos-relevos.

— A partir de hoje vocês serão os sacerdotes exclusivos deste templo! — disse-lhes Júpiter, retirando-se com seu filho, sob os olhos agradecidos dos velhos.

Passaram a viver ali, em meio à fartura, Filemon e Baucis, até a mais extrema velhice — pois Júpiter ainda lhes acrescentou muitos anos de vida, repletos de saúde. Mas, como tudo tem um fim para os mortais, um dia, quando ambos estavam sentados nos degraus do palácio, Baucis deu um grito:

— Filemon, o que é isto em seus pés?

Um tufo de ervas começara a surgir do velho, enquanto ele falava. O mesmo fenômeno repetia-se com a sua esposa, que já tinha as pernas inteiras recobertas de vegetação. Aos poucos seus corpos foram recobrindo-se de folhas, até que em poucos minutos viram-se ambos transformados em duas belas e imponentes árvores, de raízes e galhos entrelaçados para sempre.

O RAPTO DE EUROPA

Há muito tempo atrás, havia no reino de Tiro um rei, Agenor, cuja filha era muito bela. O nome dela era Europa, e Júpiter apaixonou-se perdidamente por sua beleza.

— Que linda mulher! — exclamava o deus dos deuses, cuidando, no entanto, para não ser ouvido por Juno, sua ciumenta esposa. — Tenho de possuí-la, a qualquer preço.

Movido por essa determinação, Júpiter decidiu utilizar-se de seu estratagema principal, ou seja, o de se metamorfosear em algum ser ou coisa. Por alguma razão, Júpiter jamais aparecia diante das suas eleitas na sua forma pessoal, preferindo assumir sempre uma outra aparência qualquer. Assim, depois de muito pensar, decidiu transformar-se num grande touro, branco como a neve. Completada a transformação, Júpiter desceu à Terra envolto numa grande nuvem.

Em uma das praias do rei de Tiro e pai de Europa, um rebanho dócil de touros pastava num relvado próximo ao mar. Sem que ninguém percebesse, uma grande nuvem foi se aproximando, até que dela desceu o grande touro, indo colocar-se em meio aos demais. Os seus

novos colegas de rebanho, a princípio assustados com aquela súbita aparição, abriram um espaço assim que ele pousou sobre a grama. No entanto, como o alvo touro se mostrasse manso e dócil, teve logo sua presença admitida, sem maiores contestações.

Ali esteve misturado aos demais, contrastando em relação ao pêlo escuro dos outros touros, até que de repente a bela Europa surgiu com suas amigas, rindo e cantando por entre as areias da praia. As suas companheiras eram belas, também, mas, assim como Júpiter destacava-se em seu rebanho, a filha de Agenor destacava-se em meio ao seu encantador e animado grupo. Era uma manhã luminosa, o sol brilhava sem ferir os olhos, e o céu tinha um tom manso e azulado como os olhos do touro, que observavam, atentos, a aproximação de sua amada.

— Vejam só que belo rebanho! — exclamou Europa, ao ver os **boa** ajuntados. — Mas o que será aquela mancha branca em meio a eles?

A jovem, destacando-se do grupo, avançou correndo, levantando a barra da sua túnica rendada, que lhe descia até um pouco abaixo dos joelhos. *Quando* chegou perto de Júpiter, seus seios arfavam sob a fina gaze de suas vestes. Os grandes olhos azuis do touro branco pousaram sobre a face corada de Europa, de tal modo que a moça não pôde deixar de observar o seu intenso brilho.

— Um touro branco! — disse a moça, encantada. — E que lindos olhos ele tem! Todas as amigas ajuntaram-se em torno ao animal, que, no entanto, tinha seus grandes olhos azuis postos somente sobre a bela filha do rei. A moça, postando-se ao lado dele, começou a alisar o pêlo sedoso de seu dorso branco, enquanto admirava os seus pequenos e delicados cornos, que tinham o brilho cristalino das melhores pérolas. Embora o aspecto do animal fosse suave, a sua musculatura era rija, o que Europa pôde comprovar ao alisar o seu pescoço. Alguns espasmos musculares percorriam o pêlo do touro a cada vez que Europa o acariciava. De vez em quando o animal inclinava a cabeça, fazendo-a deslizar discretamente pelo flanco de Europa, erguendo com suavidade a fímbria de suas vestes. A filha de Agenor, contudo, permitia tais liberdades por julgá-las apenas um brinquedo inocente do magnífico animal.

Retirando-o do grupo, Europa levou-o para passear nas areias da praia, dando-lhe com as mãos algumas flores, que o touro comeu alegremente. Depois, ele pôs-se a correr ao redor da moça, enquanto as outras o perseguiam, fazendo-lhe festas e agrados.

Como o sol começasse a se tornar quente demais — pois era o auge do verão -, as moças, cansadas momentaneamente da brincadeira, despiram-se para dar um breve mergulho no mar. Europa, entretanto, preferiu ficar na areia, a brincar com seu touro branco. Assim, enquanto suas amigas banhavam-se, Europa colhia outras flores, compondo com elas uma bela grinalda que depositou em seguida sobre os chifres do animal. Depois, montada sobre as suas costas, foi

conduzida por ele num trote manso. Enquanto o animal a levava, emitia um pequeno mugido, em sinal de orgulho e satisfação.

As amigas de Europa, entretanto, ao verem a nova diversão que a filha do rei inventara, saíram todas correndo do mar, num passo rápido que fazia balançar seus pequenos seios molhados. Júpiter, porém, ao vê-las avançarem para si, temeu que fossem desalojar Europa das suas costas. Realmente, logo uma delas tocou a cabeça do touro, com a mão coberta de sal: — Vamos, Europa, deixe-nos andar um pouco! — disse a moça, impaciente.

Júpiter, porém, aproveitando a relutância que Europa manifestava em descer. lançou-se para a frente, num salto ágil, tomando o rumo do mar.

— Ei, esperem, aonde vão?... — exclamou uma das amigas de Europa, com as mãos pousadas na cintura.

Júpiter, surdo aos gritos, arremeteu em meio às mulheres que avançavam pela água, obrigando-as a se afastarem, assustadas, para todos os lados.

— Socorro! — gritava Europa, estendendo-lhes as mãos, apavorada com o ímpeto repentino do animal.

O touro, entretanto, avançava mar adentro, deixando atrás de si as mulheres pela praia, a sacudir os braços, impotentes. Imaginando que o touro enlouquecera, temeram que tanto Europa quanto o animal terminariam afogados, logo que ultrapassassem a rebentação. Surpreendentemente, porém, o touro rompeu as ondas, lançando-se num trote ainda mais ágil do que aquele que usara nas areias fofas da praia. E assim se afastou cada vez mais da praia, enquanto Europa procurava manter-se agarrada aos chifres de seu seqüestrador.

— Pare... ! Para onde está me levando? — perguntava Europa, enquanto o touro permanecia firme no seu galope, saltando sobre as ondas com a mesma destreza de um golfinho.

Vendo, porém, que o animal parecia determinado a conduzi-la para algum lugar, Europa começou a clamar por socorro, invocando a proteção de Netuno:

— O deus dos mares, veja em que aflição me encontro! — disse a moça, recebendo em seu corpo o vento e as ondas geladas.

De repente, porém, tendo já avançado imensamente pelo oceano, o touro voltou para trás a cabeça e começou a conversar com a assustada Europa.

— Nada tema, bela Europa! — disse o animal. — Eu sou Júpiter e a levo comigo para a ilha de Creta, onde casaremos e você será honrada com uma ilustre descendência.

Europa, mais calma, manteve-se agarrada aos chifres de seu futuro marido. Dentro em pouco chegaram ambos à ilha que o deus dos deuses anunciara. Tão logo teve os pés postos sobre o chão outra vez, Europa viu o touro branco assumir a forma esplendorosa de Júpiter.

Impaciente, o deus supremo carregou-a para dentro da ilha, enquanto Europa ainda tentava ensaiar alguma reação. Das núpcias deste casal surgiriam três lindos filhos, dentre os quais Minos, futuro rei de Creta.

ARGOS E IO

Amanhecia no Olimpo. Juno, a rainha dos céus, acordara há pouco e percebera que estava só em seu leito. Júpiter, seu esposo, já havia levantado.

"Por que terá levantado tão cedo?", perguntou-se Juno, algo desconfiada. Há vários dias o seu esposo vinha apresentando um comportamento estranho. "Deve estar me preparando alguma...", pensou consigo mesma.

Abrindo as cortinas de seu maravilhoso quarto, a ciumenta deusa relanceou o olhar por sobre a vastidão do mundo, até fazê-lo recair, finalmente, sobre uma imensa nuvem escura que cobria a região que cercava o rio Ínaco, na Grécia. Curiosa, Juno resolveu descer até lá para ver o que se passava. Em má hora. porém, tomara esta decisão, pois abaixo desta grande nuvem escura estava seu marido, Júpiter, fazendo amor com a ninfa Io, filha do rio. Há vários dias que o deus adquirira o hábito de dar estas ligeiras escapadas até as margens daquele rio, para desfrutar dos prazeres da nova amante. Como temesse, porém, que a sua esposa viesse um dia a descobri-los, estendera sobre o céu daquela região um imenso tapete de nuvens negras. De repente, sua bela amante, que estava deitada sobre a relva, percebeu que a nuvem se desfazia e que em meio a seus farrapos surgia a robusta e vingativa Juno.

— Júpiter, sua esposa está chegando! — exclamou, assustada, a bela ninfa, procurando cobrir-se rapidamente.

Júpiter, levantando a cabeça do peito nu de Io, voltou o olhar para o céu, enquanto passava a mão em seu manto. Imediatamente ergueu-se, com os cabelos ainda revoltos, e disse à bela amante:

— Não se assuste, Io querida, mas serei obrigado a metamorfoseá-la em algo...

Sem esperar resposta, transformou-a numa novilha.

No mesmo instante, Juno descia à Terra, pousando às margens do rio.

— O que faz aqui, parado diante desta vaca? — perguntou a deusa, irritada.

— Eu? — gaguejou Júpiter. — Bem, eu estava passeando por esta bela região quando vi pastando mansamente, às margens deste belo rio, esta encantadora novilha. Achei-a tão linda que fiquei observando-a um pouco.

Juno, fingindo acreditar nesta desculpa indigna de um deus, acercou-se da novilha, como se fascinada com a beleza do animal:

— É, de fato, uma bela novilha — disse, alisando o pêlo sedoso e macio. Estudou o animal durante um tempo, enquanto Júpiter a observava, temeroso.

— Realmente magnífica — disse a deusa, por fim. — Dê-a para mim, querido Júpiter!

O pai dos deuses não sabia o que dizer, diante do inesperado pedido. Como negar o presente, sem atiçar de modo definitivo as suspeitas da esposa? Viu-se ?brigado a ceder o animal a Juno, e assim foram embora, a novilha sendo puxada pelos cornos pela satisfeita deusa, que parecia muito feliz com o presente.

Tão logo chegaram ao Olimpo, Juno chamou o seu fiel criado Argos:

— Argos, tenho uma tarefa para você — disse, de modo imperioso.

— Pois não, rainha das deusas — disse a estranha criatura, que possuía cem olhos.

— Está vendo esta novilha? — perguntou Juno, apontando para Io disfarçada.

— Sim, poderosa Juno, meus cem olhos não poderiam deixar de admirar tão belo animal.

— Silêncio! — disse a deusa, com rispidez. — Quero apenas que a leve para um local afastado, mantendo-a sob a mais estrita vigilância.

Argos obedeceu, retirando-se logo em seguida juntamente com a infeliz >. A pobre ninfa derramava escondida grossas lágrimas de pesar, enquanto era carregada pelo horrendo criado para um vale deserto. Uma vez ali, Argos soltou-a, sentando-se numa alta pedra, de onde podia observar toda a região.

Assim, fosse dia ou noite, a atenta criatura jamais despregava sua multidão de olhos da infeliz Io. Nem para dormir o gigante deixava de vigiá-la, pois jamais fechava mais de dois olhos durante o seu sono desperto. Desta maneira viveu Io durante muito tempo, lamentando a sua sorte: "Jamais me livrarei da vigília deste maldito monstro", ponderava a pobre Io, enquanto arrancava do solo os horríveis tufos de grama, que engolia sem mastigar.

Júpiter, saudoso dos prazeres de sua adorável Io, foi disfarçadamente até os estábulos do Olimpo e lá ficou sabendo do ardil da esposa. Indignado, mandou chamar imediatamente o seu fiel Mercúrio.

— Tenho uma sigilosa missão para você — disse o deus dos deuses para o filho. — Quero que você descubra onde está a minha adorada Io e a traga de volta. Mas antes deverá matar Argos, o gigante que a mantém prisioneira.

— Assim o farei — disse Mercúrio, disposto a dar cumprimento às ordens. Disfarçou-se em pastor, escondendo as asas num manto que o envolvia por inteiro. Levava consigo o caduceu, bastão de ouro capaz de fazer adormecer qualquer ser vivente.

Em um instante Mercúrio percorria velozmente todos os vales e pastos da Grécia, tentando descobrir onde estava o esconderijo de Io. Sobrevoava uma certa região quando

finalmente a avistou. Tomando o aspecto de um pastor, juntou algumas ovelhas e desceu à Terra. Foi se aproximando, lentamente, com um ar distraído, enquanto tocava sua flauta de Pã.

— Que instrumento maravilhoso é este? — perguntou Argos, tão logo percebeu a chegada do forasteiro. — Aproxime-se, jovem pastor, e toque um pouco mais

— Lindo dia, não? — foi dizendo de modo jovial o pastor, fingindo não perceber a novilha, já que Argos permanecia com seus outros noventa e nove olhos postos sobre ela. — Esta é minha flauta, e com ela procuro distrair o tédio durante minhas caminhadas — disse, chamando a atenção do segundo olho do monstro.

"Onde arrumarei mais noventa e oito novas distrações?", pensou Mercúrio.

— Esta bela flauta que você está vendo foi criada pelo deus Pã — continuou a dizer o filho de Júpiter. — Existe, a propósito, uma lenda interessante que descreve a sua invenção.

— E mesmo? — disse Argos, que adorava lendas.

— É uma bela história, na verdade! — acrescentou Mercúrio e em seguida começou a narrá-la, tornando-a aborrecida na tentativa de adormecer o monstro. *Haveis de saber, ó vós que me ouvis, que em eras mais recuadas os mais encantadores e majestosos bosques de toda a Grécia foram brindados com o surgimento de uma esplendorosa ninfa. Seu nome era Sirinx, cujos lábios carmesins tinham o odor das açucenas e o tom escarlate das cerejas...*

Ele contou, naquele mesmo estilo enfadonho, que a bela ninfa jurara jamais se entregar a homem algum, sendo devota fiel de Diana, a deusa da caça e das matas, protetora da virgindade. Um belo dia o deus Pã, passando por uma vereda do bosque, avistou-a voltando da sua caçada e apaixonou-se perdidamente. Saiu correndo em seu encalço, mas a ninfa fugiu a toda pressa por entre as árvores do bosque, até chegar à margem do rio. Ali o impaciente Pã, num salto ágil de seus pés de bode, conseguiu agarrá-la pela cintura. Apavorada, Sirinx pediu o auxílio de suas amigas ninfas, que imediatamente a tiraram das mãos do sátiro, deixando em seu lugar apenas um feixe de juncos. O pobre Pã, desconsolado, deixara-se cair ao chão, segurando o seu miserável prêmio. No entanto, ao dar um suspiro, seu sopro passou por entre as varetas, produzindo um som melodioso, que encantou o infeliz amante. Tomou alguns dos juncos, de tamanhos desiguais e, colocando-os lado a lado, criou um novo instrumento, conhecido por "flauta de pã", que o consolou da perda que sofrerá.

Mal Mercúrio terminou de contar essa história e o seu adversário já havia adormecido. Assim que ele percebeu que todos os olhos de Argos estavam cerrados, tomou sua varinha mágica e redobrou de intensidade o sono do inimigo. Depois, puxando da sacola uma grande espada, aproximou-se da presa fácil e desceu a lâmina sobre o pescoço do pobre Argos, decepando sua cabeça, que rolou pelo chão com seus cem olhos arregalados de espanto.

Retirando Io daquele lugar maldito, disse-lhe:

— Pronto, agora já está livre!

Juno, ao descobrir o horrível fim que tivera Argos, encheu-se de tristeza. Depois, recolhendo os cem olhos do monstro, colocou-os na cauda de seu pavão de estimação, homenageando desta forma o seu desastrado e infeliz servidor. Mas ela, que não era mulher de lamentações, decidiu ainda se vingar da causadora daquela tragédia. Para tanto convocou ao seu palácio uma das Fúrias, as deusas do ódio, da vingança e da justiça, nascidas do sangue de Urano quando este fora mutilado.

A deusa dos castigos apresentou-se imediatamente.

— Quero que *você* atormente esta desgraçada, perseguindo-a até os confins da Terra! — ordenou Juno, tomada pela cólera.

A Fúria, tomando a forma de uma gigantesca mosca, saiu pelos ares em busca de Io, que ainda estava metamorfoseada numa novilha. Tão logo a avistou, voou até ela cobrindo-a de picadas. Io, apavorada, disparou numa correria louca pelo mundo, levando sempre atrás de si o terrível inseto. Fugiu, atravessando vários países, até chegar às margens do Nilo, onde tombou, enfraquecida pela fadiga. Júpiter, sabedor de mais este ato de crueldade da incansável esposa, decidiu pedir perdão a ela, prometendo que jamais tornaria a procurar a bela Io, desde que Juno cessasse de atormentá-la e lhe devolvesse a sua antiga forma.

Juno aceitou a proposta, e assim, Io, enquanto se recuperava do cansaço, ainda às margens do Nilo, percebeu que retomava, aos poucos, seu antigo aspecto. Seu rosto lentamente diminuía de tamanho, enquanto seus chifres recuavam para dar lugar outra vez a seus negros e sedosos cabelos. As patas dianteiras foram ganhando novamente o formato de seus antigos braços, enquanto os cascos retornavam à condição de mãos. Tão logo retomou a sua esbelta forma, passou a viver no seu novo país, onde se tornou uma deusa muito venerada.

O JAVALI DE CALIDON

Sete dias haviam passado desde o nascimento do pequeno Meleagro. Sua mãe, Altéia, recuperava-se do parto. Altéia era casada com Enéas, o rei de Calidon. que estava muito feliz com o nascimento do filho. A noite já caíra sobre o palácio, quando a jovem mãe recebeu a visita inesperada das Parcas, as deusas que presidem o destino. Eram três irmãs e andavam sempre juntas. Sua ocupação incessante era fiar e desfiar o destino dos mortais.

— Rainha, viemos até aqui para lhe dar um trágico aviso — disse Cloto, uma das Parcas, sem desviar os olhos do seu trabalho de tecelã.

Altéia ergueu a cabeça do encosto de seu divã, encarando-as, assustada.

— Um trágico aviso? — disse ela, voltando-se imediatamente para o berço, onde seu filho dormia sossegadamente.

— E exatamente sobre este inocente — disse a outra Parca, que se chamava Laquesis e cuja atribuição era marcar o número exato dos dias de vida que cabem a cada mortal.

— Não...! — exclamou a rainha, lançando-se aos pés do berço.

— Veja aquele tição que arde na lareira — disse Átropos, a terceira Parca. responsável por cortar o fio da vida humana, quando ela chega ao seu final. — O tempo de vida de seu filho não será mais longo do que o tempo que aquele tição levará para arder até o fim!

Altéia, apavorada, lançou-se até a lareira. De joelhos, diante das chamas, introduziu a trêmula mão dentro das brasas, tirando dali o tição fatal. Em seguida, apagou-o nas dobras de suas vestes. Quando se voltou, porém, as três mensageiras já haviam desaparecido. Imediatamente correu para o quarto e guardou o tição apagado, com todo o cuidado, no seu baú mais secreto.

Muitos anos se passaram. Meleagro teve uma infância feliz e cresceu até tornar-se um jovem robusto e saudável. Um dia estava conversando com seu pai. Enéas, quando um escravo surgiu correndo, trazendo uma assustadora notícia.

— Meu rei, um monstruoso javali está devastando todo o reino! — disse, com os olhos esgazeados e as mãos postas na cabeça.

Meleagro ficou perplexo. Seu pai, no entanto, desconfiava já da razão daquela terrível praga.

— Acho que sei o que é, meu filho — disse o rei, um tanto vexado. — Deve ser um castigo de Diana, a cujo sacrifício faltei alguns dias atrás.

De fato, a deusa dos caçadores estava encolerizada com o rei de Calidon e por esta razão mandara o terrível javali para devastar, sem piedade, todas as plantações e rebanhos que encontrasse pela frente. Tão grande era a fúria do animal, que os campos ficavam desertos depois da sua terrível aparição. O monstro já despedaçara diversos aldeões, invadindo até mesmo as casas para matar e comer o restante de seus habitantes. Todo dia chegavam às portas da cidade imensos contingentes de camponeses feridos em busca de refúgio.

Meleagro logo se prontificou a enfrentar a fera.

— Deixe comigo, meu pai! — disse, feliz com a oportunidade de exercitar a sua juventude e valentia.

— Cuidado, meu filho — advertiu o pai, que temia, na verdade, mais a fúria ia deusa do que a do próprio animal.

— Não se preocupe. Reunirei os melhores homens deste reino e juntos daremos caça ao monstro, até exterminá-lo.

Empolgado, o jovem retirou-se a toda pressa, subindo em seu cavalo para reunir seus companheiros de caçada. No mesmo dia estavam já todos à beira do campo, prontos para partir. Enéas, no entanto, aconselhou Meleagro a refrear o seu ímpeto e a partir somente na manhã seguinte, pois seria suicídio enfrentar a fera durante a noite.

Impacientes, os caçadores montaram um acampamento na saída da cidade, sem voltar às suas casas, tal a ânsia de darem caça ao temível javali. Entre eles havia personalidades famosas, como os irmãos Castor e Pólux, Jasão, Teseu, entre muitos outros. Também unidos ao grupo estavam dois tios de Meleagro, irmãos de sua mãe Altéia.

Misturada ao grupo havia, ainda, uma mulher. Seu nome era Atalanta, uma bela jovem, filha do rei da Arcádia. A bela moça trajava-se como uma amazona, com um dos peitos a descoberto, como é hábito naquelas valentes guerreiras. Meleagro, tão logo a viu, apaixonou-se perdidamente. Durante toda a noite tentou se aproximar dela, mas era sempre interrompido por alguém, de modo que teve de aguardar o outro dia para declarar-se.

Quando o primeiro raio do sol surgiu no horizonte, já estavam todos em pé, tendo feito o desjejum sob a pálida luz da aurora. Atalanta estava a um canto, prendendo os cabelos com uma tiara, a fim de não ter a visão prejudicada. Antes que Meleagro pudesse conversar com ela, a jovem montou agilmente sobre o dorso de seu cavalo, deixando à mostra suas coxas bronzeadas e firmes, cobertas por uma fina penugem dourada. O cavalo branco abriu os grandes dentes, mastigando o freio, enquanto Atalanta o conduzia para junto dos homens, que faziam retinir suas lanças e seus arcos em meio à semi-escuridão.

— Companheiros, é chegada a hora de enfrentarmos a fera! — gritou

Meleagro, lançando um último olhar sobre Atalanta, que lhe devolveu um olhar intrigado. — Adiante, caçadores! — disse, esporeando sua montaria.

O ruído intenso do galope das montarias feriu a manhã, como se um trovão partido do próprio solo se erguesse até as nuvens, levantando dos galhos das árvores uma multidão de aves assustadas. Durante o trajeto, mata adentro, os caçadores cruzaram com diversos cadáveres de animais mortos, todos esquartejados. Mais adiante encontraram um boi partido ao meio, cuja cabeça pendia de um galho, como se a fera já soubesse da vinda dos caçadores e os aguardasse com aquele troféu macabro.

— Atenção, todos! — exclamou Meleagro, fazendo sinal para que suspendessem o galope — Creio que encontramos o covil da fera.

De fato, uma trilha de sangue conduzia para a entrada de uma gruta escura, que parecia ter sido aberta há pouco pelas presas imensas do animal. Um dos guerreiros desmontou e foi investigar a entrada.

— Cuidado, vá com calma... — disse Teseu, que estava próximo.

O bosque inteiro estava coberto de redes para apanhar o animal. Logo na saída da gruta estava montada a principal delas — uma grande tela de tecido reforçado, na qual o animal acuado acabaria, fatalmente, por se enredar, tão logo I enveredasse para aquele lado. O caçador aproximou-se ainda mais da entrada da gruta com uma tocha. Estavam todos esperando a saída do monstro quando, vindo por trás das costas de todos, o javali monstruoso surgiu, sem que ninguém o percebesse. Meleagro sentiu roçar-lhe nas pernas as cerdas eriçadas do javali, que num salto lançou-se às costas de um infeliz caçador, empurrando-o para dentro da gruta. Um horrível grito partiu de dentro da caverna, enquanto todos se I acercavam de sua entrada, de lanças em punho. Teseu, desmontando, já ia entrando na gruta, quando o corpo do caçador foi arremessado para fora da caverna, em pedaços.

— Maldito assassino! — gritou Meleagro.

Atalanta, um pouco mais atrás, adiantou a sua montaria, colocando-se também na linha de frente, à espera da saída da fera. Os cães pulavam ao redor esganiçando-se, quando o gigantesco javali surgiu finalmente da boca escura da caverna, num segundo arremesso que encheu a todos de assombro. O animal parecia ter asas. Mas foi somente quando ele se enredou nas malhas da rede que o aguardava na entrada de uma clareira que todos puderam avaliar o seu real tamanho. De fato, a sua estatura excedia a de qualquer outro javali jamais visto. Seus olhos despediam fogo, e uma baba leitosa pendia, espumante, de suas gigantescas presas, ainda vermelhas de sangue. Durou pouco, porém, a sua prisão, pois, debatendo-se com fúria sob as cordas, em poucos segundos as fez em pedaços, como se estivesse envolto por uma simples teia de aranha, arrancando pelas raízes as duas árvores que sustentavam a rede. Com outro rugido bestial — que pareceu a todos uma risada monstruosa — a fera arremessou-se para dentro da mata, metendo-se por entre os troncos grossos das árvores, enquanto ia limpando o terreno com suas presas, diante das quais nada resistia.

— Atrás dele! — rugiu Meleagro.

Um novo estrondo de cascos ressoou por toda a floresta. Os cavalos, relinchando, lançaram-se num galope cego em meio às árvores, enquanto os cães iam à frente, de dentes arreganhados, parecendo disputar o privilégio de cravar por primeiro os dentes no flanco do animal. Meleagro passou com sua montaria na dianteira, mas logo viu que o cavalo branco de Atalanta lhe ultrapassava. A guerreira mantinha as rédeas presas com duas voltas em sua mão

direita e com a esquerda empunhava a lança. Logo atrás, os demais caçadores avançavam num estrépito de gritos e armas que fazia eco por todo o bosque. As árvores passavam numa velocidade vertiginosa. Já podiam divisar agora o javali, que tinha no seu encalço um dos cães. Mas, desejando livrar-se do cão, que já o mordera duas vezes, o javali deu uma cambalhota e foi parar um pouco mais adiante, de frente para seus perseguidores. O cão, surpreendido por aquela inesperada ofensiva, travou, a princípio, o passo. Em seguida avançou novamente, pronto para o corpo a corpo inevitável. Infelizmente para ele, o combate era demasiado desigual. O javali, pelo menos sete ou oito vezes maior do que o valente cão, atracou-se com o seu agressor, deixando as presas de lado e cravando os dentes na cabeça do cachorro. Ouviu-se um ganido rápido e terrível, e logo o cadáver do cachorro era lançado ao chão, numa poça de sangue.

Assim que terminou de matar o inimigo, o javali deu as costas outra vez aos seus perseguidores.

— Vamos lá! O maldito demônio está entrando naquela clareira! — berrou Meleagro. — Ali teremos espaço bastante para abatê-lo!

As rédeas foram guiadas naquela direção, e logo todos os cavalos entravam no campo aberto, que mediava entre um bosque e o outro. As flechas partiam silvando dos arcos, passando como raios prateados sobre a cabeça dos cavaleiros que iam à frente. A pele do animal, entretanto, era muito grossa, e suas cerdas atuavam como um escudo, fazendo com que somente algumas lhe penetrassem os flancos, o que não parecia lhe causar a menor dor, eletrizado que estava pela volúpia da fuga, que somente os animais verdadeiramente acuados conhecem.

Aos poucos, porém, o javali parecia perder o fôlego, deixando que os cavaleiros emparelhassem com ele. De fato, Meleagro já tinha a cabeça do animal quase ao alcance de sua lança. Mas a fera era esperta o bastante para desviar-se dos seus golpes. Em meio à correria, as patas de um dos cavalos ficou ao alcance das suas poderosas presas. O animal não desperdiçou a ocasião: mesmo na corrida, levantou o cavalo com um movimento extraordinariamente violento da cabe-.... fazendo cora que tanto o cavalo quanto o cavaleiro fossem arremessados para o ar, indo cair sobre os outros que vinham logo atrás. Atalanta, pressentindo uma sombra que descia do alto, ainda conseguiu, abaixando a cabeça, escapar do dorso do cavalo, que lhe passou rente aos cabelos. Uma seta disparada direto no olho do javali pela valente caçadora arrancou, finalmente, um urro de dor do animal.

Pela primeira vez o sangue espesso do monstro vertia em ondas pela campina.

— Bravo! — gritou Meleagro, lisonjeando a amada.

Atalanta, vermelha do esforço, prosseguiu, deixando escapar um discreto sorriso de satisfação.

O javali, cego pelo próprio sangue e sentindo o seu fim próximo, decidiu parar e enfrentar os agressores, num combate suicida. Um dos cães arrancou-lhe uma das orelhas com uma dentada certeira, enquanto outro cravou os dentes em seu focinho, o que o fez urrar de dor e pisotear o agressor até a morte. Mas logo Meleagro aproximou-se e, procurando com calma enquanto os demais o atacavam às cegas, enxergou um espaço desprotegido no flanco do javali. Inclinando-se até sentir o cheiro do suor e do sangue do animal, Meleagro enterrou ali a sua lança, com toda a força de que era capaz. Porém o fez com tal vigor e determinação que sua mão raspou nas cerdas do javali, deixando ali raspas da sua pele.

O javali tombou mortalmente ferido, escarvando o chão com as patas. Os demais caçadores caíram em seguida sobre a presa, terminando de abatê-la. Atalanta tinha o seio descoberto rijo e lustroso de suor. Meleagro, aproveitando o entusiasmo, uniu seu corpo ao dela, ainda em cima dos cavalos, num abraço audacioso e imprevisto, que a deixou confusa, sem saber se o repelia ou se o estreitava ainda mais. Meleagro, num pulo, sacou a espada, arrancou a pele do animal, bem como a enorme cabeça, e as ofereceu à sua amada, como prêmio pela vitória.

Os tios de Meleagro, no entanto, levantaram-se, indignados com aquela audácia:

— Cale-se, Meleagro! — gritou enfurecido um deles. — Troféus não são para mulheres!

Descendo do cavalo, o homem arrancou brutalmente das mãos de Atalanta o precioso troféu, num gesto que acendeu a ira do sobrinho. Instantaneamente. Meleagro, cego pela fúria, enterrou no peito do tio o aço inteiro da espada, fazendo o mesmo com o outro tio, que tentava impedi-lo. Enquanto isso, na cidade a notícia da vitória já chegara. Altéia, mãe de Meleagro, dirigiu-se ao templo para agradecer pela vitória do filho. No caminho, porém, cruzou com os corpos de seus dois irmãos. Espantada com a notícia de que Meleagro os havia abatido. Altéia, enfurecida, correu de volta para casa. Recolhida no seu quarto, viu a lareira acesa e imediatamente lembrou-se da profecia das Parcas. Num gesto de desespero, abriu o baú secreto onde mantinha guardado o tição fatal. Tendo nas mãos trêmulas o pedaço de madeira semicarbonizado, levou-o até as chamas.

— Filho perverso, assassino de seu próprio sangue! — gritava, descabelando-se.

Consumida pela dúvida, porém, hesitou ainda quatro vezes antes de lançar o tição às chamas. Mas finalmente o jogou no fogo.

— Que pague por seu crime, mesmo sendo meu próprio filho! — exclamou Altéia.

Enquanto tentava convencer a si mesma da justiça de seu ato, as chamas devoraram o tição. Meleagro, longe dali, agonizou sob a dor terrível das chamas, sem saber que sua própria mãe era a causadora de sua morte. Atalanta, segurando-o em seus braços, recebeu na face o último e ardente suspiro do filho de Altéia.

A notícia da morte de Meleagro correu como o vento por todo o reino. Tomada pelo remorso, com o semblante alterado, Altéia correu para seus aposentos e enterrou uma longa adaga no coração. Antes mesmo de expirar, Altéia já estava morta.

O TOQUE DE MIDAS

— Alguém viu por aí aquele bêbado do Sileno? — perguntou Baco, sem receber resposta.

Sileno, preceptor de Baco, não passava um dia sem aprontar alguma. Sempre embriagado e montado no seu burrico, vagava o dia inteiro, sem rumo certo, até ser encontrado dias depois, caído pelos caminhos, a dormir o pesado sono dos bêbados.

Desta vez não foi diferente. Tonto pela bebida, Sileno enveredara por uma estrada diferente, esfalfando seu burrico, até chegar ao reino do poderoso Midas. Internando-se num bosque, encontrara logo uma árvore e ajeitara-se sob a sua sombra, para pôr o sono em dia. Alguns camponeses que passavam por ali logo o reconheceram.

— Vejam, aquele não é Sileno, pai adotivo de Baco? — disse um deles.

Os outros, parando em frente ao dorminhoco, logo o reconheceram como tal. Os camponeses colocaram-no ainda adormecido sob as ancas do seu burro e levaram-no até o palácio de Midas.

— Ora, se não é Sileno, pai de meu grande amigo Baco! — exclamou Midas, ao ver entrar em seu salão o velho bêbado, que já andava por suas próprias pernas. Midas gostava do alarido divertido que o velho gorducho promovia durante suas bebedeiras; por isto, resolveu fazer dele seu hóspede por algum tempo. Durante dez dias o velho bêbado alegrou a corte do rei, até que no décimo primeiro dia Midas levou-o de volta ao seu filho adotivo.

Baco, após dar uma descompostura no velho, agradeceu a Midas pelo grande favor que lhe prestara.

— Pode escolher, caro amigo, a recompensa que quiser — disse-lhe Baco, num ímpeto de generosidade.

— Qualquer coisa?... — perguntou Midas, surpreso. — Qualquer coisa *mesmo?*— Sim, claro, vamos lá, diga o que quer! — exclamou Baco, disposto a tudo. Midas parou um pouco para pensar. Milhares de coisas valiosas passavam por sua cabeça — coroas, troféus, estátuas, jóias -, sempre douradas e resplandecentes. De repente, teve uma brilhante idéia. Ou antes, uma *dourada* idéia:

— Quero que tudo o que eu toque vire ouro.

Baco, que havia prometido atender ao pedido, qualquer que fosse, tentou, no entanto, tirar essa idéia da cabeça de Midas:

— Meu amigo, acho que esta não é uma boa escolha — disse o deus, pousando amigavelmente a mão sobre o ombro do visitante.

Este, no entanto, surdo a qualquer razão, queria a todo custo que seu amigo cumprisse a promessa.

— Você disse *qualquer* coisa.

— Quer isto mesmo?

— Sim, claro, vamos! — disse Midas, impacientando-se.

Baco cedeu finalmente e, por meio de um passe mágico de mãos, conferiu ao angustiado Midas o poder de transformar tudo o que tocasse em puríssimo ouro.

— Obrigado mesmo! — exclamou Midas, aproximando-se para dar um abraço em Baco.

O deus, no entanto, esquivou-se num movimento rápido e afastou-se dando-lhe adeus.

Para testar o seu novo poder, Midas estendeu uma das mãos para um galho seco que pendia de uma velha árvore.

— Vamos ver... — murmurou, numa expectativa ansiosa.

Nem bem tocou no galho, no entanto, a casca começou a se esfarelar, surgindo por baixo uma cor dourada.

— Funciona! funciona! — gritava pelas veredas do bosque o rei, sapateando de euforia. — Serei o rei mais rico do mundo!

Seguiu assim, saltitando e tocando em tudo o que via: tocou numa pedra e ela virou uma grande pepita de ouro; arrancou uma maçã de uma árvore e ela ganhou a cor dourada e pesou na suas mãos; achou uma velha fivela de metal e viu-a logo resplandecer diante de seus olhos.

Midas chegou em casa com os bolsos abarrotados de insetos, galhinhos. folhas e pedras de ouro — pois não quis deixá-las espalhadas pelo caminho, incerto ainda da duração do seu novo e maravilhoso poder.

— A rainha já chegou? — perguntou, assim que entrou no palácio. Os criados responderam que não, ela ainda não havia chegado.

"Onde andará essa mulher?", pensou, impaciente para lhe contar a novidade.

Midas sentou-se à mesa, para almoçar. Já passava de meio-dia, e a caminhada havia aberto seu apetite. Logo as baixelas de prata foram surgindo nos braços dos escravos. Um criado destapou a primeira, da qual se levantou uma nuvem branca e cheirosa. Os olhos do faminto Midas lutavam por devassar a nuvem e descobrir o que o aguardava.

— Pernil de carneiro com amêndoas e tâmaras! — exclamou, deliciado. Parecia até que o cozinheiro havia adivinhado que aquela era uma data especial. Outros pratos foram sendo colocados na mesa, cada qual mais apetitoso que o outro. Midas pegou o garfo — um magnífico

talher de prata que se converteu imediatamente em puríssimo ouro. Tão logo levou a primeira porção à boca, percebeu que mastigava as mais duras amêndoas da sua vida.

Levou a mão à boca, dela retirou alguns pedacinhos e viu que tinha entre os dedos três ou quatro pecinhas de ouro, minúsculas como pingentes.

Midas colocou o ouro de lado e decidiu atacar o assado. Como fosse guloso, arrancou um pedaço do pernil com as próprias mãos e meteu-lhe os dentes com todo **o** gosto. No mesmo instante, sentiu na boca a mesma sensação de haver mordido uma chapa de ferro. O seu canino estalou e Midas esfregou-o com o dedo, gemendo de dor. No mesmo instante, não só este dente como todos os demais transformaram-se em luzentes dentes dourados.

Lançando longe o pernil, Midas avistou um pêssego numa bandeja. Agoniado, agarrou-o num ímpeto voraz, apenas para perceber que tinha agora um pêssego de ouro maciço entre os dedos, lindo de ver, mas impossível de comer.

Neste instante a bela rainha entrou pela porta do salão. Estava linda como sempre, os cabelos molhados caídos de modo displicente sobre os ombros.

— Querida, tenho uma grande notícia! — disse Midas, lançando-se feliz em direção à esposa. — Você está diante do rei mais rico e poderoso da Terra! -exclamou, vermelho de satisfação.

— O que houve com os seus dentes? — perguntou a rainha, ofuscada pelo nono sorriso do rei.

— Vamos, me dê logo um abraço! — pediu o rei, eufórico.

A rainha, sem desconfiar de nada, deixou que o rei a envolvesse nos braços.

— Ricos, ricos, eternamente ricos! — gritava ele.

De repente, porém, sentiu que os membros da esposa enrijeciam-se. *D* rosto dela, colado ao seu, tornara-se repentinamente gelado, enquanto seus ombros haviam ficado dourados.

— Não! — gritou Midas, dando-se conta outra vez da sua horrível situação. — Rainha querida, o que houve com você?

Ali estava sua esposa, transformada numa estátua imóvel e dourada. Durante alguns minutos Midas esteve também paralisado, só que de espanto. Um ruído sibilino acordou-o de seu horrendo devaneio. Sobre a mesa, Mimeus, seu gato de estimação, o encarava, arregalando os grandes olhos de pupilas horizontais. Cercado de alimentos dourados, inúteis para ele, o gato parecia cobrar com seu miado estridente uma solução, o que encheu o coração de ouro do rei de um ódio assassino.

— Gato maldito, desapareça já da minha frente! — disse Midas, pulando na direção do gato, decidido a estrangulá-lo.

Errou, no entanto, o alvo, conseguindo agarrar apenas a cauda de Mimeus, que se transformou instantaneamente em ouro. O gato voltou-se para trás e, ao perceber aquela surpreendente transformação no seu traseiro, arreganhou os dentes e sumiu porta afora.

Mas a porta já se abria outra vez: era o cunhado do rei.

"Vem pedir dinheiro outra vez, o desgraçado!", pensou Midas com fúria. "Não adiantou fazê-lo ministro!"

— Quanto é desta vez? — rugiu, indo direto ao assunto.

O cunhado, aliviado por poder dispensar os preâmbulos, respondeu com um sorriso mais amarelo que o do dono da casa:

— Bem, quinhentas moedas está bom...

— Venha cá — disse Midas. — Antes, me dê um abraço.

E agarrou o infeliz pelos ombros, enquanto aguardava o resultado.

— Pronto, agora vai chegar para o resto da vida — rugiu, ao ver o cunhado virado em ouro.

O cunhado e ministro, encantado com a transformação, saiu correndo porta afora, disposto a vender-se inteiro ao primeiro que passasse. Toda aquela agitação, entretanto, provocou uma sede terrível em Midas, que agarrou uma jarra cheia de vinho e a emborcou. No mesmo instante, sentiu que um líquido espesso e ardente lhe descia pela traquéia até cair no estômago como chumbo derretido. Aterrado, espiou para dentro da jarra e viu no fundo um restinho do ouro liquefeito que acabara de ingerir.

Tomado definitivamente pelo pavor, Midas caiu de joelhos, levantando para o alto as suas douradas mãos.

— Baco, salve-me! — implorava. Tanto gritou o desgraçado que o deus acabou penalizado.

— Eu não o avisei? — perguntou Baco.

— Me tire desta situação, pelo amor de Zeus!

— Está bem, se acalme, vou ver o que posso fazer. Baco disse então a Midas que fosse até o rio Pactolo e procurasse a sua nascente. Uma vez encontrando-a, deveria mergulhar a cabeça nas águas, o que seria suficiente para fazê-lo voltar à normalidade. Midas, sem esperar mais, lançou-se porta afora. Após atravessar os campos, encontrou a nascente do rio e nela mergulhou a cabeça. No mesmo instante, as areias do rio ficaram douradas e os peixes tomaram a cor do sol, deixando-o livre para sempre da maldição.

Depois dessa cruel experiência, Midas tomou-se de tal nojo pelo ouro e pelas riquezas que decidiu morar no mato, abandonando todas as suas riquezas e indo viver na companhia de Pã, o deus dos bosques.

ALCESTE E ADMETO

Admeto, rei da Tessália, conseguira o que parecia impossível: a mão da bela Alceste, filha de Pélias. Após se apresentar diante dela num carro puxado por leões e javalis — extravagante condição imposta por Pélias para ceder a mão da filha -, Admeto tornara-se o mais feliz dos homens. Estava, agora, casado com uma linda mulher, vivia num belo palácio e tinha adoráveis filhos.

Um dia, porém, as coisas mudaram. Admeto adoeceu repentinamente. Uma doença que médico algum soube diagnosticar o lançou ao leito, de tal modo que ninguém esperava vê-lo erguer-se outra vez. Admeto estava entre a vida e a morte quando viu entrar pela porta, num dia chuvoso, as três Parcas — as deusas da morte, que comandam o destino dos homens.

— O que querem aqui? — perguntou, pressentindo algo ruim.

— Você — respondeu uma delas.

Admeto, assustado, cobriu a cabeça com o lençol:

— Por que querem me levar tão cedo? — indagou o doente, com a voz estrangulada pelo medo. — Vejam, sou moço, meus filhos são pequenos, e tenho ainda um reino inteiro para herdar.

Súplicas e lágrimas, porém, jamais comoveram as três soturnas mensageiras da Morte. Átropos, uma das Parcas, puxou do seio o novelo que marcava os dias de vida que ainda restavam para Admeto. Havia nele somente um restinho de fio.

— Eis o pequeno fio de vida que ainda lhe resta — disse a Parca, empunhando já a sua enorme tesoura, pronta para cortá-lo.

Admeto, aterrado, reuniu suas últimas forças e lançou-se de joelhos diante das três irmãs fatais:

— Por favor, por tudo o que é mais sagrado, deixem-me continuar a viver. Apolo, o deus predileto de Admeto, assistia à dor de seu devoto e decidiu interceder a seu favor diante das implacáveis irmãs, conseguindo que elas desistissem de seu objetivo mediante um compromisso.

— Alegre-se, Admeto, pois você não morrerá mais! — disse-lhe Apolo.

O pobre moribundo, ao receber a notícia, quase morreu outra vez, só que de alegria.

— No entanto, Admeto, há uma condição para que você retorne ao convívio dos vivos... — disse-lhe Apolo, com ar sério.

— Sim, claro! — disse Admeto, pulando da cama e tornando a vestir suas roupas, enquanto assobiava uma alegre melodia.

— Alguém terá de morrer em seu lugar.

— Como?

— É exatamente o que você acabou de escutar. Escolha alguém para morrer em seu lugar.

"Sim, muito justo." Alguém morreria em seu lugar, pensou Admeto. Não seria, afinal, coisa muito difícil encontrar alguém que se dispusesse a tomar o seu lugar na barca de Caronte. Para que serviria, então, a sua imensa legião de escravos e aduladores?

— Você tem uma semana para arrumar um substituto — disse o deus e se retirou em seguida.

Admeto, decidido a resolver logo aquela importantíssima questão, envolveu-se no seu manto impermeável e ganhou a rua, disposto a arranjar logo o tal substituto para a indesejável viagem. Foi direto à casa de seu melhor amigo, a quem favorecera desde garoto. Graças a isto, ele era hoje um dos personagens mais importantes da corte.

— Meu querido! — disse o amigo, ao ver chegar Admeto, todo molhado da chuva. — Venha, sente-se ao pé da lareira — completou, estendendo-lhe um copo de vinho.

— Preciso muito de um favor seu — foi logo dizendo Admeto.

— Um favor?

— Sim, preciso que você morra em meu lugar — disse Admeto, em sua ingênua confiança.

— *Morrer?* — exclamou o amigo, assombrado.

Admeto explicou-lhe, então, em breves palavras, a sua situação. Enquanto o fazia, o amigo engendrava em seu cérebro um modo de se esquivar. Quando Admeto concluiu, ele já tinha a sua desculpa pronta.

— Infelizmente, meu querido amigo, já tenho uma outra viagem programada há mais tempo.

Depois, pretextando um compromisso, pôs Admeto para fora de sua casa.

Admeto estava perplexo. Procurou, então, outro amigo e obteve a mesma resposta, sob outras palavras. Percorreu a cidade inteira, durante todo o dia, sempre debaixo de chuva, sem receber outra resposta. Até que retornou à noite pari casa com uma pneumonia que quase o desobrigou de encontrar um substituto.

A solução, pensou Admeto, só poderia estar dentro de sua própria casa. Decidiu enfileirar diante de si todos os criados:

— Preciso que um de vocês morra por mim — disse Admeto, com um ar solene. — Um só, porém, será o suficiente — completou, certo de que todos se lançariam a seus pés, felizes em poder provar a sua lealdade.

No entanto, não só nenhum deles deu um passo adiante, como recuaram todos até a parede, como se Admeto houvesse encostado em seus peitos uma espada afiada.

Faltavam apenas dois dias para que o prazo se esgotasse quando as Parcas retornaram.

— Já arrumou alguém para o seu lugar? — perguntou uma delas.

— Não, ainda não — confessou Admeto, de olhos baixos.

— Caronte atrasou a saída de sua barca apenas por sua causa e está louco para descarregar nas suas costas o seu pesado remo — disse outra Parca, raivosa.

— Não se preocupem — disse Admeto, assustado. — Arrumarei logo um substituto.

— Depois de amanhã a Morte virá buscá-lo — disse a última, retirando-se. Admeto, em pânico, decidiu recorrer a seus pais. Qual pai não daria a vida

pelo seu próprio filho? Afinal, estavam velhos e já haviam vivido o bastante, enquanto ele, jovem, tinha ainda uma vida inteira pela frente. Mandou chamá-los.

Os dois velhos surgiram no palácio, apoiados em suas bengalas. Nunca freqüentavam o palácio, porque o velho tinha pavor das correntes de ar que sopravam pelos corredores.

— Hein, meu filho? — disse o velho, completamente surdo às razões do filho. *-Morrer,* papai... *Morrer em meu lugar,* que tal? — esganiçava-se Admeto.

— Adeus, tem muito vento por aqui — disse o velho, retirando-se, aos trambolhões.

A mãe, completamente senil, não entendeu uma palavra do que ele disse.

— Meu Deus, e agora? — exclamou Admeto, no último grau de desespero. Seu pranto, no entanto, chamou a atenção de Alceste, sua dedicada esposa.

— Admeto querido, tenho notado que você anda perturbado, desde a sua doença — disse ela. — O que houve, ela voltou?

Admeto, que havia até então ocultado da esposa o terrível dilema, revelou-lhe toda a verdade.

— Como, meu amor? — disse a infeliz esposa. — Irei perdê-lo amanhã?

— Sim, Alceste querida, o prazo fatal já se esgota! Amanhã, sem falta, o gênio da Morte virá me buscar.

Depois de ficar abatida por um longo tempo, Alceste ergueu a cabeça e declarou:

— Morrerei, então, em seu lugar.

— Não, querida Alceste, isto não posso aceitar.

— Sim, tomarei seu lugar, pois não saberia viver sem você.

Alceste decretara a sua própria morte: no mesmo instante, foi tomada por uma vertigem, caindo desacordada ao solo. Recolhida ao leito, seu estado somente piorou. No dia seguinte, a casa preparava-se já para o luto. Admeto, inconsolável, errava pelos corredores do palácio.

— Desgraçado de mim! Por causa de minha covardia perderei a coisa mais cara de minha vida.

De repente, porém, alguém bateu à porta. Era ninguém menos do que Hércules, o herói e semideus, que estava de passagem, preparando-se para realizar os seus famosos doze trabalhos.

— Desculpe incomodá-lo, meu jovem, mas preciso descansar um pouco -disse Hércules, de modo jovial.

Admeto, apesar da ocasião não ser a mais propícia a visitas, recebeu-o com toda a hospitalidade. Hércules foi, assim, admitido à mesa, embora seu anfitrião pedisse desculpas por não poder lhe fazer companhia. Admeto não quis revelar o verdadeiro motivo para não aborrecer o visitante com as suas dores. Deu ordens, também, para que não deixassem que ele percebesse o luto que reinava na casa.

Instalado à mesa, Hércules comeu à vontade, enquanto bebia de uma grande jarra depositada à sua frente; aos poucos o herói foi se alegrando e começou a entoar algumas animadas canções de taverna. Admeto, apesar da inconveniência involuntária do visitante, não interferiu em suas expansões. Mas um criado da casa decidiu alertar o hóspede, por conta própria.

— Perdão, senhor, mas há luto na casa — disse o escravo, num tom baixo e receoso.

Hércules, corando de vergonha, silenciou. Chamou, então, Admeto, para saber o que se passava. Após tomar conhecimento dos fatos, ergueu-se da mesa. com decisão, e disse:

— Pois amanhã, quando a Morte vier, a estarei esperando. Admeto, enchendo-se de esperanças, ainda tentou demover o herói:

— Não sei, Hércules... é a Morte, e dela ninguém escapa.

— De qualquer modo, tentarei — disse o herói, que não tinha medo de nada. Depois de visitar a enferma Alceste, Hércules foi postar-se à entrada do quarto. Ali passou a noite toda em vigília, envolto em uma pele e empunhando um porrete, enquanto lá dentro Alceste agonizava. Com a primeira luz do dia surgiu finalmente a Morte, portando a sua tocha invertida, símbolo da escuridão do Tártaro. Hércules impediu-lhe, contudo, a passagem:

— Afaste-se! Alceste está sob a minha guarda.

— Vim buscá-la, mortal atrevido, conforme me ordenou Plutão, o deus dos infernos — disse a Morte, agitando as grandes asas negras.

Mas Hércules não arredou pé do lugar. Os dois, então, atracaram-se num duelo verdadeiramente mortal, enquanto Alceste, abraçada a Admeto, ouvia o tremendo fragor da luta que do outro lado da porta decidia o seu destino.

— Nada tema, Alceste! — disse Admeto, como se ele próprio estivesse lá fora, dando combate à morte.

— Se alguém tem medo nesta casa, é você, querido Admeto — disse Alceste. censurando discretamente a covardia do esposo.

O castelo inteiro retumbava com os golpes que Hércules desferia com seu porrete sobre a sua inimiga, no corredor. Um longo tempo durou a disputa, até que a Morte, temendo pela própria vida, retirou-se, vencida.

— Para mim chega. Vou procurar outro para levar no seu lugar — disse, fugindo, com uma asa quebrada e o nariz sangrando.

E foi deste modo que Alceste, sadia, voltou para os braços do seu querido Admeto.

O SUPLÍCIO DE TÂNTALO

Desde as primeiras horas da manhã, o palácio onde morava Tântalo, rei da Lídia, estava num rebuliço. Não era para menos, pois seu pai, Júpiter, deus dos deuses, estava prestes a chegar para um amigável almoço. Além dele, viriam também seu inseparável filho Mercúrio e Ceres, a deusa da fertilidade.

Tântalo estava preocupado.

"O que irei oferecer a Júpiter, no almoço?", perguntava-se.

Tântalo, que apesar de rei tinha um temperamento um tanto servil, queria apresentar aos convidados um prato digno de seus paladares divinos. Levando ao extremo a sua intenção de agradar, mandou chamar seu filho Pélope, que descansava em seus aposentos.

— Pélope, meu filho, hoje você terá o prazer de estar à mesa junto com os deuses! — disse o risonho Tântalo, assim que botou os olhos no rapaz.

— Oh! Teremos à mesa conosco o meu avô Júpiter? — exclamou, encantado, o rapaz.

— Não só ele, mas ainda outras duas divindades! — disse Tântalo, procurando animá-lo ainda mais.

— Divino! Maravilhoso! Vou vestir meu melhor manto! — disse Pélope, retirando-se.

— Eu diria *bárbaro* — replicou o rei de modo enigmático. Depois que o filho saiu, Tântalo chamou às pressas o cozinheiro.

— Vá atrás de Pélope, mate-o e faça um assado magnífico com ele — disse o rei, calmamente.

O cozinheiro, estranhando o pedido, ficou sem ação.

— Vamos, idiota, faça o que eu disse! — exclamou Tântalo. — Hoje é um dia especial.

"Júpiter ficará encantado ao descobrir que lhe sacrifico o meu próprio filho!", pensou o rei, acostumado à prática, ainda corrente em seu reino, dos sacrifícios humanos.

Pélope, porém, antes de ser morto, foi trazido até o seu cruel pai.

— Idiota! — disse o rei, furioso, ao cozinheiro. — Não disse para matá-lo de uma vez?

— Pai, não faça isso! — implorava o pobre rapaz. — Você não disse que eu estaria à mesa, daqui a instantes, com os deuses?

— Sim, e *estará!* — disse Tântalo. — Vamos, escravo, faça rapidamente o que eu disse.

Depois, enquanto o filho era arrastado para o cepo, tentou acalmá-lo:

— Vamos, rapaz, deixe de fricotes. Pedirei a Júpiter que o recompense com a imortalidade!

Apaziguada a sua consciência perversa, Tântalo chamou as escravas e ordenou que preparassem a mesa com o maior requinte possível. Na verdade, pretendia pedir para si próprio a imortalidade. Afinal, não era filho do imortal deus dos deuses? Por que não podia ser eterno ele também?

Já ia alta a manhã quando os visitantes se aproximaram do palácio. Todos pareciam pouco animados. Enquanto Mercúrio vinha à frente, distraído, mais atrás vinha o seu pai, de braço dado com Ceres.

— Veja, pai, estamos chegando — disse Mercúrio, ao avistar as torres do palácio.

— Vamos de uma vez — exclamou Ceres, como quem diz, "se tem de ser, que seja logo".

Júpiter concordou, e os três apertaram o passo. Em instantes surgiram os três deuses no salão.

Enquanto isso, o rei deliciava-se com a idéia da imortalidade: "Deus Tântalo!", pensava ele. Um escravo entrou na sala, cortando o fio de seu pensamento.

— Magnânimo rei, as visitas já chegaram! — disse o escravo, curvando-se.

— Ótimo! Mande-os entrar. Mexa-se imbecil — disse o rei, aprumando-se. Ao ver entrarem as três divindades, Tântalo adiantou-se, fazendo uma profunda reverência ao seu poderoso pai.

— Seja bem-vindo, poderoso Júpiter, diante do qual todos os poderes celestes e terrenos se humilham — disse, beijando-lhe os pés.

Em seguida, querendo chegar logo até a bela deusa, beijou rapidamente os pés de Mercúrio. Quando, porém, chegou até os pés da encantadora Ceres, esta lhe ofereceu distraidamente a sola empoeirada das sandálias.

— Divina Ceres, seus encantos superam, hoje, os da própria Vênus! — disse o rei, com a boca coberta de pó.

Tântalo conduziu todos até os seus assentos.

— Como vão as coisas lá em casa, pai? — perguntou a Júpiter, referindo-se ao Olimpo.

— Vão bem, vão bem — disse o pai dos deuses, lacônico.

Júpiter, na verdade, detestava aquelas visitas anuais que era obrigado a fazer ao seu filho bastardo.

— Mercúrio, tem viajado muito? — disse, voltando-se ao meio-irmão, na tentativa de ser simpático.

Mercúrio assentiu, sem dar muita conversa.

— E você, Ceres, sempre linda, hein? — disse Tântalo, aproximando seu rosto de maneira quase obscena. — Foi boa a colheita este ano? — ajuntou, enquanto lhe cheirava os cabelos.

— Bastante — respondeu a deusa, estendendo o guardanapo, sem olhar para o rosto do interlocutor.

De repente, surgiram quatro escravos carregando uma imensa bandeja, que foi depositada com pompa sobre a mesa, diante de Júpiter. Tântalo esfregava as mãos sob a mesa, na expectativa da reação favorável de seu pai. "Desta vez sai a imortalidade!", pensou, com euforia.

A tampa foi descoberta. Em meio a tâmaras, amêndoas e nozes descansavam os pedaços do pobre Pélope.

— Faço questão de servi-lo eu mesmo — disse Tântalo a Júpiter, arremessando-se para a bandeja e expulsando o escravo com um safanão. — Carne branca ou mais escurinha, pai? — perguntou, estudando a tigela.

— Branca — disse Júpiter, distraidamente.

Depois de escolher mil vezes, o anfitrião selecionou um grande pedaço de carne branca. Em seguida, serviu também a deusa.

— Miúdos não, obrigada — disse ela, secamente.

Depois de servi-la com mil trejeitos, colocou, finalmente, um pouco de carne no prato de Mercúrio. Este último, antes de começar a comer, percebeu que lhe tocara o pior pedaço. Na verdade, era implicância de Tântalo, que tinha ciúmes do filho predileto de Júpiter.

— Isto aqui parece um pé humano — disse Mercúrio, depondo os talheres sobre a mesa.

Todos os rostos se ergueram dos pratos. Ninguém, a não ser Ceres, que era a mais faminta de todos, havia começado a comer. "É agora!", pensou Tântalo.

— Sim, pai, é o pé de meu querido Pélope! — disse o rei, orgulhoso, a Júpiter, corno se tivesse sido este o autor da observação.

Júpiter ergueu um olhar ao rei da Lídia, de tal forma feroz, que o tornou branco como a parede de mármore.

— Como se atreve, maldito, a me oferecer a carne do próprio filho? Mercúrio levantou-se da mesa, enojado, enquanto Ceres era acometida de náuseas.

— Mas pai, é um sacrifício humano! — disse, atônito, o rei. — Quis provar a minha dedicação extrema oferecendo-lhe, em holocausto, o meu próprio filho!

— Idiota! Não sabe que a prática dos sacrifícios humanos já foi há muito tempo abolida? — disse Júpiter.

Enquanto isto, Mercúrio, penalizado da sorte de Pélope, espiava-o dentro da imensa tigela:

— Pai, vamos tentar trazê-lo de volta à vida — disse.

Imediatamente foi trazida da cozinha uma grande caldeira. Mercúrio, num vôo rápido, foi até o Olimpo buscar Cloto, uma das Parcas, para que com sua magia restituísse a vida a Pélope. Num instante, os restos do rapaz foram retirados da bandeja e passados à caldeira, de onde, por suas artes mágicas, Cloto retirou Pélope com vida outra vez. Seu ombro, no entanto, perdera-se, pois Ceres o havia comido, inadvertidamente. Júpiter, porém, lhe deu um ombro novo, inteiramente de marfim.

— Obrigado, Júpiter supremo! — disse o rapaz, feliz com seu novo e elegante ombro.

Quanto a Tântalo, Júpiter foi implacável:

— Mercúrio, leve este patife para os infernos! — disse, tomado de cólera. De nada adiantaram as súplicas do cruel rei. Em algumas horas, entrava no inferno, sendo recepcionado por Plutão e sua esposa Prosérpina, a rainha do reino sombrio.

— Imperador das regiões inferiores, trago-lhe este assassino! — disse Mercúrio a Plutão.

— Ótimo, conduza-o até aquele lago, lá adiante — disse Plutão, com um gesto de mão.

Então Tântalo foi jogado dentro de um grande lago. Foi deixado ali, somente com a cabeça a descoberto.

— Até que está fresquinho, aqui! — disse o prisioneiro, que, apesar de imóvel, estava mergulhado num lago de águas frescas, cercado de árvores carregadas dos mais belos frutos.

De repente, torturado por uma terrível e insuportável sede, Tântalo, sem poder dobrar o corpo, abaixou a cabeça para beber um pouco do líquido refrescante, pois a água estava quase na linha de sua boca. A água, contudo, instantaneamente lhe desceu até os pés, ao menor movimento do pescoço. Depois, tomado por uma fome devastadora, estendeu o braço para

alcançar os deliciosos frutos que pendiam das árvores ao redor. Porém, quando quase tinha um deles nas mãos, um forte vento ergueu o galho para o alto, tornando o fruto inatingível aos seus curtos braços. Deste modo Tântalo alcançou a imortalidade no inferno, como prêmio por sua selvageria. Pélope, o rapaz do ombro de marfim, por sua * tornou-se rei do Peloponeso.

O TONEL DAS DANAIDES

Belo, rei do Egito, tinha dois filhos: Egito e Danao. Cada qual teve cinqüenta filhos. O primeiro, cinqüenta rapazes, e o segundo, cinqüenta moças. Ora, os cinqüenta filhos de Egito não se entendiam jamais com as cinqüenta filhas de Danao. Em conseqüência, uma guerra civil estourou, lançando uns contra os outros. Após ferozes combates, os filhos de Egito expulsaram do país Danao e suas cinqüenta filhas, obrigando-os a procurar refúgio no reino vizinho de Argos. Felizmente, o rei de Argos, Celanor, recebeu os exilados com toda a generosidade, dando-lhes casa, comida e proteção.

Em reconhecimento, Danao e suas cinqüenta filhas expulsaram-no do trono.

A conspiração começou com um ataque promovido por um lobo contra o rebanho do rei Celanor. A fera, confiante em sua força, abatera o touro que chefiava o rebanho, tomando conta do restante dos animais. Vendo nisto um pretexto. Danao decidiu comprar os vaticínios de um sacerdote influente para que convencesse a corte inteira de que isto era o sinal evidente de uma profecia divina. O sacerdote, diante do povo, explicou então o significado profético do fato:

— O sentido deste acontecimento é evidente e irrefutável — disse. — Significa que uma nova autoridade está prestes a assumir o comando do nosso reino.

— Ai daqueles que se recusarem a se submeter a esta autoridade! — disse Danao, que por conta própria já se proclamara o novo rei.

O povo, assustado, reconheceu imediatamente o novo rei, enforcando em seguida o anterior, numa emocionante cerimônia em praça pública. No reino vizinho, entretanto, a notícia chegara ligeiro.

— Poderoso rei Egito! — disse o mensageiro, que trazia a notícia. — Seu irmão, Danao, agora é o novo rei de Argos!

Temendo que isso pudesse lhe trazer complicações futuras, Egito resolveu prevenir-se, chamando os seus cinqüenta filhos:

— Rapazes, quero que vocês se casem o mais rápido possível com as filhas de Danao! — disse o rei, sem admitir recusas. — Danao agora é rei de um país mais rico e poderoso do que o nosso e precisamos fazer esta aliança com ele.

Egito, na verdade, tinha razão em tentar comprar a amizade de seu irmão. Danao só esperava uma ocasião para pôr em prática a sua vingança. Alguns dias depois, um mensageiro de

Egito chegou à corte de Danao, trazendo os cinqüenta convites de casamento. O rei, após dispensá-lo, chamou as suas filhas.

— Minhas adoráveis filhas! — disse -, quero que vocês aceitem o pedido de casamento dos cinqüenta filhos de Egito.

— O quê? Como poderíamos aceitar, se nos traíram de modo tão vil? -exclamaram as cinqüenta moças, indignadas.

— Calma, minhas filhas! — disse Danao, tentando explicar-se. — Depois da cerimônia nupcial, vocês terão o prazer de vingar-se deles todos, matando-os durante a sua primeira noite de amor — completou, com um sorriso.

— Ah, bom... — disseram, aliviadas.

O dia das núpcias chegou. Uma grande festa parou o reino inteiro. Durante a manhã, as cinqüenta filhas de Danao receberam como maridos os cinqüenta filhos de Egito. Um banquete faraônico deu prosseguimento às festividades, até que a noite caiu.

— Agora é preciso que os casais partam para os deliciosos jogos de Vênus! — decretou o rei de Argos, dando a bênção aos recém-casados.

Os casais instalaram-se às margens do belo lago de Lerne, em alvas e espaçosas barracas. De tal forma estava o local protegido da curiosidade do povo, que apenas as estrelas teriam o privilégio de escutar as conversas dos amantes. Dentro de cada ampla barraca, cada uma das filhas de Danao já se despia, revelando aos olhos do respectivo marido as suas formas perfeitas. Sob os travesseiros, porém, repousavam cinqüenta afiados punhais de prata.

Embriagados pela visão de suas cinturas finas e aveludadas, os esposos também começaram a se despir. Antes, porém, que pudessem acalmar o fogo de seus desejos, foram todos apunhalados pelas mulheres, sem dó nem piedade. O sangue espirrou por tudo, respingando até nas estrelas, ornando algumas delas de um halo vermelho.

Depois de consumado o crime, as filhas de Danao arrancaram as cabeças dos maridos, lançando os corpos nas águas do lago, que se tingiu inteiro de vermelho.

Uma delas, no entanto, recusara-se a assassinar o homem com quem recém casara.

— Meu adorado! Amo você e por isto me vejo obrigada a desobedecer a meu próprio pai — exclamou, jogando longe a adaga e caindo nos braços do esposo.

Era Hipermnestra, a única que fez correr naquela noite o seu sangue virginal.

No dia seguinte, todas as filhas de Danao, menos Hipermnestra, apresentaram-se diante do rei empunhando as cabeças de seus cônjuges. Ele exultou ao ver concretizada, finalmente, a sua vingança. Porém, revoltado com Hipermnestra. que faltara com sua palavra, atirou-a num calabouço. Já o marido dela, Linceu. fugiu às pressas para o país vizinho.

No entanto, as danaides, como eram chamadas as filhas de Danao, ficaram outra vez sem maridos.

"Precisamos dar um jeito nisso", pensou o pai das quarenta e nove virgens. Para tanto, decidiu organizar um grande torneio, no qual os vencedores receberiam as mãos de suas filhas em casamento.

— Uma corrida de quadrigas! — sugeriu Danao às moças.

— Oba! — exultaram elas, felizes na expectativa de terem uma nova distração. Na verdade, desde a divertida noite dos punhais as coisas andavam meio aborrecidas na corte.

No dia das corridas, apresentaram-se à corte centenas de concorrentes. As danaides podiam estar certas, ao menos, de arrumar quarenta e nove esposos valentes e destemidos; afinal, não era qualquer um que se dispunha a morrer num acidente de quadriga ou a ser apunhalado na própria noite de núpcias.

Os carros já estavam dispostos na linha de partida. Num balcão, acomodavam-se o rei e suas quarenta e nove virgens. Os competidores, em cima das quadrigas, tentavam conter os cavalos, que escarvavam o chão, ansiosos para lançarem-se na pista. As danaides percorriam com olhos ávidos os corpos nus de seus pretendentes — que estavam livres das vestes, para facilitar a escolha das exigentes mulheres. Foi dada a partida. Uma onda de pó levantou-se à saída dos competidores. Os de trás, sem nada enxergar, logo se embolaram, virando seus carros num amontoado de cavalos, quadrigas e cabeças partidas. Um urro de prazer partiu das arquibancadas, tomadas pela plebe. A pista, no entanto, era grande e circular; assim, enquanto os competidores restantes faziam a volta, os mortos eram recolhidos e lançados num monturo.

— Eia, cavalos! — berravam os dianteiros, que, emparelhados, distribuíam chicotadas no dorso dos cavalos e na cara dos adversários.

Os braços rijos e suados dos homens seguravam com firmeza as rédeas. Do alto da cabeça descia-lhes um suor, que o vento secava rapidamente, mas que se renovava a cada novo esforço que faziam. Os olhos das danaides faiscavam. Seus noventa e oito cotovelos cutucavam-se o tempo todo, a cada novo ângulo de observação que tinham dos corpos dos competidores.

— Aquele lá é meu! — exclamou uma delas, escolhendo o líder da corrida, que tinha os membros lustrosos do óleo que passara por todo o corpo, antes da disputa.

Infelizmente para ela, o carro de seu eleito tombou numa curva, bem em frente à tribuna, lançando-o ao chão como um marionete de madeira. Um grito de horror partiu das virgens, enquanto o corpo do rapaz rodopiava velozmente pelo chão, parecendo um deus hindu de duzentos braços e duzentas pernas. Em seguida, o carro que vinha atrás passou sobre o concorrente, esmagando-lhe a cabeça.

A corrida chegava ao seu final. Os quarenta e nove primeiros competidores cruzaram a linha de chegada, sob a ovação das moças e da ralé ajuntada nas arquibancadas. Cobertos de pó, os pretendentes subiram os degraus da tribuna, indo ajoelhar-se diante das suas futuras esposas. Depois de limpar com seus lenços o suor e o pó dos corpos dos vitoriosos, as danaides depositaram sobre suas frontes douradas coroas de louro.

Enquanto isso, no reino vizinho, Linceu, o marido de Hipermnestra, reunira-se às forças de Egito e invadira o país de Danao. O caos instalou-se.

Danao foi preso e morto. Hipermnestra, a danaide virtuosa, foi libertada de sua prisão pelo esposo. O sangue correu pelas ruas da capital, até que Linceu, o vencedor daquela noite fatídica, transformado em novo rei do país, viu chegada, enfim, a hora de vingar a morte de seus quarenta e nove irmãos. Dirigiu-se com seus soldados até o palácio e ainda chegou a tempo de capturar as virgens, enlouquecidas de medo. Todas as perversas danaides foram, então, passadas a fio de espada, sem piedade. No mesmo dia, suas almas entraram no Hades sombrio; lá as aguardava, impaciente, Minos, um dos juízes do inferno, que lhes decretou uma punição coletiva.

Carregadas de ferros, foram conduzidas até a beira de um imenso lago. Cada qual, portando um pesado jarro de chumbo, foi obrigada a enchê-lo de água até as bordas e levá-lo até a beira de um gigantesco tonel, despejando ali o conteúdo. E assim deveriam repetir a tarefa para todo sempre, até encher o imenso tonel — que não tem fundo.

HERO E LEANDRO

O sol começava a desaparecer lentamente nas águas do Helesponto, o grande estreito marítimo que separa a Ásia da Europa. No lado europeu estava situada a cidade de Sestos, onde vivia uma jovem sacerdotisa de Vênus, chamada Hero. A moça subia as escadas que levavam ao topo do farol da ilha, levemente ansiosa. A ponta de um sorriso, porém, iluminava os lábios fechados. Seu sorriso sempre fora assim, velado, com apenas duas riscas graciosas nas extremidades da boca finamente desenhada.

Acostumada a enfrentar todo dia a longa escadaria com suas pernas de musculatura rija, porém afilada, Hero ia cantando, baixinho, um hino à deusa de sua devoção. Poderia cantar a plenos pulmões, se quisesse, pois não havia ninguém naquele lugar desolado. Mas Hero tinha predileção pelos gestos discretos.

Chegando até o topo do farol, Hero relanceou a vista para fora. Suas narinas de asas delicadas fremiram, aspirando o ar levemente acre do fim da tarde Constatou que a chama do pavio da grande lanterna estava quase apagada. Na verdade, ela quase nunca chegava a se extinguir, mesmo com os fortes ventos que costumavam soprar do oriente, pois estava sempre protegida por um grande caixilho espelhado.

— Está na hora de avivá-la outra vez — disse, ciciando as palavras, que escaparam quase imperceptivelmente dos lábios entreabertos. Logo, dentro da grande caixa prateada, brilhou outra vez a grande e fosforescente jóia de ouro. o sinal benfazejo que guiava as embarcações por toda a extensão do Helesponto. Hero adorava este nome, que aprendera a ouvir desde criança; sua sonoridade elegante a fazia repeti-lo constantemente:

— *Helesponto...* — dizia, escandindo as sílabas, enquanto fechava outra | a portinhola que mantinha a chama brilhante a salvo da chuva e dos ventos.

Naquela noite, entretanto, o céu estava completamente limpo. A esta altura, Hero não tinha mais os olhos postos no horizonte nem tampouco no céu. Eles estavam voltados para a outra margem — na distante Abidos, que ficava no outro extremo do estreito — e procuravam algo, com ansiedade.

— Não, ainda é muito cedo... — disse Hero, fechando a túnica e debruçando-se levemente sobre a balaustrada exterior.

Ela esperava alguém. Todas as noites, essa pessoa, guiada apenas pela lua e pela luz do farol, lançava-se audaciosamente ao mar. Após atravessá-lo a nado, ia em seguida atirar-se aos braços da jovem, que o aguardava.

Leandro era o seu nome — um belo rapaz que morava em Abidos. Há um bom tempo o jovem usava desse ousado expediente para ir visitá-la todas as noites — ou ao menos naquelas em que o céu permitia que se lançasse ao mar com segurança.

Hero permaneceu ainda um bom tempo reclinada no parapeito. Um de seus pés apoiava-se levemente sobre o outro, subindo até a canela e descendo outra vez, numa carícia inconsciente. De repente, porém, a jovem teve sua atenção despertada por um ligeiro espanejar em meio às águas, que estavam incomumente calmas. Era ele, com toda a certeza!

Atirando os braços com vigor e regularidade, Leandro, de fato, avançava, subindo e descendo por entre as ondas que ondulavam com suavidade.

A jovem, com um grito de satisfação, lançou-se em direção às escadas, descendo com a agilidade de uma pequena corça os grandes degraus da escadaria. Hero já estava agora em pé, nas areias da praia deserta, segurando o manto de Leandro: o jovem chegava e partia sempre liberto das roupas, para ter seus movimentos facilitados no confronto com as ondas.

Hero o divisava, já, na rebentação. Mais um pouco e ele já não necessitaria da força dos seus musculosos braços para vencer as ondas. Pondo-se em pé, atravessou com decisão o resto do percurso, fendendo com os joelhos a água que lhe dava já pela cintura.

— Leandro! — exclamou Hero.

O rapaz, renovando o ímpeto, avançava em direção a ela. Hero, deixando que suas vestes lhe deslizassem até os pés, imitava-o em sua nudez. Embora demonstrasse uma calma aparente, Hero também tinha uma vontade louca de sair correndo na direção de Leandro.

— Consegui, mais uma vez! — disse ele, tomando o rosto da jovem em suas mãos.

— Que bom... — retorquiu Hero, com seu sorriso velado.

Leandro deu-lhe um beijo na boca, que Hero retribuiu sem o mesmo pudor dos seus habituais sorrisos.

Os dois, de modo geral, eram impotentes para refrear os primeiros instintos. Depois, abraçados, avançavam mais calmos para o interior da ilha, onde a jovem morava em solidão completa. Recolhidos aos aposentos da jovem Hero — que naqueles instantes pertenciam a ambos —, ali completavam, durante toda a noite, os mistérios prescritos por Vênus.

— Leandro, querido — disse Hero, já de madrugada, passando a mão nos cabelos revoltos de Leandro.

— O que foi? — perguntou o rapaz, que sentia seus olhos pesarem, finalmente, após tantos esforços combinados numa mesma noite.

— Preferia que você não repetisse mais as palavras que você sempre diz quando chega do mar — disse Hero, séria.

— Que palavras, meu amor? — perguntou o rapaz.

— *Consegui, mais uma vez* — disse a moça, imitando com graça a voz rouca de Leandro.

— Por quê?

— Porque dá a impressão de que um dia você, talvez, *não consiga*. Leandro colocou o dedo indicador sobre os lábios de Hero, silenciando-a:

— Não diga tal coisa. Sempre conseguirei! — completou, com a confiança característica da juventude.

Quando a manhã surgiu, Leandro partiu novamente para o mar, deixando, como sempre, o manto nas mãos da amada. Hero, de cima das pedras, acompanhava com os olhos o corpo másculo do amante afastar-se, com pisadas firmes em direção à praia, saltando sobre os pedregulhos com saltos ágeis e precisos.

Dali a pouco o dia voltava a ser o mesmo. Um pouco diferente, talvez, pois fizera-se mais quente do que os habituais. Desde as primeiras horas o sol brilhara no azul do céu, completamente despido de nuvens. Hero, entregue às suas atividades, teve até mesmo de se desvencilhar das roupas para poder suportar o calor. A tarde, a jovem recolheu-se aos aposentos para escapar do mormaço, que descia sobre tudo como um manto escaldante e invisível. Hero contava as horas, esperando que a noite trouxesse alívio para o calor.

Quando o sol, porém, começava a cair no horizonte, foi logo coberto por uma espessa camada de nuvens, que surgia com uma agilidade espantosa de regiões desconhecidas, muito além da linha do mar. Alguns clarões começaram a espocar, avançando até quase a altura do farol. Hero, no entanto, já havia acendido a sua chama outra vez. Apesar de toda a sua intensidade, ela desaparecia no confronto com os clarões cada vez mais intensos e ofuscantes dos relâmpagos. Júpiter tonante, por alguma razão enfurecido, esgrimia nos céus os seus espadins recurvos, com uma cólera incompreensível e cada vez maior.

Ao mesmo tempo os ventos — que pareciam haver escapado de suas prisões — lançavam-se em todas as direções, encapelando as águas do Helesponto com uma intensidade assombrosa. Erguiam para o alto grandes massas de água. que desabavam em seguida com um fragor assustador. A chuva começou, então, a cair, com uma intensidade jamais vista. Cordas d'água balançavam-se no céu. desmanchando-se de tempos em tempos pelas rajadas furiosas do vento.

Nos intervalos dos relâmpagos, Hero relanceava a vista para o alto do farol. Não havia agora, porém, luz alguma a brilhar em seu topo. A jovem, assustada, lançou-se para lá. Chegando na entrada, viu que uma cascata vinha direto da escadaria e desaguava aos seus pés. Subindo os degraus, de três em três, chegou finalmente ao topo, no mirante. Tudo estava às escuras, o ambiente iluminado apenas pelos clarões ocasionais dos relâmpagos. À luz de um destes clarões, ela descobriu que o vidro do caixilho que protegia a grande chama estava quebrado. A um canto viu uma grande ave branca caída. À exceção de uma das asas, quase toda ela estava queimada e ferida. Assustado com a fúria do temporal, o pássaro arremessara-se cegamente sobre o vidro protetor, estilhaçando-o e consumindo-se inadvertidamente em sua poderosa chama. Em seguida a chuva apagara a fogueira que ardia na lanterna, tornando-a inútil para o resto da noite.

"Meu Deus, e Leandro?", perguntou-se a jovem, angustiada. "Como fará para chegar até aqui, depois do temporal?" Num gesto desesperado, ainda tentou encontrar alguma brasa acesa entre os carvões, mas nada mais havia ali que pudesse arder. Tudo estava tomado pelas águas. Uma onda gigantesca ergueu-se outra vez do mar e espatifou-se de encontro à torre do farol, lançando para dentro do mirante uma quantidade inacreditável de água. A jovem foi jogada de encontro à parede. Permaneceu caída no chão por alguns instantes, com o corpo encharcado e os cabelos gotejantes. Procurando refazer-se do impacto, Hero tentou reerguer-se.

— *Leandro... afogado...* — disse ela, de repente, erguendo-se, mesmo tonta, ao entrever a possibilidade da tragédia.

De fato, era inútil que a jovem tentasse acender novamente a lanterna do farol: um erro de cálculo fatal fizera com que o destemido Leandro se lançasse às águas do estreito antes mesmo

de começar a chuva. O jovem pensara que, com um pouco de sorte, estaria às margens da praia de Sestos um pouco antes do temporal desabar. Quando as ondas começaram a erguer-se, Leandro ainda tentou guiar-se pela luz do farol. Porém, quando esta se apagou, o rapaz não pôde mais encontrar a rota certa. Durante alguns instantes nadou às cegas, bracejando e lutando contra as ondas. Subiu ainda à tona, heroicamente, por várias vezes. Na última subida, contudo, Leandro entendeu que o seu fim havia chegado. Ainda tentou resistir outra vez, mas uma onda colossal sepultou-o sob uma massa como que sólida de água, tirando-lhe a consciência para sempre.

Durante toda a noite a desesperada Hero aguardou a chegada do amante.

"Talvez ele tenha esperado o temporal passar", pensava, ainda esperançosa. "Como não há mais a luz do farol, ele certamente não cometerá a loucura de se lançar ao mar com este céu escuro e tempestuoso."

Quando Hero terminou de fazer essas reflexões, as nuvens, como que por «canto, começaram a se dissipar. As estrelas foram aos poucos retomando no *céu* o seu lugar, enquanto a lua ia iluminando com seus raios o restante das trevas.

Hero aguardou durante muito tempo, até que finalmente viu algo boiar sobre as águas, sendo trazido lentamente até a praia. Parecia que as ondas, tomadas pelo remorso, depunham com todo o cuidado sobre a praia o corpo do jovem amante. A moça, mais pálida que a lua, desceu num vento as escadas do farol e correu pela praia até chegar ao corpo de Leandro, preso entre duas rochas. Contrariando os seus hábitos de discrição, Hero deu um grito desesperado que ecoou nas montanhas. Colando a boca sobre o peito nu e gelado de Leandro, transmitiu ao coração dele a dor e o pesar de sua alma. Muito tempo depois, ergueu a cabeça e disse, com os lábios salgados da água do mar e das próprias lágrimas:

— Fui eu a culpada! — exclamou, desarvorada. — Se não tivesse colocado em dúvida a sua capacidade, Leandro amado, você ainda estaria vivo...

Depois de muito chorar, concluiu sombriamente:

— Desafiei a Fortuna, ao lhe prever o pior — disse Hero, convicta. — E os deuses não amam os temerosos.

Talvez não amassem, também, os imprudentes. Ou talvez não houvesse, simplesmente, razão alguma para aquela tragédia, senão o fato de ambos estarem vivos, à mercê da vida e da morte. Mas Hero não tinha mais ânimo para especulações.

Levantando-se, tomou nos braços o corpo de Leandro e devolveu-o ao mar. Depois subiu à fenda do mais alto penhasco que pôde encontrar, escalando-o, durante o resto do dia, com sombria determinação. Uma vez no topo. com os pés e as mãos machucados, a jovem Hero

ergueu o rosto para a noite estrelada que chegava outra vez. Seus próprios olhos eram duas estrelas, que brilhavam em meio à noite escura dos seus cabelos negros e revoltos.

Por um momento as duas noites se encararam — embora a face trágica de Hero demonstrasse não indiferença, mas força e determinação, ao deixar-se cair no abismo do mar.

SALMÁCIS E HERMAFRODITA

A ninfa é um ser livre por definição. Vivendo às margens dos rios, seu único trabalho é banhar-se nas suas águas claras e procurar fazer-se cada vez mais bela a cada hora que passa, de forma que à noite esteja ainda mais graciosa do que estava pela manhã.

Assim pensava a ninfa Salmácis, reclinada na relva, à beira de um regato. Com a cabeça apoiada numa das mãos, a jovem alisava o tapete esverdeado c: solo, arrancando pequenos pedaços de grama. Depois, lançava-os indolentemente à água, após estudá-los de todos os modos. Salmácis gastava ainda um tempo infinito no restante desta importante ocupação, acompanhando a minúscula odisséia do pequeno talo verde que navegava na corrente do rio até desaparecer da sua vista, misturado aos outros pequenos detritos que vagam na superfície das águas.

Às vezes, no entanto, fingia ser ela mesma esse pequeno talo. Deitada sobre o curso da água, boiava, deixando que a corrente a levasse aonde quisesse. Enquanto ia assim navegando, de costas sobre a água, Salmácis sentia-se flutuar, liberta de tudo.

Via ao alto as nuvens avançarem com ela, enquanto pequenas andorinhas voavam em círculo no grande azulejo invertido do céu. Às vezes o sol, por entre os galhos da vegetação das margens, obrigava-a a fechar momentaneamente os olhos. Então, a coisa mais fácil do mundo para Salmácis era acordar, de repente, quase desaguando ao mar, junto com as águas do rio. Nesse momento, seus ouvidos ainda podiam escutar as vozes de suas companheiras, que se afastavam na outra margem comentando algo num tom raivoso.

— Invejosas! — disse Salmácis, colando, aborrecida, a face direita na relva. Tinha certeza de que falavam mal dela, pois havia pouco tempo tivera uma irritante discussão com as ativas e incansáveis colegas. Discussões, mais do que qualquer outra coisa, aborreciam-na profundamente. Simplesmente não conseguia imaginar como duas pessoas podiam se desentender num lugar maravilhoso como aquele.

— Vamos lá, preguiçosa! — disse uma delas, atirando-lhe um punhado de seixos.

— Vamos para a caçada. Diana já nos espera no bosque — disse uma outra. *Diana... Diana...* Essa tal de Diana era muito enfadonha. Criatura enjoada, incansável deusa dos bosques só queria saber, afinal, de caçadas.

— Vão vocês, eu estou bem aqui... — disse Salmácis, sem dar ouvido às censuras de suas aborrecidas irmãs. Mais tarde, sabia, elas voltariam esbaforidas, trazendo às costas veados ou corças cobertos de sangue, misturando o seu suor ao sangue dos animais abatidos. Era sempre a mesma coisa que a ninfa escutava de olhos fechados. Em meio à algazarra das vozes, podia sentir em seu corpo colado ao solo a vibração repugnante dos corpos lançados desrespeitosa-mente ao chão, como simples e pesados fardos de carne.

Suas irmãs, no entanto, recém haviam partido para a sua obrigação. Suas vozes esganiçadas aos poucos se misturavam aos ruídos naturais do bosque, até que a paz — a bendita paz! — retornava outra vez, pousando por tudo. A ninfa podia estender agora, ao comprido, o seu corpo delgado, deixando que o sol acariciasse a sua epiderme até arrancar dela minúsculas gotas de suor. Pois Salmácis era assim: gostava de suar em silêncio.

Enquanto o sol esquentava sua pele, pequenas abelhas vinham pousar sobre seu corpo. Podia sentir os passinhos dos pequenos insetos dourados percorrendo suas pernas e subindo-lhe pelas coxas firmes e bronzeadas. De repente, porém, erguiam vôo outra vez, indo pousar em seus seios ou mesmo em seu rosto, passeando livremente em sua testa.

Ela ainda estava deitada, preparando-se para dar um mergulho, quando percebeu que alguém se aproximava da outra margem do rio. De bruços, precisou apenas erguer a cabeça para divisar um belo rapaz — que não teria mais de quinze anos de idade — sentar-se à beira da corrente. O jovem esticou uma das pernas, pondo um dos pés na água, enquanto a outra perna permanecia dobrada, deixando o joelho à altura do queixo. Seus cabelos loiros lhe caíam em desalinho pelos ombros, agitados ocasionalmente por uma suave brisa.

Tratava-se de Hermafrodita, o belo fruto da união entre Vênus e Mercúrio. Apesar de sua pouca idade, seu corpo tinha já a conformação quase idêntica à de um adulto robusto e sadio. Seus traços revelavam nitidamente a sua ilustre descendência, de tal forma que era impossível passar despercebido aos olhos de qualquer mulher. Ou de qualquer ninfa.

Com a mão em concha, Hermafrodita recolheu um pouco de água do leito do rio e banhou sua face corada. Depois, repetindo o gesto, molhou o cabelo, fazendo com que pequenos veios d'água lhe escorressem pelos ombros, cobertos apenas por uma fina túnica, despenhando-se em seguida pelas suas robustas espáduas. Hermafrodita ainda não havia percebido, na outra margem, a presença da curiosa Salmácis, que, encantada com seus gestos ao mesmo tempo viris e delicados, apaixonara-se instantaneamente por ele.

"Quem será?", indagava-se a ninfa, intrigada.

Erguendo mais um pouco o busto, apoiada em duas mãos, Salmácis continuou a observar o rapaz, que prosseguia em sua higiene, bem à sua frente. Hermafrodita, já em pé, livrou-se de seu pequeno manto, descobrindo ao sol o seu corpo viril e atlético.

— Ele há de ser meu — disse a ninfa, segredando à terra o seu desejo. Quando ergueu a cabeça novamente, porém, enxergou apenas centenas de gotas d'água subindo para o alto, num borrifo imenso que lembrava o de um chafariz. Hermafrodita demorou um bom tempo para voltar à superfície, de tal sorte que a ninfa chegou a temer por sua vida. Mas bastaram mais alguns instantes para que sua bela cabeça molhada surgisse da água, quase à sua frente. Sua boca lançou-lhe, inadvertidamente, os respingos de seu fôlego quase perdido. A pele da ninfa cobriu-se das minúsculas gotas, que se uniram ao seu suor. Salmácis gostou disto. O rapaz, contudo, ao perceber que estava diante daquela bela mulher, tomara um susto, recuando um pouco para dentro do leito do rio.

— Calma, não se assuste! — disse a ninfa, com um sorriso malicioso. Salmácis, como uma pequena serpente feminil, rastejou em sua direção.

esfregando seios e coxas sobre a relva, até aproximar o máximo possível a cabeça da corrente do rio. Com a cabeça pendida sobre a água, estudava implacavelmente o rapaz.

— Quem é você? — perguntou Hermafrodita, ainda não recuperado totalmente do susto.

— Aquela que deseja ardentemente saber *quem é você!* — disse Salmácis, mergulhando em seguida a cabeça inteira na corrente. Seus olhos mantiveram-se abertos, abaixo da linha da água, estudando os segredos que a superfície relativamente calma do rio ocultava. Depois, retirando a cabeça da água com violência, arremessou sobre a face do jovem, com a impetuosidade de um chicote, um grande jato d'água. Hermafrodita, definitivamente assustado com a audácia da ninfa, começou a nadar em direção à outra margem.

— O que há, garoto, está com medo de mim? — perguntou a ninfa, surpresa. Salmácis, na verdade, estava acostumada com a agressividade dos seus rudes e habituais cortejadores, faunos e sátiros, que já chegavam agarrando-a, passando em seu corpo as suas mãos grosseiras e peludas. A ninfa, contudo, jamais permitia que algum desses seres vulgares lhe chegassem perto, preferindo sempre a companhia dos gentis e delicados pastores. Mas que alguém quisesse fugir dela era uma novidade surpreendente.

Vendo que ele saíra já da água e rumava, num passo apressado, para dentro do bosque — esquecido até da própria roupa -, Salmácis pôs-se em pé e lançou-se à água. Seus braços ágeis cortaram a correnteza suave da água com tal rapidez que em breve estava na outra margem. Ao sair do rio, mal teve tempo de perceber o dorso nu do rapaz ganhando rapidamente a mata.

— Espere! Por favor, não tenha medo de mim! — disse a ninfa, com um riso nervoso.

Salmácis entrou, também, correndo na mata, fazendo com que seus seios vibrassem no mesmo ritmo de seu passo veloz. Mais adiante divisou Hermafrodita, encostado a uma grande árvore, cujos galhos recobertos de folhas cobriam-no quase que inteiramente.

— Espere, vamos conversar! — disse a ninfa. — Quero conhecê-lo melhor.

— Não tenho nada para conversar com você — Hermafrodita replicou.

— Mas quem é a mulher aqui, afinal?! — Salmácis exclamou, zangando-se. Hermafrodita, ofendido, retesou o peito, numa resposta instintiva à ninfa.

Esta gostou da resposta. Com seus olhos percorreu o corpo do jovem, até exclama com um sorriso satisfeito:

— Você, *com toda a certeza...!*

Procurando ser mais contida, a ninfa tentou ganhar-lhe a confiança, como caçada. Salmácis, afinal, também caçava agora.

— Você é bem novo, não? — perguntou, dando um pequeno passo adiante.

— Não tanto quanto você — disse o jovem, fingindo-se mais velho do que realmente era.

— Hum... é mais experiente, então...

Hermafrodita nada respondeu. A ninfa, no entanto, aproximara-se tanto que o jovem podia sentir a respiração dela em seu peito. Era um sopro curto e irregular que lhe provocava deliciosas cócegas no peito quase liso. Salmácis, na verdade, também começava a perder o controle da situação.

De repente, encurralando o rapaz contra o grosso tronco da árvore, ela tomou a sua cabeça nas mãos e colou com fúria os seus lábios aos dele. Mas foi surpreendida pelas mãos do jovem, que lhe apertavam com vigor a cintura, erguendo-a um pouco do chão. Ao sentir que seus pés separavam-se do solo, a ninfa abraçou-se ao pescoço do jovem, enlaçando-o com as pernas. Nunca havia, na verdade, sentido tamanha identificação com o corpo e com a alma de alguém.

Tudo evoluiu rapidamente, como se ambos tivessem sido feitos expressamente um para o outro. Seus corpos encaixavam-se de modo perfeito; seus membros enlaçavam-se com tamanha familiaridade, que nem a ninfa nem o jovem podiam mais distinguir quais seriam os seus. Seus cabelos misturavam-se, ocultando como num véu o seu longo beijo.

De repente, porém, a ninfa, descolando momentaneamente os seus lábios dos do jovem e sentindo um desejo forte abalar todo o seu corpo, exclamou:

— O deuses! Quero que nós dois sejamos uma só pessoa!

Os deuses, que a escutavam, atenderam imediatamente ao pedido. Os corpos dos dois amantes começaram a se fundir, sob a sombra generosa da árvore, que parecia descer um pouco mais os seus galhos para ocultar a metamorfose. Os peitos de ambos, colados firmemente,

impediam-nos agora de separar os seus troncos. Suas bocas fundiam-se uma na outra, tornando seu longo beijo um beijo perpétuo. As pernas da ninfa, enlaçadas à cintura do jovem, amarraram os dois amantes para sempre num nó indissolúvel: um único e perfeito ser.

ECO E NARCISO

— Não agüento mais essa tagarela da Eco — segredou um dia a deusa dos bosques a uma das suas ninfas.

De fato, não era só Diana que não suportava mais o falatório da ninfa nenhuma das suas amigas podia mais vê-la pela frente sem fugir de sua língua incansável. Apesar de ser tão bela quanto a mais bela das ninfas, Eco tinha a mania incontrolável de falar pelos cotovelos.

— Por que não se cala de vez em quando? — diziam-lhe as amigas. — Homem algum suportará uma mulher que fale sem parar, mesmo sendo tão bela como você.

Mas Eco não se corrigia e prosseguia falando, até a exaustão. Um dia, porém, meteu-se com Juno, a esposa de Júpiter, e isto foi a sua ruína.

O deus dos deuses havia dado mais uma de suas escapadas, e Juno andava por perto, farejando o seu rastro. A própria Eco já gozara dos favores de Júpiter e prometera ocultar, a pedido do grande deus, os amores que ele agora mantinha com outra ninfa. A deusa dos bosques não queria saber de fofocas e por isso fazia vistas grossas ao namoro. Afinal, meter-se com o deus supremo podia trazer-lhe problemas funestos.

Certo dia, porém, Juno, tomada pela cólera, chegou quase a tempo de flagrar o esposo nos braços da tal ninfa. Eco, após alertar o casal, dissera a Júpiter:

— Deixem comigo, eu a distrairei enquanto vocês escapam.

E assim fez, realmente. Tão logo Juno chegou, Eco apoderou-se dela com uma longa conversa, repleta de digressões e subterfúgios. Mas Juno, acostumada as desculpas esfarrapadas do marido, compreendeu logo a intenção da ninfa, que se achava mais esperta do que realmente era:

— Cale a boca! — disse, empurrando-a. — Pensa que me engana com sua conversa mole, sua atrevida?

Eco, assustada e com as mãos da furiosa deusa impressas nos ombros, calou-se. Mas era tarde demais.

— Porque pretendeu me fazer de boba a punirei, fazendo com que nunca mais possa dizer nada a não ser as últimas palavras que escutar — amaldiçoou Juno.

— *... as últimas palavras que escutar...* —repetiu Eco, em cuja boca o feitiço já começava a atuar.

— Ai está o que ganhou com seu atrevimento — disse Juno, vingada. — Adeus, idiota!

—... *adeus, idiota...* -repetiu Eco e tapou rapidamente a boca com as duas mãos. A notícia da maldição de Juno espalhou-se ligeiro por entre as ninfas:

— Bem-feito, sua ordinária — disse um dia uma rival a Eco.

— ... *sua ordinária...* — respondeu Eco, que ao menos podia, às vezes, responder à altura os desaforos que escutava.

Assim vagou a ninfa por entre os bosques durante muitos anos, até que um dia, caminhando pelas montanhas, encontrou Narciso, um jovem caçador que havia se extraviado de seus colegas. Eco, ao colocar os olhos sobre a beleza do jovem, tomou-se imediatamente de amores por ele. Seguiu-o por um longo tempo imaginando qual o melhor meio de se aproximar dele, até que, ao pisar num galho solto, despertou finalmente a atenção do moço.

— O que foi isto? — perguntou o rapaz. — Há por aqui mais alguém?

— ... *mais alguém...* — repetiu Eco.

— Chegue mais perto — disse Narciso, sem ver ninguém.

— ... *mais perto...* — disse Eco e mostrou-se, finalmente, tendo antes o cuidado de ajeitar os cabelos.

Decepcionado por ver que não era nenhum de seus companheiros, Narciso simplesmente perguntou:

— Diga-me, ninfa, como faço para sair daqui?

— ... *sair daqui* — replicou Eco, agoniada, pois a última coisa que desejava era que ele fosse embora.

Não podendo expressar com suas próprias palavras o seu amor, sem que antes o estranho o declarasse para ela, a ninfa desesperou-se e resolveu tomar uma medida drástica. Estendendo os braços, lançou-se para ele num frenético abraço. "Talvez ele entenda os meus sentimentos", pensou.

— O que está fazendo? — exclamou Narciso, atirando-a ao solo com um empurrão. — Não quero o seu amor!

— ... *quero o seu amor...* — repetiu a ninfa, vendo Narciso dar-lhe as costas e escapar rapidamente por uma vereda do bosque.

Mas em matéria de amor Eco era um desastre. Consciente de seu fracasso, a pobre ninfa recolheu-se para o interior de uma caverna no bosque. Ali, após enfadar durante longos anos as paredes da gruta com seus lamentos e lágrimas, viu seu corpo, aos poucos, dissolver-se na escuridão da caverna, até passar a fazer parte dela. Da pobre ninfa só restou sua voz cava e profunda, a repetir sempre as últimas palavras que os passantes pronunciassem.

Narciso prosseguiu com suas caçadas e a tratar com rudeza as ninfas que o perseguiam. O jovem caçador era pretensioso e arrogante, e mulher alguma parecia bastar à sua vaidade. Inclusive corria uma lenda que dizia que quando Narciso nasceu, um oráculo teria anunciado que ele poderia viver muito tempo, se jamais enxergasse a si próprio. Seu pai, por via das dúvidas, quebrou todos os espelhos da casa. Temendo que o filho procurasse o próprio reflexo em alguma outra parte, adquiriu um espelho mágico, no qual Narciso via sua imagem sempre distorcida. Mesmo assim, sua beleza era tal que o arrogante rapaz não desgrudava do bendito espelho.

— Como sou lindo... — dizia, sempre que tinha o espelho nas mãos.

Um dia, porém, durante uma caçada mais agitada, o espelho que trazia sempre em seu bolso partiu-se. Juntando os cacos pôde ver apenas, com lágrimas nos olhos, o reflexo estilhaçado da própria beleza.

— Que lindos pedaços! — ainda se admirou, numa vaidade residual e fragmentária.

Abalado e cansado da caça, Narciso meteu-se para dentro das profundezas do bosque, próximo da gruta onde Eco vivia. Ah perto havia um pequeno lago. absolutamente deserto e silencioso. Sobre suas plácidas águas nem um único cisne deslizava. As árvores, nas margens, inclinavam-se para longe do espelho cristalino de suas águas, como que tentando escapar de seu intenso reflexo.

Narciso, chegando à margem, debruçou-se para tomar alguns goles I límpida água. Ao fazê-lo, percebeu que alguém o observava de dentro da água. Fascinado com a beleza daquele semblante inigualavelmente belo, Narciso teve de admitir que era mais perfeito ainda do que o seu próprio rosto.

— Quem é você, rosto adorável, que me contempla deste jeito? — perguntou à efígie encantadoramente bela, que o mirava apaixonadamente nos olhos.

O rosto lindo, porém, não lhe respondia, nem a esta nem às outras solicitações. Por várias vezes Narciso tentou, sem sucesso, seduzir aquele rosto magnífico. Um dia debruçou-se a ponto de encostar os lábios à liquefeita boca da imagem. Porém, ao fazê-lo, viu o belo estranho turvar-se, o que o encheu de pânico.

— Não, não fuja! — exclamou, assustado, descolando rapidamente os lábios da água, o que fez a imagem retomar, aos poucos, a sua anterior nitidez.

— Por que rejeita meus beijos?

Pela primeira vez Narciso descobria o que era a dor do amor não-correspondido.

Apesar do jovem erguer cada vez mais a voz, Eco, que ouvia tudo, excepcionalmente não lhe repetia as últimas palavras. Vítima da crueldade de Narciso, gozava agora, secretamente, a sua

vingança. O único ruído que escapava da caverna era um riso baixinho, que o vento produzia ao passar pelas fendas das pedras.

O jovem caçador foi perdendo a sua cor. Suas faces murchavam, seu cabelo crescia desmesuradamente — a ponto da franja cair-lhe pelos olhos — e seu nariz, perfeitamente aquilino, apresentava uma coriza continuamente a escorrer. Mas nada disso era o bastante para fazer com que ele deixasse de amar aquele rosto magnificamente belo. Assim foi definhando lentamente o pobre Narciso, às margens do lago. Sem poder consumar o seu amor, acabou se transformando numa bela flor roxa de folhas brancas, sempre debruçada sobre o leito das águas. Sua sombra infeliz embarcou no mesmo dia na barca de Caronte, atravessando o Estige rumo ao país das trevas. Mas nem o severo barqueiro pôde impedi-lo de, enquanto fazia a travessia, reclinar-se outra vez para mirar-se nas águas do rio infernal.

FRIXO E HELE

Néfele, esposa do rei Atamas, foi repudiada pelo marido em favor de outra mulher. Ela, que até há pouco era senhora das vontades do rei, agora tinha de vê-lo sob a influência nefasta de Ino, filha de Cadmo, a nova e perversa rainha.

Antes da separação, o casal de reis havia tido um casal de filhos, Frixo e Hele. Ora, a nova esposa de Atamas não queria saber de herdeiros que não tivessem o seu sangue — razão suficiente para decidir pela morte de ambos.

"Quero esses dois jovens mortos o mais breve possível" disse Ino a si mesma, ainda no leito de núpcias, enquanto o rei percorria o seu corpo com lábios ardentes.

Na manhã do dia seguinte, a nova rainha chamou à sua presença os dois jovens e lhes deu para comer todas as sementes que havia no reino:

— Vamos, comam tudo — disse Ino, que havia mergulhado as sementes no mel para agradar ao paladar dos garotos.

Ao cabo de algumas horas, com os dedos e as faces lambuzadas, ambos haviam dado conta da tarefa.

— Tem mais? — perguntaram os jovens.

— Oh, não, queridos, infelizmente se acabou... — respondeu satisfeita a rainha, pois não havia mais semente alguma no reino.

Em conseqüência, o reino todo foi assolado por uma terrível fome. Apavorado, o rei decidiu enviar um mensageiro ao famoso oráculo de Delfos, para saber o que deveria fazer. Mas Ino, quando o mensageiro passou diante do seu quarto, rumo a Delfos, puxou-o para dentro, com uma força surpreendente pari seus delicados braços, e com uma voz sensual prometeu-lhe

tudo, inclusive um saco de moedas de ouro, se ele fizesse o que ela mandava. Esses poderosos argumentos espantaram de vez o medo do servidor.

— Diga e eu o farei — capitulou o mensageiro.

— Quero que vá ao oráculo, como determina meu marido. Mas preste atenção: quando voltar, diga ao rei que a única solução para a fome é o sacrifício ritual de seus dois filhos.

— Entendi perfeitamente, adorável Ino! — disse o mensageiro, colando s lábios ao ombro alvo e perfeito da rainha, que o repeliu suavemente.

— Não seja atrevido! — disse a rainha, desvencilhando-se dos seus braços. Quer a recompensa antes de cumprida a tarefa?

O mensageiro engoliu em seco ao ver as costas nuas da rainha afastando-se resolutas. No mesmo dia partiu, decidido. Um mês depois, o lacaio apresentou-se diante do rei e repetiu as palavras que Ino lhe mandara dizer. O rei, profundamente abatido com a obrigação que os deuses lhe impunham, acabou cedendo e determinou que assim se fizesse. A rainha, ao saber da decisão, exultou. Depois, ordenai secretamente a um assassino que pusesse um fim à vida do mensageiro. Temendo, porém, que o assassino revelasse algo, ordenou a um segundo assassino que eliminasse o primeiro. Mas esse segundo matador tinha um ar pouco confiável, razão pela qual a própria Ino acabou por matá-lo com seu próprio punhal.

Néfele, a ex-rainha, já havia tomado conhecimento do perigo que filhos corriam. Por isso, recorreu ao auxílio do deus Apolo, pedindo que a ajudasse a salvar Frixo e Hele.

— Esteja tranqüila, Néfele — disse-lhe o deus. — Enviarei aos dois um de fuga.

Poucas horas antes de se cumprir o sacrifício, um grande carneiro dourado entrou voando pela janela do quarto onde os dois jovens aguardavam, aflitos o fim dos seus dias.

— Veja, Frixo! — disse Hele, espantada ao ver o animal.

— É um carneiro! E veja que pêlo magnífico! — disse o irmão, boquiaberto.

De fato, a pelagem do animal era toda tecida com fios de ouro. Parecia que o próprio sol havia adentrado o quarto de ambos.

— Nada temam, meus jovens — disse o carneiro do Velocino de Ouro. -Vim para levá-los para longe da ira de Ino — completou, oferecendo as suas douradas costas para que Frixo e Hele nelas montassem.

Antes de partir, o carneiro mandou que os dois jovens se segurassem bem e não olhassem para baixo. Num segundo, o animal lançou-se ao espaço, com sua preciosa carga. Cavalgando o ar, foi subindo rapidamente em direção ao azul do céu. Os cabelos de Hele, da mesma cor do pêlo do animal, esbatiam-se ao vento, enquanto Frixo fazia tudo para manter-se agarrado no carneiro, cego para tudo o mais.

— Veja, Frixo! — dizia a jovem, que não tinha olhos bastantes para admirar as estonteantes paisagens, que passavam num turbilhão aos seus pés.

De repente, o carneiro meteu-se no meio de um aglomerado de nuvens tempestuosas. Raios prateados esgrimiam ao redor dos três, como se eles estivessem em meio a um terrível duelo travado no espaço.

Atingido na cauda por uma faísca, o carneiro empinou suas patas dianteiras para cima, e isto foi o fim da infeliz Hele. Perdendo de vez o equilíbrio, as suas mãos agarraram o vento, enquanto as suas pernas desprendiam-se da sua condução. Frixo, no entanto, nada pôde fazer, pois continuava agarrado com todas as forças ao pêlo do animal, esquecido até da própria irmã.

— Frixo, estou caindo! — gritou ainda Hele, num último apelo.

Mas a sua voz ecoou no vazio, e o seu corpo caiu no estreito marítimo que separa a Europa da Ásia, afundando para sempre em suas águas profundas. O carneiro ainda passou por várias vezes rente à superfície agitada das águas, mas não pôde resgatá-la dali. O estreito passou a ser chamado de Helesponto, em homenagem à desditosa Hele.

Frixo, desesperado, acrescentou muitas lágrimas às salgadas e agitadas águas do mar. Depois que viu que seu pranto era inútil, retomou, sozinho, a viagem, montado sempre no carneiro de ouro, rumo à distante Cólquida.

— Estamos chegando — disse o carneiro, ao avistar as terras do novo país. Frixo, no entanto, não pôde alegrar-se como esperava, pois não tinha mais com quem compartilhar a sua felicidade. Depois de ser bem-recebido pelo rei do país, o jovem foi ao templo de Apolo, agradecer a ajuda que obtivera. Ali receber do deus a ordem para sacrificar, ele próprio, o carneiro de ouro.

Desse modo singular, teve o carneiro recompensados os seus serviços. Ou talvez recebesse a punição por haver deixado perecer na fuga a infeliz Hele. O fato é que após o sacrifício o pêlo dourado do carneiro foi arrancado cuidadosamente e colocado numa gruta, sob os cuidados de um terrível dragão. Ali esteve durante longos anos guardado, até que um dia o aventureiro Jasão se decidiu a ir buscá-lo, na companhia dos seus amigos argonautas, enfrentando a ira da terrível sentinela.

Mas esta é uma outra história.

AS SANDÁLIAS DE JASÃO

Jasão é, junto com Hércules, um dos maiores heróis gregos que a história lendária registra. Sua vida é repleta de fatos notáveis, e suas aventuras pedem um romance inteiro para ser contadas. Seus feitos, contudo, podem ser perfeitamente fragmentados sob a forma de pequenos episódios, de tal sorte que o leitor pode lê-los alternadamente, sem perder nunca o fio da meada.

O primeiro episódio de relevância — ainda que um tanto singelo — ocorrido na vida do grande Jasão deu-se ainda na sua juventude. Seu pai, o rei Esão, havia passado o governo de seu país para o seu próprio irmão, Pélias. Estabelecera, no entanto, a condição de que a coroa deveria ser passada a seu filho Jasão — e sobrinho de Pélias — tão logo este alcançasse a maturidade.

Enquanto isso, Jasão teve a sua educação posta aos cuidados do centauro Quíron, num lugar distante dali. Junto a esse personagem, Jasão desenvolveu todas as suas aptidões, das quais faria uso mais tarde nas suas inumeráveis aventuras. Os anos se passaram até que, completada a sua educação, Jasão retornou para a sua pátria, pronto a herdar o trono que por direito lhe cabia. Como gostava muito de caminhar, Jasão preferiu fazer seu longo percurso a pé, conhecendo muitas terras e climas.

Um dia, chegando próximo de um largo rio, preparava-se para atravessá-lo, quando avistou às margens uma velha, curvada pelo peso dos anos. Jasão -que já despira seu manto, para fazer mais livremente a travessia — ficou sem graça ao perceber que a velha erguera a cabeça branca, detendo-se a estudá-lo com seus olhos cansados.

Jasão, tendo aprendido que o respeito aos velhos era sua primeira obrigação, adiantou-se em direção a ela, procurando ocultar as suas partes.

— Perdoe, minha senhora, por me apresentar desta maneira — disse o jovem Jasão, que não era então mais que um garoto.

— Não se acanhe — disse a velha. — Meus olhos já estão cansados para quase tudo, menos para a beleza. Para ela, ainda tenho luz no olhar.

De fato, a velha não tirava seus olhinhos franzidos do corpo do jovem. Sua malícia residual parecia guardar ainda o frescor de sua remota juventude. Jasão julgou, por um momento, enxergar por detrás dos traços cansados da velha um resto de sua antiga e extinta beleza.

— Posso ajudá-la de alguma maneira? — perguntou, procurando desviar da cabeça aquelas estranhas cogitações.

— Gostaria que me ajudasse a passar para o outro lado — respondeu a velha, passando a língua seca sobre os lábios murchos. — Veja, sou fraca, e os anos não permitem mais que me aventure a mergulhar sozinha nestas águas.

Jasão imediatamente suspendeu-a em seus braços, escorando-a nos ombros, pronto a carregá-la até a outra margem. A velha, sem se fazer de rogada, abraçou-se ao torso dele, colando seu rosto familiarmente ao ombro do jovem.

Jasão atravessava as águas do rio, calculando seus passos. Não podia deixar de notar que a velha ainda possuía mãos macias, que deslizavam sobre suas costas de modo inquieto. "E pena ser uma velha", refletiu, censurando-se pelos maus pensamentos.

Mas aquilo parecia não ser apenas uma impressão. Jasão agora sentia que as mãos dela passavam sobre sua nuca, subindo até o topo da sua cabeleira negra e esvoaçante. Sem poder se conter mais, virou seu rosto para a face da velha, algo escandalizado.

— O que foi, meu rapaz? — disse a anciã, com um sorriso que parecia lhe trazer de novo toda a juventude ao rosto.

— Nada, nada, minha senhora... — replicou Jasão, vexado de sua má impressão. No entanto, ao desviar os olhos não pôde deixar de passá-los de relance pelo busto da idosa mulher, que se exibia livremente pelo decote da esfarrapada túnica. Pela abertura, entreviu perfeitamente um dos seios, absurdamente firme e rijo, como o de uma mulher na mais verdejante juventude. "Estou delirando!", pensou Jasão, atarantado. Por um momento teve o instinto de largar a velha no rio e deixá-la ali, sozinha, a debater-se nas águas. "E se for uma feiticeira?"

Sua reflexão foi bruscamente interrompida quando sentiu que a mão da velha — tinha a absoluta certeza — pressionava as suas costas de um modo absolutamente inconveniente e constrangedor.

— O que é isto, minha senhora? — exclamou, surpreso.

Uma gargalhada sonora, jovial e cristalina, ressoou em seus ouvidos. Assustado, Jasão voltou-se outra vez para a velha. Mas não tinha mais diante de si a face enrugada de uma anciã, mas uma face divinamente jovem, que tinha, no esforço do riso, os olhos franzidos sem o menor vestígio de rugas. Seus dentes, claros e cristalinos, brilhavam sob a luz do sol, enquanto os lábios mostravam-se carnudos e rubros como os de uma jovem no auge da beleza.

— Não se assuste! — disse a encantadora mulher, ainda em seus braços. -Foi apenas uma brincadeira.

Jasão, ainda encabulado — e um pouco amuado por ter sido feito de bobo -, tinha agora em suas mãos duas coxas firmes e palpitantes.

— Eu sou Juno, a rainha dos céus — disse a mulher-, e estava apenas testando o seu caráter.

A ciumenta e virtuosa esposa de Júpiter, como se vê, cansara de sofrer as traições de seu volúvel marido e fora se divertir um pouquinho também. O que a deusa perdeu em virtude ganhou em charme e encanto. Nunca seu riso foi tão espontâneo, e seus gestos, tão livres e doces. Em vez de queixas e recriminações, da sua boca saíram, agora, somente uma risada franca e algumas palavras inocentemente maliciosas.

— Porque me ajudou a cruzar este rio, decidi tomá-lo sob minha proteção -disse Juno ao surpreso Jasão, fazendo-se de séria. — Já sei que você é um homem de caráter e fidalguia.

A seguir, retomando seu bom humor, pôs-se de pé, deixando nas mãos do herói os farrapos de sua velha túnica. Lado a lado com o herói, permitiu-se a liberdade de continuar abraçada, mas seguindo com as próprias pernas.

Juno parecia ter melhorado ainda mais o seu humor; enquanto torcia os fios de seus cabelos molhados, cantava uma canção descontraída, muito diferente dos aborrecidos hinos que era obrigada a escutar todos os dias em seu templo. Jasão, que completara a sua educação nas águas daquele maravilhoso rio, também estava alegre. Encontrava-se muito distraído, tanto que acabou esquecendo uma de suas sandálias na margem do rio, seguindo o restante do percurso até sua casa com um dos pés descalços.

Um oráculo feito há muito tempo ao seu tio, Pélias, dissera que ele deveria temer um homem que surgiria desprovido de calçado. Quando Jasão chegou no reino que lhe estava prometido, o rei, sabendo da sua chegada, correu, inquieto, a recebê-lo.

— Há quanto tempo, meu querido sobrinho! — disse Pélias, com um sorriso amarelo, que desapareceu inteiramente de seu rosto ao olhar para um dos pés descalços do jovem.

— O que houve com a outra sandália? — perguntou.

— Ah, perdi no caminho... — respondeu o herói, distraidamente.

Isto deu ao pérfido rei a certeza de que Jasão era o homem da profecia. Cumpria, pois, desvencilhar-se dele imediatamente. Além do mais, Pélias jamais pensara em devolver o governo do reino às mãos do filho do antigo rei. Depois de receber o jovem em seu palácio, teve com ele uma longa conversa, querendo saber tudo sobre a sua educação. As palavras do jovem Jasão, no entanto — que ainda era um pouco ingênuo -, lhe entravam por uma orelha e saíam pela outra. Pélias tinha sua mente ocupada, pensando em como afastar de si o importuno sobrinho. Como fazer para matar o rapaz, sem que o acusassem do crime?

Durante toda a noite pensou sobre isto. No outro dia, logo cedo, chamou o jovem à sua presença.

— Jasão, o trono é seu! — disse o rei interino. — Pode ocupá-lo já, se quiser — disse Pélias, estendendo-lhe o cetro e apontando a magnífica cadeira dourada.

O jovem, passando as mãos nos cabelos, deu um ligeiro suspiro de apreensão. Já se dispunha, no entanto, a assumir as suas funções, quando o rei o atalhou:

— Antes disso, porém, tenho uma sugestão melhor a lhe fazer. Caso você consinta em abraçá-la, fará de você um rei maior do que qualquer outro — disse Pélias, estendendo os braços, como se abarcasse com eles o mundo.

O jovem escutava as palavras do tio com atenção.

— Que tal, antes de assumir o seu posto, partir em busca do Velocino de Ouro?

Jasão conhecia a fama de tal aventura — tida por impossível, já que o tal Velocino, segundo diziam, estava protegido por um monstruoso dragão.

— Mas isso é uma tarefa que está, com toda a certeza, além de minhas forças — respondeu, ao mesmo tempo fascinado com o desafio e inseguro de sua pouca experiência para tentar tamanha proeza.

— Nada estará além de você, desde que ponha nisto sua fé e energia -disse-lhe o tio, tentando enganá-lo com sua filosofia barata. — Além do mais, os deuses estarão do seu lado!

Jasão lembrou-se imediatamente da promessa de proteção que Juno lhe fizera enquanto ele a carregava nos braços. Empolgado, resolveu pôr à prova a sua juventude e energia. Num ímpeto característico de sua idade, exclamou, diante do trono:

— Está bem, aceito seu conselho, meu tio. Partirei com alguns homens pelo mar até alcançar o reino onde se esconde o Velocino de Ouro e o trarei, para honra e glória de meu futuro reino.

Pélias, já dando o sobrinho por morto, abraçou-o efusivamente:

— Que os deuses o protejam e você seja feliz em sua gloriosa aventura!

E foi assim que começou a famosa jornada de Jasão e os Argonautas em busca do Velocino de Ouro.

JASÃO NA ILHA DE LEMNOS

Jasão, o célebre herói grego, havia sido criado longe de casa pelo centauro Quíron. Enquanto completava sua educação, seu tio Pélias assumira o seu lugar no trono da Tessália. Tendo retornado, já adulto, para assumir a sua condição de rei, foi induzido pelo perverso tio a empreender uma temerária expedição em busca do Velocino de Ouro — uma célebre relíquia que estava guardada no distante reino da Cólquida.

Tão logo tomou essa decisão, Jasão cercou-se de alguns dos mais valorosos heróis de seu tempo, tais como Hércules, Teseu, os irmãos Castor e Pólux, Meleagro e muitos outros. O construtor do navio foi Argos, razão pela qual o navio foi batizado de *Argo,* e os seus tripulantes passaram a ser conhecidos por *argonautas.* O Argo era uma grande embarcação dotada de velas, tendo ao centro um mastro feito com um carvalho profético da floresta sagrada de Dodona, que predizia os bons ou os maus ventos aos navegantes. Embora tivesse um sistema de mastreação, o navio também previa lugares para remadores, para as ocasiões em que faltassem os ventos.

A construção do Argo, acompanhada de perto por Minerva, concluiu-se, afinal, e os seus tripulantes embarcaram, prontos para seguir viagem. Mas, no momento da partida, o navio recusava-se a sair do lugar. Foi necessário que Orfeu, um dos tripulantes, tocasse sua lira. Durante alguns minutos ouviram-se somente os sons maravilhosos da música misturados ao

marulhar das ondas, até que finalmente o Argo, por si só, fez-se ao mar, sob os gritos de contentamento de toda a tripulação e da população que se despedia dos heróis.

Durante vários dias navegaram eles pelos mares da Grécia, até chegar à ilha de Lemnos, onde pararam para descansar e reabastecer-se de víveres.

— Veja! — disse Tífis, o experiente piloto do Argo, a Jasão, que chefiava a expedição. — Há algumas mulheres ali para nos recepcionar.

De fato, a ilha estava repleta de mulheres, que se aproximaram alegremente do Argo, cobrindo os visitantes com flores e coroas de louros. Seus trajes eram curtos, e elas eram também bastante atraentes. Porém, estranhamente, não se via nenhum homem entre elas.

— Onde estão os homens deste lugar? — inquiriu Jasão àquela que parecia a líder do grupo.

— Estão todos descansando — respondeu a estranha mulher.

Os tripulantes do Argo já haviam quase todos desembarcado. Cada uma das mulheres se apoderara de um deles, de tal modo que só havia casais passeando por toda a ilha, o que desagradou um pouco a Jasão:

— Viemos aqui para um piquenique? — disse ele a Tífis, que, entretanto, também já estava de olho numa das belas mulheres.

Jasão, desvencilhando-se delas, foi conhecer melhor a ilha. Andou sozinho por tudo, até que descobriu o cemitério. Ali estavam os túmulos de centenas de homens, todos mortos mais ou menos à mesma época.

— Gosta de túmulos, senhor navegante? — indagou uma voz feminina às suas costas.

Jasão voltou-se para trás, surpreso com a presença inesperada.

— Parece que é este o lugar onde estão descansando todos os homens da ilha — disse Jasão, num tom irônico.

A mulher — a mesma que o recebera no desembarque — sorriu discretamente. Diferente de antes, tinha agora apenas um fino véu a cobrir a parte inferior da sua cintura.

— Aqui eles não nos causam mais problemas — disse, erguendo os braços e fingindo que se espreguiçava.

— Diga, afinal, o que está acontecendo por aqui — ordenou Jasão, agarrando-a pelos ombros.

— Ui... Não se zangue, estrangeiro... — disse a mulher, passando de leve o belo nariz aquilino sobre o peito robusto de Jasão.

— Deixe de asneiras e diga o que foi feito dos homens — ordenou novamente Jasão, sacudindo-a com força.

Apesar do vigor do chefe dos argonautas, a mulher conseguiu se desvencilhar.

— Quer saber? Pois bem, nós os matamos!

— Mataram... *todos?*

— Naturalmente! Eles nos traíam o tempo todo, e este foi o castigo — disse a mulher apontando para os túmulos, alegre e desafiadora.

Em breves palavras ela descreveu, então, as humilhações que tiveram de suportar de seus maridos. Não havia um único dia em que não tivessem notícia da traição de algum deles. Finalmente, revoltadas, decidiram pôr um fim em tudo, matando-os. E assim fizeram. No dia seguinte, não havia mais um único homem vivo em toda a ilha.

— Vênus, no entanto, irou-se conosco — continuou a mulher — e nos inspirou um ardente desejo por novas núpcias. Desde então, vivemos na ânsia de contrair novo casamento, o que, no entanto, jamais se realiza.

— Por que não?

— Bem, não possuímos um navio enorme como o seu, nem saberíamos fabricar outro parecido, para partir em busca de novos maridos — disse ela, aproximando-se com seu passo felino e sensual.

Jasão, por alguns instantes, aceitou as carícias; porém, lembrando da sua missão, repeliu outra vez a estranha para longe. Com uma gargalhada divertida, ela rodopiou, fazendo uma volta inteira sobre si mesma, enquanto erguia com as mãos os belos cabelos negros, recolhendo-os acima da cabeça. Seu rosto oval ficava, assim, inteiramente livre, mostrando o traçado perfeito de suas feições, sem nada em torno para ofuscar o brilho intenso do seu olhar. Era uma visão positivamente tentadora para um homem da juventude e da virilidade de Jasão, que há várias semanas não via senão água e homens ao seu redor.

Mas ele soube resistir aos seus impulsos, pedindo mentalmente o auxílio de sua adorada Juno. Dando as costas à nativa da ilha, retornava já para o Argo quando sentiu que a sedenta mulher agarrava-se às suas costas, como uma onça, e cravava os dentes em seu ombro. Com um safanão, Jasão lançou-a ao solo. A mulher rolou pelo chão, com várias folhas secas coladas à pele. Jasão retornou ao navio. Ao chegar lá, porém, não encontrou ninguém. Furioso com o desleixo, saiu em busca do piloto e dos demais tripulantes.

Aos poucos foi encontrando um a um — ou antes, dois a dois, pois cada qual estava entregue aos braços de uma mulher, fazendo o que ele, Jasão, deixara de fazer. Por alguns momentos teve o desejo de retornar e completar o que deixara pela metade, mas outra vez o senso do dever o obrigou a refrear seus instintos. De maneira rude pôs fim à folgança de seus tripulantes, separando um a um os amantes, o que pôs à prova pela primeira vez a força do seu

braço. De fato, separar os casais revelou-se a tarefa mais difícil de quantas tivera posteriormente de enfrentar; mas, pouco a pouco, conseguiu reunir novamente todos os seus homens e levá-los de volta ao Argo.

Sob o pretexto de uma grave comunicação que tinha para lhes fazer, Jasão reuniu todos no convés do Argo. As mulheres, em terra, acenavam freneticamente, chamando de volta os homens, de forma que os argonautas passaram por uma prova semelhante à de Ulisses, diante do canto tentador das sereias.

Enquanto os tripulantes aguardavam o começo da preleção, Jasão se afastou e cortou discretamente as amarras que prendiam o navio à terra, fazendo com que ele navegasse velozmente para longe da perigosa ilha. Um desconhecido marinheiro, porém, pulou pela amurada afora e foi reunir-se às mulheres, em terra. Depois de um tempo, elas acabaram por descobrir que ele as traía, desrespeitando o rodízio estabelecido por aquelas ardentes e insaciáveis mulheres, e terminaram por matá-lo e acrescentar uma lápide a mais no cemitério.

Enquanto isso, Jasão conduzia o Argo em direção ao Velocino de Ouro.

O DUELO DE PÓLUX E AMICO

Ao passar pela costa do Quersoneso, a nau dos argonautas fora atirada pelas ondas. Ali teve ela de permanecer por alguns dias, a fim de reparar os danos sofridos. Esta ilha tinha ao centro uma imensa montanha, habitada pelos Dólios, temíveis gigantes de seis braços. Assim que os forasteiros desembarcaram na ilha, os gigantes puseram-se alertas, saindo um a um da boca da caverna. O líder do grupo ia à frente, pisando firme. Com uma das suas seis mãos penteava os imundos cabelos; com a segunda cobria um bocejo; com a terceira coçava as costas; com a quarta limpava o nariz; com a quinta fazia sombra para os olhos; e com a sexta, finalmente, espantava as moscas.

Os gigantes não estavam para conversa; a primeira coisa que fizeram ao perceber a presença dos intrusos foi erguer grandes rochas e lançá-las na direção do navio. Jasão, reunindo seus homens, deu-lhes combate, lançando em retribuição as setas de seu arco. Hércules, desejoso de provar a força de seus músculos, atracou-se com vários ao mesmo tempo, exterminando-os em poucos minutos, enquanto os demais argonautas davam conta dos demais gigantes com seus arcos.

Infelizmente, esta foi a única ocasião que os argonautas tiveram para presenciar o valor do maior dos heróis, pois às costas da Mísia, Hércules teve de abandoná-los: seu amigo Hilas fora raptado pelas ninfas quando recolhia água num rio, e Hércules preferiu ficar ali para tentar resgatá-lo.

Partindo novamente, os argonautas chegaram à terra dos Bebrícios. Lá, no entanto, não foram mais bem recepcionados do que na ilha dos temíveis Dólios. O rei do lugar chamava-se Amico, mas era, na verdade, homem de poucos amigos. Era filho de Netuno e achava que isto era desculpa bastante para exercer o seu orgulho da forma mais sanguinária. Desde há muito tempo havia instituído em seu reino o costume bárbaro de desafiar para um duelo a socos qualquer forasteiro que pisasse em seus domínios. Disto resultava que ninguém ficava vivo em sua ilha mais do que alguns minutos. Quando avistou o navio Argo ancorando em suas águas, correu logo para a praia, pronto a desafiar os visitantes.

— Que ninguém ouse colocar os pés sujos em meu reino, sem antes declarar que aceita bater-se comigo num duelo de vida ou morte! — gritou o rei em direção à nau dos gregos.

Os tripulantes entreolharam-se, surpresos. Surpresos, porém não assustados. Todos imediatamente disputaram entre si o direito de enfrentar o poderoso oponente.

— Aqui está o seu inimigo! — disse Pólux, adiantando-se em direção ao rei, cercado por seus amigos.

— Vêm todos juntos, gregos covardes? — disse Amico, com um riso de escárnio.

— Guarde os gracejos para os seus lacaios, rei da arrogância — disse Pólux, encarando seu inimigo com rudeza no olhar.

— Atrevido! — rugiu Amico. — Pagará com a vida por sua petulância! -Depois, virando-se para os lacaios, que ainda riam de seu mau gracejo, ordenou:

— Vamos, tragam logo as manoplas!

Manoplas eram luvas cobertas com pontas de ferro. O rei recebeu a sua e lançou a outra às faces do adversário, junto com uma cusparada de sua bílis negra.

— Vamos, imbecil, vista isto e prepare-se para morrer! — disse, sacudindo o punho enluvado.

Pólux deu um sorriso de mofa, enquanto pegava no chão a luva cheia de pregos.

Desfazendo-se das roupas, para ter os movimentos facilitados, os dois trajavam apenas aquela terrível luva. Uma das mãos permanecia descoberta, para poder agarrar os braços do outro, num confronto direto. Em instantes estavam os dois frente a frente; seus corpos movimentavam-se com cautela, medindo os passos, enquanto estudavam os gestos do adversário. Amico, julgando ser seu dever começar a bater, avançou para Pólux, enviando um poderoso soco que passou raspando pelos cabelos deste. Dois pregos, contudo, arranharam ligeiramente a sua testa, e duas finas listras horizontais de sangue foram brotando ao mesmo tempo em sua fronte, como se uma mão firme e invisível as traçasse com absoluta precisão.

— Seu sangue já começa a correr, maldito! — gritou o rei, possuído. — Vamos, covarde, ainda há tempo para desistir!

A resposta foi um poderoso golpe da mão enluvada de Pólux que, apesar de errar o alvo, leva consigo um pedaço do ombro do adversário. O rei, ferido, engoliu um terrível grito de dor. Seus dentes rangeram de tal forma que todos ouviram perfeitamente o ruído deles esfregando-se dentro da boca. Uma espuma branca começou a brotar dos cantos dos lábios.

— Pagará caro por isto, demônio! — grita Amico, alucinado.

— Fale menos e brigue melhor!

Com a mão desenluvada, Amico acertou um golpe no rosto de Pólux, que recuou dois passos para trás, tentando recuperar o equilíbrio. Amico, dando um grito de triunfo, avançou com sua mão enluvada, pronto a acabar com o inimigo momentaneamente desorientado. Os companheiros de Pólux suspenderam a respiração.

Porém, desviando-se com impressionante agilidade, Pólux remeteu com a mão livre um soco, de cima para baixo, ao queixo de Amico, que o fez cuspir oito dentes ao mesmo tempo, em um espirro vermelho de sangue. Com a língua empapada, o rei fez a vistoria na boca, cuspindo os cacos que se enterraram dolorosamente nas gengivas. Seu queixo cobria-se com um cavanhaque de sangue, do qual pendia um fio vermelho e balouçante. O juiz da contenda, prevendo o pior, suspendeu momentaneamente a luta.

— Que tal está? — perguntou Jasão a Pólux.

— Nunca estive melhor — respondeu o confiante herói, enquanto secava o suor do corpo.

Amico, apesar de ter o peito manchado do sangue que escorria da sua boca, não se deixou abalar:

— Dentro de instantes o miserável estará morto — diz Amico a um bajulador, que secava com dedicação o corpo do rei. Enquanto o lacaio fazia a sua higiene, Amico estudava o melhor meio de liquidar seu adversário. De repente, porém, deu um grito de dor:

— Aí não, idiota! — diz Amico, dando um pontapé no criado.

— Perdão, alteza... — desculpa-se o lacaio, aterrorizado com o resultado da sua imprudência.

Ao tentar consertar sua gafe, porém, o lacaio sela seu desastrado destino:

— Não seria melhor desistir, alteza? — sugere ele, esfregando bem as coxas do rei.

Um golpe brutal da mão enluvada de Amico desceu do alto, pondo um fim à vida do bajulador.

— Vamos à luta, outra vez! — rugiu o rei, que ficava sempre excitado diante da morte de alguém, principalmente quando era ele o causador.

Pólux, outra vez em campo, estava decidido a liquidar de vez o adversário:

— Vejo que é valente para liquidar lacaios indefesos... — diz o argonauta.

— Guarde seus sentimentos, mocinha. Daqui a pouco os dois estarão cruzando juntos o Aqueronte, rumo aos infernos!

Os golpes recomeçaram, com fúria ainda maior. O sangue correu dos dois lados. Porém, Pólux tem ferimentos de pouca gravidade, já Amico tem o rosto todo ensangüentado: um dos últimos golpes de Pólux enterrara um dos ferros de sua luva no olho esquerdo do rei, arrancando-o. Sem poder conter-se outra vez — mesmo porque já não tinha mais dentes para ranger -, o rei deu um urro de dor tão pavoroso que calou toda a platéia — menos, é claro, a dos argonautas, que explodiu em vivas.

— Desista, verme imundo! — gritou Pólux, tentando poupar ainda a vida do miserável.

— Nunca! — rugiu Amico, que preferia a morte à desmoralização diante de seus súditos.

Cego de dor e de ódio, ele descobriu o rosto. Onde antes estivera brilhando seu olho perverso, havia agora apenas um buraco negro, do qual escorriam fios de um sangue negro e espesso. Sua face irreconhecível era uma máscara congesta de dor e de ódio. Num último e desesperado arremesso, Amico — que já unha o corpo inteiro manchado do próprio sangue — investiu como um touro sobre o adversário. Pólux desviou-se e, então, aceitou no alto da cabeça de Amico — tal como este fizera com seu infeliz lacaio — um golpe vertical de sua luva recoberta de ferros.

Seis pontas agudas enterraram-se no crânio do rei.

Um estupor desceu sobre os aliados do monarca.

— Bravo, Pólux! — gritam os argonautas, em triunfo.

Os aliados do rei, porém, inconformados com a derrota desonrosa, decidiram tirar vingança com as próprias mãos, avançando em direção ao vencedor. Os argonautas, prevendo a perfídia, lançaram-se à arena como um só homem.

De um lado, um punhado de heróis gregos. Do outro, a chusma dos soldados do rei.

Sem esperar sinal algum, os argonautas investiram contra estes últimos, começando uma luta que se estendeu por várias horas. Ao cabo do combate, uma montanha de corpos dos súditos de Amico estava ao chão, misturando o seu sangue num mesmo veio rubro e inestancável.

Os sobreviventes fugiram, e os argonautas puderam, enfim, retomar sua viagem.

JASÃO E AS ROCHAS CIANÉIAS

No caminho para chegar até a Cólquida, em busca do Velocino de Ouro, Jasão passou com seus demais companheiros pela costa da Bitínia. Mal prendeu as amarras e seus tripulantes já desembarcavam, felizes por pisarem em terra novamente.

— Devagar, rapazes — disse Jasão. — Já tivemos surpresas demais nesta viagem.

A frente do grupo, Jasão avançou com os outros para dentro do continente. Mais para o interior vivia um ancião de horrível aspecto. Seu nome era Fineu, e desde as primeiras horas do dia se mostrava extraordinariamente inquieto. Na juventude recebera de Apolo o dom de prever o futuro e já sabia, por esta razão, que chegariam naquele dia os homens que o libertariam, afinal, de seus padecimentos.

Na verdade, fora esse mesmo dom o causador de todos os seus males, pois Fineu fizera dele um péssimo uso. Sabedor de todos os desígnios que os deuses reservavam aos mortais, começara a revelá-los a qualquer um, de modo indiscriminado, atraindo finalmente a ira de Júpiter. Apolo advertira-o de sua imprudência mais de uma vez. O que mais irritara Júpiter, entretanto, era a mania que Fineu tinha de revelar os oráculos de maneira absolutamente clara, ignorando a misteriosa retórica dos templos.

— É preciso mistério, Fineu! — lhe dissera Apolo, certa feita.

O que Fineu pretendia, na verdade, era criar um método simples de consultar os oráculos. Abandonando o incômodo tripé onde os adivinhos costumavam trabalhar, Fineu instalara-se numa cadeira mais confortável e começara a fazer suas revelações de maneira simples e direta.

Tal método não agradou aos deuses. Júpiter, afinal, farto das indiscrições de Fineu, decidiu puni-lo, fazendo com que de um dia para o outro ele se transformasse num velho cego e decrépito. Mas isso não foi o suficiente para aplacar a ira do deus supremo. Além de torná-lo velho e cego, ele fez com que o miserável Fineu jamais pudesse comer outra vez qualquer alimento saudável. Para tanto, ordenou que as pavorosas harpias — seres alados que corrompem todo o alimento que tocam — estivessem ao seu lado, toda vez que ele fizesse uma refeição.

Assim, era em vão que Fineu se sentava à mesa para fazer suas refeições; quando erguia seu talher, logo surgiam acima dos ombros as imundas aves agitando as asas que cheiravam a carniça. Com as mãos envenenadas tomavam-lhe o alimento, cuspindo-lhe em cima uma baba fétida e negra.

Nesse regime forçado, o velho acabou definhando. Seu corpo reduzira-se apenas a uma fina cobertura de pele. Os ossos de suas extremidades furavam este frágil envoltório, de tal modo que se podiam ver perfeitamente os ossos de seus cotovelos saindo pela pele rasgada. Por toda a parte do corpo irrompiam pedaços de ossos, de tal sorte que parecia que se descascava, prestes a revelar o esqueleto inteiro.

Era um espetáculo verdadeiramente triste assistir à decadência física daquele pobre homem. No entanto, o desgraçado Fineu ainda não havia perdido completamente o dom de prever o futuro, e agora fazia uso dele para si próprio.

— São eles! — disse o velho, levantando-se de seu leito imundo ao sentir a chegada dos argonautas.

Apoiado ao seu cajado, Fineu arrastou seus frágeis ossos até a porta. Os visitantes espantaram-se diante daquele esqueleto humano, que mais parecia a Morte a aguardá-los. De repente, porém, surgiram dos céus novamente as harpias esvoaçantes. Com golpes de suas malcheirosas mãos, tentaram impedir que Jasão e seus homens conversassem com Fineu. Estes, contudo, sacaram suas espadas e desferiram vários golpes, expulsando-as com violência. Agradecido, o velho convidou-os a entrar.

— Minhas predições estavam certas, afinal! — exclamou. As harpias haviam sido expulsas para sempre, conforme previra.

Depois de sentar-se à mesa, Fineu chamou Jasão, pois tinha uma importante revelação a fazer. Como se vê, o velho não perdia o hábito de profetizar.

— Logo que vocês saírem daqui, encontrarão em alto-mar dois imensos rochedos. São as Rochas Cianéias — falava Fineu, enquanto se banqueteava com fúria, livre, enfim, para comer à vontade.

— O que têm essas rochas? — perguntou Jasão.

— São dois rochedos que flutuam no mar, à espera de que algum barco lente cruzar o seu vão — disse o velho. — Quando isso acontece, eles juntam-se inesperadamente, esmagando os imprudentes.

— Você quer dizer que isto acontecerá conosco, também?

— Bem, se isto ocorrerá ou não, não posso revelar... — disse Fineu, mais comedido em seus prognósticos, pois temia uma nova punição de Júpiter. -Mas há um meio de saber quando será a melhor hora para tentarem a travessia.

— Vamos, diga logo! — disse o herói grego, impaciente.

— Quando estiverem próximos, larguem uma pomba; se ela conseguir realizar a travessia com facilidade, ponham toda a força nos remos e sigam adiante — disse o velho, cujos olhos cegos pareciam enxergar perfeitamente a cena. — No entanto, se a pomba perecer, desistam.

Satisfeito com as advertências, Jasão agradeceu e então partiu da ilha, juntamente com seus homens.

No mesmo dia, o Argo avançou intrepidamente pelas perigosas águas poucos foram surgindo no caminho várias rochas de pequeno e médio tamanho espalhadas ao longo do

estreito. Com muita dificuldade, os remadores evitaram a colisão com esses escolhos, orientados sempre por Tífis, o experiente piloto que guiava o Argo desde o começo da expedição.

Aos poucos o horizonte foi tornando-se escuro, prenunciando a chegada da noite.

Jasão ordenou que os grandes archotes presos aos mastros fossem acesos. Os marinheiros também portavam alguns, de tal modo que parecia que o Argo tinha a voejar ao redor de si um exército de imensos vaga-lumes dourados. Assim, iluminado, o navio ia avançando e se desviando, até que, afinal, Tífis exclamou, apontando adiante:

— Vejam, são elas, as Rochas Cianéias!

Embora ainda estivessem um pouco distantes, todos puderam divisar, iluminados pela lua cheia, dois imensos rochedos a flutuar firmemente sobre as águas revoltas.

— E se tentássemos contorná-los? — perguntou Tífis.

— É impossível — disse Jasão. — O desvio seria imenso. O único vão suficientemente largo para que possamos passar com nossa embarcação é aquele que há entre eles.

Jasão tinha seus olhos fitos nas duas rochas gigantescas. Ao perceber que haviam chegado ao ponto máximo de seu afastamento, virou-se com decisão para um dos marinheiros:

— Vamos, solte a pomba!

Uma pomba branca ergueu vôo das mãos do marinheiro e partiu como uma flecha em direção ao vão. As rochas, no entanto, parecendo adivinhar que algo pretendia franquear a sua passagem, começaram a unir-se rapidamente. A pomba acelerou ainda mais o vôo e conseguiu meter-se afinal no vão, no último instante, quase ao mesmo momento em que os penedos flutuantes trombavam violentamente um contra o outro. Um estrondo de formidável intensidade ecoou, espalhando-se por todo o mar; grandes vagas marinhas subiram ao céu numa explosão de água, descendo sob a forma de uma improvisada chuva. O mar inteiro se convulsionava, enquanto as rochas, lentamente, iam se separando outra vez. A pomba conseguira passar quase incólume, perdendo apenas uma ou duas penas da cauda.

— Adiante! Toda a força nos remos! — disse Jasão, com um grande grito Os homens estiraram os músculos, pondo toda a energia nos movimentos. As rochas rapidamente se separavam, enquanto o Argo avançava velozmente, quando subitamente o navio foi impelido para trás por uma grande onda.

Rodopiando, o Argo voltou quase ao ponto de partida.

— Vamos outra vez, ainda há tempo! — rugiu Jasão.

Empinando a proa, o Argo arremeteu novamente, com maior vigor ainda. As rochas começavam a fechar-se outra vez, enquanto o mar se agitava em torno delas, levantando um

novo maremoto. Ganhando um novo c decidido impulso, o navio enfiou-se na já estreita fenda, comprimindo-se entre as duas paredes escarpadas.

Quando todos pensavam que já estavam livres, um baque tremendo sacudiu inteiramente a embarcação, lançando ao solo vários homens. As rochas haviam esmagado a popa.

Porém, afora isso, os rochedos haviam sido transpostos, e os argonautas podiam considerar-se felizes.

— Vamos agora em busca do Velocino, companheiros! — disse Jasão. com um sorriso.

JASAO E O VELOCINO DE OURO

Após passarem por muitas peripécias, os argonautas — ousados navegantes, comandados pelo herói grego Jasão — estavam prestes a chegar a Cólquida, reino onde estava escondido o famoso tosão de ouro. Sua missão era resgatar esta relíquia, levando-a intacta até o seu país.

A última parada antes do destino final se deu na ilha de Marte. Porém, antes de desembarcarem, avistaram ao longe um bando de imensas aves que pairavam sobre a ilha como uma gigantesca e movente nuvem escura.

— O que é aquilo? — disse um dos tripulantes do Argo, o navio que conduzia os heróis.

— Vamos nos aproximar para ver melhor — disse Jasão a Tífis, o piloto. Virando as velas, Tífis fez com que o Argo passasse rente à ilha, o que bastou para despertar a atenção das aves. Num instante, uma gigantesca nuvem alada ergueu-se até os céus, saindo no encalço da embarcação.

— As malditas aves estão nos seguindo! — disse Tífis ao comandante da expedição.

As aves tinham o tamanho e a aparência assemelhados aos do maior dos grifos — pássaros monstruosos com corpo de leão, cabeça e asas de águia — e suas penas eram disparadas de seus corpos como setas.

— Cuidado, Tífis! — disse Teseu, um dos tripulantes, ao perceber que uma delas se aproximara perigosamente do companheiro.

Infelizmente o aviso chegara tarde demais; atingido por uma flechada certeira partida de uma das aves, o infeliz piloto caíra morto instantaneamente.

— Aves infernais! — bradou Jasão, recolhendo o corpo de Tífis, já sem vida. Erguendo seus escudos e lanças, os argonautas tentavam proteger-se do ataque das aves, que continuavam a lançar de seus corpos uma chuva de setas.

— Batam nos escudos, com toda a força! — disse o comandante. Imediatamente todos começaram a fazer uma tremenda azoada, ao mesmo tempo em que acertavam algumas aves com a ponta de suas lanças. Mas o que verdadeiramente os salvou foi a perícia do piloto, que havia desde o primeiro instante dado o rumo certo à embarcação, fazendo com que o navio se afastasse

o suficiente da ilha. As terríveis aves, apesar de belicosas, jamais iam para muito longe de seu habitat, por isso logo retornaram à ilha, dando gritos estridentes de triunfo. Pareciam satisfeitas por terem assassinado ao menos um dos intrusos, embora tenham sido abatidas em muito maior número.

Os argonautas, aliviados por escapar do perigo, tinham motivos, no entanto, para estarem mais abatidos do que felizes, devido à morte de Tífis. Depois de deplorar a má sorte de seu companheiro, os expedicionários rumaram para a Cólquida, onde chegaram sem mais incidentes.

Tão logo desembarcou em terra, Jasão procurou o rei, Etes, para lhe informar do motivo da viagem. O rei escutou-o atentamente e depois disse:

— Estrangeiro, já que você e seus companheiros se deram a tantos trabalhos e perigos para chegar até aqui, estou disposto a lhes ceder o Velocino de Ouro.

Um sorriso de satisfação banhou o rosto de Jasão.

— Antes, no entanto, você deverá provar que é realmente um escolhido dos deuses.

— Estou disposto a qualquer coisa para cumprir a minha missão — disse Jasão, confiante.

— Muito bem. Amanhã cedo você deverá estar diante do campo de Colcos. Ao chegar lá, lhe entregarei dois touros. Tome-os e are o campo inteiro para mim.

Os argonautas entreolharam-se, incrédulos com a simplicidade da tarefa.

— Só isto... ? — perguntou Jasão.

— Sim, os detalhes você saberá amanhã. Então, está disposto?

— Está bem, lá estarei à hora combinada — respondeu o forasteiro.

Entre os circunstantes, entretanto, estava Medéia, a filha do rei, que imediatamente tomou-se de amores pelo herói grego. Chamando-o à parte, a filha de rei decidiu preveni-lo:

— Belo estrangeiro, preciso falar com você — disse, pegando no pulso de Jasão. Jasão acedeu, acompanhando-a até um local afastado do burburinho.

— Esta é uma prova muito mais difícil do que você imagina — começou ela a dizer. — Os bois com os quais você deverá arar o campo são, na verdade, dois imensos e furiosos touros com patas de bronze. Além disso, eles cospem fogo pela boca, de tal sorte que jamais alguém, à exceção de meu pai, conseguiu arar o tal campo.

— Bem, se ele conseguiu, eu também conseguirei — exclamou Jasão.

— Não seja tão ingenuamente confiante — censurou Medéia. — Na verdade ele apenas o consegue porque está sempre de posse de um feitiço que eu elaboro especialmente para ele.

— Você é uma feiticeira?

— Sim, desde nova fui iniciada nas artes mágicas.

— Bem, e você está disposta a me ceder esse feitiço?

— Certamente, mas antes é preciso que você saiba de uma outra coisa. As sementes que o rei lhe dará para semear no campo são, na verdade, os dentes que Cadmo extraiu de um horrível dragão. Tão logo os deposite sobre os sulcos abertos pelo arado, eles irão se transformar num exército de soldados, que se lançarão sobre você, dispostos a tudo para lhe tirar a vida.

— Bem, e o seu feitiço agirá como?

— Quando meu pai lhe der os dentes do dragão, você deverá pedir o adiamento da tarefa para o dia seguinte. Com a chegada da noite, vá até o rio que há um pouco além do campo e, depois de se purificar em suas águas, sacrifique dentro de um fosso, que você cavará com as próprias mãos, um grande carneiro. Queime-o inteiro e faça ali mesmo suas libações com mel, invocando Hécate, a deusa das trevas. Você saberá que ela estará presente quando escutar o uivo de milhares de cães invisíveis. Dê então as costas e saia imediatamente do local.

— E depois?

— Quando a aurora surgir, junte um pouco do seu orvalho e dilua o feitiço que estou lhe dando neste momento — disse Medéia, estendendo às mãos de Jasão um pequeno vidro — e passe-o por todo o corpo. Deverá esfregá-lo também em suas armas. Você sentirá então que seus membros adquirirão uma força sobre-humana, estando apto, assim, a enfrentar a fúria dos touros.

— E quanto ao exército que brotará do solo?

— Quando os soldados surgirem do chão, pegue uma grande pedra e jogue entre eles. Isto os tornará raivosos a ponto de fazê-los brigar entre si. Aproveite, então, a confusão e liquide-os.

Depois de receber essas instruções, Jasão partiu, disposto a cumprir com exatidão tudo o que a filha do rei lhe dissera.

No dia seguinte, logo cedo, Jasão chegou, juntamente com os seus amigos, no campo de Colcos. O rei já estava instalado numa grande tribuna, juntamente com sua filha e um imenso contingente do povo que acorrera pressuroso para presenciar o temível feito. A maioria, porém, foi disposta apenas para ver a morte do estrangeiro, pois vários outros já haviam tentado inutilmente a façanha. Ninguém, no entanto, jamais havia conseguido passar além da doma dos touros selvagens.

Dentro de uma armação de ferro reforçada, montada no próprio campo, partiam rugidos ferozes, acompanhados de golpes semelhantes aos de poderosos malhos que fossem desferidos contra o solo que faziam tremer as próprias tribunas e arquibancadas. Eram os touros que se debatiam, fazendo saírem fios de labaredas por todas as frestas da armação.

Entre o povo ferviam as apostas; apostava-se não para saber se o desafiante venceria ou não, mas quanto tempo ele levaria para ser abatido pelas feras.

De repente, quatro homens aproximaram-se do grande portão de ferro e puxaram a imensa tranca de chumbo que impedia a saída dos animais. Os touros, pressentindo a iminência de sua libertação, lançavam-se contra as paredes de sua prisão. Tão logo a tranca foi retirada, os dois lançaram-se a toda força, não dando sequer tempo para os homens fugirem. Um deles foi imediatamente pisoteado pelas patas de bronze do primeiro boi, que sapateou sobre o corpo até reduzi-lo a uma massa sangrenta de ossos e carne. Ninguém moveu um dedo para salvá-lo. E. se alguém o tivesse feito, teria sido executado a mando do próprio rei, pois aquelas mortes introdutórias faziam parte do espetáculo. O segundo e último morto — pois os demais haviam conseguido escapar a tempo — foi um rapaz de seus dezoito anos, que teve o rosto inteiro queimado pelas labaredas que um dos touros lhe lançou às faces. Junto ao solo ficou seu corpo intacto, com a caveira queimada exposta.

O espetáculo destas duas mortes preliminares acendeu o ânimo do povo, em definitivo. Gritos de prazer elevaram-se da platéia; urros selvagens percorriam todo o campo, abafados somente pelo mugido selvagem dos touros, que continuavam a escarvar o solo, lançando para o alto torrões de terra do tamanho de uma cabeça humana.

Jasão estava poucos metros à frente das bestas; seu olhar era ao mesmo tempo cauteloso e confiante. O primeiro touro, assim que o enxergou, lançou-se sobre ele, a toda fúria. Jasão, com seu escudo enfeitiçado, aparou o golpe — que sob condições normais teria furado o metal do instrumento como se fosse de papelão. Mesmo assim o herói foi lançado junto com sua proteção dez metros adiante, o que fez a platéia erguer-se, num êxtase incontido.

Enquanto Jasão ainda estava caído, o segundo touro investiu, disposto a pisotear o grego até a morte. Mas este, levantando-se, conseguiu desviar-se, dando ainda um grande soco na cabeça do animal, o que o desorientou por alguns instantes. Cego de raiva, o touro cuspia fogo em todas as direções, de modo que uma de suas poderosas línguas de fogo alcançou as primeiras filas da arquibancada, espalhando o pânico sobre o povo. Do outro lado da arquibancada, os que estavam mais para trás acavalavam-se sobre os ombros dos que estavam à frente para enxergar melhor o massacre inesperado. Pessoas pulavam para a arena com os corpos em chama. Os touros, deliciados, continuavam a investir sobre os dois cadáveres. Jasão teve de prosseguir em seu desafio, mesmo em meio aos corpos calcinados e pisoteados de homens e mulheres.

A platéia agora estava tomada pela histeria, empolgada até a loucura pelo macabro espetáculo. Pessoas começavam a ser lançadas de modo indiscriminado para dentro do campo, o que obrigou o rei a lançar seus soldados sobre a plebe, a fim de conter o entusiasmo.

Apesar do fogo espalhado por todo o campo, Jasão não tinha uma única queimadura, graças ao feitiço de Medéia. A um canto estava o jugo de bronze e o arado de ferro; Jasão apoderou-se do jugo com uma das mãos e aproximou-se do primeiro touro. Um espirro de fogo da besta cobriu o herói de uma veste de chamas, dos pés à cabeça. A platéia urrou. Mas assim que as chamas se extinguiram, Jasão ressurgiu de dentro delas, intacto, arrancando um *oh!* decepcionado de espanto da mesma platéia. O touro também parecia desconcertado; confuso, olhou para o irmão, como que buscando dele uma explicação para o feito assombroso. Jasão, aproveitando a distração, agarrou um dos cornos do animal, arrastou-o até sentir seu pêlo ardente encostado no peito, e com um pontapé fez o animal cair de joelhos diante de si. Em seguida, colocou sobre o cachaço do touro o pesado jugo, deixando-o imobilizado. O segundo touro, vendo seu irmã em apuros, correu a toda velocidade em direção ao inimigo. Medéia, percebendo a cena, gritou para Jasão:

— Cuidado!

A imensa cabeça do touro sacudiu-se como se uma nuvem invisível de moscas a cercasse. Jasão, com um pulo ligeiro, montou sobre as costas do animal e saiu trotando, agarrado aos chifres da criatura, que escoiceava, enlouquecida por se ver alvo daquela inesperada humilhação.

Medéia, na tribuna, vibrava. O próprio rei não pôde deixar de aplaudir o prodígio. E até a própria ralé das arquibancadas passou para o lado do audaz domador, curvando-se ao talento do vencedor.

Aproveitando-se de um descuido do animal, Jasão apoderou-se de seus dois chifres e com uma pancada vigorosa do punho, assestada contra a testa do animal, praticamente o nocauteou, obrigando-o a dobrar os joelhos até o chão. Jasão tinha agora os dois touros postos sobre o jugo; com um movimento rápido, atrelou o arado de ferro à extensão da canga e, apoderando-se do timão, começou a arar o campo, como se estivesse puxando a mais suave parelha de bois de toda a Grécia.

Um estrépito de aplausos varreu toda a assistência. Ainda falta, porém, a última parte da tarefa, que é a de semear nos sulcos abertos pelo arado os dentes do dragão que Cadmo abatera anteriormente. Jasão assim o fez, voltando sempre a cabeça para trás para ver se surgiam os temíveis soldados que, segundo Medéia, se levantariam do chão para atacá-lo.

Após lançar o último dente amarelo do dragão sobre o solo, Jasão, de fato, viu erguer-se do chão um exército inteiro de gigantes. Cada um deles tinha a mesma aparência do temível réptil: uma face oblonga e esverdeada, tendo de cada lado do rosto um grande olho de pupilas horizontais. Estavam todos armados de escudos, lanças e espadas. Imediatamente os soldados avançaram em direção a Jasão, que os rechaçava com golpes firmes de sua espada encantada. Mas

para cada um que era abatido ressurgiam outros dez, e se tornava impossível ao herói dar conta de todos eles.

Obrigado a recuar, Jasão lembrou-se, contudo, do expediente que Medéia lhe ensinara. Erguendo do chão uma pedra de bom tamanho, o herói lançou-a em meio aos temíveis guerreiros. No mesmo instante eles atiraram-se uns contra os outros, de modo surpreendente, fazendo-se em pedaços. Jasão, aproveitando-se da confusão, caiu em cima dos restantes, acabando com eles.

Cumpridas as duas tarefas, Jasão apresentou-se diante do rei Etes.

— Muito bem, audaz guerreiro — disse o monarca, pondo sobre a fronte de Jasão o louro da vitória. — Você já tem a minha autorização para entrar no bosque onde está guardado o tosão dourado. No entanto, deverá fazê-lo sozinho — completou o rei, pois sabia bem que Medéia o havia auxiliado ainda há pouco e queria evitar nova intromissão por parte de sua filha. Um pouco além do campo onde Jasão domara os touros e exterminara o exército de gigantes ficava o tal bosque. Ali, nem mesmo o mais destemido dos guerreiros da Cólquida ousava penetrar. A noite já caíra, e o herói tinha uma tocha acesa numa das mãos.

De repente, porém, Jasão sentiu que tinha alguém a seu lado. Virando-se, confirmou sua impressão. Era Medéia, que, escapando à vigilância de seu pai, viera juntar-se a ele.

— O que está fazendo aqui?

— Vim para ajudá-lo outra vez — disse a filha do rei, decidida.

O argonauta, reconhecendo a competência da jovem, curvou-se à vontade dela e ambos seguiram floresta adentro.

— Mantenha-se sempre perto de mim — disse o guerreiro.

Assim unidos, os dois avançaram, desviando-se dos compridos galhos; a jovem feiticeira também trazia consigo uma tocha, para ajudar a clarear a treva espessa da mata. Depois de atravessarem grande parte do bosque, Jasão entreviu por detrás da folhas das árvores uma claridade que quase tornou desnecessário o uso das tochas.

— É ela, a árvore onde está pendurado o Velocino dourado! — disse Medéia. puxando o braço de Jasão.

De fato, dentro de uma larga clareira dentro da mata estava uma enorme e solitária árvore. De seus galhos pendia o tosão de ouro — a pele de ouro da ovelha que o jovem Frixo esfolara logo após a sua chegada a Cólquida. Banhado pela luz da lua, o tosão esplendia maravilhosamente, deixando os dois intrusos momentaneamente paralisados de admiração. Ao lado da majestosa árvore estava. no entanto, uma grande caverna, de cuja entrada escura escapava um ronco.

— Cuidado, Jasão! — disse Medéia, apreensiva, ao ver que ele se precipitava para apanhar do galho da árvore a preciosa relíquia. — Ali dentro está o terrível dragão que protege o Velocino noite e dia! Deixe-me ir junto!

— Fique aqui! — recomendou ele, empunhando com firmeza a espada, enquanto resguardava o peito com o escudo.

O herói avançava, cautelosamente. Subitamente, porém, o ronco no interior da caverna silenciou. Jasão, prevendo que o tempo se esgotava, estendeu a mão, chegando a tocar o macio e dourado pêlo do tosão pendurado ao galho. Como se o seu toque despertasse um alarme, surgiu no mesmo instante da entrada escura da caverna a grande e horrenda cabeça do dragão.

— Cuidado, Jasão! É ele, o guardião do Velocino! — gritou Medéia.

Um urro selvagem fez os galhos das árvores vibrarem, expulsando de suas extremidades uma chuva de folhas, que rodopiaram soltas no ar. Ao enxergar o intruso, a besta fenomenal saiu de corpo inteiro de dentro da caverna. As escamas denteadas de seu dorso lembravam os degraus cartilaginosos de uma imensa escadaria verde escura. Uma baba amarela descia pelo queixo do monstro, deixando várias poças espalhadas pelo chão. Com sua cauda gigantesca sempre em movimento, ele espalhava a gosma venenosa para todos os lados.

Jasão, protegido por seu escudo, recuou um pouco, sem poder capturar a sua preciosa relíquia. Medéia, por sua vez, desobedecendo às ordens de Jasão, lançou-se ao teatro da disputa, disposta a tudo. Os dois estavam agora inteiramente à mercê da fera, que os encurralou a um canto de um grande paredão rochoso. Felizmente o monstro estava preso a uma sólida corrente dourada, cujos elos eram tão grandes que por eles podia passar uma cabeça humana inteira.

Jasão já se preparava para atacar a fera, quando Medéia puxou de seu seio um pequeno vidro.

— Tome, leve consigo! — disse. — É uma poção destinada a fazer adormecer o monstro.

O herói, de posse do líquido, avançou, mas foi golpeado inadvertidamente pela ponta da cauda da fera, indo cair próximo à árvore. Jasão agradeceu o erro de cálculo do monstro e apoderou-se com segurança do tosão. A fera, enlouquecida de ódio, investiu com fúria contra o argonauta; o recipiente com a poção mágica, contudo, rolara ao chão. Felizmente, o vidro não se quebrou. Enquanto Jasão enfrentava o monstro, Medéia, de posse outra vez da poção, a aspergia sobre o inimigo. A fera, arreganhando os dentes, engolira quase todo o conteúdo, e aos poucos foi-se fazendo sonolenta.

Os olhos do dragão começavam a se fechar. Jasão, aproveitando a oportunidade única, tomou a lança e a atravessou no coração do monstro. Foi um ato que se revelou mais imprudente

que judicioso, pois a fera, com a dor insuportável do golpe, ergueu-se nas duas patas lançando um grande urro. Antes de cair morta ao solo, num último golpe tentou abocanhar Jasão, que deixou nos dentes do dragão, no entanto, apenas seu escudo, todo torto e desmanchado.

O dragão estava finalmente morto, e o Velocino de Ouro estava agora, finalmente, nas mãos de Jasão. Medéia, com um grito de alegria, lançou-se aos braços do herói e, no mesmo instante, ambos retornaram para o Argo. Medéia decidira unir-se a Jasão, partindo com os demais argonautas de volta para a terra de seu amado.

O RAPTO DE PROSÉRPINA

Plutão, o deus dos infernos, andava inquieto com a agitação que vinha abalando os fundamentos do monte Etna, na Sicília. De fato, o vulcão que ali existia parecia mais irado do que nunca, cuspindo fumaça e faíscas para todos os lados. Sabedor de que o interior daquelas montanhas abrigava o gigante Tifão — que fora anteriormente derrotado por Júpiter e ali acorrentado -, Plutão decidira :r ver pessoalmente o que estava ocorrendo.

Tomando a carruagem da noite, o deus subterrâneo percorria a terra, no caminho do monte Etna, quando avistou um grupo de mulheres que colhiam flores no campo. Enquanto isto Vênus, a deusa do amor, observava tudo, tendo ao lado o filho Cupido.

— Veja, meu filho — disse Vênus, pegando o braço do jovem -, parece que o deus dos infernos decidiu dar uma voltinha à luz do dia.

— O coitado deve estar cansado de toda aquela escuridão — disse Cupido. -Deve ser horrível, afinal, ser o rei de um mundo de mortos.

De repente, Vênus, dando-se conta de algo, encostou sua boca à orelha de Cupido:

— E se lhe arrumássemos algo que o distraísse de sua solidão?

Os olhos do jovem pareceram se iluminar. Cupido pegou rapidamente o seu arco, escolhendo a flecha mais aguda de sua aljava repleta de setas.

— Já entendi, mãe... — disse, caprichando na pontaria.

Uma flecha dourada cortou o ar, indo atingir em cheio o coração do deus infernal. No mesmo instante, Plutão ficou apaixonado pela mais bela das mulheres que tinha diante dos seus olhos. Era Prosérpina, filha de Ceres, a deusa da fertilidade e da agricultura; a jovem podia ser considerada uma digna filha de sua mãe, com seus longos cabelos da cor do trigo.

Tomado por um ímpeto verdadeiramente infernal, Plutão colheu as rédeas cor de ferro que seguravam seus negros cavalos e se lançou em direção ao grupo de moças que circundavam a encantadora presa. Assustadas com a aproximação do carro negro, todas correram em diversas direções, deixando Prosérpina desprotegida. Plutão, aproveitando o descuido, suspendeu a moça com o braço, arrebatando-a aos céus em seu carro veloz.

Foi em vão que a filha de Ceres clamou por socorro: Plutão, mantendo-a solidamente presa em seus braços, a conduzia para cada vez mais longe. Descendo, afinal, o seu carro, o deus das trevas preparava-se para golpear o solo com seu tridente e abrir caminho para retornar ao seu mundo subterrâneo, quando a ninfa Ciana, que estava ali por perto, ainda tentou detê-los:

— Espere, cruel divindade! Deixe-a em paz!

Plutão, sem lhe dar ouvidos, fendeu a terra com um golpe poderoso de seu tridente. Um abismo abriu-se aos pés de ambos. Antes, porém, que o raptor e sua presa entrassem pela negra passagem, Plutão, temendo que a ninfa Ciana viesse a dar com a língua nos dentes, transformou-a em uma fonte. Os cavalos relincharam, felizes de regressarem à sua escura morada, enquanto Prosérpina perdia os sentidos ao ver-se prestes a adentrar aquela escuridão sem fim. — Vamos, você será agora a rainha dos infernos! — disse Plutão, dando um beijo na face desmaiada de Prosérpina, antes de chicotear com furor os seus cavalos da cor da noite.

Ceres, no mesmo dia, foi alertada pelas amigas de Prosérpina, que lhe contaram em detalhes o rapto e o seu autor.

— Plutão?! — exclamou Ceres, incrédula. — O que fará aquele maldito à minha filha?

Desesperada, a deusa saiu a pé, do jeito que estava, em busca de Prosérpina. Percorreu a terra durante o dia inteiro, sem encontrar nem sinal da filha. Quando a noite chegou, acendeu uma tocha e prosseguiu em sua solitária e desesperada busca. Assim que Ceres avistou Selene, a deusa da Lua, deteve o seu passo.

— Por acaso você não viu, poderosa deusa, a minha filha sendo levada num grande carro conduzido por Plutão? — perguntou, esperançosa.

Infelizmente, Selene nada vira. Durante a noite inteira Ceres percorreu a terra, iluminada apenas pelas estrelas e pela Lua, que intensificou seus raios para ajudá-la a encontrar a filha. Quando o dia amanhecia, Ceres encontrou-se com a Aurora, que já vinha adiante, precedendo o radiante carro de Febo, o deus do Sol.

— Aurora querida, perdi minha filha! — disse Ceres, em prantos. — Você, por acaso, não a viu passar num carro puxado por negros cavalos?

Também Aurora nada vira. Estava disposta a ajudar na procura, mas o Sol a impelia para a frente, não dando tempo para que continuasse sua conversa.

Durante vários dias e várias noites, Ceres continuou em seu périplo inútil, esquecida de seus deveres para com a natureza. Logo a terra começou a se tornar estéril. As águas não desciam mais do céu para regar as plantações, e a fome começou a se espalhar por tudo. Um dia, completamente desanimada, Ceres sentou-se numa pedra, curvando a exausta cabeça sobre o peito. Assim esteve um bom tempo, abatida, quando percebeu que a seu lado uma fonte cantante

respingava suas águas sobre si. Passando os olhos sobre o espelho das águas, Ceres percebeu nele o desenho do rosto de Ciana, uma das ninfas mais íntimas de sua filha. Ainda que um pouco turvada pela fonte, a imagem a encarava com indizível pena.

— Ciana, o que houve com você? — disse a deusa, sem obter nenhuma resposta, pois, com a metamorfose, a ninfa havia perdido o dom da fala.

Entretanto, por alguns sinais que a deusa logo compreendeu, a ninfa fez entender que sua amiga havia sido engolida pela terra, ali, naquele local. Ceres viu confirmada essa suspeita ao divisar flutuando sobre as águas da fonte o cinto de sua adorada filha. Apanhando-o, secou-o em seu seio, mas logo o encharcou novamente, com suas lágrimas.

Sem meios de poder descer até as profundezas do reino de Plutão, Ceres decidiu subir aos elevados domínios de Júpiter, pai de Prosérpina.

— Deus dos deuses, preciso de sua ajuda! — exclamou Ceres, ao mesmo tempo aflita e determinada. — Quero que obrigue Plutão a me devolver a minha filha.

— Plutão é senhor em seus domínios... — tergiversou Júpiter, dando a entender que não queria problemas com seu irmão das trevas.

— Ele que vá para o inferno! — bradou Ceres, completamente impotente.

— Ele já está lá, querida... — disse Júpiter, sem saber o que dizer. Ceres, no entanto, não estava para graças:

— Não tenho tempo nem ânimo para seus gracejos! — rugiu.

— Então vá lá para baixo, que é seu lugar, e coloque em ordem outra vez a terra, da qual você tem se descuidado há vários meses — disse Júpiter, tentando impor sua autoridade.

— Ela vai continuar assim, sem brotar mais um pé de couve sequer, enquanto eu não tiver minha filha de volta — respondeu, categórica, a deusa da fertilidade e da agricultura.

O grande Júpiter, ao perceber que sua esposa Juno já se aproximava para ver o que estava acontecendo, resolveu contemporizar, pois sabia que duas mulheres iradas eram demais para ele ou qualquer outro deus:

-Está bem, façamos então assim: sua filha poderá retornar para a Terra, desde que não tenha comido nada nos infernos, pois assim determinaram as Parcas.

A condição parecia meio absurda, mas Ceres não tinha alternativa e, por isto, resolveu ir pessoalmente ao reino de Plutão. Esteve longo tempo nas margens do Aqueronte, aguardando a chegada da barca de Caronte, que a transportaria até o reino das sombras. Quando o velho barqueiro se aproximou, Ceres imediatamente embarcou.

— Vamos com calma! — disse o velho, ameaçando-a com o remo.

— Cale-se e me leve logo até a outra margem! — ordenou Ceres.

Uma vez desembarcada, foi barrada por Cérbero, o terrível cão de três cabeças que guarda os portões do inferno. Mas uma mãe que procura a filha não se deixa intimidar por qualquer coisa. Com o facho que levava numa das mãos desceu uma bordoada sobre as três cabeças do cão ao mesmo tempo, que saiu ganindo inferno adentro. Sem dar ouvido a nada nem a ninguém, foi avançando pelas regiões escuras.

A deusa avançou tanto que em breve tinha diante de si o deus infernai instalado em seu trono, tendo ao lado sua filha. Esta, enxergando a mãe, lanço-se se em seus braços, num abraço longo e emocionado.

Ceres, sem poder emitir qualquer palavra, apenas a enxergava com os olhai nublados. Depois de recomposta, quis saber como ela se sentia ali.

— Bem, não é tão mal assim... — disse a filha, relanceando disfarçadamente o olhar para seu marido, que observava de longe a cena, evitando, porém, se intrometer. — Mas como pode ser feliz aqui, nesta escuridão?

— É que aqui eu sou rainha, mãe, senhora absoluta de todos estes domínios

— Mas e este seu marido terrível? — disse Ceres, lançando um olhar feroz para o deus subterrâneo, que olhou para os lados, temeroso da vingança da sogra

— Bem, ele foi um tanto intempestivo na sua maneira de se declarar para mim, reconheço — disse Prosérpina, com ar condescendente. — Mas sempre I tratou com muita atenção e delicadeza, como uma legítima rainha — completou a moça, que parecia realmente feliz com seu novo estado.

Mas sua mãe não podia suportar a idéia de tê-la para sempre longe de s por isto lhe perguntou:

— Minha filha, você já comeu algo desde que chegou aqui?

— Por quê? Pareço muito magra? — perguntou Prosérpina.

— Apenas responda — disse Ceres, ansiosa. Prosérpina pensou por algum tempo e depois declarou:

— Bem, comi apenas uma romã que colhi nos jardins de Plutão.

Ceres quase tombou desfalecida ao chão, de tanta tristeza diante dessa terrível revelação. Abandonando momentaneamente a filha, foi falar com o deus dos infernos, para tentar reverter a situação, mas Plutão mostrou-se resoluto, recusando-se a perder a esposa. Uma terrível discussão ameaçava se instalar entre a sogra e o genro, quando Prosérpina propôs uma solução que agradaria a todos:

— Façamos assim, mãe: a metade do ano passarei aqui em meus domínios e a outra metade em sua companhia, na Terra. Que tal acha disso?

Ceres e Plutão chegaram, assim, a um acordo que parecia ser a única solução consensual. Como já estivesse na época da floração, Prosérpina seguiu com sua mãe de volta à terra, para passar sua primeira temporada, disposta a regressar dentro de seis meses, conforme o combinado. Ceres retomou seus cuidados com a Terra, e é assim que Prosérpina alterna a sua vida: durante os meses de calor passeia pela Terra, dando vida e fecundidade a tudo, e durante os meses de frio e escuridão recolhe-se para as profundezas da terra, deixando a natureza despida de seus benefícios.

VERTUNO E POMONA

Pomona era a deusa que presidia a floração dos frutos, e seu maior prazer era fazer a guarda e proteger as árvores frutíferas. Seu bosque, no entanto, vivia fechado à entrada de seus incansáveis cortejadores — na sua maioria faunos e sátiros que, tomados pela mais ardente paixão, queriam por todo modo possuí-la. De fato, alimentada somente pelos mais tenros frutos, a deusa dos pomares tinha um corpo invejável e uma pele perfeita. Julgando-se em segurança, andava só por entre os troncos das suas adoradas árvores, o que fazia excitar ainda mais o desejo dos seus pretendentes.

Dentre todos, o mais apaixonado, sem dúvida alguma, era Vertuno, o deus cujas atribuições mais se assemelhavam às da bela deusa: Vertuno era o deus protetor dos frutos e dos legumes.

— Nós temos tudo em comum — dizia ele a si mesmo, sem conseguir compreender por que a deusa fugia dele.

Mas Pomona não queria, definitivamente, saber de amores. E como Vertuno parecia ter mais possibilidade de vencer a sua resistência, era justamente dele que ela fugia com mais ardor. Vertuno, porém, era mestre em disfarces e, por diversas vezes, apresentou-se diante da deusa, mas esta estava sempre ocupada em podar ou fazer algum enxerto nas árvores. Certa vez apareceu como um ceifador, pôs no chão a foice e sentou-se aos pés de Pomona, que permaneceu, absorta, totalmente envolvida com sua tesoura a cortar os galhos e a retirar os fungos acumulados, sem lhe dar a mínima atenção.

— Suas árvores estão cada vez mais belas — disse-lhe o deus, sem arrancar dela nenhuma expressão. Com os braços erguidos, ela prosseguia em sua tarefa.

Noutra ocasião, Vertuno apareceu como um pescador, num disfarce infeliz. A deusa não queria nada com pescadores e detestava esta atividade, chegando mesmo a expulsá-lo de sua presença, com um ar enfastiado. Outra vez surgiu munido de uma escada, com um longo bigode de colhedor de maçãs. Aproximando-se da deusa, que tentava inutilmente alcançar um dos frutos para colocar na cesta, ele lhe disse:

— Deixe que eu as alcanço para você!

Colocando a escada encostada ao tronco, Vertuno começou a escalar os degraus, quando sentiu a mão cálida da deusa tomar-lhe o pulso.

— Deixe que eu mesma o faço — disse ela, subindo degrau por degrau até alcançar os frutos mais distantes.

Depois de arrancar dos galhos as maçãs, ia jogando-as uma a uma a Vertuno, que, no chão, as ia recebendo. A maioria das frutas, porém, o acertava em cheio na cabeça, arrancando-lhe breves gritos de dor.

— O que há com você, afinal? Não está enxergando direito? — reclamava a deusa, impaciente. — Veja, está estragando todos os meus frutos!

Se Vertuno, no entanto, tinha alguma coisa em bom estado naquele momento, era justamente a visão: cobiçava ardentemente as perfeitas formas de Pomona.

— Tome, leve de volta a sua escada — disse a deusa, ao perceber finalmente as intenções de Vertuno.

Quanto mais Vertuno persistia em seus estratagemas, mais a deusa permanecia irredutível, terminando sempre por expulsá-lo de seu bosque sagrado, com maior ou menor delicadeza.

As coisas estavam nesse pé quando, um dia, uma velha encarquilhada apareceu diante de Pomona. Estava extremamente quente, e Pomona estava mais i vontade. Um suor delicado como o orvalho brotava de sua pele clara; na poma dos pés, a deusa tentava alcançar um galho mais alto, deixando à mostra as axilas que uma minúscula penugem dourada protegia. O que nas mulheres comuns poderia parecer um desleixo, na encantadora deusa era, porém, um atributo a mais para a sua beleza.

A velha — que outro não era senão o próprio Vertuno — aproximou-se lentamente, mancando em seu passo senil. Quando chegou aos pés da deusa. sentou-se, enquanto a observava entregar-se à sua tarefa. Após algum tempo, Pomona finalmente, acordou para a presença da intrusa.

— Bom-dia, senhora — disse a deusa, estendendo a mão, de modo afável.

— Bom-dia, bela jovem! — respondeu a velha, dando um beijo na deusa, que recuou um pouco, de modo instintivo, diante daquele gesto inesperado e surpreendente.

Pomona estava podando uma vinha, e Vertuno aproveitou a ocasião para fazer uma comparação que em tudo servia aos seus objetivos:

— Está vendo como os galhos da vinha se enroscam no tronco?

— Certamente — respondeu a deusa.

— Por que não lhe segue o exemplo?

— Como assim?

— Bem, a vinha não cresce jamais se não puder enroscar-se a um tronco forte e viril. Estive observando você desde muito tempo e percebi que foge de todos os seres que buscam unir-se a você.

— Ora, são todos uns boçais! — exclamou Pomona, lançando para trás os cabelos e retomando sua tarefa.

— Talvez nem todos o sejam — disse Vertuno, acariciando as costas da deusa com sua mão enrugada, o que renovou o espanto da moça.

— Senhora, que modos são esses? — disse Pomona, com um sorriso, tentando mostrar de modo gentil e descontraído a sua insatisfação com aquelas pequenas e desconfortáveis intimidades.

— Existe alguém que está muito acima de todos os seus outros pretendentes — disse Vertuno, sob o disfarce da velha, ignorando a advertência da deusa. -Você sabe quem é, e somente ele merece o seu amor.

— Já sei, já sei, a senhora refere-se ao importuno Vertuno — disse Pomona, com ar de enfado.

— Sim, é ele mesmo. Ninguém mais poderá lhe fazer feliz, pois ninguém a ama mais do que ele! — insistiu a velha, abraçando o corpo que tinha à sua frente, num transporte de desejo que encheu de assombro a deusa dos pomares.

— Agora chega! — esbravejou Pomona, afastando a velha descontrolada. De repente, porém, ela deu-se conta do que se passava:

— Então é você, novamente!

A velha lançou fora o véu que cobria a sua cabeça e disse:

— Sim, sou eu, Pomona querida, e venho mais uma vez tentar obter o seu amor!

— Por que não experimenta aparecer sob a sua própria forma, ao menos uma vez?

Às vezes as coisas óbvias não ocorrem, mesmo aos deuses.

Vertuno, sabendo que a deusa não tinha olhos para ninguém, procurara nas mais diversas formas convencer a sua amada, sem dar-se conta de que talvez conseguisse seu objetivo se aparecesse diante dela como realmente era. Desfazendo-se de seu disfarce, Vertuno surgiu diante da moça, em sua forma esplendorosa. Pomona, acostumada ao assédio dos faunos e do horrível deus Pã, ficou deslumbrada com sua beleza. Ele aproximou-se, então, da dócil Pamona e a cobriu de beijos, que foram generosamente retribuídos.

ÉDIPO E A ESFINGE

Laio, rei de Tebas, tinha o ar preocupado quando se apresentou no templo de Apolo. Apesar de ter sido coroado há tempos, ainda não tinha filhos — e um rei sem filhos que o sucedam, segundo ele, não tinha valia.

— Apolo, conceda-me a graça de um filho! — pediu Laio.

O deus solar, no entanto, deu uma resposta bem diversa da que esperava o rei:

— Laio, pense duas vezes antes de desejar este filho, pois ele o levará à morte e será também a ruína de sua família.

Quando Laio chegou em casa, porém, sua esposa, Jocasta, o esperava, de braços abertos.

— Laio querido, teremos, enfim, nosso filho! — disse ela, com o rosto radiante. O rei não se mostrou nem um pouco feliz com a notícia.

— O que foi, não era isto que você tanto queria? — perguntou Jocasta, surpresa. Laio resolveu, então, revelar à rainha a sombria profecia que escutara no templo de Apolo.

— Não podemos ficar com esta criança, Jocasta, ela será a nossa desgraça! — disse ele, após enfrentar a resistência inicial da esposa.

O rei argumentou com tanta insistência, mostrando todas as desgraças que poderiam sobrevir ao futuro deles e de seu reino, que Jocasta acabou concordando com a idéia de não criar a criança, desde que não matassem o bebê.

— Faremos, então, o seguinte — disse Laio -, entregarei o menino a um casal de pastores para que o criem bem afastado de nós.

A rainha, apesar de triste por ter de se separar de seu filho, concordou. Pelo menos ele teria o direito de viver e de ser feliz.

Laio, entretanto, havia decidido secretamente dar um fim no seu filho, pois temia que as profecias, de um jeito ou de outro, se concretizassem. No dia do nascimento de seu filho único e primogênito, levou-o, então, a um pastor, dizendo:

— Leve-o até um bosque abandonado e o deixe lá, ao cuidado das feras. O pastor, contudo, penalizado, preferiu dar uma chance à criança, pendurando-a pelos pés no galho de uma árvore; assim, teria ao menos uma oportunidade de que uma alma bondosa a visse e decidisse levá-la consigo.

Um camponês chamado Forbas passava por ali, quando foi atraído pelo choro da infeliz criança. Tomando-a em seus braços, levou-a para casa, onde sua mulher o aguardava para a janta.

— Fiquemos com ela! — propôs a mulher, que não conseguira ter filhos e vira nisto uma bênção dos deuses.

O casal adotou, então, o garoto, que passou a se chamar Édipo — que significa "pés distendidos". O menino cresceu, robusto e saudável, mas sem saber de sua verdadeira situação de

filho adotivo. Um dia, durante uma desavença com um colega, este lhe disse, com a voz carregada de maldade:

— Cale a boca, seu enjeitado...

Pulando ao pescoço do outro, Édipo quis saber por que razão ele dizia àquilo.

O rapaz confessou, então, que sua mãe contara-lhe que Édipo, na verdade, fora recolhido na floresta e que não era filho natural de Forbas e de sua esposa. Édipo, revoltado, largou tudo no mesmo dia e partiu para Delfos: estava decidido a descobrir de quem era filho. Para tanto, decidiu consultar o famoso oráculo daquela cidade, a fim de que este lhe revelasse algo sobre o seu obscuro passado.

— Não insista em querer saber mais nada! — disse o deus Apolo através do oráculo. — Se você se aproximar de seus verdadeiros pais, levará a eles somente desgraça.

Édipo, sem conseguir descobrir mais nada, retomou seu caminho, já conformado com o seu destino. Porém, quando ia em meio à estrada, foi quase atropelado por uma carruagem, dentro da qual seguia um homem. Esse homem, que se dirigia ao mesmo templo de onde Édipo retornava, era Laio, rei de Tebas e verdadeiro pai do filho adotivo de Forbas. O rei, alertado por alguns sonhos ruins que tivera recentemente, estava indo incógnito até o templo para saber se seu filho estava realmente morto.

— Saia da frente, idiota! — disse, ao ver que o rapaz lhe atrapalhava o caminho. A rude interpelação levou a uma disputa acirrada. Laio desceu do carro para expulsar o rapaz da estrada. Após uma violenta discussão, deu uma bofetada na cara do rapaz, que puxou de um punhal e enterrou-o no peito de Laio. Percebendo a gravidade de seu ato, Édipo fugiu desesperado e vagou, tentando penitenciar-se. Enquanto isso, um terrível flagelo instalara-se num dos pontos principais da estrada que conduzia a Tebas. Uma esfinge — monstro metade leão e metade mulher — ficava à espreita de qualquer pessoa que passasse. Assim que o infeliz viajante cruzasse o seu caminho, a cabeça do monstro — uma cabeça de mulher -erguia-se sobre as patas e, após desferir um grande rugido, dizia:

— Ninguém passa sem antes decifrar meu enigma.

Todos os que não conseguiam decifrar o enigma eram inapelavelmente mortos e devorados pela sanguinária fera. De tal forma o terror se instalara em Tebas, que já ninguém mais ousava cruzar a estrada, no receio de ser morto pelo monstro. A rainha Jocasta, ao ver que não havia meios de expulsar a criatura, decidiu oferecer a própria mão em casamento àquele que derrotasse a esfinge.

Édipo leu o edital afixado em todas as partes da cidade e decidiu ele mesmo enfrentar a fera. "Não tenho nada a perder, mesmo", pensou, movido mais pelo desespero do que pela coragem: já havia matado um homem e este seria. quem sabe, um meio de expiar sua culpa.

Apresentou-se, então, para decifrar o enigma. Diante do imenso corpo leonino da fera estavam espalhados os restos mutilados dos corpos de dezenas de aventureiros que haviam tentando o mesmo que ele. Por um instante Édipo vacilou. Não estaria cometendo a mesma insensatez que custara a vida de todos aqueles infelizes?

A esfinge, percebendo as vacilações do jovem, esticou os lábios vermelhos, ainda sujos de sangue.

"É um belo rosto", pensou Édipo. "Talvez o verdadeiro mistério esteja em se decifrar o sentido deste sorriso enigmático, ao mesmo tempo belo e apavorante."

Nem bem Édipo concluíra suas cogitações, quando a cabeça feminina olhou-o nos olhos e disse:

— Qual o animal que pela manhã anda com quatro pés, à tarde com dois e à noite com três?

Édipo, após pensar um pouco, respondeu:

— É o homem; na infância engatinha, na idade adulta anda ereto e na velhice apóia-se a um bastão.

O semblante da fera ensombreceu-se de tal maneira que Édipo julgou ter errado a resposta. Entretanto, a esfinge, com um grande grito de vergonha, lançou-se do alto do rochedo ao abismo, morrendo com o impacto da queda.

Tebas estava finalmente livre do monstro temível; a notícia correu por todo o reino, e Édipo foi levado em triunfo até o palácio onde morava a viúva de Laio.

— Muito bem, meu rapaz — disse Jocasta, ao receber o vencedor. — Você cumpriu a sua parte, livrando o país desse flagelo. Agora é a minha vez de cumprir a minha — completou, estendendo sua mão para o rapaz.

Édipo ainda não podia acreditar no que estava acontecendo. Ele era agora o novo rei de Tebas.

— Estou muito orgulhosa de ter ao lado um rei tão jovem e belo quanto você! — disse Jocasta, agradavelmente surpresa.

No mesmo dia casaram-se.

Mas com a ascensão de Édipo ao trono, começou para o reino uma época de terríveis desgraças. Calamidades de toda espécie alternavam-se: pestes, secas, inundações, fome, tudo

juntava-se num torvelinho trágico, de tal forma que Édipo se viu obrigado a tomar sérias providências.

Após receber uma delegação do povo, o jovem rei decidiu enviar um emissário a Delfos para saber do deus Apolo por que Tebas era vítima de tantas desgraças.

"O fim da desgraça só chegará no dia em que o responsável pela morte de Laio for expulso de Tebas", disse o oráculo.

Édipo imediatamente ordenou a toda a gente que não poupasse esforços para que o culpado fosse punido. Vários suspeitos foram presos, alguns mortos, mas nem assim as calamidades diminuíram. Pessoas continuavam a morrer como moscas pelos campos e até na própria cidade, levando a confusão e o desespero a todo o reino.

— Édipo querido — disse um dia Jocasta a seu esposo —, mande trazer até nós o famoso adivinho Tirésias. Ele saberá dizer como deveremos fazer para encontrar o assassino de Laio, pondo um fim a esse sofrimento atroz.

Emissários partiram em busca do mago, até que um dia ele surgiu diante de Édipo.

— Somente o senhor poderá nos dizer a causa de tantas desgraças — disse o rei ao sábio.

O mago, no entanto, parecia pouco à vontade. Com desculpas e evasivas, procurava por todos os meios esquivar-se a dar a resposta definitiva que tanto Édipo quanto Jocasta aguardavam ansiosamente.

Desconfiado de que essa revelação pudesse ter algo a ver consigo próprio, Édipo instou com maior vigor ao adivinho:

— Vamos, fale de uma vez, seja o que for.

Tirésias, vendo que não havia mais meios de fugir à verdade, ergueu então os olhos constrangidos e disse, lançando toda a verdade ao rosto do rei e da rainha:

— Você, rei Édipo, é o assassino de Laio, seu próprio pai...

Édipo e Jocasta, marido e mulher, mãe e filho, entreolharam-se, incrédulos.

— Não pode ser, não é verdade! — exclamou Jocasta, recuando com um grito de horror.

Imediatamente Édipo mandou chamar à sua presença Forbas, o pastor que o criara como filho. Este, de cabeça baixa, concordou, confirmando todas as palavras do adivinho.

— Você, o meu filho, o meu filho! — repetia Jocasta, como para entender o sentido dessas terríveis palavras.

E então, sem atinar com o que fazia, correu até o seu quarto, onde se trancou, totalmente surda às súplicas de Édipo:

— Jocasta, nós não tivemos culpa alguma, foi uma fatalidade do destino! -E repetia, transtornado: — Uma fatalidade do destino, nós não tivemos culpa alguma. — Mas Édipo, parricida e incestuoso, não acreditava no que dizia.

Vendo que ela não respondia, ele arrombou a sólida porta com o auxílio dos serviçais do palácio. Ao entrar no quarto, Édipo foi o primeiro a ver o corpo ia mãe a balançar-se, preso numa viga do teto. Num ato instintivo, pegou um dos colchetes de ouro que prendiam as vestes de Jocasta e furou ambos os olhos.

— Assim como não tive olhos para ver os crimes abomináveis que cometi, também não os terei para ver mais nada neste mundo! — disse o rei, de cujas órbitas dilaceradas escorriam listras vermelhas de sangue.

Os filhos homens de Édipo, Etéocles e Polinice, ao saberem da terrível revelação, decidiram dar cumprimento ao oráculo de Apolo, que dizia que as calamidades somente cessariam no dia em que o culpado pela morte de Laio fosse expulso do reino. Jogando um manto sobre os ombros do pai cego, levaram o ex-rei até os limites da cidade e ali o abandonaram à própria sorte. Entretanto, Antígona, uma das filhas de Édipo, foi atrás do pai, tentando demover seus pérfidos irmãos daquele ato de crueldade filial:

— Vocês não podem fazer isto com o nosso pai! — disse Antígona. — Isto seria repetir de maneira pior os crimes que ele cometeu, pois ele os cometeu de maneira involuntária.

— Cale-se! — disse um dos irmãos de Antígona. — O oráculo foi bem claro: ou este assassino incestuoso deixa nosso país ou nosso país será arrasado definitivamente !

O outro irmão também juntou a sua voz à do primeiro, ocultando a sua ganância por detrás da desculpa do bem comum.

— Muito bem, então irei com ele! — disse Antígona, enrolando um véu sobre a cabeça.

E assim seguiram — a filha amparando o pai, cego e consumido pelo remorso — por incontáveis estradas, até que um dia Édipo faleceu de desgosto, tendo como único consolo para sua dor a dedicação de Antígona, que surgira em meio a tantas desgraças como se fosse um presente dos deuses, envergonhados talvez de tê-lo perseguido com tanta crueldade desde o seu primeiro dia de vida.

APOLO E DAFNE

Apolo era considerado um ás da pontaria, desde que abatera a serpente Tifão, a fera que perseguira sua mãe, Latona, quando o deus era ainda criança. Um dia Apolo caminhava pela estrada que margeava um grande bosque, quando se encontrou com Cupido. O jovem deus, filho de Vênus, estava treinando a sua pontaria, solitariamente, em cima de uma pedra.

Sem ser notado, Apolo parou para observar a postura do jovem. Com um dos pés escorado sobre uma saliência da rocha, o deus do amor procurava ganhar o máximo de equilíbrio para assestar com perfeição a pontaria. Seu braço esticado, que segurava o arco, era firme sem ser demasiado musculoso; o outro, encolhido, segurando a flecha, tinha o cotovelo apontado para suas costelas, enrijecendo o seu bíceps; todo o conjunto, desde o porte até a dignidade dos gestos, demonstrava grande elegância, e mesmo os músculos das pernas pareciam distendidos, como a corda presa às duas extremidades do arco.

Apolo não conseguiu deixar de sentir uma certa inveja diante da graça do seu involuntário rival. Não podendo mais se conter, saiu das sombras e revelou ao deus do amor a sua presença.

— Olá, jovem arqueiro. Treinando novamente a sua pontaria? — disse Apolo, pondo um indisfarçado tom de ironia na voz.

— Sim — disse Cupido, sem virar o rosto para o outro. — Quer treinar um pouco, também?

Apolo, imaginando que o outro debochava dele, reagiu com inesperada rudeza:

— Ora, moleque, e quem vai me ensinar alguma coisa? *Você?*

Cupido, guardando suas setas, já se preparava para se retirar, quando Apolo o provocou novamente:

— Vamos, treine, treine sempre, garotinho, e um dia chegará a meus pés! — disse o deus solar, com um riso aberto de triunfo.

Cupido, no entanto, revoltado com a presunção do deus, sacou de sua aljava duas flechas: uma de ouro e outra de chumbo. Seu plano era acertar em cheio o peito de Apolo, com a primeira flecha.

— Vamos provar agora, um pouco, da minha *má pontaria!* — disse o deus do amor, mirando o coração de Apolo.

Num segundo a seta partiu, assobiando ao vento e indo cravar-se no alvo com perfeita exatidão. Apolo, sem perceber o que atingira seu peito — pois as flechas do deus do amor tornam-se invisíveis assim que atingem as vítimas —, sentou-se ao solo, abatido por um langor nunca antes sentido.

Mas Cupido ainda não estava satisfeito. Por isso, enxergando Dafne, a filha do rio que se banhava no rio Peneu, mirou em seu coração a segunda flecha, a da ponta de chumbo, e a disparou. Enquanto a primeira seta provocava o amor, esta, endereçada a Dafne, provocava a repulsa. Assim, Cupido dava início à sua vingança.

— Divirta-se, agora! — disse Cupido, sumindo-se no céu com seu arco. Apolo, após recuperar suas forças, ergueu-se e entrou no bosque, como que impelido por alguma atração

irresistível. Tão logo atravessou as primeiras árvores, seus olhos caíram sobre a bela ninfa, que secava os cabelos, torcendo-os delicadamente com as mãos.

— Se são belos assim em desalinho, como não serão quando arrumados? -perguntou ele, já bobo de amor.

A ninfa, escutando a voz, voltou-se para o lugar de onde ela partira. Assustada ao ver que aquele homem de louros cabelos a observava atentamente, juntou suas vestes e saiu correndo, mata adentro. Apolo, num salto, ergueu-se também.

— Espere, maravilhosa ninfa, quero falar com você.

Nunca em sua vida Dafne havia sentido tamanha repulsa por alguém como sentia pelo majestoso deus solar. O pior e mais feio dos faunos não lhe parecia no momento mais odioso do que aquele homem que a perseguia com fúria.

— Afaste-se de mim! — gritava Dafne, enojada. Apolo, acostumado a ser perseguido por todas as mulheres, via-se agora repelido de forma tão definitiva.

— Por que foge assim de mim, ninfa encantadora? — dizia, sem compreender. Sem saber como agir diante de uma situação tão inusitada, o desnorteado deus pôs-se a falar de si, da sua beleza tão elogiada por todos, de seus dotes, suas glórias, seus tributos e as infinitas vantagens que Dafne teria em juntar-se a ele, o mais cobiçado dos deuses. Mas o mais belo dos deuses desconhecia um pouco a mentalidade feminina, senão teria falado mais da bela deusa em vez de falar tanto de si próprio.

Ao perceber, porém, que a corrida desenfreada da jovem acabaria por deixá-la extenuada, o deus gritou:

— Espere, diminua o seu passo que diminuirei também o meu! A ninfa, reconhecendo a gentileza de seu perseguidor, diminuiu um pouco o ritmo.

Apolo, no entanto, que diante da diminuição da distância vira aumentar os encantos da sua amada, acelerou involuntariamente o seu passo, renovando o terror na amedrontada Dafne.

— Mas que canalha! — indignou-se a ninfa, tomando novo impulso para a corrida, mas já estava exausta e não era páreo para Apolo, o deus do astro que jamais se cansa de percorrer o Universo, todos os dias.

Sentindo um peso nas pernas, Dafne voltou o rosto aterrado para trás e percebeu que as mãos do deus quase tocavam os seus fios de cabelo. Contornando a mata, retornou outra vez à margem do rio Peneu, clamando pela ajuda do velho rio:

— Socorro, Peneu! Faça com que eu perca de vez esta beleza funesta, já que ela é a causa de todos os meus sofrimentos! — disse, disposta a entregar à natureza todos os seus dons em troca da liberdade.

Dafne, a alguns passos do rio, deu um salto, pretendendo atingir a água. mas seu tornozelo foi agarrado pela mão firme de Apolo, fazendo com que seu corpo caísse sobre a grama verde e fofa das margens. Um suspiro forte escapou de seus lábios entreabertos, com o impacto da queda. Ainda tentou rastejar em direção à água, porém sem sucesso. Apolo, cobrindo-a de beijos, recusava-se a largá-la. Finalmente, com um suspiro de alívio, a ninfa sentiu que seu corpo começava a se recobrir com uma casca áspera e grossa, enquanto seus cabelos viravam folhas esverdeadas. Descolando finalmente seus pés da boca do agressor, Dafne sentiu que eles se enterravam na terra, transformando-se em sólidas e profundas raízes.

Apolo, ao ver que sua amada estava para sempre convertida numa árvore

— um loureiro -, ainda tentou extrair do resto de seu antigo corpo um pouco do seu calor, abraçando-se ao tronco e procurando-lhe os lábios. Não encontrou a suavidade do antigo hálito da ninfa, mas apenas o odor discreto da resina.

Apolo, desconsolado, despediu-se levando consigo, como lembrança, algumas folhas, com as quais enfeitou sua lira. Enfeitou também a fronte com estas mesmas folhas, em homenagem a Dafne — a mulher que nunca foi nem jamais será sua.

AS ORELHAS DE MIDAS

Quando Midas deixou de ser rei, ele foi habitar os campos, juntamente com Pã, a divindade dos bosques. Ali vivia em agradáveis conversas com a mais feia e desagradável das divindades, que tinha pés de bode e corpo peludo, parecendo em tudo um fauno.

Este deus, apesar de ser pouco favorecido pela beleza, tinha um dom inegável para a música. Tendo inventado uma flauta, passava seus dias se exercitando, de tal sorte que havia adquirido uma destreza ímpar com o seu instrumento. Empolgado com seu talento, resolveu um dia desafiar o próprio Apolo para um concurso de música.

Midas ainda tentou, precavidamente, demovê-lo da idéia:

— Não sei, Pã, mas não acho recomendável pretender bater-se com o próprio Apolo. Com sua lira, ele não tem rival.

— Afinal, você é meu amigo ou amigo de Apolo? — disse Pã, fazendo uma careta de desagrado que o tornou mais repulsivo ainda.

Como o deus dos bosques não se mostrasse disposto a evitar o confronto, mandou-se um mensageiro atrás de Apolo, encarregado de lhe levar ao conhecimento o desafio.

Apolo concordou em realizar a disputa e, chegando ao local do embate musical, perguntou, em tom debochado."

— Quem é o atrevido que ousa se achar melhor do que eu? Será meu filho Orfeu, talvez?

— Não, sou eu, Pã, que com minha flauta provarei ser melhor do que você!— exclamou o deus, confiante.

Os deuses todos do Olimpo reuniram-se para assistir ao desafio, que se deu no próprio bosque onde residiam Midas e Pã. O próprio Tmolo, deus da montanha, afastou as árvores de seus ouvidos para escutar melhor os acordes dos dois competidores.

Sentando-se numa grande pedra, Pã sacou de sua flauta e começou a soprar sobre os tubos enfileirados de seu instrumento. Um som melodioso e triste partiu daqueles minúsculos orifícios, espalhando-se pelo ar com tal encanto e sonoridade que os próprios pássaros silenciaram para escutar. As folhas das árvores despejavam o orvalho acumulado em suas folhas com tal intensidade que parecia que choravam, comovidas com os acordes da triste música. Os deuses escutavam com atenção, agradavelmente impressionados. Alguns julgavam mesmo que dificilmente Apolo faria melhor com sua lira. Quando Pã terminou seu recital, todos aplaudiram-no com entusiasmo.

Agora era a vez de Apolo demonstrar seu talento. Lançando para as costas a sua túnica púrpura, o deus do Sol ajeitou a folha de louro sobre a orelha. Depois, empunhando a lira de ouro, começou a deslizar pelas cordas finas como teias de aranha os seus dedos delicados, arrancando delas um som que era nada menos do que celestial.

Outra vez os olhos dos circunstantes encheram-se de brilho. A natureza silenciara uma vez mais, para escutar os ritmos e tons do instrumento, acompanhados ainda pela voz maviosa de Apolo, que unira assim dois instrumentos num só — o que o seu adversário não pudera fazer, por ter uma voz estridente e desafinada. Por isto dizia-se que a flauta de Pã era mágica, pois conseguia transformar sua voz anasalada num som limpo e perfeitamente modulado.

Enquanto Apolo executava sua canção, foi crescendo no entendimento de todos a certeza de que seria ele o vencedor, afinal. Com o último acorde de sua lira, os aplausos choveram de todos os lados.

— Bem, vamos ao julgamento — disse o deus da montanha, que já tinha seu voto firmado.

Um a um foram os deuses dando seus vereditos — sendo desnecessário requisitar-se o voto de Minerva, aquele que decide as questões controversas, pois ali parecia não haver lugar algum para a controvérsia.

— Pã foi maravilhoso, mas Apolo foi insuperável! — disse Vênus, dando seu voto.

— Não pode haver dúvidas de que Apolo, unindo sua voz à de sua lira, é o vencedor! — disse Mercúrio, de maneira enfática.

— Apolo é o melhor — afirmou Juno, com sua habitual reserva.

Todos votaram, até que chegou a vez de Midas revelar o seu voto. Vendo que seu amigo estava fragorosamente derrotado, resolveu dar-lhe um voto de consolo — pois sabia ele que Apolo se saíra muito melhor.

— Apolo é imbatível com sua voz melodiosa e sua lira afinada, todos sabem. Infelizmente para ele, hoje sua lira esteve minimamente desafinada, o que qualquer ouvido mais apurado deve ter percebido — começou simplesmente a dizer Midas. — Entretanto, a flauta de Pã esteve simplesmente perfeita, e os sons que saíram dela não perderam um tom do seu brilho e musicalidade. Foi uma execução absolutamente impecável e, por isto, não hesito em afirmar que Pã foi, inequivocamente, o vencedor.

Alguns aplausos soaram, mas Apolo estava francamente revoltado com o julgamento de Midas. Seu semblante alterado denunciava a sua vaidade ofendida, pois esperava vencer com a unanimidade dos votos, tornando sua vitória absoluta e irrefutável. "Quem este idiota pensa que é?", pensou o deus, enquanto fuzilava um olhar mortal sobre Midas. Este, percebendo a fúria acesa nos olhos do ofendido, tentou consertar:

— Quero deixar bem claro que a derrota de Apolo, no meu modesto entender, se deveu não à sua imperícia, mas a um defeito de afinação do próprio instrumento...

Mas já era tarde demais; o estrago já estava feito, e seu adendo perdeu-se em meio ao burburinho dos circunstantes, que se dispersavam para retornar aos seus lares.

Apolo, entretanto, decidiu aguardar o atrevido que ousara desfeiteá-lo em público, daquela maneira. Tão logo se viu a sós com o juiz adverso, assumiu um ar vingativo:

— Já que suas orelhas parecem ser mais apuradas do que as dos demais, lhes darei um formato mais de acordo com elas — disse, lançando sobre o pobre Midas uma praga.

Assim que Apolo lhe deu as costas, Midas sentiu que suas orelhas começavam a crescer. Tufos de cabelos nasciam nas covas do imenso pavilhão que apontava nos dois lados da cabeça. Em menos de um minuto Midas tinha colado nos dois lados da cabeça um imenso par de orelhas de burro.

— Está aí o que se ganha em querer ajudar os amigos! — disse, ao ver que ficara algo parecido com Pã, que também tinha suas orelhas pontudas de silvano, só que em tamanho muito maior.

Desconsolado, Midas tentou esconder seus horríveis apêndices com um barrete, que enterrou na cabeça, até ocultá-los totalmente. Assim viveu durante um certo tempo, até que um dia seu cabeleireiro veio, a seu pedido, até o bosque para lhe cortar o cabelo. Ao retirar a proteção de sobre a cabeça do cliente, o barbeiro encheu-se de assombro, e ia falar, mas Midas interrompeu-o, tomando-Ihe a tesoura com grosseria:

— Cale-se, não diga uma palavra, idiota! Se ousar abrir o bico e contar para alguém, corto fora... as *suas* orelhas!

O barbeiro, assustado, silenciou rapidamente, executando a sua tarefa com discrição. E, ao final do trabalho, juntou seus instrumentos e afastou-se, desaparecendo bosque adentro. No entanto, sua língua ardia, a vontade de falar era intolerável, pois todos sabem como os profissionais dessa classe adoram uma novidade.

Não podendo mais se conter, decidiu parar no caminho e cavar com a tesoura um buraco no chão. Depois, abaixando-se, protegendo a boca com as mãos, ciciou no interior do buraco estas palavras:

— Midas tem orelhas de burro...

E cobriu a fenda com terra, logo em seguida.

O tempo passou, até que no local brotou um feixe extenso de bambuzal. Tão logo o primeiro vento mais forte soprou entre os caniços, arrancou deles as palavras que, ainda que entoadas num sussurro, eram perfeitamente audíveis:

— *Midas tem orelhas de burro...*

ORFEU E EURÍDICE

Orfeu adorava a esposa Eurídice, uma ninfa da floresta. Recém-casado, a maior felicidade do filho de Apolo era tocar sua lira para a mulher. Sendo filho do deus da música, não era de estranhar, realmente, que tivesse a mesma perícia do pai. Por onde quer que Orfeu andasse, tocando o seu instrumento, tudo como que se paralisava, todos atentos, exclusivamente, ao som que saía de seus talentosos dedos.

— Toque outra canção para mim — pedia Eurídice todas as noites, antes de adormecer.

Era tanta a paixão que a jovem nutria pela música do marido que às vezes o próprio Orfeu deixava de lado a Ura, enciumado da própria música.

Um dia, Eurídice estava passeando com suas amigas ninfas quando, separando-se delas, entrou por uma vereda do bosque, onde gostava de caminhar. Sentado, com as costas apoiadas a um tronco, estava o pastor Aristeu, entregue aos seus pensamentos. Percebendo que alguém se aproximava, ergueu a cabeça.

— É ela, Eurídice! — disse Aristeu, que era apaixonado pela ninfa. Levantando-se com rapidez, foi na direção da moça, tentando parecer que

era um encontro casual. Eurídice, no entanto, recuou alguns passos ao vê-lo, pois sabia dos sentimentos que o pastor nutria por ela.

— Espere, volte aqui! — gritou Aristeu. — Não precisa se assustar.

Mas Eurídice não queria conversa. Por isso mesmo apertou mais o passo. Aristeu, revoltado, lançou-se em seu encalço.

— Não adianta fugir de mim, Eurídice, pois a amo e ninguém me impedirá de tê-la um dia só para mim!

— Ninguém, a não ser a minha vontade! — respondeu Eurídice.

Aristeu não escutou estas palavras, pois o amor só escuta o que lhe convém. Aproveitando que a mulher parará para lhe dizer estas palavras, agarrou os ombros dela e tentou beijá-la à força.

— Adoro você, Eurídice, e você ainda há de ser minha, de qualquer jeito! -exclamou o pastor com a voz alterada e o rosto congesto.

A ninfa, percebendo que corria perigo, arremessou-se numa corrida para dentro da mata. Enquanto fugia, sentia atrás de si os passos ligeiros de seu perseguidor. De repente, porém, Eurídice aproximou-se perigosamente de uma serpente, que, assustada, acabou picando o seu tornozelo. A ninfa caiu ao solo, com um grito de dor. Aristeu logo a alcançou, mas descobriu que nada mais podia fazer para salvar a sua amada. A jovem, aos poucos, perdia a consciência, ingressando no mundo das sombras.

Quando Orfeu recebeu a terrível notícia, sua alma cobriu-se de luto; sua lira, que até então somente tocara acordes alegres, agora silenciara; a partir daí, nas raras vezes em que tocava, tudo o que se ouvia eram sons tristes como um lamento. Não conseguindo mais viver sem sua adorada Eurídice, Orfeu tomou uma decisão extrema: foi até Júpiter, pedir que a trouxesse de volta da mansão dos mortos.

— Não posso fazer nada sem a concordância de Plutão — disse o pai dos deuses, convencido da dor do infeliz amante. — Tudo o que posso fazer é lhe ceder Mercúrio, que o conduzirá até o reino de meu irmão.

— Ótimo! — disse Orfeu. — Irei amanhã mesmo até o inferno para trazê-la de volta.

Abandonando tudo, Orfeu partiu na outra manhã, tendo apenas a companhia de Mercúrio. Pela primeira vez desde a morte da esposa, o poeta mostrava-se um pouco animado, chegando até a tirar alguns alegres acordes do seu instrumento. Porém, logo retornou à sua música plangente, ao chegar à gruta que, segundo a tradição, dava acesso à morada dos mortos.

— Aqui é a entrada dos infernos — disse Mercúrio, apontando a cratera com seu caduceu.

Sem medo algum, Orfeu começou a descer as profundezas do terrível abismo. Quanto mais descia, maior era a escuridão, tanto que foi obrigado a acender um facho. Depois de muito andar, avistou ao longe o brilho de algo tremeluzindo ao chão. Era o Estige, um dos rios infernais

que levam ao reino de Plutão. Ali estava ancorada uma barca, tendo ao lado e em pé Caronte, com sua longa barba branca e seu olhar de poucos amigos.

— O que quer aqui? — disse o velho, apalpando o visitante. — Você não tem a aparência de um morto.

— Quero rever minha esposa, que desceu recentemente a este lugar — disse Orfeu, com decisão. — Aqui está Mercúrio, que traz a autorização do próprio Júpiter.

— E como pensa que vai passar para a outra margem? Com seu corpo pesado irá levar a pique a minha barca — disse Caronte, ameaçando o intruso com seu pesado remo.

— Vamos, toque logo esta droga! — ordenou Orfeu, sem se impressionar com as ameaças do velho senil. — Eu a manterei flutuando com os acordes de minha lira.

Intimidado com a vontade de Orfeu, Caronte desatou as amarras que prendiam a barca à terra e, maravilha para seus cansados olhos, ela flutuou com mais leveza do que nunca sobre as águas escuras do temível rio. Ao desembarcar. Orfeu acalmou com seus acordes a ira de Cérbero — o monstruoso cão de três cabeças que guarda a entrada do inferno -, de modo que ele veio rastejando docilmente e lambeu com suas três línguas os pés do inesperado visitante. Depois Orfeu cruzou com vários condenados, que ao escutarem a melodia que saía das mãos do músico cessaram por alguns momentos a sua faina. As danaides deixaram cair ao chão os seus baldes de chumbo; Íxion deixou de girar a sua roda; e Sísifo abandonou o seu rochedo, que rolou colina abaixo.

Avançando sempre, Orfeu chegou, enfim, diante do trono de Plutão e de sua esposa, Prosérpina. Ambos pareciam interessadíssimos naquele vivo que chegava ao seu reino daquela maneira surpreendente.

— O que deseja aqui, visitante? — disse Plutão, brandindo seu tridente, como a demonstrar que, ainda que apreciasse a música, não aprovava aquela invasão de seus domínios.

— Vim implorar a vocês, soberanos do mundo subterrâneo, que peçam às Parcas para que reatem o fio partido da vida de minha esposa Eurídice, devolvendo-a à vida. Se não puderem ou não quiserem fazê-lo, no entanto, que cortem também o fio de minha vida, permitindo que eu aqui permaneça junto a ela.

Impressionado com a retórica e com a melodia de Orfeu, Plutão pediu a Mercúrio que trouxesse a esposa do visitante. Impossível descrever a reação que se apoderou de Orfeu quando viu novamente sua amada. Suas pernas tremiam: sua face convulsa era uma máscara de todos os rostos que a emoção pode pintar: e sua voz, um grito como jamais se ouviu igual.

— Eurídice, você está viva! — disse o esposo à mulher morta.

Ela lançou-se aos braços de Orfeu e durante alguns minutos o inferno inteiro silenciou, em respeito à dor dos dois amantes.

— Está bem, permito que você a leve de volta para a Terra — disse Plutão. com a concordância de Prosérpina. — Porém, há uma condição.

— Sim, diga qual é — disse o impaciente Orfeu.

— Você deverá fazer o restante do trajeto sempre à frente de sua esposa, jamais voltando-se para trás para olhar para ela. Se o fizer, imediatamente a perderá para sempre — disse o deus infernal, de maneira categórica.

— Está bem, assim o farei — disse Orfeu, seguindo adiante, levando atrás de si Eurídice e Mercúrio.

Refizeram, assim, todo o trajeto da descida, só que em sentido contrário. Por várias vezes Orfeu teve ímpetos de voltar-se para trás para ver se sua esposa ainda o acompanhava, recebendo sempre sua admoestação:

— Não, Orfeu, não se vire!

O poeta já divisava nas alturas a cratera por onde ele e o deus mensageiro haviam entrado.

— Veja, Eurídice, estamos quase chegando! — disse Orfeu, voltando-se inadvertidamente para ela, a um passo da liberdade.

Nem bem seus olhos fixaram o rosto de sua amada, viu-a ser carregada de volta à escuridão pelos braços de Mercúrio.

— Espere, não, volte! — clamou Orfeu, devorando com os olhos a última imagem de Eurídice, que, com os olhos esgazeados, lhe estendia inutilmente as mãos.

Um grande terremoto sacudiu a caverna, fazendo com que um imenso rochedo bloqueasse para sempre o seu regresso ao reino das sombras. Orfeu, no último limite do desespero, arrancava os cabelos e dilacerava o rosto.

— Ai de mim! Por que fui olhar para trás no último minuto, faltando tão rouco! — dizia, inconsolado.

Mas nada mais havia a fazer. Eurídice estava longe dele, para sempre.

Orfeu, tal como o desgraçado Édipo, parecia destinado a ser perseguido incessantemente pelos deuses, até a sua morte. Deixando o lugar, percorreu várias feiras, arrancando de sua lira acordes lúgubres e ao mesmo tempo de uma beleza triste. Instalando-se numa floresta, na Trácia, Orfeu dedicou-se a tocar sua música, alheio a tudo o mais. As mulheres de lá, no entanto, não cessavam de persegui-lo, em especial um grupo de bacantes — sacerdotisas de Baco -, que tudo faziam para conquistar seu amor. Era em vão que prometiam ao poeta raros prazeres e lhe diziam

palavras das mais doces. Ele mostrava-se sempre irredutível, até que um ia. tomadas por um furor maligno, as mulheres avançaram para ele, lançando-lhe pedras e dardos, sem, no entanto, atingi-lo, pois sua música o protegia.

— Abafem o som da música! — disse uma das bacantes, enlouquecida de ódio. Batendo seus tambores e estalando seus címbalos, elas finalmente conseguiram abafar a música de Orfeu, tornando-o vulnerável aos seus ataques. Uma chuva de pedras e dardos desceu, então, sobre o poeta, que tombou morto sob te implacável ataque. Não satisfeitas, as bacantes ainda pegaram o corpo do músico e o fizeram em pedaços, lançando sua cabeça e sua lira no rio que leva o — esmo nome do poeta. Enquanto elas avançavam juntas em direção ao mar, iam passando pelas margens, encantando os pastores e as ninfas que as habitavam. A alma de Orfeu, no entanto, estava liberta, e tão logo se viu livre de suas perversas algozes, o poeta correu para os braços de sua Eurídice, que o aguardava no mesmo lugar onde ele a deixara.

DIANA E ACTEÃO

Acteão era um dos melhores caçadores que havia em seu tempo. Filho do rei Cadmo, o jovem estava acompanhado por seus amigos, quando, um dia, tornava de mais uma caçada bem-sucedida. Acteão, como sempre, ia à frente do grupo. Suas costas estavam manchadas do sangue do cervo que ele trouxera sobre os ombros fortes.

— Belo resultado! — disse Acteão, lançando o corpo do animal morto sobre a relva.

Seus amigos concordaram. Todos traziam também suas presas, mas nenhuma se igualava à do líder dos caçadores.

— Sinto muito, mas este seu bichinho não chega nem aos pés do meu -disse Acteão a um dos amigos, que trazia um alce grande, mas que de fato não podia nem de longe se comparar ao que ele caçara. O amigo, vencido, baixara a cabeça, admitindo a derrota. Acteão adorava mostrar a todos que ele ainda era o melhor caçador.

— Acho melhor pararmos um pouco para descansar. É meio-dia e o sol está quente demais para prosseguirmos — disse o filho de Cadmo.

Depois de ordenar que acendessem uma fogueira para assar o seu cervo, Acteão separou-se dos demais para procurar uma fonte ou regato onde pudesse lavar o sangue e o suor. Alguns quiseram ir junto, mas Acteão preferiu ir sozinho, como sempre fazia. Gostava de se embrenhar solitariamente pelas matas para ver se descobria alguma caça.

Ocorre que neste exato momento Diana, a deusa da caça, estava nas redondezas e tivera a mesma idéia. Cercada também por suas amigas, resolvera fazer uma pausa para se refrescar nas águas de uma deliciosa fonte.

— Meninas, vigiem bem enquanto vou me banhar — disse a deusa virgem, que não suportava a idéia de que homem algum viesse espioná-la.

Nunca, na verdade, olhos masculinos a haviam visto nua, e isto constituía para ela mais do que um simples motivo de orgulho. Era uma vitória de sua virtude e seu maior ponto de honra.

Depois de depositar o arco sobre uma pedra, Diana começou a se despir lentamente, com o auxílio das ninfas. Enquanto uma retirava sua túnica, outra descalçava suas sandálias. Uma terceira aproximou-se para arrumar seus cabelos. Tão logo as amigas completaram sua tarefa, Diana estava pronta para mergulhar na água fresca.

— Ninguém tem um corpo tão belo — sussurravam as ninfas entre si.

— Não é à toa que ela não permite que homem algum a veja neste estado. Seria impossível conter o assédio de todos eles, caso se espalhasse a perfeição de seu corpo.

Diana recolhia a água com a mão em concha e despejava delicadamente às costas. As demais ninfas, distraindo-se momentaneamente, afastaram-se um pouco para também se refrescarem. Neste instante, o jovem Acteão, que estava a poucos passos do paradisíaco local, escutou aquele rumor de vozes e resolveu seguir em sua direção.

— Parece que estou com sorte — disse o caçador, ao se deparar com aquelas cenas.

Assim que seu olhar se desvencilhou de alguns galhos, foi pousar sobre o grupo das ninfas, sem perceber ainda que a própria Diana estava ali, de um modo como nunca mortal algum a vira antes. Ficou um bom tempo a observar as ninfas, que também haviam se livrado das roupas, quando escutou, em meio a seu enleio, este grito de alerta:

— Cuidado, Diana, há um homem ali a nos espionar! Imediatamente todas as ninfas correram para onde estava Diana, o que acabou por atrair involuntariamente o olhar de Acteão. Cercando Diana com seus corpos, as ninfas procuravam manter oculta a nudez da deusa. Porém Diana era mais alta que todas, de tal sorte que Acteão ainda assim conseguiu vislumbrar um pedaço do seu corpo. Diana, ao cruzar o olhar com o invasor, percebeu que os olhos dele brilhavam de um modo diferente. Com a mão Diana ainda tentou cobrir a parte superior do peito, mas não havia mais nada a fazer.

— Aquele miserável viu minha nudez! — exclamou, encolerizada. Vendo que o mal já estava feito, e que a punição para o invasor já estava decretada no seu íntimo, Diana decidiu conceder ao condenado uma última dádiva.

— Meninas, saiam da minha volta — disse com um ar placidamente decidido. As ninfas, espantadas, foram se afastando, a princípio de maneira relutante.

— O que há com ela? — disse uma das ninfas, baixinho.

Apesar de fugir de qualquer olhar masculino, Diana sempre tivera curiosidade em imaginar como seria este dia, afinal — o dia em que seu corpo seria revelado a um homem mais indiscreto e audacioso.

— É uma honra para mim, deusa misteriosa, ser o primeiro a contemplar seu adorável corpo — disse Acteão, tentando lisonjear a vaidade feminina e escapar ao seu rigor punitivo.

— Olhe bem, senhor caçador, porque será a última coisa que verá nesta ia — disse Diana, com um olhar implacável de quem sabe que o ultraje será punido sem piedade, e reassumindo seu ar naturalmente virtuoso e implacável. Juntou, então, água nas mãos e lançou-a às faces de Acteão, dizendo:

— Pode ir agora! Vá e conte a seus amigos que viu Diana sem as suas estes!

Tão logo a deusa terminou de proferir essas palavras e Acteão sentiu que de sua testa começou a brotar algo parecido com um caroço. Dos dois lados brotavam dois enormes chifres galhados, enquanto seus olhos aumentavam de tamanho, bem como seu nariz, que de estreito e bem formado passara ao formato inestético do focinho de um alce. Quando passou as mãos no rosto para ver o que acontecia, sentiu que não mais dedos, mas cascos ásperos deslizavam sobre sua face, que se recobrira de um pêlo espesso. Em seguida caiu ao chão, de quatro.

"Meu Deus, o que está acontecendo comigo?", pensou, mas ao tentar expressar esse pensamento em palavras, viu que de sua boca somente saía um rouco desafinado e incompreensível.

Assustado, Acteão deus as costas às mulheres e se meteu pelo bosque, decidido a procurar a ajuda dos amigos. Nem bem enxergou o mais fiel deles, sentado sob a sombra de uma árvore, gritou para ele:

— Filon, aqui! Ajude-me!

No entanto, tudo o que seu amigo escutou foi o mugido de um magnífico alce, que, parado à sua frente, parecia pedir para ser caçado.

— Rapazes, vamos lá! Aqui neste bosque abençoado a caça vem ao nosso encontro em vez de precisarmos correr atrás dela!

No mesmo instante, os cães prediletos de Acteão foram açulados pela companhia inteira. Uma gritaria misturada aos latidos levantou-se por todo o bosque. Acteão, sentindo que a presa agora era ele, tentou ainda estabelecer contato com seus cães. Eles o iriam reconhecer, assim pensava. Uma dentada de seu cão predileto logo o tirou, contudo, desta ilusão. Conseguindo se desvencilhar das presas, que haviam entrado fundo em sua perna direita, Acteão lançou-se para dentro da mata numa corrida desesperada. Pela primeira vez o melhor dos caçadores estava do outro lado da caçada.

Enquanto fugia, escutava ironicamente as vozes de seus amigos, que o chamavam para juntar-se à caçada!

— Vamos, Acteão, onde você se meteu? — bradava um, mais animado.

— Será o seu maior troféu! — exclamava outro, inconformado por não tê-lo junto na caçada que prometia o maior dos prêmios.

Acteão, a cada chamado, tentava responder, mas seu grito desconexo somente servia para delatar a sua presença aos demais caçadores.

— Vamos, ele foi por ali, posso ouvir o seu grito!

Depois de escalar pequenos morros e meter-se por gargantas e vales, Acteão, exaurido, foi finalmente alcançado por um dos seus cães, que pulou direto em seu pescoço; outro ferrou as presas em seu focinho, impedindo-lhe a respiração e provocando uma dor lancinante. Logo seu corpo estava entregue à fúria dos cães, que o retalhavam com suas presas dilacerantes. Antes de morrer, viu chegarem seus companheiros de caçada, que exultavam com o resultado, ao mesmo tempo em que lamentavam a ausência do seu líder:

— Sinto muito, Acteão, mas desta vez você não terá do que se vangloriar -disse um dos companheiros, com um sorriso, enquanto Acteão não surgia para aplaudir a sua vitória.

CASTOR E PÓLUX

Castor e Pólux eram irmãos gêmeos, filhos de Leda. Embora tivessem esta peculiaridade, eram filhos de pais diferentes. O último era filho de Júpiter e o primeiro, filho de Tíndaro, rei de Esparta e pai putativo de ambos. Pólux, sendo filho de um deus, fora agraciado com o dom divino da imortalidade, enquanto Castor permaneceu um simples mortal. Castor adorava cavalos, enquanto Pólux era mais afeito às artes do atletismo. Os dois eram inseparáveis, E desde meninos estavam sempre metidos em aventuras, exercitando sem cessar a sua força e agilidade.

Um dia, quando iam em visita a Messena, pátria vizinha de Esparta, viram passear pelos campos duas belas jovens. Castor, mais afoito, cutucou o ombro do irmão.

— Veja, Pólux, que lindas jovens!

Pólux, que também as estivera observando, franziu bem os olhos:

— De fato, caro irmão, são as mais belas moças que meus olhos já viram.

— Vamos conversar com elas.

Como iam montados em seus cavalos, logo estavam na presença das duas moças. Aproximaram-se tanto que a respiração dos cavalos fazia agitar as vestes curtas e vaporosas das duas moças, que com as mãos tentavam a todo instante evitar que elas subissem em demasia. Uma delas, parecendo a mais decidida, encarou os dois e perguntou:

— Quem são vocês e o que querem aqui?

— Somos Castor e Pólux, da vizinha Esparta... — disse Castor.

— ... e estamos encantados com a beleza de vocês — completou Pólux.

— Como você se chama? — perguntou Castor à primeira.

— Febe é meu nome — disse ela, afastando o cabelo dos olhos.

— E você, linda jovem? — disse Pólux à segunda.

— Hilária — disse ela, erguendo a alça da túnica, que se desprendera do ombro.

Com palavras amenas e sorrisos simpáticos os dois irmãos tentaram espichar a conversa, cada vez mais encantados com as duas. Hilária, porém, percebendo que as coisas marchavam no rumo de um possível namoro, atalhou a conversa.

— Os dois irão nos desculpar, mas devemos ir embora, pois nossos noivos nos aguardam.

Sem ouvir mais nada, Hilária pegou a mão da irmã e afastaram-se, deixando os dois ali boquiabertos.

— Ora essa, são noivas... — disse Castor, contrariado.

— ... de dois idiotas, por certo! — completou Pólux.

Deviam ser idiotas, raciocinaram ambos, pois como podiam deixar que suas duas belas noivas andassem sozinhas pelos campos, naqueles trajes curtos e provocantes?

Pólux, esporeando com força seu cavalo, saiu-lhes no encalço, até emparelhar novamente com as duas. Hilária e Febe, contudo, desta vez não pararam.

— Que noivos são esses, que as deixam assim soltas pelos campos?... — perguntou Castor a elas, juntando-se logo com seu cavalo ao grupo reconstituído.

— ... e por que cometem tal temeridade? — ajuntou Pólux.

— Eles estão muito atarefados e não podem estar sempre ao nosso lado -disse Febe.

— Ah, já sei, são daqueles que dão mais importância ao trabalho e aos afazeres do que às suas mulheres... — disse Castor, com ironia.

— ... e que depois se queixam por terem sido traídos! — disse Pólux, com um riso franco.

Hilária, sentindo o sangue subir à face, parou de andar e virou o rosto para os dois.

— Nós somos virtuosas o bastante para saber respeitar-lhes a ausência.

— E o resto do mundo, minha graciosa dama, estará também disposto a respeitar-lhes a ausência?... — disse Castor.

— ... ou julgam eles, em sua inocência, que o mundo seja tão inocente quanto eles?

— Seus noivos deveriam escolher o que é mais importante para eles, afinal...

— Eu, no lugar deles, jamais desgrudaria os olhos de vocês...

— Venha, Febe, vamos embora — disse Hilária, apertando o passo com sua irmã, confusa com a conversa picotada dos dois irmãos ladinos.

— Ei, esperem!... — disse Pólux.

— ... sim, só queremos conversar! — completou Castor.

Assustadas, as duas resolveram correr pela campina, o que atiçou ainda mais o desejo dos dois irmãos, pois enquanto as moças fugiam, o vento lhes erguia as vestes quase até a cintura.

— Vamos lá, Pólux!... — disse Castor, disparando numa cavalgada.

— ... é pra já! — gritou Pólux, eufórico.

Montados em seus ágeis cavalos, os dois irmãos sentiam o vento agitar os cabelos enquanto perseguiam as duas lindas mulheres.

"Deus poderoso, o que pode haver de melhor neste mundo?", pensavam ambos, enquanto cavalgavam velozmente. O amor não prima muito pela razão por isso mesmo, em momento algum os dois se perguntaram se a ação que praticavam era justa ou injusta.

— Estas garotas estão precisando de um pouco de emoção! — gritava Castor.

— Sim, veja como fogem, embora com passo lento! — respondia Pólux. Talvez, apenas, os cavalos fossem mais velozes. De qualquer modo,

Castor logo emparelhou com Hilária, que ofegava no esforço da corrida. O braço forte do cavaleiro desceu até a cintura da jovem e ergueu-a sem esforço até aconchegá-la ao seu peito. No esforço de desvencilhar-se dos braços de seu delicado raptor, Hilária perdeu o manto. Mas Castor foi gentil o suficiente para voltar até onde a túnica de Hilária caíra e juntá-la, sem descer do cavalo ou abandonar a preciosa presa.

Seu irmão também já tinha na garupa de seu cavalo a assustada Febe, que, temerosa de cair ao solo, agarrara-se à cintura de seu seqüestrador.

— Calma, não vamos lhes fazer mal!... — disse Castor, procurando acalmar Hilária e sua irmã.

— Que querem? Cupido nos alvejou, nada podemos fazer! — exclamou o irmão, cujos olhos brilhavam de prazer ao sentir o corpo de Febe assim colado ao seu.

De repente, porém, atraídos pelos gritos, surgiram os dois noivos das moças raptadas. Eram Idas e Linceu, dois heróis messênios, que, percebendo a situação, acorreram imediatamente.

— Larguem as duas, desgraçados! — gritou Idas, possesso.

Os dois também estavam montados e logo encostaram seus cavalos aos dos raptores, que por levarem peso dobrado cada um não conseguiram escapar por muito tempo à perseguição.

— Nós estamos apaixonados por elas! — disse Castor a Idas. — Como vocês não dão à beleza delas a mesma importância que nós, resolvemos tomá-las para nós!

— Cale a boca, desgraçado! -disse Linceu.-Devolvam já as nossas noivas ou serão mortos!

Os dois gêmeos, assim afrontados, decidiram apear e enfrentar os seus rivais.

Logo estavam os quatro contendores descidos dos cavalos, enquanto as duas moças fugiam numa corrida desenfreada pelos campos.

Os dois irmãos atracaram-se numa luta corpo a corpo com Idas e Linceu, e durante um bom tempo a luta transcorreu sem vantagem visível de parte a parte. Idas, no entanto, vendo que não poderia vencer a disputa, sacou de um punhal que trazia escondido à cintura e atravessou o peito de Castor, que caiu ao solo mortalmente ferido.

— Meu irmão! — exclamou Pólux, ao ver seu irmão tombar ensangüentado.

— Este é o preço por sua ousadia! — disse Idas, limpando o ferro em sua túnica.

Pólux, cego de ódio, foi até o seu cavalo e, pegando um dardo afiado, avançou para o agressor. Antes, porém, que alcançasse o assassino de seu irmão, enterrou o dardo no peito de Linceu, que pulara à sua frente.

— Maldito, pagará caro por isto! — disse Idas, brandindo o seu punhal, Júpiter, porém, que a tudo assistia do alto, enfureceu-se com a audácia

daquele mortal que pretendia ferir seu filho Pólux e disparou no mesmo instante um raio vingador, que reduziu a cinzas o furioso Idas, bem como o cadáver prostrado de Linceu.

Pólux, vendo seu irmão Castor caído ao solo, correu em direção ao seu corpo.

— Castor morto! — exclamou, com o rosto banhado em lágrimas. — Meu irmão, como poderei viver a partir de agora? Que prazer terei em minhas caçadas sem a sua companhia, irmão querido?

Durante muito tempo ainda esteve curvado sobre o corpo do irmão, até que, tomando-o em seus braços, Pólux carregou-o até o Olimpo. Todos os deuses pararam para assistir àquela cena trágica. Pólux, entrando no salão onde estava o trono celestial de seu pai, postou-se à sua frente, tendo sempre nos braços o corpo do irmão morto.

— Meu pai, não poderei continuar a viver sem a companhia de meu querido irmão! — disse Pólux a Júpiter. — Venho aqui para pedir que lhe restitua a vida ou então que cancele a minha imortalidade, permitindo que eu desça com ele até a morada das sombras. Lá, ao menos, continuaremos juntos.

— Pólux, seu irmão era mortal, e seu destino não pode ser alterado — disse Júpiter.

— Mas como poderei ser feliz aqui no Olimpo, estando ele apartado de mim, para sempre nas profundezas do reino de Plutão? Uma imortalidade dessas seria como a morte para mim.

Júpiter parecia inflexível, mas ao ver a dor do filho, que em momento algum largara o corpo do irmão, resolveu reconsiderar.

— Está bem, já que deseja compartilhar do destino dele, tenho uma solução — disse finalmente o pai dos deuses. — Já que você insiste em não se apartar de seu irmão, farei com que ambos passem metade do ano em meu reino, gozando da imortalidade, e na outra metade irão habitar o reino das sombras, junto aos mortos, já que meu irmão Plutão não admitiria perder um súdito que já é seu de direito.

Pólux, que não queria outra coisa senão estar sempre junto de seu irmão, vibrou de alegria. No mesmo instante, Castor abriu os olhos e os dois se abraçaram, felizes.

— Mas lembrem-se, daqui a seis meses os dois deverão ir habitar o Hades sombrio — advertiu-os Júpiter.

— Ótimo! — exclamou Pólux. — Dividiremos assim a morte como dividimos a vida.

Castor, agradecido, abraçou-se novamente ao irmão.

A CAIXA DE PANDORA

Epimeteu era irmão de Prometeu, o titã que modelou o primeiro homem do barro. No entanto, este, por desavenças com Júpiter, acabara por incorrer na sua ira.

Temendo que Júpiter viesse a querer se vingar dele ou do gênero humano, Prometeu decidiu um dia alertar o seu desavisado irmão:

— Epimeteu, tome cuidado com os presentes que receber de Júpiter — disse Prometeu, chamando-o para um canto. — Já há algum tempo que ele anda furioso comigo, porque ousei roubar o fogo dos céus para levá-lo aos homens.

Epimeteu escutou com atenção as palavras judiciosas do irmão e logo as esqueceu com o mesmo empenho.

Enquanto isso, no Olimpo, Júpiter já havia ordenado a Vulcano — que tinha também as suas veleidades de artífice — que criasse uma nova criatura, uma parelha para o homem.

— Deixa comigo — disse o deus das forjas.

Fechando-se em sua fuliginosa oficina com a deusa Minerva, os dois entregaram-se com extraordinário denodo à interessante tarefa. Decorrido algum tempo, a obra estava pronta.

— Nunca nada de mais perfeito saiu de suas talentosas mãos, excelente Vulcano! — disse Minerva, entusiasmada.

— Graças a você, cara amiga, que me auxiliou com seus proveitosos conselhos! — disse Vulcano, devolvendo o elogio.

Diante dos dois estava um linda mulher, quase tão bela quanto a mais bela das deusas. Seus olhos era azuis como o mais límpido céu e de sua boca vermelha e úmida partia um hálito fresco e perfumado. Sua pele era macia como o mais macio dos veludos e recobrindo-a por inteiro havia ainda uma delicada penugem, que lembrava em tudo a maciez da casca do pêssego. Seus membros, por sua vez, eram delicadamente proporcionados, tendo sido exilada deles à força, em proveito da graça. A frente do peito da encantadora criatura, Minerva coloca-n dois pomos que tinham o prodígio de serem, ao toque, ao mesmo tempo macios e firmes, coroando-os ainda, num requinte de perfeição, com duas delicadas protuberâncias, que lembravam duas pequenas cerejas.

Suas curvas eram perfeitas. De cada flanco do corpo desciam duas linhas curvas voltadas para dentro, expandindo-se somente à altura da cintura para dar lugar a um estonteante panorama, tendo ao centro um triângulo hermético, que guardava dentro de si todos os segredos da vida e de sua procriação.

— Vamos, levemos já nossa invenção a Júpiter, para que ele nos dê logo a sua aprovação! — disse Minerva, tão confiante que já dava por certa a aprovação de seu exigente pai.

E não foi de outra maneira. Tão logo o deus dos deuses pôs os seus olhos sobre a nova criatura, eles encheram-se de um brilho intenso.

— Vulcano e Minerva, vocês excederam-se em tudo o que se refere à beleza! — disse Júpiter, aplaudindo com entusiasmo a obra que tinha diante de si.

— Batizamos ela de Pandora, meu pai — disse Minerva. — O que acha deste nome?

— *Pandora, Pandora* — repetiu Júpiter, deliciado. — Tem um som volátil, alado... Magnífico!

Antes, porém, de dispensar a criatura, chamou-a a um canto.

— Venha cá, Pandora, tenho um presente para você. Quero que você leve isto aos mortais como sinal de meu apreço por eles — disse Júpiter, entregando-lhe uma caixa dourada, ricamente trabalhada com arabescos e filigranas de prata.

Pandora arregalou os olhos ao ver diante de si aquele presente tão magnífico. Sem poder conter-se, quis logo abrir a maravilhosa caixa, mas foi impedida pelo autor do presente.

— Não, minha filha, não faça isto! É para ser mantida sempre assim, hermeticamente fechada.

— *Herpétia* o que, poderoso deus? — disse Pandora, com um arzinho encantadoramente confuso.

— Esqueça, querida, esqueça. Não é para ser aberta em ocasião alguma, compreendeu?

— Sim, sim, compreendi! — disse Pandora, semicerrando os seus soberbos olhos anis.

"Por Júpiter, acho que esqueci de um pequeno detalhe... !", pensou Minerva, consigo mesma, ao analisar melhor a criatura.

Vulcano, no entanto, permanecia satisfeitíssimo com a sua invenção, demonstrando ser em tudo um pai digno da filha, menos na beleza, é claro.

— Pode ir, minha menina, vá em paz — disse Júpiter, despedindo-se dela com um aceno.

No mesmo dia, os dois presentes chegaram às mãos de Epimeteu, que não sabia qual deles admirar mais. Mas em breve fez logo a sua escolha: nada podia ser mais admirável do que aquela encantadora criatura que se chamava Pandora.

Entusiasmado, Epimeteu decidiu instalá-la em seu quarto. Depois que ele havia se retirado, Pandora pegou sua caixa dourada e prateada e pôs-se a examiná-la detidamente, virando-a de todos os lados. Seus olhos azuis refletiam todo o brilho do magnífico receptáculo.

— O que haverá aí dentro? — disse baixinho, refrescando o ar com seu hálito balsâmico.

Por várias vezes a encantadora Pandora hesitou se abria ou não a fantástica caixa. Mas, depois, depositando o precioso objeto ao lado do travesseiro, adormeceu profundamente.

Sonhou então que de dentro da caixa saíam, como por mágica, cavalos alados da cor do mar e aves luminosas de diversos tons esmeraldinos. Dos bicos prateados das gigantescas aves originava-se uma canção de magnífica beleza, que a enterneceu até o âmago mais profundo da alma. Homens e mulheres abraçavam-se nus, em pleno ar, ao som desta canção embriagadora, misturando-se àquelas criaturas de tal modo, que pareciam ter asas como elas.

Despertando com aquele sonho maravilhoso, Pandora estendeu a mão imediatamente para o seu presente. Não podendo mais conter o seu desejo, ergueu a tampa numa volúpia insana de curiosidade que lhe pôs na espinha um arrepio gelado.

Nem bem ergueu um pouquinho a tampa dourada, Pandora sentiu-a ser arrebatada das mãos, caindo ao chão, longe da cama. Assustada, ainda assim manteve o objeto preso entre as mãos. Pandora viu escapar de dentro da caixa algo a princípio sem forma. Parecia que todos os ventos do mundo se escapavam desordenadamente dali, na pressa da fuga. Imediatamente um deles tomou a forma de uma caveira volátil, parecendo toda feita de cristal e de vento. Tomando uma dimensão assustadora, a caveira aproximou seu rosto brilhante do rosto da pobre moça, que tremia de medo. Podia sentir na face o bafo mortalmente gelado que passava por entre os dentes de gelo, completamente arreganhados, da horrenda caveira.

Por alguns instantes aquela face terrível a mirou com suas órbitas vazias, estudando-a sempre com seu sorriso de vidro. Depois seus maxilares bateram repetidas vezes, um de encontro

ao outro, aumentando cada vez mais o ritmo a um ponto tal que ela somente podia ver aquela fileira transparente de dentes martelando-se uns aos outros, parecendo inevitável que se fariam em pedaços diante de seus olhos atônitos.

Algo parecido a uma gargalhada escapava por entre os rápidos intervalos das batidas dos maxilares, que ela não sabia precisar se era um gargalhada de escárnio ou um lamento de dor. Pandora estava prestes a desmaiar, quando a caveira foi se tornando gasosa outra vez, transformando-se num grande e gelado vapor que fugiu pela janela do quarto, perdendo-se no mundo.

Depois surgiram vários rostos deformados, cobertos de pústulas, que se erguiam da caixa como se fossem o retrato horrendo da Doença. Depois de assoprarem sobre seu rosto o bafo doentio das febres renitentes, arremessaram-se também pela janela atrás da primeira criatura, finalmente libertas. Dentre as tantas criaturas que escaparam da caixa, Pandora teve o desgosto de ver personificados todos os vícios que viriam a acometer no futuro a alma humana.

A Inveja lhe apareceu, assim, sob a forma de uma mulher velha, cujos cabelos finos e prateados como teias de aranha esvoaçavam ao ar. De dentro dessa moita prateada, aranhas negras teciam freneticamente com as patas negras mais e mais fios, de tal forma que uma nuvem esfiapada cobria a cabeça inteira da velha hedionda. Seus olhos amarelos, raiados de sangue, fuzilavam aquele belo rosto que, sabia, jamais teria igual. Da boca escapou uma baba verde, que lhe escorria pelo queixo em cordas pendentes. Com elas a velha teceu uma corda musgosa e nojenta, com a qual envolveu o pescoço de Pandora, decidida a estrangulá-la. Algo, porém, a impediu de completar seu ato. Dando um grande uivo de raiva, ela recuou para trás. Depois ergueu a mão ossuda no ar e, franzindo os dedos como quem agarra algo, sacudiu-a em direção ao seu alvo, Pandora. Depois, arremessou-se subitamente pela janela, dando um silvo agudo e penetrante.

A Gula, sob a forma rotunda de uma mulher imensamente nua, escapou-se também da caixa. Suas banhas e graxas sacudiam, caindo umas por cima das outras, em grossas camadas. De toda ela escorria um suor pegajoso, como se suasse azeite por todos os poros. Suas bochechas pareciam prestes a explodir, e de seus olhos escorria uma graxa amarela e malcheirosa, que ela lambia com furor assim que lhe chegava aos lábios inchados.

Pandora, embora aterrorizada, não conseguia fechar a maldita caixa, involuntariamente fascinada com o que assistia, sem saber como pudera desencadear tantas desgraças. Lançando-se de joelhos ao chão, encontrou finalmente a tampa caída a um canto. Enquanto rastejava para alcançá-la sentia rodopiar acima de si uma legião de demônios — a Avareza, a Arrogância, a

Crueldade, o Egoísmo, todos os vícios e defeitos humanos dançavam uma ciranda infernal sobre a sua cabeça, até que, arremessando-se à caixa, conseguiu finalmente fechá-la.

Mas o mal já estava feito. Percebendo que nada ficara lá dentro, olhou ainda uma vez para o fundo da caixa fatídica. Um rosto maravilhosamente belo e eternamente jovem, no entanto, a observava dali.

— Quem é você? — disse Pandora, ainda temerosa.

— Eu sou a Esperança — disse simplesmente o belo rosto.

Foi carregando esse valioso presente que Pandora se apresentou diante dos homens.

MINERVA E ARACNE

Aracne era uma bela moça, filha de um tintureiro de lã, na cidade de Colonon. Sendo filha de quem era, desde cedo acostumara-se a bordar e tecer, revelando um talento inato para essa arte. À medida que Aracne foi tornando-se adulta, sua arte também mais e mais se aperfeiçoava, de tal sorte que logo seus trabalhos eram disputados por todas as mulheres da cidade. Senhoras de outras localidades também acorriam, sem se importar com a distância, desde que pudessem levar para casa algum trabalho saído das mãos da extraordinária artesã.

— Bordado é o da Aracne, o resto é bobagem — diziam as moças, que saíam da casa da talentosa jovem com suas peças estendidas, admirando à luz do sol o tom diversamente colorido dos bordados e das tramas.

De tal forma a fama de Aracne cresceu, que mesmo as ninfas dos rios e lagos próximos deixavam as águas para admirar os trabalhos de Aracne.

Um dia, Diana, que ficara sabendo do assunto pelas ninfas, levou-o ao conhecimento de Minerva.

— Minerva, acho que finalmente você encontrou uma rival à altura — disse Diana, com um tom de ironia.

Ora, deuses e deusas não suportam que lhes falem nesse tom, ainda mais quando um de seus atributos é posto em dúvida. A deusa, considerada a protetora das obreiras e dos artesãos, não admitia que uma reles mortal pudesse sequer emparelhar com as suas obras, respeitadas em todo o Olimpo.

— Quem é mesmo essa fulana? — disse Minerva, com a voz repassada de inveja.

— Aracne é o seu nome — disse Diana, que sob o pretexto de fazer um favor saboreava, na verdade, o despeito da outra.

No mesmo dia Minerva decidiu apresentar-se diante da rival e ver se realmente ela era tudo aquilo que afirmavam. Metamorfoseando-se numa velha, a deusa rumou para o país onde

vivia Aracne. Quando lá chegou, encontrou a artesã sentada à beira de um regato, cercada por um exército de ninfas, que deitadas sobre a relva admiravam o seu magnífico trabalho.

— Bom-dia, minha jovem! — disse, aproximando-se.

— Bom-dia, minha senhora — disse Aracne, sem desviar os olhos de seu imenso bordado.

"Ela é boa artesã, mesmo, a desgraçada!", pensou a velhota e disse:

— Que belo trabalho está fazendo! — exclamou Minerva, apoiada a seu bordão, cujo elogio fingido escondia uma secreta admiração.

— É o que todos dizem — falou Aracne, com um ar de presunção que irritou Minerva.

— Mas convém agradecer sempre a Minerva este dom recebido — disse a velha.

— Ora, e que méritos eu teria se devo exclusivamente a ela meu talento? -disse Aracne. — Ela que cuide de seus bordados que eu cuido dos meus.

Um sussurro de espanto correu por entre as ninfas.

— Oh, não diga isto! — disse a velha, escandalizada. — Não percebe que é uma ingratidão sem tamanho?

— Vovó, por favor, me deixe trabalhar em paz — disse a jovem, pondo um fim na conversa.

— É esta, então, a idéia que tem de mim, atrevida? — disse Minerva, desfazendo-se do disfarce e surgindo em todo o seu esplendor diante da tecelã e das ninfas, que recuaram, entre assustadas e reverentes.

Aracne, contudo, não demonstrou grande impressão e prosseguiu a bordar como se nada houvesse acontecido.

— Olhe para mim, sua mal-agradecida! — bradou Minerva.

— Estou trabalhando, não está vendo? — disse Aracne, com maus modos.

— Proponho, então, um desafio! — disse Minerva, certa de que a vitória seria sua.

— Diga lá! — respondeu a moça, que não queria outra coisa senão medir-se com a própria deusa dos trabalhos manuais.

— Vamos, ninfas ociosas, tragam toda lã que puderem encontrar e a depositem aqui, em partes iguais, a nossos pés — ordenou Minerva.

As duas mostravam-se extremamente arrogantes. Não se podia saber qual seria a vencedora daquele empolgante confronto. Ao sinal da deusa, as duas começaram a trabalhar. Os dedos ágeis desfiavam a lã e a colocavam rapidamente sob os pentes do tear que tinham à frente. Os fios deslizavam, esticados ao máximo, parecendo as cordas afinadas de um piano. Nem bem saíam da máquina e dedos os capturavam, comprimindo-os sob as agulhas douradas.

Cada qual tinha aos joelhos uma grande tela, na qual deveriam bordar um grande tapete figurativo. Minerva escolhera fazer o retrato de uma disputa que tivera com Netuno, enquanto Aracne bordava magistralmente a cena do rapto de Europa por Júpiter.

Aos poucos as figuras ganhavam forma nas armações quadradas que cada qual tinha diante de si. Os fios de diversas cores passavam pelos dedos das mulheres como os fios que tecem o arco-íris, misturando-se numa mesma maçaroca. mas saindo separados e uniformes sobre a tela.

— Veja, a tela de Minerva está mais bela — dizia uma ninfa, observando o trabalho da deusa, que começava a ganhar forma diante dos olhos de todas.

De fato, o mar, os peixes, o deus Netuno com seu tridente, tudo parecia adquirir vida própria, enquanto os dedos finos da deusa tramavam agilmente as linhas de diversas cores.

— Não, o de Aracne é mais belo — disse outra ninfa, abaixando o tom de voz para não ofender a deusa.

O tapete de Aracne, com efeito, não ficava a dever nada ao da sua rival em matéria de cor, beleza e vivacidade. Todas podiam ver aos poucos o alvo touro que raptara Europa ganhar forma sob as costuras. O alvo fio ia desenhando o contorno da bela jovem com tal perfeição que ela parecia estar viva e prestes a sair do tapete: seus pés erguiam-se a poucos centímetros da água de um anil perfeito, por sobre a qual era levada pelo animal.

A medida que as duas finalizavam o trabalho, a ansiedade e a expectativa das ninfas tornavam-se quase insuportáveis.

De repente, Minerva pôs-se em pé, com um grito de triunfo:

— Pronto, amadora, apresente também o seu trabalho!

Aracne, dando o último nó em seu bordado, ergueu-o desafiadoramente.

— Que as ninfas julguem com imparcialidade! — disse, encarando a rival. Minerva, arrebatando o tapete das mãos de Aracne, comeu-o com os olhos.

Enquanto o estudava, procurava com ele ocultar o próprio rosto, a fim de que as demais não vissem a admiração estampada na sua face. "Maldita! Seu trabalho tenho de reconhecer, é levemente superior ao meu!", pensou a deusa.

Temendo, porém, que as julgadoras chegassem à mesma conclusão, Minerva perdeu a cabeça e fez em pedaços o belo tapete, mostrando que não admitiria sofrer uma humilhação.

— Oh, como você é cruel e injusta! — disse Aracne, tomada pela ira. Em seguida, rasgou também o trabalho da rival, sapateando em cima.

— Veja o que restou de seu horrível bordado — disse, arreganhando os dentes para a deusa.

Isto foi demais para a paciência de Minerva, que não podia admitir tamanha afronta de uma reles mortal. Erguendo sua mão sobre a cabeça de Aracne, rogou-lhe uma praga terrível. A moça, que ainda estava sob o efeito da cólera, não sentiu a princípio que seu corpo encolhia até transformar-se numa bola negra. Depois, de seus flancos saíram várias pernas cabeludas, o que encheu de horror as ninfas, que se lançaram à água, temerosas de que a deusa resolvesse puni-las também.

Tomando em suas mãos a asquerosa criatura, Minerva pendurou-a em um galho.

— Veja, aí está o prêmio da sua arrogância! — disse a deusa, com uma risada de escárnio.

Já ia dando as costas para se retirar, quando percebeu um ruído vindo da árvore. Voltou-se e viu que a criatura negra movimentava suas pernas com extraordinária agilidade, costurando um manto com uma seda extremamente fina que retirava de seu dorso abaulado. Aos poucos Minerva viu surgir diante de seus olhos um magnífico bordado circular, que excedia a tudo que ela antes já fizera, como se Aracne, mesmo sob aquela odiosa forma, tivesse se tornado ainda mais talentosa com seus diversos braços.

Minerva, reconhecendo-se finalmente derrotada, partiu correndo do maldito bosque.

PERSEU E A CABEÇA DE MEDUSA

Poucos homens poderão se vangloriar de terem nascido de uma chuva de ouro. O herói deste conto, no entanto, pode, e é sobre ele que vamos agora falar.

Acrísio, rei de Argos, tinha uma bela filha chamada Danai. Um dia este poderoso rei foi consultar-se com um oráculo e recebeu dele o aviso de que sua filha jamais deveria ser mãe, pois o filho nascido de suas entranhas provocaria um dia a morte do próprio soberano. Temendo que essa profecia viesse a se realizar, o rei mandou encerrar então a sua filha numa inacessível torre de bronze, certo de que ali nenhum pretendente poderia alcançá-la.

Acrísio, no entanto, esqueceu-se do volúvel Júpiter, que um dia, ao enxergar do Olimpo a pobre moça debruçada à janela, apaixonou-se perdidamente por ela.

Ora, para o pai dos deuses não existem torres inexpugnáveis. Metamorfoseando-se numa nuvem dourada, Júpiter penetrou nos aposentos de Danai e a fecundou de uma maneira original, fazendo descer sobre ela uma abundante e frisada chuva de ouro.

Quando o rei descobriu o fato, tomou-se de ira. Antes de tomar uma providência, porém, decidiu aguardar que o neto nascesse. Tão logo o menino — que se chamou Perseu — veio ao mundo, o rei deu esta ordem cruel aos guardas:

— Tranquem Danai e seu filho dentro de uma arca e lancem ambos ao mar. A ordem foi cumprida integralmente. No mesmo dia mãe e filho estavam

navegando sem rumo pelas águas revoltas do oceano, enquanto Acrísio, em seu trono, suspirava aliviado. O sol e a lua brilharam alternadamente sobre a arca fatídica enquanto esta flutuava ao sabor das ondas, até que um dia ela acabou indo dar à praia de Serifo, onde um pescador a encontrou. Qual não foi a sua surpresa ao abrir a tampa e descobrir no interior a figura da mãe abraçada ao filho!

— Por Júpiter! — exclamou o bom homem. — O que está fazendo aí dentro esta pobre moça?

Danai, com o filho aninhado nos braços, encontrava-se sentada, quase sem sentidos, e seus joelhos estavam cobertos pela água que entrara por uma fresta.

— Ajude-nos... — disse a moça, antes de desmaiar.

O velho recolheu-a com o filho e lhes deu abrigo e alimentação. Tão logo se mostraram recuperados da terrível viagem, ele os levou até o rei do país, que se chamava Polidecto.

O rei tratou Danai e seu filho com muita atenção, dando-lhes um lugar para morar.

Com o passar dos anos, o pequeno Perseu foi crescendo até se tornar um rapaz forte e musculoso. Como Polidecto mostrava-se cada vez mais interessado em possuir Danai, decidiu afastar do reino o jovem. Para tanto ordenou que ele fosse combater a terrível Medusa, uma criatura monstruosa que espalhava o terror por todo o reino.

— Quem é ela? — quis saber Perseu, que já tinha um pendor natural para a aventura.

— Medusa é uma das três Górgonas — disse Polidecto. — Filhas de Fórcis. chamam-se Euríala, Esteno e Medusa. Das três, indubitavelmente, a última é a mais bela. Até algum tempo atrás, todas as mulheres tinham inveja da sua beleza — continuou a dizer Polidecto -, em especial da sua bela cabeleira negra. Seus cabelos eram tão escuros e sedosos que pareciam fios da noite a escorrer sobre seus ombros.

O rei prosseguiu na sua história, acrescentando que um dia a mais bela das Górgonas apaixonara-se por Netuno, o deus dos mares. Certa feita, tendo marcado um encontro amoroso com ele num dos templos de Minerva, acabara provocando a ira da deusa. Sedenta por vingança, Minerva decidiu punir a jovem, transformando sua linda cabeleira num ninho das mais horrendas serpentes.

Transformada, assim, numa detestável criatura, Medusa foi se refugiar numa gruta fortificada. Dizia-se que possuía agora o dom de converter em pedra todo aquele que a encarasse e que este era seu maior deleite desde que fora alvo da nefasta transformação.

Perseu, tendo ouvido o relato do rei, decidiu aceitar a missão, embora ciente de todos os perigos. Partiu alguns dias depois, sob os protestos da mãe.

Após uma longa jornada, o jovem chegou, finalmente, diante da fortaleza de pedra onde a Medusa se escondia. Logo à entrada, porém, deparou-se com algumas formas humanas que, à primeira vista, fizeram-no crer que se tratavam, de guardiões. Erguendo sua tocha, Perseu observou-as melhor e descobriu que eram homens mortos que tinham seus corpos transformados em pedras.

— Infelizes! — exclamou Perseu, enquanto estudava suas feições assombradas. Todos pareciam estar ainda vivos, contemplando a coisa mais pavorosa que um olho humano pudesse enxergar. Seus gestos derradeiros refletiam o último espasmo do terror, enquanto alguns procuravam proteger os olhos com as mãos; outros tinham uma perna posta em recuo, como quem começa a fugir, sem poder, no entanto, completar a escapada; outros, ainda, tinham a espada erguida acima das cabeças, como quem prepara um golpe fatal, que, no entanto, jamais se completa.

Seguindo um pouco mais para dentro da caverna, Perseu escutou uma conversa; aproximou-se, então, de maneira cautelosa, até vislumbrar duas altas mulheres que pareciam guardar a entrada principal da fortaleza.

Eram as irmãs de Medusa, que ali se mantinham em perpétua vigília.

A primeira delas, que estava colocada ao lado de onde Perseu avançava, pressentindo a presença de alguém, disse, estendendo inquietamente a mão à outra:

— Dê-me logo isto... Há alguém por aqui, além de nós, posso sentir o cheiro. Tomando alguma coisa das mãos da outra, a primeira entalou aquilo no rosto e pôs-se a olhar para ao lados onde Perseu se escondia. Mesmo na quase obscuridade total de onde se encontrava, o jovem pôde perceber que o objeto que a monstruosa criatura colocara no rosto era um único e alerta olho esverdeado, que percorria de modo inquieto todos os recantos da caverna. As duas possuíam apenas um globo ocular, que compartilhavam na medida que dele necessitassem. O herói, agachando-se, pegou uma pedra e lançou-a para os lados daquela que ficara momentaneamente cega.

— Vamos, devolva-me o olho! — gritou esta para a outra.

Enquanto aquela vasculhava a extremidade oposta da caverna, Perseu aproximou-se discretamente da que lhe estava mais próxima e indefesa. Sacando da espada, foi fácil cortar a cabeça da sinistra criatura, que deu ainda um grito de alerta à irmã:

— Mana, me dê o olho! — disse ela, antes de cair morta ao chão.

A outra, espavorida, desatarraxou-o da cara e estendeu-o no vazio.

— Obrigado... — disse Perseu, pegando o olho com uma das mãos, enquanto com a outra desferia sobre o pescoço da vítima um golpe certeiro de sua espada afiada.

A segunda das temíveis Górgonas caiu ao chão, sem cabeça e sem olho. Uma poça de sangue formou-se aos pés de Perseu, que prosseguiu adiante, deixando no chão as suas pegadas vermelhas e disposto a enfrentar agora a mais perigosa das três irmãs.

Um vento frio percorria os corredores recobertos de estalactites, que pendiam das paredes como afiadas estacas de gelo. Mas havia algo além do sopro gelado do vento. Uma respiração curta e forte misturava-se ao fluxo contínuo do vento. "A maldita está me seguindo!", pensou o herói, pondo todos os seus sentidos em alerta. Como em resposta às suas cogitações, Perseu escutou uma voz dizer as seguintes palavras, que por causa do vento pareciam estar sendo assopradas diretamente em seu ouvido:

— Maldito! Pagará caro pela morte de minhas irmãs!

Sua tocha apagou-se e tudo mergulhou na semi-escuridão da caverna.

Parecendo um guerreiro cego e tateando o caminho com a ponta da espada, Perseu continuou a avançar, de maneira cautelosa. Preso ao outro braço levava o escudo que recebera de Minerva, antes de partir. A sua última recomendação ainda estava bem clara em sua mente: "Jamais enfrente o olhar da Medusa, pois isto seria o seu fim! Quando tiver de enfrentá-la, mire-a apenas no reflexo produzido por este escudo".

Perseu começou a erguer o seu escudo quando de repente sentiu que uma mão poderosa agarrara seu braço, apoderando-se de seu precioso utensílio. O barulho metálico do instrumento batendo-se contra as rochas das paredes ressoou pelos corredores escuros. Quase ao mesmo tempo um golpe forte se abateu sobre suas costas, surpreendendo-o e fazendo com que caísse de bruços e quase sem sentidos ao solo.

Ainda atordoado, Perseu sentiu que duas mãos vigorosas viravam seu corpo de frente. Depois, estas mesmas mãos ásperas agarraram sua cabeça e a sacudiram vivamente.

— Vamos, querido, acorde! — disse uma voz inesperadamente suave. Seus olhos começavam a se abrir quando se lembrou da advertência da

deusa: "Jamais enfrente o olhar da Medusa... Isto seria o seu fim...".

Apertando suas pálpebras, Perseu manteve sua vista fechada, enquanto tentava se desvencilhar dos braços rijos da monstruosa mulher. Uma voz rouca gritava, agora de maneira quase histérica, em seus ouvidos:

— Abra os olhos, guerreiro, e contemple meus belos olhos!

Perseu, ainda com os olhos fechados, sentiu na boca a pressão dos lábios úmidos da Medusa. O hálito frio e fétido que aspirou lhe deu a idéia de que a própria Morte o estivesse beijando. Percebendo que tinha o joelho livre, encolheu-o até a altura do seu peito e com ele

arremessou para longe a figura monstruosa, com tamanha força que ela cruzou toda a extensão da caverna, indo chocar-se violentamente contra uma parede.

Uma golfada de sangue foi expelida pela boca da Medusa, juntamente com um grito selvagem. Atordoada pelo impacto, agora era a vez de ela tentar recobrar seus sentidos.

Perseu, pondo-se agilmente em pé, divisou o brilho de seu escudo, a alguns metros dali. Tão logo o teve outra vez nas mãos, ergueu-o, tentando ver pelo reflexo prateado o que se passava atrás de si. Uma forma vagamente feminina vinha vindo em sua direção. Perseu não teve tempo de ver o rosto da Medusa, pois com um salto ligeiro o jovem desviou-se, lançando-se ao chão, mantendo sempre preso ao braço o seu precioso escudo. Com a outra mão Perseu empunhava a espada.

— Você morrerá como todos os outros — disse a Górgona, confiante -, e colocarei depois a sua estátua bem no centro de minha caverna.

Perseu manteve silêncio, concentrado apenas em seus movimentos e nos movimentos da ágil criatura, que continuava a mover-se aos saltos. Para o herói era extremamente difícil enfrentar uma adversária tendo de estar sempre de costas voltadas para ela, observando seus movimentos nervosos apenas pela refração do escudo.

Por um instante a criatura desapareceu, até que o rosto inteiro da Medusa surgiu repentinamente novamente no espelho que Perseu tinha diante dos olhos.

Seu rosto pálido era uma máscara de onde sobressaíam dois olhos de pupilas horizontais, como os dos répteis, e que brilhavam iluminados pela ira. Acima deles as serpentes se agitavam, espichando para fora das bocas suas línguas fendidas e arremessando seus corpos em botes rápidos que somente a distância impedia que se tornassem fatais.

Antes, porém, que ela pudesse lhe fazer algum dano, Perseu fechou os olhos e girou seu corpo com extrema velocidade, arrancando, com um golpe certeiro da espada, a cabeça da Medusa.

Voltando-se para o corpo que tombara no chão, já sem o auxílio do escudo, Perseu viu, surpreso, surgir do sangue que jorrava em abundância do pescoço da criatura um belo e alvo cavalo alado, que se chamaria Pégaso e se tornaria famoso por auxiliar outro herói, Belerofonte, a derrotar a monstruosa Quimera.

Montado sobre esse belo cavalo, Perseu ensacou a horrenda cabeça decepada de Medusa e retornou para casa, satisfeito com sua vitória.

BELEROFONTE E PÉGASO

Ninguém cavalgou Pégaso com mais virilidade e destreza do que Belerofonte, um jovem e valente guerreiro que ousou enfrentar com ele uma temível criatura chamada Quimera.

Tendo vivido durante algum tempo sob a proteção do rei Proeto, Belerofonte acabou por se envolver involuntariamente com a esposa deste, a bela e sedutora Antéia.

— Belo jovem, deixe-me amá-lo — dizia a toda hora a insistente rainha. Belerofonte, no entanto, temendo um atrito com o rei, fugia o tempo todo.

Antéia, vendo que suas investidas não davam em nada, decidiu punir o seu objeto de desejo.

— Pagará caro por me rejeitar — disse a rainha, um dia, farta de se oferecer em vão.

E tratou de intrigar o jovem com seu desavisado esposo:

— Proeto, querido, esse rapaz é muito abusado...

— Abusado? O que está dizendo, querida? — disse o rei, intrigado.

— Esse insolente não tem feito outra coisa desde que chegou ao nosso reino senão me cercar com propostas indecentes — disse a rainha, fingindo indignação.

O rei, sentindo-se ultrajado com tamanha afronta, decidiu enviar o ex-protegido à corte de seu sogro, na Lídia. Junto, remeteu uma carta, na qual pedia que ele se encarregasse de dar um fim a Belerofonte.

Lobates — tal era o nome do rei da Lídia -, a princípio, ficou aborrecido ao receber a incumbência. "Por Júpiter! Genros só trazem problemas!", resmungou, e foi receber o jovem visitante com mostras de simpatia.

Durante muito tempo Lobates imaginou um meio de acabar com Belerofonte sem que isso acarretasse problemas para si, até que um dia chegou a notícia de que a Quimera — um monstro terrível que assolava seu reino — havia feito mais uma vítima.

— É isto! — exclamou o monarca, dando uma palmada na testa e mandando chamar imediatamente o rapaz.

— Belerofonte, somente você, montado em seu cavalo alado, poderá fazer frente à horrível criatura que vem há tanto tempo aterrorizando o meu reino! -disse ao herói.

— Mas que monstro é este que vocês chamam de Quimera?

— É uma besta que expele chamas pela boca e pelo nariz. Seu corpo é uma mistura grotesca de vários seres: tem cabeça de leão, corpo de cabra e sua parte posterior é em tudo idêntica à de um dragão.

Belerofonte — que ficara mais intrigado do que assustado com a descrição da estranha criatura — dispôs-se imediatamente a partir com seu cavalo alado, a fim de retribuir a acolhida que tivera do rei.

Na ampla estrebaria do palácio estava acomodado Pégaso, o cavalo que Belerofonte havia domado graças ao freio dourado que Minerva lhe havia dado durante um sonho. Ao enxergar o

dono por entre as frestas da madeira, o animal começou a relinchar suave e melodicamente, muito diferente dos outros cavalos.

Tão logo Pégaso viu-se livre de sua prisão temporária, começou a voar em círculos em torno de Belerofonte, que tentava inutilmente lhe alcançar as rédeas douradas.

— Por favor, Pégaso, deixe de brincadeiras!

O cavalo, descendo das nuvens, foi pousar aos pés do herói, curvando docilmente a cabeça, enquanto Belerofonte, num salto ágil, montou sobre o seu dorso.

— Vamos embora, pois temos uma missão a cumprir! — disse o cavaleiro, afrouxando as rédeas do maravilhoso cavalo, que se lançou ao espaço num galope veloz.

Belerofonte cruzou os céus, sentindo um pouco do prazer que um dia também sentira, ainda que de maneira diferente e fugaz, o infeliz Ícaro das asas de cera.

O herói estava entregue aos seus pensamentos quando divisou, afinal, a temível fera, que o observava expelindo fogo pela boca. Cercada por montanhas, a Quimera escalou rapidamente a encosta de uma delas; Pégaso, abrindo bem as asas, voejava em torno da presa, na tentativa de torná-la um alvo fácil para os dardos afiados de Belerofonte. Mas a fera sumiu, abruptamente, ocultando-se numa das inúmeras grutas.

— Se tiver de procurá-la de caverna em caverna, estarei bem arranjado -exclamou o guerreiro, aborrecido.

O cavalo alado pousou sobre o solo acidentado. Grandes pedras espalhadas por todo o lado dificultavam os passos do animal.

— Pégaso, fique aqui, enquanto vou verificar — disse Belerofonte ao animal. Desmontando, Belerofonte entrou numa das grutas. De dentro escapava-se um calor suspeito, que fazia crer que a fera houvesse buscado ali um refúgio. Enquanto o herói avançava cada vez mais para dentro da caverna, escutou um relincho agudo de seu cavalo.

— Silêncio, Pégaso, não me tire a concentração! — disse Belerofonte, fazendo um gesto com a mão, sem voltar os olhos para o cavalo.

Pégaso, no entanto, prosseguia no seu relincho de alerta, pois de outra entrada lateral o monstro seguia os passos do destemido guerreiro.

Erguendo vôo, o cavalo alado veio pelas costas da Quimera e a acertou com um golpe dos cascos, lançando-a ao chão e despertando a atenção do seu dono.

— Obrigado, Pégaso — disse Belerofonte, mirando a seta bem em direção ao coração do monstro abatido, que se rojava no pó, lançando jatos de fogo em todas as direções.

Alguns instantes após haver disparado o mortífero dardo, Belerofonte teve o prazer de ver a temida Quimera estirar as pernas no último espasmo que precedeu sua morte.

— Vencemos!

Após derrotar o flagelo do reino, Belerofonte e Pégaso retornaram para a corte. O rei Lobates, vendo que nada conseguira ao expor o visitante à mais terrível das feras, resolveu envolvê-lo numa guerra com as amazonas, na vã esperança de ver sua ruína.

Apesar de toda a fúria e combatividade das cavaleiras, não foram elas páreo, tampouco, para a força e a coragem do herói grego, que as derrotou sem maiores dificuldades. O rei, então, vendo que seus artifícios jamais poriam fim à vida do herói — e agradado já, a esta altura, do valor do guerreiro —, decidiu fazer dele o marido de sua filha.

— Meu genro que se dane... — disse ele à sua esposa, que estava, também, encantada com as qualidades de Belerofonte.

— Ele é realmente fantástico! — concordou ela, num enlevo.

A princesa Filonoé, perfeitamente de acordo com a idéia, pediu logo a seu pai que marcasse para o mais breve possível a data do seu casamento. Belerofonte e sua nova esposa viveram felizes durante algum tempo, até que o herói, sentindo-se envaidecido com tamanhos triunfos, acabou por cair no erro fatal da soberba.

Tomando um dia as rédeas de seu cavalo alado, disse baixinho ao ouvido do seu cavalo de estimação:

— Venha, vamos conhecer a morada dos deuses!

Pégaso, diante da ordem, pela primeira vez na vida refugou; suas asas permaneciam comprimidas enquanto seus dentes mastigavam relutantemente o freio.

— Vamos, garoto, o que foi?

O cavalo, a contragosto, distendeu as asas e lançou-se ao espaço. Belerofonte, montado em seu dorso, não via a hora de ver-se entre os deuses — pois ele próprio já se considerava um deles. "Por que razão não terei direito também à imortalidade, como tantos outros heróis?", pensava, enquanto as nuvens rasgavam-se diante de seus olhos.

Passando muito além do sol, Belerofonte começou a divisar uma luz muito mais ofuscante que a do poderoso astro.

— Estamos chegando, Pégaso!

Júpiter, porém, sabedor da audácia do herói de invadir os seus domínios, já havia tomado providências. Metamorfoseando-se numa mosca, começou a atormentar Pégaso, picando seus flancos sem descanso, até que ele começou a corcovear, derrubando, por fim, Belerofonte.

O herói escapou milagrosamente da morte, mas acabou tornando-se coxo e miserável, vivendo como um mendigo o resto da sua vida.

PIGMALIÃO E A ESTÁTUA

PRIMEIRO DIA

Cheguei hoje, finalmente, à ilha de Chipre, onde pretendo me instalar para exercer minha atividade de escultor. Dizem que os ares daqui são revigorantes, e a luminosidade, ideal para os artistas. Dei uma caminhada pelas ruas da cidade, assim que me livrei da arrumação de minhas coisas. As ruas são cheias de caminhos labirínticos, suas casas são baixas e sólidas, e a população é bastante agitada. "Bastante" talvez seja exagero; estando acostumado às minhas criaturas imóveis e silenciosas, não posso deixar de me surpreender quando entro em contato outra vez com seres humanos reais, vivos e inquietos — exatamente como eu, afinal.

SECUNDO DIA

Estou aguardando ainda a chegada do grande bloco de mármore que encomendei em Páros. Apesar de ter tomado esta providência há mais de um mês, calculando que já estaria aqui quando eu chegasse, acho que caí outra vez na conversa dos transportadores.

Ao final deste dia insuportavelmente quente, dei uma passada no porto para saber da entrada de alguma embarcação proveniente da ilha. Nada havia, o que me fez retornar a passo lento sob uma brisa fresca que soprava — felizmente! — vinda do mar.

TERCEIRO DIA

Como são atrevidas as mulheres desta ilha... Não posso deixar de me surpreender com seu comportamento vulgar; a maioria delas não hesita em se insinuar diante de qualquer homem, com propostas francas e ousadas. Não estou acostumado a isto e não posso deixar de achar que as mulheres perdem muito de sua graça quando são muito desinibidas.

Tive a oportunidade de dizer isto, de maneira franca, a uma delas, que riu simplesmente na minha cara, dizendo: "Querido, estamos fartas de ouvir falar tanto em virtude. Falemos um pouco *de prazer*".

Se não houvesse impedido seu furor, creio que ela teria ido muito mais longe nas suas intenções; acho, porém, que fiz mal, pois em seguida ela me deu as costas, num desdém alegre que provocou o riso de todos — até dos homens, que parecem gostar deste tipo de mulher. Me abstive, no entanto, de revidar as suas chacotas.

QUARTO DIA

Finalmente minha encomenda chegou!

Pela manhã fui bem cedinho até o porto, com um forte pressentimento de que meu bloco de mármore estava a caminho. Quando cheguei, indaguei de um velho se estava prevista a chegada de alguma embarcação vinda de Páros.

O velho, sem me olhar no rosto, apenas indicou com seu dedo recurvo o alto-mar.

Lá ao longe pude identificar uma grande embarcação que avançava lentamente em nossa direção. Sem outro recurso, sentei-me sobre os degraus amplos do cais enquanto esperava. Uma chuvinha miúda começou a cair quando o navio encostou, bem à minha frente.

A nau, de fato, era proveniente da ilha onde eu fizera minha aquisição; em instantes tive a satisfação de ver descarregar, envolto por uma armação de tábuas, o meu sólido bloco de mármore — tão puro que lembrava o mais fino marfim.

Acompanhei com os carregadores o traslado da pedra até minha casa, feliz em poder retomar minha atividade, pois já andava cansado de tanta ociosidade.

Enfim, hoje mesmo comecei a trabalhar.

QUINTO DIA

Passei o dia inteiro pensando no que faria de meu magnífico bloco de mármore.

Vários temas me passaram pela mente, mas afinal terminei optando por fazer uma estátua de mulher — uma mulher de verdade, pensei, diferente de todas as que vejo na rua.

Sem me dar conta de meu paradoxo, continuei decidido a moldar uma mulher tal como eu a prefiro: bela e discreta. Talvez, admito, também com uma pitada muito sutil de malícia, mas muito diferente da malícia óbvia e exaustiva que vejo por aqui.

DÉCIMO DIA

A obra está avançando admiravelmente, ainda que a custo de muita concentração. Durante cinco dias estive entregue à tarefa de dotar a minha estátua de um rosto superior a todos os outros. Não tenho tido tempo nem ânimo para desviar os olhos da minha obra.

Mas, afinal, concluí hoje aquela que para mim é e será sempre a parte mais importante de uma mulher: o seu rosto. Consegui de tal modo colocar nele as particularidades das feições mais belas que conheci, que acabei esculpindo um que não se parece com nenhum outro jamais visto. Não sei exatamente como explicar; há nele um encanto que combina o ar sonhador oriental com o ar de ponderada reflexão das mulheres mais sábias da minha terra.

Seu semblante, a princípio, parece meio severo, da testa até o nariz. Dali para baixo, no entanto, resplandece uma alegria — comedida e mais interior — que está, julgo, perfeitamente representada no traçado meticuloso dos seus lindos lábios, que não são cheios nem finos, mas bem proporcionados.

Seu rosto tem uma forma ovalada, e seus cabelos compridos, descidos de cada lado de suas feições, são uma moldura perfeita para ele.

Não fosse o rosto de uma estátua, diria que estou apaixonado por ele.

DÉCIMO PRIMEIRO DIA

Depois de dar alguns retoques na cabeça, comecei a esculpir hoje o pescoço e o torso. Será uma tarefa que exigirá muito tempo, pois esculpir as curvas de seus ombros e modelar os seus seios — que não sei ainda que formato e volume exatos terão — exigirá de mim todo o esforço e o talento de que eu for capaz.

Enquanto esculpia, porém, tive como que uma súbita inspiração. Abandonando o martelo e o formão, exclamei de improviso: *"Galatéia!"*.

Depois repeti várias vezes este nome, e nenhum outro me pareceu mais adequado ao seu porte e sua fisionomia.

DÉCIMO TERCEIRO DIA

Terminei de esculpir o busto. Preferi dar-lhe um volume intermediário entre o grande e o pequeno — talvez puxando um pouco para o grande. As duas estruturas estão inacreditavelmente sólidas e ao mesmo tempo parecem leves e soltas, de tal forma que parecem balançar toda vez que sacudo levemente o pedestal.

Será imaginação minha ou seus seios balançam-se mesmo a um leve toque de meus dedos? Bem ao centro de cada um dos montes coloquei duas pequenas saliências, que acrescentaram ao conjunto um efeito magnífico.

Como poderei, desse jeito, resistir por mais tempo aos seus encantos?

VIGÉSIMO QUINTO DIA

Finalmente concluí minha adorada estátua! Seus pés ficaram perfeitos. Nunca vi joelhos mais simétricos. Sua cintura não tem uma falha. Suas costas têm as linhas mais harmônicas do mundo. Eu a fiz inteiramente nua, mas pretendo logo cobri-la de sedas. Sim, cobrirei sua maravilhosa nudez de sedas e de jóias — as mais caras e belas que puder encontrar!

E vou fazer isto agora mesmo.

VIGÉSIMO SEXTO DIA

Comprei dúzias de vestidos para minha amada Galatéia. Comecei por cobri-la com um longo vestido azul, da cor da noite. Deixei apenas a descoberto a parte frontal do peito, num generoso decote.

Passei o dia, assim, a observá-la e a imaginar, deliciado, o que este longo pano ocultará de meus olhos. Sim, bem sei que minhas mãos a esculpiram inteira, desde os dedos das mãos até o maior dos seus segredos. Mas agora, estranhamente, é como se jamais a tivesse visto de outro jeito. Minha mão, porém, hesita em descobrir um milímetro sequer de seu corpo: tenho medo de que meus dedos queimem em contato com o ardente mármore de sua pele.

Descartei de uma vez a hipótese de loucura. Minha Galatéia é perfeitamente real na sua esplêndida e vivida imobilidade.

VIGÉSIMO SÉTIMO DIA

Hoje cometi algo que poderá parecer uma extravagância: removi minha querida Galatéia de seu pedestal e coloquei-a deitada no meu leito. Tive de me retirar do quarto por alguns instantes. Porém, quando retornei, levei um susto.

"Quem é você e o que faz em meu leito?", lhe perguntei, tão viva ela me pareceu.

Aproximando-me, toquei então em sua mão. De seus dedos senti emanar um calor vivido, como se fosse proveniente dos dedos de uma mulher de verdade.

Não tive coragem de tirá-la do seu descanso e fui dormir no chão a alguns passos dela.

(Fiquei imaginando o que diriam de mim as pessoas daqui, se vissem esta estranha cena.)

Azar. Eu amo a minha Galatéia — e para mim ela está cada vez mais viva.

VIGÉSIMO OITAVO DIA

Beijei hoje, pela primeira vez, os lábios de Galatéia. Não, eles não são de carne. Quem me dera, entretanto, poder torná-los reais, úmidos e quentes, como os de qualquer outra mulher.

Ou, antes, como os de *nenhuma outra mulher*.

VIGÉSIMO NONO DIA

Começaram hoje as festividades em honra de Vênus. Estive em sua procissão e não pude deixar de me maravilhar com a devoção do povo, que acorreu em massa para reverenciar a mais bela das deusas. Durante o culto, enquanto se faziam os sacrifícios, uma idéia me passou pela cabeça, mas a descartei por me parecer absurda demais.

Galatéia, eu a quero viva — viva de verdade! Depois deste dia não posse querer outra coisa. Minha cabeça está em febre. Meus sentidos estão excitados.

Acho melhor explicar. Cheguei em casa hoje, quando o sol já surgia no oriente com seu primeiro brilho. Durante a noite inteira estive aproveitando as festividades de Vênus. Tão logo havia me passado pela cabeça a idéia — **que** tachei anteriormente de absurda — de fazer um pedido à deusa, vi-me envolvido por um cortejo das mais belas mulheres de Chipre. Sentindo ao meu lado tantos corpos vivos e femininos roçarem suas peles sobre a minha, fui tomado por um desejo natural de me unir a qualquer uma delas.

"Uma mulher de verdade, é disso que eu preciso para me libertar dessa obsessão!", pensei.

Tão logo cheguei em casa, no entanto, fui punido por Galatéia, que hoje, mais do que nunca, me pareceu irremediavelmente de pedra! Seu rosto estava perfeitamente impassível e seus lábios não responderam ao contato dos meus.

A estátua — tenho a certeza — estava enciumada, terrivelmente enciumada.

"Mas o que posso fazer, minha querida Galatéia...?", eu disse, tentando me desculpar.

Seu olhar recusava-se a fixar o meu, mesmo quando a olhava firmemente nos olhos.

Tomado pelo remorso, abracei-me, de joelhos, à sua cintura. "Nenhuma outra mulher poderá jamais chegar a seus pés!", gritei-lhe, cobrindo-a de beijos.

Depois, mais calmo, resolvi pôr em prática o meu plano.

Esta noite irei ao templo de Vênus novamente.

TRIGÉSIMO DIA

Fiz meu pedido à deusa. Enquanto as pessoas faziam suas preces e queimavam seus incensos, empreguei todo o meu fervor em pedir que desse alma a Galatéia. Quem melhor do que Vênus, a deusa do amor, para entender o meu desejo secreto?

Estou escrevendo isto num quarto de estalagem, onde passo a noite. Tenho medo — muito medo! — de chegar em casa e ver que meu pedido não foi atendido.

TRIGÉSIMO PRIMEIRO DIA

O dia inteiro vaguei pelas ruas até que, quando a noite já caíra, tomei coragem e decidi enfrentar meu destino. Atravessei o caminho margeado de árvores que levava até minha casa. Fiquei em pé, parado diante da porta, um longo tempo, até que, tomando coragem, entrei, afinal.

A casa estava às escuras. Meu primeiro olhar foi direto para o pedestal.

Nada havia em cima dele!

Todas as hipóteses passaram como num turbilhão em minha mente, e a pior delas foi esta, que expressei audivelmente:

"Galatéia foi arrebatada de mim!"

Como um louco percorri todos os aposentos da casa, sem me lembrar, no entanto, daquele que era o único, além da sala, onde ela havia estado: o quarto!

Implorando a Vênus que a encontrasse — ainda que sob a forma de estátua —, rumei em passos vacilantes para lá. Ao entreabrir a porta, tive a maior sensação de alívio que um homem poderia sentir.

Deitada em meu leito, lá estava ela!

Coberta por um fino lençol, pude ver, na obscuridade do quarto, seus cabelos caídos sobre os olhos. Certamente eu a havia deixado assim, como fizera outras tantas vezes. Esquecido já até do pedido, ajoelhei-me aos pés da cama. Galatéia estava imóvel, como sempre estivera.

Feliz por ter ao menos sua imagem para sempre ao meu lado, colei meus lábios aos dela com fervor e paixão. Senti um calor emanar de sua boca, mas deixei por conta de meu desvario. No entanto, ao descolar minha boca da dela, percebi que a parte inferior do lábio ficara momentaneamente grudada ao meu, como ocorre com os beijos entre seres de carne e osso.

"Não pode ser...!", pensei. Em seguida, com o coração galopando em terrível descompasso puxei a coberta que estava erguida até o seu peito.

Enquanto retirava a coberta, toquei involuntariamente no seu braço, que se afundou suavemente ao contato de meu dedo, retomando em seguida à aparência normal. Sua pele nem de longe lembrava a frieza do mármore.

Galatéia estava viva! Sim, não podia mais haver dúvida alguma.

Tomando sua cabeça em minhas mãos, despertei-a, talvez abruptamente demais. Seus olhos — como não pude perceber que estavam até então cerrados, se nunca antes assim estiveram? — abriram-se lentamente, mostrando um brilho meio assustado.

Pela primeira vez, seus olhos olharam verdadeiramente para os meus, sussurrando o meu nome.

CUPIDO E PSIQUE

— Aonde vai esta gente toda? — perguntou alguém, ao ver uma verdadeira massa humana dirigir-se, apressada, ao palácio do rei.

— O senhor é de fora? — disse o outro.

— Sim.

— Logo vi. Vão todos fazer o que fazem todos os dias: admirar a beleza da filha do rei.

Juntando-se ao cortejo, o curioso forasteiro foi conferir essa beleza tão disputada.

Na verdade eram três belezas, pois eram três as filhas do soberano.

As duas primeiras eram inegavelmente belas. Mas quando a terceira apareceu, a beleza das outras duas ficou completamente esmaecida.

Psique era seu nome. Criara-se tamanho fascínio diante de sua beleza que já estava se formando um culto em sua homenagem. Alguns exageravam, dizendo que ela seria a própria Vênus, que decidira viver entre os homens.

Mas ao mesmo tempo em que se homenageava a deusa, comparando a beleza de Psique à sua, deixavam-se abandonados os seus templos.

Essa afronta, naturalmente, chegou ao conhecimento de Vênus, que decidiu vingar-se de alguma maneira daquela mortal.

— Cupido, preciso de sua ajuda! — disse ela um dia ao filho.

— Pois não, minha mãe — disse o arqueiro divino.

— Quero que você fira esta mortal com uma de suas setas. Quero que Psique seja destinada ao ser mais monstruoso que possa existir, de tal sorte que sua infelicidade exceda à da mulher mais desgraçada do mundo.

Cupido, sempre obediente, partiu para cumprir sua missão.

Ao cair da noite o jovem entrou no quarto onde a jovem Psique dormia e apontou para ela um de seus dardos mais afiados, depois de embebê-lo no filtro do amor.

Quando Cupido já tinha a seta apontada para o peito da jovem, foi surpreendido por um gesto abrupto dela. Ao afastar os cabelos do rosto, a jovem involuntariamente esbarrou com a mão no braço de Cupido, que acabou ferindo-se levemente com sua própria seta.

Psique abriu os olhos, mas nada enxergou, pois o deus do amor estava invisível. Sentindo-se confuso, Cupido retirou-se, impossibilitado de desejar o mal para uma jovem tão encantadoramente bela.

Vênus, porém, conseguira fazer com que parte de seus objetivos fossem alcançados. Nenhum pretendente se apresentou para desposar a mais bela das filhas do rei. As outras duas, embora menos disputadas, já haviam arrumados esposos.

— Cadê o príncipe encantado de nossa querida Psique? — diziam as duas, em tom de ironia, e loucas de inveja da bela irmã.

O rei, finalmente preocupado diante do inexplicável desprezo que se abatera sobre a sua filha predileta, decidiu consultar o oráculo do deus Apolo para saber das razões.

— Sua filha não casará com um mortal — disse o deus -, mas com um ser alado e perverso, que se compraz em ferir os homens e os próprios deuses.

Depois acrescentou que Psique deveria ser abandonada num rochedo, para que esse ser monstruoso viesse levá-la para o seu palácio.

O rei ficou inconsolável com esse prognóstico sombrio. Durante vários dias lutou contra a idéia de abandonar a amada filha a este ser monstruoso, mas por fim teve de ceder à vontade dos deuses. O casamento fúnebre teve sua data marcada. Após muito pranto, a jovem foi levada em seus trajes nupciais até o alto do rochedo, onde foi abandonada à própria sorte, pois assim determinara o oráculo.

Aos poucos os archotes que haviam sido acesos foram se apagando um a um, enquanto a noite descia, escurecendo tudo ao redor da pobre vítima. Psique, apreensiva, aguardava apenas o momento de ser sacrificada — pois tinha a certeza de que era este o seu destino.

O tempo foi passando sem que nada acontecesse, até que Psique acabou adormecendo. Nesse instante, os zéfiros — os ventos suaves que sopram, vindos do oeste — surgiram em bando e raptaram a jovem, que ainda estava adormecida no alto do rochedo. Ela, semi-adormecida, sentia o vento agitar suas vestes e as nuvens umedecerem o seu rosto enquanto era carregada. Aos poucos os zéfiros foram descendo com sua delicada carga, até que a depositaram sobre um vale coberto de flores, próximo a uma fonte de águas claras e abundantes.

Quando Psique despertou, a primeira coisa que seus olhos viram foi um castelo que parecia saído de um sonho. A porta estava aberta, parecendo que lá dentro ela já era aguardada.

Uma brisa mansa às suas costas a impeliu para diante. Dentro de um salão majestoso, recoberto de mármores e de pedrarias, Psique descobriu-se em absoluta solidão.

— Há alguém aqui? — disse a moça, cuja voz ecoou pelas colunas de ouro. perdendo-se nos corredores amplos e vazios.

Psique subiu lentamente pelos degraus de uma imensa escadaria de pórfiro. cujos corrimões eram do mais puro e esverdeado jade. Depois percorreu várias salas, repletas das mais belas estátuas que seus olhos já haviam contemplado. Todas, sem exceção, representavam amantes nus, cujos braços enlaçavam c corpos dos seus seres amados. Cada sala revelou-se mais bela do que a outra, até que a jovem, finalmente, chegou a um quarto espaçoso, iluminado pela luz alegre de uma imponente lareira. Um leito perfeitamente arrumado estava no centro do quarto, enquanto uma refrescante brisa agitava as finíssimas cortinas rendadas das janelas.

Neste instante uma voz delicada soou em seus ouvidos, provocando-lhe um ligeiro susto:

— Jovem soberana, de hoje em diante este palácio é seu. Aqui estou para servir ao menor dos seus desejos.

Na parte interior do aposento havia um quarto de banho. Psique adentrou-o e percebeu, maravilhada, que uma banheira de mármore cheia de espuma parecia aguardá-la.

— Permita que a ajude a se despir — disse a mesma voz invisível. Psique sentiu que sua pequena túnica deslizava por sua pele, retirada por

uma delicada mão invisível. Logo a jovem estava mergulhada na água refrescante, sentindo que mãos invisíveis ensaboavam seu corpo.

A seguir Psique desceu ao salão principal, onde a esperava um banquete digno de uma rainha. Mais tarde ela recolheu-se definitivamente ao seu quarto, embora sempre sozinha.

— Quem é você e por que nunca aparece? — disse a jovem.

A voz, no entanto, não respondia a nenhuma de suas perguntas.

Ainda exausta dos acontecimentos, a jovem deitou-se em seu magnífico leito e adormeceu. Cupido, tão logo teve a certeza de que sua amada dormia, aproximou-se discretamente e deitou-se a seu lado. Ficou longo tempo observando suas feições. Depois, deu um beijo na boca da jovem, que despertou, assustada.

— Quem está aqui? — disse ela ao sentir os braços dele estreitando seu peito.

— Não se assuste, meu amor! — disse o jovem, cobrindo-a de ardentes carícias. Durante a noite inteira, os dois entregaram-se ao amor. Psique, sem nunca poder ver as formas de seu amado, procurava enxergar com as mãos, deslizando seus dedos pelo rosto e pelo corpo inteiro daquele homem, que fazia o mesmo, só com a diferença de que podia vê-la perfeitamente. Mas Cupido o fazia com tal ardor que o cego parecia ele.

Até que ao amanhecer ambos adormeceram unidos num mesmo abraço.

Os dias se passaram sem que o futuro esposo de Psique se manifestasse de forma visível, embora continuasse a visitá-la todas as noites, não deixando nunca de satisfazê-la. A jovem foi aos poucos se familiarizando com todo o esplendor do castelo e, passada a novidade, começou a sentir falta da presença física de alguém.

— Meu marido, por que não vem me fazer companhia? — clamava ela, desesperada, pelos corredores vazios do imenso palácio. — Como posso amar um ser invisível?

— Minha visão lhe seria funesta, adorada Psique. Eu poderia feri-la e provocar em você sofrimentos como nunca antes talvez tenha experimentado.

— Tenho saudades também de meus pais e de minhas irmãs — disse a jovem. — Gostaria imensamente de poder revê-los...

Cupido, sempre invisível, prometeu pensar no pedido, enquanto deixava Psique entregue outra vez à sua cruel solidão.

Na mesma noite, o amante invisível retornou com uma boa notícia:

— Psique, estou disposto a permitir que suas irmãs venham visitá-la. Radiante de alegria, ela abraçou o vazio.

— Obrigada, meu querido esposo!

Cupido, porém, temeroso de perder sua adorada Psique, acrescentou:

— Tome, entretanto, muito cuidado com suas irmãs. Elas certamente ficarão tomadas pela inveja quando virem que você é senhora deste magnífico palácio e de todas as riquezas que ele contém.

Os zéfiros, instruídos por Cupido, trouxeram, assim, as irmãs de Psique, ia mesma maneira que haviam trazido a jovem.

Ainda sob o impacto daquela viagem surpreendente, as duas irmãs adentraram o palácio, conduzidas pelas mãos de Psique.

— Isto tudo é seu? — disse uma delas, sem conseguir conter a inveja. Embora vivesse também num palácio, o seu não era, no entanto, nem a sombra deste que tinha agora diante dos olhos.

Um rancor surdo agitava também a alma da outra irmã.

— E seu maravilhoso esposo, onde está? — quis saber a outra, na esperança de que fosse mesmo um ser horroroso, tal como predissera o oráculo de Apolo.

Psique foi obrigada a confessar que jamais pusera os olhos nele, nem em qualquer pessoa viva desde que pusera os pés naquele lugar encantado.

— Logo vi! — disse a primeira das irmãs, em triunfo. — Deve ser tão monstruoso que não tem coragem de aparecer abertamente.

— Psique, se o seu marido é um monstro — concluiu a outra, radiante -. cedo ou tarde irá matá-la.

A jovem, atordoada por aqueles sombrios prognósticos, encheu-se de medo de seu enigmático esposo. Uma das irmãs correu até a cozinha e ao voltar lhe estendeu uma faca afiada, ordenando:

— Você deve matá-lo.

— Matá-lo? — indagou Psique, atônita.

— Mate-o, antes que ele a mate — disse a invejosa. — Hoje à noite, preste atenção, você fará o seguinte: assim que deitar, esteja atenta para quando ele vier unir-se a você. Tão logo sinta que ele adormece, levante-se e, tomando de uma lâmpada, ilumine a sua figura, a fim de ver quem é verdadeiramente o seu marido.

— Esteja, porém, nesse instante, com a faca na mão — disse a segunda irmã. cujos olhos faiscavam. — Assim que perceber que tem um monstro odioso a seu lado, trespasse seu coração com a lâmina, sem pensar duas vezes.

Psique, julgando que o conselho era ditado pela amizade, resolveu finalmente decifrar o mistério.

— Está bem, farei exatamente como dizem — disse a jovem.

Naquela mesma noite, Psique pôs em execução o seu plano. Tão logo percebeu que seu marido entregara-se ao sono, levantou-se e, tomando da lâmpada, dirigiu sua luz em direção ao rosto do esposo. Uma exclamação malcontida de espanto escapou dos lábios da jovem quando divisou o rosto de Cupido. Tinha diante de si o mais belo rosto que seus olhos já tinham visto.

— Por Júpiter, como é belo! — exclamou extasiada.

Porém, ao inclinar-se para ver melhor as feições de seu amado esposo. Psique inclinou demais a lâmpada, o que fez com que uma gota do azeite caísse sobre o ombro dele. Cupido, abrindo os olhos, enxergou a jovem, que empunhava numa das mãos a candeia e na outra a adaga afiada.

Pondo-se em pé, Cupido exclamou:

— Então é isto! Você preferiu seguir os conselhos maldosos de suas pérfidas irmãs, em vez de confiar em minhas palavras!

— Não, não, jamais pretendi fazer-lhe mal algum — disse Psique, lançando fora a adaga.

Mas Cupido já havia deixado o quarto, voando pela janela.

Psique caiu desconsolada na cama. Quando ergueu a cabeça, percebes. estarrecida que estava deitada sobre a grama verde dos campos. Ao seu redor não havia nem sinal mais do seu maravilhoso castelo.

— O que foi feito de meu palácio? — exclamou Psique, sem nada entender. Relanceando o olhar ao redor, percebeu que estava a poucos metros da casa de suas irmãs.

Psique correu para lá, para buscar alguma explicação. Depois de ser recebida com espanto por elas, contou toda a sua terrível história.

— Oh, que pena... — disse uma das irmãs, fingindo pesar.

— Aí está o preço da ingratidão — disse a segunda, fingindo revolta. — Deveria ter sido mais generosa, depois de tudo o que ele fez por você.

No mesmo dia as duas decidiram voltar ao local onde haviam sido raptadas pelos zéfiros, na esperança de que estes as conduzissem de volta para o palácio de Cupido.

— Quem sabe uma de nós não será a escolhida para substituir nossa ingrata irmã? — disse uma delas, cheia de esperanças.

Deitaram-se ambas sobre a relva e aguardaram que os zéfiros surgissem novamente. Durante muito tempo estiveram ali deitadas sem que soprasse a menor brisa. Um calor insuportável descia do céu, fazendo-as quase perder os sentidos de tanto calor.

— Então, idiotas, vêm ou não nos carregar outra vez? — bradou a mais colérica das duas, no alto da montanha.

Em resposta, sentiram as duas uma forte brisa soprar em seus rostos.

— Vamos, mana, os zéfiros já estão aqui pra nos levar até o palácio encantado! Dando as mãos, as duas lançaram-se no espaço, certas de que seriam imediatamente seguras pelas vaporosas mãos dos suaves ventos. Seus pés, no entanto, pedalaram no vazio, sem que braço algum impedisse a queda violenta de seus corpos. Com um grito de pavor, as duas mergulharam, despedaçando-se no abismo.

Enquanto isso, Psique, desesperada, decidiu ir falar pessoalmente com Vênus, uma vez que já sabia que era mãe de Cupido.

— Veio ver se terminou de matar o meu filho? — disse a deusa, com raiva.

— Perdão, jamais tive a intenção de machucar o seu filho — disse Psique. Vênus, sem se deixar comover pelas palavras da jovem, decidiu mantê-la **sob** seus serviços, maltratando-a e impondo-lhe serviços e obrigações acima de suas forças. Mas a jovem suportava tudo com ânimo forte, disposta a ir até o fim apenas para reaver o esposo. Vênus, vendo que Psique era resistente, decidiu impor-lhe uma tarefa além de suas forças:

— Quero que você vá aos infernos pedir a Prosérpina que me envie uma caixa de beleza, pois perdi um pouco da minha ao cuidar de meu filho doente.

Psique, sem saber como fazer para chegar até o reino de Plutão, entregou-se ao desespero. Chegou a pensar em desistir até da própria vida, quando uma voz invisível lhe disse:

— Faça como vou lhe dizer e conseguirá chegar até onde mora Prosérpina.

A mesma voz prosseguiu a lhe falar, indicando o melhor meio para alcançar o Hades sombrio. Psique escutou tudo com grande atenção e partiu logo em seguida para cumprir sua missão.

Andou por vários dias até alcançar uma gruta, no interior da qual descortinou uma fenda que conduzia ao reino de Plutão. Munida somente de sua coragem, Psique penetrou nos escuros labirintos da morada dos mortos. Depois de convencer o barqueiro Caronte a levá-la para a outra margem do rio, passou incólume por Cérbero, temível cão de três cabeças que guarda a entrada do inferno.

Adiantando-se, chegou finalmente diante de Prosérpina e fez o que Vênus lhe ordenara.

Após ter recebido das mãos da rainha infernal a caixa mágica, Psique preparou-se para retornar para o seu mundo.

Após retornar para a luz do dia — que contemplou com infinito alívio -. Psique preparava-se para levar o precioso objeto para a deusa do Amor.

— O que haverá, afinal, aqui dentro? — disse Psique, embora lembrasse bem da recomendação que a voz lhe fizera para que não abrisse a caixa.

Porém, ao abri-la, Psique foi envolvida por uma nuvem mortal — a nuvem do sono eterno, que a prostrou sobre o solo, como morta.

Cupido, que não agüentava mais de saudades de sua adorada esposa, resolveu sair à sua procura, aproveitando-se de um descuido da vigilante mãe. O jovem voou de um lado para outro até que encontrou Psique, caída no chão. desacordada.

— Eu sabia, sua curiosidade estragou tudo outra vez! — exclamou Cupido que fora a voz que a advertira para não abrir a caixa misteriosa.

Cupido, no entanto, conseguiu retirar do corpo de Psique o sono mortal e devolvê-lo para dentro da caixa. Psique, aos poucos, foi reabrindo os olhos. : que percebeu estar nos braços de seu amor.

— Psique, leve a caixa para Vênus, mas, pelo amor que me tem, não a abri outra vez! — disse Cupido. — Enquanto isto vou falar com Júpiter para que convença minha mãe a aceitá-la como minha esposa.

Cupido, alçando um vôo rápido, foi cumprir o que dissera. Tanto implorou ao deus dos deuses, que este decidiu interceder a favor de ambos diante de Vênus

Psique foi chamada, então, à presença dos deuses e recebeu das mãos do próprio Júpiter uma taça contendo o néctar da imortalidade.

— A partir de agora você será uma deusa, também — disse ele, estendendo a taça.

Enquanto Psique bebia o néctar, uma linda borboleta pousou sobre sua cabeça. Ela e Cupido uniram-se, assim, num amor feliz e eterno.

TESEU E O MINOTAURO

Nada demonstra melhor o caráter guerreiro e valente de Teseu — um dos heróis mais famosos da Grécia — do que um curioso episódio da sua infância.

Estava um dia o pequeno Teseu em casa de seu avô quando o velho recebeu a visita de ninguém menos do que Hércules — o maior de todos os heróis.

Junto com seus amigos, Teseu correu a espiar, sem conseguir acreditar que estava sob o mesmo teto que aquela lenda viva. Hércules, antes de sentar-se, tirou sua pele de leão de sobre os ombros, para estar mais à vontade, e lançou-a para o mesmo canto onde estavam aglomeradas as crianças.

Nem bem a pesada pele caíra ao chão, todos os meninos puseram-se a correr, gritando por suas mães, pois na sua inocência julgavam estar na presença de um leão verdadeiro. Apenas o pequeno Teseu permaneceu firme, encarando a fera. Depois também deu as costas, mas em vez de fugir, correu para a cozinha e voltou de lá com um machado que arrebatara das mãos de um escravo e caiu sobre a pele, como se estivesse enfrentando um leão de verdade.

A partir de então Teseu cresceu, tornando-se cada vez mais famoso devido às suas façanhas. Duas delas merecem destaque, pelo curioso das aventuras.

Na primeira delas, Teseu enfrentou um temível bandido das estradas, chamado Sínis.

Este vilão aterrorizava todo o istmo de Corinto, impondo às suas vítimas uma cruel tortura. Após curvar duas árvores paralelas, amarrava a elas os braços e pernas dos prisioneiros. Em seguida soltava os troncos, fazendo com que as árvores retornassem à sua postura normal, despedaçando, assim, os infelizes.

Teseu enfrentou-o e depois de derrotá-lo fez o bandido provar do próprio veneno, e ele morreu despedaçado.

Na outra aventura, Teseu defrontou-se com um maníaco, chamado Procusto.

Este bandido passava a maior parte do dia escondido numa caverna, como uma aranha na sua toca. Tão logo escutava os passos de alguém que se aproximava. Procusto apoderava-se da vítima e a levava de rastos para dentro da cova. Amarrando, então, o desgraçado sobre o leito,

ficava ao seu lado, a estudar se as rnedidas do corpo eram exatamente as mesmas do leito. Se sobravam pedaços do corpo para fora da cama, Procusto, munido de uma longa faca, cortava-os com meticulosa precisão, até tornar compatíveis os dois. Se, no entanto, o corpo era demasiado pequeno, o bandido o amarrava e espichava até ficar do tamanho ideal.

Teseu também liquidou com Procusto, embora a lenda não especifique **como** o fez.

Mas o grande feito, aquele que imortalizou definitivamente o herói, foi a terrível batalha que travou contra o Minotauro — um monstro terrível, que tinha ronco e cabeça de touro e o restante do corpo sob a forma humana.

Os atenienses estavam naquela época sob o jugo de Minos, o cruel rei de Tebas.

Este rei decidira cobrar um tributo anual aos habitantes de Atenas: numa determinada época do ano deveriam ser entregues a ele sete rapazes e sete donzelas, para serem lançados vivos no temível labirinto que Minos fizera construir em seu reino pelo inventor Dédalo, pai do infeliz Ícaro das asas de cera. Dentro deste labirinto vivia o Minotauro, monstro insaciável que se nutria de carne humana.

Quando Teseu soube que as novas vítimas já haviam sido escolhidas e estavam para ser embarcadas para Creta, procurou seu pai, rei dos atenienses, e disse:

— Permita, meu pai, que eu tome o lugar destes infelizes!

O rei, espantado com a coragem do filho, a princípio relutou.

— Não. Como poderia mandar meu próprio filho e sucessor para a morte? Teseu, no entanto, firmou pé em sua decisão:

— Por que recusa minha oferta, se em vez de quatorze vítimas terá de oferecer ao monstro apenas uma?

Os dois discutiram longamente sobre o assunto, mas a teimosia de Teseu acabou prevalecendo sobre a vontade do pai. Assim, no mesmo dia, Teseu embarcou num navio de velas negras.

— Prometo, papai, caso derrote a fera, retornar com as velas brancas -disse o jovem, enquanto o navio ganhava o alto-mar.

Depois de navegar por vários dias, a embarcação finalmente atracou nas terras de Minos.

O rei de Tebas, furioso ao perceber que somente lhe haviam mandado uma vítima, exclamou:

— Como ousam desobedecer às minhas ordens? Eu exigi sete moças e sete rapazes, e me mandam apenas um.

Ariadne, a bela filha do rei, assistia a tudo, sem poder esconder, no entanto, o seu fascínio pelo jovem e ousado aventureiro.

— Poderoso Minos, talvez não esteja lembrado de mim, mas eu sou Teseu, filho do rei de Atenas, e venho oferecer minha vida em lugar da deles — disse o herói. — O senhor dispõe agora da vida do filho de um rei. Isto não lhe basta?

Minos acabou aceitando a troca, enquanto Ariadne tornava-se cada vez mais apreensiva.

— Amanhã você será lançado dentro do labirinto — disse o rei, com um sorriso de escárnio. — Veremos se terá a mesma disposição.

Durante a noite, Teseu esteve prisioneiro na torre do palácio de Minos. Estava fortemente vigiado, mas isto não impediu que Ariadne o procurasse.

— Teseu, estou admirada de sua coragem! — disse a bela jovem. O herói a encarou com surpresa:

— O que quer aqui?

Olhando para os lados a fim de ver se não era observada por algum dos carcereiros, Ariadne abriu uma brecha na parte superior do vestido e dela retirou algo que estendeu às mãos de Teseu.

— O que é isto? — perguntou ele, tomando o objeto.

— É um novelo de lã, não está vendo? — disse ela, em voz baixa.

— Mas para que me servirá?

— Amanhã, quando você for lançado ao labirinto, leve-o junto. À medida que for penetrando no labirinto, vá soltando o fio pelo chão, a fim de marcar o caminho para a volta. De outro jeito, você jamais poderá retornar.

Ariadne já ia se retirando quando Teseu tomou uma de suas mãos e a beijou.

Mal o dia amanheceu e Teseu foi conduzido pelos guardas até a entrada do famoso labirinto.

— Eis o Labirinto de Creta, do qual humano algum jamais retornou! — disse o rei Minos, com orgulho, procurando assustar a vítima.

Uma sólida porta de bronze girou em seus gonzos e Teseu foi lançado para dentro.

— O rei dos atenienses não poderá dizer que fui injusto com seu filho -disse Minos, jogando para dentro do labirinto uma pequena adaga e um escudo. — Fechem a porta! — ordenou em seguida, enquanto Ariadne lançava um último olhar para seu amado.

Um estrondo anunciou que agora o herói estava inteiramente à mercê do seu adversário, dentro do labirinto. Teseu, procurando familiarizar-se com o local relanceou a vista ao redor. Imensas paredes de mármore erguiam-se até onde a vista podia alcançar. Passando os dedos pela parede, descobriu que seria impossível tentar escalá-las: completamente lisas, não possuíam a menor fenda onde pudesse apoiar os pés.

Pé ante pé o jovem começou a avançar, após haver recolhido sua adaga e seu pequeno escudo. O chão recoberto de saibro fazia um ruído pouco agradável, que poderia denunciá-lo a todo momento à fera que o devia estar aguardando em algum canto. Ou, mesmo, espionando. "Estou em seu território, preciso tomar muito cuidado!", pensou Teseu, enquanto dava os primeiros passos.

Nesse instante, lembrou-se do presente que a bela Ariadne lhe dera na noite anterior.

— O novelo! — exclamou, sem poder conter a satisfação.

Puxando do bolso da túnica o precioso objeto, começou a desfiar o resistente fio, enquanto avançava cautelosamente. Nem bem havia transposto a primeira esquina do labirinto, percebeu que tinha à frente de si pelo menos dez outras entradas — que podiam ser também dez saídas.

Todas eram exatamente iguais, embora cada qual apontasse para um único.

Tomando a entrada da direita, o jovem avançou, cada vez mais decidido. "De que me adianta ficar escolhendo?", pensou, enquanto ia deixando atrás de si o fio precioso. Ao virar numa das tantas esquinas que já havia ultrapassado, Teseu teve uma desagradável surpresa: algumas manchas vermelhas tingiam as paredes brancas. Uma delas desenhava nitidamente a forma de uma mão humana, que escorria para baixo num borrão indistinto, como se tivesse deslizado os dedos em toda a sua extensão. "Ele matou aqui alguma de suas vítimas!", pensou, tornando-se mais precavido.

Logo ao virar noutra curva viu os pedaços apodrecidos do corpo daquele que deveria ter morrido às mãos do cruel Minotauro. Bem ao canto estava o pedaço de um crânio, ainda recoberto por uma pequena cobertura de carne. O sorriso branco da caveira luzia, ainda, por entre os seus restos mortais.

Assim, Teseu foi encontrando sinais da fúria da criatura, metade humana e metade fera, que estava à solta por ali, apenas no aguardo de sua próxima refeição. De repente, porém, Teseu sentiu, apesar da espessura das paredes, que alguém se chocara involuntariamente contra o outro lado da parede. "O desgraçado está seguindo meus passos!", pensou Teseu, empunhando com mais vigor a adaga.

Teseu fez a volta e passou por uma entrada lateral. Quando seus olhos enquadraram o novo corredor, viu ao fundo dele uma mancha escura desaparecer.

— Ei, covarde, volte aqui e me enfrente! — bradou o herói, perdendo a paciência.

Um ruído hediondo, misto de mugido e de grito, ressoou por todo o labirinto. Teseu, não importando com o perigo, saiu no encalço da fera, sem nunca esquecer de ir largando o seu fio. Andou em círculos, até que sentiu uma pressão no novelo, já diminuto. Voltando-se para trás,

Teseu puxou um pouco o fio e sentiu-o leve demais. Puxou de novo somente para ter uma desagradável surpresa:"0 desgraçado rompeu o meu fio!", deu-se conta. Voltando sobre os seus passos, enxergou o animal e desta vez o observou tempo bastante para distinguir o seu corpo meio humano e meio bovino afastando-se em largas passadas. Subitamente uma idéia lhe ocorreu. Desfiando rapidamente o fio restante do seu novelo, fez com ele um laço e o lançou com tal precisão que ele enganchou-se perfeitamente aos cornos da fera. Segurando com força o laço improvisado, Teseu susteve a corrida do Minotauro, que sacudia a cabeça com fúria, tentando se desvencilhar da armadilha.

Num repelão da cabeça, contudo, o Minotauro puxou com tal força o sólido barbante que Teseu foi puxado para si num vôo violento, que o derrubou quase aos pés da fera. Bufando de ódio, o Minotauro aproveitou-se da desvantagem momentânea do seu adversário e lançou-se com os chifres em riste na sua direção.

Teseu, no entanto, foi mais rápido e desviou-se. Em seguida, pulando às costas do Minotauro, enterrou a sua adaga, com toda a força, entre os seus olhos bovinos. Um mugido de dor atroou as paredes do labirinto, enquanto os dois caiam ao solo, embolados como se fossem um mesmo corpo. Teseu, sem ter a menor piedade, retirou a adaga de entre os olhos da fera e a enterrou outra vez, agora no coração do Minotauro, afastando-se, em seguida, num pulo.

Teseu assistiu com prazer à fera estertorar por alguns minutos, até que erguendo a cabeça do solo o Minotauro pareceu dar um grande espirro avermelhado e cair novamente ao solo, morto para sempre. Teseu, tendo derrotado o Minotauro, retornou para sua terra, levando consigo Ariadne.

No entanto, ao fazer uma parada na ilha de Naxos, ele a deixou lá, seguindo viagem sozinho. Teseu jamais explicou as razões desse ato de aparente ingratidão.

Quando adentrou com seu barco o portão de Atenas, esqueceu de desfraldar a vela branca, conforme o combinado com o seu pai, em caso de vitória. O pobre rei, vendo nisto um sinal certo da derrota — e conseqüente morte — do seu filho, suicidou-se no mesmo instante, o que roubou ao herói o prazer da vitória. Com a morte do rei, Teseu acabou herdando a coroa, tornando-se assim o novo rei de Atenas.

OS DOZE TRABALHOS PE HÉRCULES

O maior dos heróis teria de ter o maior dos contos, também.

O famoso e intrépido Hércules era filho de Alcmena, casada com Anfitrião. Júpiter, tomando um dia a forma de Anfitrião, fecundou-a, dando origem ao herói grego. Junto com ele nasceu outro menino, chamado Ificles, este filho de Anfitrião, que se tornaria tão obscuro quanto Hércules se tornaria famoso.

Juno, a ciumenta esposa de Júpiter, naturalmente não gostou nem um pouco da infidelidade do marido e tomou-se imediatamente de antipatia pelo filho bastardo de Júpiter.

Certa vez, Alcmena, a mãe dos dois garotos, após tê-los banhado e amamentado, deitou-os sobre um escudo de bronze. Enquanto os meninos brincavam e pedalavam o ar no berço improvisado, duas serpentes surgiram se arrastando insidiosamente em direção a eles. Vinham as duas a mando de Juno, a vingativa esposa de Júpiter, para acabar com a vida de Hércules.

O pequeno Ificles deu um grito de susto ao ver os répteis avançando. Mas Hércules, que desde o berço jamais soubera o significado da palavra medo, pulou do escudo e caiu sobre os dois répteis. Com uma serpente em cada uma das mãos, apertou-lhes o pescoço com tanta força que em segundos as estrangulou, salvando a si e ao irmão da morte certa.

Hércules cresceu e casou-se com Megara, filha de Creonte, com quem teve vários filhos.

Porém, mesmo depois de Hércules ter se tornado um adulto, Juno, a esposa de Júpiter, continuava ressentida com ele. Concebeu, então, um plano macabro que pouco condizia com a dignidade de uma deusa.

Hércules estava certo dia com a esposa Megara e seus filhos, quando foi tomado de uma súbita loucura. De repente seus olhos começaram a se arregalar e uma espuma abundante brotou de seus lábios.

Erguendo-se, o herói deu uma sonora gargalhada:

— Dêem-me o arco e minha maça! Tenho de ir a Micenas destruir as muralhas erguidas pelos ciclopes inimigos.

Sua barba negra estava coberta pelos flocos brancos da espuma, e seus olhos raiados de sangue reviravam-se nas órbitas, compondo uma máscara terrível e assustadora. Montado num carro imaginário, Hércules empunhava suas rédeas irreais:

— Eia, cavalos! Adiante, vamos combater os ciclopes!

Hércules saiu nesse constrangedor estado por todo o palácio, enchendo de assombro Megara e os próprios filhos. No seu delírio, enxergando nas crianças apenas monstruosos inimigos, Hércules abateu-as uma a uma, até que em todo o palácio só restaram vivos ele, a esposa e o último dos filhos.

— Ainda vejo inimigos no campo de batalha! — esbravejava o herói demente, disposto a exterminar até o último ser vivo nos arredores.

Sua esposa, enlouquecida de medo e tristeza, tomou nos braços a criança e foi refugiar-se no aposento mais afastado. Hércules, porém, sem recuar diante de nada, arrombou a porta com um golpe de sua maça e estraçalhou com as próprias mãos a mulher e o seu último filho.

No Olimpo, Juno deliciava-se com o espetáculo da ruína de seu desafeto.

Mas Hércules, ainda insaciado e possuído por seu furor, decidira investir contra o próprio pai, Júpiter. Minerva, porém, adiantando-se, derrubou o herói com um raio, antes que ele provocasse novas desgraças. Abatido, Hércules esteve estendido sobre os destroços do palácio durante um longo tempo; quando recobrou a consciência, deu-se conta da monstruosidade que praticara.

— Júpiter, meu pai, o que fiz? — urrou o infeliz, ao ver os corpos despedaçados de sua família.

A deusa Minerva, compadecida, explicou-lhe o que acontecera, isentando-o da culpa, mas Hércules não conseguia se perdoar.

— Matei minha mulher e meus próprios filhos! — exclamava ele, arrancando os cabelos num desespero inigualável.

Tomado pelo remorso, o herói condenou-se ao exílio, decidido a penitenciar-se pelo terrível episódio. Durante muitos anos Hércules vagou sem destino pelas estradas da Grécia, até que, consultando-se com um oráculo, este lhe ordena que fosse ao encontro de Euristeu, rei de Micenas e de Tirinto, primo de Hércules e rival deste pela disputa do trono.

Assim que esteve diante deste personagem, Hércules escutou suas palavras:

— Só há um meio de purificar-se. Você deverá realizar para mim os doze trabalhos que vou lhe explicar.

Após escutar com atenção as instruções de Euristeu, Hércules partiu decidido a cumpri-las, nesta que seria a maior de suas aventuras.

O primeiro trabalho de Hércules consistia em matar o terrível leão de Neméia.

Esse leão era o maior que já surgira em toda a Grécia. Dotado de extraordinária ferocidade, matava qualquer um que cruzasse o seu caminho.

Hércules, assim que esteve frente a frente com o monstruoso leão, puxou de seu arco e descarregou nele todas as suas flechas. O couro do leão era tão grosso, no entanto, que nenhuma delas conseguiu penetrar-lhe.

O herói, abandonando o arco, empunhou sua pesada maça e avançou para a fera. Em seguida descarregou sobre a cabeça dela um poderoso golpe. O porrete, no entanto, esfarelou-se em contato com os ossos duros do leão.

Fugindo para o interior de uma gruta, o poderoso felino ficou no aguardo de uma nova investida do herói. Hércules, desvencilhando-se de todas as armas, decidiu enfrentá-lo com as mãos limpas.

— Veremos, agora, quem pode mais! — exclamou, arremessando-se para o interior da caverna.

Impedindo a saída do animal, Hércules agarrou o pescoço do leão e rolou pelo chão com a fera, até arrancar da boca do animal o seu último suspiro. Feliz com sua vitória, tirou a pele do animal e passou a vesti-la, tornando-se este o seu traje mais característico.

O segundo trabalho de Hércules era derrotar a temida hidra de Lema -uma espécie de serpente gigantesca dotada de várias cabeças, que tinham a particularidade de renascer instantaneamente tão logo eram cortadas, sendo que a do meio era imortal.

Hércules seguiu nessa aventura acompanhado por seu servo Iolaus. Enquanto o criado aguardava, Hércules avançou sobre o pântano de Lema, moradia do terrível animal. Não demorou muito e logo sentiu que algo muito forte enroscava-se em suas pernas, paralisando seus movimentos.

Sacando do porrete, Hércules começou a esmagar uma por uma as cabeças da feroz hidra. No entanto, a cada uma que destroçava, via logo surgir outra em seu lugar.

— Iolaus, acenda um tição e jogue para mim! — gritou ao criado.

Tão logo agarrou o bastão em chamas, Hércules foi cauterizando os buracos de onde surgiam as cabeças, de tal sorte que logo só restou a cabeça do meio — a mais perigosa. Após esmurrá-la com toda a força, sem conseguir, no entanto, fazê-la morrer, o herói suspendeu a hidra e lançou-a no fundo de um profundo abismo. Erguendo em seguida uma imensa montanha, arremessou-a sobre o abismo, enterrando para sempre a hidra.

O terceiro trabalho do herói foi mais modesto.

Diana, a deusa das caçadoras, possuía cinco corças. Quatro delas estavam atreladas ao seu carro, enquanto a quinta, que possuía lindos chifres de ouro, andava à solta pelos bosques. A missão de Hércules era capturá-la e levá-la até Euristeu.

Apesar da aparente facilidade da tarefa, o herói consumiu um ano inteiro nesta busca: a corça era tão ou mais arredia do que a própria dona. Mas ao cabo desse período, Hércules conseguiu, finalmente, apoderar-se do belo animal.

O quarto trabalho era capturar o javali de Erimanto — um javali monstruoso que assolava toda a região. Após enfrentar a fera, arrancando-lhe as presas, Hércules levou-o até Euristeu, que, tomado de pavor diante da visão do animal, correu para dentro de um enorme tonel de bronze.

Vendo Euristeu que nos exercícios de força Hércules era imbatível, decidiu expô-lo a uma missão de natureza humilhante, no seu quinto trabalho:

— Quero que você vá limpar as estrebarias de Áugias.

Áugias era dono de um imenso rebanho e suas estrebarias jamais haviam sido limpas. Montanhas de estrume quase impediam a entrada dos animais.

— Façamos uma aposta — disse Hércules, ao ver-se diante do preguiçoso proprietário. — Caso eu consiga limpar suas estrebarias em menos de um dia, quero que você me dê uma décima parte de seu imenso rebanho.

Áugias, achando graça da pretensão do reles limpador, aceitou o desafio:

— Está bem, senhor limpador de estrume, vamos ver a sua eficiência.

Hércules, sem pestanejar, começou imediatamente o seu trabalho. Durante o dia inteiro, meteu-se até a cintura na montanha fedorenta, sem se importar com a aparente indignidade de sua tarefa.

— Ouro ou estéreo, esta aposta não perco! — dizia, cantarolando. Porém, quando viu que por mais que carregasse montanhas de dejetos para

fora, mais estrume parecia surgir no interior da estrebaria, Hércules resolveu mudar de estratégia. Avistando um rio de águas cantantes que passava ali perto, correu para lá, munido de sua pá. Com ela cavou um imenso desvio, de tal sorte que as águas passaram a correr por ele, indo desaguar em cheio na estrebaria de Áugias.

Quando o proprietário retornou ao fim do dia, encontrou sua cavalariça completamente limpa e seca, pois Hércules teve tempo ainda de fazer com que o rio voltasse ao seu curso normal.

Áugias, no entanto, era um homem sem palavra.

— Adeus, lacaio, e obrigado pelo brilhante serviço — disse, despedindo Hércules.

O herói, diante de tamanha afronta, ergueu nos braços o atrevido Áugias e estrangulou-o.

Os trabalhos de Hércules, porém, não terminaram aí: o sexto consistia em exterminar as aves mortíferas que assolavam o lago Estínfale.

Essas aves eram negras como a noite e tinham asas, cabeças e bicos de ferro, habitando um pântano eriçado de espinhos.

Hércules, sem perder mais tempo, foi em direção ao tal lago.

— Vamos ver as avezinhas — disse, determinado.

Era dia claro ainda quando Hércules chegou à beira do pântano. Um sol imenso ainda estava erguido no céu e não havia nem sinal de nenhuma das aves. Mas Hércules, além de forte, era também esperto. Tirando do bolso de sua pele leonina um par de címbalos, começou a tocá-los com toda a força. Imediatamente uma nuvem escura de aves ergueu-se dos caniços à beira d'água e tapou o sol, transformando o dia em noite. Acendendo um archote, Hércules iluminou a cena, enxergando nitidamente as aves que desciam sobre ele com seus bicos de ferro.

A seguir, com seu poderoso porrete começou a abatê-las aos montes. Cada golpe de sua arma derrubava oito ou dez juntas. Desta forma, conseguiu exterminá-las depois de desferir mais

de dez mil golpes. Quando terminou a tarefa, o pântano estava repleto de aves. O ruído metálico e persistente do bico das aves agonizantes ainda ficou retinindo em seus ouvidos por um longo tempo, enquanto se retirava, mais uma vez vitorioso. O sétimo trabalho de Hércules surgiu de um simples capricho feminino.

A filha de Euristeu havia metido na cabeça que queria por todo o modo possuir o cinto e o véu de Hipólita, a rainha das amazonas. Estes preciosos presentes haviam sido dados a ela por Marte, o deus da guerra, em reconhecimento por seu valor e bravura nos campos de combate.

Hércules, sabendo que a inimiga desta vez seria uma mulher, decidiu ser cortês: após conseguir chegar incólume ao país das amazonas, foi bem recebido por Hipólita e retribuiu na mesma medida o tratamento recebido, de tal forma que ela concordou em lhe ceder os acessórios.

Juno, a eterna inimiga de Hércules, no entanto, estava atenta, e conseguiu fazer crer às súditas de Hipólita que Hércules pretendia raptar sua rainha.

Montadas em seus cavalos, as guerreiras atacaram Hércules e seus soldados — pois ele havia ido até lá com um pequeno grupo de homens -, o que provocou uma luta entre as partes, que se estendeu por todo o dia. Hércules, vendo naquilo um sinal de traição, matou Hipólita após terrível duelo.

A rainha, golpeada mortalmente, expirou nos braços do guerreiro, e Hércules pôde levar para a filha de Euristeu as relíquias tão desejadas.

Chegamos ao oitavo trabalho.

Diomedes, filho de Marte e rei da Trácia, tinha quatro maravilhosos cavalos, que expeliam fogo pelas ventas e se alimentavam somente de carne humana. Ora, a diversão principal desse homem cruel consistia em capturar qualquer forasteiro que entrasse em seus domínios e jogá-lo vivo para os cavalos.

Hércules foi incumbido por Euristeu de fazer uma visitinha cordial ao rei Diomedes.

Para quem esmagou duas serpentes vivas, ainda no berço, não eram quatro ou cinco cavalos que iriam lhe meter medo. Por isso o herói foi tranqüilamente cumprir mais essa missão.

— Bom-dia, caro Diomedes! — disse Hércules, assim que se encontrou com o rei.

— Sem dúvida, será um bom dia para mim e para eles — disse o rei, apontando para os cavalos, que arreganhavam os dentes sujos de sangue. — Receio, contudo, que não possa dizer o mesmo do restante do seu dia, pobre forasteiro!

Erguendo um braço, Diomedes fez um sinal para que os seus cavalos avançassem para estraçalhar o visitante. Hércules, entretanto, montando num salto ágil sobre o dorso de um dos cavalos, domou-o com tal arte, que logo o deixou amansado; depois, passando imediatamente

para as costas do outro, fez o mesmo, e assim continuamente, até que tinha todos amansados aos seus pés.

Pegando as rédeas de todos, Hércules reconduziu-os de volta ao estábulo. Depois de irritá-los bastante, outra vez, retornou para se entender com seu péssimo anfitrião:

— O que pretende você? — disse o rei, balbuciando nervosamente. Hércules, sem dizer nada, suspendeu o dono dos cavalos numa única mão e o lançou para dentro da estrebaria.

Relinchos e gritos humanos de pavor têm algo em comum, razão pela qual o herói não pôde afirmar com certeza quem havia gritado mais alto enquanto ele se afastava num passo tranqüilo.

— O nono trabalho, preste bem atenção — disse Euristeu -, é o seguinte: quero que você roube os bois do gigante Gerião e traga-os para mim. Aqui está o mapa para chegar ao país onde ele vive.

Sem dizer mais nada Euristeu despediu-se de Hércules. Seguindo as indicações que o outro lhe dera, Hércules chegou sem dificuldade ao país de Gerião.

Informando-se com a gente do povo, Hércules chegou logo ao rebanho onde estavam misturados os animais. Eram bois enormes, da cor do sangue. Guardando-os estavam o gigante Euritião e o cão Ortro, irmão de Cérbero, o **cão** de três cabeças que guarda a entrada do inferno.

Ortro era o irmão mais novo do famoso cão e, por isso, tinha somente duas cabeças. No mesmo instante, ao avistar a chegada de Hércules, ele atirou-se em direção ao pescoço do herói.

Hércules fez um rápido cálculo mental:

— Se você fosse como o seu irmão ainda teria alguma chance! — ironizou : herói, antes de quebrar com as duas mãos os dois pescoços do cachorro.

Em seguida atracou-se com o gigante Euritião, derrotando-o, também, com facilidade. Quando já se retirava, levando consigo os bois, Hércules escutou vozes que diziam uma só coisa, em uníssono:

— Aqui está alguém, atrevido, que tem mais de duas cabeças e dois braços! Era Gerião, o proprietário dos bois, que, temeroso de que lhe roubassem seu rebanho, fora pessoalmente guardá-lo. Era, de fato, um adversário para se temer: dos pés à cintura era um gigante normal; porém, da cintura para cima, possuía três troncos. Eram três homens em um.

O gigante avançou com seus seis braços, armados de três espadas e três escudos. Hércules tinha apenas sua maça e o escudo que Minerva lhe dera antes de começar as suas aventuras. Mas para quem já havia derrotado uma hidra de várias cabeças, essa tarefa não era também de meter medo.

Durante uma tarde inteira os dois trocaram golpes, até que Hércules percebeu que se da cintura para cima estava em desvantagem, da cintura para baixo as coisas estavam em pé de igualdade.

Aproveitando um descuido do gigante tripartido, Hércules desferiu um golpe terrível de seu porrete nas pernas do monstro, que caiu de joelhos ao solo, sem poder erguer-se novamente. Tendo-o inteiramente à sua mercê, o herói grego acabou com o gigante, esmigalhando os seus três corpos, um a um.

Quando Hércules voltava desta missão, teve de enfrentar ainda outro inimigo, num episódio que, apesar de não fazer parte dos seus dozes trabalhos, tornou-se muito famoso.

Este inimigo era Caco, famoso ladrão que habitava as cavernas do monte Aventino. Todo mundo que cruzava com Hércules parecia gozar de desmedida estatura, e Caco também era portador de um tamanho descomunal.

Enquanto Hércules dormia sob uma árvore para refazer-se do cansaço, o ladrão insinuou-se em meio ao rebanho e furtou silenciosamente alguns dos bois que o herói conduzia. Este ladrão — como todo bom profissional — tinha lá suas manhas.

Seu método particular de furto consistia em roubar bois e reses puxando-os pela cauda, até a sua caverna. Deste modo, invertendo a posição dos pés dos animais, dava sempre a impressão ao dono ludibriado de que eles não haviam entrado na caverna de Caco, mas, no máximo, saído de lá.

— Ei, gigante, não viu algumas reses perdidas passarem por aqui? — disse Hércules a Caco, quando passava em frente à sua caverna.

— Não senhor, sinto muito! — disse o pilantra, amavelmente. Hércules, apesar de toda a sua astúcia, já ia caindo também no golpe, quando de dentro da caverna ouviu uma das reses raptadas mugir, fazendo com que ele voltasse a cabeça.

— O senhor parece mugir muito bem! — disse Hércules, tomando já seu porrete.

Caco tinha suas partes de monstro, também. Vomitando fogo, o ladrão entrou correndo para dentro da caverna, tapando em seguida a entrada com uma imensa rocha.

Hércules, entretanto, com um soco poderoso, a desfez em mil pedaços.

— Devolva os meus bois, ladrão miserável! — dizia Hércules, furioso.

Dentro da caverna havia uma luz fraca produzida por um archote. O ladrão, temeroso, havia se refugiado mais para o interior. Das paredes pendiam as cabeças ensangüentadas de duas reses, ossos de animais e até de homens — pois o monstro, além de ladrão, era canibal. Mais ao canto havia também galinhas recém-penduradas, mostrando que ultimamente as coisas não andavam nada boas para o ladrão.

— Vamos, ladrão de galinhas, apareça! — ordenou Hércules, esmurrando as paredes.

Chegando a uma galeria profunda, o herói encontrou finalmente o gigante, que sem ter mais para onde se refugiar avançou enlouquecido sobre o herói, vomitando fogo pela boca. Hércules agarrou-o pelo pescoço e torceu-o até que da antiga chama restasse apenas um fiozinho de fogo. Com esta fagulha Hércules acendeu um archote e saiu da caverna, levando consigo os seus bois.

E assim o herói grego retornou para Euristeu, que lhe revelou o conteúdo de sua próxima missão.

— Quero que você prove que é o mais forte dos homens, domando o temível touro de Creta.

Este animal era uma fera sanguinária que devastava toda aquela região.

Hércules chegou a Creta e pegou o touro à unha, obrigando-o a curvar seus chifres afiados em direção à terra, nesta que é uma das menos empolgantes de suas façanhas, pelo seu pouco ineditismo, pois além de Teseu também já ter dominado um que era em tudo idêntico a este, havia também Jasão, que domara não um, mas dois touros parecidos.

Chegara a hora, então, do penúltimo trabalho.

— Você certamente já ouviu falar no Jardim das Hespérides — disse **a** Hércules o seu desafiador.

— Já, mas não lembro mais do que trata.

— Quando Juno casou-se com Júpiter — começou a explicar Euristeu -. recebeu de presente das divindades amigas várias maçãs de ouro, que nasceram numa árvore situada no jardim das Hespérides.

Euristeu explicou ainda que as Hespérides eram as filhas de Atlas, um dos titãs que moveram guerra contra Júpiter. Derrotado, o gigante ficara obrigado, a partir daí, a sustentar o mundo nos ombros.

Junto à árvore estava postado um imenso dragão, encarregado da guarda dos valiosos frutos.

— Quero que você traga para mim estas maçãs de ouro — concluiu Euristeu Hércules partiu outra vez (e no caminho de mais esta aventura libertou

Prometeu de seu rochedo, onde este fora agrilhoado por ordens de Júpiter, em razão de ter furtado, sem o seu consentimento, o fogo dos céus).

Hércules, pela primeira vez, não conseguira chegar a seu objetivo, e parecia prestes a desistir quando encontrou em seu caminho o exausto Atlas, pai das Hespérides.

"Ninguém melhor do que ele saberá me indicar onde estão as benditas maçãs!", pensou o herói.

— Bom-dia, velho Atlas — disse Hércules, jovialmente.

— Quem está aí? — resmungou o titã, sem poder erguer a cabeça, curvada sob o peso do mundo.

— Eu sou Hércules e preciso de uma informação sua.

— Diga.

— Quero saber onde fica o jardim de suas filhas. Preciso levar as maçãs de ouro que lá estão.

— E por que pensa que eu as daria gratuitamente? Hércules, contudo, já tinha uma proposta a fazer.

— Se você me trouxer esses preciosos frutos, eu carregarei, enquanto isso, o mundo nas costas para você.

Atlas, diante dessa vantajosa proposta, concordou imediatamente. Hércules tomou, assim, o mundo em seus braços, enquanto Atlas partiu em busca das frutas douradas.

Durante vários dias Hércules esteve curvado ao peso do mundo.

— Não é à toa que ele tem esse mau humor todo — resmungou o herói, já com dor nas costas.

Um dia, viu finalmente Atlas regressar com as preciosas maçãs.

O titã a princípio pretendia cumprir com a sua parte, mas depois de ver como era bom estar livre de todo aquele peso, começou a achar que era melhor deixar Hércules para sempre em seu lugar. Atlas teve a franqueza de revelar a Hércules o seu nefando propósito.

— Está bem — disse Hércules, resignando-se aparentemente ao seu destino. — Antes, porém, permita que eu cumpra minha tarefa e leve os pomos preciosos a Euristeu.

Atlas concordou. Nem bem retomou o mundo nas costas, escutou os passos do outro se afastando rapidamente, para nunca mais voltar.

Após alguns dias o herói apresentava diante do rosto satisfeito de Euristeu os pomos preciosos. Agora faltava completar o último dos doze trabalhos.

Euristeu, durante a ausência de Hércules, pensara numa tarefa quase impossível, até que chegou a elaborar seu último plano. "Desta vez mandarei Hércules literalmente para o inferno", pensou.

— Você é realmente valente e intrépido — disse Euristeu ao herói. — Desta vez, porém, vou pôr à prova toda a sua valentia.

— Permita que eu diga que suas introduções começam a se tornar aborrecidas — disse Hércules, que já começava, na verdade, a se cansar daquela longa brincadeira.

— Eis, então, a sua última missão: quero que você desça até o reino das sombras e traga de lá Cérbero, o cão infernal.

— Mas esse cão pertence a Plutão, irmão de meu pai — retrucou Hércules.

— Não me importa a quem ele pertence. Quero que o traga o quanto antes. Hércules, temendo contrariar a vontade de seu pai, Júpiter, decidiu antes ir falar com ele. Depois de lhe explicar os seus propósitos, recebeu do deus dos deuses esta recomendação:

— Está bem, mas não machuque Cérbero nem o retire de lá sem o consentimento de meu irmão.

Tendo a companhia de Minerva e Mercúrio, Hércules chegou a Tenaro, na Lacônia, onde está situada a abertura do inferno.

— Vamos, desçamos por aqui — disse Mercúrio, que tinha a incumbência de conduzir as almas dos mortos até a sua última morada.

Hércules, longe de parecer aterrorizado, tinha, ao contrário, o ar divertido de quem vai ver coisas pouco comuns. Não era por outra razão que tomava sempre a dianteira aos seus dois companheiros, obrigando Minerva a pedir-lhe que moderasse o passo a todo instante.

— Que calma, que nada! — exclamava Hércules, sedento por ver as aberrações que diziam enxamear no reino dos mortos.

Depois de descerem por várias encostas ardentes e fuliginosas, chegaram os três, finalmente, até o Aqueronte, o rio que corta o inferno.

— Ei, barqueiro, ande logo! — disse Hércules, batendo palmas e chamando Caronte, que vinha retornando lentamente de sua viagem anterior.

— Onde pensa que está, atrevido? — gritou o velho, encolerizado, descendo seu remo sobre a cabeça do herói. O pedaço de madeira, entretanto, quebrou-se sobre a cabeça de Hércules como se fosse a frágil lasca de um palito gigante.

Hércules, empunhando sua maça gigantesca, já se preparava para devolver o golpe quando teve sua mão segura por Minerva e Mercúrio.

— Calma, rapaz! — disse Mercúrio. — Deste jeito não chegaremos nunca à outra margem.

Os três embarcaram e seguiram viagem, enquanto o velho remador prosseguia a resmungar:

— Parece que está virando hábito os vivos andarem por aqui... Um dia é Ceres, noutro é Orfeu, agora é este gigante...

— O que está resmungando aí? — disse Mercúrio.

— Minha barca não foi feita para conduzir vivos, isto é que é! — disse o velho, apontando para a madeira.

De fato a proa da barca estava quase na linha da água, ameaçando virar a qualquer momento.

— Calma, já estamos quase chegando — disse Minerva, apaziguadoramente.

Nem bem desembarcaram, Hércules deliciou-se com o espetáculo que tinha diante dos olhos. A primeira coisa que fez foi abraçar-se à sua esposa e aos seus queridos filhos, que a sua funesta loucura havia arrebatado de si.

— Perdoem-me, perdoem-me, eu não sabia o que estava fazendo, não estava em meu juízo — exclamava o herói, em prantos.

Sua esposa e seus filhos, que já sabiam a causa do ato insano, foram compreensivos o bastante para perdoá-lo. Logo depois Hércules seguiu para o interior do inferno, sempre acompanhado de seus guias, Minerva e Mercúrio.

— Cérbero não guarda a entrada do inferno? — perguntou Hércules.

— Certamente já sabem de nosso propósito — disse Mercúrio. — Plutão deve ter mandado que o recolhessem.

No mesmo instante um latido tétrico ecoou nos desvãos dos precipícios.

Enquanto andavam, Hércules ia enxergando muitos personagens que somente conhecia pelos relatos dos mais antigos: Orfeu, que Caronte já citara, passeava amorosamente com sua Eurídice; Adônis preparava-se para retornar à :erra em sua estadia anual entre os vivos; bem como os inseparáveis irmãos Castor e Pólux; Acteão ainda lamentava o azar de ter visto nua a vingativa Diana, porém já restabelecido de seus cruéis ferimentos; além destes e muitos outros, Hércules teve sua atenção despertada por um grupo numeroso de mulheres.

— Vejam, não são elas as belas Danaides?

Sim, eram elas que num constante vaivém iam enchendo um imenso tonel com suas jarras de chumbo. Todas pareciam dispostas a largar sua penosa tarefa para ir conversar com o musculoso herói, mas Minerva apressou o passo dos três, dizendo:

— Não viemos aqui para provocar transtornos na rotina do inferno.

— Eis Plutão em seu trono — disse Mercúrio, após andarem mais um pouco. Diante deles estava assentado o deus dos infernos, tendo ao lado a bela esposa Prosérpina.

— Meu irmão Júpiter já me informou de sua pretensão — foi logo dizendo o deus infernal.

— Sim, preciso levar Cérbero para o mundo dos vivos — disse o herói.

— Tem minha permissão — disse Plutão -, desde que não se utilize de arma alguma que possa ferir meu precioso cão de estimação.

Cérbero, que estava aos pés do deus, estendeu suas três línguas e lambeu a mão de seu dono, em agradecimento.

— Além do mais deve trazê-lo de volta no espaço de tempo mais curto possível — ajuntou, de maneira categórica.

Hércules aceitou os termos do deus e aproximou-se do cão para levá-lo. Cérbero, contudo, desvencilhando-se daquele estranho, correu para dentro duma . ova negra e malcheirosa.

— Vá buscá-lo — disse Plutão. — Ou achou que bastaria passar a mão em suas três lindas cabeças?

Hércules, que já havia enfrentado e derrotado o irmão de Cérbero, entrou na cova escura e após receber várias dentadas do insociável cão conseguiu domá-lo, amarrando suas três bocas num laço seguro.

O cão passou ganindo diante de Plutão, que procurou acalmá-lo:

— Calma, Cérbero fiel, logo você estará de volta.

E foi assim que Hércules completou seu último trabalho. Depois de levar o cão infernal até Euristeu — que teve a má sorte de levar em sua canela, ao mesmo tempo, três dentadas do vingativo animal -, Hércules levou-o de volta para Plutão, encerrando assim a série de trabalhos e obrigando-nos a encerrar aqui, também, a crônica de suas vitórias.

ADÔNIS

Adônis foi o homem mais belo que a Grécia já conheceu. Por ele se apaixonaram duas deusas, e um rio de lágrimas correu por sua causa. Vivos e mortos pasmaram diante de sua estonteante beleza.

Vamos conhecer melhor a sua história.

Adônis era um jovem caçador. Seu rosto era tão belo que parecia ter sido esculpido, possuindo testa, olhos, nariz e queixo absolutamente perfeitos. Seus cabelos loiros lhe escorriam pelos ombros firmes e não havia ninfa dos bosques que não cobiçasse alisá-los.

Um dia Vênus, a deusa do amor, estava conversando com seu filho Cupido. quando teve a atenção desviada pelo surgimento inesperado do jovem mortal.

— Quem será este rapaz? Nunca vi nenhum mais belo — disse a deusa ao filho. Cupido deu uma olhadela rápida. Sem responder, voltou-se novamente

para suas flechas, as quais estava afiando amorosamente.

Vênus, percebendo que o seu garoto estava com ciúmes, abraçou-o. enternecida.

— Vamos, deixe de ciúmes! É apenas um belo rapaz, mas nenhum é tão belo quanto o meu filho!

Ao tomá-lo nos braços, porém, a deusa acabou ferindo-se com uma das flechas.

— O que foi, mamãe? — perguntou Cupido, alarmado, ao escutar o seu grite de dor.

— Não foi nada, meu filho, continue o seu trabalho... — disse a deusa, afastando-se.

Descendo à Terra, Vênus decidiu seguir discretamente o jovem caçador "Preciso conhecê-lo melhor!", pensava a deusa, enquanto o seguia.

Adônis havia parado um pouco, no bosque; estava inclinado sobre uma pedra, enquanto amarrava as tiras soltas de uma das sandálias. Uma das pernas apoiava-se na rocha, descobrindo um pouco de sua rija musculatura, enquanto a outra apoiava-se no chão.

Venus, oculta por detrás de um teixo, alisava distraidamente a casca rugosa da árvore, de um intenso marrom avermelhado. Seus olhos estudavam o corpo do jovem, cujas formas ressaltavam por entre a fina túnica que o cobria. Após amarrar a sandália, Adônis, num gesto viril, estirou os dois braços para o alto. Os cabelos dourados das axilas do jovem agitaram-se levemente sob a brisa que soprava na mata. A deusa, sem poder conter-se mais, saiu lentamente do esconderijo. Seus passos leves ressoavam sobre o tapete difuso de folhas caídas.

O jovem caçador, cujos ouvidos estavam treinados para captar o menor ruído no bosque, sentiu logo a aproximação de alguém. Voltando-se, encarou Vênus com um ar surpreso — pois não é todo dia que um caçador tem o privilégio de ser surpreendido pela própria deusa do amor.

— Olá rapaz! — disse Vênus, procurando imprimir um tom natural às suas palavras.

— Você... é Vênus, não é? — disse Adônis, certo de que mortal alguma poderia ser dona de tamanha beleza e encanto.

— Sim, sou — disse a deusa, procurando sempre manter a naturalidade. — E você, quem é?

— Sou Adônis.

— Caça sempre por aqui? — Bem, sempre não diria, mas é meu bosque preferido. — Você não é um deus, é? — Não, bela deusa, na verdade eu...

— Como pode ter a beleza de um deus e não ser um deles? — disse Vênus, erguendo os belos olhos e dardejando um olhar intenso sobre a face do jovem, como se desferisse uma estocada certeira e imprevista.

Vênus parecia um pouco enraivecida — sim, ela havia sido golpeada primeiramente pela beleza do rapaz e parecia disposta a se vingar amorosamente daquela involuntária audácia.

— Veja, o outro pé de sua sandália também está desatado — disse ela, abaixando o olhar.

Adônis fez menção de abaixar-se.

— Vamos, coloque o pé sobre a pedra, outra vez — disse a deusa, impositiva. — Por favor, deusa, deixe que eu... — Vamos, Adônis — insistiu Vênus. O jovem apoiou o seu pé esquerdo sobre a pedra. Colocando-se à sua frente, a deusa inclinou-se, tomando as duas tiras soltas em seus dedos macios. De cabeça baixa, seus cabelos roçavam involuntariamente a cintura de Adônis. Foi a sua vez de ser docemente surpreendida. O jovem, no seu orgulho viril de caçador, achava que já cedera demais às pequenas audácias da deusa — que era

sempre, apesar de deusa, uma mulher — e tomou docemente as tiras de sua mão. — Mortais inclinam-se diante dos deuses, e não o contrário — disse ele. — Por que tem de ser sempre assim? — disse Vênus. — Deixe-me reverenciar também a sua beleza.

Adônis, sem poder conter mais seu desejo, fez com que ela se erguesse novamente. Antes, porém, que Vênus estivesse completamente equilibrada, recebeu da boca do rapaz um beijo longo e ardente.

Naquela tarde as corças puderam passear descansadas por todo o bosque.

A partir daí a deusa passou a descer todos os dias de sua morada celestial para trocar carícias e beijos com o belo amante.

— Vou fazer de você um deus... — prometia ela, aninhada em seus braços. Entre carícias e abraços passavam os dois os seus dias. Adônis, entregue à sua nova paixão, havia esquecido momentaneamente do seu arco. Mas com o tempo o jovem foi readquirindo o seu gosto pelas caçadas.

— Cuidado, Adônis! Não se exponha demais aos animais ferozes — disse Vênus a ele. — Sua beleza pode agradar aos seres humanos e aos deuses, porém às feras ela é indiferente. Elas haverão de querer sempre o seu sangue.

— E eu o deles! — disse Adônis, empunhando alegremente o seu arco. Vênus ainda tentou reter o seu amado, mas Adônis estava surdo aos seus apelos. A deusa, respeitando a vontade dele, partiu em seu carro através dos ares.

— Cuide-se, meu amor! — disse ela, lançando um último olhar a Adônis, que tão logo a viu desaparecer, meteu-se na mata com os seus cães.

Fazia tempo que Adônis não exercitava os seus dons de caçador; seus cães, a seu turno, já haviam farejado a presença de um javali nos arredores e andavam agora em ziguezague, à frente do jovem, varrendo o chão com seus focinhos alertas. Adônis estava radiante, pois possuía, agora, as duas coisas que fazem a alegria da vida: o amor e a diversão.

Os latidos dos cães o despertaram de seu devaneio.

— Vamos, tirem-no da toca! — ordenou o caçador, ao ver que os cães haviam se concentrado ao redor de um esconderijo.

Um ruído surdo escapou do interior da toca: o maior dos cães havia descoberto uma entrada lateral e entrado por ela, o que obrigaria o javali a sair pela entrada principal, guarnecida pelos demais cães. De repente o animal surgiu da boca da toca, espumando e arremessando suas presas em todas as direções.

— Para trás, todos! — gritou Adônis, empunhando o seu arco e fazendo a mira.

Os cães recuaram um pouco, abrindo um claro e deixando à mostra a fera. O caçador, retesando bem a corda, disparou a flecha, que foi cravar-se no flano: esquerdo do animal. Um grito agudo, misto de dor e de raiva, partiu da goela da presa. Girando o corpo, o javali enxergou o seu agressor; em seguida, arremessou-se em sua direção, espumando uma baba vermelha, cujos flocos aderiam às suas cerdas completamente eriçadas.

Adônis ainda tentou abater o animal, mas não teve sucesso; o javali, num salto ágil e preciso, já enfiara antes suas duas enormes presas no peito do jovem. Com um grito de dor, Adônis caiu sobre a relva, enquanto o animal escapava para o interior da mata, levando atrás de si os cães enfurecidos.

O jovem arrastou-se até uma árvore próxima e ali, reclinando o corpo ferido, começou a gemer, pressentindo a morte.

Vênus não ia tão longe que pudesse deixar de escutar os gemidos de seu amado. Por isto, retornou imediatamente, pressentindo o pior.

— Adônis, meu amor, o que houve? — exclamou a deusa, tomada pelo pavor, ao ver o jovem encostado ao tronco, com o corpo coberto de sangue.

— É o meu fim... — balbuciou o jovem, enquanto recostava a cabeça sobre o ombro da deusa, que o amparava amorosamente em seus últimos momentos.

Vênus, após chorar todas as lágrimas, enterrou ali mesmo o corpo de seu amado.

No lugar onde Adônis foi enterrado começaram a brotar algumas flores cor do sangue — flores de vida tão curta que, assim que floresciam, o vento arrancava-lhes as pétalas, provocando-lhes a morte.

No mesmo dia a sombra de Adônis adentrou o Hades — a morada dos mortos. Todos pararam para ver e admirar aquele belo rapaz, que chegava trazendo ainda no peito as marcas das feridas. Prosérpina — rainha dos infernos e esposa de Plutão — encantou-se também com a beleza do novo súdito, tomando-o imediatamente sob a sua proteção.

Vênus, enquanto isto, continuava inconformada com a perda de seu amado:

— Preciso trazê-lo de volta! — repetia, com o rosto em prantos.

No auge de sua dor, resolveu descer até os infernos para tentar revivê-lo. Prosérpina, no entanto, não se mostrou muito satisfeita com a idéia:

— Ele é agora meu súdito — disse, invocando os seus direitos de soberana. As duas deusas pareciam dispostas a iniciar uma briga, quando Plutão

interveio, sugerindo que Adônis estivesse um tempo entre os mortos e outro entre os vivos.

Se Plutão, no entanto, fosse mais atento — ou, ao menos, mais previdente -, teria se dado conta, também, de que o mesmo acontecia com sua esposa, que durante seis meses do ano era obrigada a subir para a morada dos vivos, conforme antigo trato — exatamente à mesma época que o magnífico rapaz.

De qualquer modo, Vênus, que era a principal interessada, conseguiu o que queria e durante seis meses do ano tinha a felicidade de rever o seu adorado Adônis.

PROMETEU E O FOGO SAGRADO

Prometeu sempre teve um pendor para as artes plásticas. Seu pai era o velho Japeto, um dos titãs, cuja origem se perde na noite dos tempos. Era tão velho que emparelhava em idade com Saturno, o pai de Júpiter, e ninguém sabia precisar direito como e de onde surgira.

O fato é que o velho sempre nutrira uma admiração secreta por seu habilidoso filho.

— Este Prometeu promete! — dizia, repetindo pela milésima vez esse cansativo trocadilho.

Ásia, esposa de Japeto, escutava pacientemente os prognósticos do marido, mas não podia deixar de concordar com o seu otimismo. Não raras vezes flagrara o menino metido no barro, modelando com habilidade seres das mais diversas formas. Com o tempo Prometeu cresceu, até atingir a fase adulta. Agora, já com seu ateliê montado, era respeitado em toda a corte celestial como notável artífice. Um dia chegou um mensageiro todo-poderoso à sua porta, dizendo:

— Prometeu, Júpiter decidiu criar um novo ser sobre a Terra, de tal modo importante que há de se assemelhar em tudo aos próprios deuses.

"Um deus de segunda categoria? Para quê?", perguntou o artista a si mesmo.

Prometeu, entretanto, não opinava sobre as tarefas que recebia, mas procurava tão somente cumpri-las da melhor maneira possível. Assim sendo, aceitou imediatamente a incumbência. No mesmo dia encerrou-se em sua oficina, depois de colocar um aviso bem grande na porta destinado a afastar os importunos. Esta criação, bem o sabia, estava destinada a ser a sua obra-prima, e por esta razão decidiu caprichar ao máximo na sua elaboração.

Depois de trabalhar por vários dias, deu enfim por concluída a tarefa. Embrulhou a imagem do novo ser, que batizou de "Homem", e já a ia levando para que Minerva, a sabedoria divina, lhe insuflasse a alma, quando esbarrou acidentalmente na porta, deixando cair a peça ao

chão. Abalado com o desastre, Prometeu retirou o lençol que envolvia o trabalho e viu que sua criatura perdera uma de suas três maravilhosas pernas.

— Que desastre lamentável! — exclamou, desconsolado.

Mas, como estivesse muito apressado — pois a data da entrega da obra já havia expirado há vários dias —, resolveu levá-la assim mesmo, com duas pernas apenas. A perna do meio, contudo, perdera-se para sempre, ficando em seu lugar apenas uma pequena saliência, que o deus, por descuido, havia esquecido.

Mesmo assim, lá foi ele, orgulhoso, com sua obra-prima.

Todos os deuses foram unânimes em aplaudir a sua criação. Os elogios eram como uma chuva benfazeja, de tal modo que Prometeu tomou-se mais ainda de amores por sua obra.

Decidido, porém, a fazer daquela criatura um ser privilegiado, Prometeu decidiu subir até os céus e roubar ao carro do sol uma pequena chama.

— Veja! — disse ele a Minerva. — Com o domínio deste fogo o homem será superior a todas as demais criaturas!

Os descendentes deste primeiro homem, no entanto, logo entraram em desavença com o pai supremo, Júpiter — como acontece com todo bom filho Júpiter, encolerizado, decidiu puni-los retirando dos homens o fogo, que lhes dava o calor necessário aos seus corpos desprovidos de penas ou de um pêlo espesso. Deste modo o homem também ficava privado do elemento fundamental para que pudesse continuar a fabricar suas armas e ferramentas.

As forjas silenciaram em todo o mundo, e durante algum tempo as bigornas e os martelos estiveram momentaneamente pacificados. Quando a noite descia sobre a Terra, as pessoas corriam a se envolver em suas peles, buscando o abrigo das suas cavernas geladas e escuras. Sem o fogo para cozinhar os alimentos, tiveram também os homens de retroceder ao hábito de comer alimentos crus.

Prometeu, vendo que o ser que saíra de suas mãos padecia de incríveis sofrimentos sem indagar da causa que o levara a este lamentável estado, decidiu roubar outra vez aos céus uma fagulha do divino elemento.

— Cuidado, pense duas vezes antes de afrontar novamente a ira divina! -disse-lhe Minerva, em tom de advertência.

Prometeu, no entanto, surdo aos avisos da deusa, preferiu correr o risco. Aproveitando o escuro da noite, enrolou-se num manto e subiu aos céus, até onde o Sol repousava de sua longa viagem. Aproximando-se pé ante pé, puxou das vestes um tição apagado e o acendeu nas costas do astro, que dormia a sono solto.

Tapando com a mão a minúscula chama, veio de volta à Terra. Antes que o dia amanhecesse outra vez, uma imensa fogueira ardia bem no centro da Terra, onde os homens, felizes, foram recolher o fogo bendito para esquentar seus corpos e fabricar outra vez suas armas e utensílios.

Mas Júpiter, ao saber do fato, irou-se de vez.

— Aquele maldito intrometido saiu outra vez em defesa de seus protegidos! — disse o deus, puxando os cabelos. — Mas desta vez seu ultraje não ficará sem resposta!

No mesmo dia ordenou que aprisionassem Prometeu a um rochedo no Cáucaso.

— Quero que ele esteja para sempre preso àquela pedra! — exclamou Júpiter, furioso.

Ordenou ainda que soltassem sobre a região um terrível abutre, cuja degradante função seria a de devorar incansavelmente o fígado de Prometeu.

Assim se fez. Em menos de um dia Prometeu viu-se acorrentado ao imenso rochedo, enquanto um abutre de hora em hora descia para lhe comer o fígado. Nem bem a ave nojenta terminava sua tarefa, o fígado de Prometeu reconstituía-se milagrosamente, fazendo com que a ave insaciável retomasse a sua função, tornando deste modo infinito o suplício do pobre amigo dos homens.

Durante muitos anos Prometeu esteve submetido a essa horrenda tortura, quando um dia uma voz cavernosa ecoou sobre sua cabeça:

— Aprendeu agora a lição, Prometeu?

O filho de Japeto, no entanto, virou o rosto, em sinal de desprezo. Júpiter tentou ainda comprar-lhe o silêncio, prometendo que o libertaria de seu suplício caso ele se comprometesse a esconder dos homens o segredo da obtenção do fogo. Prometeu, mais uma vez, recusou-se a responder, pois ele não cedia nem a ameaças nem a ofertas.

Mas seu castigo, afinal, teve fim um dia. Hércules, filho de Júpiter, numa de suas inúmeras aventuras acabou matando o abutre que torturava de modo tão cruel o pobre Prometeu. Depois, já ia o herói arrancando-o de suas correntes quando a voz de Júpiter soou:

— Isto é impossível que se faça! — disse Júpiter, embora já se mostrasse disposto a perdoar o infeliz Prometeu. — Uma vez que eu afirmei que ele jamais se separaria deste rochedo, assim terá de ser até o final dos tempos.

Hércules, sem poder ir contra a vontade do próprio pai, já se dispunha a abandonar Prometeu no rochedo, quando este, sentindo voltar toda a sua anterior esperteza, disse assim ao seu algoz:

— Tenho uma solução que talvez resolverá meu problema — disse ele a seu libertador, sem voltar os olhos para Júpiter, mantendo com relação a ele o seu silêncio digno e ofendido.

Afinal, depois de ter o fígado roído por milhares de anos por uma ave pestilenta, não é da noite para o dia que se pode simplesmente fazer as pazes com o mandante de uma tal atrocidade. — Rompa os elos de minhas correntes e faça com um pequeno pedaço dele um anel — disse Prometeu a Hércules.

Hércules assim o fez. Em instantes fabricou um pequeno e elegante anel.

— Ótimo! — disse Prometeu.

Depois, arrancando do grande rochedo uma minúscula partícula, soldou-a ao anel.

— Pronto! — disse Prometeu. — Agora permanecerei de qualquer modo sempre preso a este maldito rochedo.

Júpiter, admirando secretamente a inteligência da vítima, preferiu silenciar e encerrar de uma vez a longa disputa. Prometeu, por sua vez, concluía assim a segunda e mais importante lição aos homens: a de que nunca deveriam curvar-se à prepotência de ninguém.

A lição quanto ao uso do fogo, entretanto, teve, inegavelmente, muito maior aceitação.

TITÃO E AURORA

— Lua, minha amiga, como vai você?

— Olá, Aurora! Já chegando?

— É, sei que é um pouco cedo ainda, mas permita que eu permaneça I pouco ao seu lado, meio escondida, enquanto não chega a minha hora de tomar o seu lugar no céu.

— Claro, querida, você sabe o quanto eu gosto de sua companhia. Apenas lamento não podermos ficar mais tempo juntas, pois quando você chega eu sempre devo me retirar.

— É verdade. Mas hoje eu decidi vir um pouco antes para colocarmos finalmente nossa conversa em dia.

— Que ótima idéia! Diga-me, então: como tem sido a sua vida?

— Bem, agora tem sido bem mais feliz do que nos últimos tempos.

— E seu belo marido, Titão, como está?

— Bem, não exatamente como antes...

— Como assim, Aurora?

— Ora, você não soube da desgraça que se abateu sobre nós? *-Desgraçai* Não sei de desgraça alguma. Faz tempo que não nos falamos.

— A verdade é que fui eu a causadora involuntária da infelicidade que desceu sobre nós. Mais sobre meu marido, é verdade, do que sobre mim. Mas também sofri durante muito tempo as conseqüências de meu terrível descuido.

— Não estou entendendo nada, Aurora. Comece do começo.

— Está bem, vou tentar explicar o que houve, partindo do meu casamento.

— Sim, o seu casamento com Titão eu lembro perfeitamente. Nossa, que belo rapaz ele era. Até eu fiquei tentada a roubá-lo de você!

— Sim, de fato Titão era um belo rapaz, amiga Lua. *Era,* porém.

— Era? Conte de um vez. O que foi que houve?

— Você deve saber que ele era um mortal como outro qualquer, quando nos conhecemos.

— Sim, lembro perfeitamente. Ele era, se não me engano, filho do rei de Tróia.

— Exatamente. Nossa felicidade era quase completa. Nos amávamos intensamente, mas eu tinha esse pesar secreto que me inquietava o tempo todo, a ponto de me tirar o sono. O fato de Titão não ser imortal, como eu. Assim, apesar de toda a nossa felicidade, eu sabia que um dia teria de perdê-lo. Certa vez, após uma noite de intenso prazer, decidi ir falar pessoalmente com Júpiter. Pedi a ele que concedesse a imortalidade para meu esposo: "O Júpiter, peço que torne minha felicidade eterna, como é a sua ao lado de sua esposa Juno, que é imortal como você, e..." "O que você quer exatamente? Deixe de rodeios", Júpiter me interrompeu, grosseiro como sempre. "Gostaria, deus supremo, que você concedesse a Titão o dom da imortalidade!" — pedi. Mas antes não o tivesse feito, pois sem saber o condenava a uma vida de horrendos sofrimentos.

— Por quê, Aurora?

— Bem, após muito insistir, consegui obter de Júpiter o que queria.

— E a partir daí você e Titão foram felizes para sempre.

— Melhor dizer *infelizes para sempre.* No começo fomos, de fato, imensamente felizes. Tão logo transmiti a novidade para ele, fomos tomados por uma alegria sem limites. "Imortal, Aurora! Imortal como você!", ele dizia, pondo as mãos à cabeça. Durante o dia inteiro comemoramos. No começo, de fato, éramos ambos jovens e dispostos, com todos os meios para gozarmos de uma vida intensa e proveitosa. Assim fomos vivendo, sem nunca enjoarmos um do outro, pois nossos corpos e almas gozavam da mais perfeita juventude e vitalidade. Um dia, porém, percebi, enquanto jantávamos, um fio de cabelo branco luzir sobre sua têmpora direita. Como fosse apenas um fio isolado, levei isto à conta de uma banalidade. De repente, porém, longos fios de prata começaram a se espalhar no meio daquela selva de negros cabelos, tirando um pouco da sua antiga beleza. Assustada, pensei comigo mesma: "Meu Deus, será que Titão tornou-se mortal novamente?". Decidi, por isso, visitar Júpiter novamente para saber o que estava acontecendo. "Não há nada de errado", disse ele, secamente. "Mas como, se vejo meu querido Titão envelhecer a cada dia que passa, diante de meus olhos?!", exclamei, sem compreender. "Sim, e daí?", disse, completando com esta frase que me desarmou: "Ora, você pediu para ele o dom da imortalidade e não o da eterna juventude!". Ai, amiga! A partir daí acabou o meu sossego. Como podia ser de

modo diferente vendo dia a dia meu adorado Titão envelhecer e perder aos poucos a sua antiga virilidade? Cada vez mais sua cabeça foi se tornando grisalha; os músculos de seus outrora rijos braços pareciam agora murchar, deixando em seu lugar apenas pelancas flácidas que balançavam a cada movimento seu: seus dentes, antes brancos e sadios, começaram a se estragar, tornando-se amarelados e frouxos. Ah, Lua, foi horrível... E pior de tudo, talvez, era ver que eu não podia acompanhá-lo em sua decadência.

— Oh, não diga isto, Aurora! A saúde é sempre preferível, em qualquer circunstância!

— Mas se eu pudesse compartilhar com ele da sua decadência física, fazendo-me velha, também, quem sabe não teria sido mais justo? Ao menos ele estaria mais consolado, ao ver que ambos rumávamos para o mesmo destino!

— Não pode o sofrimento de alguém acarretar a melhora de outro sofredor O martírio inútil é o mais insensato dos remédios, cara amiga, e aquele que exige tal sacrifício de alguém não passa de um fraco e de um egoísta.

— Sim, eu logo compreendi isso. Mas tentava, de alguma forma, incentivá-lo, lhe dizendo: "Vamos, Titão, faça ao menos um esforço para prolongar a sua saúde e a sua juventude". Mas Titão perdera o ânimo. Já não era mais o mesmo de antes. Incapaz de suportar o seu fado, começou a exigir que eu me acabasse também, que me fizesse velha e feia como ele. Minha natureza, a princípio disposta a acompanhá-lo no seu negro fado, logo se rebelou. Na verdade ele ainda teria muitos anos de vigor e força, se fizesse um esforço para recuperar sua antiga forma — ou algo que se aproximasse daquilo. Mas em vez de fazer isso *em* favor de si, preferiu partir para o caminho inverso, ou seja, o de anular a mim tornando-me tão gasta e decrépita quanto ele. Quando compreendi isso, mudei meu ponto de vista, pois eu, com toda a certeza, não agiria desse modo em relação a ele.

— E fez muito bem, Aurora. Cada qual tem de ser capaz de carregar o seu fardo, seja ele qual for. Se você fica cega, certamente não é cegando aos demais que resolverá o problema.

— Bem, seja como for, com o passar dos anos todos os seus dentes começaram a ruir, e a sua mente principiou a dar evidentes sinais de senilidade. Titão tornava-se cada vez mais um velho ranzinza e resmungão — e, o que é pior, destinado a nunca morrer! Embora isto pareça cruel, devo admitir que já não via mais naquele velho nem a sombra do que fora o meu amado Titão. Era uma outra pessoa, completamente outra. Isto já era uma crueldade, comigo e com ele, eu pensava. Os mortais ao menos têm a bênção da morte quando a velhice se torna um fardo intolerável, enquanto ele estava destinado a suportar todo aquele horror para sempre. Tudo isto eu pensei mil vezes. Você sabe, fiz o que pude, mas aí chegou um tempo em que não consegui mais. Chega um ponto em que a gente também quer viver.

— E aí, o que você fez com ele?

— Bem, um dia ele perdeu os movimentos dos braços e das pernas — todos os movimentos, enfim... Não podendo mais suportar sua rabujice, tentei ainda insuflar-lhe um pouco de coragem. Mas como dar coragem a alguém que sofre de maneira contínua, se nem a esperança do descanso essa pessoa tem?

— Aurora, para ser franca, eu nunca vi um velho suspirar pela morte.

— Nem eu, na verdade. Bem, o fato é que não havia mais como suportar a presença daquele pobre homem, convertido num espantalho de si mesmo. Como era duro ver seus dedos finos como os de uma galinha deslizarem por sobre o branco colar remanescente de sua antiga cabeleira, arrancando tufos inteiros que lhe ficavam grudados às unhas...

— Sim, e o que resultou disso tudo, então? Ainda está com ele em casa?

— Não, esta é a última parte da história. Um dia, tomei a decisão de falar novamente com Júpiter e pedir que ele ao menos pusesse um fim ao sofrimento de meu marido, retirando-lhe a imortalidade, que para ele se tornara horror e maldição. Júpiter disse que não podia fazê-lo, pois a imortalidade era um dom divino. "Quem se tornou uma vez imortal não pode jamais deixar de sê-lo. Isto seria um contra-senso e eu acabaria sendo causa de escárnio", disse Júpiter, que nesse dia estava com uma boa vontade surpreendente. "No entanto, permitirei que ele se transforme num outro ser, libertando-o desta forma decaída. Faça a escolha, e ela se realizará automaticamente", disse ele finalmente. Mais consolada, retornei para casa. Qualquer coisa era preferível a ser uma múmia privada de movimentos para todo o sempre, pensava, enquanto refazia o trajeto. Tão logo cheguei, entrei no quarto e flagrei-o escutando, com um sorriso que exprimia um resto de prazer, uma cigarra que, pousada no galho de um árvore, cantava com um alarido impressionante. "Antes fosse eu esta cigarra", disse Titão, deixando escorrer do canto de sua boca um fio de saliva. "Que assim seja, meu querido!", disse ao seu ouvido. No mesmo instante suas formas ressequidas desapareceram e vi erguer-se de debaixo das cobertas uma bela cigarra prateada, que levantou-se, rodopiando pelo quarto, e após pousar sobre minha cabeça, como que a me agradecer, sumiu-se janela afora.

— Que lindo! Quero dizer, ao menos foi uma boa solução para aquela triste situação, não?

— Sim, agora ele está bem mais feliz, com toda a certeza. Aliás, todas as manhãs acordo com o seu canto, diante da minha janela. Às vezes recebo à noite, também, a sua visita.

— Ué, e cigarras cantam também à noite?

— E quem disse que as visitas são para cantar? Mas veja, já está na minha hora! Adeus, amiga!

— Adeus, querida!

O NASCIMENTO DE PÁRIS

Príamo, o mais poderoso dos reis de Tróia, tendo já sido abençoado pelos deuses com o nascimento de seu filho Heitor, estava às vésperas de ser pai outra vez.

— Hécuba querida — disse o rei à sua esposa -, alegre sua alma, pois parece que já não tarda o nascimento de nosso segundo filho, que os deuses haverão de fazer tão formoso quanto nosso amado primogênito!

A rainha, no entanto, acordara naquela manhã terrivelmente angustiada. -Príamo, meu esposo e senhor! — disse ela, agarrada aos ombros do soberano. — Tive um sonho funesto que nada pressagia de bom quanto ao novo nascimento! O rei, apreensivo, tomou as faces da rainha em suas mãos.

— Hécuba, querida, acalme-se e conte-me tudo! — disse ele com decisão, pois temia muito os presságios funestos.

A rainha, então, após enxugar as lágrimas que banhavam seu rosto, falou:

— Sonhei, meu esposo, que, no lugar de um belo menino, me saía das entranhas uma tocha, uma imensa tocha de labaredas ardentes!

— Como pode ser?! — exclamou Príamo, aterrado.

— E isto não é tudo! — acrescentou Hécuba, cujos lábios tremiam convulsa-mente. — Sonhei ainda que esta tocha ganhava vida e que alastrava suas terríveis flamas por todo o nosso reino, a ponto de só restarem ruínas após a sua passagem.

Príamo desvencilhou-se involuntariamente dos braços hirtos de sua esposa e dirigiu-se até a janela dos aposentos reais.

— É um aviso dos deuses! — disse ele, baixando a cabeça, como **quem** recebe dos deuses imortais um terrível e inapelável decreto. — Só pode ser...

Hécuba, no entanto, arrependida já de sua confissão e temendo as conseqüências de seu ato, tentou minimizar a situação:

— Príamo, querido, acalme-se... — disse ela, pondo-se em pé. — Talvez não passem de tolas premonições!

Mas era tarde, o rei já estava convencido de que aquele sonho era um aviso claro de que as Parcas sinistras tramavam algo terrível para si e seu reino. No mesmo instante foi consultar seu oráculo e ouviu dele a confirmação daquele terrível presságio. O novo bebê seria, de fato, a causa da ruína de sua Tróia amada e de todos os seus cidadãos, caso vivesse.

— Só o sacrifício dessa criança evitará essa horrenda tragédia! — exclamara o adivinho, que pela primeira vez Príamo via proferir seu vaticínio de olhos esgazeados.

No dia seguinte a criança nasceu, forte e saudável. Contudo, nem bem saíra do ventre materno e foi arrancada dos braços de Hécuba por seu esposo, que surdo ao seu pranto a deixou desfalecida sobre o leito. Enquanto carregava a criança para um destino que somente ele, Príamo, conhecia, seus olhos estudavam as feições do garoto. Era um belo menino, não havia como negar, e o rei sentiu seu coração apertar-se dentro do peito. "É meu sangue, também, que corre neste pequenino corpo!", pensava, enquanto percorria os corredores gelados do seu palácio com seu pequeno fardo ainda manchado do sangue da batalha que travara pela vida.

"Não, não, desgraçado Príamo... Deves dar a este inocente o destino cruel que nos livrará a todos de um mal ainda maior...", pensou novamente, e com tanta força que temeu que suas últimas palavras reverberassem nas paredes imensas e nuas que levavam para fora do palácio real: *"Um mal ainda maior... AINDA MAIOR... !"*

Lá fora o aguardava o pastor Agelau, encoberto por um manto negro e vergado por uma chuva torrencial que o vento lhe atirava em cima com toda a fúria.

— Aqui está! — disse o rei, mirando o queixo do miserável pastor.

— Perdão, Alteza — disse o pobre homem, tomando o pequeno embrulho nas mãos vacilantes -, mas não quer refletir melhor sobre o destino que quer dar a este inocente?

— Cale a boca, maldito! — rugiu Príamo, temeroso de que sua consciência o obrigasse a retroceder. — Sabe bem o dever que lhe imponho, e o que lhe espera caso não o cumpra com todo o rigor.

Agelau introduziu, então, o pequenino embaixo de seu manto coberto de furos e lançou-se à estrada, que a chuva e a neblina misturavam com a floresta. Assim, o pastor escalou até o alto do monte Ida, conforme as instruções que recebera do rei, e tão logo alcançou seu destino sentou-se sob uma grande árvore, descobrindo novamente o rosto do garoto.

— Ainda... vive... Ainda... vive... — disse o bom homem, num tom baixinho e quase sem fôlego, como se temesse que de tão perto das nuvens Láquesis, a Parca que corta o fio da vida humana, o pudesse escutar. "Agora, entretanto, devo abandoná-lo!", pensou agoniado.

E assim fez. No fim do dia, entretanto, consumido pelo remorso, Agelau decidiu retornar ao local e, ao fazê-lo, deparou-se com uma cena espantosa.

— Por Júpiter, será isto possível? — exclamou.

Uma ursa enorme e marrom, deitada placidamente, amamentava o garoto!

— Só pode ser um sinal dos deuses de que não desejam mais a sua morte! -ponderou ele, contente.

Após perceber o afastamento da ursa, correu então até o bebê, colocou-o num cesto e levou-o para casa. Sua esposa ficou tão feliz com o novo filho que resolveu batizá-lo ali mesmo:

— Se chamará Páris, posto que veio num cesto! — exclamou ela, pois "Páris" significava "cesto" na língua dos antigos gregos.

O menino Páris virou em breve um belo rapaz e tornou-se pastor, tal como aquele que julgava ser o seu pai. Durante toda a sua juventude vagou pelos campos e encostas tangendo seus bois e levando uma vida amena, até o dia em que conheceu Enone, uma ninfa dos rios. Com ela manteve um relacionamento intenso, embora não pudesse dizer que a amava, pelo menos não tanto a ponto de poder retribuir o sentimento intenso que esta lhe devotava. Assim, prosseguiu em sua vida despreocupada, promovendo lutas entre os seus touros, a ponto de tornar este passatempo a principal ocupação de sua vida.

Estava nisto quando um dia viu chegar um soldado do rei Príamo, rei este que o jovem Páris nem desconfiava ser seu verdadeiro pai.

— Jovem pastor, o rei de Tróia nos mandou aqui para que levemos até ele o melhor touro do rebanho.

— Por quê? — disse Páris, temendo que levassem justo o seu animal preferido.

— O rei pretende fazer um sacrifício funerário em honra de seu filho morto — disse o emissário.

Páris levou o soldado até o rebanho e, com efeito, viu-o escolher justamente o touro de sua predileção. Em desespero, o jovem pediu então ao soldado que lhe permitisse ir junto, para ver se conseguia recuperá-lo nos jogos que se realizariam concomitantemente com a cerimônia expiatória.

— Como quiser — disse o emissário, que já ia conduzindo o touro pela estrada.

Assim que chegaram em Tróia, Páris foi correndo se inscrever em todas as modalidades de competição, na esperança de sair vitorioso ao menos em uma delas. Foi recebido com escárnio, porém, pelos outros competidores, pois eram todos filhos das melhores famílias. Entre eles, inclusive, estavam vários irmãos de Páris.

— Quem é este pastorzinho atrevido que ousa nos desafiar deste modo? -disse Deífobo, o mais encolerizado de seus irmãos.

Ninguém sabe dizer direito, senão que é um pobre pastor.

— Não se preocupe, Deífobo — disse um dos competidores. — Já na primeira disputa será esmagado como um piolho.

Páris, no entanto, acostumado às duras lides do campo, derrotou com facilidade o seu adversário da disputa de pugilato. E assim, sucessivamente, foi derrotando a todos nas demais modalidades, a ponto de encolerizar definitivamente o seu invejoso irmão:

— Basta, tocador de bois! — disse Deífobo a Páris, ao final da última disputa, sacando das dobras de sua túnica um afiadíssimo punhal. — Vai pagar agora por seu infame atrevimento!

Páris, desarmado, viu-se obrigado a buscar refúgio no templo de Júpiter, como última alternativa para salvar sua vida. Ao entrar lá, porém, encontrou Cassandra, também sua irmã, fazendo suas ofertas ao pai dos deuses. Esta mulher recebera de Apolo o dom da profecia, mas como desprezara o amor daquele deus, viu retirado de si o dom da persuasão, de modo que toda profecia que saía de seus lábios, apesar de verídica, não era jamais crida por ninguém.

— Você... ! — disse Cassandra, reconhecendo logo no rapaz que entrara esbaforido o seu irmão funesto.

Páris, no entanto, como não a conhecia, pediu-lhe apenas que o socorresse, pois jovens perversos queriam privá-lo de sua vida. Mas nesse instante Deífobo e seus sequazes já haviam também adentrado o templo.

— Cassandra, afaste-se deste patife! — bradou o homicida, num terrível transporte de cólera. — Ele é um farsante, que por meio das fraudes mais vis pretende ter vencido o torneio instituído por nosso pai!

Justo no instante, porém, em que Deífobo estava prestes a enterrar o punhal no peito de Páris, ouviu-se um grito vindo da multidão que a tudo assistia, estupefata.

— Pare, Deífobo, filho de Príamo! Este que aí está não é outro senão Páris, sangue do seu sangue, em honra do qual se realizam estes jogos!

Era Agelau, o pai adotivo de Páris, que havia acompanhado todos os passos do jovem desde a sua saída dos amenos pastos até a sua vitória na última competição.

— O que diz este velho louco? — exclamou Deífobo, cuja mão continuava a apertar o ferro fatal com todas as suas forças, a ponto dos ossos dos dedos estarem prestes a romper a pele que os envolvia.

— Sim, Deífobo, acalme a sua cólera, pois este que aqui está é Páris, filho de nosso pai Príamo e nossa mãe Hécuba — disse Cassandra, interpondo-se entre o punhal e o irmão ameaçado.

Suas palavras, entretanto, por força da maldição que pesava sobre ela, não foram ouvidas.

— Cale-se, tola Cassandra! — gritou Deífobo. — Haverá aqui alguém ainda disposto a dar ouvido a seus disparatados delírios?

Num último recurso, então, o pastor Agelau sacou de sua túnica um chocalho que Hécuba, a mãe de Páris, pusera em suas mãos tão logo ele nascera.

— Levem-no até a rainha e lhes digo se sua mãe não será capaz de reconhecer o próprio filho numa única olhada.

Deste modo Páris foi levado à presença do rei e da rainha. E, de fato, tão logo Hécuba pôs os olhos em Páris sentiu seu sangue correr célere por todo o corpo.

— O que vejo, Príamo, meu esposo, diante de meus olhos? — disse a rainha, quase desfalecendo.

— Eis seu filho, que julgavas erroneamente morto! — disse Agelau, estendendo a Hécuba o chocalho.

Príamo, a seu turno, apesar de encolerizado com a desobediência do pastor, cedo viu este sentimento desaparecer por completo de seu peito, por força do orgulho que agora de si transbordava. Aquele bravo e destemido jovem, que vencera todas as competições, era seu filho. E que belo rapaz, digno da descendência sua e de Hécuba! E apesar de toda a oposição que os sacerdotes moveram para que Príamo se desvencilhasse daquele filho amaldiçoado, nada pôde mover o rei outra vez a levantar a mão contra seu próprio sangue.

— Que Tróia venha abaixo! — rugiu ele, sobrepondo o pai ao soberano. -Que não reste amanhã uma única coluna em pé no meu reino, mas nem hoje nem nunca mais alguém ousará levantar um dedo contra este meu filho que vi de repente retornar do Hades sombrio para os meus braços.

E assim Páris tornou-se outra vez filho de Príamo, apesar de todas as funestas previsões que mais tarde o confirmariam como o causador da destruição do poderoso reino de Tróia, também dito reino de Ílion.

O POMO DA DISCÓRDIA

— Isso é que é festa de casamento! — disse o cavalo Bálios a seu amigo Xantos, também um eqüino. — Que alegria nos rostos, que harmonia vibrando no ar!

— E, não resta dúvida. Isto é, *pelo menos por enquanto...* — respondeu Xantos, que guardava um ar de dúvida em meio ao alarido dos festejos.

— Como assim? — quis saber Bálios, arreganhando seus grandes dentes amarelos.

— Bem, se *ela* chegar, como imagino que deve estar para acontecer, você logo entenderá o que quero dizer... — respondeu o segundo cavalo, balançando a cauda e a grande cabeça.

Xantos referia-se a Discórdia, a única deusa que não fora convidada para as maravilhosas núpcias de Tétis com Peleu, rei de Ftia e futuro pai do grande herói Aquiles, que se realizava naquele momento em frente à caverna do centauro Quíron.

"Quem, aquela víbora da Discórdia?", dissera Tétis, ao ser sugerido o nome da desagradável divindade para integrar a lista dos convidados. "Nem morta esta praga colocará os pés na minha festa!", esbravejara a mais bela das nereidas a Júpiter.

Graças a isto a festa transcorrera até ali em maravilhosa harmonia. Por tudo só havia sorrisos, brindes e congratulações.

— Querida Tétis! — dissera Vênus, abraçando-a, banhada em riso. — Sua festa não poderia estar mais encantadora!

Peleu, por sua vez, recebia os efusivos cumprimentos de Apolo, o qual dedilhara momentos antes a sua afinada lira em homenagem aos noivos.

Quanto aos dois cavalos falantes que abrem esta narrativa, eram o presente que Netuno, o deus dos mares, havia ofertado ao novo casal. Ambos se mantinham juntos, a observar deliciados toda aquela alegria.

— Verdadeiramente uma festa divina! — disse Bálios a Xantos, num transporte de entusiasmo.

Este, no entanto, continuava a fremir desconfiadamente as suas narinas, com a intuição peculiar que têm os animais para farejar as grandes catástrofes.

— Vênus amada, venha até aqui! — disse Juno, esposa de Júpiter, que estava numa conversa animada com Minerva, a deusa que nascera da cabeça do pai dos deuses.

— Queridas, há quanto tempo! — exclamou a deusa do amor, parecendo felicíssima ao rever suas amigas. — Nossa, nunca as vi tão belas! — acrescentou enfaticamente.

— Ora, você é que está simplesmente deslumbrante! — disse Minerva, arregalando seus belos olhos, ao mesmo tempo em que ajeitava melhor a alça direita do seu peplo recamado de motivos guerreiros.

Enquanto essa encantadora troca de elogios prosseguia, algo de estranho, ocorria sobre as cabeças das deusas. Uma grande sombra ocultara o sol, tornando a atmosfera gélida e opressiva. O cavalo Bálios, contudo, fora o único a perceber a estranha mudança. Em vão, porém, procurou divisar no céu a misteriosa nuvem.

— Não é nuvem — disse seu colega Xantos, com a placidez dos profetas quando vêem confirmar-se as suas mais negras profecias. — É *ela*.

Sim, pairando acima das três amigas, lá estava a terrível deusa Discórdia, tornada invisível por suas artes mágicas. Os dois cavalos, no entanto, podiam vê-la perfeitamente, com os emaranhados cabelos de serpente presos por uma tiara ensangüentada encobrindo seu olhar desvairado. Ao mesmo tempo, de sua boca escorria uma espuma abundante que ela limpava a intervalos com as mãos de unhas tintas de sangue.

— Ora vejam, que detestáveis hipócritas... — grunhiu a repulsiva criatura, fazendo esgares de ódio que excediam em horror aos da temível Górgona. — Quem ouve pensa que são as menos vaidosas das criaturas!

— Não, não, queridas! — teimava Vênus — Vocês estão absolutamente imbatíveis!

— Argh, puáá! — fez a abominável deusa, cuspindo para baixo uma baba vermelha e espessa. — Vamos acabar já com este fingimento todo.

Imediatamente a Discórdia, sedenta por uma disputa, sacou de suas vestes uma maçã dourada que reluziu em suas mãos. Com a mais afiada de suas unhas inscreveu, então, no fruto, a seguinte frase: À *mais bela*.

— Muito bem, agora veremos até onde irão as tais cortesias — disse, perfidamente, largando o fruto descuidadamente no meio das deusas.

Vênus, Juno e Minerva ainda estavam trocando animados elogios, sentadas cada qual em um balanço de flores, quando a primeira escutou um ruído aos seus pés. *Tum-tum-tum-tum*.

— O que é isto...? — disse a deusa do amor, atraída pelo ruído fofo do pomo rolando na relva.

Juno ergueu seus olhos e viu o fruto faiscar nas mãos de Vênus.

— Que maravilha é esta que aí tens? — disse a esposa de Júpiter. Mas Vênus estava inteiramente absorta na contemplação do esplêndido

fruto.

Minerva, por sua vez, deu um pulo de seu balanço e também foi ver mais de perto o que era aquilo que tanto brilhava.

— Uma maçã de ouro! — exclamou, aproximando o rosto.

— Esperem, há algo escrito nela — disse Vênus, girando o fruto na mão. Um brilho intenso banhou o rosto das duas.

— A mais bela! — gritaram as três, enlevadas. Durante alguns minutos estiveram mergulhadas num estupor, até que Minerva finalmente quebrou o silêncio:

— Mas... de onde veio isto, afinal? As três perscrutaram tudo ao redor, mas sem poder divisar ninguém, a não ser os dois cavalos, que de longe as observavam com as orelhas em pé.

Quando Vênus baixou os olhos de volta, entretanto, só encontrou um vazio entre os dedos, pois Juno já havia se apoderado avidamente do fruto.

— *A mais bela...!* — repetia ela, como que enfeitiçada.

— Sim, mas não traz o nome da eleita? — disse Minerva.

— Ora, querida, e precisa? — disse Vênus.

— Claro que não — disse Juno apoderando-se vivamente da jóia. — Está claro que foi endereçada a mim.

Vênus e Minerva num primeiro momento, perderam a voz, enquanto Juno. esfregava em suas vestes o fruto, parecendo prestes a dar-lhe uma dentada.

— Só um momento, meu amor — disse Vênus, raptando o pomo das mãos de Juno. — Quem tiver o bom senso de procurar direito o nome da homenageada irá logo descobrir que só pode ter sido enviado a mim.

As três então se reuniram avidamente em torno do pomo, tentando divisar cada qual o seu nome:.

— Ali está! — gritou Juno. — Vejam se não é a minha inicial gravada nitidamente.

Não, não era, contestaram decididamente as outras.

— Pfff... E apenas uma falha do fruto — disse Minerva com um muxoxo de desdém.

Enquanto a disputa prosseguia, a perversa Discórdia esfregava ao alto as suas grandes mãos, cheia de satisfação.

— Basta, suas idiotas! — bradou Vênus, mandando às favas o resto de sua boa educação. — Como ousam atribuir a si uma homenagem que está claramente dirigida a mim?

— Atrevida! — rugiu Minerva. — Cale a boca e devolva já o *meu* fruto!

A disputa se acendera definitivamente. Os olhos das três agora despediam chispas de puro ódio enquanto o pomo passava de mão em mão a cada descuido, o que só servia para inflamar ainda mais os ânimos. Ao mesmo tempo os dois cavalos continuavam a observar a disputa, que estava prestes a degenerar numa troca de tapas.

— Vamos avisá-las do que realmente se passa — disse Bálios ao seu colega eqüino.

— Está louco? — disse Xantos, valorizando sempre a prudência. — Se em briga de mortais não convém meter a colher, o que dirá de uma briga de deusas? Além do mais, sabe-se lá que castigo poderá nos impingir aquela megera, causadora de toda a discórdia.

E assim transcorreu o restante da festa, num clima de rancor indisfarçado. O fel já havia sido deitado na taça do hidromel e agora só restava todos regressarem desconsolados para suas casas. Quanto às deusas, teve início naquele dia uma desavença que se estendeu por vários anos, até que um dia Júpiter resolveu pôr um fim à amarga querela.

— Mercúrio, venha cá! — disse o deus supremo a seu filho dileto.

— Pois não, meu pai — respondeu o jovem dos pés ligeiros.

— É chegada a hora de pormos um fim nesta briga insensata que até hoje só nos trouxe desgostos.

— O senhor refere-se à disputa pelo pomo dourado? — disse Mercúrio.

— Exatamente — disse Júpiter. — Quero que você conduza as três pretendentes até o alto do monte Ida para que Páris, filho de Príamo, decida de uma vez a quem pertence este berloque maldito.

Páris era um jovem pastor, filho do poderoso rei de Tróia, o qual fora abandonado às feras por seu pai logo ao nascer devido a uma funesta profecia que o apontava como causador da futura ruína da sua pátria. O menino, no entanto, sobrevivera, tendo sido primeiro alimentado por uma ursa e logo depois criado por um casal de pastores.

— Está bem, meu pai — disse Mercúrio, ajeitando já as suas sandálias aladas. — Mais alguma coisa?

— Está dito tudo — disse o deus supremo, pondo fim à conversa.

No mesmo dia, Mercúrio reuniu-se às três querelantes, que, mesmo emburradas umas com as outras, resolveram acatar judiciosamente a ordem de Júpiter.

Em breve chegaram ao alto do monte Ida, onde encontraram o jovem Páris apascentando seu rebanho. O jovem levara até ali uma vida sem grandes emoções, e neste dia mostrava-se especialmente aborrecido.

— A verdade é que esta calma toda começa já a me irritar... — disse ele, erguendo os olhos para o alto, depois de observar pela milésima vez as expressões sempre inalteravelmente aborrecidas do seu gado. De repente, porém, quando desceu os olhos de volta à Terra, viu postadas diante de si as figuras majestosas das três divindades mais belas do Olimpo e do divino mensageiro de Júpiter.

— Pelos deuses! — exclamou Páris, assombrado. — Estarei sonhando? Mercúrio então adiantou-se, dizendo:

— Ó jovem Páris, você foi agraciado com uma honra que raras vezes terá cabido a um simples mortal.

— Que honra, ó mensageiro divino? — exclamou o pastor, assombrado.

— Meu pai decidiu, em sua soberana onipotência, que você será árbitro de uma árdua disputa, que tanta inquietude tem trazido ao antes ameno Olimpo.

Mercúrio então contou toda a história, que Páris acompanhou boquiaberto. As três deusas, a cada passo do relato, sentiam renovar-se em seus peitos as chagas da velha contenda, olhando umas para as outras com renovado ódio.

— Mas que justiça poderei dispensar eu, pobre pastor, a três deusas que por definição são sábias e justas?

Mercúrio deu um leve pigarro, algo desconcertado, interrogando o pastor:

— Júpiter confia no seu discernimento, e se lhe entregou esta tarefa é porque tem razões de sobra para pensar assim. Não cabe a você, pobre mortal, vasculhar os argumentos da divindade suprema! — acrescentou Mercúrio, pondo um fim nas recusas de Páris.

Páris, então, não tendo outro jeito, pensou um pouco e disse consigo: "Já sei como farei para contentar a todas e não incorrer na cólera de nenhuma!"

— Vou dividir o pomo em três — anunciou, aliviado. — Desta forma farei justiça à beleza de todas.

Mas nenhuma delas aceitou essa solução conciliatória. "Como?! E admitir que não sou a mais bela?", pensaram ao mesmo tempo as três deusas, iradas. Além do mais, revelou-se impossível repartir o pomo dourado. Não vendo outra solução, Páris decidiu escutar os argumentos de cada uma das deusas, em separado. Primeiro chamou Juno, que se apresentou repleta de argumentos.

— Um dos atributos da beleza é ser justa, meu jovem — disse a esposa de Júpiter, que achava-se um exemplo de Justiça, sentando-se ao lado de Páris. -Por isto confio no seu julgamento.

O pastor, agora investido da autoridade de juiz, decidiu agir como tal, fazendo ouvidos moucos à lisonja da deusa. Juno, então, decidiu recorrer logo às suas razões:

— Sou esposa do soberano do Olimpo, lembre-se sempre disto, meu jovem. Por isto, posso oferecer-lhe o que nenhuma das outras jamais poderá. Saiba, pois, que farei de você soberano de toda a Ásia e o homem mais rico do mundo. Todas as cabeças se curvarão assim que for anunciada, por arautos magnificamente trajados, a sua augusta presença, e a sua vontade será tão importante que antes mesmo de manifesta será adivinhada por seus fidelíssimos súditos.

Páris escutou os argumentos de Juno com toda atenção e reverência; mas em seu íntimo já havia decidido que não cederia nem a honras nem a riquezas. "Tão somente Têmis, a deusa da justiça, irá inspirar os termos de meu julgamento", pensou o rapaz. Por isto, mandou chamar logo Minerva, não sem antes garantir àquela que partia que a mais cristalina justiça seria o farol cintilante de seu julgamento.

A deusa da guerra aproximou-se em seguida, e num passo firme foi logo dizendo:

— Belo pastor, bem sei que seu julgamento haverá de me ser favorável. Por isto afirmo que muito em breve você será pastor não mais de vacas ou de carneiros, mas dos mais bravos soldados que jamais um comandante guiou neste mundo. Ao menor comando que sair dos seus lábios, legiões inteiras de guerreiros levantar-se-ão como um único homem.

Mas Páris não desejava comandar exércitos, contentando-se em guiar com clareza e retidão os seus próprios instintos. Assim, depois de dispensar gentilmente a deusa da guerra, pediu que Vênus viesse até si para fazer a sua defesa.

A deusa do amor, mais ousada que todas, tomou então nas mãos o rosto do jovem Páris e o aproximou tanto do seu que os lábios quase se tocaram.

— Veja como sou bela — disse a deusa, com uma entonação absolutamente irresistível. — E no entanto tive de admitir, desde a primeira vez em que o vi, que minha beleza finalmente encontrara um símile digno dela, meu belo rapaz. Certamente, se eu fosse um homem, aspiraria a ter o encanto dos seus belos traços — completou a sedutora deusa, percorrendo com o dedo o desenho do rosto de Páris.

— Suas palavras não poderiam deixar, generosa deusa, de confirmar a beleza inteira da sua formosa natureza — disse Páris, procurando ser gentil diante de tamanho elogio. — Mas receio que excedam um pouco à verdade.

— Não, jovem encantador, digo apenas o que meus olhos podem confirmar — ajuntou Vênus, pronta para expor seu argumento principal. — Venho, no entanto, oferecer a você um amor que excederá a qualquer outro que homem algum jamais aspirou.

Páris bebia insensivelmente as palavras da deusa.

— Existe uma rainha mais bela que todas e que, a exemplo de mim, é também filha de Júpiter. Esta mulher foi gerada pela belíssima Leda, filha do rei da Etólia, e é hoje esposa de Menelau, rei de Esparta.

— Mas quem é ela, ó deusa? — disse o pastor, incrédulo.

— Ora, meu tolo efebo, estou falando da bela Helena, a mulher mais cobiçada de toda a Hélade! — disse a deusa, triunfante. — Se me der o pomo, farei com que ela se renda totalmente aos seus encantos. Você será, assim, o homem mais feliz a pisar sobre a Terra e invejado mesmo pelos deuses!

— Confesso que não sei de quem se trata... Mas não posso negar que já sinto meu peito incendiado por algo que não sei ainda definir — disse Páris, confuso.

Mal sabia, contudo, o jovem pastor, que Cupido, o filho de Vênus, estivera o tempo todo oculto atrás de uma árvore e que, a um sinal de sua mãe, havia acertado uma de suas flechas certeiras bem no seu coração.

— Mas ela é casada... — disse Páris, agoniado. — Como poderei esperar que ela deixe esposo, reino e súditos para ficar comigo, um pobre e ignaro pastor?

— Nada temas, meu tolo — disse Vênus com o mais sedutor de seus sorrisos. — Não é a própria deusa do amor quem se propõe a ser a fiadora e garantia do seu amor?

Páris, então, completamente rendido às razões da deusa, outorgou-lhe finalmente o prêmio do pomo dourado. Mal sabia, porém, que com isto iria acender a ira das outras duas deusas, Juno e Minerva, e que sua funesta paixão pela bela Helena seria o estopim da mais terrível guerra que a Antigüidade conheceria.

O RAPTO DE HELENA

— Helena... Helena... Helena...!

Dia após dia, o jovem Páris, filho de Príamo, rei de Tróia, sussurra este nome, com a mesma persistência de um antigo coro trágico.

Este nome, na verdade, não lhe sai da cabeça desde o dia em que concedera a Vênus o pomo da Discórdia, recebendo desta, em troca, a promessa de que seria amado pela mulher mais bela da face da Terra.

— Ela será sua, eu lhe garanto! — lhe dissera a deusa com toda a força de sua sedutora argumentação. — Por você ela deixará marido, posição e riqueza. Que outra prova maior de amor poderia exigir um mortal?

Páris está imerso nestes pensamentos quando ouve um arauto declarar a seu pai que Menelau, rei de Esparta, está prestes a chegar a Tróia.

— Menelau chegará? — exclama ele, involuntariamente.

— Sim, meu filho — diz Príamo, voltando-se para ele. — O oráculo de Delfos determinou que ele venha até nós para reaver os ossos de dois de seus soldados que aqui pereceram durante a expedição que Hércules fez à nossa pátria.

A notícia é importante demais para que Páris possa conter sua curiosidade.

— Ele virá sozinho, meu pai? — diz o jovem, fixando o grande tapete sob os seus pés. Ali está representada Europa, nua e aflita, que Júpiter, sob a forma de um magnífico touro branco, rapta virilmente para dentro do mar.

— Trará apenas uma pequena comitiva — diz simplesmente o rei.

Páris compreende então que não será ainda desta vez que saciará a sede dos seus olhos. Mas já será alguma coisa poder conhecer o homem que o destino investiu na condição de rival.

No dia seguinte chega o visitante com sua comitiva. O rei troiano o recebe com toda a pompa. Junto ao anfitrião estão seus filhos, Heitor, Deífobo e Páris. Este último não pode deixar de arregalar os olhos quando é finalmente apresentado a Menelau. O jovem sente que a palma de sua mão está suada quando o cumprimenta.

— Um filho que, sem dúvida, faz jus ao próprio pai, ó Príamo audaz! — diz Menelau, cujas palavras são sempre sinceras.

Páris abaixa a cabeça, um tanto encabulado, pois sabe que tem diante de si o homem que em breve deverá atraiçoar. Enquanto Menelau conversa com seu pai, Páris estuda-lhe melhor as feições, detendo-se em seus olhos de pupilas cristalinamente azuis. "Talvez haja nelas um pálido reflexo da efígie da mulher que um dia será minha!", pensa o rapaz, com a ingenuidade própria da juventude.

Durante os próximos dias Páris faz-se, então, anfitrião perfeito do rei espartano, ajudando-o a encontrar rapidamente os ossos dos seus soldados.

— Se não fosse a sua ajuda, hospitaleiro filho de Príamo — diz-lhe, ao fim da visita, Menelau —, não sei se teria obtido sucesso em minha missão. Por isso quero que você vá até o meu reino o mais breve possível, para que eu possa retribuir à altura o tratamento que me dispensou.

Essa oportunidade não tarda muito, pois algum tempo depois Príamo organiza uma expedição com destino à terra de Menelau, liderada por seu primo Enéias.

— Páris — diz o rei troiano —, quero que vá com meu primo a Esparta retribuir a visita que Menelau nos fez. Aproveite também a ocasião para trazer consigo minha irmã Hesíone, que lá se encontra há muitos anos.

Finalmente a ocasião se apresenta! Páris sente suas pernas vacilarem, e é a custo que as palavras de assentimento saem de sua boca:

— A sua vontade, meu pai, será sempre o leme dos meus atos.

Alguns meses depois, Páris, juntamente com Enéias, está prestes a partir. Do alto das naves, ambos comandam os últimos preparativos. Mas embora toda a balbúrdia do embarque, não é ela o bastante para impedir que se faça ouvir uma voz feminina que brada em terra, com todas as suas forças:

— Páris, meu irmão! Desista desta funesta expedição, pois ela será primeiro passo de nossa ruína!

— Vejam só! — diz um dos membros da expedição. — É Cassandra, a profetisa que os deuses privaram do dom da persuasão.

Um grasnar insolente de risos espalha-se no ar como um bando de aves barulhentas. Porém é logo reduzido ao silêncio pela voz poderosa de Páris.

— Silêncio, rufiões! Partamos logo de uma vez! — diz o filho de Príamo, do alto da proa de sua embarcação. — Quanto a você, minha irmã, serene sua alma, pois são bons ventos que nos levam até a pátria do generoso Menelau.

E, sem mais dizer, partem todos rumo a Esparta.

Alguns dias depois, na terra de Menelau, todos já estão na expectativa da chegada do filho de Príamo. O rei já concluiu todos os preparativos para receber à perfeição os seus hóspedes.

— Helena querida — diz ele à sua amada esposa -, é preciso que os recebamos como nunca antes visitante algum foi recebido. Façamos com que sua estada em nossa pátria seja lembrada ainda por muitos séculos como exemplo de cortesia e amizade.

Helena recolhe-se celeremente aos seus aposentos.

— Preciso, então, fazer-me ainda mais bela, se tal será a importância de nosso hóspede. Pois o que dirão da esposa de Menelau, se não sabe estar à altura da cortesia de seu marido?

Assim pensa Helena, desnudando-se inteira diante do grande espelho que enfeita seu quarto. Depois de admirar um quadro que somente o seu marido Menelau tem o privilégio de contemplar, faz com que uma delicada esponja percorra suas formas perfeitas, embebendo sua pele de um aromático perfume. Isto feito, veste seus melhores trajes e enfeita-se com as jóias mais faiscantes que olho humano algum ousou contemplar.

Agora Helena está sentada, enquanto compõe sua maravilhosa cabeleira, cujos fios parecem ter sido descosidos da própria Noite e tecidos outra vez sobre a sua encantadora cabeça. Abaixo deles fulguram duas esmeraldas, que despedem o brilho intenso de duas estrelas, e logo em seguida, abrigada sob a arcada perfeita de um nariz aquilino, está harmoniosamente posta uma boca úmida, de lábios naturalmente escarlates.

Algumas horas mais tarde Menelau manda que a chamem, pois os visitantes já se aproximam do porto com seus imponentes barcos.

— Importa muito, minha amada, que os recebamos tão logo pisem o solo de nossa pátria — diz-lhe o esposo, que enverga seu traje mais esplêndido.

O cais está todo embandeirado. Músicos e povo estão misturados aos membros das melhores famílias. E adiante de todos está o casal real, Menelau e Helena.

— Eis que chegam, cara Helena! — diz o rei, cujos olhos luzem de expectativa. A rainha, contudo, apesar de compartilhar da curiosidade de seu marido, está um tanto confusa com o alarido que a plebe promove ao redor, tirando-lhe a vista dos navios. Volta-se, então, para ver no rosto de seu esposo a satisfação que toda aquela alegre balbúrdia lhe traz. "Menelau é de fato um homem nobre!", pensa ela, enquanto admira as feições radiantes do rei. Envolvida, porém, com todos aqueles acontecimentos, não percebe que oculto atrás de uma das colunas do ancoradouro está Cupido, o filho de Vênus. Ele esquadrinha atentamente as menores reações da esplendorosa rainha.

— Se não fossem as ordens expressas de minha mãe, eu a faria apaixonar-se por mim, divina Helena! — diz o irrequieto arqueiro, também fascinado pela beleza daquela mortal.

Nesse instante os visitantes desembarcam e se aproximam do local onde Menelau e sua esposa estão. Contudo, antes mesmo que lá cheguem, os olhos ansiosos de Páris já encontraram os olhos serenos de Helena. A claridade insolente do dia que a cerca desaparece, então, diante do fulgor quase sobrenaturalmente divino que emana de si.

Páris a reconhece imediatamente como a mulher de sua vida.

"Eis Helena!", exclama interiormente o recém-chegado. "A mulher que povoou todos os meus sonhos é, então, infinitamente mais bela do que eu esperava!"

De repente, porém, ele descobre que tem diante de si o seu anfitrião.

— É com prazer infinito que meus olhos contemplam outra vez você, jovem filho de Príamo! — diz Menelau, estendendo-lhe generosamente os dois sólidos braços.

Páris, desconcertado, retribui as palavras do rei com um agradecimento improvisado. Enquanto isto, Helena aguarda a sua vez de cumprimentar o jovem, que até então não lhe provocara mais que uma natural admiração. Entretanto, o deus do amor já assesta a sua pontaria para o coração da rainha.

— Conhece já o amor, encantadora rainha — diz Cupido, esticando ao máximo a corda de seu certeiro arco. — Chegou, porém, a hora de conhecer a quintessência do amor!

Tão logo os olhos de Helena pousam nos olhos de Páris, uma flecha certeira que leva inscrita a palavra "paixão" vara implacavelmente o seu coração.

"Vênus soberana, o que sinto... ?", pensa Helena, aturdida. Uma chama ardente sobe do seu peito e tinge de vermelho suas faces quando seus olhos fitam pela primeira vez os olhos chispantes de Páris.

— Uma honra nunca imaginada me chega agora como uma dádiva dos deuses: a de poder contemplar neste instante a mais sublime rainha de quantas a Hélade inteira pôde gerar...! — diz Páris, curvando sua cabeça, num estratagema sutil que lhe permite recobrar um pouco o autocontrole.

"Oh, Júpiter supremo! Como ocultar doravante o amor divino que brilha em meus olhos, sem que mil outros olhos profanos o devassem?", pergunta-se Páris, aflitamente feliz com este novo e doce dilema.

Helena, a seu turno, está como que imersa num sonho e, sentindo agora que suas cores lhe fogem do rosto, abaixa também a cabeça. Quando a ergue novamente está misteriosamente sentada numa grande mesa, em algum lugar que lhe parece vagamente familiar. Reconhece a voz de seu esposo, que parece mencionar o seu nome. Quando se volta assustada para o lado, porém, quem seus olhos encontram é aquele mesmo jovem que a atordoara. Sim, ele está sentado entre ela e Menelau, que entretém uma conversa animada com Enéias, o companheiro de viagem que Páris trouxe consigo de Tróia.

— Uma viagem é sempre um enigma, meu caro rei — diz uma voz indistinta. Como quem desperta de um sonho, Helena vê rostos vagos começarem a se desenhar à sua frente. Comensais e glutões de toda espécie, que interesses políticos obrigam o soberano a manter em sua mesa, ali estão alegremente refestelados, erguendo brindes diversos, mas que no fundo são

sempre os mesmos, pensando: "Felizes de nós, que privamos da mesa do rei!". O resto do banquete passa-se como num sonho acordado, e é a custo que Helena consegue voltar seu rosto para o lado, pois sabe que encontrará aqueles mesmos olhos que a enfeitiçaram. No entanto, pode sentir o tempo todo aquela presença viril, e cada vez que a voz de Páris soa é como se fosse dirigida a ela própria.

Ao final da recepção, Helena está exausta e vai direto para os seus aposentos.

— Então, o que achou de nossos convidados? — pergunta-lhe Menelau, enquanto observa as escravas despirem-na.

— Enéias parece ser um homem muito determinado — diz a rainha, com um ar distraído.

— E o que achou do filho de Príamo? — retorna Menelau.

— Não reparei... Talvez um tanto inexpressivo — gagueja Helena, deitando-se logo em seguida.

Os dias passam, e a rainha faz de tudo para não cruzar com o forasteiro, até que um dia as Parcas decidem armar-lhe uma cilada, que porá por terra todas as suas defesas.

— Helena querida, tenho de partir imediatamente — diz o seu esposo numa manhã.

— O que diz? — exclama a bela Helena, ao mesmo tempo apreensiva e involuntariamente feliz.

— Catreu, meu avô, faleceu. Devo partir ainda hoje para assistir aos seus funerais.

Em seguida ele a abraça fortemente.

— Confio que saberá entreter os nossos hóspedes de tal modo que não sintam a minha ausência!

— Volte logo, meu marido — responde Helena, sabedora de que, se assim não for, dificilmente poderá resistir à terrível tentação que se avizinha.

Antes do final do dia o rei já singra os mares em direção a Creta, enquanto a noite desce seu manto sobre Esparta. Helena está sozinha no palácio. Os dedos de suas mãos entrelaçam-se convulsamente, enquanto ela observa da janela um céu carregado de nuvens. De repente, sente que às suas costas alguém se aproxima. Ela não precisa voltar-se para saber quem é.

— Você! — exclama ela, fingindo-se surpresa ao fitar o rosto de Páris.

— Peço licença, amável rainha, mas preciso muito lhe falar — diz o jovem, alterado.

— A hora talvez não seja a mais propícia, jovem imprudente... — diz ela, com um meio sorriso, sem saber se leva a mal a pequena audácia do estrangeiro.

Ele, no entanto, não retribui o sorriso.

— Imprudência... Talvez seja isto mesmo, encantadora rainha. Os fados me obrigam agora a fazer uso desta perigosa palavra.

— Que diz? — fala ela, retomando sua apreensão.

— Não, imprudência não... *Ousadia,* talvez seja o termo apropriado, pois sem ela o amor será sempre uma palavra vã!

Helena põe-se em pé, retrocedendo alguns passos.

— Estrangeiro, você abusou dos dons de Baco? — diz ela.

— Não, divina rainha... Bebi foi a beleza de seus encantos... E esta embriaguez está prestes a me levar ao último extremo da ousadia e, quem sabe, mesmo, da perversidade.

Helena reconhece, então, que chegou a hora tão temida.

— Vamos, procure se acalmar— diz ela, mais para si mesma do que para ele.

— Deixe-me falar-lhe — diz ele, surdo a tudo e avançando na direção da rainha. Helena baixa seus olhos, corando terrivelmente. Páris, a seu turno, percorre com os olhos todo o aposento.

— O que procura? — diz Helena, ao erguer novamente a cabeça.

— Não procuro, bela Helena... Eu temo... — diz ele, enigmaticamente.

— Não entendo... — sussurra a rainha, negaceando levemente a cabeça.

— Oh, como temo... — diz o jovem com o rosto aceso. — Temo os olhos de todos! Eu os vejo por toda a parte, me observando, me inquirindo, me espionando...

A rainha está agora aturdida, e sua mão cobre seu rosto. De repente, porém, ela sente que algo a afasta num brusco repelão. Por um breve instante enfurece-se com o visitante, até descobrir que não fora ninguém, senão ela mesma, quem afastara a própria mão. Ao mesmo tempo algo dentro dela a obriga a fixar as feições daquele homem.

— São meus olhos, jovem Páris... São meus próprios olhos, feitos em mil, que incessantemente lhe buscam! — diz, enquanto seus braços descaem lentamente, ao longo do corpo.

— Então... sente o mesmo que eu? — sussurra ele, tentando abafar a custo o seu entusiasmo.

Um silêncio afirmativo ilumina os olhos de Helena. Então ele acrescenta, num jato:

— Helena, Helena... *Só haverá esta oportunidade, Helena amada...* Durante alguns instantes ambos se estudam avidamente. Então, bruscamente, as bocas de ambos colam-se num sôfrego beijo.

— Sim... eu te amo... Páris adorado... — diz ela, rendida de vez àquele irreprimível desejo. Depois de trocarem mil beijos, Páris toma a cabeça da rainha em suas mãos.

— Helena, adorada! Venha comigo para Tróia! — diz, inflamado.

— Não posso! — exclama ela, tentando desvencilhar-se daquelas mãos firmes. Mas ela sabe que seu destino já está selado.

— Serás, doravante, *Helena de Tróia!* — diz Páris, feliz, pois já leu nos olhos da amada que nada a impedirá de unir-se a dele.

Durante toda a noite fazem-se, então, os preparativos para a fuga. Helena, quase histérica, tem a cabeça em fogo.

— Vênus suprema, proteja-me da fúria de Menelau! — diz ela, enquanto encaixota seus pertences com a ajuda de suas escravas, que também irão consigo.

— Levemos também os tesouros do reino! — exclama Páris, num gesto de tresloucado entusiasmo que Helena a princípio refuta. Porém, cedendo logo às instâncias de seu amante, reconsidera.

— Um crime... dois crimes... Ora, avante! — exclama a bela Helena, num delírio febril.

Assim, antes que Apolo rompa os portões do dia com seus cavalos de fogo, partem de Esparta os navios, levando consigo as riquezas do reino e a maior delas, Helena. A rainha sabe que deixa tudo para trás, em nome de uma paixão. Mas agora que deu o primeiro e fatal passo está disposta a tudo.

— Seja o que Júpiter, meu pai, e Vênus protetora determinarem... — diz ela, aninhada nos braços de Páris, um Páris mais forte, que tomou agora consciência do seu destino.

Enquanto isto, Cassandra, a profetisa cuja voz ninguém ouve, está caída diante dos degraus do templo de Júpiter, em Tróia. Chove, e suas vestes estão em tiras. A cinza que recobre a sua cabeça lhe escorre pelo rosto, dando-lhe o aspecto de uma louca.

— Ai de ti, Tróia infeliz! — exclama ela, com os lábios colados nos degraus frios da escada. — Eis que se aproxima a hora de sua perdição!

Um riso sarcástico ainda fica pairando longo tempo no ar, depois que o último ébrio passa por ela, aos tropeços.

O SACRIFÍCIO DE IFIGÊNIA

O ADIVINHO

O cais de um porto grego. Ao fundo estão as efígies gigantescas de diversos navios, compondo uma esquadra. Há um grande ir e vir de soldados e ruídos de armas que se entrechocam involuntariamente. Calcas, o adivinho do exército, está inquieto, observando as velas das naus, que estão caídas e perfeitamente imóveis. Ele as observa, preocupado, por um bom tempo, indo e vindo lentamente, enquanto esbarra nos soldados. Neste instante entram Agamenon e Ulisses, fardados para a guerra.

Calcas, *avançando para ambos:* — Nobre comandante! Os deuses dos ventos não parecem dispostos a nos auxiliar em nossa campanha. Veja como as velas de nossas naus colam-se aos mastros, como pendões inúteis.

Agamenon, *encarando o adivinho com firmeza, lhe diz rudemente* — Arúspice do óbvio, o que mais tem a nos dizer que já não o saibamos à exaustão?

Calcas *baixa a cabeça, ocultando o despeito* — Senhor, já consultei nosso oráculo, **e** ele sempre me repete o mesmo...

Um silêncio sobrevém por alguns instantes, até que o comandante o quebra.

Agamenon — Fica mudo... é isto, adivinho do silêncio?

Espocam alguns risos de pessoas que estão em torno.

***Ulisses*—** Vamos, Calcas, não pode encadear uma frase na outra sem enfadar a alma de seus ouvintes com suas pausas aborrecidas?

Calcas, *erguendo a cabeça* — O que os fados têm a lhe dizer, valoroso capitão, talvez não sejam palavras que tragam muita alegria à sua alma.

Agamenon — Qualquer coisa me alegrará mais que este seu ar de mistério enfadonho. Vamos, diga logo o que suas artes mágicas disseram!

Calcas, *cobrindo o rosto com o manto* — Oh, mas são negras palavras...

Agamenon, *aproximando seu rosto do adivinho* — Negro ficará seu olho direito, postergador maldito! Vamos, diga o que tem a dizer ou retire já da minha presença a sua figura exasperante!

Calcas, *tomando coragem* — Comandante... O oráculo é categórico em afirmar que tal retardo dos ventos não tem outra causa *senão a sua própria pessoal*

Calcas, *ainda, à parte* — Pronto! Está dito tudo!

Ulisses, *lançando o manto para trás* — Agamenon culpado pela ausência de ventos, que há dois anos nos retém neste porto de Áulis? E por que razão os deuses poriam empecilho à partida dele e de nossos exércitos, se causa mais nobre e mais justa nunca houve no mundo?

Agamenon, *bradando* — Um cão traiçoeiro, de nome Páris, vem até a pátria de meu irmão Menelau, rapta-lhe a mulher, a mais bela de quantas houve em toda a Hélade, levando-lhe ainda os seus tesouros. Eu, seu irmão, decido, então, empreender junto com ele uma expedição até Tróia maldita para resgatar a sua esposa e a sua honra. Que há nisto tudo, adivinho insolente, que me indisponha contra qualquer divindade?

Algumas vozes levantam-se entre os ouvintes, que agora se apinham em volta dos três, ouvindo-se claramente esta frase — Basta! Voltemos para casa, pois não há mais dúvidas de que os deuses abominam tal expedição!

Agamenon, *voltando-se para a soldadesca* — Silêncio, escória! Se temos de levar tais soldados, que a qualquer pretexto renunciam à sua obrigação, vamos bem arranjados!

Ulisses, dispersando a multidão — Eia, canalha! Esta conversa não é para orelhas de asno!

Agamenon, *pegando Calcas pelos ombros* — Vamos, adivinho de maus agouros, diga tudo o que ouviu do oráculo.

Calcas, *de espinha ereta, sentindo-se agora importante* — Nobre comandante! A Aurora de róseos dedos ainda não havia surgido de todo no negro empíreo, quando me aproximei naquele dia, repleto de maus pressentimentos, diante do oráculo...

Agamenon, *interrompendo-o* — Esqueça a Aurora maldita e ponha o sol bem no alto de seu relato, falador incansável, se não quiser adiar para sempre o seu palavreado!

Calcas, *algo frustrado* — Está bem, comandante, está bem. O oráculo me disse exatamente isto. — *Mudando o tom da voz para um tom gutural, mas à sério* — "Eis que os ventos cessarão de soprar, até que o presunçoso guerreiro se prosterne diante de Diana sublime!"

Agamenon — **O** "presunçoso guerreiro" sou eu, suponho?

Calcas, *encabulalado* — Temo que sim, audaz comandante...

Agamenon — Adiante, debulhador de enigmas!

Calcas, *retomando o fio* — A deusa Diana está enfurecida porque o senhor lhe fez há muitos anos uma promessa e está decidida a não aceitar mais postergações no seu cumprimento.

Ulisses, *intervindo* — Promessa? Que promessa?

Agamenon empalidece enquanto ambos aguardam a resposta.

Calcas — Outrora você prometeu à Diana valorosa que lhe sacrificaria o mais belo ser que nascesse em seu **reino...**

Agamenon *larga Calcas e afasta-se dele e de Ulisses, a passos lentos. Após alguns instantes de silêncio, volta-se para os companheiros e diz, com a voz alquebrada* — Sim, é verdade, Ulisses fiel... Há muitos anos fiz tal promessa insensata.

Calcas — A deusa determinou que esta expedição só deixará este porto quando promessa for cumprida integralmente!

Ulisses — Mas quem é esse ser infeliz que deverá passar por tão terrível ordálio?

Calcas, *erguendo a voz, como quem finalmente pode revelar um terrível segredo* — A vítima não há de ser outra senão Ifigênia, a filha de Agamenon!

Agamenon *faz menção de voltar a discutir com Calcas, mas desiste. Depois diz a Ulisses* — Clitemnestra, minha esposa, jamais aceitará tal solução!

Um rebuliço desperta a atenção dos três: é Menelau quem chega, rodeado de seus generais.

Agamenon, *adiantando-se para ele* — Menelau, meu irmão!

Os dois imãos abraçam-se efusivamente.

Menelau— Agamenon, a situação está se tornando insuportável! A peste já começa a grassar entre os soldados!

Ulisses— Temos, também, a peste entre nós?

Menelau— Sim, já perdemos dezenas de homens. — *Vira-se, então, para o adivinho* — Calcas, já falou com meu irmão sobre o que precisa ser feito?

Calcas— Sim, comandante, mas receio que essa decisão custe mais do que possamos lhe exigir...

Agamenon, *procurando justificar-se perante o irmão* — Menelau, Diana está tomada pela ira e exige que lhe dê minha filha, sangue do meu sangue, para que deixe de nos perseguir!

Menelau — É desnecessário repetir a história, Calcas já me contou tudo. Vim atrás de você para saber que decisão tomará quanto a isto.

Agamenon — Bem sei dos deveres que me prendem à deusa, embora a dor que me dilacera o peito. No entanto, há Clitemnestra, minha esposa. Ela jamais aceitará ver-lhe tirada dos braços a própria filha, que é a luz dos seus olhos!

Menelau — Permitirá, então, que as choradeiras de uma mulher provoquem a ruína de seu irmão e de sua pátria? É isto, caro irmão?

Agamenon silencia. Depois de alguns instantes, acabrunhado, resmunga:

Agamenon, *humilde* — Se Clitemnestra concordar, acatarei a ordem da deusa.

Menelau, *enfurecendo-se* — Você se recusa a obedecer à deusa, isto é que é!

Um dos generais exclama: — Elejamos um novo comandante, ó Menelau!

Outras vozes aduzem:

Primeira voz— Isto! Isto! Um novo comandante!

Segunda voz— Morreremos todos da peste neste porto maldito!

Terceira voz— Cumpramos o que a deusa exige de nós!

Quarta *voz*— Que Palamedes seja, então, nosso novo comandante!

Ulisses, *fazendo menção de se retirar*— Se Palamedes assumir o comando, não tomarei parte nesta expedição.

Menelau, *tomando Ulisses pelo braço:* — Espera, filho de Ítaca! *Depois, voltando-se para Agamenon:* — Veja, Agamenon, a obra de sua fraqueza... Seus pruridos sentimentais começam a provocar a rebelião entre nossos próprios generais! Chegou a hora de tomar uma decisão.

Ulisses, *para Agamenon, tentando acalmá-lo:* — Compreendo seu dilema, Agamenon. Façamos isto, então: sua filha, bem como sua esposa, não saberá do que irá acontecer, senão no último instante, quando se fará o que a deusa exige de você.

Calcas, à *parte:* — Ó astuto Ulisses! ***Agamenon*** — Um estratagema?

Ulisses— Exatamente. Vamos dizer a ambas que contratamos o casamento de Ifigênia com o valoroso Aquiles. Escreve à sua esposa e diga a ela que sua filha deve vir imediatamente até nós.

Agamenon — Está bem...

Ulisses— Mas, atenção: ela deve vir sozinha.

Calcas, *à parte* — Filho de Laerte, você será grande!

Ulisses— Diga a Clitemnestra que seria indigno da esposa de um rei aparecer diante dos seus exércitos.

Calcas, à *parte:* — Bem imaginado!

Menelau — Peça para ela que faça isto o mais rápido possível, pois aguardamos apenas a celebração deste casamento para partirmos para Tróia.

Agamenon — Mas e o que dirá Aquiles disto? Não ficará aborrecido ao saber que usamos seu nome em vão?

Ulisses — Pode ser em vão uma artimanha que livrará seu irmão da ignomínia e restabelecerá a honra de sua família?

Calcas, à *parte:* — Ó engenho sutil!

Agamenon, *depois de algum tempo:* — Está bem, tudo será feito como quiserem.

Menelau estende a seu irmão uma tabuleta, onde este deverá escrever a carta. Agamenon a toma, arrasado, e começa a escrever, debaixo de um silêncio opressivo.

Cai o pano.

UMA TENTATIVA DESESPERADA

O interior de uma grande tenda de campanha. É noite. Agamenon está deitado de bruços e chora convulsamente. Depois volta para cima o rosto coberto pelas mãos e exclama:

Agamenon — Júpiter supremo, o que foi que fiz? Minha Ifigênia adorada ofertada em holocausto! Oh, crueldade atroz! Ter o peito rasgado pela lâmina do sacrifício! Como pude permitir tal monstruosidade?

Depois de chorar mais um pouco, no entanto, Agamenon cessa abruptamente as lágrimas. Uma idéia lhe ocorreu.

Agamenon, *pondo-se em pé, de um salto:* — Não, não permitirei tal coisa! Desfarei o que maus conselhos me induziram a fazer!

Imediatamente pega uma tabuleta e põe-se a escrever freneticamente.

Agamenon — Eis o que escreverei a Clitemnestra: "Minha esposa, atente bem para o que lhe digo: não mande para cá a nossa querida Ifigênia. *Guardou a tabuleta num invólucro e voltou-se para a entrada da tenda.* — Soldado! Venha já até aqui!

Um soldado entra rapidamente.

Agamenon — Está vendo esta mensagem?

Soldado — Sim, senhor.

Agamenon — Quero que a leve, sem mais perda de tempo, até a minha esposa. Não dê descanso a seu cavalo, nem faça pouso ou parada alguma sob pena de sua própria vida, entendeu?

Soldado— Sim, senhor.

Agamenon — Vamos, retirá-se e vá dar cumprimento à sua missão. *Agamenon fica só outra vez.*

Agamenon, *caindo outra vez no leito:* — Que os deuses protejam minha Ifigênia e façam com que esse mensageiro chegue ainda a tempo!

As luzes apagam-se. Alguns instantes depois acendem-se novamente. Agamenon está adormecido. O dia amanhece. Menelau irrompe tenda adentro segurando algo.

Menelau, *em altos brados:* — Vamos, levante!

Agamenon *acorda, assustado:* — O que foi, meu irmão?

Menelau— "Irmão"! Falta pouco para que o proíba de me chamar por este nome, asseguro!

Agamenon -Por que as flamas da ira abrasam tanto seu coração? ***Menelau,*** *lançando às faces do irmão a carta que este enviara às ocultas:* — Aqui está, tratante, o motivo de minha ira!

Agamenon reconhece o objeto e fica revoltado.

Agamenon — Então você ousou me espionar e interceptar uma carta que mandei à minha esposa? Com que direito o fez?

Menelau -Com mais direito que você, que torna atrás de um compromisso solene que assumiu diante de mim e de meus generais. Acaso está brincando com a minha honra? Quer espalhar o escárnio e o deboche na boca de meus soldados?

Agamenon, *tornando à humildade:* — Um pai não tem, então, o direito de tentar salvar sua filha da morte cruel?

Menelau — Você não tem o direito de sobrepor à honra do Estado os seus mesquinhos interesses pessoais! Ifigênia terá a honra de ofertar sua vida em prol de milhares de seus cidadãos e de restaurar a honra de sua pátria. É pouco? Não basta?

Agamenon— A mim bastaria tê-la ao meu lado, mesmo no infortúnio, pois o que é a alegria e a honra sob uma ausência terrível?

Menelau— Basta de choradeiras! Ifigênia deve chegar em breve. Devemos avisar o sacerdote para que prepare logo o local do sacrifício, diante de nossas tropas.

Menelau sai da tenda e Agamenon, prostrado pelo insucesso de sua tentativa, cai derreado ao leito.

Cai o pano.

IFIGÊNIA EM ÁULIS

Acampamento. A tenda de Agamenon está à direita. O céu está carregado e alguns relâmpagos clareiam esporadicamente o cenário, quase mergulhado nas trevas, iluminado apenas por alguns archotes. Um grupo chega, num grande alarido. De uma liteira desce uma moça de grande beleza.

Vigia — Comandante! Ifigênia, filha de Agamenon, já está entre nós!

Ifigênia, *ansiosa:* — Onde está meu pai? Morro de saudades!

Agamenon, *saindo de sua tenda, às pressas:* — Minha filha! Oh, minha adorada Ifigênia! *Abraça-se dramaticamente à sua bela filha, em prantos.*

Ifigênia, *tomando o rosto do pai em suas mãos:* — Meu pai, por que choras?

Agamenon— Não sei, minha filha, não sei... Só sei que as lágrimas caem-me aos pares dos olhos.

Ifigênia — Alegre-se, meu pai, pois venho para meu casamento. Teremos uma festa, pois não?

Agamenon — Festa... Sim... Um sagrado himeneu...

Aos poucos vão chegando os demais, Menelau, Ulisses e Calças.

Ifigênia— E, então, onde está meu futuro marido?

Agamenon, *quase divagando:* -M-marido...?

Ifigênia, *alegremente:* — Sim, papai, o homem junto do qual sacrificarei a Vênus.

Agamenon — Sacrificará...!

Ifigênia — Que tem, afinal, meu pai? *Voltando-se para Menelau:* — Papai está doente, meu tio?

Menelau — Seu pai esteve um pouco doente, Ifigênia... A cólera tem dizimado muitos homens por aqui.

Ifigênia, *abraçando-se ao pai:* — Oh, meu pai, doente! Volte para a cama, papai!

Agamenon — Estou bem, minha filha... À *parte:* — Minha doença chama-se remorso...

Nesse instante, Clitemnestra surge repentinamente.

Clitemnestra — Ora, que tantos abraços e lágrimas são estes, afinal, que ouço desde lá de fora do acampamento?

Todos ficam estupefatos diante da presença inesperada da esposa de

Agamenon.

Agamenon, *desvencilhando-se dos braços da filha:* — Clitemnestra! Que faz aqui?

Clitemnestra, *fazendo pouco caso do marido:* — Perguntar a uma mãe o que faz junto da filha no dia do seu casamento é uma pergunta que só um toleirão como você, meu marido, poderia fazer.

Agamenon— Casamento... Casamento de quem?

Ifigênia— Da sua distração com sua desatenção, por certo!

Menelau, *adiantando-se com um ar severo:* — Clitemnestra, não recebeu uma carta ordenando expressamente que não viesse juntamente com sua filha Ifigênia?

Clitemnestra, *olhando-o duramente:* — Naturalmente que resolvi desobedecer "expressamente" uma carta néscia e atrevida como esta. Esse disparate,

aliás, é bem seu, caro Menelau! Se sua própria esposa Helena não lhe deu ouvidos! — *Depois, voltando-se para todos os lados:* — E o noivo, o belo Aquiles, onde está? Quero ver com meus próprios olhos se é mesmo tudo aquilo que dele dizem por aí.

Um relâmpago ofusca tudo, fazendo com que Ifigênia se encolha.

Clitemnestra — Ifigênia, querida, ao que vejo seu casamento se fará sob os auspícios de Júpiter tonante! Já sinto o cheiro da chuva errando no ar. *Aspira profundamente.*

Um trovão estoura, sacudindo tudo.

Clitemnestra — Viva! Adoro chuva! Vejam só que trovão. — *Depois, voltando-se para os demais:* — Onde estão as lonas de proteção? Não estão vendo que um temporal vai desabar em instantes?

De repente Clitemnestra identifica Calças, o adivinho.

Clitemnestra — Ah, aí está o decifrador de oráculos! Então, faça uso dos seus poderes e traga logo Aquiles até nós. Vamos, velho charadista, dê logo um jeito nisto!

Calças — A esposa de Agamenon há de entender que meus dons não são exatamente estes, senão os de receber e interpretar os oráculos sagrados que a mim são revelados...

Clitemnestra, *dando-lhe as costas:* — Adeus, charlatão. Não estou para dar ouvidos a um homem que fala mais do que a ninfa Eco!

Ifigênia, depois de deixar o pai no interior de sua tenda, reaparece em prantos.

Ifigênia, *abraçando-se à mãe:* — Mamãe, papai está mal! Às vezes diz que este é um momento de grande alegria, para logo em seguida cair num pranto convulso. Há algo errado com ele, deve estar muito doente!

Clitemnestra -Esqueça o seu pai. Deve estar bêbado. Eles sempre ficam nesse estado às vésperas de perder suas filhas.

Nesse instante, Aquiles, o noivo, aparece. Os demais já se retiraram.

Clitemnestra — E este, agora, quem é?

Aquiles— Perdão, não quis interrompê-las...

Clitemnestra — Esteja à vontade. — À *parte:* (Bonito deste jeito, bem poderia ser o eleito de minha filha!) — Sou a esposa de Agamenon e esta é minha filha, Ifigênia.

Aquiles— Encantado em conhecê-las.

Clitemnestra — E você, jovem guerreiro, quem és?

Aquiles— Sou Aquiles, filho de Peleu e Tétis.

Clitemnestra, *eufórica:* — Ora, então, o que achou de sua noiva?

Aquiles— Perdão, senhora, mas não entendo suas palavras.

Ifigênia -Mamãe, o que está havendo, afinal?

Clitemnestra— **O** que está havendo é que ou todos os homens deste acampamento enlouqueceram ou estão bêbados como a burra de Sileno!

Ifigênia, *para Aquiles:* — Eu sou a mulher que meu pai resolveu lhe dar por esposa.

Aquiles, *se irritando:* — Perdão, mais uma vez, bela jovem, mas nada sei de tal casamento. Devem ter-lhes feito uma burla.

Ifigênia oculta o rosto no ombro de sua mãe.

Clitemnestra, *tornando-se repentinamente séria:* — Escute aqui, rapaz, que espécie de tramóia estão todos armando para cima de minha filha? Vamos, conte logo o que sabe!

Aquiles— Estou nisto tão inocente quanto meus netos que estão por vir, minha senhora.

Clitemnestra -Está bem, meu jovem. Terei de lançar mão, então, de meus meios! Por Vênus sagrada que vou descobrir o que esses malditos tramam contra minha filha.

Clitemnestra olha para os lados e vê um de seus serviçais. Faz-lhe um sinal para que venha até ela.

Clitemnestra— Conheço você. É o serviçal direto de meu esposo, Agamenon, e sei que são íntimos o bastante para que ele de você nada oculte. Conte-me, então, tudo o que se planeja com relação à minha filha, ou vou armar uma intriga tão medonha para o seu lado que Agamenon em menos de vinte e quatro horas mandará fazê-lo em pedaços e lançar seus restos aos cães. Fui clara, lacaio?

Serviçal— Mas não posso trair a confiança de meu senhor.

Clitemnestra — Você já disse o principal. Realmente aquele cão trama algo contra minha Ifigênia. Diga o resto, vamos!

Serviçal, intimidado: — O oráculo da deusa Diana exige o sacrifício de sua filha para que os exércitos possam ter sucesso em sua campanha. Agamenon foi obrigado a ceder. Eis tudo.

Clitemnestra, *horrorizada, abraça-se à sua filha:* — Ifigênia posta sob a pedra dos sacrifícios! Estarei escutando isto?

Aquiles — Isto é terrível! Por que usaram meu nome para acobertar tal monstruosidade?

Ifigênia — Acalme-se, mamãe! Papai é contra esse sacrifício e impedirá que tal coisa aconteça!

Clitemnestra— Seu pai é um fraco, um joguete nas mãos daquele imbecil de seu tio! Além do mais sua vaidade falará mais alto quando tiver a oportunidade de ostentar seu poder perante essa canalha inteira. Ouça o que estou lhe dizendo!

Ifigênia— Não, mamãe, não diga tal coisa!

Agamenon sai de sua tenda e vem em direção ao pequeno grupo.

Serviçal— Meu senhor aproxima-se. Devo retirar-me.

Aquiles— Também vou junto com você.

Clitemnestra— Vejamos o que este pulha tem a nos dizer!

Agamenon -Vamos para dentro, minhas queridas. O temporal pode desabar a qualquer momento.

Ifigênia, *para seu pai:* — Meu pai, que mal fiz eu para Diana para que queira meu sangue em holocausto?

Agamenon, *arregalando os olhos:* — O que dizes, minha filha?

Clitemnestra, *enfurecida:* — Vamos, fingido, já sabemos de tudo! Como ousa oferecer sua própria filha em sacrifício para saciar a ambição e o despeito de seu irmão? Prefere, então, este pulha à sua própria filha?

Ifigênia, *tomando as mãos de Agamenon:* — Papai, você não permitirá isto, não é?

Agamenon, *completamente abatido:* — Pensa, minha filha, que não sofro diante desse terrível fado que pesa sobre você?

Clitemnestra -Monstro insensível! Quer levar avante, ainda, esse plano hediondo? Vai permitir que mãos assassinas enterrem o punhal do sacrifício no peito da filha que viu sair de minhas entranhas? Espera, então, que eu retorne para nossa casa sem ela? Que direi a todos? Que direi a Orestes, irmão dela, quando o pobre indagar de sua irmã? *Diz em falsete:* — "Orestes, meu filho, sua irmã casou, é verdade, mas em vez do belo Aquiles, tomou Caronte por esposo!"

Agamenon — Minha esposa... Desgraçadamente coube a mim a má sorte de fazer o primeiro grande sacrifício desta guerra! Muitos outros ainda virão, no entanto, e não cairão somente sobre nós. Os tempos são negros, e a cada qual caberá uma cota de sacrifício e de dor...

Ouvem-se vozes e brados distantes.

Primeira voz— Chegou a hora de aplacarmos a ira da deusa!

Segunda voz— Basta! Nossos homens morrem como moscas!

Terceira voz — Procedamos logo ao sacrifício!

Ifigênia corre aos prantos para os braços do pai, enquanto Clitemnestra permanece hirta, com o ar feroz e determinado. Cai o pano.

O SACRIFÍCIO

Ainda no acampamento. Aquiles entra correndo e dirige-se a Clitemnestra e Ifigênia. Os relâmpagos estão mais intensos e trovões ribombam a todo instante.

Aquiles— Os soldados exigem que Ifigênia seja levada imediatamente ao altar!

Agamenon — Espere, tentarei ainda demovê-los.

Agamenon retira-se.

Ifigênia, *para Clitemnestra:* — É o fim, minha mãe! As Parcas cruéis já têm em suas mãos a tesoura que cortará o fio de minha vida.

Clitemnestra— Não, minha filha! Aquiles está aqui e há de proteger-te.

Aquiles— Infelizmente meus próprios homens se rebelam, Ifigênia! Mas nem por isso arredarei pé de seu lado. *Saca então sua espada e põe-se em posição de defesa.*

Ifigênia — É loucura, Aquiles amado! *À parte:* (Amado, que digo? Sim, amado, porque você me defendeu, ainda mais que meu próprio pai!)

O ruído dos gritos aumenta.

Ifigênia *desvencilha-se da mãe e de Aquiles e aponta na direção de onde vêm os gritos:* — Eles todos têm razão! É preciso que se proceda ao sacrifício sem mais demora!

Clitemnestra— Não, minha filha! Você não sabe o que diz!

Aquiles— Somente sobre o meu cadáver a levarão para a terrível pedra dos sacrifícios!

Ifigênia, *tornando-se serena:* — Guarde sua espada, nobre Aquiles. *Depois, voltando-se para Clitemnestra:* — Quanto a você, minha mãe, serene sua alma, pois a minha não pertence mais a ninguém, senão à deusa que a reclama. Nossos navios devem partir sem mais tardança para Tróia, pois há uma infâmia que atinge a todos nós e deve ser a todo custo reparada. Esse ato infame perpetrado por Páris deve ser castigado, ou a ira divina voltar-se-á inteira contra nós mesmos.

Ifigênia compõe suas vestes e seu cabelo.

Ifigênia, *afastando com um gesto de mão Clitemnestra, que faz menção de se aproximar da filha:* — Não, minha mãe, fique aqui. Irei sozinha até o altar e, lá, na presença do sacerdote e dos exércitos, oferecerei meu sangue em holocausto a fim de que seja finalmente aplacada a ira de Diana.

Ifigênia faz menção de seguir, mas a meio caminho retorna, lançando-se aos braços da mãe.

Ifigênia — Adeus, minha mãe... Um dia a deusa permitirá que nos vejamos outra vez, estou certa. Sua cólera há de ser tão curta quão longa há de ser a sua clemência.

Ifigênia retira-se, enquanto Aquiles retém, a custo, Clitemnestra.

Aquiles— É inútil, sua filha já tomou a decisão, e receio que tenha sido a mais acertada...

Clitemnestra, *arrancando os cabelos:* — Jamais concordarei com o sacrifício de minha filha! Nenhuma disputa suja de ambições ou despeites valerá jamais o sangue virgem e puro de Ifigênia! *Tenta desvencilhar-se, mas Aquiles novamente a retém.*

Clitemnestra, *de joelhos e nos braços de Aquiles, finalmente rendendo-se à fatalidade:* — Vamos, deixe-me! Vou me recolher à tenda e só sairei dali quando tudo estiver terminado...

Aquiles aguarda que Clitemnestra entre na tenda. Depois afasta-se, lenta e pesarosamente. Relâmpagos e trovões sacodem o céu. Então, tudo fica escuro.

Ainda sob a escuridão começa-se a escutar o sopro do vento, a princípio fraco, que vai avolumando-se até tornar-se quase um vendaval. Ouve-se o ruído da lona da barraca onde está alojada Clitemnestra sacudir e esbater-se. A cena clareia-se.

O serviçal visto anteriormente surge correndo.

Serviçal— Minha senhora! Um milagre espantoso aconteceu!

Clitemnestra sai de sua tenda, sacudida pelo vento. Seu rosto traz as marcas ensangüentadas de suas unhas. Ela nada diz.

Serviçal— Um milagre, minha senhora... Um milagre aconteceu!

Clitemnestra *move apenas os olhos na direção do lacaio. Sua voz é cava e quase sem emoção, embora se perceba nitidamente que o ódio ferve em sua alma:* — Julga, então, que sou surda, lacaio? Bem sei que minha filha já está morta. *Depois, olha ao redor:* — Os ventos são mais rápidos que os homens.

Serviçal— Mas senhora, sua filha não está morta! Eis o milagre!

Não vendo reação alguma de Clitemnestra, ele prossegue:

Serviçal— Ifigênia foi levada viva pela deusa! Após subir os degraus do altar e oferecer, com admirável coragem, o seu pescoço ao oficiante, vimos quando este finalmente ergueu o seu punhal. Todos viraram os rostos, pois ninguém, por mais rude ou valente que fosse, pôde sequer admitir a idéia de ver com seus próprios olhos tão terrível cena. Todavia, escutamos perfeitamente quando o punhal foi enterrado na vítima. Porém, quando erguemos nossos olhos, não era mais a doce Ifigênia quem estava no altar, mas um cervo, a se debater nos últimos estertores! "Milagre! Milagre!", gritamos todos. O sacerdote, então, ordenou que silenciássemos, dizendo em seguida: "Eis que a deusa compadeceu-se de Ifigênia e decidiu poupar sua vida! Prosternem-se todos à sua divina clemência!" Todos dobramos contritamente nossos joelhos, enquanto o sacerdote retomava a palavra, dizendo: "A deusa levou Ifigênia consigo para Táuris, para que lá seja, a partir de hoje, a sua sacerdotisa. Sua cólera está, enfim, aplacada. Regozijemo-nos!" Neste mesmo instante um forte vento começou a soprar e os soldados ergueram um grito de triunfo e alegria: "Viva! Podemos já partir para Tróia!".

Nesse instante Agamenon surge em cena. Traz um ar de alegria no rosto e abraça-se à sua esposa.

Agamenon— Alegre-se, Clitemnestra, minha adorada esposa! Nossa filha está salva! A deusa bondosa levou-a, para que seja sua sacerdotisa! Tamanha honra jamais esperamos que um dia viria a nos caber! *Depois, voltando-se para o serviçal:* — Vamos, temos muita coisa a fazer. Veja, o vento sopra com força cada vez maior! Aproveitemos para lançar ao mar nossa frota e vingarmos, finalmente, a meu irmão Menelau!

Ele deixa sua esposa, após dar-lhe um beijo. O serviçal o segue.

Clitemnestra está agora só diante da tenda. Os relâmpagos cessam, bem como os trovões. Apenas ***o*** *vento continua a esbater suas vestes e seus cabelos desgrenhados. Então, aos poucos, uma chuva, a princípio fina, começa* ***a cair*** *sobre a solitária figura. Sem perceber, ela permanece imóvel. A chuva aumenta, e Clitemnestra, dando-se conta do fato, ergue sua face ferida e a oferece à água que desce copiosamente do céu. Depois, ergue ambas as mãos e as esfrega na face, para ajudar a limpar o sangue acumulado.*

Clitemnestra, *olhando para as mãos, que misteriosamente permanecem tintas do sangue, apesar da água que delas escorre, diz, então, com* ***o ar*** *malignamente determinado:* -Vingança, Agamenon... Amas, então, a vingança?... Pois seja assim...

Cai ***o pano.***

O ASSASSINATO DE AGAMENON

-... *Senhora... acuda...*

Clitemnestra, rainha de Argos, estava ainda semi-adormecida, sob a claridade baça das cortinas de seu quarto, quando escutou os gritos quase incompreensíveis de sua escrava.

— Como...? O que dizes aí, louca...? — disse a rainha, emergindo do sono.

— Minha senhora — repetiu a escrava -, acuda logo ao que dizem lá embaixo!

Uma forma indistinta remexeu-se abaixo das cobertas, ao lado da rainha, enquanto esta rumava inteiramente despida para a janela de seu quarto. Depois de encobrir a nudez com a cortina, espiou para fora.

— A guerra terminou, minha rainha! — disse o arauto do reino, montado num cavalo que reluzia de suor. — Tróia está em ruínas, e Agamenon, nosso rei, está prestes a retornar!

— Escrava! — bradou Clitemnestra, voltando-se para dentro. — Mande o arauto subir até meu quarto. — Depois, lançando-se sobre a cama, sacudiu a forma que ainda permanecia adormecida e indiferente, sob as cobertas.

— Egisto, vamos, acorde! — disse a rainha, nervosa. Um rosto sonolento emergiu dos lençóis.

— O que houve... ? — murmurou.

— Vamos, levante-se de uma vez! — disse ela, vestindo-se. — Não é bom que o arauto veja você aqui dentro.

O homem ergueu-se, inteiramente nu, e depois de vestir às pressas seu manto desapareceu por uma porta secreta.

— Avise-me quando o arauto chegar — disse ela à escrava. Dali a instantes ele adentrava a peça.

— Conte-me direito tudo quanto você soube — ordenou-lhe a rainha.

Ele contou, então, que os primeiros combatentes já haviam chegado às cidades próximas, com a boa nova da vitória dos exércitos de Agamenon e Menelau sobre as forças troianas de Príamo e seus filhos Páris e Heitor.

— Nossos exércitos não tardam, rainha, a estar novamente entre nós! -completou ele.

— Então Menelau, meu cunhado, finalmente conseguiu trazer de volta sua querida Helena... E Páris, o raptor e causador de tudo, recebeu seu justo castigo?

— Páris está morto, bem como Heitor, seu irmão — disse o mensageiro, satisfeito. — Não resta uma pedra inteira em Tróia, ao que dizem. Nossa vitória foi completa.

Clitemnestra, afetando uma alegria exagerada, rodopiou pelo quarto.

— Que maravilha...!

Depois, procurando dar um tom de alegre ansiedade à sua voz, perguntou finalmente por Agamenon, seu marido.

— Ele... *vive ainda?*

— Sim, rainha, Agamenon, embora ferido, está vivo e goza de boa saúde! Clitemnestra deu largas, então, à sua decepção, chorando copiosamente.

Em seguida fez um gesto brusco com a mão, despedindo o arauto.

— Foi sublime! — cochichou ele, ao cruzar na saída com a escrava. — A rainha não conseguiu conter as lágrimas...!

— Então adeus, arauto, pois já não consigo conter o meu riso! — disse ela, abafando as palavras ao cobrir a boca com a mão.

Clitemnestra ficou ainda um longo tempo andando de um lado para o outro no seu quarto. Uma leve dor começara a latejar no lado direito de sua cabeça. "O desgraçado retorna...!", pensava ela, nervosamente, no seu ir e vir. "Ele, o pulha, que entregou a própria filha, minha Ifigênia, ao carrasco, espera, então, que eu o receba em meu leito novamente?"

Enquanto Clitemnestra remoia seu ódio, o reino inteiro, no entanto, regozijava-se.

— Clitemnestra, o que faremos? — perguntou-lhe Egisto, seu amante, ainda no mesmo dia. — Seu esposo deve chegar muito em breve.

— Pois bem, que chegue, então! — disse-lhe Clitemnestra, afetando uma despreocupação que não sentia. — Preparemos-lhe uma bela recepção.

— Querida, não se faça de boba! — disse Egisto, tomando-a pelo braço. -Cedo ou tarde a notícia de nosso envolvimento chegará aos ouvidos dele.

Ambos ficaram um longo tempo em silêncio remoendo suas preocupações. Egisto esquadrinhava as paredes em busca de uma solução, quando Clitemnestra tornou a falar; seu tom de voz agora era sério e tinha um fundo de perversidade.

— *Uma bela recepção...*

— De novo essa bobagem? — disse Egisto, perdendo de vez a paciência. -Vamos, não temos tempo para graças!

— Não compreendeu ainda, seu tolo? — disse a rainha, abraçando-se ao usurpador.

— Não está pensando em... — disse Egisto, feliz ao ver que sua amante compreendera logo o que era preciso ser feito. Afinal, ele tinha na história de sua família uma longa série de atos infames, que remontavam até Tântalo, seu remoto e cruel ancestral.

— Calemos a palavra... As paredes costumam criar orelhas quando ela soa de maneira inadvertida! — disse ela, acariciando o peito nu do amante.

Egisto sorriu, satisfeito. Depois, arrancando o manto de Clitemnestra, levou-a até o leito.

Finalmente havia chegado o dia em que Agamenon pisaria novamente o solo de sua pátria. O povo, exaltado, enfeitara ruas e praças para recebê-lo. Por toda parte reinava a alegria mais franca. No palácio da rainha, no entanto, as coisas não se passavam exatamente assim: Clitemnestra, tendo passado a semana inteira que antecedera a chegada de seu esposo muito nervosa, havia brigado com seu amante e ofendido-o seriamente. Ela ainda podia sentir no rosto a força da mão direita de Egisto.

"Idiota que fui, também!", pensava ela, tentando dar alguma razão ao gesto tresloucado de Egisto. "Chamá-lo justamente de 'filho do incesto', lembrá-lo que era filho de Tiestes e da própria filha, Pelópia, a única injúria que verdadeiramente o põe louco...!"

— Ora, basta! — disse ela, abanando a cabeça, como quem afasta uma mosca importuna. — Esqueçamos isto, por enquanto, e retomemos nossa lição...

Rumou então para diante do grande espelho que ornamentava seu quarto. Ali, perfilada, recomeçou seus exercícios de cinismo, que dias antes uma alcoviteira escolada lhe havia ensinado.

— Pratique sempre, minha querida — dissera a megera, com seu peculiar esfregar de mãos aduncas. — Pratique dia e noite!

— "Aga... menon! O... ! Benditos sejam os deuses... !" — disse ela, enquanto fazia um esforço tremendo para estender ao máximo a comissura dos lábios.

"Não esqueça da pausa", insistira a conselheira: *"Aga... menon!"* Nesse instante, já quase noite, Agamenon finalmente chegou ao palácio. Estava todo suado da viagem e dos festejos em praça pública.

Clitemnestra, à porta, o aguardava de braços abertos. No seu rosto luzia aquele mesmo sorriso que uma semana de árduo treinamento lhe ensinara a improvisar.

— Aga... menon! O... Benditos sejam os deuses! — disse ela, à perfeição. Agamenon abraçou, perdido de felicidade, a esposa, sob o olhar comovido de todos. Depois ambos foram para dentro do palácio. Junto dele vinha uma mulher de estranho aspecto, que arregalou os olhos de maneira medonha assim que os pôs sobre Clitemnestra.

— Quem é esta mulher, com ar de louca, que trazes contigo? — perguntou a rainha ao esposo, tão logo ficaram a sós em seu quarto.

— É Cassandra, filha do falecido rei de Tróia — disse Agamenon, meio sem jeito. — Será, doravante, nossa escrava.

Nesse instante, porém, o rei avistara por uma fenda do manto um pedaço do seio branco da esposa, e isto foi o bastante para que começasse a arfar descontroladamente.

— Clitemnestra... — resfolegou o rei, despejando nas faces da rainha o seu bafo quente. Em seguida agarrou-a com os modos rudes da época, despiu-a brutalmente e consumou ali mesmo, de maneira cega e egoísta, o ato de amor há tanto tempo protelado.

-Agamenon! Acalme-se! — dissera Clitemnestra, tentando em vão aplacar os furores de Vênus que o dominavam por inteiro.

Após saciar seu desejo por várias vezes, Agamenon abandonou aquele corpo e estendeu-se ao largo do leito para recuperar o fôlego. Clitemnestra, por sua vez, sentindo o suor daquele homem grudado ao seu corpo, virou-se para ele e lhe disse, com a mais descuidada das vozes:

— Querido, não quer agora tomar um banho revigorante para recuperar as forças? Lembre que ainda temos um longo banquete pela frente!

— Banquete? — perguntou Agamenon, de olhos fechados e quase adormecido.

— Sim, meu esposo — disse Clitemnestra, voltando à carga. — Vamos comer e beber até que o flamante carro de Apoio surja outra vez no horizonte.

Aquelas duas palavras, comer e beber, haviam despertado outra vez os vigorosos instintos de Agamenon. Lançando para fora do leito suas pernas de músculos tesos como cordas, Agamenon estava logo em pé, outra vez.

— Tem razão, não podemos frustrar nossos convidados — disse ele, novamente disposto.

Clitemnestra ordenou, então, que Cassandra, a nova escrava, preparasse um banho para Agamenon. Este, reanimado, encaminhou-se para a sala de banhos que ficava no fim do corredor.

Neste mesmo instante Clitemnestra, ainda nua, correu ligeiro até aquela mesma porta secreta que dava acesso ao seu quarto e bateu repetidas vezes. Logo surgiu por uma fresta a cabeça sinistramente alerta de Egisto. Após vasculhar com os olhos a peça inteira, abriu a porta mais um pouco e por ela passou, espremendo o seu corpo robusto.

— Vamos, entre logo! — ciciou sua amante.

— Por que permitiu *tantas vezes...* ? — foi logo dizendo Egisto, todo alterado, com as unhas ainda enterradas nas palmas das mãos.

— Pssssiu! Que estás dizendo, louco? — disse Clitemnestra, baixinho. Egisto ignorou-a e, após colar seus lábios úmidos aos ombros da amante,

por alguns instantes, arremessou-a em seguida ao leito, com fúria.

— *Puá*! — fez ele, cuspindo para o lado. — Sua pele fede à saliva podre do cão!

— Cale a boca, idiota! — falou Clitemnestra. — Quer botar tudo a perder com seus ciúmes ridículos?

— Chamas de "ciúme ridículo" ter de assistir à mulher amada ser lambida por um bode asqueroso, feito um osso ordinário?

Algo disse à Clitemnestra que era hora de devolver aquela bofetada anterior, e ela não hesitou em aproveitar a ocasião.

— Veja como usa as suas comparações imundas para comigo! — disse, aplicando às barbas de Egisto uma sonora bofetada.

— Chamou, minha senhora? — disse Cassandra, a nova escrava, entrando abruptamente, alguns segundos depois do tempestuoso idílio.

— Sim, venha até aqui — disse Clitemnestra, cujos olhos despediam faíscas. Cassandra aproximou-se e, tão logo esteve ao pé da rainha, recebeu desta,

também, outra sonora bofetada.

— Isto é para você aprender, desde já, a não entrar em meus aposentos sem antes se anunciar! — disse Clitemnestra, escarlate de fúria. — Já para fora!

Para sorte do casal de amantes, Egisto, prudentemente, ocultara-se antes da entrada da infeliz Cassandra. Entretanto, também fora tudo em vão, pois a nova escrava já sabia do romance que ambos mantinham, mesmo antes de chegar à terra de Agamenon, agraciada que fora pelos

deuses com o dom da profecia. Por várias vezes havia alertado inutilmente o rei, durante a viagem de retorno a Argos, que sua mulher o traía e que um dia haveria de tramar a sua morte, além da dela própria, Cassandra.

Infelizmente não pudera prever que isto se daria tão em breve.

— Vamos de uma vez! — disse Clitemnestra ao amante, que reaparecera como num passe de mágica, esquecido já da agressão.

Os dois puseram-se, então, porta afora. Egisto tomara uma rede de grossa e intrincada trama e a levava enrolada no braço, enquanto Clitemnestra segurava atrás das costas um pequeno machado de dois gumes.

Assim, pé ante pé e encostados à parede, atravessaram o corredor parcamente iluminado por um archote quase exaurido, que ainda bruxuleava, envolto na penumbra.

Escutaram a voz de Agamenon, que parecia devanear sob a água tépida do banho:

— A sombra do Hades... Silêncio, Cassandra... Um crime hediondo... Silêncio...

Sua barba brilhava, orvalhada pelos respingos da água, enquanto mais acima seus olhos cerrados moviam-se celeremente por baixo das pálpebras.

— Ele sonha...! — disse Egisto, com os lábios colados à orelha de Clitemnestra.

— Vamos acordá-lo, então! — replicou em surdina a mulher, a quem a piedade não consegue afrouxar um único músculo. Depois, erguendo a voz, exclamou, ainda no corredor:

— Agamenon, meu marido! Apresse seu banho que seus convidados lhe esperam!

O marido de Clitemnestra, subitamente desperto, mergulha então a cabeça mais uma vez no fundo da tina. Alguns segundos depois a retira, dando um longo hausto que espalha uma chuva de gotas d'água por toda a peça. Em seguida, põe-se em pé, procurando manter o equilíbrio. O ruído intenso da água que escorre através dos espessos pêlos de todo o seu corpo, indo desaguar na tina quase repleta, dá a impressão de uma chuva abundante que cai naquela peça.

— Chegou a hora, Egisto... VAI! — ordena Clitemnestra a seu amante.

Egisto pula para dentro da peça e lança sobre Agamenon a rede de fios solidamente tecidos.

— O que é isto... ? — exclama Agamenon, debatendo-se feito um inseto na teia. Nesse mesmo instante Clitemnestra, num salto de felina, põe-se às costas do marido e exclama, erguendo ao alto o machado recoberto de crostas de ferrugem:

— Para trás, Egisto! — diz ela, afastando seu cúmplice.

O machado desce velozmente, arrancando do ar um zunido.

Clitemnestra, entretanto, erra o alvo, acertando, em vez da cabeça de Agamenon, a sua clavícula direita. O rei lança um grito terrível e dobra um joelho, envolto sempre nas malhas da rede.

— Isto, celerado, é por ter me arrebatado Ifigênia! — diz Clitemnestra, num tom de voz claro o bastante para ser compreendido.

Com um puxão, Clitemnestra arranca das carnes de Agamenon o ferro imundo e, erguendo-o ao alto outra vez, desce-o em novo golpe feroz. Desta vez obtém sucesso, acertando a cabeça do esposo, que se fende como uma romã.

— Veja, Egisto! — diz ela, tomada por um furor quase báquico. — Com que profusão seu sangue negro verte pelo chão até esquentar os meus pés.

Agamenon já estertora, quando Clitemnestra aplica-lhe um terceiro e definitivo golpe sobre o peito.

Tudo consumado, Clitemnestra e o amante já se preparam para deixar o local do crime quando Cassandra, a filha de Príamo, surge à sua frente. Sua boca espuma e seus olhos esgazeados rebrilham sob a luz tremida do archote, que quase se apagara pela violência dos arremessos do machado.

— Assassina... Assassina... Oh, lugar de maldição! — diz Cassandra, horrorizada.

— Eis, então, a cadela que o porco trouxe de Tróia maldita, para refocilarem juntos! — exclama Clitemnestra, segurando ainda o cabo do machado, agora completamente molhado do sangue que cai da lâmina.

Ato contínuo, desce a arma sobre a indefesa mulher, que cai morta ao chão.

— Vamos embora, Clitemnestra! — diz Egisto, o assassino de Atreu, que desta vez apenas assistira à consumação de mais uma infâmia.

Quando ambos chegam, enfim, ao quarto de Clitemnestra, a rainha abraça-se finalmente a Egisto.

— Está feito, querido! — diz ela, cujos olhos luzem de satisfação.

— Sim, minha amada! — responde Egisto, enterrando os dedos nos cabelos da rainha.

— "Sim, *minha cúmplice"!* — diz ela, pedindo com os olhos. — Vamos, repita! Egisto reluta, a princípio, mas finalmente, rendido ao olhar de Clitemnestra, obedece:

— Sim, *minha cúmplice*. Sim, minha cúmplice adorada!

— Logo, meu amado Egisto, você será feito senhor de todo este reino diz ela, acariciando o largo peito do amante com as mãos que empunharam a arma fatal.

Acostumado, porém, ao odor do sangue das suas vítimas, o ardente Egisto sequer percebe que é seu peito, agora, que está todo manchado de um vermelho escuro e sinistro.

ORESTES E AS FÚRIAS

— Orestes, filho de Agamenon e Clitemnestra! — disse a deusa Minerva, pondo-se em pé, ao alto da tribuna. — Você está agora diante dos doze juízes deste Areópago para que responda à acusação de ter dado morte cruel à sua própria mãe.

O acusado ergueu-se, vacilante, e deu um passo adiante. Atrás dele, contidas a custo por Apoio, o defensor de Orestes, estavam três horrendas figuras que, com os braços estendidos, procuravam agarrar e dilacerar o réu.

Eram as Fúrias, divindades infernais do ódio, da vingança e da justiça. Virgens caçadoras, eram filhas da Noite e viviam no Tártaro. Possuíam asas rápidas e horrenda fisionomia. Eram três: Megera, que personificava a inveja e o ódio, Tisífone, que açoitava os mortais com seu chicote, e Alecto, a mais terrível, que personificava a vingança.

— Para trás! — exclamou Minerva, algo impaciente, às selvagens criaturas. — Cessem por um momento a sua ira, para que ouçamos o que o réu tem a dizer em sua defesa.

— O que pode dizer o assassino da própria mãe? — exclamou Tisífone, fazendo estalar o seu chicote de cobras trançadas sobre as costas do acusado.

— Sim...! — acrescentou Alecto, outra das terríveis Fúrias, aproximando o facho do rosto do acusado. — Vamos inaugurar entre nós, então, o insano costume de conceder perdão aos parricidas?

— Irrisão! — gritou Megera, a terceira das irmãs infernais, com os olhos raiados de sangue. — Malditos todos aqueles que tomarem o partido deste cão odioso!

— Basta, filhas do Tártaro! — disse Minerva, silenciando as três. — Quero ouvir, a partir de agora, tão somente a voz do acusado.

Um silêncio pleno de expectativa desceu sobre o recinto, fazendo-se ouvir somente o estalar das flamas que ardiam nos archotes portados pelas sinistras irmãs.

— O que venho aqui pedir — disse Orestes, encarando os seus julgadores -é que ponham um fim aos meus tormentos, libertando minha consciência, afinal, da cruel perseguição que lhe movem estas terríveis criaturas desde o dia em que, funestamente, minha mão ergueu-se contra minha própria mãe! Eis, pois, a minha negra história — completou o acusado.

"Meus tormentos começaram na terrível noite em que, ainda criança, fui acordado por minha irmã Electra, a me dizer com os olhos esgazeados:

— Meu irmão Orestes, tome suas coisas e parta o quanto antes desta casa! Senti que algo me arrancava brutalmente da mais amena província de

Morfeu para me lançar no mais horrendo dos abismos de Plutão.

— O que diz, Electra? — perguntei-lhe, com o sono ainda a cerrar minhas pálpebras.

— Nossa mãe, Clitemnestra, e o odioso homem que ela tomou por esposo tramam a sua morte! — disse ela, sacudindo-me, para espantar de mim os últimos vestígios de sono.

Em rápidas palavras, explicou-me, então, que, tendo ambos tramado e levado a efeito a morte de nosso pai Agamenon, planejavam agora desvencilhar-se também de mim. -justamente aquele que, futuramente, poderia querer tirar deles uma sangrenta desforra! Bastaram algumas poucas palavras do infernal Egisto para que minha mãe, baixando a cabeça, concordasse. 'Faça o que tiver de ser feito, amado Egisto, para que nosso amor não corra perigo algum...!', dissera ela, simplesmente. — 'Eu amo você, um crime selou nosso destino, e nada neste mundo poderá nos separar! Nem mesmo nas sombras mais escuras dos mais profundos antros infernais — prometa-me! — você vai permitir que nos separem...'.

Sua consciência já a remetia, insensivelmente, aos lugares de tormento e maldição; porém, ainda assim, ela persistia no seu projeto insano de continuar a viver ao lado daquele crápula! 'Oh, Vênus suprema, pode o amor, então, estar associado à tanta baixeza?!', perguntava-me, enquanto arrumava minhas coisas para partir imediatamente.

Antes do dia clarear, já estava a caminho da casa de meu tio Estrófio, rei da Fócida. Ele era casado com a irmã de meu falecido pai, e ali eu podia estar certo de minha segurança. Quanto à minha irmã Electra, preferiu permanecer em Argos, pois, segundo o que ouvira, imaginava não correr tanto perigo quanto eu.

Ao chegar na Fócida, fui bem recebido pelo rei e a rainha e apresentado ao seu filho Pílades, este mesmo que aqui vem beber, com ansioso olhar, as minhas palavras.

Oh, fiel e dileto amigo Pílades! Desde então, como um irmão gêmeo, você jamais me abandonou... E mesmo neste momento de cruel provação, ainda uma vez me lança o olhar firme e leal da amizade! Que Júpiter supremo, ó meu irmão — pois sempre assim o chamarei -, possa velar incessantemente pelos seus passos, em todos os dias da sua vida!"

Neste momento, Orestes, tomado pela emoção, viu-se obrigado a interromper sua narrativa, pois os próprios juízes haviam curvado as cabeças para ocultar as lágrimas. As Fúrias vingadoras, no entanto, ergueram ainda mais suas cabeças aduncas.

Megera, dando um salto, arrepanhou suas tranças emaranhadas de víboras, após arremessar na direção de Orestes uma cuspida de negra bile, e em seguida passou os olhos, enojada, pelos doze julgadores:

— *Puá*... Se tais são estes juízes, que ocultam as lágrimas por qualquer bagatela, que podemos esperar, irmãs, desta pantomima?

Apolo, então, que protegia a causa de Orestes, interveio:

— E o que entendem vocês de amizade, abutres sinistros, para que emporcalhem de maneira tão vil as belas palavras de Orestes? Querem descer, então, ao nível das harpias hediondas, que empestam com sua baba imunda tudo quanto tocam?

— Até quando permitirá, Minerva, que este protetor de assassinos desafie a justiça, que clama unânime pela punição deste que aí está? — exclamou Tisífone, interrompendo o deus e apontando seu dedo adunco para Orestes.

— Acabemos com esta discussão e faça-se a justiça que todo o Olimpo espera! — bradou Aleto, a terceira das Fúrias, lançando aos pés de Orestes a sua tocha ardente.

— Basta, terei de lembrar a todos que não estamos num teatro? — disse Minerva, erguendo o braço e restaurando a ordem outra vez. — A palavra é devolvida ao acusado. Procure, apenas, ser mais direto em sua narração — disse ela, cochichando para Orestes.

Este, recobrado, pôde enfim retomar a sua narração.

"Como estava dizendo, tão logo cheguei à corte de meu tio Estrófio fiquei conhecendo Pílades. Tal como eu, era ainda um garoto, e assim juntos crescemos, desfrutando das alegrias que ainda nos restavam da infância.

Os anos se passaram, e um dia, já adulto, fui impelido por Pílades a consultar um oráculo, para que esse pusesse fim, segundo ele mesmo disse, 'aos meus rancores ou às minhas protelações'. Fomos, então, para Delfos e ali escutamos o oráculo proferido por Pítia, sacerdotisa de Apolo. Este foi categórico no sentido de que eu devia, a qualquer custo, vingar a morte de meu pai, Agamenon, expulsando para as regiões infernais o infame usurpador, bem como minha desgraçada mãe. Partimos, então, imediatamente, eu e Pílades, para Argos, a minha terra natal.

Depois de vários dias de viagem, chegamos finalmente, sujos e cansados -pois íamos a pé, como qualquer um, para não levantar suspeitas -, à minha terra.

A primeira coisa que fizemos foi ir logo ao túmulo de meu pai, para reverenciarmos a sua alma.

Lá chegando encontramos apenas uma jovem, que trazia a cabeça coberta por um véu, a qual não deu pela nossa presença. Sem me importar com ela, depositei um cacho de meus cabelos sobre a tumba, tomado pela emoção. Alguns instantes depois, no entanto, ela voltou-se para nós, ainda com o rosto velado, e disse:

— Não sabem, intrusos, que o acesso a este local é vedado a estranhos? Pílades, que sempre teve melhor presença de espírito que eu, improvisou logo esta resposta engenhosa:

— Perdão, jovem, mas somos estrangeiros. Sem sabermos de tal proibição, julgamos que seria um ato de piedosa devoção virmos, antes que tudo, reverenciar a memória do falecido rei.

A moça, contudo, em vez de continuar a nos recriminar, descobrira a cabeça e, fora de si, me disse:

— Benditos sejam os deuses! Será mesmo meu irmão Orestes quem tenho agora diante dos olhos?

Imediatamente reconheci naqueles jovens e belos traços a figura de minha querida irmã Electra! E antes que pudesse responder vi-me em seus braços, num pranto incontido. Disse-lhe, então, após fazer o relato daqueles anos todos de nossa ausência recíproca, da razão de minha vinda. Ela concordou prontamente com meu plano de matar os assassinos de meu pai, pois não deixara um instante de nutrir um ódio profundo, tanto por Egisto quanto por nossa mãe. Assim, ocultou-nos em sua casa — pois não morava mais no palácio -, e ali planejamos todos os passos para a concretização de nossa vingança."

"Alguns dias depois", recomeçou Orestes, em seu depoimento, "fomos eu e Pílades até o palácio real e nos fizemos anunciar como dois arautos do reino de meu tio.

— Temos uma triste notícia a dar sobre o filho de Clitemnestra — disse Pílades, que segurava, de maneira enigmática, uma grande caixa dourada.

Os dois não tardaram a aparecer. O primeiro a surgir foi o assassino de meu pai. Trazia o ar francamente esperançoso, pois havíamos plantado em seu coração, com nossas calculadas palavras, a certeza de que trazíamos a notícia de minha morte.

Em seguida surgiu minha mãe, Clitemnestra.

Que dizer do aspecto que trazia, então, em seu rosto? Como negar que, suspeitando de minha morte, não tivesse o direito de ostentar em seu rosto a piedade materna?

Oh, desde aquele dia não tenho pensado em outra coisa. Mil vezes, em pensamentos ou em sonhos (que digo?, em meus *pesadelos!),* revi e continuo a rever suas feições estranhamente familiares. Posso reconstituir um a um o desenho de seus traços, desde o conjunto amplo do seu rosto até os seus menores gestos: o franzir de sua boca, o brilho dúbio de seus olhos — tudo, tudo! Dêem-me um carvão ou um bloco de mármore, e os reproduzirei todos, tais quais os vi, então! — e, no entanto, não saberia dizer, ainda neste instante, *o que expressavam ou escondiam!.* Diferentemente de Electra, ela não me reconhecera.

Mais um sintoma de sua indiferença por mim? Ou talvez meu rosto não fosse mais o de um filho? Pode, então, um filho que germina durante longos anos no espírito a idéia de matar a sua mãe trazer ainda algo nas feições que o indique como tal? Pode uma mãe que um dia desejou a morte do filho pôr os olhos nele sem que seu coração se parta em dois? Seríamos, mesmo, ainda mãe e filho — ou já dois estranhos, que se defrontavam para um acerto final?

Só sei que quando dei por mim escutava a voz familiar de meu amigo Pílades, a qual me soava, entretanto, como que vinda de um sonho:

— Os maus fados abatem-se novamente sobre esta casa, pois eis que trazemos nesta urna as cinzas de Orestes, filho de Agamenon.

Nesse instante, meus olhos, temendo ver a alegria estampada nos olhos de minha mãe, desviaram-se involuntariamente e foram parar no rosto do impostor, o qual, eu tinha certeza, não conseguiria ocultar a satisfação.

Com efeito, vi imediatamente seus olhos brilharem. Em seguida, recuperando mal e porcamente o seu cinismo habitual, dirigiu-se a nós outra vez, velando, porém, a voz:

— São verdadeiramente funestas as novas que nos trazem... Depois, voltando-se para Clitemnestra, gemeu sordidamente:

— Oh, Clitemnestra, que dia aziago é este, que Júpiter nos anuncia? Não podendo, então, suportar por mais tempo essa farsa abjeta, Pílades

abriu a caixa que mantinha em suas mãos, sem, no entanto, permitir que os olhos dele vissem-lhe o conteúdo. Maldito cão infernal! Se tivesse continuado a nos olhar, teria visto luzir, então, em nossos rostos, o reflexo do aço dos punhais.

Enquanto os dois assassinos entreolhavam-se, simulando um luto atroz, Pílades sacou da caixa o seu punhal, me estendendo rapidamente o outro. E quando o rei e a rainha dirigiram outra vez para nós os seus olhares, nos encontraram já de armas em punho.

— Mas... o que é isto? — exclamou o usurpador.

Pílades, então, sem dar uma única chance para o adversário, enterrou com toda a força o ferro no seu coração. Em seguida retirou-o do peito de Egisto, que cambaleou para trás, já com a fronte gelada pela mão da Morte. Quando caiu ao chão vomitava um sangue negro, que cobriu inteiramente o seu peito infame, agora descoberto.

Ouvi um grito sufocado — um terrível e mudo grito! — que as duas mãos de Clitemnestra foram insuficientes para abafar.

— Orestes, faça agora o que lhe cabe! — gritou-me Pílades.

Levantei meus olhos do corpo retorcido do vilão e finalmente defrontei meus olhos com os de minha mãe.

Oh, sim, éramos mãe e filho, embora ao nosso jeito!

— Você... meu filho... Orestes... — gemeu ela, branca como o mármore que pisava.

Nada respondi, nem tentei justificar o ato que estava prestes a cometer. Um tal ato traz a sua própria justificação. Ergui o punhal e, desde então, nunca mais vi o seu rosto. Sua voz, porém, tive de escutar uma vez mais:

— Orestes, filho meu... Perdoe o sangue do seu sangue...

Minha mão, suspensa no ar, hesitou por alguns instantes. Mas Pílades, enérgico, repetiu:

— Orestes, lembre-se do oráculo! Faça o que deve ser feito!

O reflexo de algo brilhou rapidamente diante dos meus olhos. A lâmina, porém, ainda estava no alto, na mesma posição. Era a mesma. O aço brilhava, igualmente. Mas luzia nele, agora, uma mancha vermelha, que descia em vários filetes pelo metal, até alcançar o cabo de prata. Olhando para a frente, vi, então, estupefato, o corpo de Clitemnestra, rainha de Argos, estendido no chão...!

— Está feito o que tinha de ser — disse meu companheiro e me puxou pelo braço, para me afastar daquele lugar, para sempre maldito.

Nesse instante, porém, meu entendimento se turbou, e meus olhos se nublaram. E dessa névoa funesta vi surgirem aos poucos, à minha frente, essas odiosas criaturas — essas mesmas que ainda agora ali se assanham, ávidas por dilacerarem meu corpo inteiro!"

A deusa Minerva, entendendo que acabara a defesa de Orestes, deu, então, por iniciada a votação que condenaria ou absolveria o réu. Cada qual dos doze juízes ergueu-se de seu assento e dirigiu-se solenemente à urna de votação, acompanhados sempre pelos olhares ávidos dos demais presentes. Ocultamente, introduziam em uma urna uma bola branca ou preta, conforme a natureza do seu voto.

As Fúrias, sempre inquietas, sibilavam ameaçadoramente a cada julgador que por elas passava, agitando suas tochas. Apolo, que recebera Orestes em seu templo para proceder à sua purificação, consolava-o, incutindo-lhe ânimo.

Encerrada a votação, finalmente Minerva começou a retirar as bolas da urna. Por seis vezes sua mão colheu de dentro bolas brancas. E, por outras seis, as bolas pretas.

— Os juízes não chegaram a um acordo — anunciou a deusa, laconicamente.

Orestes, angustiado, não sabia o que dizer nem o que esperar. As Fúrias abriram suas negras asas e entoaram seu espantoso hino, no qual clamavam pelo castigo mais cruel.

Minerva, a justa, decidiu, então, proferir ela mesma o voto decisivo:

— Meu voto será irrecorrível — disse, olhando severamente para todos -, e ai daquele que ousar empregar palavras rudes para contestá-lo!

A deusa subiu os degraus até a urna e diante dela depositou secretamente o solitário voto. Em seguida, um dos juízes foi chamado para retirar dali o voto e proclamar a sentença.

— Minerva, deusa da sabedoria e magistrada suprema deste tribunal, decide agora pela absolvição do acusado! — disse, afinal, o juiz, retirando da urna a bola fatal.

— Parece que se encerra, finalmente, a época cruel das selvagens punições e das terríveis expiações — disse Apolo às Fúrias, com o semblante luminoso.

As três irmãs, contudo, esbravejavam, clamando contra o veredito:

— Que ninguém invoque, nunca mais, o nosso nome! Do antigo templo da justiça restam, agora, apenas destroços! Guardem bem estas palavras, pois exatamente isto repetirão futuramente os poetas.

— Que lhes disse, filhas do Érebo? — perguntou Minerva, encerrando a sessão.

Quanto a Orestes, abraçou-se ternamente a seu amigo e primo Pílades, sabendo que consigo encerrava-se, finalmente, o horroroso ciclo de crimes em sua família.

MENELAU E PROTEU

Menelau, regressando vitorioso de Tróia, tem agora, diante de si, a ninfa Idotéia.

— Bela ninfa, que aqui me vês perdido com meus barcos e homens nesta costa do Egito, para nós tão inóspita e longínqua quanto a extremidade do mundo! — diz o audaz navegante. — Durante os últimos anos não temos feito outra coisa senão tentar regressar a nossos lares e retomar o doce remanso que eram nossas vidas antes dessa guerra cruel, que tantas vidas custou a vencidos e vencedores...

— O, bravo Menelau! — responde a suave ninfa. — A sua presença e a da sua esposa Helena só podem enobrecer estas águas que ora vos sustentam. Porém compreendo perfeitamente a razão das suas queixas. Por isso, vou dizer agora o que você deve fazer para alcançar o rumo de sua casa.

— Diga, ninfa gentil, e lhe seremos gratos por toda a vida! — exclama Menelau, redobrando a atenção.

— Filha sou de Proteu, o pastor dos rebanhos aquáticos de Netuno, de quem é filho, e somente da boca dele vocês poderão escutar o que as suas alma desejam ouvir. Ele tornou-se um grande adivinho, recompensado que foi por seu pai pelos serviços que continuamente lhe presta, e saberá perfeitamente indicar o caminho que vocês devem seguir.

Os rostos de Menelau e de seus homens refulgem.

— Porém, cuidado! — diz a ninfa, suspendendo um alvo dedo. — Meu pai, por ter sido tão importunado em razão desse seu dom, tornou-se o mais esquivo dos seres. Eis por que de nada valerão as artes da eloqüência se você desejar dele se aproximar.

Depois de orientado, então, acerca dos artifícios de que deveria valer-se para arrancar do fugidio Proteu a informação que precisava, Menelau e seus barcos partiram com a velocidade do vento.

O dia amanheceu e segue já o seu curso. Escondidos ao pé de uma gruta não menos oculta estão Menelau e três de seus companheiros.

— Atenção, todos! — declara o comandante. — Devemos agora munir-nos de paciência e aguardar até que Proteu faça sua aparição.

O sol está a pino, e é nesse exato instante que a figura imponente do filho de Netuno surge das profundezas do mar. A água salgada escorre em cachoeiras de seus longos cabelos e lhe desce em ondas sinuosas pelo corpo escamado. Um rebanho imenso de peixes e animais marinhos turbilhona ao seu redor, parecendo disposto a segui-lo em terra.

— Estejam silentes, agora, inquietas criaturas! — esbraveja Proteu. — Chegou a hora de meu descanso, na qual terei por companheiro apenas o discreto Silêncio.

Com efeito, Harpócrates, a divindade do silêncio, ali está postada à entrada da gruta. Proteu, sabedor da natureza discreta da divindade em questão, sabia também que o melhor jeito de homenageá-la é passar por ela sem nada dizer.

— Vamos atrás — diz Menelau aos três companheiros.

Os quatro carregam a oito mãos uma corda extraordinariamente grossa, arrancada de suas embarcações. Mais tarde, tão logo escutam um forte ressonar dentro da gruta, adentram-na, sem serem importunados pelo Silêncio, que já partiu adejando, aborrecido com aquele som pavoroso. Uma vez lá dentro todos são obrigados a tapar os ouvidos com as mãos, tão forte o ronco do deus.

— Pelos deuses! — exclama um dos homens. — Parece que escuto seu ronco nas profundezas de uma enorme concha marinha!

— Silêncio, ou daqui a pouco o escutará nas profundezas escuras do seu estômago! — adverte o prudente Menelau.

Mas Proteu está mergulhado num sono pesado, e nada além do estrépito de seu ressonar poderá tirá-lo do estado que os poetas chamam de irmão da morte.

Menelau ordena a seus homens que amarrem fortemente os membros do deus. Depois de o imobilizarem, agarram-se ainda, com todas as suas forças, aos seus braços e pernas.

— Ó Proteu, digno pastor dos rebanhos de Netuno! — lisonjeia Menelau, agarrado ao pescoço do deus. — Perdoa nossa rudeza, mas foi-nos dito que doutro modo as suas sábias palavras não se fazem ouvir.

O deus, acordando, dá-se conta de sua desafortunada situação.

— Como, então, se atrevem, reles mortais? — ruge Proteu, tentando desvencilhar-se.

Mas é tudo em vão. Sentindo seus membros completamente imóveis, o deus recorre, então, a um espantoso recurso: numa fração de segundos, ei-lo transformado em um pavoroso leão.

— Agarrem-no, ainda uma vez! — exclama Menelau, de músculos retesados. A fera debate-se com fúria, porém inutilmente. Vendo seu insucesso, o deus muda-se agora em dragão.

— Segurem-no, mais uma vez! — exclama novamente o audaz Menelau.

O dragão debate-se horrivelmente, cuspindo labaredas para todos os lados. Mas é ainda em vão: continua solidamente preso às amarras e aos braços dos cinco homens robustos.

— Por quanto tempo resistiremos ainda a este dragão? — exclama um deles a Menelau.

Mas já é um leopardo que agora todos abraçam.

— Força, ainda uma vez!

Dentro em pouco um enorme javali escoiceia sob as cordas, arremetendo com suas presas afiadas contra os seus captores.

— Comandante! — diz agora outro homem, numa dúvida assustada. — Se é verdade que ele pode também tomar a forma da água, como faremos para mantê-lo preso em nossas mãos?

— O primeiro passo é afrouxar o músculo solto de sua língua e retesar os demais! — exclama Menelau, rubro do esforço de manter imóvel o deus.

Felizmente, porém, Proteu dá-se por vencido.

— Vamos, satisfaçam logo sua curiosidade e deixem-me em paz! — exclama o deus, furibundo. A entonação de sua voz é a de quem dá uma ordem e jamais a daquele que admite, humilhado, a derrota.

E foi assim que Menelau obteve a sua resposta acerca da direção que devia seguir para chegar em casa e partiu de volta para o seu reino. Junto dele seguia Helena, sua adorável mulher, que em artes de mutabilidade excedeu o talento de qualquer outro deus.

O CASTIGO DE ESCULÁPIO

— Júpiter, meu pai — disse Mercúrio, filho e ágil mensageiro do pai dos deuses. — Caronte, o barqueiro dos infernos, vem subindo das profundezas do Tártaro para lhe falar.

— *Caronte?!* — exclamou Júpiter. — O que vem fazer aqui o condutor de almas?

— Boa coisa não há de ser, pois seu semblante está carregado e sua voz, desde longe, ecoa asperamente.

Dentro de instantes o velho barqueiro adentrava o palácio de Júpiter, brandindo com fúria o seu imenso remo.

— Onde está aquele infernal Apolo? — disse Caronte, espumando negro pela boca.

— O que houve, meu delicadíssimo ancião? — inquiriu Júpiter, cofiando a sua imensa barba branca.

— O que há é que Esculápio, filho deste folgazão, anda arrebatando despudoradamente os meus passageiros, que são também os súditos de seu irmão Plutão, isto é que é! — exclamou o barqueiro infernal, sacudindo o punho. -Já há alguns dias vinha notando que minha barca andava inativa, por falta de passageiros, o que já muito me intrigava. Mas agora, definitivamente, a coisa extrapolou de vez, pois desde ontem tenho sido obrigado não só a atravessar o Estige com a barca completamente vazia, como também a trazer de volta da outra margem as almas dos mortos que há muito eu já havia levado para a Morada das Sombras!

— Chame Apolo — disse Júpiter a Mercúrio, ao ver que o caso era grave. Dentro em pouco o luminoso deus adentrava os soberbos paços de Júpiter.

— Eis o tal...! — disse Caronte, com um muxoxo de desdém.

— Apolo, explique já o que seu filho Esculápio anda aprontando lá embaixo — disse Júpiter, pondo uma nota mais forte de autoridade em sua voz.

— É simples, meu pai — disse Apolo, que já estava ao par de tudo, graças à língua eficiente de Mercúrio, que parecia ter asas como suas famosas sandálias. — Esculápio vem adquirindo tamanha eficiência em sua arte curadora, pois deves saber que é o melhor médico de quantos o mundo possa haver um dia gerado, que, além de curar seus pacientes, conseguiu agora descobrir um modo de ressuscitar aqueles que a Morte lhe raptou em embates anteriores.

— Isto é formidável... — exclamou Mercúrio.

— E como faz para realizar tamanho prodígio? — inquiriu Júpiter, francamente alarmado.

— A receita somente ele possui — disse Apolo, com uma ponta de orgulho do filho -, mas sabe-se que se utiliza, dentre outras substâncias, de um filtro poderoso extraído do sangue de Medusa, uma das Górgonas malditas.

— Ah, o sabichão! — exclamou Caronte, tomado pela cólera. — Pretende então subverter a ordem do Universo, misturando mortos com vivos, até esvaziar as regiões subterrâneas de seus habitantes?

— E por que não? — disse Apolo, imaginando, por alguns instantes, um mundo sem velórios nem funerais.

Caronte, escutando isto, falou:

— Ouçam todos! Antes de subir para cá encontrei no caminho a Morte, debruçada miseravelmente sob a carcaça apodrecida de um antigo cipreste. Que figura lastimável apresentava, então! Escutando seu pranto, lhe disse: "Velha amiga, que choradeira toda é esta?". Ao erguer sua cabeça vi que um pranto copioso descia de suas duas órbitas vazias. Seu sorriso, que dizem eterno, me pareceu apenas o esgar grotesco das faces golpeadas pela desgraça! "Caronte, amigo!", disse-me ela, soluçando sua voz fina e esquálida. "Sinto que finalmente chega para mim, também, o último suspiro!" A Morte frente a frente consigo mesma! Eis ao que meus olhos incrédulos estavam assistindo! Ao lado dela, sob um monte de folhas mortas, vi negrejar o pedaço adunco de sua outrora tão operosa foice. Que lástima! Agora ali estava convertida num pedaço inútil de ferro, que um juntador de trastes atirou para a carroça com um sacrílego bocejo de tédio. Quando me voltei para minha pobre amiga, acreditei-a, então, finalmente acabada. Sua face, sempre sadiamente pálida, agora trazia a lividez espectral dos mortos. "Morte, amiga, vamos, reaja!" Massageei vigorosamente suas costelas proeminentes e consegui, graças aos deuses, chamá-la de volta à vida!'...

— Isto é a sério... ? — cochichou Mercúrio a Júpiter.

— Silêncio, leva-e-traz! — exclamou Caronte, que tinha os olhos cheios de água. — Tão logo a Morte readquiriu um pouco da sua saudável palidez, ergueu um pouco a cabeça e, depois de puxar para trás as suas trancinhas de víboras disse-me: "Caronte, só você pode me ajudar! Acabe com aquele curador de doenças insolente ou perecerei! E você ficará para sempre sem o seu emprego e seus queridos óbulos!" Eis, Júpiter, o que o filho deste aqui prepara para nós todos!

Júpiter, o deus dos deuses, o juiz supremo, dispensou todos, menos Mercúrio, a quem disse:

— Vá até as forjas e peça aos ciclopes que fabriquem o melhor raio que conseguirem. Mas atenção, que seja um raio o menos indolor possível...

Mercúrio, entrevendo tudo, lamentou a sorte que se preparava para o pobre Esculápio. Ainda assim, foi cumprir sua missão. Ao fim do dia retornou com a peça maravilhosamente confeccionada.

— Ótimo! — exclamou Júpiter, admirando o desenho do raio.

Em seguida procurou um bom local para sua pontaria e, mirando no pobre filho de Apolo, aqui na Terra, desferiu sua mortífera seta. Esculápio caiu morto no mesmo instante e logo estava no Olimpo, diante de Júpiter:

— Desculpe, meu neto, mas não havia outro jeito — disse Júpiter, pondo a mão sobre o ombro de Esculápio. — Você estava prestes a provocar uma revolução na terra, no céu e nos infernos. Mas não se preocupe, a partir de agora será imortal como nós, e farei de você uma bela constelação no firmamento!

— Grande coisa... ! — disse Esculápio, já longe dos ouvidos do deus supremo. — O velho ainda acha que tem graça essa brincadeira de transformar alguém em constelação!

Enquanto isto, entre os mortais, o culto de Esculápio apenas começava a germinar.

O PRÊMIO DE TROFÔNIO

Trofônio, filho de Apolo e Epicasta, era um dos mais célebres arquitetos da Antigüidade. Junto com seu padrasto Agamedes, ergueu belíssimas construções, tais como o quarto nupcial de Alcmena, mãe de Hércules, e o templo de Netuno, na Arcádia.

Sabedor disso, Apolo mandou chamar Trofônio e Agamedes imediatamente.

— Quero que construam um magnífico templo para mim — disse o deus. Padrasto e enteado aceitaram o desafio. Desde aquele dia debruçaram-se sobre a planta com seus utensílios de desenho, erguendo arcadas, projetando abóbadas e imaginando mil e uma volutas e arabescos para os pilares.

— Vai ser uma obra-prima — dizia Trofônio ao padrasto, que concordava, ajustando o compasso.

Depois de um mês de intenso labor, finalmente apresentaram a Apolo o projeto.

— Nada menos que magnífico — disse o deus, dando uma palmada de alegria no joelho. — Mãos à obra, imediatamente!

Trofônio e Agamedes gastaram os próximos seis meses numa labuta infernal para erguer do chão a esplendorosa construção. A cada dia uma nova maravilha surgia ante os olhos deliciados dos pedreiros.

— Que beleza !— exclamava um, de colher parada na mão.

— Um estupor! — exclamava outro, com o queixo caído.

— Vamos lá, vamos lá! — gritava Trofônio, num azáfama incessante, o que não o impedia de exclamar a Agamedes, quando ambos eventualmente cruzavam um pelo outro:

— Vai ficar daqui, ó!

E o outro concordava, suado e sobraçando as suas plantas.

Ao fim do prazo a obra estava pronta. Apolo foi chamado, e uma venda foi colocada sobre os seus olhos — sugestão do próprio Trofônio, que apreciava mais que tudo ver o brilho de espanto e alegria nos olhos dos clientes.

Assim que a venda foi retirada e Apolo pôde contemplar a maravilha que os dois arquitetos haviam erguido em sua homenagem, chegou quase a perder os sentidos.

— Rápido, tragam-lhe um pouco de hidromel! — exclamou Agamedes, que tinha sempre à mão esse recurso para trazer de volta a cor ao rosto dos clientes estupefatos.

— Vocês são estupendos, mesmo! — disse Apolo, enquanto bebericava o reconstituinte. — Excederam tudo quanto o projeto prometia...

O resto do dia o deus passou adorando seu novo templo, e há quem diga que tenha mesmo passado a noite ali, em atônita e muda contemplação.

No dia seguinte Trofônio e Agamedes compareceram diante de Apolo para receber o seu pagamento.

— Quanto acham que vale o serviço perfeito que ambos fizeram? — perguntou o deus.

Os dois entreolharam-se, confusos.

— Bem, divindade, não saberíamos estipular... — respondeu Trofônio, encabulado.

— Vamos, deixem de modéstia! — disse Apolo. — Qual pode ser o melhor prêmio para um mortal?

Os dois atrapalharam-se ainda mais.

— Vamos, tomem isto — disse Apolo, estendendo a ambos uma enorme sacola, repleta de moedas de ouro. — Nos próximos sete dias gastem-na inteira, fazendo tudo quanto gostariam de ter feito e ainda não puderam. No oitavo dia receberão, então, o pagamento.

— Mas, divindade... *já não é o pagamento?* — exclamou Agamedes, cujo rosto refletia a cor dourada das moedas.

— O prêmio maior que um mortal pode ambicionar ambos terão apenas no oitavo dia — disse o deus enigmaticamente. — Vão e, até lá, aproveitem!

Nos sete dias seguintes deram largas, então, à sua vontade:

No primeiro dia comeram tudo quanto enxergaram, até ficarem verdes de eólica.

No segundo dia encharcaram-se de vinho até caírem desmaiados sobre as mesas.

No terceiro dia viajaram por inúmeros lugares numa liteira de ouro, até ficarem vesgos de tanto ver paisagens.

No quarto dia dançaram loucamente em todas as tavernas, como bufões enlouquecidos, até incharem os pés de bolhas.

No quinto dia escutaram as mais belas músicas que o gênero humano pôde compor, até não suportarem mais um único acorde.

No sexto dia, tendo contratado os maiores sábios do mundo para que lhes explicassem os segredos do Universo, adormeceram antes que todas as sumidades pudessem chegar a qualquer conclusão.

No sétimo dia juntaram em casa quantas mulheres belas o dinheiro pode pagar.

E aí foi demais: a sacola finalmente se esvaziou, até a última moeda.

No oitavo dia toda a cidade aguardava Trofônio e Agamedes no templo de Apolo, para ver o que seria, afinal, aquele prêmio maravilhoso que a divindade lhes prometera. "O prêmio maior que um mortal pode aspirar", segundo a promessa.

Porém, como não aparecessem nunca, correram todos até a casa dos dois. Não obtendo resposta aos seus chamados, invadiram-na e encontraram os dois deitados, de orelhas tapadas, cada qual em sua respectiva cama.

Dormiam o imperturbável sono eterno e tinham nos lábios um sorriso que vivo algum pode igualar.

ÍXION, PAI DOS CENTAUROS

Dois homens andam pelas ruas de uma cidade grega. De repente, um deles:

— Não acredito, veja só quem vai ali! Me alcança aquela pedra, vai. Uma pedra do tamanho de um punho assobia no ar e vai acertar em cheio

as costas de um homem imundo e esfarrapado.

— Por que fez isto? — exclama, atônito, o amigo.

— Ora, não sabe, então, quem é aquele cão?

— Nem imagino, desfigurado daquele jeito.

— É Íxion, ex-tirano dos lápitas, agora caído em desgraça.

— Nunca ouvi falar dele.

— Como não? Você deve ser, então, o único que não conhece a sua perfídia. Não há lugar onde ele ponha os pés do qual não seja cuspido e escorraçado.

— Mas qual foi o seu crime? — diz o que alcançara a pedra.

— Tudo começou quando o canalha resolveu casar-se com a pobre Clia, filha de Deioneu — respondeu o outro. — E só conseguiu isto porque prometeu ao pai da noiva uma verdadeira fortuna em presentes.

— Comprou a filha?

— Exato. Mas no final das contas não pagou uma moeda por ela.

— E o pai deixou a coisa assim?

— Não, foi cobrar a conta, naturalmente. Mas Íxion recusou-se a recebê-lo tantas vezes que o sogro retomou alguns cavalos que dera ao novo genro, em represália. Isto deixou Íxion possesso. Um dia mandou chamar o sogro, sob o pretexto de que iria lhe pagar o preço da pobre Clia, afinal.

— Não pagou, imagino.

— Muito pior! Após receber o sogro com toda a hipocrisia, levou-o até um local onde se abria a boca de um grande fosso repleto de carvões acesos e lançou o pobre velho lá para dentro, dizendo: "Aí está, velho, o seu preço".

— Que horror!

— O pior é que a própria esposa, a doce Clia, já havia sido lançada ali, momentos antes. Quando o velho caiu sobre as brasas, ainda pôde vislumbrar, em meio às dores atrozes, um esqueleto carbonizado. Queira Júpiter que antes de morrer não tenha reconhecido naqueles negros ossos os restos mortais da própria filha.

— Toma, desgraçado! — disse o que alcançara antes o pedregulho ao amigo, lançando ele próprio sobre o maltrapilho Íxion uma pedra duas vezes maior.

Íxion, com mais duas manchas roxas nas costas, ergueu-se do pó e recomeçou a fugir. Andou aos tropeços por toda a cidade até cair diante das portas do templo de Júpiter. Ali, arrojado de bruços ao chão, clamou:

— Júpiter hospitaleiro! Perdoe meus crimes! Limpe minha alma de toda a infâmia, pois só as suas mãos poderosas podem fazê-lo!

O pai dos deuses, penalizado com a situação miserável daquele pobre homem que descera da altíssima condição de rei da Tessália a de um reles mendigo, apiedou-se, afinal, e elevou-o até os céus. Íxion, o vil mendigo, estava agora diante de Júpiter, soberano do mundo.

— Tome, coma deste alimento e beba desta bebida! — disse o deus, alcançando-lhe uma taça de prata e um recipiente dourado.

Íxion saboreou aquelas delícias e sentiu algo maravilhoso agitar-se em suas entranhas.

— Eis que agora também é imortal, pois todo aquele que come da ambrosia e bebe do néctar adquire o nosso divino dom — disse Júpiter, solenemente.

Nesse momento, Juno, a esposa de Júpiter, entrou no grande salão dos olímpicos.

"Nossa, é ela, a poderosa Juno!", pensou Íxion, atordoado. "Nunca imaginei que fosse tão bela!"

Tem gente que sai de uma encrenca para entrar em outra. Íxion era desses.

Júpiter, entretanto, hábil nas artimanhas da conquista e da traição amorosa, sabia perfeitamente reconhecer quando o jogo virava contra si mesmo.

"Este sujeito... Não sei, não!", pensou.

Resolveu, no entanto, dar uma chance a Íxion, para não parecer ingrato.

Mas o tempo passava, e Íxion sentia aumentar a cada instante a atração pela deusa. Um dia, não suportando mais, resolveu declarar a ela o seu amor — ou seu desejo insano, mas que fazia seu peito cruel agitar-se da mesma maneira que o peito dos apaixonados. Juno, ofendida, deu-lhe as costas e no mesmo dia foi queixar-se ao divino esposo.

— Vou pôr à prova este sujeito! — disse Júpiter à mulher.

No mesmo instante tomou uma nuvem e formou nela a imagem da esposa: rosto, seios, braços, pernas, pés, em tudo a nuvem era uma cópia exata de Juno.

Ao final do dia, quando a Noite lançara seu manto perolado sobre os últimos restos do crepúsculo, o simulacro de Juno rumou para os aposentos de Íxion. Ele estava repousando e pensando, é claro, na esposa de Júpiter. "Oh, Juno querida! Quando serás minha, afinal?", pensava ele, febril.

Nesse instante a cópia da deusa surgiu pela porta. Vestia apenas um manto diáfano, que ela fez deslizar para o chão com um imperceptível movimento de seus ombros delicados. Pronto. Ali estava Juno como verdadeiramente era — assim pensava o incrédulo Íxion -, inteiramente nua e à sua disposição!

— Mas, então... você também me quer? — balbuciou o ex-tirano.

O espectro, porém, nada disse, colando apenas seu corpo ao do apaixonado.

— Amemo-nos! — disse a visão, com seus lábios de algodão.

Para um crápula e um tirano, pode-se dizer que ele amou-a ardentemente. E ela, para um simples espectro, também não se saiu nada mal.

Júpiter, sabedor de tudo, deixou que aquele simulacro de traição prosseguisse ainda por diversas vezes, dando sempre uma nova chance ao ingrato para que se arrependesse, uma vez extinta a chama ardente do primeiro desejo. Não fora sempre assim com o próprio deus?

Mas por muitas vezes, ainda, repetiram-se os encontros. Íxion prometia a si mesmo que aquela seria sempre a última vez, mas quando ela ressurgia novamente, a cada noite, com a doce palavra "Amemo-nos!" nos lábios rubros e úmidos, e esfregava em seu corpo aquela pele extraordinariamente alva e macia, via ruir aos seus pés a resistência premeditada.

Destas uniões sucessivas formou-se uma série de seres horrendos, monstruosos e brutais como o pai, que a tradição batizou de "centauros".

Ao ver o resultado funesto desses encontros, Júpiter finalmente resolveu dar um basta a tudo aquilo. Expulsou Íxion do seu palácio, dando-lhe ordens expressas para que nunca mais lhe aparecesse pela frente.

A coisa teria saído barata deste jeito, mas um canalha nunca se redime. Tão logo se viu de volta à Terra, começou a se vangloriar de sua conquista -mesmo que ilusória — aos amigos, dizendo a todo instante: "A esposa de Júpiter foi minha. É, sim senhores, a tive em meus braços, noite após noite".

Júpiter, então, sabendo de mais essa torpeza, tomou de um de seus terríveis raios e lançou-o sobre Íxion, fulminando-o no mesmo instante. Depois chamou seu filho Mercúrio e disse:

— Vá até o Tártaro tenebroso e cumpra à risca estas instruções. Lá nas profundezas do inferno estava o pérfido Íxion.

— Mercúrio! — gemeu o tirano. — Vieste me levar de volta para o Olimpo? O jovem deus, sem dizer nada, agarrou-o e o amarrou numa roda cercada

por serpentes de fogo. Depois, dando um impulso com a mão, dele se despediu:

— Assim são premiados os ingratos, que semeiam a desonra no céu. E desde aquele instante o pérfido Íxion, atado de pés e de mãos, gira sem nunca cessar naquela girândola infernal.

CTESILA E HERMOCARES

Hermócares, rapaz pobre, mas justo, estava apaixonado por Ctésila, filha do poderoso Alcidamo. Naquele dia celebrava-se uma festa em honra de Vênus, e o jovem, vendo a amada mais bela que nunca, tomara uma maçã e nela inscrevera esta singela inscrição: "Prometo, por Vênus suprema, que serás minha esposa".

— Oh, que atrevimento! — disse Ctésila, lançando fora a maçã e abandonando a festa.

— Ctésila, Ctésila... Confesse que seus dentes nunca provaram maçã mais saborosa do que essa que sua alma agora provou! — gritou o audacioso Hermócares, enquanto a via perder-se entre os demais devotos de Vênus.

A audácia de Hermócares não parou aí. No dia seguinte tratou de procurar o pai da jovem e, com o destemor que somente o amor pode infundir, pediu a mão dela em casamento.

Alcidamo, no mesmo instante, lhe deu a resposta:

— Comigo as coisas se resolvem num tapa! Concedo-lhe, pois, a mão de minha bela Ctésila.

De fato, o velho Alcidamo tinha um bom olho para tudo, e enxergou logo no rapaz o genro ideal.

— Bom, honesto e trabalhador! — disse, animado, logo que ele saiu. Ctésila ficou logo sabendo do pedido e, depois dos primeiros encontros deu a mão à palmatória: Hermócares era, de fato, um bom homem. O casamento foi marcado para logo em seguida.

— Comigo é assim: querem casar? Casem-se logo, num tapa! — disse o pai, dando uma grande palmada no joelho, vaidoso de sua determinação.

A data aproximava-se rapidamente. Os preparativos evoluíam celeremente. Um dia, no entanto, às vésperas da famosa data, Alcidamo chegou diante da filha e lhe disse assim:

— Ctésila, querida.

— Sim, meu venerável pai — respondeu ela, com os olhos radiantes.

— Você se casa, então, daqui a alguns dias?

— Se Vênus suprema assim permitir e desejar...

— Eu também, mais que ninguém, o desejo — respondeu o pai. — Mas prepare-se para uma pequena mudança: o seu noivo não será mais o desgraçado Hermócares.

— Não, papai? — exclamou a filha, estarrecida.

— Estive conversando com um amigo e ele me propôs seu filho para genro -disse Alcidamo, com o ar perfeitamente natural. — Não pude negar-lhe; é um belo rapaz e muito mais rico do que o miserável Hermócares. Bom, honesto e rico!

— Não, papai, quero casar-me com Hermócares.

— Silêncio! Já está decidido, minha filha. E você sabe: quando quero, decido a coisa num tapa. Não me obrigue a convencê-la pelo mesmo método — disse o cruel Alcidamo, suspendendo no ar a sua mão gigantesca.

E a partir dali, aqueles poucos dias, antes tão ansiosamente aguardados, agora eram vistos com tremendo pavor. Ctésila, desesperada, correu até o templo de Vênus e clamou, lavada em pranto:

— Vênus, proteja o meu amor!

Naquele mesmo instante Hermócares entrou pela porta do templo.

— Ctésila! — exclamou o jovem. — Seu pai me proibiu de ver você e não me quer mais para genro. O que faremos?

As bocas de ambos silenciaram. Mas eles sabiam que só havia uma alternativa.

— Vamos fugir! — exclamaram ao mesmo tempo.

"É isto?" "Claro!" "Vamos, mesmo?" "Será?" "Não será?" — toda a lista infinita das vacilações, nas quais o desejo se tortura continuamente desde o começo dos tempos, surgiu num tropel nas mentes dos amantes. Muito diferente da firmeza e decisão do velho Alcidamo, eles iam e vinham em seus receios.

Mas, ao cabo, chegaram à conclusão que estava lá no começo: fugiriam, afinal.

E fugiram mesmo. Na véspera do malfadada casamento, Ctésila e Hermócares partiram, na calada da noite, para serem felizes. Alcidamo, colérico dos pés às palmas vermelhas das mãos, arrancava os cabelos:

— Vasculhem tudo debaixo do céu! Quero Ctésila de volta, num tapa, compreenderam?

Mas Alcidamo jamais tornaria a pôr os olhos em sua filha. Um dia chegou um mensageiro esbaforido, que disse:

— Alcidamo, eis que a sua filha já é mãe!

— Mãe? — indagou Alcidamo, colérico. — Mãe? — repetiu Alcidamo, abatido. — Mãe... — repetiu, quase conformado. — Mãe! — afirmou, já sorridente.

Não foi tão rápido quanto das outras vezes, mas Alcidamo acostumou-se logo, também, a essa idéia — quase num tapa.

— Alcidamo, eis que a sua filha é morta! — disse outro dia o mesmo mensageiro, novamente esbaforido.

Essa notícia o pobre Alcidamo não pôde suportar, e num tapa caiu desmaiado, enquanto o mensageiro tentava reanimá-lo — bem, vocês sabem como.

O enterro da bela Ctésila deu-se alguns dias depois. Mas Vênus, que protegera sempre o amor do jovem casal, fez com que no último instante Ctésila se transformasse na mais alva das pombas e viesse pousar sobre os ombros do enternecido Hermócares e de seu filhinho.

A CEGUEIRA DE DÁFNIS

Dáfnis era filho de Mercúrio e de uma obscura ninfa da Sicília. Desde cedo foi para os bosques, onde se tornou amigo de Pã, o deus amante da música. Com ele aprendeu a compor versos e executar em sua flauta as mais belas melodias que ecoavam pelos vales, trazendo alegria a todas as criaturas dos bosques.

— Dáfnis, quando é que você vai se apaixonar de verdade? — perguntava-lhe sempre o deus dos pés de bode.

— Por que me diz isto todos os dias? — quis saber o pastor.

— Suas canções são belas, e sua música, insuperável — respondeu Pã, reclinado sob a sombra de uma árvore. — Mas falta o amor nos seus versos, e a sua poesia só será perfeita no dia em que você viver um grande e inesquecível amor.

— *Inesquecível,* divino Pã? — perguntou o pastor, com um sorriso. — E há tal coisa? O deus lembrou-se, então, da ninfa Siringe, que havia amado e perdido há muito tempo.

— Essa flauta que você tem aí é a melhor prova do que afirmo — disse Pã, silenciando a sua dor, que ameaçava retornar mais uma vez.

Dáfnis observou a flauta: vários caniços, de vários tamanhos, unidos com cera. Sim, o velho Pã já havia lhe contado várias vezes que eram feitos do corpo de sua amada, que convertera-se em um grande junco ao tentar escapar de seus rudes afagos. Para tê-la sempre consigo, ele arrancara o junco do solo e o transformara naquela flauta. Uma bela história, pensou Dáfnis, mas ele não tinha tanta pressa de amar, como tinha de cantar. Por isso, recomeçou a tocar a sua flauta, alegre e despreocupado como sempre.

Mas um dia sua bela música atraiu uma ninfa chamada Lice até o bosque.

— Quem é esse pastor que canta e toca de maneira tão bela? — perguntou Lice às amigas ninfas.

— É Dáfnis, filho de Mercúrio — respondeu uma delas.

O pastor havia se deitado na grama, às margens de um pequeno córrego; uma brisa suave e refrescante aliviava o calor da tarde. Tendo despido o manto, mantinha agora uma de suas pernas mergulhada dentro da água corrente, enquanto escutava, de olhos fechados, o dia passar.

De repente, porém, sentiu atrás de si uma presença.

— Não, não abra os olhos... — disse a ninfa Lice, pousando suas mãos sobre as vistas do jovem pastor.

Dáfnis sorriu; a ninfa que tivesse uma voz cristalina e mãos de seda como aquelas não poderia deixar de ser bela; por isso decidiu obedecer cegamente àquela suave imposição. Em seguida escutou um ruído quase imperceptível, de algo muito volátil e delicado que escorresse do alto por uma superfície macia até ir embolar-se na relva. Sentiu ainda que aquilo — um provável véu — fora depositado sobre o seu manto, que estava ao seu lado. Finalmente, sentiu nas costas, que estavam em contato com o solo, um ligeiro tremor, como se alguém houvesse estendido um corpo, quase diáfano, ao lado do seu.

— O que temos aqui? — disse a mesma voz, pousando a mão sobre o ventre de Dáfnis. Este, num reflexo, movimentou suas pálpebras, mas aquela doce mão, num gesto veloz, as cerrou outra vez. — Não... lembre-se de nosso trato! — disse a voz feminina, docemente impositiva.

Pousada sobre o ventre do pastor estava sua flauta de vários tubos, presente do deus Pã, que se movimentava ao sabor de sua respiração — talvez um pouco mais apressada, agora, do que antes da chegada daquela excitante intrusa.

Tomando a flauta em suas mãos, a ninfa Lice tentou tirar dela algumas notas, que não soaram nada mal aos ouvidos de Dáfnis.

— Nada mal, para quem se exercita pela primeira vez... — disse Dáfnis, estendendo a mão para retomar o instrumento.

Mas em vez da flauta, suas mãos tocaram as de sua misteriosa companheira. O pastor tentou novamente abrir suas pálpebras, mas a ninfa persistia em sua atitude proibitiva. Sem meios, então, de resistir às ordens da ninfa, Dáfnis decidiu permanecer deitado lado a lado com ela na relva, conversando e cantando, enquanto ia desenhando mentalmente o seu retrato.

De repente um trovão rolou pelo céu e uma chuva intensa desabou sobre seus corpos nus. Dáfnis e Lice deixaram que as gotas se espalhassem pelos seus corpos, numa divertida brincadeira de cócegas, até que a chuva, tornando-se muito forte, obrigou finalmente a ninfa a erguer-se. Dáfnis aproveitou, então, para abrir os olhos.

Pela primeira vez enxergava a imagem da ninfa, ainda que pouco nítida por causa da chuva. Era como se a visse por detrás de um espelho lavado por um jato constante de água. Mas mesmo assim não havia a menor dúvida: era exatamente a mulher que imaginara, traço por traço.

No mesmo instante Dáfnis e Lice uniram seus corpos e suas almas, e a partir daí as suas vozes unidas alegraram duplamente os bosques, com canções que falavam de um amor profundo e real.

Mas havia uma nota de melancolia na voz de Lice que somente um ouvido bem treinado podia perceber: ela denunciava o medo da separação — temor constante que ronda todas as uniões, porque nada há neste mundo que não esteja sujeito a ela. Lice, contudo, pressentia a separação para muito em breve, sem saber dizer o porquê.

— Dáfnis, meu amor — disse ela, um dia, ao pastor -, prometa que jamais me esquecerá.

— Claro, Lice querida — disse-lhe o pastor, com ar despreocupado. — Como poderia esquecê-la?

— Espere — disse ela, pondo a mão em sua boca. — Preciso escutar isto dos seus olhos.

— Mas Lice, querida, desde quando os olhos convers... — tentou completar o pastor, porém sem sucesso; Lice havia selado os lábios de Dáfnis com um beijo, e agora, encarando firmemente seus olhos, buscava neles a confirmação de suas palavras.

— Lice, querida — disse, afinal, o pastor, tentando acalmar seus temores. -Se algum dia eu ousar esquecê-la, quero que os seus olhos sequem a luz dos meus! Assim, impedido de enxergar outro rosto, só terei o seu para relembrar eternamente.

E com essa promessa renovaram seus votos de um novo e ardente amor.

O tempo passou, e Lice foi acalmando suas apreensões.

Um dia Dáfnis, cansado de tanto conduzir seus rebanhos, sentou-se, como da outra vez, debaixo da sombra de uma árvore frondosa. Tomando de sua flauta, começou, então, a tocá-la. Era uma melodia que compusera especialmente para sua amada. Toda vez que a tocava podia enxergá-la perfeitamente nítida — seu corpo nu, seus cabelos naturalmente esvoaçantes, sua boca

úmida e seus olhos cálidos, embora sempre com aquela pequena nota angustiada, bem lá no fundo das pupilas da imagem amada.

Mas o pastor havia se afastado mais do que o habitual e, por isto, não percebeu que logo além de onde estava havia um palácio, e que em uma de suas janelas havia uma princesa que ninguém queria. E ela estava atônita com a beleza de Dáfnis e da sua melodia.

— Em quem pensará? — perguntava-se a princesa indesejada, desejosa de ser a inspiradora daqueles belos acordes.

Mas logo em seguida teve sua visão atraída por um brilho estranho. Um pouco acima da copa das árvores que davam sombra ao pastor, formava-se, cada vez mais nítida, a efígie vaporosa de uma mulher.

— E ela, a dona da sua inspiração — exclamou a mal-amada princesa.

A medida que a música se tornava mais apaixonante, mais a bruma adquiria o contorno definitivo do corpo de uma mulher, formado pela lenta evaporação das notas ardentes que subiam da mata, feito a fumaça de um desejo incandescido.

— Por Vênus, como é bela — sussurrou a princesa.

Suspensa acima das ramas verdejantes e revirando-se inquieta sobre seu leito esverdeado flutuava a imagem de Lice. Estava inteiramente nua, e pelo modo inquieto como se mexia, fazendo deslizar pelo corpo as pontas dos seus dedos aquilinos, logo deu a entender à princesa que dormia, presa de um sonho intenso de amor. E os dedos, apesar de serem os delas, tinham o toque evidente de um homem apaixonado.

Então a ilusória imagem da ninfa virou o rosto em sua direção: de fato, nem de longe tinha os pobres traços da rica princesa.

"Não, não sou eu...", pensou ela, desconsolada.

Abatida, a princesa abandonou a janela e foi encostar-se à parede, do outro lado do quarto. Suas costas deslizaram insensivelmente para baixo até deixá-la sentada no chão, abraçada aos joelhos. "Não, não sou eu", repetiu, sentindo sua respiração arfante umedecer seus ossudos joelhos. De repente, num impulso, fechou também os olhos e beijou ardentemente os próprios joelhos! Mas seja por eles não terem respondido ao seu desejo ou por ela não ter lá muita imaginação, o fato é que os mordeu com fúria, logo em seguida.

— Pois se é uma visão, farei com que desapareça! — exclamou, pondo-se em pé, num salto, tomada pela raiva.

Sem perceber que seus joelhos sangravam, correu outra vez até a janela. Seus olhos, contudo, foram brindados agora com uma alegre visão: o pastor vinha vindo justamente em direção ao palácio!

Dáfnis chegou até o pé da janela e gritou:

— Por favor, gentil princesa, poderia me alcançar um gole de água?

— Claro, pastor, já desço com ela!

Infelizmente esta gentil princesa tinha o hábito de distrair a sua solidão da pior maneira, pois também era uma terrível feiticeira. Assim, antes de levar o copo com a água, introduziu nele um pouco do sumo da erva mágica do esquecimento.

— Aqui está! — disse ela, estendendo a beberagem maldita ao sedento pastor. Dáfnis bebeu a água de um só trago e no mesmo instante sentiu que a imagem de sua amada Lice desaparecia de sua mente. Apavorado, estendeu as mãos, como que para agarrá-la, mas ela retrocedia cada vez mais, até esfumar-se definitivamente no ar.

A princesa, percebendo o efeito de sua poção, perguntou-lhe:

— O que houve, belo pastor?

— Não sei — respondeu Dáfnis, passando a mão pela testa. — Tenho a impressão de que esqueci algo muito importante...

— Venha, entre comigo — disse a princesa, pondo na voz o pegajoso mel da luxúria. — Tratemos, então, de fazer algo de que não esqueçamos jamais.

No dia seguinte Lice foi informada de que seu amado Dáfnis ainda estava nos braços da terrível princesa. Desesperada, correu até os portões e tentou forçá-los, mas foi expulsa rudemente pelos sentinelas.

Da janela surgiu, então, Dáfnis, com ar de sono.

— Quem é esta louca, soldados, e o que deseja de nós?

— Nós?! — exclamou a ninfa.

Com a mão ressequida, que ainda assim bastava para cobrir seu peito mirrado, a radiante princesa veio logo postar-se atrás do pastor.

Era esta a resposta!

Lice, dali mesmo de onde estava, encarou os olhos de Dáfnis, profundamente. E nesse exato instante o pastor lembrou-se de tudo: da ninfa que amara, dos momentos felizes que haviam gozado e também da terrível promessa que lhe fizera.

Desta vez, porém, não foi somente o rosto da ninfa que desapareceu diante de seus olhos, mas a própria luz de tudo que o envolvia. Dáfnis estava cego -irremediavelmente cego para o resto da vida!

E assim passou o resto de seus dias, vítima de uma cilada e de um deslize, vagando cego pelos bosques e montanhas. Nunca, porém, suas canções e melodias haviam sido tão belas — horrenda contradição do amor, que mais pungente se torna quanto mais tenazmente o destino o

persegue! -, a ponto do deus Pã reconhecer que agora — e somente agora — sua arte se tornara absolutamente perfeita.

Por toda parte onde Dáfnis errava, com efeito, podia-se ver pairada no ar, por alguns breves instantes, a imagem sempre evanescente de sua amada Lice, que morrera de infelicidade. Até que um dia o pastor, cansado de tanto sofrer, subiu até o mais alto penhasco e ali estendeu os braços para o alto, na tentativa enlouquecida de agarrar as formas vaporosas daquela que ainda amava — pois a única coisa que ainda enxergava neste mundo era a efígie ilusória da ninfa perdida. Falseando o pé, entretanto, mergulhou no abismo, feliz de pôr um fim involuntário a tanta desdita.

Diz a lenda, contudo, que seu pai, Mercúrio, que a tudo assistia, calçou rapidamente as suas velozes sandálias e raptou sua alma antes que o corpo se esmagasse nas rochas. Indo além, diz-se ainda que no mesmo dia o pastor deu entrada no Olimpo, para fazer companhia aos deuses, tendo ao lado sua amada Lice, que ao cabo de tudo o perdoou, afinal.

OS GIGANTES ALOÍDAS

Quando Aloeu e Ifimedia viram no berço os seus dois filhos recém-nascidos, ficaram encantados, como todos os pais.

— Este se chamará Oto — disse Aloeu.

— Este se chamará Efialtes — disse Ifimedia.

Eram dois belos garotos, embora um pouco crescidinhos demais.

— Isto é saúde — dizia Ifimedia ao impressionado marido.

Mas Ifimedia sabia que havia uma explicação para aquilo — uma explicação que não convinha ao marido saber. Pois tanto Oto quanto Efialtes não eram filhos do mortal Aloeu (embora o nome pelo qual ficariam conhecidos, "Aloídas", fosse uma homenagem ao pai postiço), mas sim filhos de Netuno, deus dos mares.

Ifimedia ainda se lembrava da época em que se apaixonara pelo poderoso deus. A tática que usara não fora das mais originais, mas tivera lá seu encanto: um belo dia, chegando à beira da praia, tomou a água na concha das mãos e derramou-a sobre o seio. No dia seguinte, repetiu a operação, e assim foi até quebrar a resistência do deus, que acabou por unir-se a ela. O resultado foram aqueles dois belos garotos, embora, é verdade, fossem um tanto exageradamente grandes.

No primeiro ano, por exemplo, já haviam atingido, cada qual, meio metro de largura e dois metros de altura. E assim, a cada ano, iam crescendo nessa mesma proporção, até o ponto em que, antes dos dez anos de idade, já tinham cada qual dezoito metros de altura e quatro metros e meio de largura. Ambos eram agora perfeitos gigantes, descabelados e sujos, pérfidos e sinistros.

"Definitivamente, isto não é normal", pensava Aloeu, a cada novo dia.

Mas o que mais constrangia aos pais era o ódio que tanto Oto quanto Efialtes nutriam contra os mortais. Não havia dia em que não esmagassem alguém por pura diversão. Mas quando sua mãe os recriminava, sorriam perversamente e respondiam apenas:

— São só mosquinhas, mamãe.

— É, mamãe, mosquinhas sem asas.

E assim continuavam alegremente a matar as suas mosquinhas, até que um dia conceberam uma nova diversão, infinitamente mais ousada.

— Mano, que tal declararmos guerra aos deuses? — disse um dia Oto a seu irmão, num momento de tédio.

— Que ótima idéia! — exclamou Efialtes, cujo cérebro, a exemplo do irmão, não havia se desenvolvido tanto como o restante do corpo.

Ambos já haviam, na verdade, brigado com um deus, alcançando um bom resultado. Após uma discussão com Marte, o deus da guerra, haviam-no aprisionado dentro de um tonel durante treze meses, debaixo de algemas e correntes. Como fora divertido ver todos os dias o presunçoso deus das armas todo dobrado dentro do pote, como um inseto em um jarro! Se não fosse o sagaz Mercúrio libertá-lo de sua vergonhosa prisão, ainda hoje estaria lá, com toda a certeza.

Mas agora o projeto dos aloídas era maior, infinitamente maior: nada menos que a conquista do céu, morada dos deuses.

No mesmo dia Oto arrancou do chão o monte Ossa e empilhou-o sobre o monte Olimpo. Efialtes, entusiasmado, arrancou o monte Pélion pela raiz e lançou-o sobre a pilha. Escalando, então, essa massa pedregosa, ambos chegaram ao topo. Nunca haviam se sentido tão gigantes quanto agora, olhando tudo daquela alta imensidão. O céu estava ao alcance dos seus olhos; é verdade que ainda tinham de ficar na pontinha dos pés, mas já era o bastante para verem o que se passava lá em cima, na vastidão celestialmente azul da morada dos deuses.

— Veja, mano, que beleza! — disse Oto. — Ali está o palácio de Júpiter!

— Sim, e ali estão duas deusas! — exclamou Efialtes. — Quem serão? Eram Juno, a esposa de Júpiter, e Diana, a deusa da caça. As duas conversavam animadamente, gozando daquele fim de tarde verdadeiramente paradisíaco.

Efialtes concebeu logo uma paixão ardente por Juno, enquanto Oto perdeu-se de amores pela bela Diana.

— Vamos casar com elas, assim que destronarmos Júpiter e sua cortezinha! — disse Efialtes, esfregando as mãos.

— Mas será que não nos vencerão? — perguntou Oto, em um de seus raros momentos de vacilação.

— Ora, mano! — disse Efialtes, dando um tapa na cabeça do irmão. — Esqueceu que somos imortais e que a única maneira de sermos mortos é nos matando um ao outro?

— Sim, bem sei — disse Oto. — Você nunca irá me matar, não é?

— Claro que não! — respondeu Efialtes. — E você?

— Também não, é claro.

Mas o ruído todo que haviam feito para escalar a pilha das montanhas já havia despertado a atenção de Júpiter, que há muito os trazia sob vigia. Diana, então, se ofereceu para pôr um fim às loucas pretensões dos dois perversos irmãos.

— Deixe comigo, papai — dissera ela a seu pai, Júpiter. — Darei um jeito nos dois.

Assim, convidou um dia Oto e Efialtes para uma caçada. Os dois aceitaram imediatamente, especialmente o primeiro, que pretendia desvirginar a sua amada naquele mesmo dia.

Embrenhados na mata, Diana soltou, então, uma ágil corça — a mais rápida de quantas havia em todo o mundo.

— Eis a caça, poderosos irmãos! — exclamou Diana, aos dois, que portavam com arrogância seus arcos. — Se você matá-la primeiro Oto, terá a minha mão! E se for você, Efialtes, receberá por prêmio a bela Juno, que o aguarda, ansiosa, em seu leito formoso.

Oto e Efialtes saírem aos trancos e barrancos, derrubando árvores e chutando montes atrás da pequena e ladina corça. Mas por mais que corressem só podiam ver seu frágil e pequenino vulto embrenhar-se pelas moitas e vegetação.

— Não consigo fixar meus olhos nela além do instante de um relâmpago! -queixava-se Efialtes, lançando as flechas para todos os lados.

— E uma corça mágica! — esbravejava Oto, com a língua gigantesca pendendo para fora da boca.

— Ei, vocês dois! — gritou-lhes a bela Diana, com sua aljava às costas. Os dois gigantes aproximaram-se, desanimados. Haviam despido as suas peles de tigres (trezentos tigres mortos para cada traje!) e estavam inteiramente nus, cobertos apenas por uma grossa camada de pêlos molhada de suor.

"Hum, gigantes, é?... ", pensou Diana, com um sorrisinho de desdém.

— Como faremos, bela Diana, para acertarmos essa diabólica corça? — disse Oto.

— Estão vendo aquele desfiladeiro logo adiante? Sim, ambos estavam vendo.

— Vi a corça dirigindo seu ágeis passos em direção àquela estreita garganta — disse Diana das belas pernas. — Se eu a encurralar, ela não terá outro jeito senão atravessar a estreita passagem. Postados, então, cada qual de um lado do desfiladeiro, será muito fácil que um dos dois a alveje.

Oto e Efialtes apertaram as mãos, satisfeitos: estavam no papo (a corça e as deusas)!

Assim, cada qual foi para um lado do desfiladeiro. Misturados às árvores, ficaram de atalaia durante o restante do dia, até que ao cair da noite surgiu a corça na curva que dava entrada à garganta. Os dois gigantes empunharam seus sólidos arcos e engancharam neles quatro flechas cada um.

"Cinco é melhor, mano!", fez Oto, espalmando sua gigantesca mão e mostrando seus gigantescos quatro dedos.

Efialtes, sorrindo, fez um sinal de ok, com o dedão erguido.

A corça, parecendo exausta, adentrou o estreito corredor e foi neste passo lento até estar exatamente entre os dois. Quando escutou, porém, o primeiro sibilar dos dardos, que partiam velozes dos retesos arcos, a corça disparou em tal velocidade que antes pareceu haver sumido diante dos olhos dos dois gigantes. As dez flechas — cinco vindas de cada lado — cruzaram-se velozmente entre si, sem se tocarem, e foram alcançar os dois hábeis caçadores.

Oto e Efialtes caíram mortos, cada qual com cinco flechas cravadas no rosto, e os deuses olímpicos viram-se livres dos gigantes aloídas.

FEDRA E HIPÓLITO

A MORTE, SECUNDO HIPÓLITO

O destemido Hipólito sabe que a morte se aproxima; seu carro desgovernado, puxado por quatro cavalos enlouquecidos pelo medo, ameaça tombar a qualquer momento. O touro monstruoso e incansável que o persegue desde as primeiras horas do dia queima agora suas costas com o hálito incendiado.

De onde terá surgido aquela horrenda criatura? A mando de quem o perseguia?

Um pedaço rompido das rédeas está solto e chicoteia o ar, dificultando ainda mais o controle do carro. Quem dera Hipólito pudesse abandonar as frágeis rédeas e, num pulo ágil e certeiro, ir cair diretamente sobre o cachaço negro do touro, para então domá-lo e alcançar mais esta vitória retumbante. Já não fizera o mesmo, certa feita, durante as Festas Panatenéias, ao domar com sucesso um corcel soberbo e furibundo — e também negro, como a fera que agora o ameaça?

Não, desta vez não há mais platéia alguma; não haverá palmas nem risos de satisfação. Tampouco o cercarão olhares cobiçosos. Parece que os deuses, para não humilhá-lo em sua derradeira aventura, quiseram que o teatro de sua inevitável derrota fosse a amplidão desértica dos imensos Rochedos Cirônicos que o rodeiam, em silêncio.

E Diana? Onde estará a deusa e amiga, neste instante derradeiro?

Uma árvore ressequida está logo adiante; seus galhos nus, esticados em todas as direções, parecem braços esquálidos que imploram por uma ajuda humana ou divina. O carro de Hipólito ruma celeremente em sua direção, enquanto a rédea solta agita-se cada vez mais, sob o impacto da vertiginosa velocidade.

Hipólito vai, sem volta, de encontro ao seu destino.

A PAIXÃO SECUNDO FEDRA

Fedra, esposa de Teseu e madrasta de Hipólito, está em Atenas para participar da Procissão das Panatenéias. Essa é a "Grande Festa", que se realiza de cinco em cinco anos, em oposição às "pequenas" Panatenéias, realizadas anualmente.

Minerva, deusa homenageada, é reverenciada por meio de procissões náuticas e pedestres, às quais afluem milhares de atenienses e peregrinos de todo o mundo helênico, em busca de proteção às suas vidas e de alívio às suas tribulações.

Mas Fedra, mulher de Teseu, não consegue dar alívio à sua aflição: postada ao lado do enteado, está tomada pela inquietude. Seu esposo e rei, o grande Teseu, está em terra cuidando de outros afazeres.

— Nunca houve uma festa com tanto brilho, não lhe parece, minha madrasta?

Fedra ouve a pergunta que sai dos lábios de Hipólito, mas sua língua não consegue movimentar-se dentro de sua boca. Os dois estão ombro a ombro, e o contato daquele braço musculoso com o seu ombro nu impede qualquer outro pensamento.

"Seu ombro é cálido e viril", ela reflete, enquanto os hinos a Minerva levantam-se de todas as partes; pode mesmo sentir, perfeitamente, a contração e relaxamento dos músculos rijos do braço do jovem a cada vez que ele ergue ou abaixa a mão para acenar ao povo. Somente quando suas peles se descolam é que a brisa vem alisar e secar em seu ombro o suor misturado de suas epidermes.

"Não posso mais agüentar esta tortura!", pensa a mulher de Teseu. Quando a procissão termina, Fedra, desvencilhando-se de todos, dirige a palavra ao enteado:

— Hipólito, filho de Teseu... O rapaz volta-se para ela.

— Engraçado, minha madrasta — diz ele, dando-se repentinamente conta de algo que antes não percebera. — Por que me chama, desde há algum tempo, de "filho de Teseu"?

— Como? Não o entendo... — balbucia Fedra, sentindo um rubor vivido tingir as suas faces.

— Antes chamava-me de "meu filho", como se fosse minha mãe, ou simplesmente de Hipólito — diz o jovem, com um sorriso alegre em seu rosto. — Por que esta mudança?

Fedra, atrapalhada, diz apenas, como se nada tivesse escutado:

— Vou subir para meus aposentos, no palácio. Faça as honras a Minerva como manda e pede a piedade.

A esposa de Teseu sobe, então, até o terraço de seu palácio. Mas nem mesmo o vento que sopra no alto pode apagar a flama do desejo que arde em seu peito.

— Hipólito, filho de Teseu... — balbucia ela, esfregando os dois ombros, como se, longe do contato daquele ombro jovem e viril, se sentisse desamparada.

— Filho de Teseu... Sim, ele é filho de Teseu... — prossegue ela em seu devaneio. — Não, não é meu filho! — exclama, de repente, num misto de alegria e revolta. — Posso, então... Se é assim, posso então *amá-lo,* Hipólito adorado...

Fedra, descontrolada e excitada, erra de um lado para o outro, como quem foge de algo que deseja loucamente perseguir.

— Sim, posso amar-lhe, Hipólito! Por que não, filho de Teseu? — exclama, de repente, de maneira impensada.

Dando-se conta, então, da audácia dessa proclamação, cerra com as duas mãos a barreira dos seus lábios. Lá embaixo, entretanto, soam os gritos frenéticos da plebe ajuntada.

Numa arena armada, está um grande corcel negro, que cinco cavalariços trazem a custo para o centro. Escoiceando e espinoteando, o animal derruba três deles, que são levados em braços para fora da arena. Uma grande mancha redonda de sangue brilha sobre o solo, iluminada pelo sol — metálica e escarlate como um pequeno escudo tingido de vermelho que jaz perdido em meio ao fragor de uma batalha.

De repente Hipólito — sim, é ele! — adentra a arena. Fedra sente o coração dar um pulo dentro do seu peito, como se o seu próprio órgão tivesse adquirido quatro rijas patas e ameaçasse escapar pela sua boca.

— Hipólito, meu querido e amado... oh, amado, amado Hipólito! — sussurra Fedra, agoniada.

Desde que tomou a coragem de dizer a si mesma, com seus próprios lábios, as palavras tão temidas, Fedra as repete sem parar em sua gelada solidão. As mãos que ainda comprimem sua boca são agora um selo inútil e despegado, incapazes de reter as palavras que sua boca teima em repetir com a mesma determinação exaustiva de um coro que os fiéis endereçam a Minerva.

Fedra assiste a toda a luta, a todos os lances de vigor e valentia que seu enteado protagoniza para dobrar a vontade do corcel imenso e insubmisso como a noite, até que finalmente a vontade e a inteligência humanas acabam por triunfar sobre o rude primitivismo do animal.

A madrasta de Hipólito, lá do alto, está radiante. Nunca admirara tanto a exuberância e vigor da juventude daquele jovem como naquele instante — naquele preciso instante em que admitira, finalmente, que o amava, para a dor ou a alegria, para a morte ou para a vida.

E quando Hipólito retorna ao palácio, com o corpo suado e exausto do prodígio, Fedra lança-se — a louca! — em seus braços, sem considerar mais nada.

— Hipólito, Hipólito amado! — diz ela, a sós com o enteado, beijando sua boca como quem bebe o alimento que lhe falta desde sempre.

— O que diz, Fedra, minha madrasta? — diz Hipólito, tentando desviar seus lábios daqueles outros, rubros e inchados, que os caçam com sofreguidão.

— Hipólito, amo você, meu adorado jovem! — exclama Fedra, descontrolada. — Ouça: seu pai nada mais representa para mim! Não amo mais Teseu, não o quero mais!

— O que diz, louca? — repete o jovem, sem ter outras palavras.

— Não, não quero mais o afeto insosso e cansado de seu pai, entende? Por que deveria, *se não o quero mais?* Quero os seus beijos, somente, meu jovem! Os seus, unicamente!

— Mulher maldita! — exclama Hipólito, irado com aquela injúria feita a seu pai. Depois, enxergando um pedaço da nudez do corpo de sua madrasta, que o acidente do encontro desnudara, diz a ela, num excesso de rigor: — Vamos, cubra de pudor a sua alma, já que o seu corpo o despiu de vez!

Fedra, recuando dois passos, permanece com a parte superior do tronco desnudo, em mudo desafio. Depois, recobrando lentamente o bom senso, ergue outra vez a parte de seu manto que havia descido até os laços que o prendiam na cintura. Correndo, a esposa de Teseu mete-se em outro aposento. Aos poucos vai-se dando conta da gravidade daquilo que perpetrara.

"Cubra sua alma de pudor!", é o que soa ainda em seus ouvidos.

Ela cobrira a alma de desejo, mas o mundo queria o pudor. Jamais a perdoariam. O filho dileto iria levar logo a notícia a Teseu, rei e esposo, prestes a se tornar vítima de terrível e injuriosa afronta.

Cega agora pela ira, ela diz de si para si:

— Fique, pois, o mundo maldito com o seu pudor! Levarei comigo apenas meu desejo!

Sua mão rabisca uma carta, na qual acusa o enteado da infâmia horrenda que ela mesma perpetrara e, depois, arrancando fora o laço de seu manto, prende-o num laço sobre uma das

vigas do teto. Sabe que não poderia enfrentar de outro modo a censura do marido, do rei e daquela horrenda sociedade, que pune o desejo raivosamente e às claras, mas o reverencia loucamente em segredo.

E enquanto seu corpo balançava-se, ainda com um resto de vida, seu manto desceu outra vez até a cintura, como em um protesto final contra a impossibilidade de amar que as Parcas sinistras lhe haviam decretado.

O CIÚME, SEGUNDO VÉNUS

Hipólito e Diana haviam sido criados juntos. Habituado a conduzir seu carro com invejável maestria, ele e a deusa haviam simpatizado tão sinceramente um com o outro, que passearem juntos era a coisa mais normal deste mundo para ambos.

Mas este era um privilégio que a casta deusa — todos sabemos — concedia a bem poucos imortais e a nenhum mortal. Seu cortejo compunha-se invariavelmente de algum punhado de belas ninfas, e toda vez que algum mortal ousava tentar algum contato, era severamente punido, como aconteceu com o pobre Acteão, ao flagrá-la nua durante o banho.

Mas com aquele jovem era diferente: Hipólito era tão casto quanto sua divina amiga, e por isso o mundo acostumou-se com a notícia de sua fraterna amizade.

Mas havia alguém que não pensava assim.

— Veja, meu filho, como ela o abraça tão ternamente! — disse Vênus, um dia, encolerizada pelo ciúme, a seu filho Cupido. — Haverá somente pureza ali?

— Quem sabe, mamãe... — disse o jovem arqueiro, afetando despreocupação.

— Mas seu descaso para comigo passou de qualquer limite! — esbravejou a mais bela das deusas. — Nunca mais o vi render ofertas aos pés de minhas estátuas, nem freqüentar os paços de meus templos. Não, ele precisa ser punido!

Determinada a este fim, ordenou, então, que seu filho procurasse a madrasta de Hipólito, a bela Fedra, e alvejasse seu coração com a mais venenosa de suas setas.

— Quero que ela o ame como mulher nenhuma amou um homem antes. Cupido saiu em sua procura. Chegando em Tebas, dirigiu-se, às ocultas, ao palácio de Teseu, esposo de Fedra, e encontrou-os no leito.

O rei parecia sedento dos abraços e carícias da esposa, pois recém retornara de uma longa expedição militar. Quanto a ela, Cupido não pudera observar direito, pois o corpo forte e espadaúdo do marido cobria o da mulher em toda a extensão.

Terminado o amor, Cupido sorriu baixinho.

Fedra, contudo, voltara-se de braços, cobrindo a nudez com o lençol.

"Acho que minha tarefa não é tão necessária aqui!", pensa Cupido outra vez, pondo, ainda, nova malícia em seus pensamentos. "Por que não deixar que as coisas sigam simplesmente o seu rumo?"

Mas a recomendação de sua mãe ainda soa bem forte em seus ouvidos.

No dia seguinte, Cupido aguarda que o rei abandone os aposentos, ficando só com a rainha. Ela parece pensativa, mas sem dar importância demais ao produto de suas elucubrações matinais. Cupido, que tem o dom da clarividência, observa o desfile monótono dos pensamentos da rainha. Na maioria futilidades do dia-a-dia, que ela relembra, intercalando esse pobre desfile com um bocejo ou dois.

"Opa!", exclama mentalmente o deus arqueiro ao flagrar um pensamento mais indiscreto. Sim, a imagem de Hipólito surge agora em sua mente. Inadvertidamente, ela parece fazer uma comparação entre os dois, pai e filho — que ela também considera seu -, mas sem nenhuma malícia.

"A hora é agora", pensa Cupido, sacando a sua mais afiada seta. Após embebê-la no filtro do Amor, assesta a pontaria para o coração de Fedra, que está inteiramente a descoberto debaixo da pele clara do seio quase desnudo. E quando a imagem de Hipólito retorna, finalmente, às suas cogitações, o deus dispara a seta, certeira como todas as que arremessa.

Fedra, sem saber como, vê-se de repente entontecida.

— O que é isto que sinto, Júpiter poderoso? — exclama, cobrindo instintivamente o peito com o lençol.

E durante o resto do dia ficará com esta angústia na alma, sem saber o porquê de tanta inquietação, até que seu enteado aparece, ao cair da noite, com o rosto radiante de quem se exercitou bravamente em seu carro puxado pela pare-lha dos velozes corcéis.

"Como é encantadoramente belo o filho de Teseu!", exclama mentalmente Fedra, como se o visse pela primeira vez. Depois repete baixinho, algo assustada: "O filho *de Teseu!"*

Cupido parte pela janela, satisfeito, mais uma vez, de sua eficiência.

A IRA, SEGUNDO TESEU

— Teseu, a rainha matou-se!

É com esta terrível notícia que o rei é recebido.

— Estão todos loucos? — grita Teseu, correndo até o local onde está o cadáver ainda quente de Fedra.

Abraçado ao corpo pendente da mulher, Teseu dá largas a sua dor.

— Por quê, quem foi o responsável por este gesto? — pergunta.

A escrava aponta para a carta que Fedra deixara. Teseu a toma com suas mãos trêmulas.

— Onde está Hipólito? — diz ele, erguendo os olhos.

Um brilho frio torna ainda mais gelado o azul de suas pupilas. Hipólito surge diante do pai.

— Ousou, então, na minha ausência, levantar a mão para esta que tomou o lugar de sua mãe? — diz Teseu; sua voz é bem articulada, mas seus membros agitam-se como os músculos dos cavalos quando estão postados para a corrida.

Hipólito silencia. Sabe que nada que disser poderá fazer seu pai acreditar em sua inocência. Abandona o recinto e, mandando atrelar os cavalos à sua biga, parte no mesmo dia para o Peloponeso.

Teseu, a sós, ferve de ódio. Não há mais Fedra nenhuma a seu lado para acalmá-lo; nenhuma palavra, nenhuma carícia, nada poderá agora refrear o seu ódio. Os problemas políticos também se avolumam: Menesteu, seu rival, disputa com ele o poder, apoiado por nobres insatisfeitos — ou seja, por traidores.

Traidores por todos os lados!

Pondo-se em pé, Teseu chama por seu pai, Netuno.

— Meu pai, deus poderoso, é a ti que clamo neste momento! — diz, cerrando os punhos. — Na condição de seu filho, peço agora que punas Hipólito ingrato, e que jamais possa ele chegar ao seu destino!

O jovem, nesse momento, atravessava os caminhos ásperos e íngremes de sua jornada, conduzindo sua biga, puxada por fogosos corcéis. Em sua cabeça agitavam-se pensamentos de dor e remorso: dor por haver levado o próprio pai a fazer um tão mau julgamento de si mesmo, e remorso por haver provocado uma morte, ainda que a morte de uma mulher perversa e lúbrica, que tramara a sua perdição e de sua casa.

Ao mesmo tempo em que torce as rédeas na mão, com o coração tomado pela raiva, não pode deixar de relembrar as carícias da madrasta, os beijos ardentes, as mãos que percorriam seu corpo em todas as direções, como que vasculhando uma escuridão em busca do acesso à liberdade, que para ela era somente um: a realização do seu nefando desejo.

Nesse exato instante Hipólito é surpreendido com o surgimento inesperado, vindo das profundezas do mar — situado um pouco abaixo da ravina que ele percorre velozmente -, de um monstro marinho assemelhado a um grande touro negro, que lança flamas ardentes pelas duas narinas frementes.

"Por Júpiter, o que é isto?", pensa Hipólito, atônito com aquela monstruosidade. Algo, porém, lhe diz que ele vem como o mensageiro da destruição e do castigo. Sim, do castigo, também, pois fora ele, Hipólito, o causador, ainda que involuntário, de toda aquela tragédia.

Enquanto luta para se desvencilhar, desviando com mão firme o seu carro Gdas investidas da terrível fera, Hipólito é assaltado por uma estranha visão, pois quando o temível touro aproxima-se, colocando-se quase ao seu lado, pode ver nas feições da fera o desenho do rosto de sua madrasta.

"O que é isso, estarei delirando?", pensa, em meio ao tumulto da fuga e da poeira que os cavalos levantam.

Às vezes da própria poeira surge Fedra, dissociada do monstro, inteiramente nua e de braços estendidos, para dali a instantes dissolver-se outra vez no turbilhão do pó. Hipólito não está sendo perseguido apenas por seu fado.

Quem sabe descobre em si mesmo, também, tardiamente, um sentimento até então estranho, que justifica agora, plenamente, o destino que se desenhava para si? No último instante, porém, lembra-se novamente de Diana, a sua amiga e companheira.

Onde estava ela?

A AMIZADE, SEGUNDO DIANA

Diana, a casta deusa. Diana, filha de Latona e irmã de Apolo. Diana, que se afeiçoara pela primeira vez a um mortal — através de um sentimento absolutamente casto, como requeria a sua natureza -, estivera afastada durante todo este tempo. Não eram estes assuntos, com os quais inadvertidamente acabara por se envolver o seu amigo Hipólito, dignos de lhe despertar a atenção e o interesse.

Durante todo o episódio dos amores proibidos de Fedra e Hipólito, Diana procurara se manter ausente. Seu amigo estava prestes a ser engolfado no turbilhão de uma paixão, e ela, deusa castíssima entre as deusas, temia ser envolvida naquela atmosfera que tanto temia. Alvo, certa feita, dos desejos indiscretos de Acteão, ele bem soubera dos desgostos que podiam acarretar a um mortal — e mesmo a uma divindade poderosa como ela — os furores inspirados por Vênus.

Mas ao saber, finalmente, dos trágicos rumos que tomara aquela funesta paixão, Diana resolvera intervir e tentar ainda, desesperadamente, salvar a vida de Hipólito, uma vez que contra ele se levantava a ira de dois pais: a de Teseu, seu irado pai, e a de Netuno, pai implacável de seu pai.

— Teseu, modere a sua ira — disse-lhe a deusa, surgindo diante do rei, após o terrível pedido que este endereçara ao deus dos mares.

— É você, deusa severa, que me vem aqui falar em moderação? — disse-lhe Teseu.

Mas Diana, intransigente na defesa do amigo, não arredou pé.

— Vamos, Teseu, bem sabe que o seu filho é inocente.

Conduzindo, então, o rei até o espelho d'água do palácio, fez com que se desenrolassem ali as cenas da tragédia. Diante dos olhos estupefatos de Teseu surgiu uma nova Fedra, como ele nunca havia visto: a Fedra inquieta da procissão, a mulher desesperada no alto da sua torre desolada, os votos secretos de amor e o grande momento da sua declaração, quando seu seio desnudo agitava-se ao sabor de suas palavras ardentes.

— Hipólito, filho meu! — exclamou Teseu, cobrindo o rosto com as mãos.

— Acalme o seu coração e prepare-o para coisas ainda piores, pois o seu filho está à morte! — disse Diana, mostrando a cena do confronto, que se desenrolava naquele instante, entre Hipólito e a terrível fera marinha.

O rei, descolando as mãos da face, mirou o espelho onde se desenrolava a cena mais cruel que seus olhos poderiam esperar um dia contemplar. Assistia, então, à cena da morte de seu próprio filho.

A MORTE, SEGUNDO HIPÓLITO

O carro de Hipólito avança rumo a arvore de galhos nus. Em seu delírio Hipólito enxerga nela o corpo de Fedra — uma Fedra deformada, de corpo nu e enrugado como a casca da velha árvore, agitando seus vários braços descarnados.

Fedra-árvore o chama, engelhada, com as mãos de galhos estendidas.

A rédea partida chicoteia o ar; Hipólito só tem nas mãos a outra, insuficiente para deter a marcha enlouquecida dos cavalos. O monstro o está quase alcançando. Suas vestes chamuscadas roçam por suas feridas abertas.

Então o carro conduzido por Hipólito ultrapassa a árvore fatal. Um dos galhos roça por seu rosto, porém sem feri-lo. Dir-se-ia que uma mão macia e quente deslizara por suas feições. Mas logo em seguida aquela rédea solta que se agitava loucamente no ar prende-se — ou é segura? — por um dos galhos secos da árvore.

Um baque impressionantemente brusco faz com que Hipólito seja arrancado do comando da biga. Os cavalos, perdendo o passo bruscamente, enovelam suas patas umas nas outras, parecendo que uma força maléfica os tentava unir num único e monstruoso eqüino de mil patas desencontradas. A biga volta-se no ar e tomba sobre os animais, matando-os instantaneamente, enquanto que Hipólito tem seu corpo arrastado por vários metros sobre o solo pedregoso, repleto de pedras rudes e afiadas como navalhas. Hipólito ainda se volta, uma última vez, sobre a poeira e os detritos, deixando erguidos para o céu as suas feições marcadas e o seu corpo dilacerado.

Hipólito, filho de Teseu, que um dia seria rei, agora está morto.

Diana, impotente para reverter um decreto mais forte que seu desejo, toma o corpo do amigo e o leva para Trezena. Ali, junto a um templo em homenagem a ela própria, Diana, está colocado para sempre o túmulo do mortal Hipólito.

AQUILES E ESCAMANDRO

A Guerra de Tróia, travada pelos gregos para recuperar Helena de belos braços das mãos de seus raptores, ainda ardia em seu furor.

O irado Aquiles já se reconciliara com o chefe da expedição grega, Agamenon, para quem perdera a posse de uma escrava, abstendo-se, em revanche, de participar da maior parte da guerra. O herói estava de volta à luta, com todo o furor de sua alma.

Como o lobo ferido que, estando longo tempo retirado na floresta por não ter condições de perseguir e dilacerar com seus afiados dentes a presa ambicionada, retorna, enfim curado, com redobrada voracidade, assim era Aquiles, semelhante aos deuses, quando, empunhando sua lança e o escudo forjados por Vulcano, colocava outra vez seus pés de sólidas grevas sobre o campo de batalha.

— Eia, gregos de longas cabeleiras! — gritava o heróico filho de Tétis, a deusa dos pés argênteos. — Assolemos o inimigo até que, recuando às portas Céias, os obriguemos a nos dar entrada na sagrada cidade de Príamo, semelhante aos deuses!

Aquiles de pés velozes, louco de fúria por haver perdido seu fiel amigo Pátroclo, morto às mãos de Heitor de elmo reluzente, matava troianos sem fazer a conta. Seu carro, avançando com fragor, esmagava os corpos e escudos dos inimigos abatidos, de tal forma que o pêlo alvo dos seus cavalos estava agora todo tinto do sangue dos guerreiros mortos.

— Aqui, às margens do Escamandro, misturarei as suas águas cristalinas com o sangue torvo destes cães! — bradava sempre.

De fato, cumpria o guerreiro grego regiamente o que dizia: após encurralar os troianos assustados até as margens do rio que nasce no monte Ida, começou a passá-los na sua comprida lança, assim como fazem os pescadores quando os peixes em desova, na estação dos calores, abundam, atropelando-se uns aos outros sobre as margens espumosas dos férteis rios.

As águas do torrentoso Escamandro absorviam o sangue que jorrava dos corpos ajuntados em seu leito, quando, de repente, do centro das águas escarlates e revoltas, ergueu-se aos poucos, bem em frente a Aquiles de insaciável lança, a cabeça e o corpo de um velho descabelado. Seu semblante era irado e suas vestes, antes alvas e orladas de franjas espumosas, agora estão tintas do sumo amargo das batalhas.

— Basta, Aquiles! — grita o velho e iracundo Escamandro. — Vá saciar a sua sede nas planícies, pois não posso mais beber o produto amargo da sua ira!

— Silencie suas queixas, portentoso rio que desce do elevado Ida! — **diz** Aquiles de sólidas grevas, afrontando de espada erguida o próprio rio de sagradas águas.-Minha vontade já decidiu que o curso de suas espumosas águas será interrompido até que os peixes que nelas sobrenadam tenham despido com as bocas toda a gordura que reveste os ossos desses inimigos!

Escamandro, rio irado, mergulha de volta às torvas águas. Dali a instantes um turbilhão furioso começa a sacudir o leito inteiro do rio, e ondas altas como aquelas que o proceloso mar ergue em dias de tempestade começam a sublevar-se também por todo o seu majestoso curso.

Assim como as águas dos rios nas épocas de cheia expulsam de si os corpos dos animais mortos, tragados pela correnteza em sua inconsiderada sede, tal é o furor com que o Escamandro de revoltas águas lança para o alto os corpos dos troianos de fundas feridas, fazendo no ar um horrendo concerto de armaduras e escudos que se entrechocam.

— Aquiles, semelhante aos deuses! — exclama o velho rio, cuja face engelhada e gigantesca surge misturada às revoltas águas. — Sua sede de sangue ultrapassou todos os limites e agora infringe também os sagrados limites do temor aos deuses. Por isto, farei desabar, agora, sobre você, a força de meus milhares de braços embebidos pela ira!

Uma tremenda cortina de ondas espumosas envolve, então, o valoroso filho de Tétis, fazendo com que desapareça diante de seus olhos a luz que o carro do Sol ainda esparge generosamente por todo o azulado empíreo.

Assim como o caminhante descuidado, que se metendo por ravinas pouco conhecidas mete o pé por tudo, de maneira inconsiderada, indo acabar por cair no profundo fosso, cercado pelas paredes úmidas e impossíveis de serem escaladas, assim Aquiles de grande cabeleira vê-se cercado pela parede sólida das águas do irado Escamandro.

— Rio divino, por que se mete em um assunto que não lhe diz respeito? -brada Aquiles, de espada luzente ao punho.

Mas Escamandro de cenho franzido não se digna mais em responder e faz desabar sobre o herói, filho de Peleu, todo o fragor de suas águas. Aquiles de pés velozes, dando um salto, põe-se então a correr, após furar a cortina d'água com um golpe furibundo de sua cortante espada.

O rio, afrontado ainda mais por este golpe que uma mão mortal ousa lhe desferir, convoca todas as suas águas para que, deixando o leito onde até então descansavam mornamente, se ergam como uma só corrente para esmagar o agressor de longas cabeleiras. Aquiles de pés velozes faz então valer a sua alcunha: virando o escudo para as costas, corre com quantas pernas tenha para longe das ameaçadoras águas.

Uma onda gigantesca, com o formato de um poderoso braço, ameaça abater-se sobre o escudo que Aquiles de sólidas grevas traz preso às costas.

— Por mais que corra, bravo Aquiles, não poderá fugir ao meu fero braço, que só busca vingar a torva ofensa que fez aos deuses! — ruge o proceloso e irado rio. — Mesmo que seus pés ligeiros tentem levar-lhe adiante, com este imenso escudo preso às costas você parecerá sempre, diante de minha rapidez, como o lerdo animal de que a ira de Juno soberana se serviu para castigar Quelone, a preguiçosa ninfa!

Assim como o braço do gigante aborrecido serve para espantar a pequena e frágil mosca que teima em lhe perturbar o sono, assim o braço líquido do Escamandro, de forte corrente, abate-se sobre o audaz guerreiro.

Aquiles de longas cabeleiras é lançado longe, mas ainda tem vigor bastante nos pulsos para agarrar-se ao robusto galho do olmo alto e frondoso que está à sua frente. Mas nem as sólidas raízes da portentosa árvore, metidas nas profundezas da terra dura, são fortes o bastante para parar o curso impetuoso das águas do encolerizado rio, que leva adiante a árvore, as raízes e o guerreiro valoroso, que em um de seus galhos segue preso, a mal de sua sina.

Então, estirando os braços de sólida musculatura, Aquiles, filho de Peleu, lança-se com um grito de guerra ao peito portentoso do Escamandro irado, bracejando em suas águas temperadas pelo sangue dos troianos de sólidas armaduras. Após travar rude combate, num corpo a corpo viril com o próprio rio, alcança com seus pés cansados a planície, que agora serve de margem às águas expandidas do revoltoso Escamandro.

— É debalde, Aquiles semelhante aos deuses, que procura a planície ou outra elevação qualquer para escapar à minha ira — diz o rio, insaciável de furor -, pois onde as pegadas fundas de seus velozes, porém já cansados pés, pisarem, em seguida as farei apagar com o curso furibundo de minhas niveladoras águas.

Neste momento, Aquiles, apoiando-se a um rochedo, ergue os olhos até a morada de Júpiter celestial e clama, assim, em sua voz:

— Pai dos deuses, por que permite que a fúria de um deus menor se sobreponha ao seu poder infinitamente maior? Por que consente que o filho da sua querida Tétis, esposa de meu pai Peleu, passe pela vergonha de ter de morrer afogado como um reles pastor, que tomando pé errado afunda sobre as águas de um córrego raso e acaba por entregar ao Hades sombrio, de maneira esquecida e vexatória, a sua alma reles? Quer dar, então, este mesmo e lastimoso fim ao rompedor das muralhas de escudos que troianos de sangue audaz erguem todo dia à sua frente, e que os rompe com o poder de sua incansável lança?

Enquanto diz tal, os joelhos de Aquiles avançam a custo sobre a água, que já lhe sobe pelas fortes grevas. Os corpos e armaduras dos troianos mortos batem a todo instante em seus desprotegidos flancos, magoando-os. E assim como os astros brilhantes rodopiam sobre o éter,

despedindo sua fulva luz, assim os escudos dos vencidos, brilhando e rodopiando ao sabor das ondas, parecem pequenos sóis a girar seu curso errante sobre a planície inundada.

Quando Aquiles já está prestes a ser engolido em definitivo pela imensa boca do Escamandro, cujos dentes são os vorazes peixes que degustam a carne apodrecida dos guerreiros mortos, eis que Juno, esposa de Júpiter, surge ao lado do pai dos deuses.

— Basta, meu tresloucado esposo! — grita a deusa de olhos brilhantes.

E dando-lhe as costas vai buscar seu filho coxo, Vulcano, artificioso deus.

— Vai, filho e artífice soberano! — diz Juno, de altivo ar. — Libera, desde já, sobre o tormentoso rio, o fogo inteiro de suas forjas, até que Escamandro, engolfado pela ira, veja-se obrigado a refluir as águas aos seus antigos e prescritos limites.

Vulcano, do portentoso fogo, sobe então de suas escuras furnas e empunhando seus foles vigorosos faz surgir rios de fogo e pez, que lança incontinenti sobre as águas do revoltoso Escamandro.

As águas do rio, iradas, erguem-se como colunas prateadas e avançam para fazer frente às labaredas que avançam, também, em ordenada fila.

— Escamandro, deus decrépito, pretende fazer frente, então, ao fogo insaciável de meus foles? — brada Vulcano, sacando de sua portentosa aljava os raios que os ciclopes forjaram a noite inteira, em suas escuras e fuliginosas furnas.

O choque dos dois exércitos, do fogo que escalda e da água que enregela, abala o céu e a terra. E assim como as aves, postadas em alegre cantoria durante o dia inteiro, suspendem suas vozes, voltando suas cabeças para o horizonte de onde rola o trovão furibundo que prenuncia a faiscante tempestade, assim, dentro e fora das muralhas da cidadela disputada cessam os gritos de ira e de dor, para que aqueus e troianos unam seus olhares atemorizados para o terrível fragor de armas que se fere quase ao lado.

O fogo tremendo de Vulcano artificioso calcina toda a planície, depois de haver secado as águas invasoras que a afogavam, queimando e consumindo as carnes, os ossos e mesmo as armaduras e escudos que ali jaziam abandonados. Uma massa líquida, ainda fumegante, mistura de ossos negros e bronze derretidos, ainda coalha a campina como o vômito infecto que alguma fera das batalhas, descomunal e largamente saciada, houvesse regurgitado sobre o chão.

As águas do impetuoso Escamandro agora chiam, lançando para os céus uma gigantesca nuvem de vapor, enquanto os peixes, que nele fazem sua morada, sobem mortos aos milhares, cozidos a ponto de romperem-se suas peles, flutuando sobre a linha d'água como um manto ondulante e cintilante de escamas.

A figura do velho Escamandro rompe, finalmente, a superfície das suas próprias águas, sem poder mais nelas se ocultar. E assim como o mergulhador, que após percorrer as profundezas do rio consumiu gota a gota o último alento dos pulmões, tal é o estado que o Escamandro apresenta quando põe para fora da água a sua cabeça de longas, úmidas e prateadas cãs.

— Vulcano, artífice supremo! — clama Escamandro, de faces afogueadas que refulgem como o pomo avermelhado das macieiras, quando o sol nelas incidiu o dia inteiro. — Cessa a ira de suas forjas, eis que minhas águas não são fortes o bastante para deter o fragor insaciável das línguas de fogo que você expele com tanto ímpeto!

Escamandro, como quem ferve e referve dentro de um caldeirão, abrasado de maneira incessante pelo basto lenho incendiado que arde em sua base, sente que suas forças o abandonam, e antes que cesse toda a vida de suas águas pede trégua ao inimigo, que não cessa nunca de cuspir mais e mais o produto ígneo de suas forjas.

— Vulcano, filho amado — diz finalmente Juno, a deusa de olhos brilhantes -, que as palavras de clemência de um velho e vencido rio bastem para acalmar a sua ira.

O deus artífice, no entanto, ainda esparge por todo o leito do rio o conteúdo flamejante de seus foles. Vulcano brande os seus pesados foles até que nem mais uma única faísca reste dentro deles.

Enquanto isto, na planície, Aquiles empunha novamente a sua lança e com um berro descomunal já arremete outra vez contra os troianos, os quais, diante do avanço inexorável do mais terrível dos aqueus, se precipitam e atropelam, com todo o vigor de seus pés e joelhos, em direção às muralhas seguras de Tróia, mãe-pátria protetora.

MARTE, DEUS DA GUERRA

As crônicas não referem nenhum detalhe maravilhoso ou extravagante a respeito da concepção ou do nascimento do velho Ares grego, senão que era filho de Júpiter e Juno. Uma versão apócrifa, entretanto, pouquíssima referida, diz que Juno concebeu o turbulento deus de um contato que teve com uma flor cultivada nos campos de Oleno, na Acaia. Flora, a deusa da vegetação, teria sido a inspiradora da terna idéia. Mas como conciliar esta concepção lírica e bucólica, em meio aos pássaros e às flores, com o caráter rude e atrabiliário deste deus brutal e sanguinário?

Quanto ao aspecto físico, todos são unânimes em atribuir a Marte um belo porte marcial, e de ostentar com galhardia em seu peito uma soberba e reluzente armadura. E afora isto pouco mais de bom há para ser dito a seu respeito. O fato é que nenhum de seus pares de imortalidade parecia lhe devotar a menor simpatia, nem mesmo seu suposto pai, Júpiter, que lhe teria dito:

"Não me venha com seus choramingos, ó inconstante! É para mim o mais detestável dos deuses que habitam o Olimpo, pois ama unicamente a discórdia, a guerra e os combates. Tem o espírito intratável e teimoso de sua mãe, Juno, que só a custo consigo reprimir com palavras. (...) Se fosse filho de qualquer outro deus, já há muito teria sido rebaixado entre os filhos do céu!" *(Ilíada,* canto V). Apenas a beta Vênus, deusa do amor, nutria uma afeição por ele — desconcertante paradoxo.

Marte, pois, na condição de deus da guerra, anda sempre na companhia de seus dois filhos de tremenda figura, o Medo e o Terror. Quando seu carro ardente surge, precedido por estes pavorosos arautos, anunciando que a fúria das batalhas está prestes a se desencadear, poucos, com efeito, podem reprimir um espasmo de medo e terror. A Discórdia, com cabelos de serpentes que estão sempre a verter incessantemente uma baba infecta, vai um pouco mais adiante, espalhando a intriga e a calúnia. Porque tal é a sua vocação: onde houver dois interesses minimamente contrapostos, é sua obrigação torná-los irreconciliáveis.

Se adiante vai esse perverso conjunto de arautos, fechando o cortejo estão aquelas que recebem o espantoso apelido de "cadelas de Plutão". São as Queres, deusas sanguinárias, antecessoras dos nossos modernos vampiros, que mergulham sobre as vítimas abatidas para dilacerar suas carnes e beber seu sangue, arrastando-as depois para a morada das sombras.

Tais são as agradáveis companhias de que desfruta o belicoso deus.

Paradoxalmente, as histórias das derrotas sofridas por Marte são muito mais abundantes do que os relatos de suas vitórias. O pior dos seus fracassos seria quando Marte viu-se aprisionado durante treze meses dentro de uma jarra de bronze por causa de uma afronta feita aos dois gigantes Aloídas, filhos de Aloeu e Ifimedia.

Durante a Guerra de Tróia, também não se saiu melhor com Diomedes, guerreiro aqueu, que o feriu com uma lança, dirigida pela mão de Minerva -talvez o maior dos desafetos que Marte encontrou pela frente. Quando se retirou a lança, contudo, Marte não se portou com tanta bravura quanto se poderia esperar, pois lançou aos céus um grito tão alto quanto o de "nove ou dez mil guerreiros", conforme Homero. Compreende-se, contudo, o motivo dessa divina rixa: é que Minerva, irmã de Marte e deusa também associada à guerra, representa a tática e a diplomacia, apelando sempre ao instinto nobre do guerreiro, enquanto que seu tresloucado irmão representa unicamente o aspecto sanguinário das contendas, apreciando, simplesmente, a morte pela morte.

Essa rixa culminou com um enfrentamento de ambos, ainda diante das muralhas da disputada Tróia: Marte lançou um dardo contra a irmã, que se desviou dele com facilidade, remetendo em seguida uma pedra sobre o pescoço do agressor que o deixou estendido ao solo,

sem sentidos. Como se isto não bastasse, ainda teve de escutar os deboches que Minerva vencedora lhe lançou.

Mas seus fracassos pessoais não acabam aqui: sua coragem naufragou, também, quando, por duas vezes, teve de fugir vergonhosamente da fúria do invencível Hércules; depois, ao pretender vingar a morte da amazona Pentesiléia, morta por Aquiles, recebeu na cabeça o raio irado do próprio pai, Júpiter.

Esse é Marte, deus menor e privado de qualquer virtude, que só foi verdadeiramente cultuado com fervor pelos romanos, povo imperialmente bárbaro que só soube alcançar a grandeza através do rude ofício de pilhar e assassinar.

Mas como esta cruel divindade pôde inspirar amor a Vênus e dar a ela um filho como Cupido? Talvez porque sendo o amor também uma batalha, com todos os lances e estratégias de uma guerra, fosse natural que dois deuses tão opostos acabassem por se sentir inevitavelmente atraídos. O fato é que, mesmo no amor, o atrapalhado deus não se saiu tão bem quanto esperava, pois apesar de ter conseguido render a sua amada Vênus, teve que passar pelo dissabor de ser flagrado em pleno leito pelo marido desta, o não menos truculento Vulcano, deus das forjas. Aprisionados ambos numa rede indestrutível, confeccionada pelo próprio Vulcano, Marte ardoroso e Vênus infiel foram expostos à execração pública, diante de todos os deuses do Olimpo.

HÉRCULES E CICNO

Cicno, filho de Marte, estava um dia sentado e — coisa rara — pensativo.

— Todos os deuses têm um templo, e somente meu pai, o bravo Marte, é que não dispõe de um. Ora, isto é injusto! — exclamou, pondo-se em pé.

Cicno decidiu, então, pôr mão à obra. Mas ele queria que o templo fosse original e fizesse menção direta ao ofício de seu pai. Depois de muito pensar, Cicno, que tinha o corpo de um gigante, chegou à seguinte e brilhante conclusão:

— Já sei! — disse, dando um grito de alegria. — Farei com que, em vez de pedras, sejam utilizados ossos na confecção do templo.

Depois de analisar o número e o tamanho dos ossos que seriam necessários, Cicno, armado de sua poderosa clava, saiu à cata de seu material de construção. Por onde quer que passasse, ia abatendo as pessoas que julgava terem ossos de boa qualidade, arrastando-as em seguida até o seu covil. De um lado ia empilhando as caveiras, branquinhas, para fazer o teto — um teto maravilhoso, com crânios unidos uns aos outros! -, e de outro deixava separados os ossos longos, que reunidos em feixes da espessura de colunas dariam futura sustentação ao prédio.

— Absolutamente genial! — exclamava ele toda vez que retirava do caldeirão um novo monte de ossos limpinhos.

Um dia, Cicno, que havia se tornado o terror de toda a região, estava à procura de mais algumas vítimas, quando se deparou com ninguém menos do que Hércules, o mais famoso herói de toda a Grécia. "Que ossos enormes deve ter!", pensou, dando uma cuspida em sua clava. E arremeteu em direção ao herói, pois, mal informado que era, nem desconfiava de quem se tratava.

— Muito bem, grandalhão, vamos ver agora! — disse Cicno, dando uma tremenda bordoada na cabeça de Hércules.

O gigante, entretanto, apenas passou de leve a mão sobre o cabelo e a estendeu para o céu, dizendo calmamente:

— Teremos chuva?

Cicno, sem se dar por vencido, tomou duas clavas e desferiu dois novos golpes sobre a cabeça da sua vítima.

— E, já são duas gotas! — resmungou Hércules, ligeiramente contrafeito. Quando se virou, no entanto, deu de cara com Cicno, que investia contra si pela terceira vez. Entendendo, então, o que se passava, Hércules tomou o agressor pela garganta e o arrojou de encontro a uma montanha. E foi assim que Cicno, desastrado, baixou à casa de Plutão.

Seu pai, Marte, contudo, ao saber da notícia, muito se amargurou:

— Me vingarei deste cruel, que matou um filho que só queria me homenagear!

Marte, contudo, não se saiu melhor que o filho, e por pouco um imortal não perde a vida às mãos do poderoso Hércules, que o golpeara rudemente com a sua lança.

— Só me resta fazer por meu filho o que ele pretendia fazer por mim — disse Marte, machucado, decidido a reparar o erro de Cicno com o mesmo erro.

O deus da guerra ordenou, então, a Ceix, sogro de seu filho morto, que reconstruísse o templo que ficara pela metade, agora em honra do falecido:

— Quero que fique tão belo quanto estava destinado a ser.

Outra vez montanhas de ossos foram empilhadas e dispostas harmoniosamente para que se cumprisse uma mesma desastrada e funesta vontade. Depois de alguns anos, Ceix invocou o poderoso deus.

— Está pronto, ó Marte divino, senhor supremo das batalhas!

Uma grande festa foi realizada, embora nenhum deus tenha comparecido. Na verdade, Marte, com suas extravagâncias, não era lá muito querido pelos seus colegas de imortalidade.

A festa já estava quase no fim, quando se ouviu um ruído avolumar-se, vindo ninguém sabia exatamente de onde. Aquilo parecia o zumbido de um besouro — mas que gigantesco besouro devia ser!

— Descubram logo o que é isto, pois meus ouvidos não podem suportá-lo mais! — esbravejou Marte, tapando as orelhas.

Ao invés de diminuir, o ruído mais e mais aumentava, até que finalmente a coisa se revelou: descendo do alto das montanhas, vinha a toda fúria o rio Amaro, convocado pelos deuses para destruir aquele templo infame.

Marte escapuliu a toda pressa, enquanto o deus-rio, furioso, investia sobre as colunas do templo, arrancando-as pela base e fazendo desmoronar, até a última caveira, o malfadado templo. E naquele dia o ameno Amaro levou em suas torrentes tantos ossos de gente morta, que quem via suas águas passarem em turbilhão pelos vales pensava antes que era o próprio Estige infernal que subira à superfície para regurgitar seus mortos.

AQUILES NA CORTE DO REI LICOMEDES

Aquiles era filho de Peleu, rei de Ftia, e da ninfa Tétis.

Ainda bebê, o pequeno herói fora levado pela mãe ao rio Estige, onde a filha de Nereu pretendia mergulhá-lo em suas águas miraculosas, pois dizia-se que elas tinham o poder de tornar invulnerável todo aquele que nelas se banhasse.

Estige, vale dizer, era uma poderosa ninfa que ajudara Júpiter na guerra contra os Titãs, a primeira guerra que o Universo conheceu. Por isto, fora recompensada com uma fonte da Arcádia, de águas sombrias e de longo curso que entravam terra adentro, desaguando nos submundos infernais.

— Estige, rio de águas mágicas e misteriosas! — dissera Tétis, enquanto mantinha o filho pendurado pelo pé sobre aquelas revoltosas águas. — Invoco agora o seu poder sagrado para que torne meu pequeno Aquiles forte e invulnerável durante todos os dias de sua vida!

Tétis, a ninfa dos pés de prata, relutara muito antes de tomar esta atitude; mesmo naquele momento, enquanto segurava o pé de seu filho com toda a força e escutava o ruído intenso da correnteza naquele cenário escuro e desolado, tinha dúvidas sobre se estava fazendo a coisa certa. Mas desde o parto a deusa fora tomada por um sombrio pressentimento: o de que seu filho teria uma vida demasiado curta.

— É meu dever fazer de tudo para protegê-lo — disse ela, afinal, como que a justificar-se perante o rio que turbilhonava à sua frente.

O calcanhar, contudo, por um descuido da ninfa, permaneceu seco, e um dia tanto ela quanto seu filho descobririam o preço de tão grave descuido.

Tão logo o pequeno Aquiles sofreu este batismo, foi entregue aos cuidados do centauro Quíron, que fora o preceptor de muitos outros heróis — tais como Hércules, Jasão, Esculápio e até o deus Apolo -, e passou a ser alimentado com uma dieta rica em miolos de feras: de leão, para adquirir coragem, de urso, para ganhar força, e de gazela, para tornar-se veloz.

Quando o jovem Aquiles completou nove anos — sendo, a essa altura, quase um homem, tanto no porte quanto na virilidade -, sua mãe, Tétis, decidiu levá-lo para uma consulta como o adivinho Calcas.

— Preciso saber o que o destino reserva para ele — disse a mãe ao adivinho, pois ainda permanecia inquieta com o futuro do seu filho.

O sábio Calcas, após consultar seus augúrios, declarou, finalmente:

— Tróia poderosa jamais será conquistada sem o valor do seu braço. Mas completara a previsão com outra, agora funesta:

— Seus pés, contudo, jamais pisarão o chão da cidade sagrada, eis que antes disso baixará à casa de Plutão.

Desde aquele instante, então, Tétis concebeu um plano:

"Se o destino de Aquiles está em perecer diante das muralhas de Tróia", pensou a deusa, "então a sua salvação estará em jamais participar de tal campanha".

Aquiles está agora com dezessete anos de idade. O jovem já retornou à casa de seu pai, Peleu, e graças à sua precoce vocação para as armas é comandante do poderoso exército dos mirmidões, povo de bravos guerreiros oriundos da Tessália.

Há um grande burburinho e alvoroço em toda a corte. As notícias desencontradas fervem por todos os recantos da Ftia, indo desaguar no seu escoadouro natural: o palácio real, onde reinam os soberanos Peleu e Tétis.

— A notícia parece ser mesmo verdadeira — diz Peleu à sua apreensiva esposa. — O troiano Páris, infringindo todas as regras da hospitalidade grega, raptou Helena, esposa de Menelau, em sua própria pátria!

O jovem Aquiles, um pouco afastado, mantém seus ouvidos atentos.

— As últimas notícias — ou boatos — dão conta de que todo o reino de Argos já está em pé de guerra, e que as tropas comandadas por Agamenon, irmão do ultrajado Menelau, estão prestes a partir para Áulis, onde os côncavos navios já as aguardam.

Tétis, desorientada, retira os pés argênteos de seu escabelo e põe-se em pé.

— Mas por que tanto alvoroço em nosso reino? — exclama a rainha. — Que parte devemos tomar nisto tudo, afinal?

— Já lhe expliquei mil vezes, Tétis, que há um pacto entre os diversos povos gregos — replica Peleu, adivinhando a apreensão da esposa. — Desde que Helena dos belos olhos fora indicada para ser esposa de Menelau, todos os demais pretendentes ficaram obrigados a defender a sua honra, em qualquer circunstância.

— Então, sem dúvida, chegou esta circunstância! — bradou Aquiles, como quem está pronto para embarcar.

— Calado, menino! — gritou Tétis, que ainda não conseguia enxergar no jovem um homem pronto para as batalhas e para a própria morte.

Peleu fez um sinal ao filho para que se calasse, enquanto Tétis, com os olhos rasos de água, correu para os seus aposentos.

— Júpiter poderoso! — clamou ela, de mãos postas, ao chegar lá. — Faça com que meu querido Aquiles desista de participar desta funesta guerra.

Mas a deusa confiava ainda mais em sua argumentação; por isto mandou chamar imediatamente o filho ao seu quarto.

— Aquiles, é preciso que você saiba que há algo de muito terrível ligado a esta guerra — disse Tétis, violentando-se para revelar algo que ocultara do filho a vida inteira.

— Não estou entendendo... — responde o jovem.

— Aquiles, se você for para Tróia, morrerá muito, muito cedo!

O jovem ficou pasmo, e seus lábios tremeram levemente quando falou:

— Quem lhe disse esta bobagem?

— Calcas, o adivinho — respondeu Tétis, com firmeza. — Você era muito pequeno e não podia entender. Mas agora chegou a hora de saber e de fugir ao seu destino.

Aquiles ficou abalado, pois sabia que os oráculos de Calcas eram infalíveis, e, apesar de valente e destemido, não tinha vontade alguma de morrer tão cedo.

— E o que a minha mãe sugere que eu faça para escapar de tão negro destino?

— Vou levá-lo, já, para a ilha de Ciros — disse Tétis, como quem já soubesse há muito o que fazer. — Já preveni anteriormente o rei Licomedes de que você irá se esconder em sua corte por algum tempo, até que esta guerra funesta se acabe.

Aquiles sentiu triunfar em si a vontade da vida, que era ainda mais forte do que o desejo de guerrear. Afinal, jovem como era, ainda teria muito tempo para provar o amargo, ainda que vibrante, sabor das batalhas.

Na noite do dia seguinte, Tétis levou o filho até o ancoradouro. Aquiles, no último grau do enrubescimento, ia vestido de... *mulher!* Sim, só havia um jeito de impedir que ele acabasse reconhecido em uma corte imensa como a de Ciros: introduzindo-o no harém do próprio rei.

— Mãe, isto é uma humilhação, uma infâmia... — disse o jovem, momentos antes de embarcar.

— Ninguém jamais saberá de nada, eu prometo! — respondeu a mãe, ajeitando o laço que prendia o delicado peplo ao ombro do rapaz. — Ali você viverá cercado pelas mais belas mulheres de toda a Grécia; que mais pode querer a sua virilidade? Mas, atenção: não permita jamais que o desejo por uma delas o faça revelar a sua real identidade, pois então estará perdido e o seu destino acabará sendo aquele que o velho Calcas vaticinou, o de perecer diante das muralhas da pérfida Tróia.

Aquiles, em seus trajes de mulher, partiu naquela mesma noite para Ciros e, depois de vários dias de viagem, chegou, finalmente, à corte do rei Licomedes.

— Pirra, o que você tem, que parece tão aborrecida?

Deidâmia, filha de Licomedes, rei de Ciros, entrara nos aposentos onde estavam instaladas as mulheres e concubinas do seu poderoso pai.

Aquiles estava deitado sobre um pequeno leito; suas vestes, um pouco arrepanhadas, deixavam entrever um pedaço de sua perna direita, lisa e suavemente torneada. Os longos cabelos da cor do fogo — que ele já usava antes de ali chegar — haviam crescido ainda mais. Sua pele, após longos anos sendo tratada pelas essências mais suaves e balsamizantes, adquirira um tom claro e uma textura que fazia lembrar a do mais tenro pêssego da Arábia. Seus lábios, um pouco abertos, estavam mais rubros que o normal.

— Pirra, você está dormindo? — insistiu a bela Deidâmia, preocupada com sua melhor amiga, a bela Pirra dos rubros cabelos.

A filha do rei — como de resto ninguém, além do próprio Licomedes — não sabia ainda que a jovem Pirra, na verdade, era o jovem Aquiles, filho do valoroso Peleu, rei da Ftia. Mas por um instinto mais forte que tudo, Deidâmia sentia que a cada dia uma ligação cada vez mais forte a reunia àquela bela e estranha moça.

A princesa acariciou os cabelos rubros de Pirra. Aquiles-Pirra, voltando o rosto em outra direção, preferia não encarar a companheira. Também ele, a cada dia que passava, sentia-se mais e mais atraído pela suavíssima Deidâmia.

— Você está braba comigo? — perguntou a filha do rei.

Pirra levantou-se e foi procurar refúgio em outro canto da peça, numa cadeira comprida de espaldar. Deidâmia, aflita, correu atrás da amiga.

— Pirra, não fuja de mim, sua tola! — disse a jovem, enchendo a boca e o rosto da companheira com seus beijos.

Pirra colocou sua mão entre os lábios de Deidâmia e os seus próprios.

— Deidâmia, devemos evitar certos... certos contatos — disse Pirra.

— O que foi, por quê...? — disse Deidâmia, fazendo-se rubra como os cabelos da amiga. — Minhas carícias a aborrecem?

— Bem, não é isto... — disse Pirra, tentando não ofendê-la.

— Meu hálito está ruim? — disse Deidâmia, brincando e assoprando no rosto da amiga o puro ar que saía de sua boca, perfumado pelas mais delicadas folhas aromáticas.

Mas a própria Deidâmia, apesar de tentar levar a coisa na brincadeira, sentia também que a afeição que ligava as duas amigas há muito transcendera o nível da simples amizade. De repente fez-se séria e resolveu, também, dar vazão às suas dúvidas.

— Pirra... Pirra... O que está acontecendo conosco, minha querida? — perguntou Deidâmia, de olhos assustados.

Era uma situação absolutamente nova e imprevisível aquela que as poucos ia tomando corpo diante de si.

— Já tinha ouvido falar de coisas assim, sabe... as histórias que contam sobre a ilha de Lesbos... e das coisas que se passam lá...

— Do que você está falando? — perguntou Pirra, voltando a cabeça.

— Sim, falo de afeições estranhas... entre amigas... Você me entende? Aquiles, novamente, sentiu um ímpeto de tomar a bela Deidâmia em seus

braços e esclarecer logo aquela torturante dúvida.

— Não, não há nada de estranho... — tentou consertar Pirra, a falsa donzela.

— Há sim, há sim... — disse Deidâmia, cobrindo o rosto com as mãos. — Não podemos mais fingir, Pirra querida... Oh, Vênus suprema, como meu pai iria encarar este absurdo? Mas eu não posso mais esconder o que sinto, não posso! Deidâmia havia tomado a cabeça da amiga e acariciava o seu rosto, sem saber que percorria com seus suaves dedos os traços do rosto de Aquiles. O jovem, então, não podendo mais suportar um desejo que reprimia há anos, tomou Deidâmia em seus braços e começou a beijá-la fervorosamente, no rosto, nos lábios, nos braços e no alvo colo.

— Pirra... Não, não, Pirra! — dizia Deidâmia, tentando esquivar-se da boca insaciável da amiga, sentindo ao mesmo tempo uma ternura e um desejo imensos de retribuir aquelas carícias proibidas.

Pirra começou a despir as vestes de Deidâmia, enquanto esta, assustada, sentia pela primeira vez a força insuspeitada dos braços do futuro guerreiro. Ao mesmo tempo, a filha do rei, não podendo mais resistir às carícias irrefreáveis da amiga, entregara-se àquele decreto das Parcas,

ao mesmo tempo sinistro e delicioso. Suas mãos rasgaram, também, as vestes de Pirra dos rubros cabelos, mas ao perceber que a amiga nada tinha sobre o peito liso, estranhou. "Sempre me pareceu... oh!... que minha adorada Pirra... tivesse pouca abundância de seios...", pensava ela, de maneira entrecortada, entre os ardores que Cupido lhe inspirava, "mas o que vejo agora... é que nada tem... como pode ser isto...?"

Aquiles, entretanto, retomando seus gestos masculinos, que sempre haviam estado guardados dentro de si, prosseguia, com fúria, no resgate de sua virilidade há tanto tempo afrontada. Assim estiveram, nus e se amando, até que Deidâmia teve a prova definitiva que desfez todas as suas culpas e tormentos.

— Pirra, querida... oh, você é um homem!

Aquiles ergueu-se, sorrindo, e ficou parado diante dela: seu orgulho viril estava, outra vez, estampado em seu rosto.

Enquanto isso, em Argos, Agamenon, encarregado de chefiar a expedição que deveria resgatar Helena dos braços dos troianos, conversava com seu irmão Menelau.

— Calcas, o adivinho, esteve falando comigo ontem à noite — disse Agamenon, com o ar sombrio — e afirmou que há um oráculo infalível, o qual determina que Tróia de sólidos muros jamais será conquistada se Aquiles, filho de Peleu e de Tétis, não estiver combatendo lado a lado com nossos homens.

— Mas ninguém sabe por onde anda esse desgraçado! — disse o marido de Helena, quase gritando. — Peleu, rei de Ftia, perdeu o contato com seu filho, e Tétis refugiou-se junto a seu pai, Nereu, nas profundezas do mar. Ela simplesmente se recusa a dizer onde Aquiles está, pois diz que isto seria a sua perdição.

— Ela prefere, então, a perdição de todos nós? — bradou Agamenon, perdendo também a paciência. — Deseja ver o labéu infame da vergonha estendido sobre todos os povos gregos?

Neste instante adentraram o grande salão real Ulisses e Diomedes, dois dos mais importantes guerreiros destacados para a campanha de Tróia.

— Ulisses, o que descobriu? — perguntou Agamenon.

— Já sabemos onde ele está! — disse Diomedes, adiantando-se.

Por meio de fontes seguras, ambos haviam descoberto o paradeiro de Aquiles.

— Sabemos, no entanto, apenas isto: que ele está escondido no reino de Ciros.

— Então, hoje mesmo, vocês dois partem para lá — exclamou Menelau, que ansiava por ver seus navios lançados ao mar para recuperar sua amada esposa Helena dos belos traços.

Mal sabia que ainda teria de esperar dez longos anos de batalhas e cruéis sofrimentos para tê-la, outra vez, em seus braços.

Ulisses e Diomedes chegaram à corte de Licomedes numa manhã clara e ensolarada. Exaustos da viagem, ainda assim acorreram logo aos salões do rei de Ciros. Ali, em entrevista franca com o soberano, instaram com ele para que lhes revelasse o paradeiro de Aquiles, mas Licomedes, temeroso de faltar com a palavra dada a Tétis, e mais ainda da reação do jovem filho desta, preferiu ocultar o que sabia.

Diomedes, tomando-se de cólera, tentou obrigar o rei a dizer a verdade, e já ia sacando sua espada quando Ulisses travou o seu braço.

— Calma, Diomedes! — disse o astuto filho de Laertes. — Daremos um jeito de descobrir onde Aquiles se esconde; ao menos isto a hospitaleira generosidade de Licomedes não haverá de nos negar, não é?

O rei não teve outro jeito senão permitir que ficassem em seu reino e procurassem o jovem o quanto quisessem; não sabendo do segredo maior, jamais iriam achá-lo, pensava ele. 'Aquiles em tudo é uma perfeita mulher... Não lhe tem faltado, na verdade, nem alguns pretendentes...", pensou, com um sorriso divertido.

Aquiles, na verdade, já era pai de um garoto chamado Neoptolemo, filho de seus amores com a filha de Licomedes. Deidâmia fora afastada do convívio do amante após a descoberta de seu relacionamento e desde então vivia retirada com o filho numa casa afastada, no campo.

Ulisses e Diomedes andaram por tudo na grande cidade de Licomedes. Entretanto, por mais que pesquisassem e indagassem, andando pelos locais freqüentados pelos homens, não acharam nem sinal do jovem Aquiles.

— Estará no campo? — disse Diomedes, imaginando o quanto teriam de andar ainda para descobrir o esconderijo do filho de Peleu.

Mas o astuto Ulisses não respondeu à sugestão do companheiro; após observar um grupo de mulheres indo em direção ao palácio, seus olhos se iluminaram.

— Voltemos imediatamente ao palácio — disse ele, dando as costas ao surpreso Diomedes.

Ao chegar ao palácio real, Ulisses reuniu-se com alguns de seus homens e mais tarde comunicou ao rei que tinha alguns presentes para dar às mulheres da casa.

— Pirra, vamos! — disse uma das suas amigas, quase histérica. — Os belos estrangeiros vão distribuir presentes para nós todas.

Aquiles, que ainda permanecia com suas vestes femininas, acorreu junto com as amigas para ver o que estava acontecendo. Ao chegar ao grande salão, descobriu ao centro um grande tapete estendido repleto de roupas e jóias.

As jovens lançavam-se sobre os presentes como as pombas sobre o milho em um dia ensolarado. Gritos de alegria se misturavam a gritos de rancor, produto das amargas disputas pelas melhores peças.

— Vamos, Pirra, escolha logo algo para você! — disse-lhe a amiga, impaciente. Mas o jovem Aquiles não podia mais fingir interesse por nada daquilo que se esparramava à sua frente: vestidos, braceletes, brincos, colares — tudo isto lhe provocava uma repulsa cada vez maior desde que exercitara pela primeira vez a sua virilidade com a bela Deidâmia.

De repente, porém, Aquiles teve a sua atenção despertada por um brilho verdadeiro que viu faiscar em meio às dobras do grande tapete. Uma magnífica espada prateada dentro da sua bainha, lavrada com finos engastes, surgira em meio aos trapos e quinquilharias! Ao seu lado estava um belo escudo dourado, de cinco espessas camadas — as três primeiras de couro de boi, sobrepostas por uma de bronze e por cima de todas uma última, reforçada, de ouro — com sua correia de prata presa no interior. Aquiles, fascinado, viu surgir aos poucos o grande escudo, como um maravilhoso e redondo disco solar, enquanto as tolas moças retiravam rapidamente de cima dele os odiosos trapos e bijuterias. Como se isto não bastasse, ainda podia-se perceber magnificamente gravada sobre a faiscante face do escudo a cena de uma grande batalha: Júpiter, montado em seu carro, abatendo os gigantes de longas caudas serpenteantes.

Mas isto não era tudo: além do escudo e da espada, ainda havia uma couraça azul-ferrete — que, sob a ação da luz, ora tomava um aspecto completamente negro, ora se anilava num azul escuro intensamente luminoso — e a última peça, um elmo prateado de estonteante beleza, que se ajustava perfeitamente às têmporas com duas douradas saliências laterais, encimado pelo penacho mais negro e mais sedoso já visto por um olho humano.

Aquiles teria ficado o dia inteiro ali, paralisado diante das armas nuas, se Ulisses — o homem das mil astúcias — não tivesse engenhado um último estratagema. Pois dali a pouco alguns homens seus do lado de fora do palácio começaram a bater espadas e escudos e a dar grandes brados de guerra:

— Às armas, valorosos guerreiros! — diziam as vozes, altaneiras. — Às armas, que o palácio inteiro está sob o ataque de cruéis invasores!

Aquiles, como quem desperta de um sonho, avançou para as armas e, após envergar a couraça e tomar da espada, correu em direção à porta do palácio.

— É ele, Ulisses, veja! — bradou Diomedes, tomando o braço do amigo. Ulisses, contudo, permanecia parado, com um sorriso tão satisfeito que nem mesmo suas barbas hirsutas podiam ocultá-lo.

Aquiles, aliviado, embarcou no mesmo dia para Argos. Ia ao encontro do destino irrevogável que as Parcas sinistras desde sempre lhe haviam prescrito.

A MORTE DE HEITOR

As ruínas de Tróia ainda fumegam.

Assim poderia pensar algum desavisado que chegasse àquele lugar desolado, onde algumas finas e esparsas colunas de fumaça sobem aos céus, como esguias e vaporosas serpentes. Sua imaginação, entretanto, logo sofreria um abalo, pois na verdade elas não são mais o produto dos incêndios que lavraram por todos os cantos no dia fatídico em que a cidade sagrada de Ílion foi finalmente invadida e conspurcada pelo cruel invasor.

Não, muitas e muitas luas se passaram, desde então.

Tróia, agora, não é mais do que um caminho inóspito e pedregoso, podendo-se contar nos dedos um muro ou uma coluna que ainda estejam inteiros. Seu solo está completamente juncado de pedras e tijolos, tornando ainda mais acidentado o terreno.

Sentado sobre uma grande pedra e recostado num pedaço de muro semelhante a um imenso dente quebrado, está um pobre e imundo andarilho. De cabeça baixa, o velho coberto de trapos cozinha qualquer coisa sobre uma minúscula fogueira de alguns poucos gravetos. Enquanto espera, cavouca o chão com seu bastão, um velho galho de árvore um pouco menos torto e nodoso do que ele próprio. Seus olhos quase fechados, de pregas cerzidas, vasculham algo em meio aos seus pés. De repente, um pequeno brilho se destaca em meio ao pó revolto. O velho, todo curvado, inclina o corpo para diante e como que ameaça cair de boca no pó. Mas graças aos deuses e seu bastão, tal coisa não acontece. A mão encarquilhada junta do chão um pequeno pedaço de bronze pontiagudo.

— Ora, vejam só... — diz o velho, deliciado. — Uma velha ponta de lança...

Na verdade, a ponta aguda pode ser de uma lança como pode ser de outra coisa qualquer. Mas neste exato momento a atenção do velhote é distraída pelo ruído de um outro bordão que se aproxima, vindo exatamente em sua direção. Trata-se de outro velho andarilho, vestido com trapos que têm o mesmo corte fresco e arejado do outro. O primeiro tenta avivar as chamas da sua fogueira, mas percebe, finalmente, que os olhos do intruso não têm mais necessidade de luz, eis que são cegos.

O velho maneta estende ao recém-chegado a sua tigela, e os dois entregam-se, então, ao grande momento do dia: paz e sustento sob o manto cálido da noite.

A refeição, a partir daí, se passa em reverente silêncio, até que o velho maneta puxa um assunto trivial — o mais trivial dos assuntos. Então o outro responde; o outro funga; o outro aduz; o outro comenta; o outro tosse; o outro questiona; o outro rezinga; o outro escarra; e chegam assim, sempre voltando no tempo, à conclusão de que — imaginem! — são inimigos mortais.

— Você... um maldito troiano! — diz o maneta, pondo-se em pé.

— Você... um maldito aqueu! — diz o cego, também erguido. O grego é o maneta; o troiano, o cego.

Depois de algum tempo, durante o qual uma hostilidade latente permaneceu pairando entre ambos, até ir desaparecendo aos poucos, o grego finalmente pergunta:

— Então também esteve na grande guerra?

— Sim, era um moleque, ainda — responde o troiano, ainda de má vontade.

— Eu servia no abastecimento — diz o grego, tentando apaziguar.

— Eu limpava as armas e polia as armaduras — diz o troiano, frisando o bigode.

Os dois começam, então, a relembrar os lances da guerra, até que chegam ao ponto em que o grande Pátroclo, companheiro de armas de Aquiles, foi à presença deste para exigir que retornasse ao campo de batalha. Heitor, o comandante audaz dos troianos, havia empurrado os gregos de volta aos seus navios e começado a incendiá-los com suas flamejantes tochas.

— Eu estava na tenda do grande filho de Peleu, quando Pátroclo a adentrou, esbaforido — diz o grego, pondo imenso orgulho na voz.

— Você... um moleque... assistiu ao diálogo dos dois? — pergunta o troiano, com um tom rabugento de incredulidade.

— Claro! — diz o grego, sentindo-se superior ao *inimigo,* pois sente que desde alguns instantes uma nova batalha principiara. — Lembro perfeitamente das palavras que Pátroclo disse ao bravo filho de Peleu: "Aquiles, eis que a ruína se aproxima de nossos navios. O terrível Heitor, bebedor do sangue grego, vem devastando tudo o que encontra pela frente e agora pretende incendiar os nossos côncavos navios, de tal forma que pereceremos antes mesmo de podermos tentar uma fuga". — Mas Aquiles estava pouco disposto a retornar à luta — prosseguiu o grego -, pois ainda estava irado por conta do desentendimento que tivera com Agamenon, chefe das forças gregas — uma ninharia, na verdade, acerca da posse de uma escrava. "Aquiles, dê-me sua armadura", bradou o bravo Pátroclo, desesperado. "Talvez os troianos, ao me verem vestido com sua armadura, pensem que sou o próprio Aquiles, que retorna à luta, e desistam assim de seu assalto."

— Então foi assim que se deu a decisão? — pergunta o cego, alisando a barba.

— Exatamente assim, tal como lhe conto — afirma o maneta, das hostes gregas. — Vi, então, com estes meus olhos, Pátroclo nutrido pelos deuses vestir a armadura de Aquiles para ir combater Heitor de feroz catadura. Depois, saiu da tenda e chamou aos berros o condutor do carro de Aquiles, o inigualável Automedonte.

— Automedonte... — exclama o troiano, sem poder conter o espanto.

— Sim, ele mesmo — diz o grego, tomando nova vantagem sobre o troiano. — Quem não viu o cocheiro de Aquiles de rédeas em punho, conduzindo seu carro por entre os guerreiros, no fragor da batalha — oh!, por Marte! -, não viu nada neste mundo.

— Eu vi, sim... — brada o velho cego, agitando com fúria o seu bastão. — Eu também vi muitas e poderosas coisas, maldito violador das mulheres troianas, antes que o justo Júpiter me tirasse a luz dos meus olhos.

O grego silencia, percebendo que cometera uma indelicadeza. E depois de pedir desculpas, retoma o seu discurso.

— Pátroclo subiu ao carro, enquanto Automedonte ajustava as rédeas em Xantos e Bálios, os cavalos imortais que o pai de Aquiles recebera no dia em que se casou com a divina Tétis.

— Xantos e Bálios... os cavalos falantes? — resmunga o pobre cego, derrotado diante de tantas maravilhas que o outro acumula à sua frente.

— Eles mesmos. E assim partiu Pátroclo, vestido com a armadura de Aquiles, para enfrentar Heitor, matador dos gregos. Com que bravura lutou este herói. Quantos troianos abateu com sua lança! Quantos corpos esmagou com as rodas de seu carro!

— ... até cair morto sob o golpe fatídico de Heitor! — exclama o troiano cego. — Sei porque estava lá e tudo vi, pois ainda via, então.

O grego entende, a contragosto, que chegou a sua vez de escutar.

— Pobre Pátroclo, se achava que podia medir forças com o valoroso Heitor... -diz o troiano.

— Pátroclo foi abatido por um golpe traiçoeiro vindo de um troiano, pelas costas, depois de Apolo haver lhe retirado as armas.

— Bobagem... — diz o cego, cujos olhos rebrilhavam, como se positivamente enxergasse agora tudo quanto afirmava. — Os dois duelaram e Heitor cravou-lhe com força a lança no flanco, lisa e honestamente. E isto é tudo.

— Mas Homero diz bem outra coisa! — retruca o grego.

— Homero, *um cego...?* — diz o troiano, sem dar-se conta do véu em seus olhos. — Vi, então, quando os dois bandos lançaram-se sobre o corpo de Pátroclo abatido. Heitor,

conseguindo apossar-se da armadura do inimigo, esbravejava, desafiando os gregos. Ao mesmo tempo ouviu-se um grito vindo das falanges gregas, dado por Menelau, esposo da maldita Helena, que tantas mortes causou: "Gregos valorosos, não permitam que o corpo de um bravo aqueu seja vilipendiado!". — Uma legião de gregos arremessou-se sobre os nossos guerreiros, e muitos, de ambos os lados, tombaram sob a chuva de dardos e pedras. O corpo de Pátroclo, irreconhecível em sua sujidade de pó e de sangue, ainda foi disputado duramente até que os gregos conseguiram levá-lo para suas tendas.

— Ah, os gritos de dor de Aquiles quando o corpo chegou... — atalhou o velho grego, chamando para si o discurso. — Seus urros, levados pelo vento, hão de mais de uma vez ter chegado até os ouvidos de vocês, dentro da cidadela sagrada.

— Gritos... os gritos de dor de Aquiles? — pergunta o troiano.

— Sim, os seus lamentos, terríveis lamentos!

— Oh, sim, claro... Escutei-os perfeitamente.

— A partir deste instante o filho de Tétis decidiu entrar na batalha — diz o grego, como quem relembra um momento inesquecível. — Deixando de lado a sua dor, Aquiles, cuja armadura havia ficado em poder de Heitor — que a arrebatara de Pátroclo morto -, deu um grande grito de raiva e jurou matar o troiano e todas as suas hostes apenas para vingar a morte do leal amigo. Montado no carro — ainda guiado por Automedonte, que conseguira fugir à sanha de Heitor -, Aquiles estava pronto para dar início à sua vingança quando Xantos, um dos cavalos falantes, lhe profetizou da seguinte maneira...

— Xantos... Você escutou mesmo as palavras lhe saírem da boca?

— Claro! Ele disse, então: "Nós dois, eu e Bálios, correremos com a velocidade do vento, ó Aquiles poderoso, mas quanto a você, é preciso que saiba que, mesmo que não seja ainda desta vez, será morto, mais adiante, por um dardo disparado pelo braço de um homem e guiado pela vontade de um deus." Aquiles — prossegue o grego — lamentou sua sorte, mas nem por isso deixou de seguir o que lhe prescreviam os fados, pois sentia que também seria sua a glória de poder antes matar Heitor, o mais valoroso e cruel dos troianos. "Adiante, cavalos, pois falais de mais e correis de menos!", bradou Aquiles, açoitando os animais. O filho de Peleu chegou com seu carro numa nuvem de poeira. Quando estacionou diante das hostes inimigas, Bóreas de grande fôlego deu um forte assopro e a nuvem de poeira desvaneceu-se ao redor dele e de seu rosto, fazendo com que sua figura surgisse inteira, terrível e ameaçadora! Automedonte agitou as rédeas e Aquiles, de espada em punho, começou, então, a operar um verdadeiro massacre nas hostes troianas. Graças aos deuses, eu presenciei tudo isso!

— Eu também, pois estava do outro lado! — interrompeu o cego troiano. -Meus olhos juvenis viram perfeitamente como se deu a briga. Sim, ele era verdadeiramente terrível, e embora tenha havido uma brava resistência por parte dos nossos, devo admitir, contudo, que a fúria de Aquiles sobrepujou toda valentia que se abrigava nos peitos troianos...

O velho cego parecia relutante em fazer esta confissão, mas assim fora, de fato. O próprio grego silenciou e, ainda que orgulhoso — diga-se isto em sua honra, jamais tripudiou companheiro vencido; ele sabia que os homens de Tróia também haviam se portado bravamente, e por várias vezes haviam estado a um passo de alcançar a vitória diante da frota grega estacionada na praia.

— Vi-me, então, metido numa louca correria em direção às portas Céias -disse o cego de Tróia -, levando atrás o enfurecido Aquiles. Sua armadura refulgia com o reflexo escarlate do sangue aspergido sobre ela, e seu rosto era o de um perfeito demônio. Pequeno como eu era, corria ao lado dos guerreiros em fuga, sob uma nuvem de pó, enquanto escutava o ruído ensurdecedor dos escudos e grevas troianas chocando-se ao meu redor. Mas lá estavam, finalmente, as portas escancaradas da muralha. Aquiles teve sua atenção distraída por Apolo - glória a ele! — e todos os nossos puderam adentrar, em segurança, a cidadela.

— Todos...? — pergunta o grego.

— Todos menos Heitor... — corrige o troiano. — Eu estava ao alto das muralhas, próximo do rei e da rainha troianos; vi perfeitamente quando o pavor se desenhou no rosto de Príamo e sua esposa Hécuba ao verem o filho postado em frente à muralha, de lança enristada, pronto para enfrentar o terrível — e, àquela altura, invencível — Aquiles dos pés ligeiros.

— E então começou a perseguição — disse o grego. — Júpiter instalou o pavor na alma de Heitor, que pôs-se a correr, fugindo de Aquiles. Quem haveria de dizer...

— Não foi fuga, foi uma retirada... estratégica — balbuciou o cego, nervoso.

— Que seja! — disse o grego, eufórico com a lembrança. — Três voltas! Sim, três voltas inteiras deram ao redor da muralha: um forte correndo adiante, e outro, ainda mais forte, em seu encalço.

—... até que Heitor, abandonado pelos deuses, parou para enfrentar o inimigo — disse o troiano, abatido. — O suor gelou as frontes de todos os troianos que assistiam àquele terrível enfrentamento. Ouvimos perfeitamente quando o bravo Heitor sugeriu que, qualquer que fosse o resultado do embate, o corpo do vencido deveria ser entregue aos seus familiares, evitando-se o vilipendio do cadáver.

— Disse isto porque sabia que ia morrer e temia a cólera vingativa de Aquiles — disse o grego.

— Não, os deuses ainda não haviam decretado quem seria o vencedor -exclamou o cego, irado. — Mas depois ficou evidente que os deuses tomaram, afinal, o partido inequívoco de Aquiles. As lanças que Heitor lançou desviaram-se todas, como se a mão de Minerva ali estivesse para apará-las, uma a uma. De súbito, então, Aquiles ergueu a sua lança invencível, a lança de sólido freixo que o centauro Quíron forjara para seu pai, Peleu, e que somente ele, Aquiles, sabia manejar. E, divisando uma fenda na armadura de Heitor (na verdade, a sua própria armadura, que o troiano tomara anteriormente a Pátroclo), enterrou a ponta aguçada bem no pescoço do herói. Um rugido partiu de sua garganta e Heitor tombou. Aquiles, filho de Peleu, vingara finalmente a morte de seu amigo Pátroclo.

— O vilão cruel! — gritou o cego troiano. — E precisava ter feito o que fez em seguida?

— A ira habitava a alma de Aquiles — disse o grego maneta.

— Foi com infinito horror que todos nós, do alto das muralhas, vimos o pérfido Aquiles perfurar os tendões de Heitor morto e, após prender seus pés ao carro, arrastar o corpo do maior dos troianos diante das portas de Tróia — disse o cego, com os olhos marejados de água.

— Foi uma demasia, admito — diz o grego, penalizado. — Mas estávamos numa guerra, e nestas circunstâncias os excessos são inevitáveis.

A noite já caíra sobre os dois mendigos, que discutiam, sob as estrelas, feitos gloriosos de dias antigos. A pequena fogueira ainda ardia sob seus pés, e era para ela que o grego voltava seu olhar, invariavelmente, para enxergar de novo tudo aquilo quanto afirmara ter visto. Quanto ao cego troiano, tinha uma grande tela branca dentro de si para projetar todos os lances do tremendo drama que se discutia.

— Então, naquela mesma noite, Príamo, pai de Heitor, domador de cavalos, recebeu a visita de uma deusa: era íris, mensageira de Júpiter. "Eis que o pai dos deuses apiedou-se da dor sua e de Hécuba, sua esposa", disse a alada divindade. "Esta noite irá até o acampamento dos aqueus com uma carroça repleta de vistosos presentes, para que Aquiles, abrandado em sua cólera, devolva o corpo de Heitor, e você possa assim dar a seu filho as honras fúnebres devidas."

— Você viu, mesmo, a íris de asas variegadas?

— Com estes dois olhos — disse o cego, apontando as órbitas inquietas. -Partimos, então, durante a noite...

— Partimos?

— Sim, eu fui junto com Príamo, rei troiano, para conduzir as mulas.

— Não, esta é demais! — disse o grego, surpreendido pela audácia do companheiro.

— Saímos sob a escuridão da noite — disse o troiano, retomando o seu relato. — Não havia estrelas no céu, e nosso caminho era iluminado apenas pelos relâmpagos saídos das mãos

do deus dos trovões. Depois de atravessarmos um longo trecho, paramos eu, Príamo e mais o conduto de carroça, para dar água às mulas. Ao lado do córrego estava postado um jovem: era Mercúrio, mensageiro que Júpiter enviara para facilitar a entrada no acampamento aqueu. Seguimos todos juntos, protegidos pela noite e pelo mau tempo, pois começara a cair uma chuva torrencial, ótima para nós, que fez com que até as sentinelas do acampamento se retirassem para seus abrigos. Restaram somente duas delas, que o deus das aladas sandálias fez mergulhar num sono profundo ao brandir o seu caduceu. Adentramos a tenda e, pasmem!, Aquiles já nos esperava.

— Eu sei — disse o grego abruptamente. — Eu estava lá.

Um silêncio terrível pairou sobre ambos: os dois haviam chegado a um verdadeiro impasse. As lanças agudas de suas histórias agora estavam terçadas e não havia como destrinçá-las sem que algum deles caísse em contradição. O troiano poderia muito bem ter dito: "Você, lá? Não lembro de tê-lo visto!".

O grego, por sua vez, não podia voltar atrás do que afirmara.

— Eu estava escondido — disse este, finalmente. Um alívio divino desceu sobre ambos.

— Havia muitas cortinas e tapetes pendurados, você deve lembrar — acrescentou o grego, balançando o coto do seu pulso, como se afastasse vários véus.

A história podia prosseguir.

— Príamo, então, levando aos lábios a mão rude que matara seu filho mais querido, assim clamou: 'Aquiles, lembre do seu velho pai, Peleu, que o espera em sua pátria, vergado pela odiosa velhice! O que diria se soubesse que seu filho, morto e vilipendiado, nunca mais estará diante de seus olhos? Que nem sequer os ritos fúnebres poderá pronunciar, abraçado à esposa, sob os olhares consternados de todos os súditos?".

— Verdadeiramente, seus olhos vertiam grande abundância de água! — ajuntou o grego.

— Aquiles, então, tomando o velho pelos ombros, juntou a dor dele à sua própria, acalmando com isto a dor de ambos. Assim estiveram chorando, abraçados, até que o filho de Tétis, enxugando as lágrimas, disse ao velho rei: "Grande coragem demonstra ao vir prosternar a sua velhice diante de mim em nome do resgate do corpo sem vida do seu filho Heitor, domador de cavalos. Vá, acalme a sua dor, que eu tratarei de acalmar a minha." Depois, mandou que lavassem do corpo insepulto do audaz troiano a sujidade do sangue e do pó que o recobriam, pois Aquiles ainda arrastara por diversas vezes aquele corpo nutrido pelos deuses ao redor do túmulo de Pátroclo.

— Fez-se, então, uma refeição, com libação de um perfumado vinho, que serviu para acalmar ainda mais a dor e a mágoa que pudessem nutrir um pelo outro — disse, agora, o grego -,

e Aquiles mandou que estendessem peles e cobertores para o velho passar o restante da noite num recanto isolado, e assim fazia para que nenhum dos nossos percebesse a presença do rei inimigo dentro de suas próprias hostes, o que lhe seria morte certa.

— Mas enquanto dormíamos — retomou o troiano -, fomos alertados por Mercúrio de pés ligeiros, que disse para o velho rei: "Que louca imprevidência é esta, velho, que o faz ficar enrolado em peles de cordeiros sob os olhos do leão, cuja fúria pode acordar de novo a qualquer momento? Vamos, levante e siga logo para dentro de seus muros!" E foi assim que retornamos à Tróia, onde foram feitos os funerais de Heitor, domador de cavalos.

A conversa terminou: ambos já haviam ido longe demais e temiam um novo e constrangedor reencontro nas brumas do passado. O cego troiano recostara-se no pedaço de muro, enquanto que o velho grego, deitado sobre o pó do chão, apoiava a cabeça sobre a mão restante. Aos poucos foram sendo envolvidos pelo manto aconchegante de Morfeu, deus do sono, o qual, não percebendo nas proximidades as presenças ruidosas da Preocupação e da Ambição, podia aproximar-se livremente, sem o menor receio de ver-se violentamente expulso. Os dois, agora, ressonavam ruidosamente. E por debaixo de suas maltratadas barbas errava um quase sorriso — um sorriso de crianças que escutam, deliciadas, histórias contadas e recontadas por velhas e infatigáveis amas.

AQUILES E MÊMNON

Mêmnon era um gigante negro, filho de Titono e Aurora. Ao saber que Príamo, irmão de seu pai, estava em apuros em sua Tróia sitiada, acorrera com todos os seus exércitos para ajudar a defender a cidade.

— Meu filho Aquiles — dissera sua mãe, Tétis, ao saber da chegada do guerreiro. — Não luta contra este terrível inimigo, pois se o fizer, haverá de vencê-lo...

— E daí...? — perguntara o herói grego. — Que mal haverá em vencê-lo?

— Você não me deixou terminar, adorado filho — disse Tétis, silenciando Aquiles. — Está determinado pelos deuses que após matar Mêmnon será você o próximo a baixar às sombrias moradas de Plutão.

Aquiles, então, decidiu combater em outra frente, a fim de evitar um confronto que, mesmo lhe sendo favorável, seria o primeiro passo para a sua própria morte.

Porém, se Aquiles tinha uma mãe previdente para velar por seus atos, o gigante etíope não lhe ficava atrás, pois sua mãe Aurora logo acorreu, também, ao campo de batalha, para lhe dar a alegre notícia.

— Nada tema, meu querido Mêmnon — disse a deusa de róseos dedos. -Siga ceifando vidas à vontade, eis que o cruel Aquiles, em lhe matando, estará matando a si próprio!

Mêmnon, com um sorriso que iluminou suas faces negras como o ébano, empunhou com mais vigor e gosto a sua lança banhada do sangue grego e retornou à luta, sem temer que a mão poderosa do invencível Aquiles se abatesse sobre ele.

Ora, entre os combatentes aqueus — nação predominante entre as hostes gregas — havia um de inexcedível valor: Antíloco, filho de Nestor, rei de Pilos, o mais velho dos gregos. Fora Antíloco quem levara a Aquiles a notícia da morte de seu querido amigo Pátroclo, morto pela fúria do troiano Heitor. Desde então, tornara-se o amigo dileto do grande guerreiro.

Antíloco estava à frente das muralhas da sagrada Tróia, junto com seu pai Nestor, quando Mêmnon começou a destroçar os exércitos gregos.

— Cuidado, meu pai! — alertara Antíloco ao pai, por diversas vezes, ao perceber que este se expunha demais à lança inimiga. O velho Nestor, apesar da idade, estava enfurecido pela maneira com que o gigante negro exterminava os gregos.

— Ainda resta um pouco de força em meus velhos braços para afrontar este cão negro! — bradou o velho Nestor, brandindo a custo a sua espada.

Mêmnon, arreganhando os dentes, investiu, então, contra o velho.

— Grande glória caberá a mim por haver matado Nestor, o homem que já reina sobre a terceira geração de súditos!

Antíloco, vendo que a funesta mão da morte se aprestava a dar cabo da vida de seu pai, lançou-se entre o peito de Nestor e a lança que inevitavelmente o trespassaria.

— Melhor assim! — exclamou Mêmnon. — Terei a glória de matar, antes do pai, o próprio filho. — E empurrou com toda a força sua lança de cabo comprido no peito de Antíloco, após atravessar o escudo de três couros de boi superpostos e mais uma camada de duro bronze.

Antíloco caiu morto aos pés de Nestor, mas, graças aos seus homens, Nestor de alvas barbas foi salvo da mesma lança assassina que ceifara a vida de seu filho.

Enquanto isto Aquiles, combatendo noutro lado, após matar muitos troianos, recebia finalmente a notícia da morte do amigo.

— Mãe Tétis! — bradou Aquiles, desvairado. — Outra vez as Parcas decidem me submeter à mesma dor! Depois de ter de suportar a perda de Pátroclo fiel, terei agora de suportar, também, a de Antíloco audaz?

Tétis, assustada, correu até o filho, pois pressentia o pior.

— Aquiles, não queira vingar a morte de seu amigo — disse ela, agarrando o braço do amado filho. — Lembre-se de minha advertência e suspenda o ódio que levanta agora a sua espada!

Mas Aquiles estava, outra vez, tomado pela ira — e todos haviam aprendido, desde a morte de Heitor, o quanto a sua ira, uma vez acesa, era cruel e implacável.

Dirigindo seu carro para lá, chegou a tempo de presenciar encarniçada batalha.

— Já vejo, por entre os reluzentes elmos de escuros penachos, um elmo ainda mais alto e brilhante que todos! — gritou Aquiles a Automedonte, seu valoroso condutor.

— Sim, Aquiles de pés ligeiros, é Mêmnon, o cruel carniceiro da nação dos etíopes quem lavra a morte em nossas fileiras — disse Automedonte, com o ódio a arder dentro de sua couraça.

Aquiles, desmontando do carro, fora a pé com suas armas e seu escudo enfrentar, em combate singular, o terrível sobrinho de Príamo, nutrido pelos deuses.

— Ah! — bradou Mêmnon, erguendo a cabeça de elmo flamejante. — Eis que o filho de Tétis, criado entre virgens e delicadas moças, deixa finalmente o medo e vem me enfrentar!

Aquiles, empunhando a lança, bradou também ao gigante:

— Funesto momento é este que se prepara para você, cão etíope, onde o seu sangue negro haverá de se misturar à sua pele escura!

E arremessou incontinenti a sua lança. Mas pela primeira vez Aquiles errou o seu arremesso — pois tinha pela frente desta vez, um inimigo verdadeiramente à sua altura.

— Agora é a minha vez! — disse Mêmnon, com um grito de triunfo.

Mêmnon arremessou a sua lança: o comprido dardo fendeu os ares, lançando ao ar um assobio assustador, indo atingir a mão direita de Aquiles. O grego, entretanto, que só era vulnerável no calcanhar, com a mesma mão sacou sua espada e desferiu um golpe terrível sobre o ombro do gigante negro, que deu um grande grito de dor.

Enquanto os dois guerreiros trocavam seus terríveis golpes, Tétis e Aurora, as mães dos dois, correram, aos prantos, até os pés de Júpiter, pai dos deuses, para implorar pela vida de seus respectivos filhos.

— Pai supremo, que nutre os nervos e os ossos dos dois combatentes! -disse Tétis. — Poupa a vida de meu Aquiles, eis que é o maior dos guerreiros que combatem diante destas malsinadas muralhas!

— Se é por isto, então que vença meu amado Mêmnon, eis que ousa enfrentar o maior e mais capaz dos guerreiros! — brada Aurora de róseos dedos.

Júpiter, então, tomando da balança, fez pesar o destino dos dois combatentes, e o peso de Mêmnon baixou mais que o de Aquiles.

— As Parcas decidem que o fio da vida do sobrinho de Príamo deve ser rompido — diz o deus supremo, comunicando o decreto irrevogável.

Nesse instante Aquiles vibrou um golpe com sua poderosa espada, lançando para os céus o gigantesco escudo de Mêmnon — tão grande que por um instante pareceu haver dois discos solares pairados no ar. Depois, tendo à sua mercê o inimigo, largou fora a espada e, tomando da sua lança de freixo, herança de seu pai, Peleu, avançou para o gigante com destemor na alma.

O gigante, mesmo assim atrevido, expôs sua couraça aos temíveis golpes de Aquiles, dizendo:

— Escolha um lugar, mosquito arrogante, e ainda assim vibrará seu golpe em vão, pois que minha armadura é invulnerável como a sua, produto que é da arte consumada de Vulcano, deus das forjas!

Aquiles aproximou-se e, divisando uma fenda na parte inferior do queixo, desprotegida pelo capacete de negro penacho, empurrou, de baixo para cima, a sua lança de ponta brônzea e aguçada, a qual entrou pela boca adentro de Mêmnon, cortando sua língua e indo além até abrir uma cratera em seu capacete, na parte de cima. Pedaços de miolos do gigante negro espirraram para o alto e ele permaneceu em pé, apoiado à lança.

— Agora cai, gigante, como cai o alto cedro! — disse Aquiles, retirando a arma.

O gigantesco Mêmnon caiu do alto, e sua armadura retiniu intensamente sobre o chão cobrindo-se de pó misturado com seu próprio sangue.

A deusa dos dedos róseos lançou um grito estridente que atroou os céus: seu filho Mêmnon estava morto, enquanto sua alma, apesar de tudo coberta de glória, uma vez que o fazia pela mão de Aquiles, o maior dos guerreiros, baixava rapidamente ao Hades sombrio.

Mas antes que os gregos se apoderassem do corpo do audaz Mêmnon, Aurora correu até Tétis, mãe do vencedor Aquiles, e clamou:

— Tétis, deusa e mãe como eu, provará em breve a mesma dor que agora provo; por isto peço que afaste seu irado filho do corpo do meu, que jaz ali abatido — ai, em quão miserável estado! — e que permita que o leve para sua terra, para que lá possa receber as lágrimas dos seus e gozar dos ritos fúnebres a que tem direito.

Tétis, penalizada, concedeu, e assim, Aurora, de dedos tornados escarlates, tomou nos braços o corpo ensangüentado do filho para levá-lo até as margens do rio Esepo. Ali os seus súditos juntaram seus lamentos aos de toda a natureza, e desde aquele dia Aurora, inconsolável, derrama ao amanhecer as suas lágrimas copiosas conhecidas pelos humanos como orvalho, sobre os campos.

A MORTE DE AQUILES

A Guerra de Tróia estava no auge da sua fúria. Após nove anos de cerco à cidade de sólidas muralhas, Aquiles, o maior dos gregos, já havia imortalizado o seu nome por meio de

diversas façanhas. Fora ele, por exemplo, quem matara Heitor, filho do rei Príamo, o maior dos troianos; fora ele quem vencera Pentesiléia, rainha das Amazonas, em duelo singular; fora ele, também, quem vencera o gigantesco Mêmnon, filho de Aurora e guerreiro da nobre estirpe dos etíopes.

Aquiles, após abater Mêmnon, sobrinho de Príamo, estava agora tomado por uma grande cólera, como até então jamais havia experimentado — nem mesmo quando da morte de seu amigo Pátroclo, que tanta dor e mágoa lhe causara.

— Agamenon — disse Aquiles ao chefe dos aqueus -, meu coração não pode mais suportar tanta arrogância por parte desses troianos, que já há quase dez anos nos mantêm humilhados do lado de fora destas malditas muralhas! Sim, meu coração anseia por derrubar de uma vez estas portas que nos impedem o acesso à cidadela! Ele anseia também pela volta à nossa casa, com os côncavos navios repletos das riquezas que Ílion inteira esconde em suas casas, templos e palácios!

Nesse instante, Tétis, deusa marinha e mãe de Aquiles, inspirou ao chefe grego estas palavras:

— Aquiles, audaz e implacável filho de Peleu, lembre-se do funesto presságio que paira sobre a sua cabeça: desde sempre foi predito que você jamais viria transpor as portas Céias, que resguardam as mulheres e os tesouros da sagrada Tróia.

— O que tiver de ser repousa sobre os joelhos dos deuses — disse Aquiles, cuja impaciência chegara ao limite. — Jamais um guerreiro deixou de cumprir os mandamentos de seu peito por receio de meros presságios ou vaticínios. Aos adivinhos, os presságios; aos guerreiros, a espada. Além do mais, uma nova morte pesa sobre meu coração, a de Antíloco, filho de Nestor e leal companheiro que a crueldade troiana fez baixar recentemente à morada das sombras.

E tomando de sua lança, Aquiles ordenou aos seus mirmidões — guerreiros da Tessália, seus comandados — que o seguissem de lanças em riste.

Uma nova carnificina começou, então. Os cadáveres dos troianos juncavam o chão em frente às muralhas de Tróia, fazendo transbordar as águas do rio Escamandro, que corre perto com suas águas revoltas.

— Adiante mirmidões de sólidos escudos! — bradava o filho de Tétis. -Grandes recompensas os aguardam atrás destas paredes erguidas por duas divindades!

No alto das muralhas, Príamo, rei da Troada, acompanhava apavorado o massacre dos seus homens. Ao seu lado estava seu filho Páris, raptor da bela Helena, que abandonara seu esposo Menelau, em Argos, para ir viver com o belo irmão de Heitor.

— Páris, meu filho, parece que desta vez aquele terrível homem transporá as sólidas portas de nossa sagrada Tróia! — disse Príamo, aterrado com a aproximação de Aquiles e de seus furiosos mirmidões.

Páris, sem responder, cogitava sobre as terríveis conseqüências que estavam prestes a se abater sobre si e toda a cidade fundada por Ilos, de nobre memória. As recriminações de seus irmãos e os olhares de ódio de seus compatriotas ainda estavam bem presentes em sua mente. Agora que tudo parecia perdido, podia perceber, mais do que nunca, aqueles mesmos olhares acusativos caírem sobre si como pequenos dardos envenenados.

Na verdade, o esbelto Alexandre — como também era conhecido -já tentara anteriormente, de algum modo, chamar a si a responsabilidade para a solução daquele conflito, quando propôs a Menelau, o marido ultrajado, um combate singular entre ambos, como forma de resolver a disputa. Entretanto, levara a pior, e se a própria Vênus não o tivesse ocultado em uma nuvem e levado para seus aposentos, dentro das muralhas protetoras, estaria agora morto — tão morto quanto a maioria de seus muitos irmãos, entre os quais Heitor, que tanto o censurara por suas atitudes levianas.

Enquanto Páris refletia sobre tudo isso, o bravo Aquiles, surdo a tudo, continuava a investir com fúria nunca vista, cortando braços, arrancando cabeças e pisoteando os corpos abatidos, como um leão que quando avança sobre um redil de ovelhas se atraca em todas, indiscriminadamente, movido apenas pela gana de enterrar as compridas unhas no pêlo fofo de suas vítimas, até torná-lo tinto do sangue negro e inebriante.

Aquiles estava agora diante das portas Céias. Apenas alguns bravos combatentes troianos ainda restavam diante da sua fúria incontrolável. Então uma voz, que não era humana, partiu do alto das muralhas:

— Aquiles, temerário! Volta os passos para trás, eis que já foi determinado pelos deuses que jamais vai colocar os pés dentro destas muralhas!

Era Apolo, filho de Júpiter e Latona, quem lhe dirigia essas acerbas palavras. Tétis, mãe de Aquiles, oculta sob a forma de um de seus soldados, tentava fazê-lo retroceder:

— Eia, Aquiles valoroso, voltemos ao nosso acampamento, pois é voz mortal quem lhe adverte de grave dano à sua pessoa!

— Cale-se, covarde, e retroceda sozinho, se assim lhe apraz! — disse o filho de Tétis, empurrando rudemente o soldado, sem saber que afastava a própria mãe de chorosos olhos. — Hei de arrancar estas portas com meus próprios braços, e não serão vãs ameaças, ditadas por lábios mortais ou imortais, que me impedirão de levar adiante um ato de justa vingança que clama aos céus!

— Aquiles, a ira faz você blasfemar e invocar os deuses ao mesmo tempo! — disse Apolo, enfurecido pela audácia daquele homem. — Lembre que, ao fim e ao cabo, é mortal como todos os outros que vibram as lanças e os escudos junto de você. Até Sarpedon, filho do deus supremo, também baixou, de há muito, às sombrias moradas. Se você teimar na impiedade, terá, ainda com mais razão, o mesmo destino.

Aquiles, contudo, permaneceu surdo às funestas advertências: de espada em punho avançava resolutamente para as imensas portas, enquanto sua mãe, Tétis, de pés prateados, afastava-se, vencida pelos fados inexoráveis.

— Eia, mirmidões, arremetam às portas com este aríete feito de sólido carvalho e afiadíssima ponta! — disse o herói, pondo todo o empenho em sua voz.

Páris, ao alto, penava em seu desespero, pensando no que poderia fazer para deter aquele terribilíssimo homem, quando escutou a voz de Apolo soar a seu lado:

— Páris, nutrido pelos deuses, apreste ligeiro o seu arco e escolha a melhor das flechas!

— Aquiles é invencível!... — bradou Páris ao filho de Latona. — Seu corpo, banhado nas águas do Estige, é invulnerável, e seta alguma poderá feri-lo.

Tétis, num último gesto de amor materno, aproximou-se, então, de Apolo, e lhe disse estas palavras:

— Apolo, filho de Júpiter soberano! Toma antes uma de suas próprias flechas, se queres, para alvejar meu filho, eis que suas flechas tiram a vida sem causar dor.

O filho de Júpiter acedeu e, estendendo a Páris uma de suas próprias flechas, lhe disse em seguida:

— Toma e faz o que digo. Quanto ao rumo que a seta seguirá, não se preocupe, pois cabe a mim dar-lhe o rumo correto.

Páris ajustou a seta fatal ao seu arco e espichou a sólida corda até que as duas extremidades do arco, feito de fina e maleável madeira, se unissem.

— Dispara agora, filho de Príamo! — ordenou o deus solar.

Os dedos de Páris largaram a extremidade do dardo, e este partiu com um terrível assobio em busca do seu alvo. Apolo, arremessando-se junto com o dardo, foi conduzindo-o até o seu alvo, que era o calcanhar direito de Aquiles. O guerreiro, alvejado pela seta mortal, sentiu o pé fraquejar, embora dor alguma lhe lancinasse as carnes.

— Fui alvejado... — gritou Aquiles, compreendendo, num instante, que seu fim se aproximava.

Arrancando o dardo do calcanhar, que sangrava copiosamente, mesmo assim o filho de Peleu ainda encontrou forças para continuar batalhando. "Hei de cair somente depois que meus

mirmidões tiverem rompido as portas que dão acesso à cidadela!", pensava ele, brandindo com fúria redobrada a sua espada encharcada de sangue inimigo.

Aquiles avançou, cada vez com maior dificuldade, pois a sombra da Morte começava a descer sobre seus olhos e, após haver semeado o pânico entre os troianos, apoiou-se sobre o madeiro sólido e instransponível de uma das gigantescas portas Céias. Seus joelhos fraquejaram pela última vez, e sentiu que sua alma começava a descer ao Hades sombrio para ir fazer companhia aos companheiros mortos.

— O destino de Tróia está, desde sempre, também decretado! — bradou Aquiles, nos últimos arrancos de sua vida quase extinta. — E tão certo quanto agora cumpro meu negro fado, chegará muito em breve a vez de vocês também cumprirem o seu! Não terão como escapar, e então sentirei espumar em minha boca, mesmo nas moradas sombrias, o sumo feliz da vingança!

Aquiles cerrou seus lábios e sua armadura finalmente retiniu sobre o chão, com imenso estrondo, cobrindo-se de seu próprio sangue ajuntado ao pó.

Grande júbilo ergueu-se do alto das muralhas: Príamo, aliviado, via exterminado, de uma vez por todas, o flagelo grego, matador de troianos e de seu querido filho Heitor.

Começava nesse instante, porém, uma outra batalha, agora pelos despojos do maior dos aqueus. Ajax e Ulisses, companheiros fiéis, arremessaram-se ao corpo para impedir que mãos inimigas o raptassem, apossando-se de sua armadura gloriosa, fabricada pelas próprias mãos de Vulcano, inexcedível artífice, e levassem seu corpo para dentro das muralhas, para ser esquartejado e lançado aos dentes corruptos dos cães de Tróia. Era a vez, agora, de Aquiles ter seu corpo arrastado de um a outro lado e coberto de sangue e de pó, como acontecera a tantos outros desde o começo daquela terrível e cruenta guerra.

Enéias, pelos troianos, forcejava junto com os seus para apoderar-se do corpo, enquanto que Ajax e Ulisses os repeliam com toda a fúria. Glauco, primo de Sarpedon morto, conseguira laçar os pés esfolados de Aquiles e já ia arrastando o corpo até as hostes troianas, quando Ajax, arremessando um dardo certeiro, prostrou-o sem vida no chão.

E assim, ao redor do corpo ensangüentado do filho de Tétis, foram caindo, às dezenas, os guerreiros que lutavam em busca do prêmio mais ambicionado: o corpo e as armas de Aquiles, filho de um mortal e uma deusa.

Finalmente, os gregos levaram a melhor e conduziram o corpo de Aquiles para as suas tendas. Lá o herói recebeu os rituais fúnebres devidos, sendo queimados seus despojos numa imensa pira, sob o choro de todos os companheiros, e até dos deuses, que do alto lamentavam a morte do maior guerreiro que o mundo já vira. Tétis, sua mãe, veio das profundezas do mar, junto com suas nereidas, coberta de luto, e durante toda a cerimônia não cessou de lamentar a

morte de seu querido filho. Depois, as cinzas de Aquiles foram depositadas junto às de Pátroclo, amigo e fiel companheiro de armas, conforme o seu desejo.

Há uma ilha na foz do Danúbio que a tradição chama de Ilha Branca; para lá Aquiles teria sido levado pelos deuses, onde estaria vivendo até hoje, juntamente com seus companheiros Pátroclo e Antíloco, cercados de adoráveis ninfas e exercitando-se nas armas e esportes viris. E todo marinheiro que se preza, se alguma vez contornou aquelas costas, gaba-se sempre de haver escutado, ao longe, o retinir das armas se entrechocando e o riso e o canto dos amigos soando harmoniosamente em lautos banquetes.

ETÉOCLES E POLINICE

— Por que, pai desgraçado, ainda relutas em partir de Tebas, um lugar eternamente maldito para ti? — disse um dia Polinice a seu velho pai Édipo, retomando pela milésima vez um assunto incômodo para todos. — Sua presença, maldita aos deuses, será nefasta também para nós, e cedo ou tarde uma nova calamidade se abaterá sobre nossa família...

Édipo, de cabeça baixa, escutava as terríveis palavras do filho, sem nada dizer. "Uma nova calamidade...", pensava ele. Como seria possível isto? Já não bastava, então, ter assassinado involuntariamente seu pai Laio, rei de Tebas, e se casado inadvertidamente com sua própria mãe, provocando com isto o seu suicídio? Que espécie de infortúnios mais terríveis do que estes, afinal, poderiam os deuses imortais lançar às costas suas e de seus filhos?

— Você também pensa assim, meu filho Etéocles? — perguntou o velho Édipo, voltando para o outro filho as suas órbitas vazias.

— Sim, meu pai, receio que Polinice tenha razão... — respondeu Etéocles, nervoso, arriscando um olhar para o rosto enrugado do pai.

— Já renunciou ao trono, meu pai; por que teima, então, em permanecer numa cidade que lhe foi tão funesta? — disse ele, tomando-se de ira, pois este sempre fora um bom recurso para abafar o remorso. — Parte logo, então...! Ou vai esperar que Tisífone implacável, uma das Fúrias, venha estalar também os seus cruéis açoites em cima de nós?

— Calem-se, vocês dois! — disse Antígona, irmã de Etéocles e Polinice, que acompanhava a conversa com os olhos marejados postos sobre o pai. — São vocês próprios que acabarão por atrair, com estas insensatas palavras, a ira das Fúrias vingadoras; se não há entre todas elas uma única que não seja de consolo para nosso pobre pai, melhor farão em manter fechadas as suas bocas.

— Você sabe muito bem, Antígona, que pesa sobre nosso pai uma terrível maldição! — respondeu Polinice.

— Não, ele é inocente! — gritou a filha de Édipo, alçando a fronte. — Todos sabem que os crimes que praticou involuntariamente não foram mais do que duas fatalidades decretadas desde sempre pelas Parcas fatais. E mesmo não tendo passado de um infeliz instrumento do destino, preferiu arrancar, seus próprios olhos para expiar um crime do qual não teve a menor culpa.

Antígona cortou o curso de suas palavras ao ver seu velho pai erguer-se do assento e tomar resolutamente o seu cajado.

— Basta, vocês todos! — disse o velho, com o semblante carregado. — Desde a minha renúncia ao trono tenho percebido, dias após dia, que minha presença nesta casa se tornou cada vez mais indesejada... Sim, bem dizem que "foi-se o cetro, foi-se o afeto"... Oh, bem vejo agora a rude verdade que se esconde atrás destas amargas palavras. Basta, pois, de discórdias e rancores: parto agora mesmo para o exílio...

— Para onde dirige os seus frágeis passos, meu pai...? — disse Antígona, alarmada. — E noite agora, e a escuridão cobre os campos e as estradas.

O velho sacudiu a cabeça branca e deu um sorriso irônico.

— Minha filha, a escuridão para um cego será sempre uma vantagem, pois está mais habituado a ela do que os que vivem na luz.

— Mas há uma tempestade lá fora! — disse ela, agarrada ao manto do pai.

— Mais forte rugem os trovões aqui dentro destas altas paredes do que lá fora, sob a abóbada dos céus — disse Édipo, ganhando a saída do palácio.

— Meu pai, não pode sair deste jeito, sem um alforje ou uma capa sobre os ombros — gritou Antígona.

— Há tudo isto lá dentro — disse Polinice friamente. — Apresse-se, e que um escravo o conduza até um lugar qualquer para fora dos limites de Tebas, para que nossa pátria esteja finalmente livre da ameaça de um novo desastre.

Antígona ergueu a mão para esbofetear o irmão, que a interrompeu:

— Deixe que ele faça o que deve ser feito, sua tola! — disse Polinice, segurando o braço da irmã. — São muitos os inimigos que Tebas sagrada tem entre os mortais para que possa dar-se ao luxo de ser odiada também pelos próprios deuses.

Antígona desvencilhou-se dos braços rudes do irmão e correu para ir buscar uma capa e um alforje para seu pai. Quando retornou, envergava ela mesma, também, uma grossa capa.

— Aonde pensa que vai? — disse Etéocles, tentando impedir que a irmã seguisse junto com o pai.

Antígona nada disse, e ninguém duvidou que ela faria uma loucura caso alguém tentasse impedi-la de sair. Polinice, entretanto, fez um sinal com a mão para o irmão para que a deixasse partir. Antígona saiu dos portões sob uma grossa chuva que descia dos céus relampejantes; graças aos clarões podia avistar o pai, que se afastava, tropeçando sobre as pedras e as poças de água que juncavam a estrada que levava para fora de Tebas.

— Meu pai, espere! — gritou ela, com a cabeça descoberta. — Deixe que eu siga ao seu lado!

Édipo, a princípio surpreso, acabou entretanto por aceitar o braço que Antígona lhe oferecia, rumo à estrada áspera e enlameada que se estendia à frente.

— O, filhos ingratos... — lamentou-se ele, misturando suas lágrimas àquelas outras, abundantes, que desciam do céu como uma espessa cortina d'água. — De todos os maus fados que assaltaram a mim e à minha família, quis o destino que o pior ficasse para o fim. Pois que desgraça maior pode haver para um pai do que assistir à negra ganância se apoderar da alma de seus filhos? Logo eles, que um dia, imaginei, viriam a ser o arrimo e o consolo de minha negra velhice.

— Meu pai, esqueça de uma vez seus infortúnios — disse Antígona, tentando consolá-lo; sua voz soava alta e límpida, pois somente assim podia sobrepô-la ao rugido da chuva e dos trovões. — Ainda que tudo pareça lúgubre ao seu redor, não levaram as Parcas fatais tão longe a sua cruel pertinácia a ponto de não lhe deixarem ao menos esta filha, como último consolo à sua alma combalida. Perdoe meus desventurados irmãos: como você e eu, eles não passam, também, de pobres fantoches do destino.

Entretanto, no salão imperial, os dois fantoches ainda não haviam se dado conta disso, pois a conversa prosseguia no mesmo tom altivo e soberbo.

— Antígona não nos fará falta alguma — disse Polinice, tão logo viu da janela a irmã e o pai desaparecerem no negror da noite. — Agora vamos pensar no destino do trono de Tebas, que é o que importa.

Durante muitas horas estiveram os dois discutindo este assunto sumamente importante: a quem caberia o cetro de Tebas, a Polinice ou a Etéocles? Apesar de tudo, a conversa começara com um tom um pouco mais ameno e conciliatório, pois suas almas sentiam-se leves, uma vez livres da presença incômoda do pai e da irmã.

— Naturalmente que a mim caberá ocupar o trono deixado vago — disse Polinice, tentando convencer pacificamente o irmão -, pois tenho por mim o inalienável direito de primogenitura.

— Direito de primogenitura, entre filhos do incesto? — disse Etéocles, com um sorriso escarninho. — Ora, meu irmão, deixemos de gracejos e falemos de preparo e competência, pois é isto que se exige daquele que pretende exercer um cargo tão importante como o que agora disputamos.

— Ora, se vamos a isto, de todo modo caberá a mim empunhar o cetro, pois sou infinitamente mais atilado e capaz — disse Polinice, com ar de mofa.

— É muito competente para expulsar de casa um velho cego e sua filha desequilibrada, tornando ambos mendigos; é a isto que se refere, por certo? -disse Etéocles, arreganhando os dentes numa risada de puro deboche.

Polinice sentiu o sangue subir-lhe às faces; sua mão instantaneamente ergueu-se e, antes que pudesse evitar, já havia vibrado uma bofetada no rosto do irmão.

— *Eu* tornei-o mendigo? — rugiu Polinice, feroz e ao mesmo tempo aliviado por poder se desvencilhar da incômoda pose de um homem calmo e argumenta-dor. — Com que frágil argúcia, meu irmão, você se desvencilha dos seus atos inconvenientes.

Etéocles, com a marca da mão de Polinice estampada no rosto, deu dois passos para trás e sacou um punhal que mantinha sempre oculto por baixo do manto.

— Já não há mais pai caduco algum aqui dentro, vilão, para que eu tenha de sofrer insultos seus ou de quem quer que seja! — disse Etéocles, vibrando o bronze afiado na direção do irmão.

Polinice, temendo que ambos pudessem estar já sob a maldição de seu pai, resolveu, então, acalmar as coisas.

— Muito bem, caro Etéocles, perdoe minha ira incontida — disse ele, estendendo os braços em sinal de concórdia. — Procuremos um acordo vantajoso para ambos, em vez de perder nosso valioso tempo com provocações e agressões que só servirão para adiar uma rápida solução.

— Enfim, palavras sensatas, meu caro... — falou Etéocles, em tom conciliatório. — Façamos o seguinte, então: primeiro governarei eu, pelo período de um ano; tão logo ele expire, me comprometo a passar cordialmente o cetro para você, e assim iremos reinando alternadamente, como bons e leais irmãos. Então, que acha?

Polinice, ainda sob o efeito do remorso por causa da bofetada que dera no irmão, aceitou o arranjo, ainda que a contragosto. "Um ano passa rápido, afinal!", pensou Polinice, fingindo estar satisfeito com o acordo. "Quando for a minha vez, darei um jeito de permanecer para sempre no trono. E, então, ai dele se ousar discordar de minha vontade!"

Mal sabia que nesse preciso momento seu irmão pensava a mesma coisa, antecipando desde já a negra perfídia.

De qualquer modo, o acordo foi imediatamente selado. Etéocles foi coroado em uma magnífica cerimônia, perante os deuses e os homens. Mas, passado o prazo de um ano, Etéocles não se deu por achado quando o irmão veio reclamar o poder.

— Preciso de uma pequena prorrogação, caríssimo irmão — disse ele, tomando as mãos do irado Polinice. — Há alguns assuntos pendentes que devo resolver antes de passar o poder.

Etéocles, tendo provado uma vez o néctar do poder, tomara gosto pela coisa — pois quem, afinal, deixa arrebatar dos seus dentes um petisco já abocanhado? Etéocles, assim, foi reinando indefinidamente, até que Polinice convenceu-se, afinal, de que jamais iria tomar assento no trono. E quando foi reivindicar, pela última vez, o seu direito, foi recebido pelos soldados do palácio com rudes palavras.

— O seu irmão, o poderoso rei Etéocles de Tebas, nutrido pelos deuses, quer lhe comunicar o seguinte — disse o arauto de semblante impassível -: que desde esta data não reconhece mais a você nem a ninguém o torpe direito de pretender alijá-lo de um poder justamente adquirido e referendado pelos deuses. Sendo assim, o melhor que sua augusta majestade o aconselha a fazer é tomar a estrada real que leva para fora de Tebas, a exemplo do que, com desusada crueldade, você fez ao pai e à irmã do glorioso rei tebano, e procure por aí o que você chama de "meus direitos", que não passam, afinal, da mais odiosa e sórdida usurpação; talvez desta forma, afirma o soberano, possa limpar a mácula que recobre a sua alma e torná-la digna não de empunhar o cetro de um tão alto reino, que não será jamais digno de tanto, mas de tomar uma enxada para plantar algo com que possa acalmar a aflição de seu estômago. Nada mais tem a dizer aquele que dorme e acorda sob a proteção absoluta e ininterrupta de todos os deuses.

Polinice, dominado pela ira — mas também pelo receio, pois temia ver-se alvo, a qualquer momento, de um horrendo atentado -, decidiu procurar refúgio junto ao rei Adrastos, no reino vizinho de Argos. Uma vez lá, caiu nas graças do rei e, após contrair núpcias com a filha dele, conseguiu convencê-lo também a conceder-lhe ajuda militar para destronar o irmão Etéocles.

Mas o destino parecia não sorrir nunca ao infeliz Polinice, pois tão logo a expedição foi anunciada em Argos, o cunhado do rei Adrastos, um certo adivinho chamado Anfiarus, opôs-se a ela terminantemente.

— Não se atreva a se lançar em tal aventura, meu soberano e dileto cunhado — disse o mago Anfiarus, de olhos acesos -, pois desde já ela está fadada ao fracasso: nenhum dos chefes, com exceção de Vossa Alteza, voltará vivo dessa insensata expedição.

— Caríssimo cunhado — respondeu o rei, que parecia mais aliviado depois de escutar a última parte daquele presságio -, admiro e respeito o dom que os deuses verteram sobre sua cabeça, mas respeito ainda mais os tratados firmados por homens de palavra irredutível.

— Adrastos, ouça-me: são profecias terríveis estas que agora deponho a seus pés... — disse ainda Anfiarus, tentando demover o rei daquela louca empresa.

— Basta, colega adivinho, eis que sou adivinho também o bastante para saber que irá repetir-me agora, como sempre, as mesmas razões, sem acrescentar uma palavra de novo à velha arenga! — disse o rei Adrastos, enfadado daquela presença. — Como falei que aqui nada se faz sem que se observem os pactos, procure então a sua mulher, minha irmã Erifila, pois desde o casamento de vocês ficou acertado que qualquer divergência entre nós seria resolvida somente por ela.

Polinice, que ouvia atentamente o diálogo entre o seu sogro e o adivinho, afastou-se sorrateiramente e tratou de ir procurar logo a influente Erifila.

"Que poder tem tal mulher, de levar ou não um reino à guerra!", pensava ele, enquanto imaginava um meio de fazer Erifila inclinar-se a favor da expedição contra Tebas. Depois de pensar um pouco chegou à inevitável conclusão: seria preciso corrompê-la. Para tanto vasculhou os seus pertences até encontrar o valioso colar que Vulcano dera de presente à sua antepassada Harmonia, esposa de Cadmo.

— Bela Erifila, irmã de meu valoroso sogro! — foi dizendo Polinice, assim que adentrou os aposentos da mulher do adivinho. — Surgiu uma disputa entre seu amado esposo e seu irmão dileto, e creio que juntos poderemos encontrar uma solução para essa amável desavença.

Polinice sacou então das dobras de sua túnica o magnífico colar, fazendo escorrer por entre os dedos, com um ruído delicioso, as encadeadas contas douradas.

— Fascinante... Realmente um colar digno de enfeitar o colo de qualquer deusa! — exclamou Erifila, a "deusa" de Argos. Seus dedos apoderaram-se da jóia com a mesma rapidez da cascavel quando lança o bote certeiro de suas presas aduncas.

— Vossa Alteza, falo agora com inteira franqueza: ele será todo seu, se convencer o seu marido a concordar com nossa expedição — completou Polinice, lançando na mesa todas as cartas.

— Adoro franquezas desta natureza... — disse Erifila, e desde então nunca mais olho humano pousou outra vez sobre o magnífico colar, pois Erifila logo correu a enterrá-lo nas profundezas de seus baús mais secretos.

Desta forma, a guerra estourou inevitavelmente. O rei de Argos, com seu exército, ajudou durante muito tempo Polinice a sustentar sua pretensão ao trono, naquela que ficou conhecida

como a famosa expedição dos "Sete contra Tebas", pois tratava-se de uma empreitada de sete generais contra as sete portas da cidade de Tebas.

Anfiarus, o adivinho, participou valentemente da luta, embora soubesse que jamais retornaria vivo para a sua pátria. De fato, quando passava com seu carro ao longo de um rio, viu-se metido em uma terrível emboscada, obrigando-se a retroceder. Mas durante sua fuga, Júpiter, irado não se sabe por quê, lançou adiante das rodas de seu carro um pavoroso raio que abriu uma fenda enorme na terra, engolindo para dentro do abismo o adivinho, seu carro e seus cavalos. Júpiter, entretanto, premiou-o depois com a imortalidade, concedendo-lhe um oráculo que posteriormente se tornaria muito famoso na Ática.

Etéocles, enquanto isto, também resolvera consultar-se com um adivinho, Tirésias, talvez o mais famoso de todos os videntes que a Grécia já conhecera. Havia muitas histórias a seu respeito, mas a mais importante dava conta de que tendo visto em sua juventude, por um infeliz acaso, a bela Minerva inteiramente nua durante o banho, a deusa, furiosa, privara-o da visão; no entanto, posteriormente arrependida, a deusa lhe concedeu, além de um bastão que o conduzia por toda parte como se olhos tivesse, o maravilhoso dom da profecia.

O adivinho Tirésias declarou, então, após a consulta de Etéocles:

— A vitória caberá a Tebas, se Menoceu, filho de Creonte, for sacrificado.

Creonte era tio dos dois irmãos e tomara o partido de Etéocles, rei de Tebas. Apesar de seus protestos, o jovem Menoceu aceitou fazer o papel de vítima expiatória, e tão logo colocou o pé no campo de batalha foi morto num piscar de olhos. Mas tal fato não foi decisivo, e a luta prosseguiu sem que nenhum dos lados alcançasse a vitória, até que um dia, exaustas as duas partes após o longo e infrutífero cerco que as forças de Polinice haviam imposto a Tebas, decidiu-se que a pendenga seria resolvida através de um duelo singular entre os dois irmãos: Etéocles, rei de Tebas, e Polinice, o pretendente ao trono.

Nunca as Parcas cortaram o fio da vida de dois bravos soldados com tanta grandiosidade como fizeram naquele dia, diante das portas de Tebas. Desde o começo a luta mostrara-se parelha: cada qual do seu lado, rodopiando um ao redor do outro com seus escudos e lanças enristadas, mostrava destemor e valentia jamais vistas. Ora um acertava uma valente cutilada ao ombro do outro, ora o outro devolvia o golpe no braço do primeiro, até que Etéocles, num salto ágil e imprevisto, investiu decididamente contra o peito do irmão. Polinice, entretanto, desviou-se com uma semipirueta que desnorteou o irmão. Quis ainda Etéocles tentar outro golpe audaz, mas Polinice, atento e muito mais ágil, contra-atacou num golpe preciso e fatal, desarmando o irmão e enterrando-lhe nas entranhas a sua lâmina dura e gelada. Quando a retirou, um breve e violento espirro de sangue esguichou no seu capacete.

Etéocles, ferido de morte, rastejou para tomar a arma de volta, mas Polinice, com a espada erguida, preparava já o golpe de misericórdia. Porém, antes que pudesse completar o gesto, Etéocles sacou seu punhal — aquele mesmo que mantinha escondido sob as dobras do manto — e num esforço sobre-humano arremessou-o contra o pescoço do adversário. Polinice caiu ao lado do irmão já esvaído, vomitando pela boca um sangue negro e espesso. E assim ambos se acabaram, unidos fraternalmente sobre uma mesma poça de sangue.

Como o combate terminara empatado, com a morte de ambos, os exércitos rivais reiniciaram a luta, que se estendeu ainda por um longo tempo, ora com a vitória pendendo para um lado, ora para o outro. Mas Meneceu não morrera em vão, afinal: os tebanos, depois de muita luta, acabaram vencendo as forças inimigas e expulsando os invasores de Tebas. A profecia de Anfiarus, enfim estava cumprida: dos sete chefes guerreiros, o único a sair com vida foi o rei Adrastos, o qual foi obrigado a fugir com seu exército desbaratado e refugiar-se em Atenas, deixando seus mortos insepultos às portas de Tebas.

ANTÍGONA

Édipo, expulso de Tebas pelos próprios filhos, vagava pelos caminhos com sua filha Antígona. Ele, um velho cego perseguido pelo infortúnio; ela, uma mulher determinada a não deixar que o pai perecesse ao desamparo.

— Pai, veja, estamos chegando a Colona! — disse Antígona, quase feliz. Em seguida, no entanto, cobriu a boca com a mão.

"Maldita gafe!", pensou ela, lembrando da cegueira do pai e revoltada consigo mesma. "Quantas vezes vou repetir, ainda, esta bobagem?!"

Édipo, no entanto, percebeu tudo e deu uma sonora gargalhada — a primeira, na verdade, que conseguia dar desde que ambos haviam deixado o palácio de Tebas, expulsos pela ambição de Etéocles e Polinice, seus filhos e irmãos de Antígona.

— Filha querida! — disse ele, acariciando a cabeça de Antígona. — Não se agaste com essas pequenas distrações; não tenho mais olhos, mas ainda posso ver tudo, e que outra visão melhor poderia ter do mundo do que vê-lo pelo filtro dos seus olhos justos e abençoados?

Antígona sorriu e, abraçada ao pai, adentrou os limites de Colona, pequena aldeia nas proximidades de Atenas. Lentamente ambos chegaram a um bosque consagrado às Fúrias benévolas. Ali estiveram abrigados por vários dias no interior do pequeno mas severo templo, até que os moradores, irados com aquela presença profana, resolveram expulsá-los dali.

Mas Teseu, rei de Atenas, informado disso, resolveu interceder.

— Édipo está aqui próximo! — disse ele a seus conselheiros. — Tragam-no até mim, pois há um oráculo célebre, que diz que o túmulo de Édipo em nossas terras garantirá eterna vitória contra nossos inimigos.

Édipo e sua filha foram, então, bem recebidos por Teseu e gozaram da hospitalidade ateniense durante um bom tempo, até que um dia Creonte, tio de Antígona e regente do trono de Tebas, chegou a Atenas para suplicar a Édipo que retornasse à sua pátria.

— Édipo, filho de Laio, é sua ausência que provoca esta guerra odiosa em nosso reino — disse Creonte, implorativo. — Os oráculos são unânimes em afirmar que enquanto durar sua ausência, Tebas estará entregue à disputa de seus dois filhos, Etéocles e Polinice.

Estas e muitas outras palavras disse Creonte, mas Teseu, temeroso de que Édipo fosse morrer longe de suas terras, levando assim, consigo, a proteção que os atenienses esperavam, recusou-se terminantemente a ceder o seu hóspede.

— Creonte, se veio aqui só para ver atendido este seu pedido, pode desde já retornar para sua Tebas de nome glorioso, posto que as coisas por lá, como bem sei, não andam nada tranqüilas — disse Teseu, de maneira categórica. — Vá e tente resolver os problemas que aqueles dois criaram ao expulsar o próprio pai da casa paterna. Além do mais não há garantia alguma de que ele não sofrerá algum infortúnio ainda maior por parte dos dois ambiciosos, caso volte a colocar seus pés de volta numa terra que só lhe trouxe desgraças. Aqui, ao contrário, ele será sempre bem tratado até encontrar o descanso final sob o solo ateniense.

Creonte, frustrado, deu as costas a Teseu, sem se despedir, e retornou imediatamente a Tebas, onde a guerra alcançara furor nunca visto. De um lado Etéocles, de posse interina do cetro tebano, combatia ao lado dos exércitos de sua própria pátria; de outro, seu irmão Polinice, que, exilado, unira-se aos exércitos da vizinha Argos, comandados por seu sogro Adrastos, para derrubar aquele que ele chamava de usurpador do poder régio. Entretanto, nenhum dos dois alcançou seu objetivo, pois acabaram mortos um pela espada do outro, às portas de Tebas.

Creonte, que tomara desde o começo o partido de Etéocles, ordenou então que recolhessem para dentro dos muros o corpo do rei morto, e que lhe fossem prestadas o mais breve possível todas as honras fúnebres devidas.

— Quanto a Polinice, que ousou aliar-se a um estado estrangeiro para atacar sua própria pátria, que permaneça insepulto, do lado de fora de nossas sagradas muralhas — disse Creonte, friamente. — Os cães e abutres de além muros que se encarreguem de lhe dar a sepultura conveniente.

No mesmo dia o rei de Tebas lavrou um decreto no qual proibia qualquer cidadão tebano de enterrar o corpo do infeliz Polinice, sob pena de morte.

Antígona, enquanto isto, ainda permanecia em Atenas. Tendo recém acabado de enterrar seu pai, Édipo — que falecera de maneira branda, numa tarde cinzenta e fria, encerrando assim o longo cortejo de infortúnios e tribulações que fora a sua triste vida -, sentia agora que era mais do que hora de retornar para Tebas, para ver se ainda era possível pacificar a ira dos dois irmãos em luta e instaurar em sua pátria um período de paz e tranqüilidade. Mas quando chegou teve a surpresa e a infelicidade de encontrar seus dois irmãos mortos, e um deles insepulto.

— Por que meu irmão Polinice jaz aqui, insepulto, do lado de fora dos muros da cidade? — disse ela, horrorizada, ao soldado que mantinha o cadáver exposto ao sol e aos cães, num estado de horrível mutilação e ignomínia.

— Para longe! São ordens de Creonte, novo rei de Tebas — disse o soldado, impedindo com a lança que Antígona se aproximasse do corpo do irmão.

Inconformada, ela foi correndo procurar o auxílio de sua irmã Ismênia, que também lamentava a ordem cruel. Mas ao ver que ela não manifestava nenhuma intenção de tentar reverter aquela situação, irou-se também contra ela.

— Antígona, pense bem, minha irmã! — disse Ismênia, com o rosto molhado pelas lágrimas. — O que podemos fazer, pobres mulheres, diante de um decreto tão inexorável? Cumpre-nos acatá-lo, se tivermos bom senso e amor à própria vida.

— Você é uma covarde, isto sim — exclamou Antígona, encolerizada.

— Creonte não voltará atrás, esteja certa! — disse Ismênia.

— Você bem sabe que uma pessoa que permanece insepulta está condenada a vagar para sempre, sem descanso nem paz, pelas margens do sombrio Aqueronte! — disse Antígona, inconformada. — É isto que deseja para nosso pobre irmão, que permaneça diante dos olhos da plebe, entregue aos dentes dos cães e ao bico imundo dos abutres? E que no outro mundo sua alma gema, vagando em eterno tormento?

Antígona procurou, ainda, convencer o novo rei de Tebas, mas este a expulsou de sua presença com palavras iradas, ameaçando prendê-la por sedição.

Mas Antígona estava determinada a não deixar que seu irmão Polinice permanecesse naquele miserável estado. Assim, durante uma forte tempestade de areia que se abateu sobre Tebas, aproveitou para deixar os portões da cidade e, ludibriando a atenção do guarda de Creonte, enterrou o corpo do irmão com as próprias mãos, realizando secretamente os rituais que a tradição prescrevia.

— Ah, meu pobre irmão, que triste fim o nosso — lamentava-se ela, coberta de pó e de lágrimas, enquanto jogava a areia sobre o corpo do irmão. — Não devíamos ter permitido, jamais, que a discórdia se instalasse em nossas almas...

Porém, mal havia terminado de encerrar os rituais de sepultamento, quando foi surpreendida e detida por um guarda, que a conduziu ao rei Creonte:

— Criatura insensata, não conhecia, então, o teor do meu decreto? — perguntou o rei de Tebas avançando para ela, tomado de cólera.

— Bem conheço o teor do seu decreto, meu tio e poderoso rei de Tebas! -disse Antígona calmamente, porém de fronte erguida. — Mas um é o decreto dos homens, e outro, o decreto dos deuses. Escolho obedecer aos deuses, em vez dos homens.

— Ousas, ainda, desafiar meu poder soberano, atrevida? — disse Creonte, dando-lhe uma bofetada no rosto.

Antígona permaneceu imperturbável e prosseguiu com suas razões:

— Sim, meu tio, escolho as leis do céu, porque elas me soam justas e perenes, enquanto que seu infame decreto padecerá sempre da perenidade das coisas mutáveis; como posso, pois, colocar à frente das coisas eternas, as coisas humanas e efêmeras? Se me dá a morte por isto, saiba que, assim como seu decreto, sua vida será efêmera. Você e eu pereceremos: um hoje, o outro amanhã; mas os deuses e seus decretos, estes permanecerão válidos e sagrados para todo o sempre.

— Conduzam esta louca para a prisão! — disse Creonte, colérico, a um dos seus guardas. — Que sua boca não prove água ou alimento qualquer até que sua vida pereça, para que aprenda antes de morrer o quão longo pode ser o tempo, uma vez desafiado o meu "efêmero" poder temporal.

De repente Ismênia adentrou o salão real, aos gritos.

— Creonte, eu a ajudei a sepultar o nosso irmão... Mas Antígona não deixou que ela continuasse.

— Não, é mentira! — disse ela. — Minha irmã nada tem a ver com isso; tudo o que fiz, fiz sozinha...

Depois, voltando-se para a irmã, lhe disse, serena:

— É tarde, Ismênia. Você escolheu a vida; eu, a morte.

Antígona foi levada até a caverna onde ficava o túmulo de seus ancestrais; ali deveria permanecer encerrada, em completa escuridão, na companhia dos mortos, tão logo a grande pedra que vedava a entrada da tumba fosse rolada. A terrível fome, então, ficaria encarregada de corroer suas entranhas, e a sede, de ressecar sua pele viçosa, até que a Morte, penalizada diante de um tão longo martírio, a viesse libertar, enfim, de seus padecimentos.

A grande rocha moveu-se, afinal: Ismênia observava, aos prantos, a efígie de sua irmã desaparecer aos poucos — e para sempre — de seu olhar. E quando a última fresta de sol deixou de iluminar o interior da negra caverna, Antígona viu-se finalmente a sós com seu negro destino.

Algum tempo depois, quando a pedra foi removida, encontraram-na morta, com efeito, mas não como se esperava: Antígona antecipara-se à morte, pendurando-se ao teto por um laço firmemente atado ao pescoço.

PÍRAMO E TISBE

— Ah, muro maldito, quem foi o infeliz que empilhou um a um os seus tijolos gelados e intransponíveis?

Assim lamentava-se todos os dias Píramo, jovem e belo assírio que o ódio dos pais havia encerrado longe dos olhos de sua amada Tisbe, a mais bela virgem de todo o Oriente. Apesar de morarem um ao lado do outro, isto era para ambos quase o mesmo que estarem em lados opostos do mundo, pois um muro intransponível e indestrutível fora erguido entre as duas casas.

— Que um raio o parta em dois, que os deuses o façam evaporar, que meu amor o derreta como um sol dardejante!

Assim dizia o infeliz Píramo, de punho erguido, a maldizer o dia inteiro, desta e de muitas outras maneiras, a funesta parede.

— Não sejamos tão injustos, meu amor! — balbuciava a bela Tisbe, por sua vez, do outro lado do muro. — Não fosse esta estreita fenda que o construtor desavisado deixou aberta, e jamais poderíamos conversar assim, livremente. Não, não culpe o muro, nem seu construtor, mas apenas nossos pais, que de maneira insensível nos consomem a alma nesta cruel agonia.

Tisbe parou um pouco; o ruído de um longo suspiro chegou até os ouvidos de Píramo apaixonado.

— Píramo, precisamos ter muita paciência...

— Paciência?! — exclamou a voz emparedada. — Minha paciência esgotou-se, minha amada Tisbe. Que mal fizemos nós? Que crime cometemos? Como posso me conformar diante de tanto despotismo? Já não suporto mais viver apenas das doces palavras que me diz, sem poder ver a maravilhosa boca que as pronuncia, nem ler os bilhetes que introduz pela fenda, sem poder ver a alva mão que os escreve.

Píramo tentou, então, pela milésima vez, ver se conseguia enxergar um pedacinho, por mínimo que fosse, de sua adorada Tisbe. Mas a parede era muito espessa, e a fenda, muito estreita.

— Oh, pudesse agora tomá-la em meus braços... — exclamou Píramo, agoniado, afagando as heras que cobriam o muro como se fossem os cabelos de sua amada.

— Píramo amado, não se exalte, podem nos ouvir — sussurrou Tisbe, com a boca grudada no pequeno vão do elevado muro.

"Se pudesse ao menos escalá-lo... ", pensou o jovem assírio, enterrando os dedos nas poucas saliências e reentrâncias do sólido anteparo. Oh, mas o perverso construtor fora sábio o bastante para fazê-lo de pedras suficientemente lisas e escorregadias. O jovem não conseguiu enterrar mais do que a ponta de suas unhas entre as saliências, sempre estrategicamente afastadas umas das outras.

— E um maldito deboche! — disse ele, retirando as unhas escalavradas, ao descobrir finalmente, após detida inspeção, que eram todas fendas falsas.

"Será que até isto o perverso construtor arquitetara?", pensou Píramo.

O jovem ergueu, então, os olhos para o alto, mas por mais que elevasse as vistas não conseguia divisar o fim do muro: as pedras lisas e inconsúteis perdiam-se nas nuvens, tornando impossível ver-lhes o fim, ao mesmo tempo em que do alto descia a água das nuvens, escorrendo sempre pelo muro, como uma parede que na estação das chuvas verte a umidade sem cessar, tornando impossível até mesmo às lagartixas escalarem-no.

E que fera monstruosa haveria lá no topo? Que medonho obstáculo estaria à espera do audaz que enfim o alcançasse?

— Oh, minha paixão e meu tormento! — exclamou o jovem, por fim, com seus lábios ardentes colados à pedra molhada, como se beijasse os lábios úmidos da própria Tisbe. Mas sabe Júpiter quantas pedras sobrepostas ainda separavam seus ardentes lábios! Oh, se ao menos fossem feitas de blocos de gelo duro, para que o calor de seus lábios acabasse, cedo ou tarde, por dissolvê-los...

— Quando poderei beijá-la de verdade, tocar seus lábios, sua pele macia, envolver seu corpo lindo e encantador num abraço infinito? Teremos de esperar, então, até que estejamos velhos, ao ponto de meus olhos não poderem mais distinguir a sua beleza? — exclamava Píramo em seu estado febril.

Neste momento foi abruptamente interrompido por Tisbe.

— Ambos velhos...? Eu e você...? — repetia ela, como se não conseguisse acreditar que isto um dia aconteceria. — Mas você é tão belo, não há jovem de maior beleza em toda a Babilônia!

— Por enquanto, minha bela e fascinante Tisbe... O tempo, porém, é veloz e desapiedado para com os mortais.

— Realmente, você está ficando diferente. Está mais maduro e sua voz mais grave, embora mais desanimada, também... Ah, tem razão, meu belo Príamo... Basta! Isto não pode continuar assim — disse Tisbe, revoltando-se, afinal, com aquela situação.

— Isto mesmo! — repetiu ele, entusiasmando-se. — Ah, minha doce Tisbe, enfim me ouve... Tenho pensado muito nisto e já tenho um plano concertado para nós. É muito simples. Amanhã à noite, quando todos estiverem dormindo, fugiremos.

— Oh, Píramo, mas será muito perigoso...

— Não, basta que tenhamos um pouco de cautela e outro tanto de audácia -disse Píramo, colando a boca ao muro. — Vamos nos encontrar junto ao túmulo de Nino, fora dos limites da cidade. Você logo o reconhecerá, pois ele é protegido por uma imensa amoreira, com frutos brancos como a neve, bem ao lado da fonte. Aquele que chegar primeiro aguardará o outro, sob os galhos daquela bela e frondosa árvore.

— Por Vênus! — exclamou Tisbe, estupefata. — Então você já tinha tudo planejado?

— Sim, foram os fervores da bela deusa, protetora dos amantes, que me inspiraram a arquitetar este desesperado plano — respondeu Píramo, mais aliviado.

Os dois aguardaram, então, que Apolo terminasse de recolher no horizonte o seu flamejante carro e a Noite estendesse sobre o céu o seu negro e estrelado véu.

Tão logo escureceu, Tisbe levantou-se da cama, cautelosamente, e, após certificar-se de que todos na casa dormiam, deslizou furtivamente pela janela até alcançar o portão de saída. Antes de cruzá-lo, deu uma última olhada no muro maldito, cujo topo nem as aves altaneiras podiam divisar.

— Maldito muro, maldito construtor — ela praguejava, colocando a capa e dando-lhe as costas para sempre.

Depois de ter atravessado o campo, sob o sopro úmido e frio de Bóreas incansável, avistou finalmente a gruta; com um pouco de dificuldade subiu pela encosta até alcançar, enfim, o famoso túmulo. Sentou-se, pronta para esperar o amado, que não deveria tardar.

Tisbe assim permaneceu, encostada sob a amoreira, durante um bom tempo, até que de repente viu surgir, à luz difusa da noite, uma leoa — sim, uma terrível leoa que avançava a largos passos em sua direção. Suas mandíbulas estavam ensangüentadas, pois havia recém abatido uma presa, e buscava agora aliviar a sede junto à água da fonte. A moça, assustada, esgueirou-se por trás da árvore e, antes que o animal percebesse sua presença, já havia se misturado à noite escura. Na pressa, entretanto, deixara a capa para trás, caída junto à amoreira de alvos frutos.

A leoa, depois de saciar a sede com a água fresca da fonte, virou seus passos, agora lentos e pesados, em direção ao bosque, em busca de repouso. Entretanto, ao avistar a capa caída ao

chão, começou a brincar com ela, enterrando nas dobras as unhas ainda tintas de sangue, e a rasgar-lhe as franjas com seus dentes amarelos e afiados, até reduzi-la a um monte de tiras ensangüentadas.

Píramo chegou bem depois, após a leoa haver partido. As coisas para ele não haviam corrido tão fáceis como para Tisbe, pois os cães haviam começado a latir assim que ele pusera os pés no jardim. Trepado nos galhos de uma árvores, tivera de aguardar que o cão e o vigia se afastassem outra vez para poder reencetar a sua fuga.

Assim que chegou ao túmulo, viu, sob o clarão ofuscante da lua, as fundas pegadas da leoa impressas na areia.

— Tisbe, Tisbe! — gritou ele, com os olhos atônitos pousados sobre os farrapos ensangüentados da capa da amada. — O deuses, o que significam estas tiras ensopadas pelo sangue? — bradava Píramo, cobrindo de lágrimas o que restara da malsinada capa. — Oh, Tisbe infeliz, a que funesta desgraça a arrastei? Como pude deixá-la aqui sozinha, à mercê de feras cruéis e selvagens?

Píramo ergueu-se, então, e relanceando o olhar por tudo gritou, aos prantos:

— Vamos, venham, leões malditos! Venham completar sua negra tarefa! Abandonem os rochedos e venham terminar de saciar seus estômagos, despedaçando com seus dentes afiados este corpo que já não tem mais vida!

Píramo urrava, batendo no peito em desespero. Então, sacando da bainha o seu punhal, fez com que o bronze afiado se enterrasse em seu próprio coração.

O sangue que espirrou da ferida esguichou com uma profusão tal que acabou por tingir de vermelho as amoras brancas que pendiam da árvore, penetrando terra adentro pelo caule até atingir suas raízes.

Enquanto isso, Tisbe, abraçada aos joelhos trêmulos, aguçava os ouvidos, com a sensação de ter ouvido Píramo chamá-la. Imaginou-o sozinho, esperando-a sob a amoreira, com a leoa a lhe rondar os passos. Encheu-se enfim de coragem e resolveu arriscar-se a voltar, mas estacou surpresa ao se deparar com a amoreira de frutos vermelhos, em vez dos frutos brancos e reluzentes.

— Que milagre os deuses preparam aqui? — disse, impressionada.

Seus passos vacilaram, pois achava que havia se enganado de local, até que, ao fixar melhor a vista, avistou o corpo de Píramo caído ao chão, lutando contra a morte. Correu até ele com o coração aos saltos e apertou-o nos braços trêmulos:

— Píramo, amado, sou eu, a sua terna Tisbe! — gritava ela, beijando sem parar aqueles lábios já lívidos e frios. — Vamos, beije-me também e deixe que eu lhe comunique meu alento!

Ao ouvir a voz de Tisbe, Píramo abriu pela última vez os seus exaustos olhos; um sorriso efêmero iluminou seus lábios, e logo em seguida sua alma renunciou à vida. Ela avistou, então, sua capa toda esfarrapada e a bainha vazia do punhal.

— Matou-se por minha causa — exclamou, alterada. — Oh, funesto engano! Oh, Parcas fatais! Perdemos um ao outro antes mesmo de nos possuirmos.

Assim esteve lamentando a desdita sua e de seu amado, até que, erguendo a cabeça, pareceu tomada por uma irredutível decisão.

— Já que a vida foi implacável em seu propósito sinistro de nos manter afastados, que seja a morte agora a nos unir para sempre! — disse, apanhando o punhal que caíra da mão de Píramo e enterrando-o em seu próprio peito.

E assim ficaram os dois corpos juntos, unidos como um só, até que Aurora divina retornou, tingindo o céu com seus rosados véus.

Algum tempo depois surgiram os pais dos fugitivos, mergulhados em aflição. As mães abraçaram-se, soluçando agoniadamente o seu desconsolo, ao descobrirem os corpos dos dois amantes, abraçados ao pé da árvore fatal. Cada mãe jogou-se, em desespero, sobre seu próprio filho, mas eles estavam tão unidos que, ao fazê-lo, cada qual se viu obrigada também a abraçar o outro. E ao erguerem, finalmente, seus olhos nublados de lágrimas, perceberam ao alto, sob os galhos balouçantes, os frutos, antes brancos como a neve, agora tingidos de um vermelho intensamente vítreo e brilhante.

Píramo e Tisbe, separados em vida, foram finalmente unidos pela morte e. desde então, repousam no mesmo túmulo, sob a sombra das amoras escarlates.

CEIX E ALCIONE

— Vamos cavalgar pelo campo, meu querido? — convidou uma manhã a rainha Alcione, filha de Éolo, já conduzindo pelas rédeas o seu cavalo.

— Ah, minha amada, me desculpe! — respondeu o esposo Ceix, rei da Tessália. — Amanhã, talvez. Hoje estou sem ânimo algum, pretendo ir descansar um pouco.

— O que está havendo? — disse ela, encurvando suas negras sobrancelhas. -Cadê aquela alegria radiante que você herdou do seu pai? Há dias que anda perambulando pelo jardim, como se grande tristeza o afligisse...

Alcione entregou o animal de volta ao cavalariço e seguiu com o marido.

— É verdade, minha doce Alcione, não estou sendo uma boa companhia para você — disse Ceix, desanimado. — Desde que meu irmão morreu muitas coisas mudaram aqui na Tessália; tenho a triste impressão de que os deuses me hostilizam. Por isso, resolvi fazer uma

viagem a Carlos, na Jônia, para consultar o oráculo de Apolo; só assim descobrirei que motivos têm os deuses para estarem desgostosos comigo.

Alcione abraçou-se ao marido e seguiu com ele até o palácio:

— É natural que se sinta assim, meu querido! — disse ela, tentando confortá-lo. — A morte de um irmão, afinal, não é coisa que se supere de um dia para o outro. Mas daí a pôr-se em mar aberto, sob a inclemente fúria dos ventos e dos mares, apenas para consultar um oráculo, já me parece um exagero.

Ceix escutou calado, mas seu semblante denotava uma obstinação ferrenha.

— Não vejo com bons olhos essa viagem, ela me soa como um terrível presságio — disse Alcione, voltando à carga. — Conheço perfeitamente a força dos ventos e das tempestades, pois sou filha do deus dos ventos. Quantas vezes vi de meu palácio, nas altas montanhas da ilha Eólia, navios serem jogados sobre os penhascos, sendo feitos em mil pedaços, enquanto os destroços e os cadáveres trazidos pelas ondas se espalhavam horrivelmente mutilados pela praia.

— Muito embora tudo isto, Alcione querida, ainda assim devo partir — disse Ceix.

— Muito bem, então irei junto — respondeu Alcione, decidida.

— Nada me daria maior prazer, acredite! — disse Ceix, tomando o rosto da esposa em suas mãos. — Mas justamente pelas razões que você acabou de citar é que não posso me arriscar a levá-la. Mas prometo que pelos raios de meu pai, Vésper, irmão de Japeto e de Atlas, que, assim que resolver tudo, voltarei, antes da lua ter girado duas vezes sobre sua órbita.

Ceix entrou no seu reluzente palácio, que neste momento lhe pareceu apenas um local triste, ermo e sombrio.

No dia seguinte o dia amanheceu nublado e cinzento. Ainda assim o rei tratou de fazer os preparativos para a viagem. Mandou que lançassem às águas o navio de côncavas madeiras e que substituíssem as antigas velas por outras, inteiramente novas. Quando tudo finalmente ficou pronto, Ceix abraçou fortemente a esposa e embarcou no navio. Alcione, em terra, ficou observando seu amado esposo desaparecer por detrás das lágrimas que afogavam seus azulados olhos. Permaneceu ainda ali por algum tempo, olhando para o vasto mar que se estendia triste e solitário a sua frente. Com um esforço sobrehumano girou devagar sobre o próprio corpo e voltou para o palácio, com as lágrimas descendo pelo rosto.

Enquanto isso, os marinheiros manejavam os remos e alçavam as velas. A viagem transcorria tranqüila, sem incidente algum. Porém, quando chegaram ao meio do caminho, o tempo mudou de repente, e o vento leste começou a soprar forte como um furacão, deixando o mar encapelado e recoberto por um manto de espuma.

— Recolham as velas, marinheiros, rápido! — gritou o mestre, mas o ruído dos ventos e das ondas impedia que se ouvissem as ordens de comando. Os marinheiros começaram a agir por conta própria, mas seus esforços eram baldados diante da fúria dos ventos, que erguiam até o céu as suas paredes espumosas, para em seguida fazerem-se ruir como um bloco de montanha que se desprende do alto com todo o peso. Em meio a isso, a chuva torrencial caía com tanta força, em cortinas quase sólidas de água, que parecia que o céu estava prestes a se fundir com o próprio mar.

De repente, o mastro foi despedaçado por um raio; em seguida o leme foi arrancado do seu lugar pelo golpe decidido de uma onda, que pareceu agarrá-lo com seus dedos liquefeitos, arrojando-o ao mar, sem piedade. As ondas invadiram o navio com tamanha fúria que, quando retornavam, a embarcação já estava feita em pedaços.

Alguns dos marinheiros, petrificados pelo choque, caíram na água e não tiveram mais forças para se erguer; outros, boiando, tentavam manter-se à tona agarrados aos destroços, mas desapareciam em seguida no meio da noite tempestuosa, lançando terríveis gritos de desespero.

Ceix agarrou-se a uma tábua, clamando pela vida ao próprio pai, mas foi tudo em vão: depois de ver-se engolido por duas ondas, sucumbiu, afinal, à uma terceira, que o arrastou para o fundo, sem dar-lhe chances de retornar à superfície. Quando finalmente deu-se conta de que não havia mais salvação, dirigiu seus últimos pensamentos a sua amada Alcione, que permaneceria para sempre, lá longe e sozinha, a lhe esperar:

— Oh, minha amada! Que as ondas se apiedem de mim, levando ao menos meu corpo até você, para que possa, assim, fazer meus funerais e chorar pelo marido que nunca mais irá contemplar!

Enquanto isto, na Tessália, Alcione contava os dias para a volta de Ceix. Escolheu mil vezes os trajes que usaria quando seu amado Ceix desembarcasse de volta, com bons augúrios trazidos do oráculo, na distante Jônia. Rezava o tempo inteiro, a todos os deuses — em especial para Juno, esposa de Júpiter, na esperança de que lhe trouxesse de volta o marido, feliz e com saúde.

Mas a deusa, não suportando mais escutar as preces inúteis da infeliz Alcione, penalizou-se afinal e mandou chamar íris, sua alada mensageira.

— íris, fiel mensageira — disse Juno -, vá até o palácio do Sono e diga-lhe para enviar uma visão a Alcione, para que ela saiba de uma vez por todas do naufrágio e da morte do marido; somente assim poderá, então, recomeçar a vida sem estar presa a uma enganadora promessa.

íris partiu pela estrada do arco-íris, agitando sua capa multicor, até que o primeiro bocejo a alertou para o fato de que devia estar chegando, enfim, aos domínios do Sono, na isolada região

dos Cimérios. O palácio desse silencioso deus estava situado numa montanha, nas profundezas de sua maior caverna, para que nenhum ruído alterasse o seu maravilhoso estado.

— Quanto silêncio! — disse ela, baixinho, levando nas mãos as suas sandálias. Com efeito, nunca íris, mensageira celeste, havia visto em suas andanças

um lugar mais calmo: nada parecia perturbar o majestoso silêncio daquelas plagas. A natureza inteira parecia muda, ainda que viva, sob uma noite sempiterna. Chovia, e o ruído da chuva caindo era o único que se escutava, como que convidando ao sono. As árvores permaneciam com seus galhos e folhas escuras perfeitamente imóveis, sem fazer o menor ruído. Os passarinhos eram mudos, pois não precisavam nunca saudar o alvorecer de um novo dia. Uma vez por mês, porém, uma ligeira patina azulada recobria as coisas como um véu muito fino, por um período muito breve de tempo; neste momento a noite eterna tomava uma sutilíssima refração amarelada, produto de alguns raios esmaecidos do sol que erravam feito aves douradas perdidas nos céus cimérios — único reflexo do dia que conseguia penetrar naquelas regiões umbrosas. Então suas criaturas despertavam molemente para um simulacro de dia e partiam para suas brevíssimas ocupações mundanas. Mas mesmo estas revestiam-se de uma tal espectralidade onírica que os habitantes do lugar preferiam antes acreditar que o Sono cedera o cetro, por alguns brevíssimos momentos, ao Sonho, seu irmão mais agitado, do que imaginar que aquilo pudesse ser um dia verdadeiro e integral.

Mas ouvindo melhor escutava-se um outro ruído, sim, além da chuva.

íris voltou sua cabeça e, depois de afastar os fios molhados dos olhos, avistou, serpenteando por entre o vale, lá embaixo, o rio Letes, o maravilhoso rio do Esquecimento. Mas não, seria uma injustiça dizer que o murmúrio de suas águas produzia um ruído; não, era antes um zunido. Sim, o antiqüíssimo curso d'água, que a tradição chamava de *rio de azeite,* escorria mansamente as suas águas num murmúrio quase hipnótico, que ainda mais predispunha os seres e as coisas ao maravilhoso esquecimento de si mesmas.

— Deve ser esta a gruta... — disse baixinho, outra vez, a bela íris de pés de lã. Antes de entrar, Isis atravessou um imenso campo de papoulas, com a sua capa colorida espremida contra o delicado nariz, para que não viesse a cair desmaiada devido ao aroma intensamente inebriador que subia daquelas flores misteriosas. Uma vez dentro da gruta, Isis errou por diversos caminhos, escuros e, claro, silenciosos, até que finalmente encontrou o enorme recinto onde estava instalado o leito do deus do Sono — um leito todo feito de um ébano lustroso, cercado por imensas plumas negras e cortinas da mesma cor. Ao seu redor estavam postados os sonhos, alguns belos e confortadores, outros tétricos e assustadores; estes últimos mantinham-se quase sempre

afastados, somente às vezes conseguindo aproximar-se do leito do deus, por um descuido de seus ajudantes, que não raro acabavam por adormecer à cabeceira do leito do grandioso deus.

Assim que a deusa entrou, a luz de suas multicoloridas vestes iluminou o ambiente. Os sonhos, espavoridos, puseram-se a correr em todas as direções, metendo-se por baixo da cama, pulando a ampla janela, que dava do escuro quarto para a escuridão da noite, ou simplesmente agachando-se com as vaporosas mãos a recobrirem os olhos. O deus do Sono abriu os olhos pesados; seus longos e alvos cabelos revoltos misturavam-se às suas barbas brancas, que lhe desciam até o peito.

— Quem é você e o que quer aqui? — disse o Sono, entremeando à pergunta um gigantesco bocejo que abalou toda a montanha. Era este o único ruído alto que se podia escutar em todo o reino.

— Venho a mando de Juno, esposa de Júpiter, pai dos deuses e senhor do trovão — disse Isis, fazendo uma grande reverência. — A deusa soberana ordena que envie um sonho a Alcione, na cidade de Traquine, na gloriosa Tessália, revelando-lhe a morte... do marido... que ocor... reu num trágico... naufrágio.

íris começara a bocejar terrivelmente e sentia que um sono poderoso, como nunca antes havia sentido em seus membros, começara a se apoderar de si. Por isto, tratou de dar cumprimento à sua missão e de ir dando logo o fora daquele lugar.

— Morfeu, acorde! — disse Sono ao seu filho, que tinha a rara capacidade de se metamorfosear em qualquer coisa.

O velho Sono sabia, no entanto, que despertar Morfeu não era tarefa fácil. Precisou usar de muita paciência — e de infinitas ameaças — para retirar o filho de seu fofo leito. Mas, enfim, conseguiu, e depois de ter-lhe dado todas as recomendações e de o filho ter partido, ainda que relutantemente, pôde, enfim, o velho Sono recostar-se novamente sobre o seu travesseiro, espichar-se de lado em seu espaçoso leito e cobrir de novo sua orelha com os pesados cobertores.

Morfeu cortou a vasta escuridão com suas asas silenciosas e logo chegou à cidade de Alcione, adquirindo a forma do falecido Ceix. Foi então até o leito da rainha e, com a barba encharcada e a água a lhe escorrer pelos cabelos, debruçou-se sobre ela, dizendo:

— Alcione, veja! Sou eu, seu amado Ceix! Realmente, você estava certa nos seus pressentimentos. Aqui você vê apenas a sombra daquele que um dia teve a felicidade e a honra de ser seu marido. Os ventos furiosos desencadeados por seu pai (não sei por que razão) destroçaram e afundaram meu navio. A morte me levou, sim, mas até o último momento seu nome esteve impresso em meus lábios. Mas agora nada mais há que se possa fazer. Não espere mais por mim, minha querida.

Alcione, gemendo e soluçando, procurava em seu pesadelo abraçar o corpo do marido.

— Não fuja, meu amor! — exclamava ela, estendendo os braços. — Assim como quis ir com você naquela funesta viagem, deixe-me ir também nesta outra, porque sei — ai! — que desta você jamais vai retornar! Partamos juntos!

Alcione foi despertada por sua própria voz. Assustada, olhou em torno, para ver se o marido ainda estava presente, mas só viu os criados que, alarmados por seus gritos, haviam acorrido, trazendo uma luz. Não encontrando o marido, Alcione esmurrou o peito como se o apunhalasse e fez em tiras suas vestes.

— Ceix está morto! — lamentou-se. — E com ele, também, a minha razão de viver.

Todos tentavam convencê-la de que tudo fora apenas um sonho ruim, mas Alcione não queria discutir.

— Basta, calem-se todos! — disse ela, silenciando as vozes. — Ceix naufragou e está morto para todo o sempre, ai de mim! Eu o vi, reconheci-o. Não pude tocá-lo, e isto é mais uma prova da veracidade do que afirmo, pois assim são as sombras quando andam nas mansões de Plutão e mesmo fora dela, intangíveis e impalpáveis. Sim, era ele, estou perfeitamente certa disto.

Alcione olhou ao redor, como se ele ainda pudesse estar por ali.

— Oh, quantas vezes alertei-o! Por que não me ouviu, amado esposo?

O sofrimento impediu-a de continuar, e assim permaneceu a rainha, jogada sobre o leito, com os soluços a lhe sacudirem o corpo até que Aurora de róseos dedos viesse abrir as cortinas ensolaradas de um novo dia.

Quando as primeiras luzes da manhã inundaram o seu rosto, Alcione, esgotada de chorar, dirigiu-se à praia e procurou o lugar onde vira o marido pela última vez. Contemplava o vasto mar, que nunca lhe parecera tão sinistro e solitário como agora, quando avistou algo que subia e descia ao sabor das ondas, vindo em direção à arrebentação.

— É um corpo, o corpo de um náufrago! — disse ela, correndo para as úmidas areias.

Sim, era Ceix, seu marido. Alcione, em desespero, lançou-se às águas, bracejando em direção ao cadáver que rodopiava de braços abertos como uma estrela marinha.

— Meu amado Ceix! — gritava ela entre as ondas revoltas, que a cada instante ameaçavam submergi-la.

Então, como se uma mão invisível a fisgasse, sentiu que seu corpo tornava-se leve, a pairar sobre as ondas. "Estarei também morrendo, afogada pelas ondas cruéis, a exemplo de meu amado esposo?", pensou ela.

Mas aos poucos foi se convencendo de que não estava morrendo, mas renascendo — renascendo para uma outra vida. Alcione agora pairava sobre as ondas. Seus braços se

transformaram em alvas e graciosas asas, enquanto o restante de seu corpo recobria-se das mesmas e macias penas. Alcione agora era uma ave, uma maravilhosa ave! Rapidamente ela voou em direção ao corpo do marido, lançando estridentes gritos de dor, que cortavam os céus como um lamento fúnebre e tristonho. Quando se aproximou do corpo, bicou-o em sua boca e subiu outra vez para o alto, lançando novos gritos de dor. Ceix, entretanto, também havia readquirido a vida e agora, transformado numa bela e majestosa ave da mesma espécie daquela que o acariciara, subia aos céus atrás de sua amada Alcione.

E desde então, uma vez por ano, durante uma semana, o mar fica calmo e sereno como um lago. São os dias em que Alcione desce dos céus para chocar seus ovos, produto dos amores seus e de seu marido, sobre a água plácida do mar. Tão logo nascem os belos filhotes, os ventos voltam a agitar o mar.

CREÚSA E ION

— Pronto, meu cesto já está tão abarrotado de botões de açafrão que já posso voltar para casa; nem Prócris nem Orítia jamais colheram tantos em suas vidas — disse, entusiasmada, a bela Creúsa, referindo-se às suas duas irmãs.

Creúsa já se preparava para sair da profunda caverna onde colhera as plantas quando foi brutalmente agarrada por um jovem que surgira do nada. Ele era divinamente belo, mas Creúsa não teve tempo de perceber isto, tal o inesperado ataque do jovem, que fez os açafrões voarem para todos os lados, enfeitando de amarelo as pedras da caverna. Gritou por socorro, chamando por sua mãe e pelas irmãs, mas em vão, pois o viril Apolo já a arrastava selvagemente para dentro da caverna escura.

Creúsa lutou com todas as suas forças, cheia de aversão e repulsa, mas os seus esforços resultaram inúteis diante da força e da perspicácia do deus. Alguns minutos depois estava a sós com seu ódio e sua vergonha. Sentia-se tão aviltada em seu corpo quanto em sua alma. A partir daquele dia seu desprezo pelo Deus estendeu-se a todos os mortais, e aumentou ainda mais quando descobriu que esperava um filho daquele funesto relacionamento e quando Apolo nem por isso se abalou para auxiliá-la em sua terrível e solitária gestação.

Os meses passavam, e a jovem, disfarçando a gravidez entre as dobras de seus longos e complicados vestidos, nada contou, nem à própria mãe. Não podia prever qual seria a reação dos pais; ouvira muitas histórias de jovens que acabaram sendo mortas, simplesmente, ou expulsas de casa ou do próprio reino. Assim, quando sentiu que o bebê ia nascer, foi até uma caverna escura e ali deu à luz o seu filho. No começo ficou algum tempo parada, com o bebê nas mãos, sem saber o que fazer; mas passado o choque do parto, limpou a criança e envolveu-a nas roupas que havia tecido para este propósito. Depois a cobriu com sua bela capa e partiu, deixando-a ali.

O resto do dia andou sem destino, até que, arrependida, retornou aos prantos à caverna para resgatar o pobre inocente, que havia deixado entregue à própria sorte. Porém, quando chegou, o bebê não estava mais lá.

— Oh, deuses, não! — exclamou Creúsa, cujo instinto maternal falava agora com mais força do que o sentimento da vergonha e o medo da morte reunidos. -Não pode ter sido devorado pelas feras selvagens, ou haveria aqui algum terrível indício — disse ela, procurando algum pedaço de roupa ensangüentada. — A menos que tenha sido arrebatado por uma grande águia ou um abutre... Oh, deuses, o que terá sido feito dele? Por que fui deixá-lo aqui?

O tempo passou, e um dia o pai de Creúsa, o rei Erecteu, casou-a com Xuto, um estrangeiro que o auxiliara numa guerra. Esse homem era certamente grego, mas, como não tinha nascido nem em Atenas nem na Ática, era visto como estrangeiro e, por isso, desprezado pelos atenienses. Por esta razão, ninguém viu como uma infelicidade o fato de ele e Creúsa não terem filhos. Xuto, no entanto, desejava-os ardentemente. Foram, então, para Delfos, o refúgio dos gregos em seus momentos de dificuldade, para saber do Deus se ainda teriam filhos.

O marido estava na cidade se aconselhando com um dos sacerdotes, quando Creúsa decidiu ir sozinha para o santuário de Apolo. No jardim externo, encontrou um belo jovem que, em trajes sacerdotais, purificava o lugar sagrado com uma água que tirava de um vaso de ouro, enquanto cantava hinos em louvor ao deus. Olhou com brandura e admiração para a bela senhora que tinha à sua frente. Creúsa sorriu, por sua vez, e começaram a conversar:

— A julgar pelo seu aspecto, a senhora deve ter uma ascendência nobre e ser protegida pelos deuses — disse Ion, timidamente, depois de cumprimentá-la.

— Protegida pelos deuses? — disse Creúsa, com um sorriso amargo. — Melhor diria "perseguida pelos deuses".

— Suas palavras beiram a impiedade; não devia permitir que elas escapassem com tanta facilidade de seu coração — disse o jovem, surpreso com a amargura da mulher.

Ela nada respondeu, mas seu olhar perdido lembrou o terror e o sofrimento de tanto tempo atrás e a angústia contínua pelo filho que jamais voltara a ver. Contudo, ao ver nos olhos do jovem o espanto provocado pela sua reação, perguntou-lhe:

— E você, quem é? Possui tão rara beleza que parece mesmo o filho de um deus. Como pode, tão jovem, já estar a serviço de um dos templos mais sagrados de toda a Grécia?

— Me chamo Ion — disse o jovem -, mas de minha origem pouco sei além do fato de que fui encontrado por uma sacerdotisa de Apolo, certa manhã, instantes após haver nascido, nas escadas do templo. Ela criou-me com tanta devoção e ternura como se fosse minha própria mãe.

O trabalho aqui no templo muito me orgulha e me satisfaz. É mais gratificante servir aos deuses do que aos homens.

— Servir nunca é gratificante — disse Creúsa, cuja voz ainda denotava claramente a amargura que lhe pesava na alma. — Gratificante é termos nossa vontade entregue ao nosso exclusivo arbítrio.

— Está blasfemando outra vez — disse Ion, sorrindo bondosamente. — Por que seus olhos, tão divinamente belos, mostram-se tão amargurados? Não é neste estado que os peregrinos costumam chegar a Delfos; pelo contrário, chegam todos alegres e cheios de ânimo por poderem estar diante do santuário de Apolo, o deus da verdade.

— Apolo! — exclamou Creúsa. — Jamais me aproximarei de seu templo com alegria. — Depois, respondendo ao olhar de espanto e censura de Ion, disse-lhe ainda: — Meu marido veio a Delfos com um único objetivo: saber, por meio do oráculo sagrado, se ainda poderemos ter ou não um filho. Minha finalidade, porém, é bem outra: preciso saber o que aconteceu com um bebê, que era o filho... — Creúsa deteve sua voz por um instante, abafada pelo cruel remorso — ... filho de uma amiga minha, uma pobre criatura a quem o seu piedoso deus fez um terrível mal. Uma vez gerado o filho que ele a obrigou a conceber, a infeliz mãe viu-se obrigada a abandoná-lo em uma caverna escura e fria... e desde então essa mãe não teve mais um instante de paz. É possível que a esta altura seu filho já tenha até morrido, pois se passaram muitos anos. Mesmo assim ela precisa saber o que foi feito daquela pobre e inocente criança. É por isto que vim consultar Apolo, em nome dessa desafortunada mulher.

— Que palavras terríveis você disse agora! — falou Ion, escandalizado. -Estas acusações, perdoe-me, são por demais levianas para que as possa levar a sério. Deve ter sido um homem qualquer que seduziu a sua amiga, e ela, envergonhada, lança agora a culpa sobre os ombros de uma divindade.

Ion falara duramente, ofendido com a acusação feita ao deus de sua predileção.

— E tudo verdade! — disse Creusa, acusativamente. — Foi um deus, sim, o autor da negra perfídia, e nenhum outro mortal.

Ion calou-se; depois, abanando a cabeça tristemente, disse a Creúsa:

— Ainda que fosse verdade, o que pretende fazer é uma grande loucura: ninguém pode aproximar-se do altar de um deus para ofendê-lo com injúrias.

Creúsa baixou a cabeça. Sim, nem mesmo tendo sido tratada daquela maneira tinha ela o direito de pretender afrontar um deus.

— Talvez você esteja certo — disse ela, finalmente, olhando para o jovem com uma ternura que jamais sentira por ninguém. — Estou ficando louca. Louca de ódio e desespero. É melhor eu ir embora.

Enquanto se despedia do jovem, percebeu que o marido se aproximava.

Xuto vinha com o rosto transbordando de entusiasmo e contentamento. Num gesto impulsivo, estendeu os braços para abraçar Ion, mas este repeliu-o com virilidade. Ainda assim, Xuto conseguiu envolvê-lo em seus braços.

— E meu filho! — disse-lhe Xuto, com os olhos enternecidos. — Foi o próprio Apolo quem o disse, através de seu oráculo.

— Ele, *seu filho"?* — perguntou Creúsa, sem poder acreditar. — E quem é a mãe?

— Não sei — respondeu Xuto, entre alegre e confuso. — A única coisa que me foi dita é que este belo jovem é meu filho!

Pairava, agora, entre os três, o mais absoluto constrangimento. Ion estava distante e indiferente, enquanto que Xuto continuava confuso, mas feliz. Creúsa permanecia atônita. Nesse exato momento entrou a velha sacerdotisa e profetisa de Apolo. Apesar de sua enorme preocupação, Creúsa não pôde deixar de olhar fixamente para as roupas que a sacerdotisa trazia nas mãos. Uma delas era um véu, e a outra, uma capa de donzela.

— O sacerdote pede que vá até ele — disse a sacerdotisa a Xuto. Assim que este saiu, ela aproximou-se tristemente do jovem Ion e disse:

— Meu querido! Você deve ir a Atenas com o pai que acabou de conhecer. Leve consigo essas roupas que o envolviam quando o encontrei, e que Apolo o proteja! — concluiu a sacerdotisa, triste com a renúncia que se via obrigada a fazer.

— Oh, as roupas de meu nascimento! — exclamou Ion, levando-as aos lábios. — Tenho certeza de que um dia elas me ajudarão a encontrar minha verdadeira mãe, onde quer que ela esteja.

Creúsa olhava para o garoto e, para o véu e para a capa tão emocionada, que as lágrimas, a tanto tempo contidas, explodiram num incontrolável acesso de emoção.

— Ah, meu filho, meu pobre filho! — disse ela, lançando os braços em volta do pescoço do jovem, enquanto chorava com o rosto encostado ao dele.

"Ela deve estar louca!", sinalizou o jovem à velha sacerdotisa, sem nada entender.

— Não, não estou louca, meu filho! — disse Creúsa, ao vê-lo fazer aqueles gestos. — Esse véu e essa capa são meus! Enrolei-os em você, quando você nasceu. A amiga de quem falei não era outra senão eu mesma... Ouça meu querido, sou a sua mãe, não tenha dúvida alguma sobre isso e... Apolo é o seu pai.

— Oh, por favor! — disse Ion, recuando. — Isso tudo é muito absurdo!

— Desdobre estas roupas — disse Creúsa — e veja que posso descrever todos, um por um, ponto por ponto, os bordados que enfeitam as roupinhas e o agasalho, pois foram feitos por minhas próprias mãos. Procure e achará também duas pequenas serpentes de ouro pregadas na capa. Eram minhas, fui eu que as coloquei ali.

Íon desdobrou as roupas e ali estava tudo conforme Creúsa descrevera, os bordados e as duas serpentes de ouro. Depois de examinar tudo, olhou para Creúsa como se a visse pela primeira vez.

— Mas então é tudo verdade — disse, maravilhado com a mãe e ao mesmo tempo decepcionado com o deus. — Você é a mãe que procurei a vida toda...

íon jogou-se nos braços da mãe, vencido pela mesma emoção.

— Mas então o deus da Verdade é falso? Disse que eu era filho de Xuto! -continuou ele, confuso.

— Apolo não disse que você era filho de Xuto, e sim que o oferecia a ele como uma dádiva — esclareceu a sacerdotisa, com uma entonação severa na voz.

De repente, porém, mãe e filho viram surgir do alto uma maravilhosa visão: envolta num halo de intensa luz, uma deusa de celestial beleza descia dos céus, diante de seus olhos!

— Sou Minerva, filha de Júpiter — disse a aparição. — Apolo pediu-me que aqui viesse para confirmar que íon é filho de Creúsa e dele próprio. Foi ele quem o tirou da caverna quando ela lá o abandonou. Leva-o contigo para Atenas, Creúsa. Ele é digno de governar meu país e minha cidade.

A deusa desapareceu em seguida. Mãe e filho trocaram um olhar cheio de amor e alegria.

— E quanto ao deus? — perguntou íon para Creúsa. — Ainda guarda no coração algum resquício de ódio pelo que ele fez?

Creúsa sentia-se quites, apenas isto. Sabia lá ela o que era bem e o que era mal, em se tratando dos deuses? Tudo isto agora pouco importava. Seus olhos estavam voltados para o futuro, de onde via sempre a lhe sorrir o rosto jovem e feliz de íon, seu filho.

ÁRION

Árion, músico favorito de Periandro, rei de Corinto, andava muito aborrecido, perambulando tristemente pelos corredores do palácio.

— O que está havendo, querido Árion? — disse o rei, encontrando-o por acaso. — Por que razão anda tão macambúzio pelos cantos do castelo?

Foi só então que Periandro percebeu que seu músico favorito estava sem a sua amada harpa. Santo Júpiter! A coisa, então, era realmente séria!

— Caro rei e amigo, o que me leva a perambular pelas torres do castelo é a ansiedade e a impaciência — disse Árion, inconsolado. — Há poucos dias fiquei sabendo de uma importante competição musical que ocorrerá na distante Sicília. Poucas coisas desejei na vida tão ardentemente quanto disputar este prêmio...

O rei, entretanto, temendo que pudesse acontecer ao poeta algum desastre no caminho — pois seria preciso fazer uma longa viagem marítima para se chegar à Sicília -, tentou dissuadi-lo do projeto.

— Não vá, meu amigo, lhe peço! — disse Periandro. — Desista dessa idéia, pois desde já ela me soa fúnebre como a morte. Por que ir buscar tão longe, e a tão alto risco, uma fama de que você já desfruta aqui mesmo?

— Um poeta verdadeiro, caro rei e amigo, é como uma ave de possantes asas — disse Árion, que, como bom poeta, não podia falar sem intercalar imagens no discurso. — Assim como ela precisa de outros ares para expandir a força de suas asas, assim um poeta precisa de outros ouvidos para afinar seu canto. O talento que os deuses me presentearam não deve ficar restrito aos ouvidos das mesmas pessoas, por mais caro que seja ao meu coração alegrar a sua alma com meus versos.

Árion, em pouco tempo, convenceu o rei a liberá-lo para a viagem. Em menos de um dia estava já a bordo, apesar dos protestos que Periandro ainda lhe fazia.

— Árion, pense bem! — gritava o rei, em terra. — Ainda há tempo de desistir! Mas o navio já singrava o alto-mar, e Árion não podia mais escutar suas sombrias advertências. Quando uma glória inédita e ambicionada acena adiante, dificilmente um coração jovem e aventureiro deixará de segui-la, só porque uma advertência costumeira lhe acena às costas para que covardemente retroceda.

O zéfiro de largo fôlego tornou bojudas, noite e dia, as velas possantes de sua nau, impelindo-as decididamente para a frente. E enquanto a quilha cortava as ondas, repartindo-as em duas com a meticulosa precisão de uma navalha, o poeta, abraçado à sua lira, entoava alegres notas.

Os maus presságios, apesar de tudo, não se confirmaram. Árion chegou à Sicília como saíra: alegre, bem-disposto e muito confiante em seu sucesso. E não deu outra: sagrou-se vitorioso na disputa e aplaudido e admirado por todos os habitantes daquele grande reino. Mas apesar de todos os convites para que lá permanecesse, Árion, ainda assim, preferiu retornar à corte de seu amigo Periandro, pois prezava, acima de tudo, a amizade e a lealdade.

Depois de uma semana de festejos, retornou no mesmo barco em que partira, rumo a Corinto. Alguns dias depois de partir, o vento ainda soprava suave e favorável, tal como na viagem de ida.

— Oh, querido Periandro! — disse o poeta, contemplando o espelho liso do mar. — Quisera que você estivesse agora comigo para ver como foram vã os seus temores e as suas apreensões! Bem, mas não importa. Assim que eu desembarcar no doce solo de Corinto, você vai ver dissipadas todas as suas preocupações, tão certo como vejo agora se desfazerem no céu aquelas alvas tranças, feitas de leves e vaporosas nuvens!

Realmente, nenhuma nuvem cobria o firmamento e nenhum vento forte sacudia as águas plácidas do mar. Entretanto, se tudo ia em paz com o oceano, com o coração dos homens as coisas não se passavam da mesma maneira. Uma tempestade começara a se armar dentro do peito dos marinheiros que conduziam o poeta de volta à casa.

— O desgraçado do versejador traz consigo infinitas riquezas, só para si! -disse um dos revoltosos, cujo coração remordia-se de inveja.

— Trabalhamos uma vida inteira ao leme e na escova para termos de ver depois um poeta efeminado recolher num dia o produto que nem em mil anos de árduo trabalho lograríamos alcançar! — disse outro, mordendo os dedos.

— Sim, os deuses são injustos... — disse ainda outro, menos viril na inveja.

A intriga ferveu durante vários dias até desembocar no seu estuário natural: a sedição. Reunidos no tombadilho, os cabecilhas da revolta avançaram para o poeta, de ferro em punho e dispostos a tudo. "Tudo" para eles era isto: matar o poeta e se apoderar de suas riquezas.

— Decidimos que deve morrer, cantorzinho! — disse o chefe da revolta, um marinheiro ruivo. — Escolha agora de duas uma: ou morre agora, com um golpe certeiro de meu punhal, ou se joga ao mar.

— Oh, marinheiro, você é ruivo e rude como o fogo que arde em seu peito! — disse o poeta, que nem nesse momento podia fugir ao lirismo.

Vendo, no entanto, que a hora não era para graças, reconsiderou o tom:

— Vamos, deixem-me viver e podem ficar com todo o ouro — disse, tentando apaziguar os ânimos. — É um preço que bem vale a minha vida.

— Nada feito! — rugiu o rude ruivo. — Cedo vai dar com a língua nos dentes e nossos pescoços encompridarão em menos de um mês. E mesmo que nada dissesse, como poderíamos ter a certeza de que, cedo ou tarde, não descobririam nosso ato infame?! Vamos, ilustre poeta, encomende a sua alma, porque o seu corpo já está morto.

— Concedam-me, ao menos, um último pedido — disse Árion. — Uma vez que meu fim já está decretado, que ao menos eu possa chegar a ele como sempre vivi, ou seja, como um verdadeiro poeta. Pegarei minha harpa e entoarei meu canto de morte. Assim, partirei sem queixas desta vida e chegarei cantando à casa dos mortos.

A maioria dos celerados não queria saber de protelações, pois pretendiam empalmar logo os baús cheios de ouro. O comandante, entretanto, curioso para conhecer o canto de tão célebre poeta, disse:

— Está bem, pode cantar, mas que seja um canto breve.

Árion vestiu sua túnica dourada para que Apolo o favorecesse; depois, tomou a sua lira com a mão esquerda e, com a direita, ergueu sua varinha de marfim, com a qual tirava os sons maviosos do seu instrumento. Em sua testa havia uma coroa dourada, enquanto que as dobras da túnica, recamadas de pedras preciosas, balançavam-se sob a brisa do mar. Assim paramentado, Árion deu início ao seu lamento fúnebre, que excedeu a qualquer coisa que já se tivesse executado. Mesmo a natureza ao redor — mar, nuvens aves e peixes — parecia hipnotizada com os divinos acordes da lira e com a voz triste que fluía da boca do poeta que se despedia da vida.

Árion finalmente encerrou seu canto e, avançando até a amurada, disse:

— Agora a vós, divinas nereidas, entrego meu corpo, esperando que minha lira venha a repousar junto à do divino Orfeu, no fundo do mar!

Árion arremessou-se ao mar. Sua túnica abriu-se de par em par, como se fossem duas asas, e ele finalmente desapareceu, engolido pelas ondas. Os marinheiros ficaram ainda alguns minutos a sondar o mar, mas nada veio à tona.

— Acabou-se! — disse o líder da revolta, acreditando-se livre para sempre do importuno poeta.

A música de Árion, porém, tinha atraído para as proximidades uma infinidade de golfinhos, habitantes das profundezas do mar, que saltavam ao redor do navio, encantados pelo som harmonioso que vinha daquele navio. Dentre esses havia um, em especial, que se destacou dos demais e se aproximou do poeta, oferecendo suas costas para carregá-lo. Assim, agarrado à barbatana, Árion chegou à terra firme. Estava de volta à sua amada Corinto, a salvo nas brancas areias da praia.

— Ah, golfinho, meu salvador, que Galatéia, ninfa dos mares, o receba em seu próprio carro, como justa recompensa pelo bem que você me fez! — disse o poeta assim que se separaram, dirigindo-se cada qual para seu elemento.

Árion ficou ainda algum tempo olhando o Golfinho aparecer e desaparecer por entre as ondas e depois sumir nas profundezas do oceano. Afastou-se, então, da praia e em breve se viu

diante das torres de Corinto. Cantava enquanto se dirigia ao castelo, cheio de satisfação e felicidade, esquecido dos prejuízos e voltado apenas ao que lhe restava: o rei e amigo Periandro e sua amada lira. Entrou no palácio de Periandro, que o recebeu de braços abertos.

— Ah, meu amigo, quase não posso acreditar que você está aqui, são e salvo, diante dos meus olhos, desafiando meus tolos presságios — disse o rei, com os olhos afogados em lágrimas.

— Nem tão tolos assim, meu amigo — disse Árion, reconhecido. — Graças às Musas, no entanto, pude reverter o curso funesto destes presságios.

Árion empunhou a sua lira, então, e contou, sob a forma de uma bela canção, a narrativa inteira da sua aventura — desde a partida e o triunfo na competição até o feliz resgate das ondas revoltas pelo golfinho salvador.

— Malditos traidores e assassinos! — disse o rei, ao descobrir a perfídia dos marinheiros. — Quando chegam do mar esses calhordas? Quero lhes dar uma bela recepção!

Assim que o navio atracou no cais, os homens do rei já estavam lá, aguardando para levar os marinheiros à presença de sua alteza. Quando se apresentaram diante de Periandro, que pedira para Árion esconder-se, ele perguntou:

— Onde está o meu amigo Árion? Por que não veio com vocês?

— O tratante deixou-se seduzir pelas promessas dos potentados da Sicília e resolveu ficar por lá com todo o tesouro que amealhou com sua voz melíflua -disse o cínico malfeitor.

O crápula mal havia terminado de dizer suas mentiras quando Árion surgiu vestido em sua dourada e resplandecente túnica. Os marinheiros caíram de joelhos aos seus pés como se um raio os houvesse fulminado.

— Justos céus, eis que o poeta morreu e os deuses o transformaram em um deles! — disseram os malfeitores, arrependidos.

Periandro falou, então:

— Árion está vivo, patifes! Os deuses decidiram proteger a vida do mais extraordinário dos poetas! Quanto a vocês, escravos da cobiça, agradeçam a Árion por ainda estarem vivos; seu único castigo será viverem bem longe desta terra, sem poderem jamais desfrutar da beleza e do encanto que a poesia infunde às almas superiores.

Um castigo do qual eles fizeram muito pouco caso.

SIMONIDES

Havia, certa feita, um poderoso rei chamado Escopas. Seu reino era o da Tessália e não havia ninguém audaz o bastante para contestar o seu poder. Riquezas choviam dia e noite sobre sua cabeça, potentados de reinos vizinhos vinham quase todos os dias prestar-lhe vassalagem, e ainda assim isto não era o bastante para ele sentir-se completa, suficiente e absolutamente feliz.

"O que falta ainda?", perguntava-se todos os dias Escopas.

Um dia, entretanto, escutando a música que saía da lira de Simônides, príncipe dos poetas de toda a Grécia, Escopas compreendeu tudo:

— É isto: um poema épico! — disse ele, dando um pulo de alegria. Imediatamente mandou chamar o poeta.

— Simônides, príncipe dos poetas! — disse o rei, ao vê-lo. — Quero que componha para mim um magnífico poema, que celebre em versos inesquecíveis as minhas gloriosas e inexcedíveis façanhas. Quero que seja de tal forma extraordinário que seja cantado e repetido por todas as gerações futuras. É capaz disto, por certo?

— Sem dúvida, poderoso rei! — disse Simônides, já elaborando mentalmente os primeiros versos da imensa epopéia. Seria uma longa peregrinação, que abarcaria desde os feitos gloriosos dos mais antigos ancestrais do rei, entremeada de muitas digressões, que, por comparação, somente elevariam o mérito do homenageado, até chegar ao cerne do poema, um longo e exaltado canto que ergueria até as nuvens as virtudes e méritos do maravilhoso rei.

Simônides, entretanto, consumiu o cérebro durante um ano inteiro para achar alguma virtude naquele amontoado de crimes e barbáries que era a história dos antepassados do rei. Ambição, inveja, ciúmes, assassínios, estupros, parricídios — havia de tudo naquelas antigas crônicas, menos um feito justo e humano, por mais singelo que fosse, para ser narrado. Mas graças ao seu talento superior conseguiu transformar em beleza todas aquelas selvagens atrocidades.

No dia aprazado para a primeira audição de seu maravilhoso poema, estavam reunidos, enfim, num imenso salão, o rei e toda a sua corte. O tirano Escopas, refestelado em seu trono, sentia um friozinho agradável no estômago. Um gongo soou e o poeta maravilhoso adentrou o recinto sob uma chuva calorosa de aplausos.

— Escopas, poderoso rei da Tessália, temido e amado pelos súditos e pelos reis de toda a Grécia! — disse Simônides, alteando a voz. — Aqui está o produto do meu suado labor, que não tem outro fim senão o de contar em versos perfeitos a trama sublime que as Parcas divinas teceram para compor o tapete glorioso de vossa vida!

Tão logo os aplausos silenciaram, Simônides deu início à leitura da sua maravilhosa epopéia. Todos os circunstantes bebiam suas palavras como quem sorve um saboroso vinho, até que o poeta entrou numa vereda do seu poema, uma longa divagação acerca dos irmãos Castor e Pólux, exaltando as suas virtudes guerreiras, mas que pouco tinham, na verdade, a ver com as do homenageado.

Tais divagações não eram raras no poeta, e seria de se supor que um mortal comum se sentisse feliz em ver-se comparado aos dois famosos filhos de Leda. A vaidade do rei, porém, não admitia comparações, mesmo com os filhos de um deus.

Escopas, sentado à mesa de banquete, entre seus cortesãos e aduladores, resmungava insatisfeito:

— Que têm a ver as proezas dos gêmeos com as minhas?

Simônides, entretanto, entregue à recitação da comprida ode, continuava, imperturbável, a exaltar os feitos sublimes dos Dióscuros.

A leitura do poema estendeu-se, ainda, por longo tempo, até que finalmente o poeta pôs um ponto final na brilhante epopéia. Os aplausos espocaram, entusiásticos, por todo o salão, mas ficara bem evidente a todos — em especial, ao próprio rei — que Castor e Pólux saíam da declamação muito mais exaltados e glorificados do que ele, objeto primeiro da homenagem.

Era hora, agora, do rei ofertar ao poeta a sua prometida paga. Simônides, ainda ofegante da longa recitação, aproximou-se reverentemente do trono do rei, que havia aberto o seu baú de riquezas. Para sua surpresa, entretanto, Simônides viu o rei lhe entregar apenas a metade do conteúdo, ficando com o baú e a outra metade para si próprio.

— Aqui está o pagamento pela minha parte na sua obra — disse Escopas, com um sorriso irado no rosto. — Castor e Pólux, sem dúvida, pagarão pela parte que lhes diz respeito.

Uma gargalhada feroz e ululante estourou em todo o recinto, fazendo com que o poeta, corado e humilhado, retornasse cabisbaixo ao seu lugar.

Durante o resto da noite Simônides esteve assim, abatido e envergonhado, e por onde quer que andasse escutava sempre pelas costas risinhos fungados de deboche. Ninguém ousou fazer-lhe qualquer elogio, com medo de que a imprudência pudesse chegar aos ouvidos do rei insatisfeito.

Assim estava perambulando o poeta pelos corredores do palácio quando viu um lacaio se aproximar e lhe dizer:

— Senhor, há dois homens lá fora, a cavalo, que desejam lhe falar com toda a urgência.

— Quem são e o que desejam de minha pessoa? — indagou Simônides.

— Não se identificaram, senhor — disse o lacaio -, mas disseram que a sua vida depende de ir procurá-los, e a toda pressa.

Simônides saiu para os jardins, mas não encontrou ninguém à sua espera.

— Estranho... — disse o poeta, pensativo. — Estarão alguns gaiatos armando outra brincadeira para me ridicularizar ainda mais?

Simônides estava já regressando ao palácio quando escutou um ruído terrível partir lá de dentro. Diante de seus olhos viu a cúpula do palácio ruir inteira para dentro de onde estava situado o salão de banquetes — lugar onde estivera há questão de apenas alguns segundos.

Quando chegou lá, encontrou tudo em ruínas e, em meio aos destroços, o corpo dilacerado e esmagado do vaidoso Escopas. Entre os seus dentes havia uma moeda — o óbolo dos mortos — e junto dele estava o seu baú, inteiramente vazio. Em volta dele jaziam os corpos de todos os demais convidados, sepultados sob pilhas de escombros ensangüentados. Ao se informar sobre a aparência dos jovens que o haviam procurado, Simônides não teve dúvida nenhuma de que não eram outros senão os próprios Castor e Pólux, que tinham vindo para receber do rei a sua parte.

O CAVALO DE TRÓIA

Quase dez longos anos haviam se passado desde que principiara o cerco à cidade de Tróia. Já ia longe o dia funesto em que a bela Helena, rainha de Argos, fora raptada por Páris, filho do rei troiano, dando início àquela terrível guerra.

Muitos guerreiros famosos e de inexcedível valor já haviam perecido desde então, a começar por Aquiles, filho de Tétis e Peleu, o maior de todos os combatentes. O grego Ájax, terror dos inimigos, também já não existia mais. Do lado troiano, por sua vez, já haviam sucumbido Heitor, filho do rei Príamo — o maior dos heróis que Tróia sagrada conhecera -, além de Páris, irmão de Heitor e causador de toda a guerra.

Mas ainda restavam muitos homens de valor em ambos os lados, e a guerra dava sinais de que ainda poderia se estender por longos anos. Um desses homens era o solerte Ulisses, célebre por sua audácia e esperteza. O filho de Laertes, obtivera sucesso em sua mais recente façanha: raptara, junto com seu companheiro Diomedes, de dentro das próprias muralhas da cidade sitiada, o Paládio (uma estátua de Minerva que os oráculos diziam ser a garantia de que Tróia jamais seria vencida, enquanto permanecesse em seu pedestal). Agora ele imaginava um meio de pôr um fim definitivo àquela estafante disputa. O desfecho, entretanto, só poderia ser um: a invasão de Tróia e o saque completo da cidade.

— O ânimo de nossos homens chegou ao ponto mais baixo desde que aportamos nestas praias — disse Agamenon, chefe dos gregos, ao avistar Ulisses sentado e pensativo diante de uma fogueira. — Muitos já falam em negociar uma paz honrosa para ambos os lados, e outros, em simplesmente abandonar o cerco, voltando para seus países do modo como vieram.

— Fugir?! — exclamou Ulisses, incrédulo. — Como podem pensar nisto, depois de tantos sacrifícios e tantos companheiros mortos?

— E o pior é que logo, imagino, começarão as rebeliões... — disse Agamenon, apreensivo.

Ulisses voltou a observar a fogueira que ardia à sua frente: as labaredas, tocadas pelo vento forte que vinha do mar, erguiam muito alto as suas línguas de fogo. O relincho isolado de um dos cavalos presos no redil ali próximo acordou os demais, fazendo com que todo o acampamento ressoasse com aquele atordoante concerto eqüino; parecia que os próprios cavalos, insubmissos, ameaçavam rebelar-se para encetarem, também, a ansiada fuga.

De repente, porém, Ulisses pareceu hipnotizado; seus olhos fitavam as chamas elevadas, enquanto seus ouvidos, alertas, captavam os relinchos, misturando, aos poucos, as duas coisas numa só, até obter uma imagem nítida em sua mente.

— Fuga... labaredas... UM CAVALO!

Agamenon observou o amigo, assustado; estaria enlouquecendo, também, a exemplo do que acontecera com o infeliz Ajax, que acabara morto pelas próprias mãos, num terrível acesso de loucura?

— O que disseste? — falou Agamenon.

— Um cavalo, Agamenon, eis a solução! — bradou Ulisses, pondo-se imediatamente em pé. Seus olhos luziam, mas não eram produto do reflexo das labaredas. — Chame Epeus, o mais rápido possível.

Epeus era o mais hábil construtor que havia entre as hostes gregas, e apesar de já estar dormindo foi tirado às pressas de sua barraca por Agamenon e levado até o astuto Ulisses.

— Epeus, caberá a você a maior glória de toda esta guerra, caso obtenha sucesso em sua arte: derrubar as muralhas da invencível Tróia!

Ulisses disse essas palavras ao construtor com um tal brilho de euforia nos olhos que Epeus ficou sem saber o que dizer.

— Vamos, homem, temos muito trabalho pela frente! — disse o filho de Laertes, tomando-o pelo ombro. — Vai construir para nós, a partir deste momento, um cavalo, um imenso cavalo de madeira! — e Ulisses abriu os braços como se pretendesse abarcar com eles o próprio mundo.

Os três — Ulisses, Epeus e Agamenon — entraram num bosque que havia nas proximidades de Tróia. Ali, como obscuros conjurados, sentaram-se sobre alguns troncos caídos e puseram-se a confabular.

— Um cavalo oco — disse Ulisses, olhando fixamente nos olhos do construtor.

— *Oco?* — disse Epeus.

— Perfeitamente oco. Ali estarão guardados nossos homens, armados até os dentes, para quando o cavalo for introduzido dentro das muralhas da sagrada Tróia.

Agamenon escutava a conversa, entre incrédulo e fascinado, sem saber ainda se estava diante da idéia luminosa de um gênio ou do delírio absurdo de um demente. Durante a noite inteira estiveram discutindo o plano, até que o dia amanheceu e Agamenon convocou grande parte da tropa para que fossem derrubar toda árvore que encontrassem até haverem juntado a lenha necessária para a construção do gigantesco engenho.

Epeus trabalhou ininterruptamente durante vários dias, até que no começo de certa noite chamou os comandantes para virem apreciar a obra concluída, que permanecia escondida dentro da própria floresta. Agamenon, Ulisses e uma multidão de curiosos seguiram atrás: no interior de uma clareira avistaram, à luz dos archotes, a assombrosa figura do cavalo — imenso e terrível, do tamanho dos cedros e carvalhos que o cercavam.

— Um presente digno dos deuses! — murmurou Menelau, irmão de Agamenon.

Todos se aproximaram do cavalo, cuja madeira escura e polida resplandecia; mãos assustadas tocavam as pernas do eqüino, que descansavam na grande base sobre rodas, enquanto os olhares da maioria estavam voltados para os olhos do animal — sim, porque a arte perfeita de Epeus o levara ao requinte de dotar o cavalo de dois olhos gigantescos, onde ardiam dois faróis iluminados por uma miríade de velas, compondo um espetáculo ao mesmo tempo belo e aterrorizante.

— Epeus, você fez aquela parte tal qual lhe ordenei? — disse Ulisses, baixinho, ao construtor.

— Sim, não me esqueci deste detalhe, sagacíssimo filho de Laertes. Ulisses sorriu, deliciado: acabara de dar o último arremate, que impediria o fracasso daquele golpe tão engenhosamente arquitetado.

Mais um dia amanhecia na Tróia sitiada. A grande cidade de Príamo jamais tivera um amanhecer calmo, desde que aquela guerra implacável começara. Mas naquela manhã algo diferente pairava no ar, a começar pelas fogueiras dos acampamentos dos sitiantes: estavam todas apagadas e não havia movimento algum entre os gregos do lado de fora das muralhas. Na verdade, não havia grego algum do lado de fora das muralhas.

Foi esta notícia, verdadeiramente espantosa, que uma das sentinelas foi correndo levar até o palácio onde o rei troiano ainda estava descansando.

— Grande Príamo, nutrido pelos deuses, algo de muito estranho acontece no acampamento dos aqueus soberbos!

— Vamos, diga logo o que há — disse o rei, enfadado. — Um homem que perdeu a quase totalidade de seus filhos dificilmente se espantará com mais alguma coisa...

— Majestade, os gregos... *acho que partiram).* — disse a sentinela, gaguejando.

— Vamos, levem este idiota daqui! — disse Príamo, fazendo um gesto com a mão. — Sua boca fede a vinho, como a de quem passou a noite libando aos deuses.

— É verdade, venham todos ver! — insistiu a sentinela.

Aos poucos foram chegando outras vozes, confirmando a primeira. De fato, as barracas gregas haviam sido desmontadas durante a noite, e os côncavos navios já haviam deixado a barra, não sendo avistados sequer em alto-mar. Não havia sinal de grego algum, pelo menos que se pudesse avistar do alto das intransponíveis muralhas erguidas por Netuno.

— Que uma patrulha de soldados vasculhe tudo ao redor — disse Príamo, cauteloso. — Deve se tratar, com certeza, de algum golpe tramado pelos gregos. Não se esqueçam de que aquele terrível Ulisses, mestre da perfídia, encontra-se entre eles.

Os soldados foram cumprir sua missão e retornaram já com o sol alto, dizendo que, de fato, não havia mais sinal algum dos gregos em terra firme, nem dos seus barcos em alto-mar. Eles haviam partido.

Logo uma voz explodiu do alto das muralhas.

— O cerco terminou!

Outra voz gritou a mesma coisa, e uma terceira reproduziu o mesmo, e logo por toda a cidade só se dizia a mesma coisa: "O cerco terminou! O cerco terminou!".

Mulheres e crianças saíram às ruas; homens carregando crateras cheias de vinho dançavam pelas vias públicas de Tróia e toda a cidade era uma alegria só. Tróia, enfim, era novamente uma cidade livre, livre para amar, para negociar, para odiar, para rir, para chorar — enfim, para viver outra vez, como todas as cidades.

As imensas e pesadas portas Céias foram finalmente abertas, de par em par. Não havia mais perigo algum de invasão, e as pessoas podiam deixar os limites da cidade, sem qualquer receio. Todos acorreram para ver os restos do acampamento grego, rindo alegremente. Outros, mais judiciosos, saíam em busca dos cadáveres dos parentes e amigos mortos — ou do que pudesse restar deles -, pois ainda havia muitos corpos apodrecendo sob o sol inclemente.

Estava-se nisto, quando de repente surgiram alguns soldados troianos conduzindo, amarrado, um soldado grego.

Sim, era um "maldito soldado grego que não conseguira embarcar!", diziam todos.

— Vamos apedrejá-lo! — gritavam muitos, ávidos pela desforra.

— Maldito aqueu, matador de pais e maridos troianos! — gritavam as mulheres, chorando e cuspindo-lhe na face.

— Diga logo qual o seu nome, cão grego! — disse um dos captores, pegando o infeliz pelos cabelos.

— Não, não me matem! — gritava o desgraçado.

— Vamos, diga o nome! — disse o mesmo homem.

O homem estava nu e trazia o corpo coberto de vergões, pois havia apanhado muito no caminho até chegar às portas da muralha.

— Meu nome é Sínon — disse ele — e também tenho ódio aos traidores aqueus!

— Está mentindo! — disse uma voz irada.

— Deixem-no falar — ordenou Príamo, que estava curioso para saber por que somente aquele grego restara no acampamento.

— Sou primo do maldito Ulisses — disse Sínon, com rancor nos olhos. -Este cão, desde que aqui cheguei, não tem feito outra coisa senão me perseguir!

— Por que os gregos partiram, afinal?

— Minerva voltou-se contra nós, desde que o solerte Ulisses roubou o Paládio sagrado do santuário de Tróia, matando covardemente os guardas da cidadela. Desde então os augúrios mostraram-se desfavoráveis para nós.

— E você, por que ainda está aqui?

— Fui escolhido para ser morto num sacrifício destinado a aplacar a ira de Minerva. Mas durante a noite consegui escapar, internando-me num bosque. Quando retornei os navios já haviam partido. Minerva ordenara que os gregos partissem imediatamente, sob pena de um tremendo castigo. Antes que partissem, entretanto, ordenou a deusa que lhe construíssem um imenso cavalo de madeira, a fim de que o Paládio seqüestrado fosse substituído por esse novo monumento sagrado.

— Cavalo? — perguntou Príamo.

— Sim, um magnífico monumento construído para aplacar a ira de Minerva. Neste momento um soldado troiano chegou correndo, justamente para avisar o rei da descoberta do monumento.

— Príamo, pai dos troianos, os gregos deixaram algo espantoso para nós! -disse o homem, esbaforido e com os olhos radiantes de quem viu algo inusitado.

Todos acorreram num tropel para o local onde o soldado apontara.

Ao chegarem numa parte mais afastada do antigo acampamento dos gregos, depararam-se com o majestoso cavalo erguido sobre as areias da praia -imenso e assustador, com o focinho

proeminente apontado para a cidade de Tróia. Seus dois olhos ardiam com as lanternas acesas, e na parte frontal dele havia apenas esta inscrição:

"Oferta feita a minerva para que proteja os gregos em seu regresso".

— O que faremos desta maravilha? — disse um dos soldados.

— Príamo, rei de Tróia, é quem decidirá — disse Timoetes, um dos comandantes. — Vamos, soldados, postem-se atrás da estátua e levem-na até as portas da cidade.

Aos poucos o imenso cavalo de madeira, escuro e com os olhos flamejantes, avançou em direção às portas Céias. O povo, ajuntado em frente e ao alto das muralhas, despediu um grande grito de espanto e admiração tão logo o avistou.

— É um presente! — gritavam todos.

As crianças, escapando das mãos de suas mães, acorreram para ver aquele magnífico prodígio. Seus olhos arregalados — onde errava aquele misto de delícia e medo, que faz o fascínio da infância — brilhavam infinitamente mais do que os imensos e dardejantes olhos do cavalo.

Dentro do cavalo gigantesco o calor era infernal. Constatava-se, assim, já nos primeiros instantes, a primeira falha daquela idéia aparentemente genial: mais de quinhentos soldados apinhados dentro dos desvãos apertados de um grande engenho de madeira não era coisa, afinal, muito praticável. Nem confortável. Ulisses e os demais homens — entre os quais, Acamas, filho de Teseu, Neoptolemo, filho de Aquiles, Macaonte, médico e filho de Esculápio, Menelau, esposo de Helena, além do próprio construtor Epeus — estavam desde as primeiras horas da manhã encerrados no ventre bojudo do animal.

Epeus havia acoplado dentro algumas tiras de couro de boi em forma de agarradeiras para que os homens pudessem manter-se firmes e suportar os solavancos que inevitavelmente sobreviriam ao primeiro movimento do gigantesco móvel. Agarrados a elas, eles escutavam as conversas nervosas dos soldados que os empurravam.

— Ulisses, isto é uma loucura! — disse um dos homens, francamente apavorado.

— Silêncio, idiota! — disse o filho de Laertes. — Quer que nos ouçam do lado de fora e nos matem antes mesmo de chegarmos às portas de Tróia?

Ulisses sabia que aquele era um caminho sem volta, uma desesperada tentativa de vencer a guerra, e que, uma vez fracassada, iria custar, de qualquer jeito, a sua própria cabeça. Por isto, em momento algum desgrudou a mão do punho de sua afiada espada, mantendo a orelha imprensada com toda a força contra a madeira para escutar melhor o que se passava lá fora, entre os soldados.

O gigantesco engenho avançava, aos trancos e barrancos. Os corpos suados dos gregos cheiravam mal, e aos poucos Epeus se dava conta de outra pequena falha: como fariam para liberar seus excrementos, uma vez encerrados ali dentro?

Graças ao ruído intenso das rodas e do vozerio dos soldados troianos, ninguém lá fora escutou o ruído das risadas esparsas. Mas na verdade a situação estava cada vez mais tensa e aflitiva no interior do cavalo, e Menelau, irmão de Agamenon, temia para muito breve um sério desentendimento entre os homens confinados. Pois havia dentro do cavalo um odor ainda pior do que o do suor e do excremento: o do medo avassalador.

Ulisses, espiando por uma pequena fresta do madeirame, viu as sólidas muralhas aproximarem-se. Uma multidão enorme ajuntava-se em frente às portas da cidade, com as pessoas, ainda muito pequenas, à distância, imiscuindo-se umas nas outras como num agitado formigueiro. Mas não havia somente inofensivos curiosos metidos na malta, os quais poderiam ser abatidos num piscar de olhos. Por toda parte estava, também, um número incalculável de soldados, todos de lanças enristadas e prontos a fazerem em pedaços o cavalo (e, conseqüentemente, os seus desgraçados ocupantes), tão logo tivessem a certeza de que estavam diante de uma terrível armadilha.

O cavalo de madeira parou diante das muralhas: apesar de imensas, no entanto, ele era quase duas vezes maior do que elas.

— Como faremos para colocá-lo para dentro? — perguntou alguém.

— Quem disse que este presente maldito alguma vez irá adentrar os muros da sagrada Tróia? — disse outra voz, colérica.

Uma discussão acesa se estabeleceu entre os comandantes troianos. Príamo, rei dos teucros, ordenou, então, que todos silenciassem.

— Sínon — disse ele, voltando-se para o grego renegado. — Os aqueus pretendiam deixá-lo lá onde ele estava?

— Sim, majestade! — disse Sínon, sem vacilar. — Por isto o engenhoso Epeus o fez deste tamanho: para que não pudesse jamais franquear as portas da sagrada Tróia. O oráculo que Calcas, nosso adivinho, fizera fora bem claro neste sentido: uma vez introduzido o cavalo sagrado dentro das muralhas da cidadela troiana, voltaria outra vez a cidade a estar protegida pela deusa, e força alguma poderia destruir a gloriosa cidade de Príamo.

— Ela tem, então, o poder de substituir o Paládio sagrado? — perguntou Príamo, tentado pela oferta.

— Sim, poderoso rei! — disse Sínon. — E como sou agora seu súdito extremado, só posso aconselhar que o leve para dentro destas sólidas muralhas, pois será sua mais sólida

garantia contra os malditos gregos, caso resolvam retornar com mais homens e novos engenhos de guerra.

— Sim, alteza, não esqueça, eles têm agora em seu poder o nosso Paládio, estando assim o nosso templo inteiramente desprotegido — disse um dos comandantes. — Cedo ou tarde a deusa guerreira acabará por nos dar as costas, entregando-nos à fúria de nossos inimigos.

As vozes começavam a se tornar unânimes em favor de se fazer com que o cavalo adentrasse, de qualquer jeito, as intransponíveis muralhas.

"Enfim, os deuses começam a encaminhar as coisas a nosso favor!", pensou Ulisses, dentro do cavalo. Um sorriso de alívio iluminava as barbas hirsutas de todos os guerreiros amontoados uns por sobre os outros.

Os troianos já começavam a imaginar um meio de fazer derrubar parte da muralha para poder introduzir dentro da cidadela o cavalo sagrado, quando um grito rouco e repentino fez silenciar todas as vozes:

— Loucos! Malditos! O que pretendem aqui? Entregar Tróia sagrada, de uma vez, à espada sangrenta de seus inimigos?

Quem dizia isto era Laocoonte, sacerdote supremo dos troianos. O velho adivinho surgira carregando uma grande lança numa das mãos e a brandia ameaçadoramente em direção ao robusto cavalo.

— Imaginam, então, loucos ingênuos, que os gregos partiram de verdade? É assim que, deveras, conhecem Ulisses, o solerte maquinador de enganos?

Laocoonte ergueu, então, a sua lança, e arremessou-a com todas as suas forças contra o flanco do cavalo. O comprido projétil encravou-se na madeira e ficou vibrando por um longo tempo, enquanto gritos horrorizados dos espectadores soavam a campo aberto.

— Sacerdote, não se precipite! — disse Príamo, temendo que aquela agressão à estátua pudesse atrair para os troianos a maldição eterna da filha de Júpiter.

Outra voz, no entanto, surgiu em Apolo às palavras do adivinho.

— Basta de ponderações! Não podemos nos arriscar de modo tão infantil. Queimemos de uma vez este presente nefando, pois ele será nossa ruína!

Enquanto isso, no interior do cavalo, a situação chegara ao limite crítico. Um dos soldados, que se ferira com o bronze afiado da lança arremessada por Laocoonte — pois sua ponta atravessara a madeira, indo enterrar-se em seu flanco — queria, por todos os meios, escapar dali e começar logo o ataque. Ulisses, arremessando o braço, tentava impedir, por sua vez, que o louco denunciasse com seus gritos a presença de todos. Neste instante, porém,

lembrou-se do seu último artifício, aquele que segredara a Epeus construtor, antes que o cavalo estivesse concluído.

— De nada adiantará tentar sair, insano, pois somente Epeus, sábio engenheiro, conhece o segredo que abre as portas deste cavalo — disse Ulisses, com a boca colada à orelha do soldado ferido.

Um calafrio de pânico alastrou-se por entre os homens, tão logo essa informação percorreu as entranhas do cavalo. Alguém neste instante arremessara uma tocha ardente que explodira de um dos lados do cavalo. Uma chuva de faíscas entrou pelas frestas, aclarando os rostos apavorados dos homens no interior daquela soberba armadilha — armadilha que ameaçava, agora, voltar-se contra os seus próprios urdidores. O sangue do soldado grego empapava o piso onde se aglomeravam outros companheiros, esvaindo-se junto com a sua vida.

Lá fora as tochas já estavam sendo dispostas embaixo do cavalo. Um odor forte de alcatrão subia, metendo-se pelas frinchas e sufocando os homens de Ulisses.

De repente, porém, escutou-se uma voz que bradava:

— Laocoonte, corra, pois seus filhos estão sendo atacados por terríveis serpentes junto ao altar sagrado!

Todos silenciaram. Em nome dos deuses, o que significava aquilo?

O adivinho correu até onde estavam seus filhos e ficou estarrecido quando enxergou aquela que era a cena mais terrível que seus olhos de pai já haviam presenciado: os dois jovens, cada qual enrodilhado pelo corpo escamoso e gelado, contorciam-se em pavorosa agonia.

— Pai, socorro! — dizia um deles, enquanto o outro, já morto, era feito em pedaços pelos dentes afiados de uma das serpentes.

Laocoonte lançou-se aos monstros com as mãos limpas, mas também foi imediatamente envolvido pelos anéis do corpo das duas serpentes. Aos poucos sua resistência foi diminuindo, até que, totalmente enrodilhado pelas sanguinárias pítons, o sacerdote troiano exalou, também, o seu último suspiro.

A notícia causou estupor em todos. Príamo, rei troiano, ordenou que cessassem imediatamente de vilipendiar a estátua.

— Realmente, esta estátua é sagrada... — bradou o velho de longas barbas, ao examinar a lança que o desgraçado Laocoonte arremessara, toda tinta de sangue. — Que ninguém ouse tocá-la novamente, sob pena de morte imediata.

No mesmo momento foram suspensas as fogueiras e os fachos recolhidos. Príamo ordenou que pusessem abaixo um pedaço da muralha, para que o portentoso cavalo pudesse franquear o interior da cidadela de Tróia.

Gritos de euforia e alívio percorreram as fileiras do povo ajuntado quando o imenso cavalo começou a ser empurrado. Porém, se o tivessem feito com reverente silêncio, poderiam ter escutado o retinir das armas no interior do estômago do fingido animal quando ele trombou por quatro vezes contra a muralha arrebentada, arrancando grandes pedaços de pedra que despencaram sobre as pessoas, provocando uma correria e uma balbúrdia ainda maiores.

Assim adentrou as muralhas troianas o soberbo presente grego. Dentro dele iam algumas centenas de soldados inimigos e um homem morto — a vítima sacrificial que sem querer o fingido Sínon apregoara como necessária.

Uma grande festa se estabeleceu por todos os recantos da cidade. Música e bebida estavam presentes dentro e fora das casas.

— Meu pai, sabe qual é a nova forma de cumprimento que o povo, nas ruas, inventou? — disse Deífobo, um dos poucos filhos que ainda restara ao rei troiano.

— Não, meu filho, diga qual é... — respondeu o velho, com um sorriso ameno.

— "Tróia livre!" — respondeu Deífobo. — Assim bradam homens, mulheres, velhos e crianças, uns aos outros, quando cruzam pelas ruas. Não é lindo, meu pai?

Sim, fez o rei, dando um assentimento tímido com a cabeça.

Logo em seguida, entretanto, deu as costas ao filho, querendo significar com isto que preferia ficar a sós. Momentos de felicidade, sabia ele, velho e calejado que estava pela dor da perda, não significavam muita coisa quando não podiam ser compartilhados por aqueles que já haviam partido.

— Heitor, meu adorado filho... — disse o velho, com os olhos marejados de lágrimas. — Que lástima que os deuses não permitissem que ainda pudesses estar entre nós para saborear o alegre dia da vitória.

Durante um longo tempo, Príamo, rei de Tróia, semelhante aos deuses, esteve sentado em seu trono, escutando o ruído da euforia, que parecia inesgotável. Pela sua cabeça passava a imagem recorrente dos filhos que perdera — oh, Júpiter inclemente, quantos que eram! -, a maioria abatidos pelo braço cruel do perverso Aquiles. E ao lembrar-se dele, inevitavelmente lhe veio à mente, outra vez, a figura de Heitor, o preferido do seu coração. (Sim, havia o irresponsável e estouvado Pária, mas mesmo este não lhe falava tanto à alma quanto o nobre Heitor.) Como estar alegre, então, se iria levar para o resto da vida a imagem horrível do filho dileto sendo arrastado ao redor das muralhas de sua Tróia amada pelos pés, amarrado de maneira indigna ao carro do selvagem filho de Peleu, que, graças aos deuses, já havia também descido à mansão dos mortos?

♦♦♦

A noite avançara, e agora o silêncio em toda Tróia era quase completo.

Sínon, o falso amigo, depois de passar a noite inteira comemorando junto de uma bela troiana a sua nova condição de súdito de Príamo, esgueirou-se do leito, pronto para ganhar imediatamente a rua. Antes, porém, puxou seu afiado punhal e enterrou-o, de maneira vil e impiedosa, no pescoço da pobre moça. Depois, cosido com as paredes, percorreu as ruas, somente encontrando, vez por outra, algum bêbado caído pelas ruas, mergulhado numa poça de vinho misturado ao vômito. Sínon, enojado, dava uma cuspida em cada um desses que encontrava: estava chegando a hora de vingar-se dos insultos e bofetadas que recebera quando de sua fingida captura. Ao cruzar com o cavalo, que permanecia postado no centro da cidade, ele fez um sinal para o alto, indicando que a hora fatal se aproximava.

Sínon esgueirou-se para fora das muralhas quebradas, que, logicamente, ainda não haviam sido consertadas — pressa, agora, para quê? — e correu velozmente até alcançar o túmulo de Aquiles, que ficava no alto de um outeiro. Ali trepado, agitou, então, em direção à ilha próxima de Tenedos, um facho aceso. Lá estavam escondidas as tropas gregas, comandadas por Agamenon, o qual somente esperava o sinal prometido para embarcar seus homens e rumar a toda pressa para Tróia. O dia ainda tardaria a romper, e teriam os gregos tempo de pegar os desavisados troianos ainda deitados, anestesiados pelo vinho.

Enquanto isto, no palácio real de Tróia, Príamo, depois de ter ido abraçar sua esposa Hécuba, a nora Andrômaca, esposa de seu amado Heitor, e de ter dado mais uma amorosa olhadela em Astíanax, seu belo netinho, foi até a janela que dava para a praça central da sua amada cidade.

Sínon, o sagaz traidor, recém havia passado pela frente do cavalo e feito a sua senha, quando Príamo apontou na janela, que dava direto para o grande monumento. Mais uma vez as Parcas fatais conspiravam contra o rei troiano. Apoiando seus cansados cotovelos sobre o peitoril, Príamo esteve observando por algum tempo o cavalo. Negro, da cor da noite, ainda assim era terrível em sua beleza. Como era imenso! Sua cabeça perdia-se no alto, e apesar de o rei estar na torre do seu castelo, ainda assim estava quase face a face com o tremendo animal de madeira. Os fachos de seus olhos já haviam apagado, de há muito. Mas o clarão da lua, incidindo sobre eles, dava-lhes agora um outro aspecto — não mais ígneo e dourado, mas frio e metálico, que parecia torná-los ainda mais infinitamente ameaçadores.

Príamo, vencido, afinal, pelo cansaço, foi dormir. Assim que Sínon retornou de sua missão, bateu três vezes com o cabo de sua espada nos pés do cavalo. O ruído ribombou até o estômago do animal.

— Companheiros, é agora! — disse Ulisses, erguendo-se e tomando suas armas.

Epeus, de posse das chaves que abriam o alçapão do ventre do animal, rumou para o local indicado. Num instante uma grande porta se abriu, e diversas cordas foram lançadas para baixo, como uma chuva de cascavéis que se espichavam até alcançar o solo. Agarrados nelas, iam descendo um a um os soldados, com os escudos presos aos ombros e as espadas desembainhadas.

Enquanto isto, lá fora, as tropas comandadas pelo audaz Agamenon já estavam a postos, em absoluto silêncio, aguardando apenas a hora do massacre começar. Pela primeira vez o punho da espada do chefe da expedição grega estava molhado, verdadeiramente encharcado de suor, e de tempos em tempos ele tinha de secá-lo com as vestes. Dez anos de longa espera para serem jogados num única cartada!, pensava ele. Dentro em breve estaria, se Júpiter poderoso lhes fosse favorável, de volta à sua casa, para os braços de sua amada Clitemnestra. Este pensamento animava-o e fazia com que seus dedos se agarrassem com mais força e denodo ao punho da espada.

Agamenon estava entregue a estas divagações, quando percebeu um ruído — um assobio trinado. Era o sinal combinado.

— Soldados, chegou a hora da vingança! — bradou ele.

Um rumor espantoso de armas e de gritos ergueu-se. Todos os homens arremessaram-se às portas escancaradas — que os homens de Ulisses já haviam aberto de par em par -, enquanto outra coluna gigantesca ia em direção à brecha da muralha, como uma onda negra e invencível que absolutamente nada poderia deter.

Os soldados gregos entraram na cidade sem a menor cerimônia. Pequenos grupos de cem homens enveredaram em todas as direções, portando tochas, lanças e achas de dois gumes, prontos para abaterem qualquer coisa que quisesse lhes fazer frente.

Os primeiros soldados troianos, pobres sentinelas abatidas pelo vinho, acordaram, ainda tontos, apenas para receberem em seus ventres o bronze afiado das espadas e das lanças inimigas. Outros, mais felizes, nem tinham tempo de acordar, sendo abatidos ainda deitados com o peso das achas que desabavam sobre seus corpos.

As primeiras labaredas começaram a iluminar a noite, ofuscando a luz da lua. Pequenas casas e residências senhoris ardiam já incontrolavelmente. Homens deixavam as casas, sem saber direito o que estava ocorrendo, para serem abatidos impiedosamente, diante das esposas e dos filhos. A ordem que havia sido dada pelo cruel Agamenon era de que se poupassem somente as crianças do sexo feminino. Os meninos deveriam também ser mortos, tal como os pais.

Muito em breve toda a cidade despertara, finalmente, para a terrível verdade: Tróia estava perdida — irremediavelmente perdida!

Os grupos de guerreiros invasores seguiam pelas ruas espalhando a morte e a destruição. As mulheres, únicas inocentes poupadas, ainda assim eram obrigadas a passar pelo flagelo da mais cruel violação. Muitas, vendo os esposos e filhos mortos, e depois de terem passado pela abjeta humilhação, não tinham outro pedido a fazer senão que as matassem também. Algumas lançavam-se de peito desnudo às pontas das espadas, lançando terríveis gritos de dor que varavam o céu.

A defesa troiana, pega de surpresa, não pode obrar muita coisa e se limitou a algumas poucas escaramuças, nas quais pereceram apenas alguns dos invasores. Dentre os defensores, havia um que não media esforços para levar adiante a vingança: era Enéias, filho de Anquises, um dos mais valorosos heróis das hostes de Príamo.

— Adiante, troianos, vendamos nossas vidas a um preço caro! — gritava ele, brandindo a sua acha de dois gumes sobre a cabeça dos invasores.

Enéias e os seus já haviam feito muitos mortos entre os gregos, quando se escutou um tremendo ruído partir do palácio de Príamo.

— Os assassinos vão em busca de nosso rei! — disse ele, arremessando-se com seus homens na direção do castelo.

Quando lá chegaram, assistiram a uma das cenas mais impressionantes que olhos humanos um dia já contemplaram. Postado à entrada do palácio, um grupo cerrado de defensores tentava barrar a entrada dos invasores com longas lanças e chuço afiados, enquanto os outros, empunhando também armas de igual tamanho, arremessavam-se em direção a porta. Dezenas de homens, já mortos, permaneciam espetados nos longos chuços, com as cabeças pendidas, enquanto os combatentes tentavam adiantar-se ou impedir o avanço uns dos outros.

Escadas são encostadas aos muros do castelo e gregos audazes as escalam sob uma chuva de dardos dos troianos. Vendo estes, no entanto, que são insuficientes as suas armas para deter os invasores, arrancam pedaços das vigas que dão sustentação ao teto e arremessam calhaus inteiros sobre os gregos.

O valoroso Enéias, vendo o insucesso da defesa, resolve subir por uma passagem secreta, junto com seus homens, até o topo da mais alta torre do castelo, de onde se avista toda a cidade e o mar adiante. Depois de escalar as centenas de degraus, chegam exaustos ao topo.

— Vamos, arranquemos todos os alicerces! — diz ele, agarrando uma alavanca e tirando pela base a sustentação do madeiramento.

Lá embaixo, os invasores chegam em grupos cada vez maiores, pois sabem que no palácio real estão guardadas as maiores riquezas, além de ser o local de refúgio do rei de Tróia — e não há um só que não deseje ser o primeiro a trazer espetada em sua lança a cabeça do inimigo há tanto tempo odiado.

O processo de desmonte, no entanto, prossegue ao alto, comandado por Enéias. De repente, um fragoroso estrondo anuncia aos defensores que a torre vai desabar. Pulando para outros aposentos, os troianos escapam no último instante ao desabamento; a torre, desmanchando-se em uma miríade de pedaços, vem abaixo, agora cimentada pelo vento, que se imiscui por entre as tremendas pedras que descem assobiando. Enéias ainda tem tempo de assistir aos blocos esmagarem centenas de invasores, espirrando o sangue dos mortos para o alto e em todas as direções.

Mas já dentro, Neoptolemo, filho de Aquiles, e tão feroz quanto o pai, já invadiu com alguns homens a soleira do palácio. Com sua machadinha faz saltar longe os gonzos de bronze da porta que impedia o acesso dos invasores aos aposentos do rei. Um grito de triunfo escapa das gargantas dos invasores, enquanto um uivo de agonia é arremessado pelas gargantas das mulheres que estão presas lá dentro.

Andrômaca, esposa de Heitor, abraçada a seu filho Astíanax, está postada ao lado de sua sogra Hécuba, esposa de Príamo. Todas estão abraçadas ao altar de Minerva, deusa protetora da cidade, buscando nela um último refúgio à sanha dos gregos. Príamo, entretanto, que envergara sua velha armadura, trazia à mão a sua velha espada.

— Meu marido, que loucura pretende cometer? — diz sua esposa Hécuba. — Que proteção você pensa poder oferecer a nós todos com este pobre e cansado braço que mal pode empunhar a espada? Vamos, largue isto e venha buscar refúgio junto aos deuses, únicos que ainda podem mover à piedade o coração desses negros assassinos que aí já vêm.

Neste preciso instante, Polites, um dos filhos restantes de Príamo, tendo escapado à fúria dos inimigos, surgiu de espada em punho por uma entrada lateral. Mas atrás dele vem o cruel filho de Aquiles, que o persegue com denodo incansável. E assim, antes que possa encontrar refúgio junto aos seus, é abatido pela lança de Neoptolemo, que, cego pela fúria, a enfia diversas vezes no peito do jovem agonizante. O sangue encharca o chão, às vistas do pai e da mãe do jovem morto. Príamo, revoltado, brada, então, ao filho de Aquiles:

— Basta, selvagem! Mesmo o seu pai, de sangue ruim e perverso, demonstrou piedade diante de um pai que lhe foi pedir a devolução do corpo do filho morto. Por que demonstrar maior vileza do que ele, homem perverso?

Príamo arremessou sua espada na direção do filho de Aquiles, mas ela ricocheteou no sólido escudo deste, indo cair ao chão com um ruído metálico.

Neoptolemo ruma, então, na direção do velho. Seus dentes rilham e seus olhos não deixam a menor dúvida de que a piedade não encontra abrigo em sua alma.

— Vamos, velho, cale a boca e deixe para dizer todos esses insultos em pessoa a meu nobre pai, que seu filho Pária, mosca de cão, abateu diante das muralhas de Tróia, com o auxílio de um deus.

Neoptolemo sacou, então, o seu punhal e depois de arrastar o velho sobre o sangue do próprio filho morto degolou-o diante da esposa e da nora. Mais tarde seu corpo decapitado foi ainda arrastado pelos pés, tal qual o do filho, pelas ruas de Tróia, sendo entregue em seguida à voracidade dos cães e das aves de rapina.

As duas mulheres cobriram os rostos com as mãos, agarradas mais que nunca ao altar. Andrômaca, entretanto, sentiu, de repente, que lhe tiravam o filho dos braços.

— Não! Astíanax não! — gritava ela, agarrada aos joelhos do perverso Neoptolemo, que afastou-a com um repelão.

— Nenhum homem desta casa deve permanecer vivo — disse ele, intransigente. — O filho de Heitor deve ter o mesmo destino do pai.

Em seguida desapareceu em direção a uma das torres e lá do alto fez despencar para a morte o filho do glorioso Heitor.

Hécuba e Andrômaca foram amarradas. A rainha de Tróia e sua nora eram agora escravas dos gregos.

Enéias, a seu turno, estava entregue à defesa de sua família. Vênus, sua mãe, havia retirado o guerreiro daquele local onde a morte era soberana.

— Vamos, vá defender o seu velho pai, a sua esposa e o seu filho! — disse a deusa. — Lá estão os seus verdadeiros afetos.

Enéias chegou em casa a tempo de recolher todos e partir. Colocou o velho pai sobre as costas e pela outra mão conduziu seu pequenino Iulo em meios às labaredas dos incêndios.

— Vá, não volte os olhos para trás, pois aqui não há mais nada a ser feito! — disse a deusa, com ar severo. — O seu destino é reconstruir a sagrada Tróia em outras terras, muito distantes daqui. Vá e cumpra sempre a sua missão.

Nenhum dos gregos ousou tocar em nenhum dos três — embora a esposa de Enéias tivesse se extraviado no caminho, pois os deuses não quiseram que ela se salvasse. Havia, entretanto, ao redor daqueles três — um homem, um velho, e uma criança — um halo quase

divino (pois que ele próprio era filho de uma deusa), que nenhum soldado grego ousou vilipendiar com sua espada. Enéias, um homem maduro, levando pela mão uma criança e carregando nas costas um alquebrado velho, era o retrato mais perfeito e acabado da existência de todos os mortais — pobres seres que também sabiam ser, de vez em quando, imensamente nobres.

HELENA, A DEMÔNIA

Helena, o pivô da Guerra de Tróia, estava escondida em seus aposentos quando os gregos finalmente invadiram a sagrada cidadela de Príamo. Em nenhum momento sentiu-se animada a tentar evitar o massacre dos seus novos patrícios troianos: votada exclusivamente a Vênus, Helena detestava violências.

Helena de Tróia não era troiana; nunca se sentira como uma delas. Apesar de ter convivido diariamente com sua nova sogra, Hécuba, esposa do rei de Tróia, e de ter sido íntima de Andrômaca, viúva do grande Heitor, consolando-a nos momentos de aflição, nunca pudera simpatizar com o jeito sisudo de ser daquelas mulheres, beatas em excesso e votadas exclusivamente ao dever, como a uma inescapável sina.

Mas enfim, como poderia, tendo chegado a Tróia na condição de réproba e adúltera — aquela que abandonara um lar, um marido e um cetro na sua distante pátria por causa de um namorador inconseqüente -, ser admitida entre as troianas como uma das suas? Alguma troiana de cepa, algum dia, teria admitido em seu coração essa pérfida companhia?

Na verdade, desde o dia em que pusera seus pés em Tróia que o coração volúvel de Helena começara a ser minado pelo sentimento da saudade daquilo tudo que deixara para trás. Mas a saudade que sentia não era da pátria, mas da Argos ensolarada; não dos amigos e parentes, mas de seu cão de estimação; não das cerimônias sagradas, mas das chinelas macias que esquecera, na pressa da fuga.

Sentia saudades, também, da filhinha, a pequena Hermíone, que abandonara com apenas nove anos de idade. Mas isto fora bem depois, ela mesmo admitia; Helena não tinha, exatamente, a vocação de mãe, e remorso sempre lhe fora uma palavra absolutamente ininteligível. Contudo, nem por isto deixara, algumas vezes, de imaginar como Hermíone estaria agora. Nove anos mais dez... sim, dezenove anos ela teria. Uma mulher, portanto — pronta para o melhor e para o pior da vida. Pronta para o amor.

Helena sacudiu a cabeça; o ruído dos gritos aumentara a tal ponto que ficava cada vez mais impossível ignorá-los. A cidade inteira ardia. Os gregos, seus compatriotas, estavam tomando posse de Tróia agonizante. Helena de Tróia estava prestes a tornar-se novamente Helena de Argos.

Com qual nome passaria à História, afinal?, pensara ela muitas vezes em seus ociosos devaneios. "Helena *de Argos*... Helena *de Tróia*... ", repetia ela mentalmente, horas a fio, fechada em seu quarto.

Apesar de tudo, ela gostava de Pária. Pelo menos fora mais descontraído que o antigo marido, Menelau, o grande enfadonho.

— Helena de Argos... É, acho que acabarei conhecida por esse nome — disse ela, naquele mesmo momento, convicta de que tal denominação prevaleceria. Mas podia ser Helena do Aqueronte, também... sabe-se lá que espécie de medonha vingança estaria prestes a desabar sobre a sua cabeça?

Menelau devia estar à sua procura: o que estaria se passando em seu coração, dez anos depois? No primeiro ano, seguramente, sentira ódio. Exclusivamente ódio. Mas depois de mais nove anos de ausência da esposa — de seu corpo, de sua voz, de suas carícias, de seus maus-tratos -, alguma coisa certamente teria mudado. Se ele a amava de verdade, ela ainda teria uma boa chance de escapar desta confusão com a cabeça firme sobre os ombros.

Mas e se algum grego chegasse antes dele? Alguém disposto a vingar um amigo ou um parente morto? Não fora ela a causadora de tudo?

E se os próprios troianos se voltassem contra ela, dispostos a entregar seu corpo desfigurado ao marido, dizendo em seguida: "Toma, aí estão os restos da rameira, pelos quais tantos morreram inutilmente!"? Como seria, afinal, morrer estraçalhada? Que sabor belo-horrível guardaria o momento do martírio? O corpo perfurado por uma centena de punhais, a violação das suas entranhas mais secretas, quase exangües, pelas mãos rudes do agressor... que sabor teria tudo isto, e, principalmente, o de morrer por uma causa nobre?

"Causa nobre?" Helena deu um ligeiro sorriso com o canto do lábio esquerdo. Mas o ricto logo se desfez; Helena sabia que a hora não era para graças: pessoas morriam aos milhares ao seu redor; ela podia escutar seus gritos, e os guinchos ainda mais terríveis daqueles que as assistiam morrer de mil maneiras ignóbeis.

Uma morte ignóbil... Oh, Vênus sagrada, que ela a castigasse de todas as maneiras, mas que lhe evitasse sempre a morte ignóbil! Esta fora sempre a sua oração, que agora ela renovava, na aflitiva situação. Sim, porque Helena do Aqueronte só rezava em último caso, na última volta do parafuso. Na verdade, ela nunca tivera medo de morrer. Pedia aos deuses, apenas, que lhe dessem uma morte digna. Digna não, decente.

Limpa. Este era o termo: uma morte limpa.

Neste momento, entrou no quarto Deífobo, irmão de Pária, que morrera em combate, nas muralhas. Ele era o novo marido de Helena, desde então.

— Helena, tudo farei para protegê-la da ira do perverso Menelau — disse ele, descabelado, com várias feridas espalhadas pelo corpo.

Mal sabia que isto era tudo o que ela não queria. Helena sabia que se estivesse só poderia com muito mais facilidade mover à piedade o coração do ex-marido. Ela sabia muito bem como fazê-lo. Mas tendo Deífobo ao seu lado, isto só serviria para atiçar a cólera do ultrajado rei de Argos.

De novo Deífobo tentou acalmá-la, dizendo-lhe estas palavras inspiradas:

— Somente à custa de minha vida, meu amor, tornará este perverso a pôr as suas mãos imundas sobre você.

"Perverso?... mãos imundas?... ", pensou Helena, olhando o atual marido com um princípio de desdém. Teve mesmo vontade de lhe dizer: "Como se atreve, imbecil, a falar nestes termos do pai de minha filha?".

Um galope de passos estrondejou no corredor. Eram Menelau e seus homens.

— Demônia maldita, abra logo esta porta! — disse ele, com uma voz esganiçada. Sua voz sempre ficava assim quando perdia as estribeiras.

Em outras circunstâncias, Helena teria sorrido — até de ternura — ao escutar de novo aquela voz de grilo. Mas e o que era isto de "demônia"? No fundo de sua alma abriu-se, então, com a rapidez de uma mola, um pequeno escaninho, onde ela guardou com amoroso cuidado aquela injúria: um dia, se saísse viva daquilo tudo, ainda iria lançar-lhe à face aquele insulto ridículo!

Um estrondo terrível abalou os gonzos da porta. Um pedaço de madeira saltou longe e Helena viu a mão do marido introduzir-se pela fenda aberta. Por um momento teve a vontade de tomar das mãos de Deífobo a pesada acha de dois gumes, correr até a porta e metê-la com toda a força na mão do pai de sua filha. Seria, quem sabe, a última chance de vingar-se, por antecipação, de um ultraje medonho.

Mas o bom senso prevaleceu: ela ainda tinha um trunfo, afinal, um expediente solerte guardado em sua mente. Gregos — e mil vezes mais, *as gregas* -não eram especialistas em montar estratagemas?

Finalmente a porta cedeu, e Menelau entrou com mais três ou quatro homens.

— Fora, todos vocês! — disse ele aos companheiros, ao avistar somente Helena e Deífobo à sua frente.

Sim, lá estava ela, Helena, a vilã mal inspirada, a culpada de tudo. Seu ar, entretanto, ainda assim permanecia altivo — soberbo mesmo.

"Não, não me enganará mais com bravatas!", pensou ele, numa fração de segundos, enquanto estudava a situação. Depois, olhando-a melhor, sentiu-se surpreendido. "Oh, deuses, ela também tem medo, afinal! Seus joelhos tremem, e sua face está pálida!", observou, maravilhado.

Deífobo, entretanto, adiantou-se. Com a acha segura firmemente em suas mãos, brandiu-a na direção do oponente.

— Aqui está, cão dos aqueus, o que o espera, se ousar dar mais um passo adiante! — disse o filho de Príamo, que estava a esta altura disposto a vingar também a morte do próprio pai.

— Vai pagar, agora, canalha, por tudo o que fez a mim e ao meu povo! -rugiu Menelau, espumando pela boca.

Helena, então, ao ver que Deífobo dera um passo adiante para enfrentar o oponente, teve uma iluminação: sacando das dobras interiores de seu manto um afiado punhal, que trazia sempre consigo, enterrou-o nas costas do irmão de Príamo.

Sim, Deífobo já estava morto, antes mesmo de avançar, pensou ela. Se não morresse pelas mãos de Menelau, pereceria pelas mãos dos outros soldados ali fora. E a morte de Menelau só iria servir para atiçar ainda mais a fúria dos seus homens, eliminando o último dos gregos que ainda poderia lhe salvar a vida.

Desta vez ela fora rigorosamente lógica: nada de piedade, nada de delírios febris ou de loucuras ditadas pelo coração. Era sua vida, agora, que estava em jogo: *a sua vida.*

Hermíone, a filha juvenil, então lhe apareceu na mente como um fugaz relâmpago: "Sim, ela precisa de uma mãe!". Mesmo após dez anos de ausência, sem dúvida que Hermíone precisava agora, mais do que nunca, de sua mãe.

O relâmpago se desvaneceu quando Helena escutou uma voz estranha dizer:

"— Menelau, aí está morto um dos que tantos o ultrajaram! Mate-me agora, também, para que a vingança seja completa e a sua honra, restaurada!"

Era a sua voz — a voz de Helena — quem proferia isto. Tão logo retomou consciência, Helena abriu a parte superior de suas vestes, descobrindo o peito para que Menelau enterrasse nele a sua lança. Seus dois seios libertos, ainda extraordinariamente firmes e empinados, saltaram livres para fora, em um mudo desafio.

Menelau arregalou os olhos ao ver outra vez os seios desnudos de sua amada — sim, ainda imensamente amada! — Helena. Somente que agora havia um novo detalhe: ao centro de cada um deles estavam plantados dois mamilos hipnóticos, maquiados a ouro, que o observavam num fascínio mágico.

Menelau não disse uma palavra. Largou a lança no chão, que rolou até o corpo do desafeto morto, e tomando-a pela mão passou com Helena pelos seus próprios soldados e levou-a até o seu grande barco.

Helena ainda viveu muito anos ao lado de seu marido, o generoso Menelau. Dizem que foi, desde então, esposa exemplar, e que até a morte do esposo se manteve fiel a ele, sendo amada por quase todos que privaram de sua companhia.

Quando Menelau morreu, entretanto, ela foi expulsa do reino por seu próprio filho, Nicóstrato, indo buscar refúgio em Rodes, junto à sua velha amiga Polixo.

Polixo, no entanto, não era mais sua velha amiga. Era apenas uma velha -uma velha engasgada de ódio. Tendo perdido seu marido na guerra provocada por Helena, começou a tramar um negro fim para a viúva de Menelau, que, apesar de velha, ainda permanecia com seus encantos perfeitamente resguardados.

Um dia, logo após ter tomado banho e lavado seus dourados mamilos pela última vez, foi morta por duas servas, que a enforcaram numa árvore.

Helena de Argos, de Tróia e de Rodes teve, assim, a morte que sempre quis: limpa.

DIDO E ENÉIAS

I — A FUGA DE DIDO

Dido, filha de Belo, rei de Tiro, era casada com Siqueu, o homem mais rico de todo o reino. Ela o amava com todo o amor que Vênus pode inspirar a uma mulher. Os dois viveram felizes durante alguns anos, mas um dia os deuses decidiram que era hora de começarem as tribulações em sua, até então, amena vida.

Belo, rei de Tiro, faleceu e subiu ao trono seu filho Pigmalião, irmão de Dido. O novo rei era o mais perverso dos homens, e tão logo empunhou o cetro tratou de tramar a morte do marido de Dido, a fim de lhe tomar as riquezas.

Assim, planejou um dia um encontro com Siqueu num templo dedicado a Hércules. Ao chegar lá, encontrou o cunhado prosternado diante do altar. Sem dar-lhe qualquer chance de reação, cravou-lhe um punhal nas costas.

— Um rei não governa senão com muito ouro — disse o pérfido Pigmalião, justificando-se cinicamente perante os deuses.

Durante muito tempo este cruel assassinato permaneceu ignorado por Dido, até que um dia o espectro de seu marido Siqueu lhe apareceu num sonho, revelando o autor do seu assassínio e indicando a ela o lugar onde se ocultavam suas imensas riquezas.

— Vamos, querida esposa — disse a sombra esmaecida -, tome o tesouro e parta o quanto antes desta terra, pois o punhal do seu irmão já se apresta na sua direção.

A apavorada Dido acordou muito assustada e tratou logo de providenciar secretamente a sua fuga. Como houvesse também muitas outras pessoas fartas de suportar a tirania do cruel Pigmalião, juntaram-se elas à viúva de Siqueu e partiram todos da antiga pátria, que desde então se lhes tornara funesta.

II — A FUGA DE ENÉIAS

Tróia, a pátria de Enéias, estava em chamas. O herói, tomando a sua espada, acorreu até o palácio de Príamo para tentar defender o rei e sua pátria.

Ondas de gregos, sedentos das vidas e dos tesouros que a cidade ocultava, entravam pelas portas da muralha, que o próprio Netuno, deus dos mares, erguera por ocasião da fundação da cidade. Enéias, com a espada molhada do sangue inimigo, tentava inutilmente contê-los, mas a fúria dos homens de Agamenon era infinitamente maior, e o próprio rei Príamo acabou morto, junto com seus filhos.

De repente, porém, a deusa, sua mãe, lhe apareceu em meio ao combate.

— Vamos, meu filho, abandone esta luta inútil — disse-lhe Vênus, com ar severo. — Não há mais nada a ser feito aqui. Tome os seus deuses e a sua família e parta daqui o quanto antes. Um destino maior lhe está reservado em outras terras.

Em meio à confusão, o filho de Vênus colocou às costas seu velho pai Anquises, tomando também Iulo, seu pequeno filho, pela mão, e partiu em meio aos combates. A deusa protetora não permitiu que nenhuma mão se erguesse contra eles, e assim deixaram os três os limites da antiga pátria, que desde então se lhes tornara funesta.

III — DIDO E O COURO DE BOI

A jovem Dido chegou com os demais companheiros a uma região isolada, situada na costa da África. Ali fundou uma colônia de tírios, que passaria a se chamar Cartago. Tão logo desembarcou, a exilada Dido procurou os nativos do lugar e lhes dirigiu estas humílimas palavras:

— Eis aqui uma desvalida, perseguida pelo infortúnio, que vem pedir apenas um pedaço de terra para poder viver em paz com seus antigos súditos.

Depois de encetar demoradas negociações, conseguiu obter autorização dos donos do lugar para se apossar de uma estreita faixa de terra, "suficiente para abarcar um couro de boi".

Se os nativos tivessem um pouco mais de perspicácia teriam pensado melhor antes de atender a um pedido aparentemente tão singelo. Mas agora já era tarde: os exilados começavam a desembarcar animadamente, enquanto Dido, confiante, dirigia-se até os chefes locais.

— Eis aqui o couro de boi de que lhes falei — disse a rainha, depondo no chão a pele que, mesmo espichada, não era o bastante para abarcar mais que oito homens em pé, e muito bem espremidos.

Os nativos descerraram seus lábios escuros e seus dentes brancos faiscaram ao sol escaldante da inclemente Líbia.

Então a rainha chamou um de seus comandantes, estendendo-lhe o seu punhal de cabo de marfim com lindas incrustações a ouro. Ato contínuo, arrancou um fio comprido de seus dourados cabelos, que pendeu de seus dedos como um raio faiscante do grande astro que empresta ao dia a sua luz, e disse ao servidor:

— Agora corta este couro em tiras ainda mais finas que este fio de cabelo e depois estende-as por toda esta extensão que puderes, não esquecendo de as unir, por fim, num amplo quadrado.

Tais foram as ladinas palavras que partiram dos lábios de Dido, rainha dos tírios, e a partir daquele instante, rainha dos cartaginenses.

A nova cidade passou a se chamar Birsa (ou "couro"), em cujo centro estava erguida a cidadela de Cartago, que logo se tornou um dos lugares mais prósperos e florescentes de todo o mundo.

IV — ENEIAS CHEGA A CARTAGO

Enéias, como todo homem predestinado, era perseguido por sonhos divinos. Após navegar por muitos anos, um destes lhe avisou que um lugar chamado Hespéria seria o local para onde deveria rumar para fundar a nova Tróia.

Mas antes de chegar lá, teve de repetir as aventuras que Ulisses e os Argonautas já tinham vivido anteriormente: o ataque das odiosas Harpias, os sorvedouros fatais de Cila e Caríbdis e o ataque inesperado do gigante Polifemo, que mesmo cego quase destroçou a sua frota.

Quando chegou, finalmente, à costa africana, a frota troiana deparou-se com uma terrível borrasca, quase em frente a Cartago. Juno, rival de Vênus, que protegia Enéias, estava decidida a liquidar com ele, e eis por quê: sendo Juno padroeira de Cartago, sabia perfeitamente, na sua condição de deusa, que Enéias estava predestinado a fundar futuramente um grande império — o maior que o mundo veria — e que sua cidade amada estava destinada, cedo ou tarde, a ser subjugada por ele.

Mas Vênus, após muitas instâncias feitas a Júpiter, conseguiu salvar Enéias e fazer com que sua frota fosse dar nos costados da cidade de Dido.

V — DIDO CONHECE ENÉIAS

Enéias e seus homens desembarcaram em Cartago. Após perambularem pelos arredores, foram finalmente recebidos pela rainha. Em momento algum Dido sentiu-se atraída pelo forasteiro. Ela só tinha olhos para seu marido morto, e era proverbial em todos os portos da região a sua fama de recato e puritanismo. Vários pedidos de casamento haviam sido feitos inutilmente àquela poderosa rainha, que havia expandido seu reino graças ao seu tirocínio e às inesgotáveis riquezas que havia trazido de Tiro, ao ponto de torná-lo a maior potência econômica e militar da região.

A rainha nem por isto deixou de tratar os hóspedes com toda a fidalguia que mereciam, pois lembrou-se que um dia, também, já tivera contra si os fados funestos, não passando, como aqueles que agora arribavam às suas costas, de uma miserável errante dos mares.

Durante o banquete que lhes serviu, teve Dido a oportunidade de conhecer melhor seus hóspedes, em especial o valoroso Enéias, que ocupou quase todo o tempo do encontro a relatar as suas desditas, passatempo insuperável que fazia as delícias de todas as cortes daquela época.

Sim, é inegável que o relato do herói troiano impressionou-a profundamente. Mais de uma vez as lágrimas lhe desceram pelo rosto como pérolas que deslizam por um tecido aveludado. Mas quem lhe provocou a paixão que a consumiria, desgraçando-a para toda a vida, foi não Enéias, mas seu filhinho, o pequeno Iulo.

VI — A ARTIMANHA DE VÊNUS

Vênus assistira à chegada à ilha do seu protegido com muito temor.

"Juno não descansará enquanto não destruir Enéias", pensou a deusa, roendo suas divinas unhas. "Talvez venha mesmo a instilar no coração da rainha, que até agora tem se mostrado uma soberana cordata e amável, um ódio funesto e profundo, a fim de levar Enéias, filho de Anquises, à mais negra ruína!"

Decidida, então, a impedir o pior, chamou logo seu filho Cupido.

— Cupido querido, preciso mais uma vez de seus préstimos.

O jovem rebento surgiu carregando suas flechas dentro da dourada aljava.

— Quero que alvejes sem piedade o coração de Dido, para que ela se tome de amores por meu favorito Enéias.

O divino garoto, de louros cachos, tomou, então, a forma de Iulo, o filho de Enéias, e postou-se perto da rainha durante o banquete do qual já falamos. Quando o grande troiano encerrou o longo excurso das suas desditas, o pequeno Iulo — na verdade, o solerte Cupido sob a forma daquele — pulou para os braços da rainha. Esta, encantada, como toda mulher, fez-lhe carícias de todo jeito, mas, ao descuidar-se um pouco, acabou alvejada pela seta que o moleque trazia oculta nas vestes.

Pronto! Eis aí Dido, a recatada rainha, tomada de amores pelo forasteiro e pronta para marchar rumo ao martírio.

— Agora precisamos quebrar sua última resistência — disse Vênus, entretendo seus macios e longilíneos dedos por entre os caracóis de seu eficiente rebento.

VII — UMA GRUTA SOB O TEMPORAL

Na manhã seguinte, a rainha organizou uma grande caçada pelos arredores montanhosos de Cartago; conduzindo um grande cortejo, do qual faziam parte Enéias e alguns de seus próceres, chegou enfim aos cumes rochosos onde se desenrolaria a grande diversão.

— Aqui não faltará prazer a você nem a qualquer dos seus — disse Dido a Enéias, que procurava distrair com estes entretenimentos o amor que consumia seu peito com um furor cada vez maior.

Vênus, a este tempo, já havia feito um novo pedido a Júpiter, para que lançasse seus raios sobre toda a região bem no momento em que a caçada estivesse no auge. O senhor dos trovões, algo aborrecido, acabou cedendo a mais este capricho da volúvel divindade.

A tarde, de início tremendamente escaldante, fazia prever para breve uma tempestade: nuvens de uma cor azuladamente metálica surgiram de repente no horizonte, e logo Bóreas furioso começou a soprar com toda a força o alento de seus pulmões. Arvores foram derrubadas, galhos voaram para todos os lados, e um rumor de pés correndo para todos os lados precedeu o desabar da terrível tormenta. Logo a chuva descia dos céus. Tírios e troianos procuravam abrigo, e a rainha Dido, como que impulsionada por uma mão invisível, viu-se logo separada de todos.

— Oh, não, e esta agora! — disse ela, ávida por encontrar um abrigo. Avistou, então, uma gruta salvadora, bem no topo do morro onde estava.

Para lá rumou, escalando a íngreme subida cheia de barro molhado. Dido agarrava-se aos galhos das árvores para poder subir, mas sempre que estava para alcançar a entrada da gruta perdia o equilíbrio e descia rolando pelo barro encharcado até voltar ao ponto de onde saíra, qual uma desastrada Sísifo do sexo feminino. Na quarta tentativa, entretanto, descobriu que suas vestes estavam em trapos e que seu corpo estava recoberto por uma capa de lama. Nem bem ergueu-se, porém, viu a chuva desnudar-lhe inteira daquela veste natural e pouco consistente, revelando a toda a natureza o seu corpo completo e irremediável.

— Oh, deuses! — clamou ela.

Seu lamento pareceu ter sido ouvido, pois logo alcançou o topo, desta vez sem perder o equilíbrio. Seu corpo, no entanto, estava, além de nu e encharcado, coberto de feridas provocadas pelos galhos e espinhos das árvores.

Descalça e nua, assim ela avançou até a entrada da gruta. Mas ao chegar lá encontrou já um habitante, que tratava de limpar do corpo a sujeira que se pegara à sua pele. Era, claro, Enéias, que ainda não dera pela presença da rainha.

Dido imediatamente recobriu com as mãos as suas vergonhas, mas, coisa estranha, não pôde mover os seus pés — e assim permaneceu parada diante daquele homem belo que prosseguia, diante de seus olhos, a fazer sua metódica higiene.

A chuva continuava a cair implacavelmente, e os ruídos dos trovões sacudiam a gruta inteira. Tudo começava a escurecer, tanto lá fora quanto ali dentro, e não foi sem uma pequena lástima que viu as formas do amado Enéias desaparecerem aos poucos, engolidas pela escuridão da gruta. Mas ainda havia um consolo: de vez em quando algum relâmpago, que não era tão raro que não iluminasse a gruta inteira por alguns segundos, fazia ver outra vez aquelas divinas formas, em sua inteira beleza. Dido decidiu, então, naquele misto de proteção e desvelamento que era a gruta sob os relâmpagos, simular uma chegada abrupta.

— Oh, há alguém aí? — perguntou, durante um intervalo de escuridão. Um novo relâmpago iluminou o interior da gruta e ela viu o rosto de Enéias voltado para ela. Viu o espanto, ainda que por um brevíssimo momento, desenhado em seu rosto. Ele, por sua vez, também percebeu quem ela era. Dido, da primeira vez, deixou que seus braços pendessem livremente — havia decidido que daria ao amado apenas esta chance de vê-la tal como os deuses a haviam criado.

Tudo escureceu, e quando a luz brilhou novamente Enéias estava diante de si. Ela já tinha as mãos postas em guarda, mas o homem que ela amava permanecia despreocupado de tais coisas. E tão logo a escuridão se fez outra vez, sentiu que seus braços fortes envolviam seus ombros.

— Oh, forasteiro, como se atreve a agarrar uma rainha? — disse ela, com um tom de voz que autorizava o desejo dele e o seu próprio.

O ruído dos trovões e da chuva tornou-se tão intenso, e sua reprimenda, de fato, fora tão pouco convincente, que em menos de um piscar de olhos estavam ambos entregues aos adoráveis exercícios prescritos por Vênus.

VIII — A VIAGEM DA FAMA

Na mesma noite — porque os amantes ficaram entregues a madrugada toda aos seus amores — a Fama, filha da Terra, saiu de sua caverna.

A Fama é uma deusa estranha: pequena, quando sai de casa, vai aumentando progressivamente de tamanho enquanto avança no cumprimento de sua missão. Por enquanto é apenas uma minúscula criatura, portando uma pequena trombeta em suas mãozinhas; uma

menina, ainda. Mas é uma deusa veloz, por sua própria natureza; por isto não anda, mas voa, agitando graciosamente suas duas asas, que escondem uma miríade de olhos, feito o arguto Argos e o pavão espaventado.

A Fama é uma deusa de aparência encantadoramente bela, embora aos olhos dos amantes do pudor possa parecer às vezes extraordinariamente feia.

Com suas asas amplas ela fende os ares da ardente Líbia; o dardejante carro de Apolo apenas percorreu a metade do seu percurso e a núbil Fama já é agora uma moça crescida, de espantoso viço. Seu magnetismo e charme são inigualáveis: quase nenhum outro ser tem como ela o dom maravilhoso da persuasão. Por isto a sua estada em qualquer lugar é muito rápida; não precisa mais do que alguns instantes para transmitir a sua mensagem e ser acreditada imediatamente. Suas mensagens são quase sempre fidedignas e não têm nenhuma eiva de perversidade.

Ela está agora na corte do rei Jarbas, na Getúlia, e já fez soar pelos ares a sua divina trombeta — pois a Fama jamais desce à Terra para transmitir as suas novas — e já vai deixando aquele reino, pronta para levar adiante o seu ofício.

Entretanto, logo no seu encalço, vem outro ser, de natureza semelhante. É apenas um pouco mais discreto e tem a espantosa capacidade de dobrar de tamanho e volume a cada milímetro que avança. É, assim, um imenso ser alado, que rola com asas pelos céus, tendo uma aparência francamente repulsiva: gordo -imensamente gordo -, com bochechas estufadas que fazem lembrar o velho Bóreas, o poderoso vento do norte. Sua boca, entretanto, é pequena, quase um orifício, pois este ser não fala, mas antes cicia as suas novas.

Quando chega, cercado sempre pela Calúnia e pela Maledicência, amigas inseparáveis, a primeira coisa que faz é dizer, baixinho, ao primeiro que encontra, com voz maviosa e infinitamente sedutora:

— Venha, incline agora seus ávidos ouvidos a meus discretos lábios. Este deus é o Boato, irmão mais novo da graciosa Fama.

IX — UMA VISITA INOPORTUNA

Enéias agora é o amante oficial da rainha. Seus amores já são públicos, e todos os reinos vizinhos estão informados do que se passa entre os dois.

— Dido, minha querida — diz-lhe um dia Ana, sua irmã. — Alguns viajantes que retornaram da corte do rei Jarbas dão conta de que esse soberano tem o coração tomado pela ira contra você, eis que rejeitou a mão dele sob o pretexto da castidade, para agora estar com esse que ele chama de "frígio errante e miserável".

Dido, apesar de ofendida com os termos do soberano, baixa os olhos. Depois, erguendo-os novamente, confessa:

— Ana, minha irmã e confidente. Não posso mais esconder: meu coração é todo de Enéias. Embora tenha jurado um dia permanecer fiel à memória de meu querido esposo Siqueu, não posso mais resistir a este sentimento que me avassala.

Ana, que era uma irmã compreensiva, tomou o partido de Dido.

— Realmente, minha irmã, você não pode mais ficar sem um rei ao lado, que dirija com mão forte os negócios do reino. Enéias é um homem forte, viril e corajoso, e tenho a certeza de que será um excelente rei para os cartaginenses.

Aos poucos todos foram se acostumando à idéia e achando perfeitamente natural que a rainha se consorciasse com aquele belo e valente forasteiro. Mas nos céus se pensava diferente, e assim, certa noite, Enéias recebeu a visita de um ser enviado com a missão de dissuadi-lo de tal idéia.

— Enéias, sou Mercúrio, mensageiro de Júpiter! — disse o deus dos pés ligeiros, com o semblante carregado. — Por que demora tanto neste lugar? Por que perde tempo construindo uma cidade para os outros, quando você ainda tem de partir para encontrar o seu verdadeiro país e, lá sim, construir uma cidade? Fugiu aos gregos, temendo a sujeição, para agora se tornar escravo de uma mulher?

Enéias não conseguiu responder a nenhuma dessas perguntas, pois ao seu lado estava Iulo, seu pequeno filho, a quem cabia dar um reino e uma descendência. No mesmo dia Enéias começou a fazer os preparativos para a partida.

X — O DESESPERO DE DIDO

Cedo Dido descobriu as intenções do agora esquivo Enéias — pois qual coração não está sempre atento aos menores gestos do ser amado?

— Enéias, planeja, então, abandonar-me? — perguntou ela, um dia, quando o viu em meio aos preparativos de sua partida.

— Os deuses exigem que eu parta rumo ao meu destino — disse Enéias, cabisbaixo. — Dido, eu amo você, mas tenho um dever, uma altíssima missão que os céus me confiaram, à qual não posso dar as costas...

— Mas dar as costas a mim você pode, depois de tudo o que fiz por você e pelos seus? — esbravejou a infeliz rainha.

— Eu não posso dar as costas, acima de tudo, a meu filho! — disse Enéias, resoluto.

— Oh, quanta ingratidão! Não pensa em mim, na minha situação? Que respeito poderei infundir, agora que me desfiz de minha castidade, dos meus votos de fidelidade, que eram o

único pretexto para repelir os pretendentes que a todo instante me assediavam, buscando apenas minhas riquezas e meu reino? Não sabe que no dia seguinte ao que você partir verei entrar pela barra adentro a frota do rei Jarbas, que virá exigir a minha mão, chamando-me sabem os deuses por qual nome? E que meu odioso irmão Pigmalião espera apenas uma oportunidade para vir retomar as riquezas que julgava suas pelo direito vil do assassínio?

Enéias, sem poder responder a tão altas questões, deu as costas à rainha. Só Júpiter poderoso sabia o quanto lhe era agradável a idéia de permanecer na bela Cartago, na condição de rei, livre para sempre dos trabalhos que o mar impunha.

A voz dos deuses, contudo, era mais forte, e ele sabia que cedo ou tarde um terrível desastre se abateria sobre ambos caso ele decidisse permanecer ali, na condição de amante indolente da bela Dido.

XI — A PIRA FUNERÁRIA

Dido, a rainha infeliz, ainda guardou alguma esperança durante algum tempo, mas quando viu que Enéias já se instalara dentro do navio que o levaria embora, fazendo dali mesmo os preparativos finais para a sua partida, tomou a decisão extrema dos desesperados: matar-se-ia. Sim, porque não suportaria ver a frota de Enéias se afastar lentamente de suas águas, sabendo que nunca — nunca mais! — iria tornar a pôr os olhos no seu amado.

Ordenou, então, que construíssem uma imensa pira na parte mais alta da sua fortaleza. Ali pretendia consumir em ardente fogo o seu corpo que o amor já consumira inteiramente por dentro, pondo um fim definitivo ao seu sofrimento.

Mas para que sua irmã de nada desconfiasse, inventou-lhe um artifício.

— Ana, querida irmã — disse ela, acariciando o seu rosto -, estou prestes a me livrar de tão grande sofrimento! Eis que recebi o auxílio de uma famosa feiticeira, versada nas artes mágicas de Hécate, que me propôs a construção desta enorme pira. Ali deverei colocar as armas e a efígie do pérfido traidor que agora me abandona, desonrada e desprotegida, à sanha de meus inimigos. Tão logo as labaredas tenham destruído tudo, estarei livre, afinal, deste sentimento terrível que ameaça tragar-me, tão cedo, para as moradas sombrias de Plutão.

XII — A FUGA DE ENÉIAS

Enquanto isso, Enéias dormia descansado na popa de seu navio. Eis que, de repente, Mercúrio alado lhe surge outra vez e diz com voz irada e semblante alterado:

— Ó filho imprevidente de uma deusa! Como pode dormir tão sossegado sem imaginar que um coração dilacerado e vencido não esteja a tramar a sua desgraça? É assim que pretende erguer e conduzir uma nova pátria? Ai dela, então, pois não durarão em pé seus muros mais que

o curso de uma lua! Ande, levante e aponte de uma vez a proa de suas naus em direção ao mar, eis que Éolo, senhor dos ventos, já ordenou que o vento oeste sopre com altíssimo vigor.

Enéias, o homem dos mil sonhos, pôs-se logo em pé e, dando rijas vozes, ordenou aos seus homens que fizessem o que o deus lhe ordenara. Depois, voltando um último olhar para o castelo de sua amada Dido, lhe lançou estas aladas palavras:

— Dido, amada, perdoa a minha fuga, mas os deuses não quiseram que permanecêssemos juntos por muito tempo. Nos Campos Elíseos, quem sabe, haveremos de estar juntos algum dia. Ali saciaremos, então, de maneira infinita, todos os desejos que os fados agora não nos permitiram.

XIII — A FUGA DE DIDO

A suave Aurora já abria as cortinas rosadas de um novo dia quando a sofrida Dido abriu seus olhos para o mar e recebeu a primeira punhalada do dia em seu coração: a frota de Enéias, já em alto-mar, singrava com as velas enfunadas pelo vento. No mesmo instante correu até a pira, pedindo antes à irmã que fosse providenciar algo na parte mais afastada do castelo. Assim que se viu sozinha, acendeu a flama, subindo em seguida até o alto da imensa pilha de carvalhos e pinheiros.

— Agora se despede desta vida, que deuses e fados funestos tornaram insuportável, a desgraçada Dido, rainha que um dia vingou a morte de seu amado Siqueu, embora — ai de mim! — não tenha sabido manter-se fiel; que fundou uma cidade maravilhosa e que teve a infelicidade de um dia ver aportar em suas praias aquele homem sem palavra e coração endurecido que agora foge de seus braços para todo o sempre!

Dido, sentindo as primeiras labaredas alcançarem os seus pés, ajoelhou-se e, tomando da espada que Enéias lhe deixara de presente, enterrou-a no peito.

Sua irmã, alertada pelo brilho da fogueira, acorreu para a pira, mas já era tarde demais: a alma de Dido, a infeliz rainha, já fugira, também, deixando entregue às chamas o seu corpo dilacerado, com a espada de Enéias enterrada ao peito.

NISO E EURÍALO

Lavínia, filha de Latino, rei do Lácio, estava prometida há muito tempo para Turno, rei dos rútulos. As coisas já estavam preparadas para este arranjo quando ocorreram alguns fatos agourentos que levaram o velho rei, pai de Lavínia, a inquirir os oráculos. Estes foram categóricos: Lavínia devia casar-se não com Turno, mas com um estrangeiro que muito em breve deveria aportar àquelas praias, fugido de uma grande desgraça em sua própria pátria.

Enéias era este homem, e Tróia, sua antiga pátria. A partir de sua chegada os ânimos foram se acirrando até estourar a guerra definitiva entre o troiano Enéias e o rútulo Turno, passando ambos a disputar, pela força das armas, a mão de Lavínia e o controle do reino do pai desta. Os combates se acirraram, e num primeiro momento a vantagem pendeu para Turno.

Enéias, entretanto, viu-se obrigado a certa altura a se afastar dos acampamentos troianos, o que ensejou a audácia do audaz Turno a pôr um cerco sobre as muralhas troianas. Esta não era a primeira vez que os troianos viam-se sitiados atrás de muralhas, e a lembrança que guardavam da primeira ainda lhes era sobremaneira funesta, pois terminara com a ruína completa de sua pátria, a desgraçada Tróia. Por esta razão, havia um sentimento de muita apreensão entre os sitiados: estaria prestes a desabar sobre os troianos uma segunda desgraça, tão ou mais horrível do que a primeira?

Uma medida, então, era imprescindível: furar o bloqueio e chamar Enéias de volta ao campo de batalha antes que a derrota troiana se desse sob as mãos do implacável Turno. E é neste instante que entram em cena dois jovens guerreiros predestinados à glória — embora votados, também, a uma funesta imortalidade.

Enquanto os chefes troianos discutiam em seus baluartes sobre o destino do acampamento, Niso, guerreiro experiente, ainda que jovem, e Euríalo, um rapaz ainda inexperiente, mas muito admirado por suas qualidades de lealdade e valentia, montavam guarda no acampamento. De repente Niso voltou-se para o amigo e disse, como quem tem uma boa idéia:

— Euríalo amigo, percebeu como a guarda inimiga parece descuidada? Não parecem acreditar muito que possamos escapar desta entalada.

— Sim, Niso, já havia percebido — respondeu Euríalo, animando-se.

— Pois bem, estive pensando numa coisa: já que eles demonstram tão pouco cuidado com a possibilidade de alguma artimanha nossa, pensei em romper suas fileiras durante a noite e, escondido pela negra escuridão, ir em busca de nosso comandante Enéias; é a única maneira que temos de aterrorizá-los, fazendo com que levantem imediatamente o cerco. O que acha disto?

Euríalo, inflamado pelo ímpeto juvenil, quis imediatamente associar-se ao projeto.

— Irei contigo! — disse ele, vermelho de excitação.

— Eu não disse isto — retrucou Niso. — Disse que *eu* irei; você deve permanecer aqui neste mesmo lugar, montando guarda.

— Nada disto, irei com você, já está decidido!

— Euríalo, afoito, você é muito jovem e inexperiente. Além do mais você tem uma mãe para cuidar, que deixamos em Acesta, está lembrado?

— Em vão você profere essas palavras: já disse que estou decidido e a todo argumento que você apresentar oporei sempre a mesma resolução.

Niso, arrependido já de ter revelado seu plano, não teve outro jeito senão ir junto com o amigo pedir licença aos chefes para tentarem a arriscada empresa.

A princípio, Iulo, filho de Enéias, recusara veementemente tal proposta, por julgá-la demasiado arriscada. Mas diante da insistência, acabou por ceder.

— Prezo mais a glória do que a própria vida — dissera Euríalo, confiante. -Apenas peço que dêem toda proteção à minha mãe no caso de que um desastre ocorra, inviabilizando a missão.

— Não se preocupe — respondeu Iulo. — Sua mãe passará a ser a minha própria.

Desta forma Niso e Euríalo deixaram o acampamento ainda naquela mesma noite em demanda de Enéias. Quando chegaram à linha de frente dos rútulos, os encontraram ainda adormecidos, com as taças de vinho viradas sobre o chão.

Naquela época as leis da guerra não viam como infamante o ato de se tirar a vida de soldados adormecidos; por isto Niso e Euríalo não se envergonharam de ir enterrando suas espadas no peito dos soldados inimigos, tantos quantos fossem encontrando. Logo o chão estava coberto de cabeças cortadas, e um rio de sangue escorria dos pescoços dilacerados, ensopando a relva.

— Vamos Euríalo, já limpamos o caminho! — disse baixinho o seu amigo.

— Estou indo... — ciciou Euríalo, que em má hora tivera a idéia de levar consigo um elmo dourado e de altas plumas que havia retirado da tenda de Messapo, comandante dos rútulos.

Niso ia à frente, enquanto Euríalo seguia seus passos logo atrás; assim atravessaram as linhas inimigas sem serem incomodados, protegidos pelo manto escuro da noite, até que o dia começou a amanhecer. De repente, surgiu-lhes pela frente, de modo abrupto, uma coluna inimiga de trezentos homens, liderada por Volceno. Ainda assim não teriam sido avistados, não fora o elmo reluzente que o imprudente Euríalo havia posto sobre a cabeça.

— Alto lá, vocês dois! — gritou o comandante inimigo.

Niso e Euríalo, flagrados, dispararam bosque adentro. Mas, na corrida, acabaram por se separar. Niso conseguiu livrar-se da perseguição e já retornava feliz para o acampamento, quando se deu conta da ausência do amigo.

— Euríalo, cadê você? — gritava com as mãos em concha.

Não houve resposta. Niso, então, retornou para dentro do bosque à procura de Euríalo. Jamais seria capaz de abandoná-lo, mesmo sob o risco da própria vida.

Andou bastante até escutar o ruído de algumas vozes. Eram vozes iradas, e mais de uma vez ele percebeu, misturada a elas, o estalo inequívoco de uma bofetada.

Afastando as ramas de uma árvore, divisou, então, seu amigo Euríalo amarrado e cercado por diversos inimigos. A sua frente Volceno, ameaçador, repetia:

— Vamos, cão frígio, diga onde está o outro!

Outra bofetada atingiu a face de Euríalo. O jovem, embora deitando sangue abundante pelo nariz, permanecia de cabeça ereta, afrontando o inimigo.

— Basta, não temos mais tempo a perder! — disse Volceno, sacando sua espada.

Niso, neste momento, vendo que tudo estava perdido para Euríalo — e mesmo para si — remeteu uma prece para a Lua, dizendo:

— Diana, deusa da Lua, se alguma vez lhe foram agradáveis minhas ofertas, faz com que meus dardos atinjam com precisão o peito dos inimigos de Euríalo.

Sacando, então, do arco, arma e insígnia da deusa da Lua e da Caça, começou a disparar as suas setas com maravilhosa precisão. Um a um dos inimigos caíram, sem que os homens de Volceno pudessem identificar de onde partiam os certeiros dardos, pois Niso movimentava-se por entre o bosque com a rapidez de um felino.

Sulmon, um dos soldados inimigos, caiu do cavalo com um dardo espetado no coração, bem à frente de Volceno; da boca do moribundo escorreu um sangue negro e espesso. Logo em seguida outro soldado foi abatido diante dos olhos do atônito comandante: é Tago, que recebeu direto nas têmporas o dardo afiado de Niso. O desgraçado soldado também caiu no chão, quase em cima do outro, e como caiu, ficou, sem nunca mais poder levantar-se para a luta, com o dardo atravessado na cabeça.

Volceno, então, tomado pela ira, disse para Euríalo:

— Antes que eu pereça pela arte deste cão, você, maldito, pagará pelos dois! Niso, vendo que a hora fatal de seu amigo chegara, lança-se, então, à frente da coluna, de espada em punho.

— Não, maldito, poupe-o! — gritou Niso, disposto a tudo. — Ele é inocente, não tem culpa de nada. Liberta-o e vem me enfrentar, você e quantos mais quiserem!

Volceno, vendo os dois troianos à sua mercê, ergueu sua espada e disse ao pobre Euríalo:

— Você primeiro — e lhe enterrou no peito, até o cabo, o gume afiado do seu bronze. A lâmina saiu pelas costas de Euríalo, cuja cabeça pendeu para a frente; seu grito de dor foi abafado pelo bronze que lhe perfurou os pulmões.

Volceno retirou em seguida a espada do peito de Euríalo, já caído morto ao chão. Niso, cego de ódio, investiu, então, contra os soldados — mas seus olhos estavam voltados apenas para o cruel Volceno, que protegido pelos seus, limpava a espada nas roupas da própria vítima.

O fiel amigo de Euríalo sabia que seu fim também estava próximo; ciente disto, arremessou-se para a frente com todo o ímpeto, pois sabia que não haveria meios de fugir. Seu corpo já estava recoberto de dardos e de feridas abertas, e um mar de homens abatidos estava já às suas costas quando finalmente alcançou o matador de seu amigo, num pulo surpreendentemente rápido para um homem em seu estado.

— Agora morra você também, canalha! — disse Niso, enterrando sua espada tinta de sangue na boca de Volceno, perfurando-lhe os lábios e os dentes, que saltaram em cacos para os lados. O fio da espada saiu na nuca de Volceno, e antes que ele tombasse sobre o chão, Niso retirou o ferro. Volceno caiu e ainda ficou um tempo escoicinhando o chão, até que finalmente sua alma exausta lhe abandonou o corpo para sempre.

Niso, crivado de dardos, aproveitou o estupor que a morte do comandante provocou em seus soldados e correu até onde estava o corpo de seu amigo morto.

— Euríalo, amigo... Aqui está a glória que juntos buscamos! — disse num fio de voz, e caiu de braços sobre o corpo do amigo, já sem vida.

Os soldados de Volceno aproximaram-se, irados, e enfiaram suas lanças nas costas de Niso, unindo assim os corpos dos amigos numa mesma e gloriosa morte. A missão de Niso e Euríalo falhara; no dia seguinte Turno avançaria até as muralhas troianas com as cabeças dos dois infelizes jovens espetadas em compridos chuços. Enéias somente muito mais tarde chegaria de volta, pelo mar, para abater Turno e os inimigos dos troianos.

ENÉIAS NOS INFERNOS

Diz o insigne Virgílio que após Enéias ter abandonado a sua amada Dido, em Cartago, foi levado de volta às praias da Sicília pela força dos ventos e do mar bravio;

E que tendo lá chegado por força do temporal, viu-se às voltas com a revolta das troianas, as quais, cansadas de errarem por Ceca e Meca, levantaram um motim;

E que deste motim feminino resultaram quatro navios queimados, eis que as ferozes mulheres pretendiam incendiar todas as naus e se estabelecer ali mesmo, na amena e cálida Sicília;

E que ali mesmo, na amena e cálida Sicília, Júpiter, a instâncias de Enéias, fez desabar sobre as naus incendiadas uma tremenda tempestade, consumindo as chamas e pondo um fim à funesta rebelião;

E que uma vez debelada a funesta rebelião, recebeu Enéias a visita noturna do espectro de seu falecido pai, o velho Anquises;

E que o espectro de seu falecido pai lhe disse, então, "Parte, filho meu, o quanto antes para a Itália, pois lá você fundará a nova Tróia; antes, porém, procura a morada subterrânea de

Plutão, descendo as encostas do profundo Averno até atingir os Campos Elíseos, eis que desde minha morte minha sombra lá se encontra".

Tudo isto diz o insigne Virgílio, com maior beleza, e mais ainda:

Que Enéias, após ter tentado abraçar em vão o espectro do seu pai, deu a opção "àqueles corações que não anseiam pela glória" de permanecerem na amena e cálida Sicília, eis que muitas tribulações desabariam sobre aqueles que o seguissem;

E que partiu, enfim, com poucos mas valorosos companheiros;

E que Vênus, tendo pedido proteção a Júpiter para Enéias e seus barcos, ouviu deste que exigiria apenas uma vítima expiatória;

E que a escolha recaiu sobre o piloto, o infeliz Palinuro;

E que Palinuro, estando ao leme, e todos os demais adormecidos, recebeu a visita do próprio Sono, sob a forma do amigo Forbas;

E que o fingido Forbas disse a Palinuro: "Vai descansar, piloto, esteja tranqüilo, eis que o tempo está bom e eu mesmo ficarei ao leme";

E que Palinuro, consciente do dever, disse: "Não, nada disso, é meu dever, não me fale em tempo brando ou vento amigo; sou experiente, nada disto me engana, deverei, então, expor Enéias à inconstância do tempo e do vento?";

E que tendo dispensado o auxílio do fingido Forbas, agarrou-se com mais força ainda ao leme, pensando: "Não, não delegarei a outro um dever que é apenas meu";

E que tendo teimado no cumprimento do seu dever, o Sono, sempre sob a falsa efígie do fingido Forbas, espargiu sobre sua cabeça um ramo com água do Letes, o rio do Esquecimento:

E que Palinuro, vencido por um invencível sono, ainda assim permaneceu firme no seu posto como um dois de paus;

E que o Sono, perdendo sua habitual compostura, empurrou Palinuro para fora do barco, dizendo: "Vai, anda, foi você o escolhido";

E que Palinuro, mesmo adormecido e caindo borda afora, levou consigo o leme, num último esforço de manter-se fiel ao cumprimento do dever;

E que Enéias, ao perceber que o barco ia à deriva e que Palinuro fora deitado ao mar, dirigiu-lhe estas tão famosas quanto injustas palavras: "Por ter confiado em demasia na serenidade do céu e do mar, *ó* Palinuro, seus ossos nus e solitários jazerão para sempre numa praia erma e desconhecida!"

Tudo isto diz o insigne Virgílio, com maior brilho, e mais ainda:

Que a frota seguiu em frente até arribar às costas da terra da promissão, uns a chamando Itália, outros, Hespéria, o que vem a dar tudo no mesmo;

E que Enéias correu logo a buscar o templo de Apolo e a caverna onde se ocultava a pavorosa Sibila, que proferia seus oráculos inspirada por aquele deus;

E que o herói troiano, vendo-se frente a frente com a Sibila, empalideceu ao vê-la tomada pelo espírito do deus;

E que ela dizia: "Vamos, é o deus! é o deus! interrogue agora e logo os fados...!"

E que a profetisa, diante das cem portas que dão acesso às cem entradas do sombrio covil, tresvariava feito louca, mudando a cor das faces, descabelando-se com furor, ofegando o peito opresso e dando à voz uma entonação que não era humana;

E que esta voz cuja entonação não era humana disse ao herói: "E então, não faz a sua oferta? Estas portas não se abrirão antes que você cumpra com a sua obrigação!";

E que Enéias, com os ossos congelados pelo medo, fez então um grande e soberbo arrazoado, invocando a proteção do deus;

E que a profetisa, dando ares de que nada escutara, prosseguia a cabriolar de lá para cá, feito uma bacante, tentando arrancar do coração o jugo do poderoso deus;

E que finalmente a Sibila principiou a fazer suas exatas predições;

E que elas diziam que Enéias chegaria à terra de Lavínia e que com ela casaria;

E que antes disto teria de enfrentar uma pavorosa guerra que deixaria o Tibre espumante de tanto sangue;

E que Enéias nem por isto deveria ceder ao infortúnio, mas antes avançar com coragem ainda maior.

Tudo isto diz o insigne Virgílio, com maior vigor, e mais ainda:

Que Enéias, findo o transe da poderosa Sibila, lhe pediu que o conduzisse até onde seu pai estava, nos amenos Campos onde sopra o eterno Elísio;

E que a Sibila lhe disse que as portas do reino de Plutão estavam sempre abertas, mas que retornar para a atmosfera superior é que eram elas, e que ali é que estava o trabalho, e que ali é que estava a dificuldade;

E que a Sibila lhe disse também que para ser admitido às regiões infernais (posto que antes de chegar aos Elísios deveria ele atravessar as regiões sombrias), precisaria o filho de Anquises colher num bosque sagrado um ramo de ouro que pende desde sempre de uma frondosa árvore, consagrada à Prosérpina infernal;

E que deveria não cortar, mas arrancar com a mão esse ramo mágico;

E que não poderia Enéias descer às regiões subterrâneas sem lhe levar esta sublime oferta;

E que depois disto deveria proceder aos ritos fúnebres de seu amigo morto, embora Enéias não soubesse de nenhum amigo morto;

E que depois disso tudo deveria sacrificar cordeiros pretos à sombria Hécate, e só então estaria apto a avistar os bosques sombrios do horrendo Estige;

E que depois de dizer isso tudo a Sibila cerrou os lábios;

E que, dando cumprimento às determinações, Enéias seguiu com seu fiel amigo Acates para procurar o ramo dourado;

E que ao retornar descobriu quem era o amigo morto citado pela profetisa;

E que o amigo morto não era outro senão o velho amigo Miseno, filho de Éolo;

E que este tivera uma morte ainda mais estúpida que a do pobre Palinuro;

E que estando Miseno a tocar sua tuba guerreira em alto-mar, Tritão, divindade marinha e mal-humorada, "se tal coisa se pode acreditar", sepultara-o sob as águas;

E que, então, foram todos para dentro da floresta cortar enormes troncos de freixos e carvalhos para que se procedessem aos ritos fúnebres de Miseno;

E que não sabia Enéias que jeito daria para encontrar a tal árvore do ramo dourado;

E que ao dizer isto não uma, mas duas pombas alvas surgiram sobre sua cabeça;

E que elas incontinenti o conduziram até a árvore maravilhosa, onde folhas verdes e douradas conviviam irmãmente;

E que as folhas douradas, muito mais que uma, esbatiam-se suavemente entre si, produzindo um ruído metálico e cantante;

E que finalmente Enéias estendeu sua mão e arrancou um ramo, que foi logo substituído por outro do mesmo matiz e da mesma textura;

E que o herói, feliz, foi correndo levar à Sibila o maravilhoso ramo.

Tudo isto diz o insigne Virgílio, com maior talento, e mais ainda:

Que estando a pira pronta, Enéias procedeu aos ritos de sepultamento de Miseno desgraçado;

E que desde então o sopé do monte onde a fogueira ardeu leva o nome desgraçado de Miseno;

E que assim será pelos séculos dos séculos;

E que logo em seguida fizeram-se os sacrifícios dos cordeiros negros;

E que logo o chão sob os pés de Enéias começou a retumbar como se um deus irado sapateasse o teto do subterrâneo;

E que os cães começaram a latir desabrida e desordenadamente;

E que a Sibila disse, então: "Que os profanos se afastem, eis que a deusa chega!";

E que, voltando-se para Enéias, disse-lhe: "Agora saque da bainha a sua espada e guarde firmeza em seu coração";

E que Enéias, levando adiante a Sibila, adentrou as veredas sombrias e estéreis do reino de Plutão;

E que já no vestíbulo dos infernos deu de cara com seres pavorosos, dispostos um ao lado do outro, como num horrível mostruário;

E que dentre eles podia-se divisar o negro Luto, mais escuro que a própria escuridão; as Enfermidades, mais pálidas que o manto invernal; o Remorso, cuja cabeça, torcida várias vezes, olhava sempre para trás; a Velhice, encarquilhada a ponto de seus lábios roçarem os joelhos; o Medo, de olhos costurados e todo enrodilhado sobre si; a Fome, a comer os próprios membros; a Miséria agitando os trapos misturados aos fios de sua própria carne; a Fadiga, a arfar em longos haustos um alento que jamais lhe basta; a Gula estufada, com sua pele lustrosa a rachar e verter uma gosma podre por toda parte; a Guerra, coberta de dardos e com uma tiara ensangüentada posta sobre os olhos; e finalmente o Sono, o pobre!, ali injustamente aprisionado apenas por ser irmão da Morte.

Tudo isto diz o insigne Virgílio, com menos exagero, e ainda mais:

Que logo adiante estavam as estrebarias dos centauros, estes a escarvarem furiosamente a palha;

E que um passo além estavam ainda outros desaforos da Criação, tais como Cila, monstro de seis cabeças, com uma matilha de cães rosnadores presa ao redor da cintura; Briareu, gigante perdulário de cem braços e cinqüenta cabeças; a hidra de Lerna, a silvar horrendamente; a Quimera, a botar flamas pelas ventas; as Górgonas de tranças de serpentes; as Harpias, a babarem uma gosma fétida sobre os alimentos;

E que Enéias, vendo avançar sobre si toda esta horrenda estirpe infernal, sacou de sua espada e preparou-se para o embate, mesmo tendo os pêlos todos de seu braço arrepiados pelo medo;

E que a Sibila deteve o primeiro golpe, dizendo: "Guarda a coragem, nobre herói, eis que são espectros sem substância a esvoaçarem em vão pelas paredes!";

E que partindo dali os dois chegaram às margens do infernal Aqueronte, rio que leva à mansão dos mortos;

E que aos poucos foi se aproximando uma velha barca conduzida por um remador horrendo;

E que este era um velho chamado Caronte, cuja sujeira era indescritível;

E que sua barba absurdamente branca lhe descia até o umbigo enorme, nada menos que um infame depósito de larvas;

E que seus olhos despediam chispas, e a boca, impropérios;

E que tinha preso ao ombro apenas um manto pútrido, úmido e fedorento como a pele apodrecida dos afogados;

E que este sórdido barqueiro despedia impiedosos golpes de remo sobre todas as almas que se precipitavam para embarcar em sua nau da cor do ferro;

E que escolhia apenas alguns, afastando com o pé a chusma dos insistentes;

E que Enéias, aturdido, voltou-se para a Sibila e disse: "Virgem, diga o que significa todo este atropelo, e por que somente a alguns é dado embarcar para a outra margem?";

E que a Sibila teria respondido: "Veja, aqueles que ali ficam lançados sobre o chão a esmurrar a negra areia são espectros daquele cujos ossos não tiveram o favor de uma sepultura, e ali estarão durante cem anos, a vagar e a gemer sem socorro de deus algum nesta infernal soledade, e somente após cumprido o prazo fatal é que serão finalmente admitidos à barca do horrendo condutor".

E que Enéias, firmando melhor a vista, começou a enxergar velhos companheiros do malfadado sítio, que caíram retumbando sobre o solo com as suas armas, sem terem o descanso de uma sepultura;

Tudo isto diz o insigne Virgílio, com maior clareza, e ainda mais:

Que viu aproximar-se de si o infeliz piloto, Palinuro, aquele que ao observar os astros caíra da popa mar adentro;

E que Enéias, aproveitando a ocasião, perguntou ao desafortunado: "Que deus funesto houve por bem lançá-lo às ondas antes que você pudesse chegar conosco à terra da promissão?";

E que Palinuro, envergonhado, confessou que não fora deus algum, mas somente a sua imprevidência que o fizera adormecer sobre o leme, perdendo o equilíbrio e arrastando-o consigo para o mar;

E que Palinuro disse ainda que fora carregado pelas ondas durantes três longos dias e três longas noites até ser lançado aos arrecifes das praias italianas, mas que homens pérfidos o mataram com seus ferros afiados, na esperança de uma presa, quando tentara subir aos rochedos e escapar à fúria das ondas;

E que Palinuro pediu, como último favor, ao comandante e amigo que o levasse consigo na barca, para que pudesse doravante ter sossego em sua alma;

E que a pitonisa, metendo-se na conversa, atalhou as palavras do infeliz, dizendo: "Acalme o seu desejo, Palinuro, e antes se acomode com o desejo dos deuses, eis que foi pela vontade deles que você chegou a este estado; nem com preces poderia agora mudar os decretos que as próprias Parcas já lavraram em definitivo";

E que a Sibila ofereceu, então, ao desgraçado, um consolo, afirmando que seu nome seria venerado doravante pelas populações com sacrifícios, tendo estabelecido um culto só para si, como se verdadeiro deus fora;

E que Palinuro, tendo ouvido estas aladas palavras, cobrou novo ânimo, tirando forças daí para suportar o prazo de seu amargo exílio;

E que Enéias e a Sibila, dando as costas, intentaram, então, embarcar na nau de Caronte imundo;

E que este, volvendo um olhar raiado de sangue ao piedoso Enéias, lhe disse: "Eia, esta é terra de sombras e de mortos, e não é lícito a um vivo pôr os pés em minha barca!";

E que a Sibila tratou de acalmar o irado condutor, dizendo: "Esteja descansado, Caronte, que estas armas que o forasteiro traz não carregam consigo a violência, eis que com elas pretende apenas avistar seu velho pai, nas profundezas do Erebo, para uma importante revelação; e se mesmo esta razão não o move à piedade, aqui está a passagem que dará o salvo-conduto ao meu companheiro";

E que a profetisa estendeu, então, o ramo dourado até o barqueiro, que o tomou com grata satisfação nos furibundos olhos;

Tudo isto diz o insigne Virgílio, com maior elegância, e ainda mais:

Que Caronte esvaziou a barca das almas que já estavam assentadas, admitindo nela exclusivamente Enéias e a Sibila;

E que a barca rangeu quando Enéias nela entrou, botando água dentro;

E que assim chegaram os dois até a outra margem do pavoroso rio;

E que na outra margem do pavoroso rio rugiu o troar das três bocas de Cérbero, cão de guarda infernal que estava deitado na caverna em frente;

E que a Sibila lançou-lhe um bolo soporífero feito de mel e de escolhidos grãos;

E que Cérbero, abocanhado o petisco, caiu adormecido, facilitando a passagem de Enéias e da Sibila esperta;

E que após escutarem o choro e o lamento de crianças que um dia foram arrancadas dos braços das suas mães para a acerba morte, avistaram Minos, a agitar a urna do sorteio, a fim de proceder ao julgamento das almas réprobas;

E que não distante dali avistava-se o Campo das Lágrimas, bosque umbroso onde buscam refúgio aqueles que o amor fez perecer em um langor cruel, onde entre outros se divisavam claramente Fedra, a infeliz amante, e Prócris, ninfa vitimada por seu próprio ciúme;

E que Enéias, para grande surpresa sua, ali também encontrou Dido, a amante que ele abandonara por uma ordem divina, desgraçando-a;

E que a infeliz Dido vagava por ali, trazendo ainda no peito a ferida aberta;

E que o piedoso Enéias, molhando de lágrimas seu próprio rosto, disse-lhe: "Desventurada Dido, é verdade então que você tomou uma resolução fatal depois de minha partida?";

E que jurou à infeliz amante ter sido obrigado a partir, embora sua vontade lhe dissesse mil vezes para ficar, e não partir, e estar com ela, e não deixá-la, e amá-la sem nunca e jamais abandoná-la;

E que Dido, imperturbável como os penhascos da Marpésia, não se movia ou comovia com coisa alguma que o antigo amante lhe dizia, limitando-se a manter os olhos pendidos sobre o pó do chão;

E que depois, perdendo de vez a paciência, foi buscar refúgio no sombrio bosque, onde seu marido, Siqueu, a esperava, sem dirigir ao amante mais um único olhar ou lhe dizer uma única palavra;

E que Enéias, pesaroso, afastou-se dali para nunca mais ver a sua amante;

E que logo encontrou os antigos companheiros da funesta campanha de Tróia;

E que Enéias não pôde conter um suspiro ao vê-los desfilar diante de si em uma longa e miseranda coluna;

E que as falanges inimigas de Agamenon fugiram espavoridas ao enxergarem de novo entre eles o valente inimigo, de armas em punho;

E que do rebanho das sombras se destacou Deífobo, filho do rei troiano, com o rosto todo desfigurado, eis que lhe faltavam à máscara da face o nariz e as orelhas;

E que Deífobo, ocultando com as mãos as negras feridas, foi perguntado por Enéias da razão de se encontrar em tão mau estado, posto que este não pudera encontrar o corpo do amigo no dia fatal da derrocada da soberba Tróia;

E que Deífobo lhe respondera dizendo que Helena pérfida fora a causa do seu negro fim, pois estando casado com ela após a morte de Pária fora traído pela infame, a qual pôs para dentro das suas portas o marido ultrajado, retirando da cabeceira de sua cama a sua fidelíssima espada, única defesa que poderia opor diante do invasor enfurecido.

Tudo isto diz o insigne Virgílio, com muito mais colorido, e ainda mais:

Que a Sibila apressou Enéias, dizendo, impaciente: "Eia, Enéias, eis que a noite se aproxima e já perdemos muitas horas a chorar. Saiba que daqui por diante o caminho se bifurca: o da direita conduz ao ameno Elísio, enquanto que o da esquerda leva ao tenebroso Tártaro";

E que Enéias enxergou no caminho da esquerda grandes casas circundadas por uma sólida e tríplice muralha rodeada pelas águas em chamas do Flegeton sinistro, as quais rolam consigo, sem cessar, enormes pedregulhos ressonantes;

E que ao centro da cidadela erguia-se nos ares uma imensa torre de ferro, morada de Tisífone, a Fúria vingadora, que do alto, de túnica sangrenta e arregaçada, vigiava noite e dia os seus tétricos domínios;

E que de dentro da torre de ferro ecoava o ruído de ásperas chibatadas, e o grito estertorado dos flagelados, e o retinir das ásperas correntes, e o roncar maldito da castigadora;

E que Enéias, querendo saber quem habitava aquelas horrendas moradas, recebeu da Sibila esta resposta: "Deixa estar a sua curiosidade, que a nenhum inocente é permitido transpor o limiar do crime; apenas digo que ali está o horripilante reino de Radamente, onde são interrogados e torturados os autores dos crimes execrandos";

E que a Sibila ainda disse: "Ouve este silvo, também, que supera mesmo ao do açoite da Fúria vingativa? É o bafo monstruoso que se escapa das cinqüenta goelas negras e escancaradas da pavorosa Hidra, que ali reside sempiterna";

E que disse ainda que mais para dentro, muito mais para dentro, o Tártaro se estendia num espaço duas vezes maior que o que leva do Olimpo até o céu, e que lá embaixo, rolando nos fundos deste medonho abismo, estavam os Titãs, primitivos habitantes da Terra, derrubados que foram pelo raio de Júpiter tonante;

E que depois da Sibila ter descrito, com muito mais detalhes, a situação dos outros supliciados, disse para Enéias que avançassem até a porta onde deveriam depor sua oferenda;

E que Enéias, depois de ter lavado o corpo de toda sujidade infernal, penetrou no pórtico e pendurou na soleira o ramo dourado, entrando assim nos sítios amenos e idílicos dos bosques afortunados.

Tudo isto diz o insigne Virgílio, com mais elevação, e ainda mais:

Que caía de um éter mais amplo uma luz purpúrea que banhava os campos;

E que os habitantes dos Elísios tinham um sol e variados astros que eram somente deles;

E que todos, guerreiros, sacerdotes, poetas, pastores, tendo as frontes cingidas por ramos, passavam o tempo todo em descanso ou em festejos, exercitando as armas ou a lira, conforme mandasse a sua vontade;

E que tendo encontrado entre eles Museu, aquele divino músico que chegava a curar com sua arte, lhe perguntou Enéias onde morava seu pai Anquises;

E que o poeta lhe dissera: "Não, engana-se, visitante, aqui ninguém possui morada, e todo lugar, bosque, arroio, vereda ou prado é morada bastante para nós";

E que mesmo assim, apontando o dedo, indicou-lhes o lugar, num bosque verdejante, onde poderia Enéias encontrar seu velho pai;

E que Anquises, com os olhos repletos de lágrimas, estendeu os braços para o filho tão logo o divisou por entre a chusma transparente das sombras que se interpunham entre ambos;

E que Enéias por três vezes tentou em vão abraçar seu velho pai, posto que sua figura tinha a mesma consistência da brisa, do fumo, do hálito e dos sonhos;

E que depois de trocar palavras afetuosas com seu pai, Enéias avistou um pouco mais adiante uma mata de caniços sonoros a margearem as águas silenciosas do Letes, o rio do Esquecimento;

E que tendo se espantado com a imensidão de sombras que enxameavam ao redor daquelas águas de coloração escura, perguntou ao pai: "Diga-me, pai saudoso, por que tantas almas revoluteiam ao redor daquele curso incessante, como abelhas frenéticas ao redor de um oloroso favo?";

E que Anquises lhe disse que aquelas eram almas purificadas, que depois de haverem expiado suas antigas faltas nas moradas infernais e terem tido o descanso das suas penas nos aprazíveis Elísios, agora preparavam, cumpridos mil anos de exílio, a sua volta para a morada dos vivos; antes, porém, deveriam beber daquelas águas para que, esquecidas de toda mácula ou réstia de passado, pudessem retornar ao convívio da carne, com todos seus tormentos, suas dúvidas, suas tristezas, seus sofrimentos, seus trabalhos, suas penas e suas maravilhosas tentações.

E que depois Anquises mostrou um por um os futuros descendentes de Enéias, os quais colhiam a mãos ambas a água do Letes, sorvendo-a com ansiosa sede;

E que um seria guerreiro inexcedível, outro, poeta mavioso, e o restante, reis, e reis, e reis, e infinitamente reis, eis que ser rei parecia ser a ambição da maioria daquelas sombras;

E que depois do velho Anquises ter feito o relato do futuro grandioso que aguardava a cada uma daquelas almas enfastiadas da Eternidade, conduziu, enfim, Enéias e a Sibila até a grande porta de marfim do Sono, saindo ambos outra vez para a luz do Dia e da Vida, a fim de que o piedoso herói pudesse outra vez ir ao encontro de seus companheiros que o aguardavam dentro dos navios, com as proas voltadas para o mar.

Tudo isto diz o insigne Virgílio, com maior inspiração, nos versos de seu poema imortal.

JASÃO E O GIGANTE DE BRONZE

Medéia, filha do rei Eetes, da Cólquida, apaixonara-se por Jasão e, traindo os interesses do próprio pai, ajudara o herói a resgatar o Velocino de Ouro, relíquia que até então era guardada no reino. Depois que Jasão, com o auxílio de suas artes de feiticeira, venceu o dragão que guardava o Velocino, Medéia pôs-se de joelhos à sua frente e implorou:

— Oh, meu amado, leve-me, pois não poderei permanecer sob o mesmo teto de meu pai tão logo ele descubra a minha traição!

Jasão, enternecido, ergueu-a suavemente do chão; depois de envolvê-la em seus braços, lhe disse estas meigas palavras:

— Nada tema, Medéia amada! Iremos juntos para a Grécia e lá seremos felizes para sempre!

A filha de Eetes quase desmaiou de emoção diante desta promessa. *"Medéia amada... Medéia amada..."*

Estas palavras não saíram mais de sua cabeça, e a partir daí decidiu tomar partido, definitivamente, em favor de Jasão, para o que desse e viesse.

Entretanto, uma monstruosa serpente guardava o Tosão quando foram buscá-lo. Mas para Medéia serpente alguma era entrave: cantou uma canção sonífera para a fera, que em instantes adormeceu, possibilitando ao herói arrebatar do esconderijo o dourado velo e o levar a salvo para o seu navio. No mesmo instante todos partiram — inclusive Medéia, que ia feliz junto com seu amado Jasão. Diz a lenda, também, que junto dela ia seu irmão Absirto, que surgiu do nada para ajudar a sua irmã.

Importa muito, contudo, que guardemos este nome: *Absirto, irmão de Medéia.*

Durante a fuga, os dois amantes aproveitaram a oportunidade para ter a sua primeira experiência amorosa, justo em cima do dourado e cálido pelego. E tão carinhoso Jasão pareceu à apaixonada Medéia, que para ela ser acariciada pelos dedos delicados do amante ou pelos tufos compridos do velo macio foi tudo a mesma coisa: não sabia dizer quando era um e quando era o outro que percorria suas delicadas formas, arrancando de seus rubros lábios profundos suspiros de prazer.

Tudo corria bem, até que o rei Eetes surgiu no mar, em perseguição da veloz Argo, com uma nau repleta de guerreiros.

— Canalha, devolva já a relíquia e minha filha! — brada o rei, enfurecido. Medéia sabe que sua vida corre perigo; a nau inimiga aproxima-se e está prestes a abordá-los. Já vibram nas mãos dos soldados as espadas e as lanças afiadas.

Medéia, então, tem uma idéia — macabra, é verdade, mas que lhe parece a única solução para defender o seu amor: volta-se para seu irmão Absirto e lhe diz em altos brados:

— Absirto, irmão meu, você disse que veio para me proteger em qualquer circunstância. Eu pergunto agora: continua a afirmar a mesma coisa?

— Sim, minha irmã, assim disse e assim farei! — brada o irmão, com firmeza.

— Ótimo — diz-lhe Medéia, serenamente — Nada terá de fazer. Sacando, então, de suas vestes um punhal, enterra-o no coração do irmão. Gritos de espanto soam por toda a tripulação do Argo. Medéia, encarando o piloto, lhe diz com um ar feroz, que até então ninguém vira:

— Imbecil, adiante com o navio! Pretende, então, que meu irmão morra em vão?

Uma onda de pavor varre todo o convés; Medéia, de posse de um machado, pica em pedaços os membros do irmão e os lança, ainda palpitantes, para o mar.

Gravíssima pena pesa sobre todo aquele que, podendo, não dá sepultura em terra a um morto em alto-mar; assim, o rei vê-se obrigado a parar para recolher os pedaços do filho, que Medéia joga de tempos em tempos nas ondas revoltas.

— Obrigado, querido irmão... Que Prosérpina piedosa lhe acolha em sua sombria morada! — diz Medéia, dando um beijo nos lábios ensangüentados da cabeça do irmão, antes de lançá-la rodopiando para o mar.

— Oh, mulher perversa... — bradam os homens de ambos os navios. Jasão também se associa ao horror e censura asperamente a sua amante, embora só depois que todos já estão a salvo.

Mais tarde o herói esteve um longo tempo meditando sobre o caráter daquela criatura que levava consigo: afinal, estava prestes a se casar com uma mulher capaz de fazer em postas o próprio irmão!

— Fiz isto por amor a ti, meu adorado, compreende?! — disse Medéia a Jasão. — Percebe agora a imensidão do meu amor?

Por um instante chegou à barreira dos dentes do herói esta pergunta singular: "E qual seria, então, a imensidão do seu ódio, Medéia?".

Mas Jasão, além de herói, era também prudente, e por isso achou melhor calar.

Uma última aventura, no entanto, ainda estava reservada aos navegantes da maravilhosa nau; ao se aproximarem da ilha de Creta, foram advertidos por um grito de Medéia:

— Jasão, cuidado, não desembarque.

Ao longe viram surgir, então, uma figura sinistra, um monstro horrendo, todo feito de bronze, que caminhava a largos passos na direção da praia.

Talos — tal era o nome deste monstro infatigável, presente que Vulcano dera ao rei de Creta, e que estava encarregado de vigiar a ilha. Todas as noites dava três voltas inteiras ao redor da extensa muralha que cercava a cidade, de tal sorte que ninguém entrava sem sua aquiescência nem saía sem a sua permissão. E não adiantava aguardar que ele estivesse do outro lado da muralha para tentar uma fuga ou invasão, pois tão alta era esta medonha criatura que mesmo do

outro lado podia enxergar perfeitamente o que se passava no outro extremo, por cima dos muros, bastando dar um pulo para estar diante do ingênuo infrator.

Sua arma preferida eram pedregulhos, que arrancava das montanhas com notável facilidade; mas quando a situação derivava para a guerra, e uma batalha se anunciava, aí é que se podia perceber todo o engenho da sua mente metálica: tão logo o rei lhe anunciava a proximidade do conflito, o autômato diabólico ia às pressas deitar o seu imenso corpanzil sobre uma prodigiosa fogueira de carvalhos e ali permanecia estirado até que todo o seu corpo flamejasse feito uma tocha. Depois, erguendo-se como um rubro e ígneo demônio de ferro, lançava-se, então, sobre o inimigo, abraçando exércitos inteiros que chiavam esbraseados ao contato de seu peito escarlate e fumegante.

A nau Argo estava, então, ao largo da ilha quando seus tripulantes avistaram o monstro; era fácil enxergá-lo por causa da sua estatura descomunal. A cada passada sua a terra sacudia, e as árvores choviam suas folhas.

— Vejam, ele vai arremessar um rochedo! — gritou um dos tripulantes da Argo.

O pedregulho veio cair bem ao lado do braço, erguendo uma onda que quase engoliu a todos.

Medéia, entretanto, chamou a si mais uma vez a tarefa de salvar seu amado Jasão: ajoelhada, orou a Hécate, deusa infernal, pedindo seu auxílio; num instante surgiram das profundezas da terra imensos cães da cor da noite, que passaram a atacar Talos.

Este monstro prodigioso tinha, no entanto, um ponto fraco: a exemplo de Aquiles, tinha um calcanhar vulnerável, dotado de um pino de bronze que lhe fechava uma veia essencial. Um dos cães deu uma mordida valente, arrancando o pino, e logo o monstro começou a esvair-se em sangue, até cair desconjuntado sobre a terra num fragor espantoso. Mais uma vez, Jasão devia a sua vida àquela mulher perversamente fabulosa.

E assim acabaram as aventuras dos Argonautas: enquanto os outros se dispersaram por todas as partes, Jasão e Medéia seguiram para Iolco, na Tessália, onde os aguardava seu tio Pélias, o rei que incumbira Jasão de trazer o Velocino.

Jasão imaginava que ao restituir o Tosão ao rei veria-se investido na condição de rei da sua terra, pois tal fora a promessa que lhe fizera o tio. Mas Pélias era um homem perverso, e durante a ausência do herói havia obrigado seu pai a se matar, enquanto sua mãe morrera de desgosto.

Pélias usurpara o poder e não pretendia devolvê-lo de maneira alguma.

— Pegue esta louca e desapareçam os dois da minha frente antes que eu mande esquartejá-los! — declarara brutalmente ao herói do Velocino.

A partir daí o exagero da lenda cede passo à crua realidade: Jasão, que havia derrotado gigantes de seis braços, as iradas Harpias, rochedos movediços, touros cuspidores de fogo, sereias ardilosas, exércitos de gigantes brotados dos dentes de um dragão, o próprio dragão e um gigante de bronze não foi, contudo, capaz de enfrentar um inimigo bem mais prosaico, porém infinitamente mais real: a tirania de um rei cruel e impiedoso.

OS FURORES DE MEDÉIA

A princesa Medéia, após ter salvo seu amado Jasão dos perigos da temível expedição dos Argonautas, estava agora diante de um novo dilema: Jasão, seu amado herói, fora expulso de sua terra natal por seu perverso tio, o rei Pélias, o qual se recusara a lhe ceder o trono.

Jasão, sem meios de fazer valer o seu direito, dissera, cabisbaixo, à amante:

— Deixe estar, Medéia, os deuses assim decidiram. É melhor que partamos juntos para Corinto, pois aqui nossa vida estará sob risco constante.

Quem viu o Jasão da época dos Argonautas enfrentar todos os perigos estranhará que essas palavras melífluas tenham saído tão facilmente da mesma boca. Mas assim foi. De fato, a partir da chegada à sua terra natal, o herói parece abandonar seu antigo caráter para adquirir um outro, em tudo mais mesquinho que o anterior.

— Faremos como você quiser! — disse-lhe Medéia, disposta a seguir Jasão para onde quer que o destino os empurrasse.

Mas antes que partissem, Medéia deu um jeito de vingar-se de uma maneira verdadeiramente pavorosa do tirânico rei que os expulsara — pois é preciso que se diga que apesar de ser capaz das maiores abnegações em nome do seu amor, Medéia também era capaz das piores vilanias para proteger ou vingar o seu amado herói. Assim fora, por exemplo, quando fizera em pedaços o próprio irmão, para retardar a perseguição de seu odioso pai.

Medéia apresentou-se, então, diante das filhas de Pélias, para fazer-lhes uma pequena oferta.

— Queridas meninas, antes de partir quero mostrar-lhes uma coisa — disse ela com o ar mais doce deste mundo. — Estão vendo este velho cordeiro?

Medéia tomou um machado e abateu o carneiro diante dos seus olhos.

— Cuidado, irmãs! — disse uma das filhas do velho rei. — Esta mulher é uma temível feiticeira, versada nas artes de Hécate!

— Acalme-se, jovem princesa — disse Medéia com um sorriso reconfortante. A feiticeira, então, cortou em pedaços o carneiro e colocou suas partes dentro de uma caldeira que trouxera consigo. Depois de ter espalhado ao redor do recipiente algumas libações de leite e vinho, colocou dentro as entranhas de corujas, morcegos e outros animais mortos, e o bico de um

corvo, que segundo a crença resiste a nove gerações humanas. Em seguida mexeu tudo com um galho seco de oliveira, espargindo ervas mágicas e fazendo uma série de invocações extravagantes a Hebe, deusa da juventude, a Hécate, deusa infernal, e a Prosérpina, sinistra esposa de Plutão.

Passados alguns instantes a panela da feiticeira começou a corcovear debaixo do fogo. As filhas de Pélias recuaram assustadas.

— O que é isto? — exclamou a mais medrosa.

— A Vida, minhas amiguinhas — respondeu Medéia, ainda em transe. -A Vida, simplesmente...

Então de dentro da caldeira de Medéia pulou um cordeiro muito novo, quase um recém-nascido, que saiu a cabriolar por toda parte.

— Viram? — disse Medéia, amavelmente. — Nada mais simples.

As irmãs entreolharam-se. Que mágica maravilhosa ela tinha em suas mãos!

— Você poderia fazer isto... com um ser humano? — perguntou uma das filhas de Pélias.

— Sim, minhas queridas — respondeu a feiticeira. — É justamente por isto que lhes fiz esta demonstração. Bem sei que o pai de vocês já está bastante velho, e talvez vocês gostassem de vê-lo jovem e forte outra vez.

As irmãs, infelizmente, não foram inteligentes o bastante para desconfiar daquela estranha oferta, vinda de uma mulher que acabava de ser expulsa do reino por uma ordem expressa do próprio rei.

— Está bem, queremos sim, o que devemos fazer? — disse logo a mais ingênua delas.

— Tudo o que deverão fazer é picar o pai de vocês e trazer os pedaços até mim.

— Oh, jamais poderíamos fazê-lo!

— Por que não? Não querem que eles esteja jovem e robusto outra vez?

— Sim, sim, queremos...

— Então mãos à obra, suas bobinhas!

As filhas foram, então, até o quarto do pai; era noite, e elas haviam tomado antes o cuidado de dar um sonífero ao velho Pélias. O rei ressonava de boca aberta. Ao vê-lo de perto, contudo, vacilaram.

— Vamos, suas tolas, o que esperam? — disse Medéia ao lado delas.

— Não temos coragem! — disse uma.

— Ora, vejam em que estado lamentável ele já se encontra! — disse Medéia, aproximando uma vela do rosto do idoso Pélias.

De fato, a expressão do rei era perfeitamente lamentável: Pélias era um velho de feições chupadas, com a boca deserta de dentes os cabelos ralos e brancos.

— O pai de vocês está um caco — disse a feiticeira, com uma careta de repulsa. — Querem vê-lo definhar ainda mais a cada dia?

As irmãs, após terem observado as feições gastas do rei, se resolveram, afinal:

— Está bem, vamos lá! — disse uma delas, virando o rosto para o lado e vibrando um punhal na carcaça gasta sobre a cama.

As outras, voltando o rosto, também fizeram o mesmo, e logo Pélias, rei de Iolcos, estava morto.

— Agora cortem-no em pedaços — disse Medéia sombriamente.

As irmãs encontraram muita dificuldade em serrar os membros do próprio pai.

— Vamos, ele nada sente! — disse Medéia, descendo um machado sobre o pescoço do velho rei.

Depois de recolhidos os pedaços, foram lançados todos à caldeira de Medéia.

— Agora vão trocar as suas roupas — disse Medéia, enquanto mexia a mistura. — Depois descansem um pouco, enquanto termino isto.

As irmãs foram lavar o sangue do próprio pai, que ainda permanecia aderido aos seus cabelos. Mas quando voltaram encontraram o quarto vazio.

— Onde está a feiticeira? — disse uma das irmãs, desconfiada. Outra correu logo, atarantada, para o tripé, onde o fogo ainda ardia. Dentro da caldeira restavam apenas os ossos do velho Pélias, a borbulharem em meio à horrenda mistura. E do meio deles surgiu à tona, de repente, a caveira amarelada do velho rei: um sorriso — ainda desdentado — errava em sua ossuda face.

Todas — menos a que havia desmaiado — correram logo para a janela a tempo de verem Medéia, montada num carro puxado por serpentes aladas, afastar-se em direção à lua.

— Maldita! — bradou uma das filhas. — O que significa isto? Apesar de afastada, a voz esganiçada de Medéia ainda se fez ouvir:

— A Morte, minhas amiguinhas. A Morte, simplesmente...

Jasão e Medéia chegaram, depois da terrível vingança, a Corinto.

Medéia, exilada e longe de sua pátria — onde poderia ser ainda a filha do rei, com todo o conforto que isto acarretava -, ainda assim sentia-se feliz: vivia com o homem que amava e de quebra ainda ganhara dois lindos filhos deste amor. Mas foi justamente nessa ocasião que o caráter vil de seu esposo resolveu finalmente se manifestar.

Tendo Jasão recebido uma oferta irrecusável do rei de Corinto para que se casasse com sua filha, desde que repudiasse Medéia, não hesitou o crápula em aceitar integralmente os termos do vil acordo.

— Você não pode fazer isto! — lhe disse Medéia, traída em sua honra. — Não vê que é um ato monstruoso?

— Ato monstruoso? — respondeu Jasão, com um sorriso de mofa. — E não será monstruoso cortar em fatias o próprio irmão?

Medéia lançou-se de unhas afiadas para cima dele, que empalideceu, confundindo-se com a parede caiada às suas costas.

— Maldito vilão! Por que insiste em me jogar às faces um ato extremo que cometi apenas para salvá-lo das garras funestas de meu pai?

— Realmente, você é um anjo... — disse Jasão, com um sorriso amarelo cercado de arranhões escarlates. — O fato é que não há mais discussões acerca disto: você deverá deixar este reino junto com os seus dois garotos. É uma exigência do rei.

— *Meus* dois filhos? — rugiu Medéia, descabelada.

— Sim, eles poderiam futuramente reivindicar a posse da coroa — disse Jasão, abaixando os olhos.

— Você não vale nada, mesmo! Como pude me enganar? Por sua culpa atraí a inimizade de meu pai e de minha família!

— Ora, retorne para lá e viva eternamente com aquele bando de loucos naquele país atrasado! Você é ingrata, mesmo! Tirei-a daquele país miserável, dei-lhe filhos e posição, o que esperava mais? Mas agora acabou, tenho de seguir em frente: um reino está sendo posto em minhas mãos, compreenda!

— E por que não lutou pelo seu próprio reino, covarde? Por que não se vingou do assassino que matou seus próprios pais? Será que sua nova mulherzinha saberá defendê-lo das lacraias e escorpiões que andam pelo palácio?

Jasão fez menção de esbofetear a mulher, mas ao ver os olhos raiados de sangue e a boca espumante da esposa, pensou duas vezes e susteve a mão.

— Cale a boca e desapareça da minha frente; tem até amanhã para sair deste reino com os dois moleques.

— Canalha! Você sabe que uma mulher sozinha com dois filhos não tem meios de sobreviver em qualquer lugar de toda a Grécia!

Jasão, então, sacou da túnica uma bolsa de veludo, como se relutasse em se desfazer daquele último e pesado argumento.

— Tome, aqui está! — disse ele, lançando a bolsa aos pés de Medéia. — É ouro — mais ouro que o seu pai sovina daria a você em toda a sua vida! — para que você possa recomeçar a vida em qualquer parte da Grécia.

Medéia, muda de asco, abriu a porta para que Jasão saísse.

Antes de transpor a porta, porém, ele deu uma última olhadela na bolsa. Sim, lá estava ela, solitária, caída ao chão; algumas moedas douradas brilhavam sobre o piso do mármore, como se fossem benesses douradas a escorrerem da boca de uma macia cornucópia de veludo. — Não vai querer mesmo o ouro...? -disse ele, fazendo menção de voltar.

Medéia bateu a porta na sua cara.

No mesmo dia Medéia trancou-se em seu quarto. Uma terrível decisão maturara durante a noite em sua mente. Ela estava perdida, desgraçada para sempre. Ela e seus filhos. Mas o desgraçado não ficaria em melhor estado, pensou a feiticeira.

Sim, Medéia voltara a ser a feiticeira. Tirando de sua arca um belíssimo vestido, embebeu-o em ervas mefíticas e mandou que seus filhos o levassem até à noiva, no palácio.

— Não esqueçam: digam que é um presente de uma súdita e admiradora -disse Medéia aos dois filhos. — E atenção: só saiam de lá quando ela o tiver provado.

Os garotos cumpriram a missão com muito gosto; algo em suas núbeis naturezas já se regalava com o gosto da vingança.

Creúsa, a filha do rei de Corinto, recebeu o presente e de nada desconfiou. Como poderia desconfiar de um presente trazido por duas crianças tão encantadoras?

— Vocês dois são muito queridos! — disse Creúsa. abaixando-se até eles. Os dois garotos sorriram, deliciados: seus olhos apertaram-se de gozo, enquanto ofereciam cada qual as suas duas bochechas escarlates para o beijo da princesa.

— É o presente de uma *súbita* admiradora... — disseram ambos, sorridentes. No mesmo instante Creúsa vestiu o maravilhoso vestido.

— Vejam só que corte, que maravilhoso caimento! — disse a aia da princesa. Os dois garotos ergueram as cabeças e sorriram novamente, sacudindo com orgulho as suas bochechas.

Neste exato momento, no entanto, as vestes de Creúsa começaram a arder em seu próprio corpo. Uma flama ardente subiu desde a cauda e veio avançando até envolver a princesa numa labareda única. Aos gritos, ela saiu por todo o palácio e acabou não só por morrer, como por espalhar o incêndio pelo palácio inteiro, matando a todos, inclusive o próprio rei que lá estava.

Medéia, então, após receber a feliz notícia, aproximou-se dos dois filhos e lhes disse, com lágrimas nos olhos:

— Vocês dois foram perfeitos! Por isso, receberão o prêmio maior de um mortal.

Infelizmente ela sabia que jamais teria como criar os dois em segurança, e sua decisão já estava tomada. Deu-lhes assim um suco cheio de ervas soníferas e venenosas, de modo que num instante os dois estavam adormecidos para sempre.

Medéia acariciou-os, dando um beijo em cada um e dizendo com a voz petrificada pela dor:

— Não, não...! Jamais permitiria que fossem vilipendiados ou mortos pela mão de meus inimigos! Para onde vão, estarão seguros, ninguém jamais os magoará nem tirará sangrenta desforra de seus corpos! Sim, se eu lhes dei a vida, então que seja a minha mão, e não outra, a retirá-la.

Depois de consumado o terrível ato, Medéia subiu novamente, depois de tanto tempo, em seu carro puxado por aladas serpentes e fugiu pelos céus da tormentosa noite. Na mesma noite chegou ao reino de Plutão, levando pela mão as sombras dos dois garotos. A esposa do rei subterrâneo os recebeu alegremente.

— Deixo com você, Prosérpina, meus dois tesouros; sei que aqui estarão em segurança — disse Medéia à rainha infernal.

— Oh, que lindinhos! — disse Prosérpina, enquanto os dois estendiam suas bochechas. Ambos traziam no rosto aquele mesmo sorriso cerzido de sempre e pareciam bem contentes de estarem dispensados dos trabalhos e horrores deste mundo.

Medéia partiu, então, e ainda viveu muitas outras coisas — terríveis, na sua maioria, pois um negro fado a perseguia. Quanto a Jasão, desde então, levou uma vida errante e desgraçada. Um dia, bêbado e alquebrado, foi descansar numa praia deserta, ao abrigo dos restos da nau Argo, aquela mesma que o conduzira à aventura do Tosão de Ouro. De repente uma viga caiu do alto e rachou sua cabeça, matando na mesma hora o ex-herói.

ULISSES E POLIFEMO

— Muito bem, Ulisses, e agora? — disse-me Agamenon, chefe das forças gregas, logo após o saque sangrento da cidade de Tróia.

A guerra havia terminado e os troianos haviam sido completamente derrotados. Fora eu, aliás, quem dera a Agamenon a idéia do cavalo de madeira para a invasão de Tróia. Uma idéia nada má, como se viu. Mas tudo isto agora já era passado e chegara a hora de cada qual retornar para a sua casa.

— Quanto a mim, sigo para Itaca, onde minha esposa Penélope me aguarda — falei ao comandante, embarcando em meus navios repletos de despojos.

— É o que também farei — disse-me Agamenon, esperançoso. — Tenho a certeza de que minha esposa Clitemnestra também aguarda, ansiosa, a minha volta.

Agamenon estava enganado: Clitemnestra não aguardava ansiosamente a sua volta, pois havia arranjado um amante durante a guerra, o cruel Egisto, junto de quem tramava já a sua morte. Quanto a mim, um destino parecido me esperava, pois os deuses haviam decretado que minha viagem de retorno seria muito longa, e que neste período minha adorada Penélope seria alvo do assédio de uma turba de pretendentes cruéis e arrogantes.

Após a partida de Tróia, cheguei a Ismarus, onde me vi envolvido de cara em uma escaramuça com os habitantes, perdendo seis de meus homens. Depois desta parada desastrada, fui aportar na terra dos Lotófagos. Ali, após ter mandado um grupo de investigadores em terra, vi-me obrigado a ir em seu encalço e trazê-los à força de volta para as naus, pois tendo comido do lótus mágico foram todos acometidos por um desejo intenso de permanecer para sempre naquela ilha.

— Por Júpiter, o que mais ainda... ? — disse eu, olhando para os céus. "Há mais, muito mais, ainda, filho de Laertes", pareciam me dizer os fados. Depois de navegar por alguns dias, avistei, afinal, um conjunto de ilhas.

— Será prudente aportarmos? — disse um de meus homens. — Se não me engano, esta é a famosa ilha dos Ciclopes.

— Prudente ou não, estamos sem água ou comida — respondi secamente. -Apesar de serem arredios, creio que não nos farão mal algum.

Na verdade eu estava ávido por conhecer os famosos Ciclopes, raça de gigantes que vivia na outra parte da ilha, afastada de todo o convívio humano.

Durante todo o dia estivemos caçando e observando as longas espirais de fumaça que subiam das suas cavernas; ao cair da noite, entretanto, decidi fazer uma visita à ilha, levando somente alguns de meus homens.

— Pode ser que nos presenteiem com algo valioso — falei aos marinheiros que ficaram cuidando dos barcos.

A lua estava oculta atrás das nuvens e uma pesada névoa envolvia o barco quando encostamos na praia. Afastada das outras cavernas havia uma, que era a residência de Polifemo — gigante de altura descomunal, com um único olho localizado no meio da testa. Este ser hediondo passava o dia inteiro a pastorear o seu rebanho de cabras e ao cair da noite retirava-se para o interior da caverna, onde gastava o resto do tempo tirando o leite dos animais e

armazenando o queijo e a coalhada em tachos imensos. Devia ser — como de fato se comprovou mais tarde — o espécime mais detestável e arrogante de toda aquela raça miserável, visto os seus próprios pares não lhe suportarem a presença. Difícil acreditar que aquele ser repugnante pudesse ser filho do grande Netuno, deus dos mares.

O PONTO DE VISTA DE POLIFEMO:

Deixem que lhes diga uma coisa: o relato que este solerte ladrão fez de nosso encontro ao rei Alcínoo, no país dos Feácios, é ignobilmente falso! Também, o que esperar de um sujeito cuja vida inteira é um tecido de mentiras? Meu pai é o grande Netuno, sim, e sou um digno filho dele. Agora vejamos: este trapaceiro é filho de quem? Será mesmo do velho Laertes, como dizem por aí? Não, todos sabem que ele é filho dos amores clandestinos do grande pilantra Sísifo, que uma noite antes do casamento do pobre Laertes deu um jeito de meter-se debaixo das cobertas do leito da bela noiva. Aí está! E sabem quem era o pai de Sísifo? Ninguém menos que Mercúrio, pai dos ladrões e embusteiros. E isto não é tudo: por parte da mãe, é neto ainda de Autólico, "o mais ardiloso dos homens", segundo a voz corrente. Que tal esta? Filho de um pilantra e neto de dois ladinos. Na verdade, Ulisses não passa de um crápula; todos aqueles que tiveram a infelicidade de cruzar o seu caminho tiveram motivo de sobra para lamentar este funesto encontro — eu que o diga! Que dizer, por exemplo, de um homem que fez o que ele fez com Palamedes, seu companheiro de armas na cruenta guerra, a troco de uma mesquinha vingança? A história vale a pena, e dará bem a medida deste homem vil. Diz-se que Ulisses ardiloso se inimizou com Palamedes e escreveu uma carta falsa e incriminatória no nome deste último, onde se lia: "Muito bem, troianos, estou com vocês, é só me darem o ouro e entrego o jogo!". Além disso, mandou esconder sob o leito do desgraçado inocente um monte de moedas, cunhadas com a efígie de Príamo, rei troiano, inimicíssimo dos gregos, o que levou Palamedes — inocente até a raiz dos cabelos — a sofrer a ignóbil morte por apedrejamento. E que tal lhes parece agora o caráter deste patife? Agora, quanto ao fato de eu não fazer visitas nem receber ninguém em minha casa, isto não quer dizer nada, é apenas um hábito pessoal, e cada qual tem o direito de viver como quiser. Na verdade isto foi fruto de um acordo selado e dedado por todos: nenhum de meus vizinhos me visitaria a partir de tal data e eu retribuiria suas hospitaleiras ausências não indo também hospitaleiramente visitá-los. Não é este um requinte extremo de civilidade, que só criaturas nobres como eu, filho de um deus, podem se dar ao luxo de praticar? O fato é que desde então vivemos todos na santa paz — isto é, vivíamos, até a chegada deste vilão de má estirpe à nossa ilha. E agora, por favor, ouçam o resto do relato com um pouco mais de precaução, enquanto vou trocar a atadura do meu pobre olho — oh, meu pobre e único olho, inútil para todo o sempre!

Junto com os poucos homens que trouxera comigo, aproximei-me da caverna onde morava a criatura. Polifemo ainda não havia retornado de suas lides pastoris, e por isso resolvemos adentrar o seu covil. Embora fosse uma enorme caverna, ainda assim estava quase

intransitável, atrolhada de baldes, tarros e cubas enormes transbordantes de leite, queijo, requeijão e coalhada. Nos servimos à vontade desses produtos — há muito tempo não os saboreávamos —, até que um de meus homens prudentemente me disse, com as barbas respingadas pelo mosto:

— Vamos embora, Ulisses, antes que o temível monstro retorne.

Mas eu estava decidido a travar relações com a criatura e arrancar dela, quem sabe, algum presente digno de nota. Por isto, recusei o pedido e dei ordem expressa — bem funesta, agora reconheço — para que ninguém tornasse atrás.

De repente escutamos o balir das cabras se aproximar da entrada da caverna. Era ele, Polifemo, que retornava com os animais. Corremos a nos esconder num canto da caverna, enquanto o rebanho das cabras entrava pela abertura da entrada.

A primeira coisa que o gigante fez ao entrar foi rolar um pedregulho imenso, que nem o próprio Hércules poderia arrastar, até a entrada da caverna, vedando-a completamente. Logo depois acendeu uma grande fogueira, que iluminou a gruta por inteiro, e foi sentar-se para fazer a sua refeição.

— Ugh! — fez a fera, alisando o estômago. — Queijo e leite outra vez... Com uma das mãos tomou, então, um queijo enorme e o abocanhou inteiro, mastigando-o com seus dentes amarelos e pontiagudos. Depois tomou um jarro do tamanho de uma torre e verteu para dentro do estômago todo o seu conteúdo.

Ao depositar no chão o imenso jarro, entretanto, nos descobriu agachados ao canto. Suas feições permaneceram quase impassíveis, a não ser pelo fato do seu único olho, raiado de sangue, ter-se arregalado mais um pouco.

— Quem são vocês, pequenos estranhos, e o que querem em minha casa? -perguntou com sua voz que era quase um ronco.

Mas não havia entonação alguma de ameaça nela, o que me permitiu responder em tom ameno:

— Somos aqueus, da grande nação grega, ó Polifemo poderoso! Retornamos de Tróia sagrada, onde demos o exemplo de nosso valor, destruindo a cidade até os alicerces e castigando seus habitantes, coniventes que foram com a quebra ignóbil das sagradas leis da hospitalidade.

Regozijei-me todo por ter trazido à baila aquele assunto; ciente de que não

tolerávamos infrações ao mais sagrado de todos os deveres, o da hospitalidade, pensaria o monstro duas vezes — assim eu imaginava, ingenuamente — antes de nos tratar com violência.

— Continue — roncou a fera, permanecendo impassível.

— No caminho de volta, contudo, nos extraviamos de nossa frota — prossegui, usando sempre de escolhidos termos -, de modo que aqui estamos, delicado e generoso anfitrião, para

rogar, em nome de Júpiter hospitaleiro, que nos acolha gentilmente, como se deve acolher a todo suplicante.

— E onde estão os seus barcos, homem dos mil adjetivos?

— Nossas naus afundaram — respondi sem pestanejar, regozijando-me outra vez pela engenhosidade da resposta pronta. — Somente restamos estes que aqui estão, nus e mal alimentados, dependentes em tudo da sua generosidade.

Depois de ter-lhe lembrado o seu dever, quis ainda me mostrar humilde diante do poder que ele detinha e por isto acrescentei estas formosas palavras:

— Polifemo, filho de Netuno, não há de lhe ser estranha, pois, a hospitalidade, eis que você é sobrinho de Júpiter, o próprio deus que a impõe como um dever. Mas certo estou, contudo, de que sendo nobre como é, bastará que você faça uso de seu caráter gentil e natural para que nos permita partir da sua aprazível morada com um pouco de alimento e algum outro presente que ainda, por bonomia, nos queira ofertar.

Polifemo, a menos formosa das criaturas, respondeu esticando um de seus poderosos braços, agarrando dois de meus homens pelas pernas. Depois de girá-los duas vezes no ar, arremessou-os de encontro à parede, esborrachando seus crânios e matando-os instantaneamente.

Polifemo, no entanto, sem se abalar com nada, partiu-os em pedaços, com os próprios dentes, e comeu-os tranqüilamente, ao mesmo tempo em que tirava longos goles do seu leite para ajudar a descer os ossos mal mastigados de nossos companheiros. Depois de ter praticado este ato repugnante, o monstro estirou-se todo, entre as cabras, e ajeitou-se para dormir, sem ligar a mínima para o restante de nós, que estávamos de joelhos suplicando a Júpiter que nos livrasse daquela enrascada.

Para descrédito e infâmia eterna deste monstro abjeto, devo dizer ainda que ele caiu imediatamente em um sono profundo, tão logo pôs a cabeça sobre o musculoso braço, acordando somente na manhã seguinte, quando fatos semelhantes aos daquela pavorosa noite se repetiram, renovando o horror em nossas almas.

O PONTO DE VISTA DE POLIFEMO:

Se é verdade o que este pérfido saqueador afirma? Sim, claro, é verdade. Eu comi, de fato, vários daqueles bucaneiros malditos — e os teria comido todos, caso não tivesse sido tão descuidado — ó imbecil que sou! Sim, o fato é verdadeiro, mas não a versão unilateral e mesquinhamente humana que o pirata grego apresenta. Vejam, vocês, imparcialmente, como são as coisas: eu, Polifemo, pela vontade dos deuses, nasci antropófago. É a minha natureza, compreendem? Todo ser deve se prover daquele alimento que lhe é específico; no meu caso, este alimento é a carne humana. Assim como uma cobra se alimenta de ratos, um cavalo, de pasto, e um tamanduá, de formigas,

eu me alimento, preferencialmente — como naquele, até então, abençoado dia — de carne humana. Enganados, no entanto, pelo discurso hipócrita daquele saqueador barato, todos passam a ver este prosaico ato da gastronomia ciclópica como um feito horrendo e infamante. Infame, senhores, é invadir-se a casa de alguém durante a noite — alguém que se sabe, de antemão, que abomina visitas! —, consumir-se o seu queijo e o seu leite, sem a sua expressa permissão, e ainda querer ser recompensado por isto com mimos e presentes. Quanto ao fato de haver dormido logo em seguida ao saboroso repasto, é claro que dormi — como dormem todos os gregos barrigudos (ou julgam, porventura, que são todos esbeltos como Apolo ?) depois de comerem um boi inteiro a cada refeição. Se duvidam, peguem aquele relato sujo, A Ilíada, *e contem quantas vezes aqueles selvagens comedores de bois se sentam, nos intervalos de suas matanças repulsivas, para se empanturrar de carne bovina e ainda fazer oferendas aos deuses com seus restos, sem demonstrar piedade alguma para com os pobres animais.*

Nem bem o dia amanhecera, quando vimos o gigante cruel erguer-se das palhas, fazer um gargarejo com um gole de leite e ir a um canto para expulsar os dejetos do dia anterior. Trêmulos de horror, ainda assim nos foi impossível deixar de imaginar que os restos de nossos antigos companheiros estavam naquele instante sendo restituídos ao mundo de maneira tão vil e repugnante. "Oh, se eles pudessem imaginar, no dia anterior, o negro destino que os aguardava!", dizíamos uns aos outros, mal podendo suportar os odores infectos que se espalhavam por toda a caverna.

Nem bem o monstrengo havia acabado de desobrigar o seu ventre monstruoso, quando o vimos caminhar rapidamente em nossa direção. Depois de abaixar um pouco sua carantonha horrenda até nós e nos estudar detidamente, um por um, com seu meticuloso olho, agarrou mais dois dos nossos e os esmagou entre os próprios dedos.

Outra vez gritos pavorosos ecoaram por toda a caverna, acordando as cabras, que se puseram a gritar junto conosco.

Depois de ter arrastado a pedra gigantesca com ridícula facilidade, o pérfido monstrengo levou as cabras para fora, repetindo pela milésima vez aquela que devia ser a sua rotina mansa de todos os dias.

Livres daquela presença diabólica, demos larga, então, à nossa revolta:

— Basta, temos de dar um fim neste canalha! — gritou um dos sobreviventes.

— Isto mesmo, vamos matar o miserável! — clamou outro, vesgo de ódio. Minha opinião era igual à deles; só que em vez de ficar maldizendo, fui procurar logo os meios de levar a cabo a sangrenta desforra.

Encontrei, então, encostado a um canto da caverna o longo cajado do Ciclope; era uma vara verde de oliveira, espessa como um carvalho.

— Vamos, ajudem-me aqui! — gritei aos demais.

Juntos, arrastamo-la até o borralho da fogueira, que ainda ardia sob as cinzas.

— Antes de levarmos ao fogo, companheiros, vamos desbastar a ponta! -ordenei, com decisão.

Consumimos quase o dia todo a afiar a ponta, até que ela ficou quase perfeita. Depois de tê-la endurecido sob o fogo, a guardamos debaixo do estrume, único lugar, por certo, em que o gigante deixaria de procurar em toda a caverna.

Quase no final do dia o monstro retornou, cumprindo a mesma rotina de sempre: tangeu as cabras para dentro da caverna, retirou o leite, comeu dois dos nossos e preparou-se para dormir. Antes, porém, que o fizesse, aproximei-me dele com um copo cheio do rútilo vinho que havíamos trazido, dizendo:

— Toma, Polifemo, prova deste licor saboroso que trouxemos de nossa terra; servirá como excelente acompanhamento para a carne humana que devoraste tão sem piedade.

Ele saboreou o vinho, dando mostras de que jamais havia provado bebida tão deliciosa.

— Dê-me mais desta delícia — disse o Ciclope, enxugando a boca — e me diga o seu nome, estrangeiro.

— Meu nome é Ninguém — respondi, com presteza. — Assim me chamam todos aqueles que me conhecem.

— Então, Ninguém, por ter me ofertado este vinho saboroso, você será devorado por último; tal será a recompensa que vai obter de minha hospitalidade.

Não saberia dizer se suas palavras eram produto do seu senso de humor perverso ou se estava mesmo tentando ser gentil, lá à sua maneira primitiva.

Não, pensando bem, aquela fera era incapaz de qualquer sentimento próximo da generosidade; ele debochava, simplesmente, mas logo iria pagar bem caro por suas gracinhas.

Depois de ter tomado todo o nosso vinho, o maldito gigante tombou a cabeça para trás e caiu sobre os pelegos. Mal havia fechado os olhos e começou a expedir o seu ronco bestial; de sua boca entreaberta escorria um vômito pútrido, mistura de vinho, leite e pedaços maldigeridos de carne humana.

Aproveitamos, então, que o gigante adormecera para retirar do esconderijo a estaca afiada. Silenciosamente a arrastamos até a fogueira, que ainda ardia com força, e ali a deixamos até que o fogo deixou a extremidade pontiaguda rubra de calor, a ponto de quase inflamar-se.

— Agora, todos juntos! — falei, inspirando coragem nos meus camaradas. Com a estaca erguida, cravamos, então, o instrumento com toda a força no olho do Ciclope, que estava entreaberto. Enquanto três dos nossos ajudavam a manter o instrumento fixo no redondo olho,

eu, do alto, fazia-o girar, como um carpinteiro faz ao furar uma prancha do navio. O olho do gigante silvava, e um mar de sangue, misturado às lágrimas copiosas que desciam dele, evaporava quase no mesmo instante, devido ao fortíssimo calor do toro incandescido.

— Corram todos! — exclamei, pulando para o chão tão logo a criatura bestial lançou o seu horroroso grito de dor.

A caverna inteira reboou, como se um trovão tivesse explodido no seu interior. A fera, erguendo-se num salto, pôs-se a berrar em desespero pelos seus confrades:

— Socorro, amigos, socorro!

Num instante os outros Ciclopes estavam ajuntados do lado de fora da caverna.

— O que foi, Polifemo, quem o está atacando? — gritaram, assustados.

— Ninguém! Ninguém! — bradou Polifemo, com a mão espalmada sobre o olho ensangüentado. — Ninguém está me atacando!

— Ora, se ninguém o ataca, então você está certamente sonhando! — disse um dos Ciclopes, e logo todos retornaram para suas cavernas.

Polifemo saiu tateando até a entrada da caverna e, após arrastar o tremendo pedregulho, ficou sentado, de sentinela, para que nenhum de nós pudesse escapar.

Após pensar muito em como faríamos para escapar daquela terrível sentinela, cheguei a bolar o seguinte plano, que me pareceu nada menos que perfeito: cada qual de nós sairia agarrado ao ventre de uma ovelha, cercado por outras duas.

E assim foi feito: quando a Aurora surgiu, colorindo a entrada da caverna de uma luz rosada — espetáculo que o infeliz monstrengo nunca mais poderia avistar -, partimos em direção à saída. Polifemo, torturado por dores excruciantes, passava a mão pelas costas lanosas das reses, sem perceber que íamos agarrados ao ventre das ovelhas do meio. Quando nos vimos do lado de fora da nossa funesta prisão, demos graça aos deuses e corremos com quantas pernas tínhamos para o nosso barco, que graças a Netuno ainda estava ancorado no mesmo lugar.

Num pulo pusemo-nos para dentro da embarcação e já íamos nos fazendo ao mar quando tive a infeliz idéia de tripudiar do gigante derrotado:

— E aí, criatura desgraçada, aprendeu a lição? — gritei, logo após a linha da arrebentação. — Isto é para você aprender a nunca mais infringir as sagradas leis da hospitalidade, devorando os seus hóspedes como fez tão cruelmente conosco.

A resposta de Polifemo foi agarrar uma rocha e arremessá-la em nossa direção, que descobriu graças à minha voz impertinente. A pedra foi cair bem ao lado de nosso barco, erguendo uma onda gigantesca que quase nos engoliu.

Meus companheiros, aterrados, não cessavam de me censurar a arrogância.

— Por que provocar desta forma a ira daquele monstro? — disse um deles, lutando para manter o remo dentro da água revolta.

Surdo, no entanto, às suas advertências, ergui novamente a minha voz em direção à praia, cego pela afronta feita a mim e a meus companheiros mortos.

— Quando alguém perguntar quem foi que cegou o seu olho, não esqueça, Polifemo maldito, de dizer que foi Ulisses, rei de ítaca!

— Deixa estar, saqueador maldito! — respondeu o Ciclope, enfurecido. — Tão logo este tal de Alguém pise aqui, farei com que conheça a força de minha ira!

Depois, voltando para o mar o olho vazado e repleto de remela, clamou a Netuno, seu pai divino:

— Ó Netuno, senhor das profundezas marítimas, se tem amor por seu filho Polifemo, que aqui clama por vingança, faz com que este perverso Ulisses receba o justo castigo por seus atos infames e que não chegue jamais à sua casa, ou, caso chegue, que encontre lá tamanha confusão que lamentará, por fim, o próprio dia da chegada!

Graças a esta maldição proferida pelo perverso Polifemo, tive de enfrentar, de fato, muitas tribulações até o meu retorno, perdendo no caminho todos os meus companheiros e chegando à minha pátria apenas com a roupa do corpo.

O PONTO DE VISTA DE POLIFEMO:

Muito bem, aí está o vilão em toda a sua vileza! Não satisfeito em me infligir cruel castigo, desce ainda ao tripudio, último argumento dos patifes! O problema deste pirata, como o de todos os da sua perversa laia, é que são simplesmente incapazes de ver as coisas senão de um único ângulo: o da sua estrita conveniência. Vejam, por exemplo, a maneira simplista pela qual se desvencilha, num de seus raros momentos de lucidez e isenção, de um argumento que me poderia ser sobremaneira favorável, poupando-me, quem sabe, da sua vingança torpe. Apenas por um brevíssimo instante foi capaz de enxergar o lado gentil de minha natureza, quando lhe afirmei que deixaria para comê-lo por último, em retribuição ao seu gesto de ter-me ofertado o saboroso vinho. Vejam, um prisioneiro que está na aflitiva situação de ser devorado vivo (sim, aflitiva, reconheço, pois sou perfeitamente capaz de enxergar todos os ângulos de uma situação!) deveria ao menos ser grato pela oportunidade que lhe dei de ter mais alguns instantes de vida do que os outros. E pouco, dirão. Admito; mas quem disse que minhas gentilezas acabariam por aí? Quem cede um pouco, cede mais além; o cruel vilão deveria saber perfeitamente disto. Mas a sua natureza implacável desconhece a soberana e divina arte da compaixão. Sim, quem foi capaz de atrair por meio de um torpe estratagema uma jovem virgem e indefesa para a armadilha de um sacrifício sórdido, como ele fez em Aulis com a infeliz Ifigênia, não tem mesmo um pingo de compaixão na alma! E por que não me matou logo de uma vez, como fiz piedosamente com seus colegas de rapinagem, em vez de me condenar a uma vida votada à mais negra escuridão? (Oh, nunca mais poder enxergar a lã branquinha de meus carneiros e o pêlo alvíssimo de minhas

*cabras... Nunca mais poder ver o leite brilhar dentro dos tarros, como pequenos e espumantes oceanos... Nunca mais poder ver o sol do lado de fora da caverna e meus queridos camaradas lá, bem longe, entregues às suas atividades...) Oh, perverso filho de um ladrão! Bem me advertira Telemo, o adivinho, há muitos anos atrás, que um dia chegaria a esta ilha um homem diabólico, saqueador de cidades, e que me faria perder a vista num gesto inaudito de crueldade. Infelizmente sempre imaginei que seria alguém do meu tamanho, capaz de me fazer frente, e assim levei a vida descuidadamente, até que chegou, enfim, o negro dia — oh, imprevidência maldita! Mas Netuno, meu poderoso pai, há de remeter-lhe tamanha maldição, que ele preferirá morrer do que chegar à própria casa. E quanto a este Alguém que ele me prometeu que aqui virá, já sei bem de quem se trata! Telemo também me alertou, e desta vez não cairei diante dele, de uma maneira tão bisonha e infantil, vencido por um ridículo joguinho de palavras. Simbad, tal é o seu nome, e pertence à estirpe dos arábicos de pele escura. Desde o dia funesto em que o ladrão de Itaca retirou seus pés imundos de minha ilha que aguardo a sua chegada. * Oh, infeliz errante e esfomeado, mal sabe o mal que o aguarda quando aqui chegar com as suas sandálias rotas e os seus colegas de infortúnio!*

ULISSES E AS SEREIAS

Ulisses, o engenhoso filho de Laertes, Que retornando estava da sangrenta Tróia, No rumo de sua casa, a saudosa Itaca, Havia passado antes pela ilha de Circe, Feiticeira poderosa e cheia de sortilégios.

"O soldados que minha ilha ora visitam,

De coração e alma leve adentrem esta morada!"

Assim dissera a solerte encantadora,

Ocultando já no manto a vara maldita,

Ao primeiro homem que dela se aproximara.

Euríloco era o nome do guerreiro que chefiava A um grupo viril de vinte marinheiros fortes; Outro grupo, chefiado pelo filho de Laertes, Em alto-mar ficara alerta e estacionado, Pois boa tripulação nunca expõe-se por inteiro.

* Alusão a um episódio parecido com o de Ulisses e Polifemo que consta em *Simbad, o Marujo.* (N. do A.)

"Saibam que esta é a ilha Eéia, de sólido renome, E eu, Circe, filha do luzente Sol e da sombria Hécate. Sou irmã de Eetes, guardião do dourado velocino, Que a Jasão audaz, trabalhos infinitos rendeu, Vencidos pelas artes de Medéia, feiticeira feito eu!"

"Tendo envenenado meu marido tirânico e cruel,

Fugi para cá em busca de refúgio ameno,

Para aprender em paz as minhas artes mágicas,

De como criar filtros e poções de toda sorte,

E fazer descer do céu os próprios astros luminosos!"

Euríloco, entretanto, mais que todos olha atento Ao redor da casa onde a temível Circe mora; Lobos monteses e leões enfeitiçados os olhos vêem, A vagarem por perto, com ar desorientado, De quem, surpreso, nem sempre teve aquela forma.

Assustados, os fortes homens de Euríloco Eriçam sem querer as cerdas das espessas barbas, Ao verem perto tantas feras sonambúlicas, De cabeça baixa, com o ar de quem implora Socorro e auxílio urgente a toda aquela gente.

Circe, enquanto isto, já canta dentro em seu tear, A tecer uma grande trama, digna de perfeita deusa. Os visitantes, contudo, sem poder lhe dizer não, Levados são a se servirem de estranhos alimentos, Menos Euríloco, que de longe observa tudo a salvo.

Nem bem terminam de comer sua maldita refeição, Eis que os homens em porcos ficam convertidos, Por força de um soberbo encanto da ladina Circe, Pelo qual basta encostar em cada qual a sua vara, E tê-los virados em suínos com ilesa mente humana.

"Eia, já para o redil!", brada a solerte Circe, A vara de homens, meio gente, meio porcos, Os quais grunhindo palavras sem sentido, Marcham com as patas de fendidos cascos No rumo terrível de um negro e fétido covil.

Euríloco, de olhos arregalados que tudo viram, Dá volta e meia e para a nau corre estertorado, A bradar a cada passo: "Ó ilha de maldição!" Ulisses, entretanto, de espada pronta logo surge, A indagar do soldado a razão de tanto alarde.

Informado pelo único e infeliz sobrevivente

(Eis que um ser virado em porco não pode ser mais gente),

Conclama a todos os demais da sua embarcação,

Para que tomando armas, escudos e pesadas achas

Rumem com ele para enfrentar a terrível situação.

"Oh, fujamos todos, filho de Laertes!", clama Euríloco, "Pois esta mulher também não é humana, não!" Ulisses, então, temendo pela vida dos remeiros, Decide ir sozinho, auxiliado pelo braço e pela astúcia, A enfrentar a bruxa que vira gente em bicho fossador.

Mas no caminho Mercúrio, deus de pés ligeiros, Surge dos céus aladamente para precavido lhe alertar: "Eis uma droga benéfica que o livrará de qualquer feitiço, Mas se ela ainda assim pretender tocá-lo com sua vara, Saque, então, a sua espada e lhe encoste o gládio ao peito!"

Ulisses o conselho segue e deste modo vence a feiticeira, A qual, prostrada a seus pés, lhe abraça forte os joelhos A clamar: "Piedade, ó guerreiro, a sua força é bem maior! Pois que, além de si, ainda tem o socorro de um deus!" Domada, então, a bruxa, rumam ambos para o brando leito.

Por sugestão da feiticeira assim estiveram juntos, Para que ambos criassem confiança um no outro, Mas como confiar numa criatura esquiva e traiçoeira? Ulisses então lhe diz, tomando o peso da palavra: "Bruxa solerte, livre antes meus amigos do feitiço!"

Circe feiticeira, decidida a provar a sua lealdade. Ruma, então, para a pocilga a passos firmes, Onde estão amontoados os porcos de Ulisses, E lá lhes toca, um por um, com sua vara mágica, Devolvendo-lhes a antiga e saudosa forma humana.

E tão satisfeitos ficaram todos naquela ilha, Que hóspedes da feiticeira se tornaram desde então, Recusando-se a partir no rumo da saudosa ítaca, Comendo e bebendo fosse dia ou fosse noite, Enquanto Ulisses fruía dos prazeres do seu leito.

Um ano, entretanto, passado em descanso e vida mansa, Bastou para acordar nos soldados o sentimento do dever; Então o filho de Laertes, tomando as mãos da sedutora, Disse-lhe com voz chorosa estas súplices palavras: "Circe, deixa que partamos no curso de nossa casa!"

Ela, tornada agora amiga e compreensiva, Cede aos rogos insistentes do audaz guerreiro, Não sem antes adverti-lo do perigo que os espera, Nos rochedos onde pousam as sereias fascinantes, Cujo canto doce traz delícia, mas também a morte.

Ainda assim, as naus já se aprestam a partir, Quando se ouve um grito alto e pavoroso, Como o barulho de algo pesado que se racha; Correm todos pressurosos a ver que grita é esta, Para encontrar caído ao chão um pobre corpo!

Oh! é o desastrado Elpenor que subido ao telhado Para melhor gozar das delícias do zéfiro suave De lá despencou, com o caco cheio de vinho, Ao escutar o chamado para retornar às naus, Sem lembrar antes de colher auxílio à escada!

Assim entrou o pobre Elpenor, de ponta-cabeça, Na escura mansão de Hades, talvez ainda cantando, Enquanto os homens de Ulisses cortavam os mares, Em busca da doce pátria há tanto tempo almejada, Levando n'alma os avisos da ajuizada Circe.

Empurrado por um vento veloz e favorável, Singravam assim as naus do astuto Ulisses, Por entre as vagas cortadas por agudas proas, Até que súbito um mormaço aquietou as ondas, Fazendo silenciar todo vento e toda brisa.

Ulisses, avisado de antemão, eleva forte a voz: "Marujos, me prendam ao mastro a toda pressa, Eis que a perigosa ilha das sereias se avizinha! Depois, tomando da espessa cera que lhes dei, Cerrem os ouvidos e não escutem mais um pio!"

"E se eu clamar que os laços meus afrouxem, Surdos estejam, renovando duplamente os nós, Pois doutro modo mergulharei às águas turvas, Sedento do canto, dos beijos e das carícias mil, Que as pérfidas criaturas aladas me prometerão!"

Neste instante avistou-se nos rochedos escarpados Uma montanha de ossos desfiados e espalhados, A maioria eram alvos feito a neve e refulgindo ao sol, Mas a outros recobria um resto de imunda pele Com o sangue da medula a gotejar de volta ao mar.

"São as malditas sereias!", bradam as vozes em coro, Enquanto elas do alto se despencam aladamente, Eis que são metade pássaros e metade fêmeas, E não raça de peixe como erradamente afirmam Aqueles que só em sonhos navegaram estas águas!

Suas cabeças nada devem à mais bela das mulheres, Eis que são Helenas e Afrodites de aladas asas, De busto liso ornado por dois botões rosados, Mas que no lugar dos braços duas asas alvas têm, Das quais se valem para se suspender aos céus.

O seu canto mavioso fala de amores impossíveis, E de mil prazeres nunca dados aos mortais, Um canto ardiloso que mistura o amor e a morte, Capaz de tornar a mente humana leve e alada Livre doravante do pesado encargo do dever.

Um siflar sinistro roça por sobre as cabeças Dos homens surdos, que remam a toda brida, Mas Ulisses, de ouvidos destapados e mãos presas, Pode ouvi-las perfeitamente e então clama: "Oh, malditos, desamarrem logo as minhas mãos!"

Uma das sereias, entretanto, ousada avança, Roçando os rubros lábios ao corpo rijo do herói, "Vem, homem, que mesmo a dor eu te farei prazer!", Diz a criatura percorrendo-o com os dedos lisos, Enquanto adeja as asas, lhe refrescando a fronte.

Mas os marujos, de semblante pétreo e mãos ao remo, As ondas fendem com toda a força dos seus braços, E desta forma vão ganhando mais e mais distância, Do canto perverso e agora inútil das sereias, Que já se despencam derrotadas sobre o mar.

Tão logo seus alados corpos tombam sobre a água, Conformação nova vão todos adquirindo, Eis que as alvas penas se espalhando sobre o leito, Em negros rochedos vão se transformando, Até formarem um pequeno grupo de novas ilhas.

Diante do promontório da Lucânia, desde então, Estão à vista de todos as rochosas Sirenusas, Formadas pelos ossos de antigas e belas sereias, Que ainda dizem àqueles que cruzam suas águas: "Cuidado! Mesmo as pedras escondem um desejo!"

O MASSACRE DOS PRETENDENTES

Ulisses, herói da Guerra de Tróia, após infinitos trabalhos por mares revoltos, chegara finalmente de volta à sua casa, a saudosa Itaca; trazido por um barco dos feácios, povo que o acolhera em sua última aventura, Ulisses desembarcou adormecido na praia, ainda durante a noite.

O herói, entretanto, avisado anteriormente por Minerva, sua deusa protetora, já sabia de tudo quanto se passava em sua terra: um grupo de sórdidos pretendentes havia tomado conta de

sua casa e de seu reino, na esperança de tomar-lhe a esposa em casamento, a infeliz Penélope, que em vão aguardava, há mais de vinte anos, o regresso de seu amado Ulisses.

— Ainda lembra, por certo, de Eumeu, o guardador de porcos de seu palácio? — perguntou Minerva a Ulisses, tão logo este acordou.

— Por certo, prestimosa deusa — respondeu o filho de Laertes. — Foi sempre meu mais fiel servidor, até o dia em que me vi obrigado a partir para a terrível guerra. Oh, parece mentira, mas já lá vão mais de vinte anos!

— Procure-o imediatamente — disse a deusa.

— Mas e os solertes pretendentes? — indagou Ulisses. — Se souberem que estou de volta à ilha certamente darão um jeito de me matar antes mesmo que possa escorraçá-los de minha casa.

— Você não irá escorraçá-los — interrompeu Minerva, com o sobrolho carregado. — Todos eles sairão mortos do palácio, e pela sua mão.

Ulisses sorriu, satisfeito.

— Consigo ao meu lado, deusa invencível, não duvido nada disto.

— Mas antes você deverá chegar disfarçado à sua casa, para que ninguém o reconheça, nem mesmo a sua esposa Penélope ou o seu filho Telêmaco.

— Telêmaco... — disse Ulisses, angustiado. — Como está meu filho?

— Ele foi à terra de Menelau, na distante Argos, para colher notícias suas junto ao marido de Helena.

— Faça com que retorne, poderosa deusa!

— Acalme-se, tudo será feito a seu tempo. Em breve ele estará de volta. Mas antes você deve fazer o que primeiro falei: procura Eumeu, o guardador de porcos; ali, em sua cabana, que continua afastada do palácio, vocês poderão tramar em silêncio a vingança, até o momento em que eu der o sinal para que você retorne definitivamente ao palácio.

Ulisses ergueu-se e já ia rumando para a cabana de Eumeu, quando Minerva o chamou outra vez.

— Aonde pensa que vai deste jeito?

— Deste jeito, como? — disse Ulisses, sem entender.

— Vamos, onde está a sua argúcia? Perdeu-a no mar?

Minerva aproximou-se do herói e no mesmo instante retirou de seu corpo os trajes finos e caros que Alcínoo, rei dos feácios, dera a ele. Depois a deusa tocou-o com sua vara e fez com que seu corpo, antes robusto e viril, começasse a murchar: seu rosto, antes cheio, agora

encovava-se; seus dentes lhe caíam aos pés; seu peito encarquilhava e os ombros curvavam-se tanto que quase ameaçavam se tocar.

— Acho que agora está bem! — disse a deusa, dando dois passos para trás para enxergá-lo melhor. E completou o arranjo lançando sobre as costas do velho um trapo imundo e um alforje esburacado com um velho pedaço de pão duro e escuro aparecendo pelos furos.

O dia já ia alto quando Ulisses, travestido de mendigo, aproximou-se da cabana onde vivia seu velho criado. Um fiapo solitário de fumaça subia pela chaminé. Ao redor da pequena construção havia doze pocilgas para a guarda dos porcos.

— O de casa! — disse Ulisses, batendo com o bordão na parede rústica.

— Devagar, devagar! — disse uma voz roufenha lá dentro.

O velho Eumeu surgiu à porta; seu aspecto, apesar de alquebrado, era o de um homem ainda pronto para os embates da vida.

— Quer derrubar o casebre? — acrescentou o guardador de porcos. Ulisses reconheceu imediatamente o criado, embora este não pudesse fazer o mesmo, tal a diferença do antigo rei e amo.

— Bom-dia, guardador, que o senhor do trovão o abençoe! — disse Ulisses, procurando elevar o tom de voz para disfarçar a emoção que sentia.

Algo na figura do mendigo fez com que Eumeu não lhe perguntasse nada e simplesmente o fizesse entrar, acostumado que estava, aliás, a receber quase todos os dias estes errantes que vagavam sem remo nem rumo por toda a Grécia.

Depois de trocarem algumas palavras, estiveram contando episódios de suas vidas. Ulisses inventara uma longa história acerca de suas desventuras imaginárias — como se as suas reais já não lhe bastassem -, afirmando ter avistado o rei de ítaca numa de suas andanças.

— Ora, bobagem! — disse Eumeu, enfadado. — Por esta parte pode passar por alto, estrangeiro, se com isso pretende me agradar ou a alguém no palácio, para onde os seus pés descalços logo o levarão a exercer com mais sucesso o seu ofício. Não há dia em que não chegue aqui alguém com uma história ou recado de Ulisses, esperando ser bem tratado por causa do embuste. Comigo, entretanto, você não precisa perder tempo; antes, acabe logo a sua história, pois a noite já vem vindo e devo ainda recolher os porcos e separar quatro deles para levar ao palácio.

— Então há festa hoje por lá? — disse fingidamente Ulisses, arreganhando as gengivas rosadas que sua língua ressequida percorria de cima a baixo.

— *Hoje?!* — exclamou Eumeu, divertido. — Ora, não se passa um dia desde a partida do rei que não haja um banquete dentro das portas daquele palácio. São três porcos ou mais que levo para lá por dia, e temo já que nos faltem animais para daqui a muito pouco...

— E quem são esses que se instalam com tanta liberdade em minha cas... digo, na casa do rei desaparecido?

— São príncipes e nobres de pouca monta, na maioria; eles vêm em bandos de todos os cantos da Grécia para se apossar do trono que julgam vago para sempre. Não passam de comilões e beberrões que não têm outro objetivo senão viver às custas das riquezas do rei morto.

— Mas e a esposa de Ulisses, o que faz diante disto tudo?

— Penélope se defende do jeito que pode! O que mais poderia fazer, sozinha e com apenas um filho, incapaz de expulsar todos estes rufiões?

— Mas ela já escolheu o tal pretendente?

— Não, ela tem protelado o mais que pode a decisão. A propósito, tem feito isto de uma maneira tal que a torna digna esposa do solerte Ulisses.

— Por quê? Vamos, conte-me a astúcia de Penélope!

— Até aqui a rainha vinha se utilizando do seguinte estratagema: fechada em seus aposentos, ela passava o dia inteiro a costurar numa tela um imenso manto. "Quando ele estiver terminado, somente então farei minha escolha", dizia ela aos arrogantes pretendentes, sempre que estes lhe cobravam o término do trabalho. Durante a noite, entretanto, ela desfazia toda a trama, para que no dia seguinte os pretendentes malditos a encontrassem com o manto quase no começo.

— Oh, adorável mulher! — disse Ulisses, enlevado com a astúcia da esposa.

— Bem, mas amanhã cedo levarei estes porcos àqueles salafrários! — disse Eumeu, erguendo-se com dificuldade. — Atualmente são eles os patrões por aqui,e o peso da mão de um patrão irado é algo ruim em toda parte.

Ulisses, revoltado com aquele estado de coisas, deitou-se num enxerga que ali estava à disposição dos viajantes — pois o guardador de porcos era devoto sincero de Júpiter hospitaleiro e cumpria à risca a obrigação de tratar bem a todo forasteiro. Ao mesmo tempo, o marido de Penélope sentia-se feliz e orgulhoso da esposa, que com esperteza e inteligência ia ludibriando a ganância dos invasores enquanto não se dava o momento do seu retorno.

Na manhã seguinte, amanheceu cedo. O porqueiro, acostumado à lida dos animais, levantava-se sempre junto com a Aurora de rosados dedos.

— Oh, mais um dia sem meu rei... — gemeu Eumeu, como sempre fazia, numa espécie de oração desanimada, em que errava apenas um fio de esperança.

Neste instante, porém, avistou alguém que se aproximava, quase à sua frente.

— Ora vejam, é o jovem de volta à casa! — disse Eumeu, largando a vassoura. Sim, era Telêmaco, filho de Ulisses, que acabava de retornar de suas andanças pelas ilhas próximas em busca de notícias de seu saudoso pai.

— E então, filho de Ulisses, nenhuma notícia de seu pai? — perguntou Eumeu, cujos olhos brilhavam de expectativa.

— Não, bom servo, nada pude descobrir, infelizmente — disse Telêmaco, que parecia afoito por dar logo a má notícia e livrar-se da lembrança do desgosto.

Eumeu recolheu em silêncio a pequena bagagem de Telêmaco e levou-a para dentro.

— Vamos comer algo, jovem príncipe.

Eumeu meteu logo nos espetos alguns pedaços de carne revestida de copiosa gordura, enquanto retirava de um pequeno forno de pedra dois grandes pães para acompanhar a primeira refeição. Depois temperou numa cratera de pau o vinho para que juntos libassem a Júpiter supremo.

— Temos visita, como de hábito — cochichou o guardador a Telêmaco, apontando para o mendigo, que ainda ressonava, exausto da longa viagem do dia anterior.

Telêmaco já estava acostumado àquelas benfeitorias do servo do palácio; sem se importar com o estrangeiro, sentou-se à mesa com Eumeu. Assim estiveram trocando idéias, enquanto Eumeu se regozijava com o retorno, ao menos, do filho.

— Telêmaco, é preciso que você saiba que durante a sua ausência os solertes pretendentes tramaram contra a sua vida, postando um grupo de assassinos à espera na entrada do arquipélago — disse Eumeu, com a revolta estampada nos olhos.

— Sei disto tudo — respondeu o filho de Ulisses. — Minerva acompanhou meus passos desde a minha partida e me alertou do perigo, fazendo com que retornasse por outro caminho, enganando desta forma estes patifes.

A este tempo Ulisses já tinha acordado, embora permanecesse enrolado em sua manta. Mesmo de costas, pelo tom e conteúdo da conversa soube quem tinha atrás de si. Aos poucos sentiu crescer dentro de si um sentimento avassalador e esteve prestes a arrojar para longe a manta furada e lançar-se aos braços do filho, num ímpeto feroz. Mas foi detido pela lembrança de que aos olhos do filho ele não passava de um velho malcheiroso. Sentando em sua esteira, procurou, então, o Apolo do bordão para colocar-se em pé.

— Deixe que eu o ajudo, forasteiro — disse Telêmaco, apoiando o braço do velho junto ao seu.

Ulisses deixou que Telêmaco o conduzisse até um banco e ali ficou, observando o filho dos pés à cabeça.

"Oh, deuses, como está forte e nutrido!", pensou, com orgulho. Ulisses sentiu crescer no peito um sentimento de gratidão em relação ao porqueiro, velho servo e súdito, que de alguma maneira havia contribuído para tornar o seu filho aquele jovem robusto e saudável que tinha agora diante de si.

Depois de estar longo tempo conversando, Telêmaco decidiu que já era hora de tirar sua mãe da aflição em que a deixara.

— Eumeu, largue tudo e vá direto ao palácio de meu pai para levar à desditosa Penélope a notícia de meu regresso.

Nem bem o velho tinha saído para cumprir a sua missão, Ulisses viu que Minerva, do lado de fora da casa, o chamava com sinais.

— Pois não, deusa? — disse o mendigo.

— Ulisses, protegido dos deuses, chegou a hora de se revelar ao seu filho -disse a deusa, tocando em Ulisses com sua vara e restituindo a sua antiga forma. — Vá e mostre-se a Telêmaco tal como é!

Ulisses voltara a ser o antigo rei e herói: o peito outra vez largo, as barbas negras e luzidias, os braços musculosos e os dentes firmes. Quando Telêmaco o viu retornar, tomou um susto:

— Velho mendigo, você é, então, um deus, como imaginei desde o começo? — disse o jovem, que pressentira desde o início estar diante de um ser que não era deste mundo.

— Não sou deus algum, mas apenas Ulisses, o seu pai ! — disse o homem que entrava.

Telêmaco relutou durante muito tempo em acreditar que tal milagre fosse possível, até que Ulisses, perdendo a paciência, visto estar ávido por abraçar o filho que não via há mais de vinte anos, envolveu-o em seus braços, retirando da alma de Telêmaco toda dúvida.

Depois de aliviarem do peito as lágrimas há tanto tempo represadas, Ulisses e Telêmaco sentaram-se para conversar sobre o estado aflitivo em que se encontrava o infeliz reino de ítaca.

— Meu pai, como fará para aparecer diante de toda aquela gente e vingar as afrontas que lhe fizeram durante a sua ausência? — disse Telêmaco.

— Esteja calmo — respondeu Ulisses, encarando o jovem com firmeza. — Já assentei tudo o que haverá de ser feito junto com Minerva, a deusa que me assiste em todos os perigos. Ela também está sedenta de grande morticínio, tal como a minha alma. Mas é preciso que

façamos a coisa com maior astúcia do que a deles próprios, pois caso contrário estaremos nos expondo a uma derrota humilhante dentro de nossa própria casa.

— Sim, mas e Penélope, minha mãe?

— Por enquanto ela não deverá ser informada de nada, nem sequer de meu regresso. Aliás, nem o próprio Eumeu, guardador de porcos, deve saber de minha volta, ao menos por enquanto, pois bem sabemos que servos dóceis têm o coração mais mole do que o das próprias mulheres.

Telêmaco sorriu alegremente: aquele era de fato o seu velho pai!

— Fico grato aos deuses por saber que você continua exatamente o mesmo — disse ele, dando um novo abraço ao pai.

Mas para Ulisses o capítulo curto, embora sincero, das ternuras já terminara; suas energias já haviam outra vez se transferido inteiras para o cérebro, e era ali que ele acomodava com verdadeiro regalo a sua alma.

— Vamos trabalhar, garoto — disse Ulisses, tocando a testa de Telêmaco com o dedo. — Se não me engano, temos outra vez pela frente a melhor diversão deste mundo: *enganar os enganadores*.

Penélope, a rainha de ítaca, reencontrara finalmente o filho, depois de alguns meses de ausência; ela sabia que os pretendentes não iriam desperdiçar a chance de atentar contra a vida de Telêmaco assim que ele tentasse regressar de seu périplo inútil, mas foi com infinito alívio que soube do truque que Minerva usara para despistar os traiçoeiros que haviam armado a emboscada.

Enquanto isto, Antínoo, chefe dos pretendentes instalados no palácio de Ulisses, homem cúpido e violento que havia tramado a morte de Telêmaco, mordia a mão de raiva e frustração.

— Eis o moleque de volta à casa! — disse ele a Anfínomo, outro dos solertes pretendentes. — Não é bom para nós que Telêmaco esteja o tempo todo a procurar pelo pai.

— Calma, Antínoo — respondeu o outro, levantando um grande copo, cheio de vinho até às bordas. — Não faltará ocasião para que também a este os deuses dêem um jeito de fazer apodrecer os brancos ossos numa praia deserta, tal como ao pai certamente o fizeram.

Neste instante chegavam ao palácio Ulisses, outra vez na condição de mendigo, e Eumeu, o guardador de porcos, ainda ignorante da verdadeira identidade do seu companheiro. Quando Ulisses passou pela soleira, percebeu que um cão coberto de sarna erguera a cabeça para encará-lo. Estava preso num pequeno redil, sem espaço sequer para se movimentar — o que aliás, nem podia mais fazer, devido ao seu estado de fraqueza e desnutrição -, e não tinha forças nem ânimo

para manter erguida a cabeça. Desde a partida de seu amo, o rei de ítaca, companheiro inseparável de viagens e caçadas, que sua vida passara a ser um tecido de maus-tratos e violências, até que se vira reduzido, afinal, àquele triste estado.

Ulisses também reconheceu imediatamente o velho Argos — pois tal era o nome do cão — e deixou que uma lágrima rolasse disfarçadamente. Sem que ninguém percebesse, retirou o velho cão da gaiola opressiva e imunda. Argos, sem forças para correr e agradecer ao amo, agachou-se ainda mais, erguendo apenas seus olhos úmidos e ganindo baixinho para o dono — sim, não havia dúvida, o seu velho dono estava de volta!

A alegria extrema, entretanto, foi fatal para o seu organismo debilitado, como se Argos apenas esperasse pelo retorno de Ulisses para dar o último suspiro: sua alma combalida desceu em seguida para a mansão de Plutão, indo fazer companhia a Cérbero de três cabeças, o mais famoso de todos os cães, com assento ao lado do próprio rei do mundo subterrâneo. Ulisses não teve o desgosto de ver a morte do pobre cão, pois já tinha entrado com o guardador de porcos no enorme pátio do palácio, onde Telêmaco os aguardava. Vendo o pai chegar, o filho de Ulisses se aproximou e estendeu a ele um pão e um naco de carne recém-assada.

— Toma, mendigo, acalme a indigência do seu estômago e tão logo estiver refeito corra a passar a sacola pelos pretendentes que lá dentro estão saciando de carne as suas almas desde que o carro de Apolo despontou no céu.

— Faça logo isto — disse Eumeu, corroborando as palavras de Telêmaco. -Como diz o cego aedo, "não é bom o acanhamento num necessitado".

Ulisses, erguendo-se, empunhou então sua tigela e foi mendigar uma migalha de cada um dos pretendentes.

— Vejamos agora quais são os justos e quais têm a alma negra.

Antínoo, o chefe dos pretendentes, que levava a palma da ruindade sobre qualquer outro ali dentro do palácio, logo ergueu a sua voz perversa:

— Eia, guardador de porcos, quem deu autorização para trazer até cá este mendigo sujo e repulsivo?

Ulisses, fazendo ouvidos moucos, prosseguiu a fazer a roda, recolhendo muitos bons pedaços de pão e deliciosa carne recoberta por fina manta de gordura.

Depois de ter passado por todos e enchido seu alforje de um bom farnel, retornou a Antínoo para testar-lhe mais uma vez o caráter infame.

— Que nume maldito nos enviou esta assombração para que nos estrague desta forma tão ameno banquete? — bradou Antínoo, o mais perverso dentro daquela casa.

— Pobre de Júpiter soberano se viesse à sua casa mendigar, só como teste, como fez a Baucis e Filemon! — disse Ulisses, tentando despertar a compaixão naquele peito endurecido.

Mas esta observação levou a cólera a crescer tanto no peito de Antínoo, que este, de um pulo, agarrou de um banco e meteu nas costas do velho mendigo.

— Isto é para você aprender a ver quem manda aqui.

Ulisses abanou a cabeça, controlando os seus nervos. Sabia que podia reduzir a um monte de ossos e de sangue aquele desgraçado, mas preferiu ficar em silêncio, pois a hora da vingança ainda não soara. Mas em seu íntimo maquinava terríveis desgraças.

Nisso, outro dos pretendentes ergueu-se, então, dizendo:

— Vai mal este banquete se vamos permitir que um mísero mendigo nos estrague a festa. Esqueça o molambo, Antínoo, e passemos a coisas melhores.

Decerto se referia a uma imensa cratera de ouro repleta de vinho açucarado com oloroso mel, cristalino feito o âmbar, que brilhava a poucos passos dos seus olhos.

Neste instante surgiu Penélope diante de todos. Nunca estivera tão bela, e seus olhos traíam um ar de obstinada decisão.

— Pretendentes, vocês todos venceram, se queriam me impelir a uma decisão — disse ela, alçando a fronte. — Eis que amanhã se fará aqui um grande concurso entre todos aqueles que disputam a minha mão.

Penélope ergueu diante de todos os olhos um arco de madeira encerada, o mais belo e sólido que olhos humanos já haviam visto.

— Eis aqui o arco de Ulisses. Amanhã faremos um concurso no qual o vencedor será aquele que conseguir acertar com uma única flecha doze anéis enfileirados. Quem acertar primeiro receberá a minha mão e passará a ser rei de ítaca, gozando para sempre de todos os privilégios que esta condição acarreta.

Mal terminara de dar esta bombástica notícia, Penélope retirou-se. Havia cumprido perfeitamente as instruções que seu filho Telêmaco lhe dera.

— Eumeu, temos um trabalho secreto a fazer durante a noite — disse o filho de Ulisses ao guardador de porcos. — Posso contar com você?

— E claro, meu patrão e senhor! — respondeu Eumeu, cujas velhas narinas começavam a farejar de novo aquele odor que tanto o excitava na juventude: o odor de armas prestes a serem empunhadas contra a vilania.

Durante a noite, Telêmaco e Eumeu recolheram, no grande salão onde se daria a disputa do arco e flecha, todas as armas ali guardadas e que ficavam sempre à mostra: escudos, lanças, arcos, gládios, achas e machados.

— Não esqueça, Eumeu, se alguém perguntar o motivo de tal retirada, diga que é para a limpeza, pois que estão todas encardidas da fumaça, e é bom que estejam todas reluzentes para o dia do banquete do casamento de minha mãe com o vencedor do torneio que ora se fará, entendeu? — disse Telêmaco ao velho, momentos antes de começar a competição.

— Sim, Telêmaco, tudo isto eu compreendo — disse o guardador de porcos. — A única coisa que não entendo é por que me oculta o que verdadeiramente está para acontecer dentro destas altas paredes.

Eumeu parecia magoado com aquela desconfiança; por isto Telêmaco resolveu logo lhe contar o que se passava.

— Eumeu, vou lhe contar um segredo, ao preço da sua vida! — disse. — Ulisses, rei de ítaca, já está entre nós, e de hoje não passará o dia do seu ajuste de contas...

O guardador de porcos perdeu a fala diante de tamanha surpresa. Dali a pouco começaram a adentrar o salão os pretendentes, vestidos em suas melhores vestes, mas trajando na alma ainda a mesma soberba e arrogância. Cada qual já se considerava o vencedor e se preparava para as homenagens que receberia de todos os outros derrotados concorrentes.

Apoiado a um fino escabelo estava o arco de Ulisses, tendo ao lado uma aljava dourada repleta de aceradas flechas com pontas prateadas. Penélope, radiosa, surgiu logo em seguida.

— Atenção vocês todos, chegou o momento em que deverão fazer o tremendo esforço de deixarem de comer e beber por um instante para que possamos dar início a isto.

O primeiro dos pretendentes chamado a empunhar o arco foi, claro, o infame Antínoo, chefe daquela turba insaciável. Tomando do arco, estudou-o e sopesou-o durante um bom tempo, gozando do prazer de ser o primeiro — e único, imaginava — a tentar o arremesso. Depois de ter visto a frustração desenhada no rosto de cada um dos adversários, Antínoo tomou a primeira flecha, passou a língua escura de vinho nas delicadas cerdas da extremidade e tentou encaixar a seta no arco.

Mas para seu desgosto e vergonha supremas, não foi capaz de armar o arco nem de retesar as cordas. Seu rosto inteiro suava, inclusive seus globos oculares, arregalados, parecendo prestes a lhe cair da cara. Risinhos começaram a soar por todo o salão, a princípio tímidos, mas logo em seguida se transformaram num coro divertido e aberto.

— Basta, Antínoo, falta-lhe tutano nos ossos! — disse uma voz.

— É, entrega o arco de volta à rainha, ela armará melhor! — disse outra. Antínoo, frustrado, viu-se obrigado a passar a arma para outro competidor. A cabeça baixa era a denúncia cabal da sua derrota.

Mas o segundo não foi menos infeliz: não conseguiu retesar nem por um milímetro o arco. O terceiro foi pior, ao fazer saltar para cima o arco e as flechas, provocando um coro de risos que subiu à abóbada do salão e foi retumbar no alto como um trovão. Cinco, dez, quinze, quarenta pretendentes, nenhum foi capaz de levar a cabo a tarefa de armar o arco fatal.

— Basta, é uma maldita trapaça! — gritou Antínoo, feliz por ter descoberto a causa de seu inexplicável fracasso.

Neste momento, o mendigo surgiu por entre os pretendentes e tomou das mãos de Penélope o arco, dizendo:

— Rainha, com a sua augusta permissão, eu tentarei o que estes fracos senhores nem sequer puderam iniciar.

— O que este maldito mendigo está fazendo aqui outra vez? — bradou Antínoo, no último limite da exasperação.

O mendigo, sem dar ouvido às vaias, tomou então do arco e, após armá-lo com infinita facilidade, assestou a mira para os doze anéis, do outro lado da sala. O ruído gemente da seta cortou o salão inteiro e a seta foi cravar-se no alvo indicado, após haver atravessado ilesa os doze anéis.

Um grito de espanto saiu da boca dos pretendentes. Telêmaco fez um sinal para que Penélope fosse retirada da sala, na surdina. Quando ela já havia se recolhido ao seu quarto, cercada por soldados de sua confiança, Telêmaco retornou para o salão.

— Pode trancar as portas — disse ele a Filécio, um ajudante que haviam cooptado na última hora. — Que estas portas só se abram outra vez para a recolha dos cadáveres dos pretendentes, entendido?

O jovem assentiu, orgulhoso por poder tomar parte naquele episódio que a história haveria de gravar em letras de ouro.

Depois de retornar, Telêmaco ergueu os olhos ao pai, fazendo um sinal indicativo de que a matança podia começar.

Ulisses, ainda travestido de mendigo, dirigiu-se até o outro lado do salão, afastado de toda a malta dos pretendentes, levando consigo o filho e o guardador de porcos. Um temporal tremendo começara a desabar lá fora, e o ruído dos trovões, junto à penumbra que se fizera dentro do enorme salão, começou a encher de apreensão o coração dos usurpadores. Uma vez

instalado em seu lugar, Ulisses desfez-se dos seus andrajos e trepando à grande mesa que havia à sua frente bradou à escória ajuntada no outro extremo do salão:

— A primeira competição está acabada e sou eu o vencedor — disse Ulisses, de arco em punho. — Vejamos agora como me sairei da segunda, com o auxílio de Apolo, do dourado arco.

Uma segunda seta partiu de seu arco com um silvo apavorante e foi enterrar-se direto na garganta de Antínoo. O chefe dos pretendentes, que tinha o pescoço erguido para entornar para o estômago mais um gole de vinho, perdeu a respiração; a ponta da flecha saiu-lhe pela nuca, e no mesmo instante a sua boca expeliu um jato escuro de sangue numa golfada hedionda. Antínoo, caído de quatro, ainda rastejou alguns metros antes de tombar sobre o solo.

— O mendigo está louco! — gritou um dos pretendentes. — Às armas, companheiros, às armas!

Mas não havia arma alguma ali dentro: de repente todos se deram conta de que estavam metidos dentro de uma terrível armadilha. Minerva fizera com que Ulisses retomasse sua antiga forma, resplandecendo agora aos olhos de todos quase como um deus — um apavorante deus que vinha para exercer vingança.

Os olhos dos pretendentes percorriam as paredes e recantos em busca de armas, mas não havia nenhuma. As portas que davam para as saídas estavam trancadas.

— Estamos encurralados! — bradou um deles.

Eurímaco, um dos pretendentes, tentou dissuadir Ulisses com meigas palavras:

— Está bem, se você é mesmo o rei que está de volta, filho de Laertes e protegido dos deuses, reconhecemos que tinha o direito de matar Antínoo, o mais arrogante de todos nós e aquele que mais desonrou o seu nome e a sua casa. Mas agora basta, valoroso Ulisses, sentemo-nos para negociar uma rendição digna e uma indenização generosa, eis que estamos, desde já, dispostos a pagar-lhe por tudo aquilo que consumimos na sua ausência. Vamos, deponha o arco e cesse a sua ira!

— Nem que me oferecessem todo o produto de suas heranças e demais riquezas eu titubearia em levar até o fim a matança a que me propus. O negócio para vocês, agora, é lutar ou fugir, porém não creio que qualquer de vocês possa fugir à morte que lhes tenho preparada.

Um suor gelado cobriu a raiz dos cabelos de todos os pretendentes amontoados do outro lado da sala, pois era a própria morte quem lhes falava pela boca de Ulisses.

— Já que o vingativo filho de Laertes quer nos matar um a um, companheiros, tratemos de lutar por nossas vidas! — bradou Eurímaco, sacando um punhal que trazia metido nas vestes, avançando resoluto para Ulisses.

O protegido de Minerva, no entanto, assestou no arco outra seta com a rapidez do raio e a disparou na direção de Eurímaco, que recebeu a flecha no peito e se estatelou sobre a mesa, espalhando pelo chão o vinho e os pedaços de carne.

Depois seu corpo escorregou até o chão, onde ficou por algum tempo escoicinhando até largar a alma junto com o sangue copioso que deitava pela boca.

Os demais, aterrados, viraram de lado a enorme mesa e se ocultaram atrás dela, como numa trincheira. Anfínomo, outro dos pretendentes, de gládio em punho avançou por sobre os destroços, mas foi atingido pela lança de Telêmaco, que o prostrou de borco no chão, com os dedos em garra raspando o mármore gelado.

— Agüente firme, meu pai, que vou à sala de armas buscar lanças, escudos e elmos brilhantes para que possamos proteger nossos corpos da ira destes cães! — disse Telêmaco, rompendo por uma saída que, dali de onde estavam, mantinham estrategicamente aberta.

Enquanto isto, Ulisses, ajustando as setas velozes ao arco, ia despedindo-as uma a uma, sempre certeiras, no peito e nas cabeças dos inimigos entrincheirados do outro lado do salão. Os corpos já estavam se empilhando, e um rio de sangue fumegava, saído de seus corpos sem vida, fazendo os pretendentes patinarem no chão grudento com cheiro de morte.

Entretanto, o guardador de cabras Melântio, que tomara o partido dos pretendentes desde a chegada destes e que sabia que seria punido com a morte tão logo acabasse o massacre ali dentro, decidiu, de fora, ajudar os inimigos de Ulisses, subindo ao depósito de armas e trazendo de lá um monte de lanças, escudos e elmos de bronze para eles.

— Telêmaco, veja! — disse Ulisses ao filho, que já havia retornado. — Os malditos estão recebendo ajuda de fora e já trazem ao peito armaduras e portam aos braços lanças e escudos!

O traidor Melântio foi aprisionado dentro do próprio depósito por Eumeu, guardador de porcos, quando lá retornara para nova remessa de armas aos pérfidos usurpadores.

Mas o mal estava feito: os pretendentes, empunhando suas lanças, prepararam-se para arremessá-las na direção de Ulisses e Telêmaco.

— Atiremos os primeiros seis dardos! — ordenou um dos canalhas.

As lanças voaram, cruzando todo o amplo salão, mas Minerva fez com que se desviassem do alvo, ferindo apenas levemente a mão de Telêmaco e o ombro de Eumeu, que se juntara aos dois na renhida luta.

Ulisses, então, ordenou também o ataque: as lanças dele, de Telêmaco e Eumeu partiram silvando e todas acertaram seus alvos, prostrando ao chão três dos pretendentes, que foram juntar-se ao enorme grupo dos cadáveres empilhados. O bando dos remanescentes aterrado,

recuou, ainda mais para o fundo do salão. Alguns ganiam, tentando de rastos retirar do corpo dos mortos as lanças empapadas de sangue.

Minerva, então, decidiu acabar com a audácia daqueles usurpadores e surgiu ao alto do salão, portando sua assustadora égide — a sua couraça franjada de serpentes, que tinha ao centro a terrível cabeça da Górgona. O bando dos sobreviventes arremessou-se como uma boiada apavorada, saltando por cima das mesas e dos corpos pisados, acossado pelas lanças e dardos que o rei de ítaca e seus ajudantes desferiam sem cessar.

Muito tempo ainda se passou quando do lado de fora a ama de Ulisses escutou a voz do filho de Laertes, soberano de ítaca, ordenar com voz saciada:

— Podem abrir as portas.

A ama perdeu a voz quando as portas se abriram de par em par: todos os pretendentes estavam mortos, seus corpos empilhados sobre uma piscina de sangue.

— A justiça está feita e a justiça completa — disse Ulisses, que estava coberto de suor, de sangue e de pó.

Melântio, o guardador de cabras que traíra a confiança ao dar acesso ao depósito para os pretendentes, foi desamarrado e levado à presença de Ulisses. Diante de todos, recebeu uma morte impiedosa: teve o nariz e as orelhas cortadas, o sexo extirpado e dado aos cães para que o comessem, e as mãos e os pés decepados.

Quanto a Penélope, finalmente reencontrou o marido, após vinte anos de longa ausência, e ambos tiveram uma longa noite de amor no mesmo leito onde tantas vezes tinham provado das delícias que Vênus reserva aos amantes.

ÓRION

— Por Júpiter, meu pai! Quem é aquele ser belo e gigantesco que passeia sobre a superfície das águas? — perguntou Diana, a deusa da caça, ao seu irmão Apolo.

— É Órion, filho de Netuno, não o conhece?

— Não, meu irmão, confesso que não.

— Seu pai lhe deu o poder de andar por sobre as águas. Parece que é um exímio caçador, também.

— Um exímio caçador! — repetiu ela, surpresa. — O que mais lhe concedeu o benevolente destino?

— Pouca coisa; às vezes, a beleza nem sempre é indício certo de sucesso no amor. Quer escutar a história de seu infeliz amor?

— Vamos lá!

— Órion certa vez apaixonou-se por Mérope, filha de Eunápio, rei de Quios; por amor a ela acabou com os animais selvagens da ilha, levando os despojos à amada. O pai dela, parecendo satisfeito com o pretendente, concordou em dá-la em casamento, embora ficasse sempre adiando a data. Um dia, entretanto, Orson perdeu a paciência e entrou nos aposentos da bela noiva. Ali, tentou possuí-la à força. O pai da jovem, indignado com tamanha afronta, foi até Baco e exigiu que este o punisse. O deus do vinho embriagou Orson durante o sono enquanto o pai ultrajado privou-o da visão.

— Cego? Mas ele anda com tanta segurança sobre as águas!

— Ah, minha irmã, você anda sempre tão envolvida com caçadas que não sabe de nada do que se passa entre os deuses e os homens. Falou-se muito neste caso. Orson ficou sabendo através de um oráculo que voltaria a enxergar caso partisse para o Oriente e lá deixasse que o Sol nascente lhe banhasse os olhos. Dito e feito: pôs-se imediatamente a caminho de Lemmos, acompanhando o ruído dos martelos dos Ciclopes, os fuliginosos ajudantes de Vulcano. Lá chegando, o deus, compadecendo-se dele, cedeu-lhe então um de seus ajudantes para que lhe servisse de guia até a morada do Sol. Órion colocou o guia nos ombros e caminhou com ele rumo ao nascente até encontrar o Sol, que lhe restabeleceu instantaneamente a visão. Quando retornou a Quios, para se vingar do rei Eunápio, no entanto, este havia desaparecido, e não houve jeito de encontrá-lo.

— Fascinante! — disse Diana, que já não ouvia o irmão, mas tinha os olhos fixos na figura máscula que saía da água, vindo em sua direção, com o passo elástico de gigante.

Diana, curiosa, convidou Órion para fazer parte de seu grupo de caça.

— É uma honra que nunca imaginei merecer um dia, ó filha de Latona! -respondeu o surpreso Órion, encantado com o convite e com a beleza da deusa. "Ó divino Sol, obrigado por ter me devolvido a possibilidade de poder admirar outra vez a beleza de uma tal divindade!", pensou ele, erguendo os olhos uma vez mais para o grande e universal astro.

Desde então, tão logo a Aurora se espalhava pelos céus com seu rosados véus, saíam os dois caçadores, Diana e Órion, com suas aljavas e arcos nas costas, a se embrenharem bosque adentro, seguidos pelos ruidosos cães de caça. Subiam montes e vales, perseguindo os gamos e os cervos velozes, despistando os terríveis javalis e transpassando-os com suas aceradas flechas.

Certa feita, entretanto, quando Órion caminhava sozinho pelo bosque, enxergou as sete belas Plêiades, filhas de Atlas. Elas eram ninfas do séquito de Diana e estavam se banhando no rio. Tão logo pôs os olhos sobre elas, viu-se perdidamente apaixonado por todas.

— Um gigante! Vamos, fujam! — gritou uma das Plêiades, fazendo com que todas lançassem seus belos corpos para dentro da água, transformando o rio num improvisado chafariz devido aos seus mergulhos.

— Por que fogem, adoráveis ninfas? — gritava o gigante, quase agarrando-as com as mãos descomunais. — Não pretendo fazer-lhes mal algum; sou Órion, não me reconhecem?

Desde este dia as sete Plêiades nunca mais tiveram paz: o importuno gigante passava os dias a espreitá-las e a persegui-las, onde quer que estivessem, seja banhando-se nuas nas águas do cristalino rio, seja caçando nos frondosos bosques.

Um dia, contudo, cansadas de não terem mais sossego, as ninfas imploraram a Júpiter que as metamorfoseasse em pombas. Júpiter atendeu ao pedido, e quando o imenso Orson pensou ter agarrado uma delas viu uma pomba sair voando de entre seus dedos, acompanhada de outras seis, deixando em suas mãos apenas um punhado de penas alvas e lisas.

Mais tarde Júpiter transformou-as em uma linda constelação.

Quem, entretanto, não andava nada satisfeito com Orson era o irmão de Diana, Apolo de douradas setas.

— Desde o surgimento deste desgraçado que Diana do arco de marfim tem desprezado a minha companhia — reclamava ele, com ciúmes da irmã. — Já é hora de expulsá-lo daqui.

Durante vários dias Apolo esteve procurando uma forma de desfazer-se do intruso, até que uma bela manhã surgiu a ocasião. Observando que Orson caminhava pelo mar apenas com a cabeça acima da água, como costumava fazer, esperou que ele se afastasse a uma boa distância e então chamou com um grito a irmã que estava um pouco mais afastada.

— Diana, vamos, veja se é capaz de alvejar aquele ponto negro sobre o mar. A deusa, que adorava desafios, assestou a sua seta ao arco e disparou-a incontinenti. O ponto negro, acertado em cheio pela flecha, afundou repentinamente.

— Aí está! — disse Diana ao irmão, agitando o arco no ar.

Dali a instantes as ondas trouxeram para a praia o lívido corpo de Orson.

— Oh, não! — gritou Diana. — Eu o matei! Meu irmão, eu o matei! Diana, percebendo que tal fora o propósito de Apolo, desesperou-se.

— Nunca mais quero vê-lo! — disse ela, olhando com fúria para seu irmão. Mas como eram ambos muito apegados, logo se reconciliaram. Apolo e

Diana, com efeito, além de serem muito unidos tinham um estranho senso de moral que não os fazia sentir remorsos, mesmo que cometessem alguns crimes francamente repreensíveis, como da vez em que haviam matado todos os filhos da pobre Níobe, só porque esta rainha ousara dizer-se mais bela que a própria deusa.

Vendo que não havia mais remédio que pudesse trazer Orson de volta à vida, pediu então a Júpiter, seu pai, que o colocasse entre as estrelas. Júpiter atendeu ao pedido, e desde então Órion aparece nos céus como um gigante, dotado de um cinto, uma espada, uma grande pele de leão e uma clava. Sírius, seu cão, o acompanha, e as Plêiades, lá em cima, voltaram outra vez a fugir de sua molesta presença.

ARISTEU, O APICULTOR

Aristeu, o apicultor, caminhava um dia às margens de um rio, em um local longe de suas terras, quando se admirou com a produção de mel:

— Impressionante como nesta floresta as abelhas produzem abundantemente o seu néctar! — disse, olhando admirado para o mel que transbordava generosamente da cavidade de uma árvore tombada. — Sem dúvida, as ninfas dos bosques devem protegê-las.

O jovem apicultor raspou com sua faca um pouco do líquido dourado que parecia brotar da própria madeira. Parecia ouro puro e liquefeito!

— Enquanto as minhas abelhas pereceram todas por força de alguma maldição divina, estas daqui parecem ter o dom da imortalidade! — disse Aristeu, desapontado. — Aí estão a voar ilesas, apesar da tormenta e do raio que lhes derrubou a árvore ainda esta madrugada.

O apicultor estava mergulhado neste desgosto desde que suas abelhas haviam morrido sem motivo aparente. Um belo dia simplesmente haviam amanhecido todas mortas, diante dos favos.

Aristeu sentou-se sobre a relva, desacorçoado; com sua faca retirou um pouco do mel, que escorria grosso e cristalino feito uma corda do próprio sol, e pôs-se a lambê-lo na beira do rio.

O apicultor era filho da ninfa Cirene, que por haver domado sozinha os leões selvagens que atacavam o rebanho de seu pai, Hipseu, rei dos Lápitas, ganhara o amor do deus Apolo. Desta união surgira Aristeu. Cirene estava sentada em seu palácio no fundo do rio, rindo gostosamente das histórias que as ninfas contavam, enquanto brincavam e mergulhavam à sua volta. De repente uma das ninfas surgiu apressada.

— Cirene, o seu belo filho está lá em cima! — disse ela. — Está a se lastimar, prostrado às margens, e mais parece um Narciso que tivesse visto sua imagem deformada no espelho das águas.

— Traga-o já até mim! — ordenou a mãe de Aristeu.

As águas imediatamente se abriram, como se duas mãos invisíveis tivessem apartado em dois o curso da água, e o jovem passou por entre as liquefeitas cortinas até chegar à região onde ficam as nascentes do grande rio, que depois se separam para correr em várias direções.

— Finalmente você faz uma visita à sua mãe, meu querido! — disse Cirene, alegre, a receber o seu filho. — Que boas novas me traz?

— Oh, minha mãe, ando muito desanimado! — disse Aristeu, de cabeça baixa. — Você mais que ninguém sabe do esforço e prazer que sempre dediquei às minhas abelhas. Sempre as preferi aos rebanhos, à caça e à agricultura. Levantava ao raiar do dia para acompanhar suas entradas e saídas dos favos e seus vôos para libar o néctar das flores, plantadas por minhas próprias mãos, e falava-lhes como se falasse com meus próprios filhos. Elas, por sua vez, me retribuíam com seu dourado e perfumado mel, que me proporcionavam com tal abundância que me trouxeram a fama de ser o mais hábil apicultor de que já se teve memória. De repente, minha mãe, da manhã para a noite elas me foram arrebatadas dos dedos como a areia sob o golpe de um vendaval! O trabalho de uma vida inteira foi-se por água abaixo, e você, minha mãe, nada fez para me poupar desse golpe do destino.

— Em nome de Netuno, senhor do tridente! Só pode ser praga das ninfas das florestas, meu filho! Dê-se por satisfeito de que não fizeram as abelhas voltar os seus esporões contra você ou produzirem um mel envenenado.

— Por que diz tudo isto, minha mãe?

— Ora, elas vingam ainda o infortúnio de Eurídice!

Aristeu parecia não entender; aquele era um fato tão distante!

— Além do mais eu não tive culpa alguma de sua morte — defendeu-se o apicultor. — Eu apenas a perseguia, cego pela paixão, quando ela desastradamente pisou sobre uma cobra, que a picou no mesmo instante. Ah, Eurídice! Sempre você, mesmo depois de morta? Não basta ter arrebatado minha alma, minha vontade, meu orgulho, enquanto era viva?

— Meu filho, esqueça Eurídice, ela está morta — disse Cirene, impositiva. -Sei, no entanto, de uma maneira para recuperar a sua criação de abelhas.

— Uma maneira? — exclamou Aristeu, ganhando alma nova.

— Você conhece, por certo, Proteu, o velho deus do mar.

— Claro, minha mãe. Ele apascenta o rebanho de focas e os grandes peixes de seu pai Netuno, não é isto?

— Exatamente. Nós, as ninfas dos rios, temos por este sábio deus uma imensa consideração e respeito, eis que ele conhece todas as coisas passadas, presentes e futuras.

Cirene interrompeu-se ao ver que as ninfas haviam trazido uma deliciosa refeição para os dois saborearem, à base de... m*el!*

— Comamos um pouco, meu querido.

— Continue falando, minha mãe, quero saber logo o que Proteu tem a me dizer — pediu Aristeu, olhando de soslaio para toda aquela abundância de mel, que se espalhava farto em todos seus tons dourados e consistentes.

— Como eu ia dizendo, meu filho, somente o divino Proteu poderá explicar a razão pela qual morreram as suas abelhas e como você pode fazer para que isso não volte a acontecer. Foi este mesmo deus, aliás, que indicou a Menelau, rei de Esparta, o caminho para casa quando este esteve perdido nos mares do Egito com sua Helena recém-resgatada das mãos dos pérfidos troianos. Entretanto, Proteu jamais o ajudará por livre e espontânea vontade, por mais que você implore. Por isso, precisará obrigá-lo a falar pela força.

— Obrigar um deus pela força? Como posso obrigar um deus a fazer o que quero?

— Calma, meu querido, na verdade é tudo muito simples: quando ele estiver dormindo seu breve sono do meio-dia, você aproveitará para agarrá-lo e acorrentá-lo com firmeza. Quando ele se sentir irremediavelmente aprisionado, recorrerá ao poder que possui de transformar-se repentinamente nas mais terríveis e amedrontadoras criaturas ou, então, produzirá um ruído semelhante ao crepitar das chamas ou ao barulho da água corrente. Mas você deverá ignorá-los e se preocupar apenas em mantê-lo bem preso ao longo de todas estas transformações. Quando ele perceber finalmente que todos os seus artifícios foram inúteis, voltará à sua antiga forma e estará pronto a responder a todas perguntas, a troco apenas da sua liberdade. Fique tranqüilo, meu filho: vai dar tudo certo.

Cirene ergueu-se, então, e conduziu o filho até a gruta de Proteu, localizada na ilha de Cárpatos, e escondeu-o entre as falhas dos rochedos.

Ao meio-dia, a hora em que o deus saía das águas para buscar repouso junto às sombras das grutas, Proteu saiu da água, deixando espalhado ao largo da praia o seu imenso rebanho de focas, e refugiou-se sob a sombra amena, no chão da gruta, adormecendo. Sem perda de tempo, Aristeu correu e o agarrou, acorrentando-o imediatamente.

— Perdão, divino Proteu, mas preciso da sua ajuda! — disse Aristeu, agarrado com toda força ao corpo do deus marinho.

Proteu, ao ver-se irremediavelmente preso, resolveu recorrer às suas artes, transformando-se primeiro num leopardo, depois num javali, depois numa leoa, e assim sucessivamente, mas sempre sem sucesso. Vendo, porém, a inutilidade de seus esforços, recuperou sua própria forma e disse, impaciente, ao apicultor:

— Diga de uma vez a que veio, jovem inoportuno!

— Você é profeta, sabe muito bem o que quero. Sabe também que vim sob a proteção dos deuses para descobrir a causa de minhas desgraças.

O deus marinho arregalou os olhos aquosos e penetrantes e disse:

— A causa dos seus infortúnios você já sabe! Por ter provocado a morte de Eurídice, recebe a justa punição das ninfas Dríades, companheiras de Eurídice, que lançaram a destruição às suas abelhas. Terá agora que apaziguar o ódio delas, o que não é pouca coisa. E se continuar a me apertar deste jeito, ganhará logo também a minha inimizade.

— E o que devo fazer para evitar outra calamidade parecida? — perguntou Aristeu mais calmo, mas sem jamais afrouxar as correntes.

— Você deve sacrificar aos deuses quatro belíssimos touros e deixar as suas carcaças apodrecerem no local do sacrifício. Nove dias depois voltará para examinar as carcaças e verá, então, o que aconteceu. A Orfeu e Eurídice você deverá render honras fúnebres suficientes para acalmar a ira deles.

Aristeu fez exatamente o que Proteu lhe havia prescrito e, voltando, ao nono dia, examinou as carcaças dos animais abatidos. Dentro delas escutou o zumbido querido das suas abelhas — sim, eram elas outra vez! -, como se mil demoniozinhos estivessem a conspirar dentro das ossadas.

— Oh, que maravilha! As abelhas brotaram das entranhas dos animais e ali estão a trabalhar como numa colméia! — exclamou o apicultor, feliz da vida.

De dentro da carcaça retirou, então, com a própria mão, um punhado de mel da cor do âmbar, que ofereceu à sua mãe, Cirene, e a Proteu, o deus das mutações.

GLAUCO E CILA

Glauco era um pescador na cidade de Antédon, na Beócia. Um dia estava sentado num penhasco à beira-mar, exercendo descansadamente o seu ofício, como costumava fazer todos os dias. Sua pescaria estava indo muito bem, obrigado, e os peixes prateados empilhavam-se a seu lado sobre a relva.

— Mais alguns e já posso ir para casa — disse o pescador, lançando outra vez a resistente rede para o mar.

Neste instante, porém, percebeu que algo estranho ocorria com os peixes ao seu redor: apesar de estarem quase mortos, readquiriam novo vigor após mastigarem um pouco da relva fresca. Um deles pulou de repente para dentro da água com um ímpeto renovado; outro seguiu logo atrás; em breve todos os demais também estavam outra vez dentro das ondas, tão dispostos e ágeis como antes.

Glauco tomou um punhado da relva entre os dedos.

— Que virtude mágica terá ela? — perguntou-se, aproximando do nariz a misteriosa erva.

Mastigou algumas folhas. Imediatamente sentiu algo estranho agitar-se em suas entranhas: um desejo frenético, na verdade, de também lançar-se ao mar!

O pescador, esquecendo para sempre da sua rede, tirou a roupa e lançou-se com um mergulho voraz às ondas revoltas.

Oceano e Tétis, as duas divindades marinhas que o observavam, resolveram no mesmo instante adotá-lo.

— Façamos dele um deus! — sugeriu Tétis, encantada com a beleza do jovem. As águas de todos os rios do mundo acorreram, então, num turbilhão que

envolveu o jovem, fazendo-o rodopiar loucamente, como se estivesse a flutuar numa poderosa linfa vital. Glauco não sabia, mas estava prestes a sofrer um novo nascimento.

O antigo pescador havia perdido a consciência em meio ao turbilhão revolto. Enquanto estivera imerso nas profundezas, seu corpo sofrerá uma transformação surpreendente: suas pernas haviam amalgamado-se num único membro, uma longa cauda repleta de escamas prateadas que refulgiam sob o reflexo dos raios do sol. Da cintura para cima, entretanto, Glauco permanecia quase o mesmo, à exceção dos seus cabelos, que, antes claros e lisos, haviam ficado agora revoltos e tomado uma coloração escura e esverdeada como a das algas.

— Que lindo ser ele se tornou! — disseram todas as criaturas do mar. Esta, pelo menos, era a opinião dos seus semelhantes. O próprio Glauco,

embora a princípio tivesse ficado francamente espantado — e mesmo horrorizado -com sua nova condição, aos poucos foi se acostumando com sua nova aparência.

— É... para um homem-peixe não estou nada mal! — disse ele, com um sorriso, ao mirar-se embevecido, qual novo Narciso, nas águas esmeraldinas.

Desde então Glauco passou a viver entre as ondas, nadando e mergulhando o dia inteiro, feliz como o mais feliz dos peixes.

Um dia, ao surgir de um mergulho que dera às profundezas do mar, retornara à superfície e fora recostar-se um pouco sobre as pedras de um alto promontório. Não vira, entretanto, que bem ao alto também estava descansando uma bela ninfa, chamada Cila. Ela estava envolta apenas por um véu diáfano e tão fino como se fosse a própria espuma do mar a envolver seu corpo bronzeado.

Cila, assustara-se com a aparência daquele ser — para ela, apesar de ele ser um jovem metade humano, ainda assim era assustador com sua repulsiva cauda, que ele mantinha dentro da água, mas cuja barbatana erguia-se de tempos em tempos para dar um grande tapa nas ondas espumantes.

De repente Glauco ergueu os olhos para o alto e enxergou a ninfa. Imediatamente sentiu-se tomado por uma paixão fulminante.

— O ninfa encantadora, desça até mim e me diga quem você é, tão bela assim!

Cila, tomada de um medo repentino, ergueu-se e desceu para a floresta, embrenhando-se dentro da mata fechada. Glauco ainda tentou segui-la, mas percebeu pela primeira vez a desvantagem de sua nova condição: suas antigas pernas, agora convertidas em uma grossa cauda, eram inúteis para encetar qualquer perseguição terrestre.

— Oh, maldição! — disse o jovem, arrastando-se pela relva, como um peixe que quisesse viver doravante em terra firme.

Glauco logo desistiu; seu peito estava machucado pelo esforço de rastejar pelo gramado e pelo cascalho pontiagudo. Chegou mesmo a tomar de novo um pouco da relva entre os dedos e mastigá-la agoniadamente, na esperança de que o mesmo sortilégio que o convertera em peixe pudesse transformá-lo outra vez em homem. Mas foi tudo em vão: sua longa cauda permanecia estirada por vários metros, incapaz sequer de mantê-lo em pé.

— Linda ninfa, não fuja de mim, pois não sou nenhum monstro! — gritou, desesperado.

Mas nenhuma voz lhe respondeu de dentro da mata. E desde então Glauco não conseguiu mais colocar os olhos sobre ela. Sua vida tornara-se triste e amarga. Deitado o dia inteiro sobre aquelas mesmas pedras, passava o dia a aguardar o reaparecimento de sua amada Cila. Mas sempre em vão.

Um dia, no último limite do desespero, resolveu procurar a feiticeira Circe — a mesma que eternizara sua fama ao converter em porcos os homens de Ulisses, na ilha Eéia. E foi para lá que Glauco dirigiu a sua longa cauda.

— Poderosa Circe, preciso de um filtro amoroso para conquistar o amor de uma ninfa, a mais adorável de quantas possam existir em todo o mundo! — disse Glauco, com os olhos rasos de lágrimas.

Durante um longo tempo o deus esteve tentando convencer a feiticeira a lhe ceder a tal poção. Mas mal sabia ele que a cada palavra sua a feiticeira sentia o coração tomado por um desejo imenso de compartilhar do afeto daquele jovem. "Que belo espécime!", pensava Circe, surda aos rogos e súplicas do jovem.

Mas tanto Glauco insistiu em falar de Cila — e só de Cila — que a feiticeira sentiu crescer dentro do peito o ódio por aquela que agora ela já via como a sua rival.

— Está bem, acalme-se! — disse Circe, fingindo ceder aos seus apelos. -Vamos ver o que posso fazer.

A feiticeira meteu-se dentro de sua casa e lá começou a preparar um filtro, mas muito diferente daquele que Glauco poderia esperar.

— Tome, leve até ela esta poção — disse Circe. — Vou lhe mostrar onde ela está. Quando lá chegar, derrame todo o conteúdo deste frasco na baía onde ela se banha. No mesmo instante ambos terão uma surpresa.

E assim fez o pobre Glauco, sem desconfiar de que a bruxa tramava a desgraça de sua amada e a sua própria infelicidade.

Glauco avistou Cila banhando-se no local indicado. Era um lugar retirado, onde dificilmente embarcação alguma atravessava. Cila estava inteiramente nua, deitada sobre as pedras. Assim esteve durante um bom tempo, adormecida. Glauco, pé ante pé, foi por dentro da água e liberou o conteúdo do frasco bem no local onde a bela Cila estava prestes a mergulhar outra vez.

— Pronto — disse Glauco, baixinho. — Logo você estará rendida aos meus amores!

Cila, com efeito, não demorou a erguer-se; os poucos e dourados pêlos do seu corpo estavam recobertos por uma fina camada de sal, que ela espanejou com a mão antes de mergulhar novamente na refrescante água.

Tão logo seu corpo dourado havia entrado na água, contudo, começou a ser alvo de uma transformação, a exemplo do que muitos anos antes ocorrera com Glauco. Mas — oh! — quanta diferença havia entre as duas metamorfoses! Enquanto o jovem havia se transformado num elegante misto de homem e peixe, Cila se transformava num verdadeiro monstro. De sua cintura brotaram cabeças enormes de cães e uma ninhada de serpentes, que ela tentou afastar com a mão inutilmente, pois estas criaturas agora faziam parte do seu próprio corpo. Suas pernas, a exemplo das de Glauco, também haviam se tornado uma única cauda, mas infinitamente mais horrível, recoberta de escamas ásperas como as de uma serpente, terminando num longo feixe de espinhos gotejantes de veneno.

— Oh, deuses, que castigo é este que recai sobre mim? — clamou a pobre ninfa.

Cila, que desdenhara a feiúra do deus-peixe, agora se transformara num ser aos seus próprios olhos muito mais horrendo, pois não participava de nenhuma natureza, fosse humana ou marítima.

Seu caráter, acompanhando também a degeneração de seu corpo, tornou-se tão ou mais detestável do que o seu horrível aspecto. Envergonhada de sua nova forma, a criatura bestial correu a refugiar-se numa escura caverna e desde então não fez outra coisa senão atacar e estraçalhar toda criatura que lhe passou perto, como, por exemplo, seis dos marinheiros de Ulisses, quando este cruzava aquelas nefastas águas a caminho de sua casa.

Glauco, infeliz no amor, ainda tentou mais tarde conquistar Ariadne, abandonada por Teseu na ilha de Naxos, porém também sem sucesso. Seu destino parecia ser apenas o de nadar — nadar para sempre, livre e desimpedido, porém sem nunca encontrar o afeto sincero de uma mulher.

CADMO E HARMONIA

— Se a vida de uma serpente é tão valiosa aos deuses, ó querida Harmonia, então mais vale ser uma serpente do que um homem.

Foi com esta praga infeliz que Cadmo, ex-rei de Tebas, deu sua entrada no reino dos ofídios. O velho Cadmo mal havia pronunciado tais palavras quando sentiu seu corpo começar a recobrir-se de escamas e seus membros desaparecerem, até que num instante só restava do antigo soberano uma serpente de grande cabeça chata e olhos de pupilas horizontais.

Harmonia, sua esposa, ao ver o que estava acontecendo com o marido, gritou desesperada:

— Oh, Cadmo, querido! O que fizeram com você os perversos deuses? Um sibilo foi a única resposta que Cadmo pôde dar naquele momento. Harmonia, desacorçoada, vendo que a metamorfose era definitiva, abanou a cabeça.

— Era esta, então, a última desgraça que nos faltava acontecer, não bastassem todas as outras que nos desabaram! — disse a velha, esmurrando os peitos. -Oh, mas vocês, deuses coléricos, não serão tão cruéis a ponto de me abandonar aqui, velha e sozinha, sem meu querido Cadmo! Façam com que ao menos eu compartilhe do destino dele, pois uma miséria compartilhada já não parece tão funesta a um mortal!

Os deuses não hesitaram em atender logo aos rogos da velha Harmonia: num instante estava também, a pobre, transformada numa comprida serpente, que foi logo juntar-se à outra, que parecia satisfeita, a chacoalhar os guizos. Logo as duas deslizaram pela relva, sumindo-se pelo bosque adentro.

Passado o primeiro choque da transformação, Cadmo e Harmonia foram aos poucos se acostumando com a sua nova condição de ofídios — pois a que o ser humano não se adapta, quando não há outra solução? Em poucos dias estavam plenamente habituados ao seu novo estilo de vida, bem como ao novo habitat: Cadmo e Harmonia eram agora duas ágeis serpentes, a infiltrar-se na mata espessa e virgem, livres dos incômodos da velhice, que nos últimos tempos os afligiam seriamente. Entretanto, com o passar do tempo, chegaram a se aborrecer com a sua nova rotina e também com o seu novo estado — pois a que o ser humano não toma logo tédio, uma vez acabada a novidade?

Assim, todas as vezes que as tardes ensolaradas se prolongavam demais, Harmonia não resistia e com seus olhos úmidos de serpente punha-se a relembrar seus tempos de glória.

— Não há tarde quente como esta — disse Harmonia, observando de esguelha um pequeno pássaro que piava num galho acima — que não me faça relembrar os saudosos dias em que minhas servas me banhavam com ervas perfumadas e eu ia repousar sobre o meu divã dourado, com a mesa, ao lado, farta das mais saborosas iguarias. Por que tinha você, afinal, que ir provocar os deuses? Por sua causa, agora, eu, a filha de dois deuses, estou condenada a rastejar ignobilmente nesta floresta infestada de mosquitos e a aturar o canto infindável destas malditas cigarras!

— Tem razão, minha querida! — disse Cadmo, sem coragem para afrontai a ira da mulher. — O que eu fiz não tem perdão! Se quiser amaldiçoar também o dia do nosso casamento, pode fazê-lo sem remorso, pois foi neste funesto dia que uni meu destino ao seu, arrastando-a para um negro destino!

— Ah, o nosso casamento... — disse Harmonia, dando um novo brilho ao olhar de suas verdes pupilas. — Que festa memorável! Todos os deuses abalaram-se do Olimpo — menos, é claro, aquela invejosa da Juno — para assistir às nossas festejadas núpcias. "As Núpcias de Cadmo e Harmonia!" Quem não ouviu falar, desde então, desta maravilhosa festa? Que mortal ou imortal a ela permaneceu alheio? Lembra do meu colar maravilhoso, Cadmo, aquele que Vulcano me presenteou, confeccionado por suas próprias mãos? Por causa dele um reino inteiro foi à guerra! E dizer que agora está nas mãos daquela mulher pérfida e mesquinha, a odiosa Erifila.

Harmonia sibilava de ódio incontido.

— Sim, minha amada, também me recordo perfeitamente — disse Cadmo, concordando. — Mas veja, nem tudo era harmonia naquele tempo! Se, de fato, não temos mais aquela antiga felicidade, tampouco amargamos hoje as desgraças que então tivemos de suportar.

— Oh, nem me fale destes horrores outra vez! — disse Harmonia, voltando a cabeça para o lado.

Mas Cadmo precisava falar, repisar de novo o começo das suas desgraças, pois lhe parecia que se não falasse acabaria envenenado por suas próprias palavras.

— Sim, a desgraça começou para nossa família desde o dia em que abati aquela maldita serpente consagrada a Marte, o seu funesto pai.

— Por que não a deixou quieta, então? — resmungou Harmonia.

— Como? Esqueceu da maneira como se deu o nosso encontro?

"Ah, lá vem ele de novo com a história do duelo com a serpente!", pensou a esposa de Cadmo. "E logo depois a dos mirmidões, eu poderia apostar."

Então cresceu na alma de Harmonia a certeza de que não existia coisa mais enfadonha à paciência humana do que o homem de um único feito — ou mesmo de dois ou três.

— Deixar em paz aquela maldita serpente, que devorou meus homens! E a isto que você se refere quando censura a atitude que tomei em relação a ela?

— Cadmo, apesar de transformada em serpente, estou velha demais para fingir que não sei aonde você pretende chegar. Desenrole logo o fio do seu novelo e chegue logo à narrativa do seu glorioso duelo com a maldita serpente! Bem sei que é a primeira vez como serpente que deverei escutá-la, mas aviso já que será a primeira e a última!

Não, não era a última, pois assim como Cadmo jurava que repetiria sua história pela última vez, assim Harmonia jurava de pés juntos que a escutaria pela derradeira vez, e assim iam distraindo suas miseráveis existências.

Cadmo, a esta altura, já estava surdo às palavras da esposa; à sua frente tinha uma interlocutora inteiramente nova: aquele rosto ofídico nunca tinha ouvido o seu relato, e agora Cadmo iria observar pela primeira vez as reações faciais dele diante do seu espantoso relato.

— Aquela serpente era um monstro — um monstro horrendo e assassino! -, e fiz um favor à humanidade ao limpar a Terra da sua presença.

O transe começara, e Harmonia sabia que uma vez iniciado só havia um jeito de fazê-lo terminar logo: conduzir o relato por meio de perguntas objetivas, tal como um vaqueiro tange o gado, para que chegasse o mais breve possível ao seu destino.

— Vamos lá, o que você andava fazendo em Tebas? — disse Harmonia, como num jogral.

— Minha irmã Europa, você sabe, havia sido raptada por Júpiter, que se disfarçara em um touro para alcançar seu fim; Agenor, nosso pai, ordenou, então, que nós todos, seus irmãos, saíssemos à sua procura — o louco! — e assim fui eu errar por terras que nunca vira, sem jamais ter encontrado a pobre Europa. Receando, contudo, retornar para casa de mãos abanando, decidi ficar pelo mundo e fazer meu próprio destino.

— Adiante, Cadmo.

— Consultei, então, o oráculo de Apolo, o qual foi claro ao me dizer: "Pega a primeira vaca que aparecer pelo caminho e a siga até onde ela quiser; onde suas patas empacarem, ali construirás uma cidade a que darás o nome de Tebas".

— Muito bem, você encontrou a vaca e ela andou, andou, andou, até empacar num tal lugar, e ali você disse: "Aqui construirei, então, Tebas sagrada!".

— Agora percebo por que você tem uma língua fendida: é, por certo, para que fale por nós dois... — retrucou Cadmo, mal-humorado.

— Adiante, Cadmo, adiante.

— Mandei, então, que meus criados fossem procurar água pura para que fizéssemos a libação aos deuses. Como eles demorassem, fui à sua procura. Ao entrar no bosque onde eles haviam se internado, dei de cara com uma gruta. Do lado de fora havia muitas poças de sangue e alguns pedaços das roupas dos meus pobres servos.

— A serpente os havia devorado e aguardava somente a sua chegada para devorá-lo também... — disse Harmonia de modo corrido, como quem recita um texto pela milésima vez.

— Exatamente. Oh, jamais esquecerei aquela serpente terrível, com os maxilares ensangüentados, tendo ainda nos dentes alguns bocados de meus homens! Que ódio insano se apoderou de mim naquele momento, Harmonia!

— Lá vamos nós.

— Primeiro atirei uma grande rocha contra ela, que teria sido capaz de abalar as próprias muralhas de Tróia, erguidas por Netuno, mas ela nem se abalou. Lancei-lhe, então, com mais felicidade, uma lança, a qual penetrou entre sua casca asquerosa, dilacerando sua carne imunda. Ela se contorceu de dor, tentando arrancar, em vão, a flecha mortífera, mas a ponta de ferro ficou lá cravada, dentro de sua carne. Ela veio, então, em minha direção, com a boca escancarada cheia de riscos de sua saliva podre misturada ao veneno, enquanto eu recuava, prudentemente. Assim estivemos durante longo tempo, ela cuspindo em minha direção sua baba asquerosa e pestífera, e eu escolhendo o momento certo para enterrar meu dardo em sua goela hedionda, até que consegui encurralá-la junto ao tronco de uma árvore, prendendo-a firmemente pelo flanco. Aproveitei, é claro, para enterrar minha lança com toda a força em sua garganta, e o fiz com tanta força que o peso dela curvou a árvore, indo cair ambas ao solo, extenuadas e sem vida.

Cadmo fez uma pausa para retomar o fôlego.

— Agora deixe-me contar a propósito...

—... dos mirmidões, é claro... — completou Harmonia, feliz, apesar de tudo, por ter sido tão misericordiosamente curta a narrativa da serpente.

— Estava com o monstro abatido a meus pés quando escutei uma voz bem nítida que assim dizia: "Cadmo heróico, toma agora os dentes desta fera e os semeia sobre a terra!". Claro que segui à risca o que a voz dizia — só podia ser a de um deus! — e dali a pouco vi brotar do próprio chão, para meu indizível espanto, um exército inteiro de soldados armados já de lanças e escudos! Uma colheita de soldados!

— E o que eles fizeram?

— Estranhamente, nem bem haviam se livrado da sujeira da terra, começaram a brigar uns com os outros. Mas não era uma briguinha qualquer, não. Aquele era um exército portentoso, de milhares de homens armados até os dentes, e a briga pavorosa se estendeu pela noite inteira, sob o brilho das estrelas. E apesar de ter tentado intervir por mais de uma vez, fui sempre rechaçado por uma voz que me dizia: "Refreia a sua mão, eis que esta é uma luta entre irmãos!".

— E como terminou este massacre?

— "Massacre", bem o diz, cara Harmonia, pois ao cabo da luta restavam somente cinco deles vivos e em pé no meio de um mar de mortos. Então os cinco disseram, a uma só voz: "Armas fora, companheiros, e vivamos doravante em paz!". Juntei-me, então, a estes valorosos soldados, e juntos construímos a cidade de Tebas, glória de toda a Grécia.

A noite já vinha caindo, e as duas serpentes já estavam cansadas de relembrar, e de sorrir, e de chorar, e de sofrer, e de se aborrecer, enfim, de tudo isto. Para felicidade delas não foram obrigadas a relembrar os fatos que se seguiram muito depois, e a terrível maldição que se abateu sobre a casa de Cadmo por conta da serpente — ou do dragão, como querem outros — que ele matou naquele terrível dia. Seus filhos e netos foram extremamente infelizes, e o casal foi obrigado a partir de Tebas, indo reinar no país dos enquelianos, que, parece, souberam dar mais valor ao dois velhos monarcas do que o próprio povo destes.

Neste momento uma luz brilhou diante das duas serpentes: era Mercúrio quem vinha, a mando de Júpiter, para conduzir até os Campos Elísios as duas serpentes.

— Eis que os deuses apiedaram-se de vocês, e é chegada a hora de passarem ambos aos amenos campos — disse o deus dos pés alados.

Cadmo e Harmonia deram entrada, naquela mesma noite, nos Campos Elísios, e esta foi, seguramente, a primeira vez que duas serpentes adentraram um paraíso.

O MITO DE SÍSIFO

A lenda de Sísifo está marcada para sempre pela imagem do homem condenado a arrastar uma imensa rocha morro acima, que sempre despenca tão logo ele chega ao topo. Mas este é apenas o fim da curiosa vida de Sísifo, personagem dos mais famosos.

Sísifo era filho de Éolo, deus dos ventos e descendente direto de Prometeu. Importa muito saber isso, pois Prometeu é o primeiro de uma linhagem de notórios embusteiros (foi ele quem furtou o fogo dos deuses) que proliferarão por toda a mitologia. Sísifo, assim, não por nada, chegará a ser conhecido como o mais astucioso de todos os mortais. Antes que alcançasse este importante galardão, porém, fundou a cidade de Corinto — então chamada de Éfira — e

dela tornou-se rei. Diz Homero que por ter sido um rei justo e pacífico teria acorrentado a própria Morte, despovoando o reino de Plutão e atraindo para si a ira daquele deus.

Mas isto veremos logo a seguir.

Antes disto, diremos que este personagem intrigante reivindica para si a glória de ser o verdadeiro pai de Ulisses, retirando assim esta honra das mãos de Laertes, seu presumido progenitor. A lenda parece ter merecido algum crédito, pois toda vez que algum inimigo pretendia ofender o célebre herói, recorria ao baixo expediente de chamá-lo de "filho de Sísifo".

Mas como se teria dado tal fato? A versão mais autorizada afirma que Sísifo, tendo chegado na véspera do casamento de Laertes com Anticléia (ela própria filha de Autólico, outro notório farsante), adiantara-se ao noivo e gerara Ulisses, desaparecendo em seguida, deixando a Laertes o encargo de criá-lo.

Sísifo, tal como seu ilustre antepassado Prometeu, não tinha pudor algum de se meter nos assuntos divinos. Um dia estava em meio a um passeio quando observou a águia de Júpiter passar ao alto carregando Egina, filha de Asopo, em direção ao Olimpo. Esperando tirar algum proveito desta indiscrição, Sísifo correu logo até a corte do desesperado rei.

— Asopo, vou ajudá-lo a encontrar sua bela filha — disse o temerário Sísifo -, mas em troca quero sua palavra de que fornecerá a Corinto uma fonte límpida de água.

— Está bem, farei brotar uma nascente na sua cidade! — respondeu o angustiado rei. — Mas isto somente se você der um jeito de encontrar a minha filha.

— Sua filha foi raptada pela águia de Júpiter e levada para uma distante ilha. Júpiter, que tudo via lá do Olimpo, não tardou a descarregar sobre Sísifo sua fúria implacável e ordenou que a própria Morte fosse no encalço do intrometido.

A Morte foi dar cumprimento imediato à ordem do deus supremo, porém, quando chegou para agarrar Sísifo, este não só conseguiu fugir dela como fez dela seu prisioneiro, fazendo jus desta forma à sua fama de mais ardiloso dos mortais. Foi daí, decerto, que surgiu a lenda de que Sísifo teria despovoado os infernos. Mas Júpiter, a instâncias de Plutão, acabou por resgatar a Morte das mãos de Sísifo por intermédio de Marte, o belicoso deus da guerra.

Tão logo a Morte viu-se libertada de sua vexatória sujeição, Júpiter precipitou Sísifo no Tártaro, a masmorra dos infernos. Mas Sísifo não seria Sísifo se não tivesse dado um jeito de escapar desta, também. Assim, antes de ser levado para o Tártaro sombrio, deu um jeito de planejar um truque com sua esposa.

— Prometa que não irá me prestar as devidas honras fúnebres — dissera ele à esposa antes de descer às regiões infernais.

Assim, quando Sísifo se viu nos infernos, foi imediatamente ter com Plutão:

— Oh, Plutão, senhor da mansão subterrânea! Não pode calcular o quanto me arrependo por ter interferido nos atos do pai dos deuses! Mas, veja, como poderei permanecer aqui se minha desgraçada mulher fez a mim uma afronta muito maior do que qualquer uma que eu tenha feito aos deuses? Como estarei aqui em paz se ela não me prestar as devidas honras fúnebres? Por favor, deixe-me voltar lá para cima e ajeitar as coisas neste sentido; prometo que, tão logo tenha resolvido tudo, estarei aqui de volta.

— Está bem, está bem... — disse Plutão, coçando a cabeça. — Mas não demore a voltar, pois do contrário o trarei de volta, e da maneira mais vexatória possível.

Sísifo, feliz, retornou ao convívio dos vivos e, sem ligar a mínima para a promessa, ainda esteve neste mundo até a mais avançada velhice. Quanto ao deus dos infernos, ocupado em repovoar os seus domínios, acabou por esquecê-lo.

Mas o enganador, cedo ou tarde, também acaba enganado. Um dia Sísifo descobriu que seu vizinho Autólico, filho de Hermes — a quem já nos referimos antes — vinha furtando o seu gado.

— Estranho! Enquanto meu rebanho diminui, o de Autólico aumenta! -dizia o rei de Corinto, encafifado.

Depois de muito matutar, Sísifo teve, afinal, uma brilhante idéia: a de marcar os cascos de cada animal com letras, de modo que, à medida que o gado se afastasse de seu curral, iria deixando impressa no chão a frase "Autólico me furtou"...

Autólico, entretanto, tão logo se viu flagrado, tratou de devolver as reses.

— Sísifo, você é o maior! — disse o ladrão de gado, encantado com a astúcia do rival, pois Autólico era, antes de mais nada, a exemplo de Sísifo, um amante do belo logro.

Assim ficaram ambos amigos. E foi daí que Sísifo, dizem as más línguas, deve ter tido acesso ao leito da filha de Autólico, a bela Anticléia, o que resultou no nascimento de Ulisses, conforme já dissemos.

Um dia, entretanto, a vida de Sísifo chegou ao seu termo, como chegam a de todos os mortais. Júpiter resolvera pôr um fim às suas velhacarias e puni-lo pelas suas afrontas. Sísifo foi então precipitado ao Tártaro — desta vez em definitivo — e condenado a rolar uma enorme rocha até o alto de uma escarpada montanha. Tão logo chega ao cume, despenca, obrigando Sísifo a recomeçar o estafante trabalho, o qual se repete para todo o sempre.

CALISTO

A ninfa Calisto era uma virgem que fez voto de castidade para seguir a deusa Diana e era a companhia preferida da divindade. Todas as manhãs as duas embrenhavam-se mata adentro

para caçar, com suas aljavas prateadas penduradas às belas costas, e seus resistentes coturnos de couro a lhes protegerem os seus delicados pés.

Quando exaustas, banhavam as duas os seus corpos nus e suados nas águas transparentes do rio que manava da própria rocha, ou descansavam na relva verde e macia. As outras ninfas, contudo, sempre invejaram a preferência que a deusa dava à bela Calisto.

Júpiter, entretanto, também a viu lá do Olimpo e logo estava loucamente apaixonado por ela. Sabedor de que Diana a havia alertado sobre os ardis dos deuses e dos homens para conquistar as mulheres, Júpiter astutamente se disfarçou de Diana e seduziu Calisto, a qual lhe deu um filho chamado Arcas. As despeitadas ninfas logo trataram de fazer essa novidade chegar aos ouvidos de Diana, que a afastou imediatamente do seu séquito de ninfas virgens.

Mas havia mais alguém visando à pobre Calisto lá de cima do Olimpo: era a ciumenta Juno, esposa de Júpiter, a qual, tão logo soube da traição do marido, disse:

— Vou acabar logo com sua beleza e fascínio, transformando-a numa ursa horrenda e desajeitada.

— Céus, o que está havendo comigo? — exclamou Calisto, ao sentir seu corpo começar a cobrir-se de um espesso e amarronzado pêlo.

A pobre ninfa olhou, aterrorizada, para os seus membros peludos, sentindo que sua própria boca aumentava de tamanho, enchendo-se de presas enormes.

"Oh, se ao menos tivesse me transformado num elegante felino!", pensou ela, tentando dar alguns saltos ágeis; mas um urso pode ser tudo menos elegante, e por isto caiu logo de quatro sobre a relva, com todo o seu imenso peso.

Seu espírito, contudo, permanecera ileso. Andava pelos mesmos lugares em que antes caçava, olhando as ninfas se divertirem no bosque com Diana.

Às vezes Calisto vagava noites inteiras ao redor de sua casa, esperando ver seu filho, ou mesmo para fugir da escuridão que assolava a floresta na noite apavorante e ruidosa. Mas ela agora não podia mais conviver no meio dos homens, e seu espírito não admitia a possibilidade de ter de conviver com as embrutecidas feras.

O tempo passou, e seu filho Arcas cresceu, transformando-se num belo jovem. Um dia resolveu caçar — afinal, já tinha idade para tanto, pensava ele — e entrou na floresta onde sua mãe vivia escondida. A vingativa Juno, entretanto, que ainda guardava rancor no coração, esfregou as mãos.

— Chegou a hora da realização do último ato da tragédia!

Arcas estava de arco em punho quando viu surgir detrás de uma árvore a ursa gigantesca, que nem desconfiava, é claro, tratar-se de sua própria mãe.

— Meu filho querido, enfim você veio me encontrar! — tentou dizer Calisto, mas o que saiu de sua boca foi apenas um terrível rugido que encheu o jovem de pavor.

Retesando, então, a corda de seu arco, o jovem despediu a sua velocíssima seta.

Tudo teria terminado da pior maneira possível se Júpiter, penalizado, não tivesse interferido no último instante, arrebatando Calisto e seu filho daquele cenário e colocando-os nos céus, como as constelações da Ursa Maior e da Ursa Menor.

O ódio de Juno não conheceu limites diante de tal afronta. Enfurecida, resolveu ir se queixar a seus pais adotivos, Tétis e Netuno.

— Já não posso mais viver com dignidade entre os deuses, eis que meu marido me afronta de maneira vil, fazendo com que eu seja suplantada pela amante de meu marido e, ainda, o seu filho!

— Não podemos acreditar em tamanha afronta! — exclamaram Tétis e Netuno.

— Então olhem para o céu durante a noite — respondeu Juno, lavada em pranto — e verão meus dois inimigos límpidos e brilhantes lá no alto, a debocharem de minha honra ultrajada! Quem hesitará em me vilipendiar daqui por diante, quando é este o prêmio de todo aquele que ousa me afrontar? Não a considerei digna de se revestir da forma humana, e agora ela é exaltada entre as estrelas.

Infelizmente para Juno, desta vez a sua ira teve de se satisfazer com uma bem pequena recompensa, pois a única providência que Netuno pôde tomar foi a de nunca permitir que as constelações da Ursa Maior e Ursa Menor pudessem submergir no oceano, tal como acontece com as demais estrelas, sendo obrigadas a fazer seu curso em círculos ininterruptos sobre os céus.

A MORTE DE HÉRCULES

I — O IDÍLIO DO HERÓI

— Hércules, querido, não esqueça de passar uma vassoura no palácio depois de terminar o seu bordado.

Ônfale, rainha da Lídia, estava descansando em uma cadeira de encosto na balaustrada do seu palácio; fazia frio e ela vestia a pele do leão de Neméia, que Hércules, seu marido, abatera em um de seus famosos "trabalhos".

— Varrer todo o palácio de novo?! — disse uma voz rouca vinda lá de dentro.

— Uma vez por semana é muito para você? — disse a rainha, erguendo levemente a cabeça. — Para quem limpou os estábulos de Augias — e você sabe em que estado eles estavam! -, o que é passar uma vassourinha por aqui, uma vez por semana?

Ônfale estava ligeiramente irritada: nos últimos tempos seu marido estava se tornando cada vez mais preguiçoso e resmungão.

Escutaram-se ainda alguns resmungos inaudíveis vindos do interior, e depois seguiu-se um silêncio. Ônfale passou a mecha para trás da orelha e apurou o ouvido.

"Sim, ainda está fiando o linho...", pensou, relaxando um pouco.

Hércules, com efeito, fora obrigado a casar-se com a rainha por conta de uma punição que recebera por ter matado o seu amigo Ifítus. Tal sentença lhe fora dada em Delfos, onde fora lavar-se desse crime. O oráculo de Apolo condenou-o à escravidão por três anos, e Hércules foi vendido por Mercúrio a Ônfale. Agora, passava dias inteiros diante da roca, lidando com o fuso e os fios, como uma criança lida com seu brinquedo — ou como uma mulher lida com suas tarefas.

"Como o maior herói da Grécia pôde ter-se afeiçoado tanto a esta distração?", pensou ainda a rainha.

Ônfale ergueu-se. Depois de ajeitar melhor a pele sobre os ombros, rumou para o quarto do casal. Tão logo entrou na peça avistou a pesada maça do esposo largada a um canto. Por que será que, por mais que a escondesse, ela sempre estava à vista? Seria um signo, um sinal de algo que permanecia latente — a virilidade de seu esposo, quem sabe, que a qualquer momento poderia retornar?

A jovem, entretanto, referia-se aqui a outra espécie de virilidade. Hércules não deixara nunca de cumprir com seus deveres conjugais; na condição de escravo da rainha, ele se mostrara bastante dócil quanto a esta parte do acordo, entendendo que ela era a parte mais agradável do rol de suas obrigações.

Esta, aliás, era outra coisa que também sempre a intrigara: por que Hércules, o homem mais forte do Universo, páreo até mesmo para os deuses, tinha tamanha facilidade em *servir?* Um homem com aquela força descomunal, aquela ira tão fácil de explodir, e que, no entanto, não contestava nunca quando alguém vinha pôr-lhe a canga no pescoço! Com que facilidade, por exemplo, mostrara-se disposto a cumprir as ordens de Euristeu, seu sórdido primo, um sujeito tão covarde que jamais recebia pessoalmente o herói, mantendo sempre preparado um jarro de bronze onde pudesse se refugiar, caso este resolvesse atacá-lo! Será que o divertia o fato ter de obedecer a alguém sabidamente inferior? Ou era apenas um senso de dever que os deuses haviam insulado em si para contrabalançar o seu primitivismo anárquico e feroz?

Ônfale pensava em todas estas coisas enquanto observava o marido sentado diante da roca. Hércules vestia roupas femininas e parecia não se importar nem um pouco com isto. Quem se atreveria a debochar dele, afinal?

— Hércules, tenho notado em você uma certa inquietação, agora que o prazo final de nosso casamento se aproxima — disse a rainha, que não sabia dizer, sinceramente, se lamentava que tal fim estivesse próximo.

O herói largou por um momento o fio que enganchara no fuso e comentou:

— De fato, acho que ando cansado disto tudo.

— Espero que eu não esteja incluída no seu *nisto tudo* — disse Onfale, fingidamente magoada.

— De forma alguma! — disse Hércules, erguendo-se. As pregas do seu manto liberaram-se e o tecido de seu vestido lhe desceu até os pés. — Você tem sido uma esposa — e uma ama — maravilhosa!

Hércules, vestido de mulher, estreitou nos braços a rainha envolta em sua pele de leão.

— E diversão não lhe faltou aqui — disse a esposa. — Você liquidou dois malfeitores que aterrorizavam este país e enfrentou até uma serpente monstruosa.

— Pois é, mas acabou, e agora estou, pela primeira vez, me sentindo um homem preso.

Onfale sabia que ao vencer o prazo Hércules lhe daria as costas. E quem era ela para manter seguro um homem daqueles, uma vez que ele decidisse que era hora de ir embora?

— Muito bem, então que seja assim! — disse a rainha.

Onfale foi até o canto onde estava a poderosa maça do herói e, pegando-a, aproximou-se de Hércules.

— Para que isto? — perguntou ele, com um sorriso.

— Em nome dos deuses, a partir deste instante eu lhe devolvo a liberdade! — disse ela, batendo levemente com o porrete, primeiro no ombro esquerdo e depois no direito do herói.

— Já é hora de deixar de usar isto, também — disse ela, despregando as vestes femininas de Hércules e conduzindo-o para o leito do casal.

— Desde que você me devolva isto — disse Hércules, arrancando num puxão a pele de leão que envolvia os ombros frágeis da rainha. Onfale deu uma volta sobre si mesma e foi cair estatelada sobre o leito de macias penas.

Um sorriso satisfeito brilhou, afinal, nos lábios da rainha: Hércules voltara a ser o mesmo, outra vez.

II — O DUELO DE HÉRCULES E AQUELÓO

Durante o tempo em que estivera servindo à rainha da Lídia, Hércules havia se lembrado muitas vezes de uma promessa que havia feito ao herói grego Meleagro, quando de sua visita aos infernos para trazer à superfície Cérbero, o temível cão de três cabeças. Ele havia prometido à

sombra de Meleagro morto que se casaria com sua irmã Dejanira, filha do rei de Calidon, tão logo retornasse à Terra.

Uma vez liberto, Hércules, premido por mais esta missão — mais uma, com efeito, em sua vida —, partiu logo para Calidon. Entretanto, ao chegar lá descobriu que Dejanira já tinha um pretendente — um grande pretendente.

— Oh, lamento, grande Hércules, mas Aquelóo, filho do Oceano e de Tétis, já pediu a minha mão em casamento! — disse Dejanira, sinceramente decepcionada.

"Lamento, grande Aquelóo, filho do Oceano e de Tétis, mas a mão da adorável Dejanira será minha!", pensou Hércules, já pronto para mais uma disputa.

Empunhando sua maça e envergando seu traje característico, o herói foi em busca do seu rival.

Aquelóo, o mais célebre de todos os rios que banham a Grécia, ficou furioso ao saber das pretensões de Hércules.

— Como você se atreve a pretender tirar de mim a minha noiva? — disse o rio, espumando de raiva.

— Lamento, poderoso rio — disse Hércules, raspando sua clava sobre o solo -, mas se trata de uma promessa feita a uma sombra, e promessas desta natureza devem ser cumpridas custe o que custar.

— Não custará menos do que a sua vida! — disse, num rugido, Aquelóo. — Mas não se preocupe, logo estará diante do irmão de Dejanira e então você poderá se explicar melhor.

Imediatamente os dois adversários lançaram-se ao ataque. Era tudo o que Hércules mais queria: poder empunhar outra vez a sua maça e desferir a torto e a direito os seus poderosos golpes.

Aquelóo, sentindo o poderio do adversário, transmudou-se em uma serpente gigantesca.

— Serpente, senhor rio? — disse Hércules, com ar de mofa. — Ora, se estrangulei uma no próprio berço...

Hércules agarrou a cabeça da víbora colossal e deu-lhe um nó tão forte que Aquelóo viu-se obrigado a desvencilhar-se daquela forma e assumir a de um grande touro de ventas negras como a noite.

— Agora verás o poder do meu arremesso! — disse o touro, escarvando o chão e levantando atrás de si uma nuvem de poeira que sufocou a cidade inteira.

— Venha, então! — disse Hércules, lançando longe a sua clava e esfregando as duas mãos, que mais pareciam dois potentes malhos.

Nem bem o touro monstruoso havia se arremessado, cego de ódio, quando Hércules, dando um pulo ágil para o lado, agarrou-se aos cornos do animal, seguindo montado em suas costas. O touro correu alguns metros, mas foi obrigado a parar e ajoelhar-se logo em seguida, tão logo Hércules ameaçou quebrar-lhe os chifres.

— Está bem, você venceu, você venceu! — gritou Aquelóo, agoniado.

— Não, ainda não — gritou Hércules, arrancando com um golpe violento um dos cornos do animal.

Aquelóo despediu um urro formidável e terminou de cair ao solo, enquanto Hércules pulava para o chão, de posse do precioso chifre.

— Aqui está, podem levá-lo consigo! — disse Hércules às Náiades, ninfas dos regatos, que assistiam aterradas ao pavoroso embate.

As ninfas correram logo a se apoderar do corno e o encheram de frutos e flores, dando origem assim à cornucópia — símbolo da fertilidade, riqueza e abundância — ou pelo menos a uma delas, já que havia uma outra, segundo a tradição, feita do chifre de Amaltéia, a vaca que amamentara a Júpiter.

E foi desta maneira que Hércules conquistou a mão de Dejanira.

III — O CENTAURO NESSO

Infelizmente, o gênio irritadiço de Hércules não permitiu que pudesse ter uma vida calma com a sua nova esposa, eis que um dia, estando à mesa, matou num acesso brusco de cólera o pajem, filho de um amigo do rei de Calidon, simplesmente porque este lhe derramara em cima um pouco de vinho.

Hércules foi obrigado, então, a se exilar para expiar este desastrado crime, levando consigo a infeliz princesa.

— Não importa, amado Hércules — disse Dejanira, confiante -, para onde você for eu também irei!

Partiram, e um dia, chegando à beira do rio Aveno, não tiveram outro jeito senão atravessá-lo.

— Veja, Hércules, há um barco lá no meio do rio! — disse Dejanira, abanando a mão para o barqueiro.

— Eu conheço aquele sujeito — disse Hércules, com a mão em pala sobre os olhos, avistando a figura que conduzia o barco. — É o centauro Nesso, já nos defrontamos numa de minhas inúmeras batalhas contra os centauros; eu o expulsei para esta região.

O centauro aproximou-se lentamente com sua barca; parecia temeroso de seu reencontro com o velho inimigo.

— Pode encostar, viemos em paz! — disse o herói ao barqueiro.

Hércules, querendo testar a força dos seus braços, preferiu ir a nado, cometendo, no entanto, a imprudência de deixar que o antigo desafeto ficasse encarregado de transportar sua esposa até a outra margem.

Nem bem havia chegado lá quando escutou os gritos de Dejanira.

— Socorro, Hércules, me salve! — dizia ela, no meio do rio, lutando para se desvencilhar dos braços de Nesso, que, dez vezes mais imprudente, tentava violentar a esposa do herói, talvez para se desforrar da antiga derrota.

Hércules, então, sacando com toda a rapidez o seu arco e enganchando nela uma flecha embebida no veneno da hidra de Lerna, disparou a seta, que foi cravar-se no peito do agressor.

Nesso tombou ainda sobre a barca, mas antes de morrer disse a Dejanira:

— Dejanira, perdoe minha atitude! Estava louco de desejo pela sua maravilhosa beleza. Quero também que Hércules perdoe tudo o que lhe fiz: aqui está algo que lhes poderá ser útil.

Tomou, então, um pouco do seu sangue envenenado e, colocando-o num pequeno recipiente, entregou-o a Dejanira, dizendo:

— Tome, guarde esta pequena porção de meu sangue. Quando você estiver em grave risco de perder o seu amado Hércules, basta que embeba neste líquido qualquer peça de roupa e faça com que ele a vista em seguida. Desta forma terá garantido para sempre o amor do seu marido.

Nesso morreu antes que a barca encostasse na outra margem, e fez bem, pois Hércules estava pronto a dar cabo do seu último alento de vida tão logo tivesse o centauro em suas mãos.

IV — A TÚNICA DE DEJANIRA

Hércules e Dejanira instalaram-se na Tessália. Ali, o herói foi encarregado de chefiar diversas expedições pelas redondezas, e numa delas conseguiu trazer como despojo a princesa Íole, filha do rei Eurito, que este recusara certa feita a lhe entregar por esposa, mesmo tendo Hércules se saído vencedor de um concurso de tiro ao alvo cujo prêmio era a mão da bela princesa.

— Aí está como se dão as coisas neste mundo! — disse Hércules, carregando em triunfo a assustada Íole. — Seu pai, àquela época, não quis me dá-la para esposa; pois agora matei-o e tomo-a como minha concubina.

Hércules, no dia seguinte, resolveu parar num determinado santuário para agradecer aos deuses por mais esta vitória.

— Licas, venha cá! — disse ele, chamando seu fiel companheiro. — Vá até Dejanira e peça-lhe que me mande uma túnica limpa para que possa me apresentar com dignidade diante dos deuses e lhes oferecer a minha olorosa hecatombe.

Dejanira, entretanto, temerosa da rival, lembrou-se do remédio que Nesso lhe dera antes de morrer. Deu, então, a Licas, uma túnica embebida no sangue do centauro Nesso.

— Vá, corra até o meu esposo e dê-lhe isto para vestir! — disse Dejanira, esperançosa.

Tão logo Licas chegou onde Hércules estava, lhe estendeu a túnica, que o herói vestiu no mesmo instante.

Nem bem havia feito isto, porém, quando começou a sentir que a veste lhe picava por todo o corpo.

— Que raio de roupa é esta? — perguntou o herói para o servo.

— É a túnica de Dejanira — disse Licas, confuso.

Hércules lutou para se desvencilhar daquela veste incômoda, mas quanto mais tentava desapertá-la, mais ela grudava-se às suas carnes.

— Oh, que dor terrível é esta? — disse o herói, dando um grande grito que atroou as montanhas ao redor.

Licas, apavorado, tentava ajudar o amo, mas de nada adiantava. Hércules, então, no seu último assomo de cólera, agarrou Licas pelo pé e lançou-o contra o maciço rochoso, matando-o na hora.

— Aí está, traidor, o preço da sua perfídia! — disse ele, imaginando que se tratasse de alguma armadilha urdida por Licas e Dejanira para liquidá-lo.

Mas as dores nem por isso diminuíram ou cessaram, tornando-se cada vez mais excruciantes. Um fogo interno queimava o corpo de Hércules, que deitado sobre o pó rolava de um lado para o outro, ganindo como um Titã em chamas.

— Oh, dor horrível que me consome os ossos! — gritava ele, enterrando as unhas para tentar arrancar a túnica envenenada. Entretanto, estava ela tão aderida ao seu corpo, que junto com os pedaços do tecido vinham pedaços ensangüentados da sua própria pele.

Hércules compreendeu, então, que era o seu fim. Julgando-se vítima da vingança de sua mulher, o herói tomou as suas coisas e, acompanhado de seu amigo Filoctetes, subiu até o monte Eta.

— Filoctetes, amigo meu, deixo a você o encargo de construir agora a minha pira funerária, pois que meu corpo não tem força mais nem para suster-se em pé.

De fato, do antigo Hércules não restava quase nada. Seu corpo estava reduzido a um pobre feixe de ossos, e foi uma caveira barbada quem pediu este favor a Filoctetes, não um rosto humano.

— Em paga deste último favor que você me faz, Filoctetes amigo — disse Hércules, já deitado em sua pira -, deixo-lhe meu arco e minhas flechas; guarde-as em segredo e jamais revele a ninguém o local onde agora arderá a minha pira.

Filoctetes tomou a tocha e chegou-a até a pilha de madeira. No mesmo instante um raio reboou nos céus e desceu até a pira, fazendo com que a fogueira ardesse instantaneamente, de sorte que em pouquíssimos instantes nada mais havia do corpo de Hércules.

Dejanira, ao saber da desgraça, suicidou-se, vencida pelo remorso. Quanto ao espírito de Hércules, este deu entrada no Olimpo no mesmo dia e foi alçado à condição de deus por seu pai, Júpiter, e recebeu dele Hebe, deusa da juventude, por sua nova esposa.

GLOSSÁRIO

ABSIRTO: irmão de Medéia; foi despedaçado por ela quando da fuga dos Argonautas, para retardar a perseguição por parte do pai dos dois, Eetes.

ACAMAS: filho de Teseu e de Fedra. Teve papel de destaque na tomada de Tróia, sendo um dos soldados gregos que estavam ocultos dentro do famoso cavalo de madeira.

ACETES: timoneiro do navio de piratas que seqüestrou o jovem Baco e que, por tê-lo ajudado, foi por isso poupado da ira do deus, o qual transformou os demais em golfinhos.

ACRÍSIO: rei de Argos e pai de Danaé. Foi morto acidentalmente por seu neto Perseu.

ACTEÃO: filho de Aristeu e neto de Cadmo. Caçador que Diana castigou transformando em veado.

ADMETO: rei de Feres, na Tessália, marido de Alceste. Pediu que sua mulher morresse em seu lugar. Hércules, no entanto, lutou contra a Morte e a trouxe de volta dos infernos.

ADÔNIS: filho incestuoso de Mirra e de seu próprio pai, Ciniras, rei de Chipre, Adônis foi o primeiro amante de Vênus. Morreu durante uma caçada, mas Vênus conseguiu fazer com que o jovem passasse dois terços do ano em sua companhia e o outro terço no mundo dos mortos.

ADRASTOS: antigo rei de Argos, que ajudou seu genro Polinice a armar a famosa expedição dos Sete contra Tebas, guerra esta que Polinice travou contra seu irmão Etéocles.

AFRODITE: denominação grega de Vênus, a deusa do amor.

AGAMEDES: célebre arquiteto grego que ergueu, junto com Trofônio, algumas das mais famosas construções da Grécia antiga. Sem saber como recompensá-lo por haver construído o seu templo, Apolo premiou a ele e ao amigo com a morte; segundo ele, o bem maior a que poderia aspirar um mortal.

PERSONAGENS

AGAMENON: filho de Atreu. Foi rei de Argos e comandou a expedição dos gregos contra os troianos no mais famoso embate da história, a Guerra de Tróia. Marido de Clitemnestra, foi traído e morto por ela e seu amante, Egisto, após o retorno de Tróia.

AGELAU: pastor que criou Pária após este ser sido abandonado, ainda bebê, pelos pais, os reis troianos Príamo e Hécuba.

AGENOR: pai de Europa, raptada por Júpiter, que se metamorfoseou em touro para levar a cabo o rapto. Agenor ordenou que seus filhos, entre os quais estava Cadmo, que se tornaria o mais famoso deles, saíssem à procura dela,

AJAX: filho de Télamon, conhecido por "Grande Ajax", para se diferenciar de outro herói homônimo. Rei de Salamina, destacou-se nas fileiras gregas durante a Guerra de Tróia pela incrível força e rapidez. Teve um final trágico: quando Aquiles morreu, decidiu-se que sua armadura seria dada ao mais valente dos gregos. Como fosse Ulisses, e não Ajax, o escolhido, este sofreu um acesso de loucura que o levou a matar-se logo em seguida. ALCESTE: filha de Pélias, rei de Iolco, esposa de Admeto. Amava tanto seu marido que consentiu em morrer em seu lugar. Foi salva da Morte, no entanto, por Hércules.

ALCIDAMO: pai de Ctésila. Recusou-se a dar sua filha em casamento a Hermócares, mesmo depois de já ter dado a permissão. Ctésila fugiu e casou-se secretamente com o amado, morrendo logo depois.

ALCÍNOO: rei dos feácios, povo que recebeu Ulisses no seu regresso de Tróia, a caminho de sua ítaca natal.

ALCÍONE: filha de Éolo, deus dos ventos. Era casada com Ceix, até este morrer em um naufrágio. Advertida por um sonho deste acontecimento, sofreu tanto que acabou por se metamorfosear em uma ave marinha, a exemplo do marido.

ALCMENA: esposa de Anfitrião, rei de Tebas, tornou-se mãe de Hércules. O pai foi Júpiter, que se apresentou a ela disfarçado em seu marido.

ALEXANDRE: outra denominação de Pária, filho de Príamo, rei troiano.

ALETO: uma das três Fúrias, considerada a mais vingativa.

ALFEU: rio grego que leva este nome. Apaixonou-se pela ninfa Aretusa e a perseguiu até a Sicília, por dentro da terra, acabando por unir-se a ela, que fora metamorfoseada em uma fonte.

ALOEU: pai dos gigantes Oto e Efialtes, que tentaram escalar o Olimpo.

ALOÍDAS: denominação dada aos irmãos Oto e Efialtes, filhos de Aloeu, dois gigantes perversos que tentaram escalar o Olimpo e foram mortos por isso.

ALTÉIA: mãe de Meleagro, provocou a morte do próprio filho numa crise de ira.

AMALTÉIA: cabra ou vaca que amamentou o recém-nascido Júpiter. De um chifre seu teria surgido a cornucópia (ou "corno da abundância"), que se enchia de todos os bens que uma pessoa pudesse desejar.

AMAZONAS: povo de mulheres guerreiras, filhas de Marte, provindas da Trácia, que mais tarde se instalaram na Capadócia. Diz-se que amputavam, na juventude, um de seus seios, para facilitar o manejo do arco.

AMICO: gigante, filho de Netuno, que duelou com Pólux, sendo derrotado por este.

ANA: irmã de Dido, rainha de Cartago. Auxiliou sua irmã nos amores infelizes que teve com Enéias, o troiano.

ANDRÔMACA: esposa de Heitor, príncipe troiano e mãe de Astíanax. Esteve sempre ao lado do marido, até a sua morte. Depois que Tróia foi destruída, foi levada pelos gregos na condição de escrava.

ANFIARUS: adivinho da corte de Argos. Era casado com Erifila, irmã do rei Adrastos. Sabedor de que a guerra que o cunhado pretendia mover contra Tebas redundaria em sua própria morte, tentou dissuadi-lo, em vão, por meio de Erifila. Morreu quando seu carro foi tragado num abismo aberto por Júpiter, durante a guerra.

ANFÍNOMO: um dos pretendentes à mão de Penélope. Acabou morto por Ulisses.

ANFITRIÃO: marido de Alcmena, mãe de Hércules. Durante sua ausência na guerra de Tebas, Júpiter tomou a sua forma e enganou sua esposa, gerando nela o herói Hércules. Anfitrião tentou vingar-se dela colocando-a em uma fogueira, mas Júpiter fez chover na hora do sacrifício, salvando-a da morte. Anfitrião morreu muitos anos depois, combatendo ao lado de Hércules, em defesa de Tebas.

ANFITRITE: filha de Dóris, esposa de Netuno e uma das Nereidas, as filhas de Nereu, antiga divindade do mar. A princípio recusou-se a unir-se ao deus dos mares, porém mais tarde cedeu, tornando-se mãe de Tritão.

ANQUISES: pai de Enéias, que foi fruto de seus amores com Vênus. Esteve ao lado dos troianos, e uma vez derrotado teve de ser levado às costas pelo filho para fugir ao massacre dos gregos. Depois de morto, reencontrou o filho nos Campos Elísios.

ANTÉIA: mulher de Preto, rei de Argos. Antéia apaixonou-se pelo jovem herói Belerofonte quando este chegou à corte de seu marido.

ANTICLÉIA: filha de Autólico, dito o mais rapace dos homens. Casou-se com Laertes e com ele gerou Ulisses. Outras versões dão conta de que Ulisses seria fruto de um breve romance que teve com Sísifo, antes de casar-se com Laertes. Morreu de desgosto após esperar inutilmente que o filho regressasse de Tróia. Ulisses reencontrou-a nos infernos, quando lá esteve para consultar-se com a sombra do mago Tirésias.

ANTÍGONA: filha incestuosa de Édipo e Jocasta. Seguiu junto com o pai, cego e doente, quando este foi exilado pelos próprios filhos, Etéocles e Polinice. Mais tarde, após a morte do pai, retornou para Tebas, onde se indispôs com seu tio e novo rei, Creonte, o qual mandou matá-la por haver desobedecido às suas ordens de não permitir o sepultamento de Polinice em sua pátria, em razão deste ter se aliado a um rei estrangeiro para atacar Tebas.

ANTÍLOCO: filho de Nestor, acabou morto pela lança de Mêmnon, príncipe aliado dos troianos. Aquiles, furioso com a morte deste que era seu segundo melhor amigo, depois de Pátroclo, vingou a sua morte ao matar o gigantesco Mêmnon.

ANTÍNOO: chefe dos pretendentes a desposar a esposa de Ulisses durante a sua ausência. Foi o primeiro a ser morto pelo disparo das flechas certeiras de Ulisses que liquidaram com todos os pretendentes num concurso de tiro ao alvo.

APOLO: deus do sol, filho de Júpiter e Latona e irmão de Diana, deusa da caça. Freqüentemente confundido com outras divindades solares, como Hélios ou o Sol, Febo (como também é chamado) é a personificação da beleza e da luz, sendo imensa a quantidade de lendas que se lhe atribuem.

AQUELÓO: filho do Oceano e de Tétis, era um dos rios mais venerados da Grécia. Tinha o dom da metamorfose, que usou para enfrentar Hércules. Foi, no entanto, derrotado por este quando ambos disputaram a mão de Dejanira, irmã de Meleagro e filha de Eneu, o rei de Calidon.

AQUILES: O maior dos combatentes da Guer-

ra de Tróia. Era filho de Peleu e de Tétis, deusa marinha. Quando pequeno foi mergulhado por sua mãe nas águas do Estige para se tornar invulnerável; porém, como ela se esquecesse de mergulhar também o calcanhar do herói, acabou sendo morto justamente por uma flecha que lhe lançaram no seu ponto fraco. De gênio temperamental, indispôs-se com o próprio chefe da expedição grega, Agamenon, por causa de uma escrava. Amarrou o cadáver de Heitor, príncipe troiano, às rodas de seu carro e desfilou-o ao redor das muralhas de Tróia sitiada.

ARACNE: jovem líbia de extraordinária habilidade na arte de bordar. Desafiou Minerva, a qual ficou tão furiosa com a petulância que a transformou em uma aranha.

ARCAS: filho de Júpiter e da ninfa Calisto. Quase matou a própria mãe, transformada em uma ursa, ao alvejá-la com uma seta. Foi transportado junto com ela para o céu, transformados ambos nas constelações da Ursa Maior e da Ursa Menor.

ARES: denominação grega de Marte, deus da guerra.

ARETUSA: ninfa do Peloponeso. Transformada em fonte, ao fugir de Alfeu, um rio da Grécia, foi surgir na Sicília, após percorrer um caminho subterrâneo.

ARGONAUTAS: grupo de aventureiros liderados por Jasão que partiram em busca do Velocino de Ouro, famosa relíquia guardada por um dragão nas terras do rei Eetes, na Cólquida. Desta famosa expedição participaram alguns dos maiores heróis da Antigüidade, como Orfeu, os gêmeos Castor e Pólux, Peleu, Autólico, Meleagro, Hércules e outros.

ARGOS: filho de Arestor, tinha cem olhos. Juno encarregou-o de vigiar a ninfa Io, que fora metamorfoseada em uma vaca. Mercúrio, no entanto, matou-o, conforme ordem de Júpiter, cortando-lhe a cabeça enquanto dormia. Juno, para homenageá-lo, espalhou seus cem olhos sobre a cauda do pavão, sua ave de estimação. Argos também era o nome do cachorro de estimação de Ulisses, que reconheceu o herói quando este voltou, disfarçado em velho mendigo, para ítaca.

ARIADNE: filha do rei Minos, auxiliou Teseu quando este foi encerrado no labirinto do Minotauro, dando-lhe um novelo de lã para que encontrasse o caminho de volta. Sua recompensa foi a ingratidão, pois foi abandonada pelo herói na ilha de Naxos, enquanto dormia. Mais tarde, Baco, deus do vinho, desposou-a, levando-a para o Olimpo.

ÁRION: músico da corte de Periandro, rei de Corinto. Foi lançado ao mar por piratas e salvo das águas por um golfinho.

ARISTEU: filho de Apolo e da ninfa Cirene, era apicultor. Todas as suas abelhas foram mortas por Aristeu ter provocado a morte de Eurídice, esposa de Orfeu. Após consultar-se com o deus marinho Proteu, obteve deste o meio de readquirir as suas abelhas.

ASCÂNIO: outra denominação de Iulo, filho dos troianos Enéias e Creusa. Fundou Alba-Longa, a cidade-mãe de Roma.

ASOPO: deus-rio da Grécia, era pai de Egina, jovem raptada por Júpiter. Asopo tentou reaver a filha, mas foi fulminado por um dos temíveis raios do raptor. Sísifo, que também o ajudara na busca, foi parar nos infernos. Egina, por sua vez, deu nome a uma famosa ilha.

ASTÍANAX: neto de Príamo, rei de Tróia, e filho de Heitor e Andrômaca. Ainda garoto, foi morto por Neoptolemo, filho de Aquiles, durante a tomada de Tróia, sendo lançado do alto de uma das torres do palácio do avô. Uma tradição pouco conhecida diz, no entanto, que ele se salvou e que teria fundado uma nova Tróia.

ATAMAS: rei da Beócia, casado com Néfele, com quem teve um casal de filhos: Frixo e Hele. Sua esposa, ciumenta dos filhos, que eram só dele, forjou um oráculo no qual se dizia que ambos deveriam ser mortos para que cessassem as calamidades que assolavam o reino.

ATLAS: um dos Titãs, irmão de Prometeu e filho do Céu e da Terra. Lutou contra Júpiter na Guerra dos Gigantes, sendo derrotado junto com os demais revoltosos. Foi punido com o castigo de ter de carregar sobre os ombros toda a abóbada celeste. É representado carregando o globo terrestre.

Hércules aliviou um pouco o seu sofrimento, ao tomar por algum tempo o seu lugar enquanto Atlas ia atrás das maçãs das Hespérides, um dos doze trabalhos daquele famoso herói.

AUGIAS: rei da Elida, cujas estrebarias Hércules limpou, num dos seus doze trabalhos.

AURORA: deusa da manhã, é encarregada de abrir o dia com seus dedos rosados. Foi casada com Titono, a favor de quem pediu que os deuses concedessem a imortalidade. Júpiter concedeu, mas não a juventude eterna, e desta forma o marido de Aurora transformou-se num velho decrépito, sem nunca, no entanto, morrer. Era mãe de Mêmnon, guerreiro morto por Aquiles.

AUTÓLICO: filho de Mercúrio e avô materno de Ulisses. Era tido como o mais ladino dos homens. Esteve na expedição dos Argonautas e tentou, certa feita, roubar o gado de Sísifo, mas foi surpreendido por este. Diz-se que daí nasceu a amizade de ambos, que teria levado Autólico a permitir que Sísifo cortejasse sua filha Anticléia, tornando-se, destarte, pai suposto de Ulisses.

AUTOMEDONTE: era o condutor do carro de Aquiles. Bateu-se contra o próprio Heitor, chefe das hostes troianas, e outros guerreiros que defendiam a cidadela de Príamo.

BACANTES: sacerdotisas de Baco. Na celebração das bacanais, elas corriam ao acaso, vestidas de pele de tigre, desgrenhadas, aos gritos, trazendo na fronte uma coroa de heras ou de ramos de vinha e empunhando tirso, tocha ou archote.

BACO: o Dioniso dos gregos, filho de Júpiter e Semeie. É o deus do vinho e da alegria. Passou a parte final de sua gestação dentro da coxa de Júpiter, porque sua mãe morreu antes de ele nascer. E acompanhado sempre por um ruidoso cortejo de faunos, sátiros e bacantes, que levou consigo quando da sua conquista da índia.

BÁLIOS: um dos cavalos falantes e imortais presenteados a Peleu, pai de Aquiles, por Netuno, por ocasião de seu casamento. O outro se chamava Xantos. Aquiles levou-os consigo na Guerra de Tróia. Predisse, junto a Xantos, a morte de Aquiles.

BAUCIS: esposa de Filemon. Compõe com ele uma espécie de casal primordial da mitologia grega. Devido à impiedade dos homens, Júpiter fez com que uma enchente alagasse o mundo, escapando apenas o casal, o qual repovoou o mundo, vivendo até longa idade. Ao morrerem, viraram árvores gêmeas.

BELEROFONTE: filho de Glauco e de Niso, era neto de Sísifo. Após matar acidentalmente o tirano de Corinto, teve de se asilar em Tirinto, onde acabou se envolvendo com Antéia, mulher do rei. Enfrentou a Quimera montado em Pégaso, seu cavalo alado. Ao tentar entrar no Olimpo, foi precipitado sobre a Terra por Júpiter, morrendo em conseqüência dos ferimentos.

BELO: rei de Tiro e pai de Dido, a rainha que se apaixonou por Enéias.

BÉROE: ama de Semeie, mãe de Baco. Juno, esposa de Júpiter, tomou o lugar de Béroe para enganar Semeie e levá-la à morte.

BÓREAS: deus do vento norte. É filho de Aurora. Celebrizou-se por ter raptado Orítia, filha de Erecteu, rei de Atenas. BRIAREU: um dos Hecatônquiros, gigantes de cem braços e cinqüenta cabeças, filhos do Céu e da Terra. Combateu ao lado de Júpiter na Guerra dos Titãs.

CACO: filho de Vulcano, era um gigante

monstruoso e famoso ladrão. Segundo a lenda, se escondia em uma caverna do monte Aventino e cuspia turbilhões de fumo e fogo. CADMO: filho de Agenor, rei de Tiro ou Sídon. Quando sua irmã Europa foi raptada por Júpiter, saiu a procurá-la por toda parte. Não a encontrou, mas acabou fundando a cidade de Tebas. Matou o dragão, filho de Marte, e dos dentes deste fez surgir o famoso exército dos mirmidões. Casou-se com Harmonia, mas os filhos e netos de seu casamento foram todos infelizes. Foi transformado em serpente, junto com sua esposa, no final da vida.

CALCAS: um dos mais célebres adivinhos da Antigüidade. Teve papel de destaque na Guerra de Tróia: foi o autor do oráculo que exigiu o sacrifício de Ifigênia como condição para que os exércitos gregos pudessem partir de Áulis rumo a Tróia. Matou-se por despeito, após ter sido derrotado por Mopso, um adivinho rival.

CALISTO: ninfa dos bosques, companheira de Diana, a deusa da caça. Teve um filho de Júpiter, chamado Arcas. Enciumada, Juno, a esposa de Júpiter, transformou-a em uma ursa.

CAOS: O estado primordial do mundo, quando os elementos que compõem o Universo ainda estavam em estado de confusão. As fontes divergem sobre se este personagem deve ou não ser considerado uma divindade. Gerou a Noite e o Erebo, personificação das trevas infernais.

CARONTE: o barqueiro dos infernos, filho do Erebo e da Noite. Sua função é transportar as almas dos mortos pelo rio Aqueronte até alcançar a outra margem. E descrito como um velho de longas barbas, iras-cível e imundo.

CASSANDRA: filha de Príamo, rei de Tróia. Tinha o dom da profecia, mas não o da persuasão, por culpa de ter desprezado o amor de Apolo. Predisse toda a ruína de Tróia, mas ninguém lhe deu ouvidos. Foi capturada por Agamenon e também predisse a morte deste e a sua própria, pelas mãos de Clitemnestra, esposa do chefe grego.

CASTOR: filho de Leda e de Júpiter, é irmão gêmeo de Pólux. Quando morreu, seu irmão, que era imortal, pediu a Júpiter que ambos pudessem permanecer juntos. Assim, passavam um dia nos infernos e outro entre os vivos, alternadamente.

CATREU: avô de Menelau, era filho de Minos e Pasífae. Foi morto pelo próprio filho Altêmenes, acidentalmente. Foi durante os seus funerais que Helena foi raptada em Argos por Pária.

CEIX: rei da Tessália e esposo de Alcíone. Pereceu em um naufrágio quando ia consultar um oráculo. Foi transformado em pássaro, a exemplo de sua esposa.

CELANOR: rei que recebeu Danao e suas cinqüenta filhas, expulsos do Egito pelo rei Belo. Em paga, foi destronado.

CENTAUROS: filhos monstruosos de íxion e uma nuvem, metade homens, metade cavalos. De gênio turbulento, provocavam sempre confusão por onde apareciam. Seguidas vezes se defrontaram com Hércules, sendo sempre vencidos. O mais famoso deles, no entanto, era um sábio chamado Quíron, que foi preceptor de vários heróis da mitologia, como Aquiles e Jasão.

CÉRBERO: cão de guarda dos infernos. Tinha três cabeças e uma cauda de serpentes.

CERES: filha de Saturno e da Terra, é a divindade da terra e da agricultura. Teve sua filha Prosérpina raptada por Plutão, o que fez Ceres percorrer o mundo todo até reencontrá-la nos infernos. CÉU: filho da Terra, uniu-se à própria mãe para gerar os Titãs. Um destes, Saturno, cortou-lhe os testículos com uma foice que sua mãe, Terra, lhe dera. Dos testículos extirpados, que caíram ao mar, nasceu Vênus, a deusa do amor.

CIANA: ninfa que Plutão transformou em fonte, por ter tentado impedir que ele raptasse Prosérpina.

CIBELE: uma das Titânidas, filha do Céu e da Terra. Casou-se com seu irmão Saturno e com ele gerou a estirpe dos deuses olímpicos, entre os quais Júpiter, o pai dos deuses.

CICLOPES: há três espécies. Os filhos do Céu e da Terra, que participaram da Guerra dos Titãs, ferreiros hábeis, que serviam nas forjas de Vulcano; os sicilianos, da estirpe de Polifemo, gigante de um único olho que se defrontou com Ulisses; e os chamados "construtores", gigantes que teriam erguido algumas das principais construções da Pré-História.

CICNO: célebre ladrão de estradas, filho de Marte. Hércules matou-o e feriu Marte, quando este pretendeu vingá-lo.

CILA: ninfa por quem Glauco, deus marinho, se apaixonou e que não lhe correspondeu. Circe metamorfoseou-a em uma horrenda criatura, cuja parte inferior do corpo era composta por seis cães ferozes. Escondida numa gruta, atacava todas as embarcações que passavam por perto. Ulisses defrontou-se com ela em seu regresso de Tróia.

CIRCE: filha do Sol e de Hécate, divindade noturna. Feiticeira, transformou em porcos os companheiros de Ulisses, quando este passou por sua ilha.

CIRENE: mãe de Aristeu, o apicultor. Foi raptada por Apolo, que se apaixonou por ela ao vê-la enfrentar à unha um leão que atacava os rebanhos de seu pai, Hipseu, rei dos lápitas.

CLIA: filha do rei Deioneu. íxion jogou-a, juntamente com o pai, num fosso cheio de carvões ardentes.

CLIMENE: filha do Oceano e de Tétis, era mãe de Faetonte, o jovem que guiou o carro do Sol até ser derrubado por Júpiter.

CREONTE (1): rei de Corinto, ofereceu a mão de sua filha a Jasão, quando este foi expulso da Cólquida junto com Medéia. Morreu no incêndio que Medéia fez atear no seu palácio.

CREONTE (2): irmão de Jocasta, rainha tebana. Tornou-se monarca da cidade após a desgraça de Édipo e a morte dos filhos deste, Etéocles e Polinice. Remeteu a sobrinha Antígona à morte, por ela ter dado sepultura ao irmão Polinice.

CREUSA: esposa de Enéias, foi morta pelos gregos durante a fuga de Tróia.

CREÚSA: filha do rei Erecteu, foi violada por Apolo. Desta união nasceu íon.

CTÉSILA: filha de Alcidamo, fugiu para casar-se com Hermócares, sem o consentimento do pai. Depois de ter um filho com ele, morreu e virou uma pomba.

CUPIDO: o Eros, dos gregos, é o deus do amor. Filho de Vênus, anda sempre com seu arco, pronto a disparar sobre os corações de homens e deuses. Teve um romance muito famoso com Psique, a personificação da alma.

DAFNE: ninfa, filha do rio Peneu e companheira de Diana. Perseguida por Apolo, pediu à deusa que a transformassem em um loureiro.

DÁFNIS: filho de Mercúrio, era um pastor que se apaixonou pela ninfa Lice. Traiu-a e por ela foi cegado. Morreu ao despencar de uma montanha.

DANAE: filha de Acrísio, rei de Argos, e de Eurídice. Foi encerrada numa torre, por seu pai, pois um oráculo previu que seu filho tiraria um dia a coroa e a vida de Acrísio.

DANAIDES: denominação genérica das cinqüenta filhas do rei Danao. A exceção de uma (Hipermnestra), assassinaram os respectivos esposos na noite de núpcias.

DANAO: filho de Belo, rei do Egito, mais tarde de Argos. Pai das cinqüenta Danaides, que mataram seus esposos na noite de núpcias.

DÉDALO: escultor ateniense, construtor do labirinto de Creta, onde foi encerrado com seu filho Ícaro, por haver se desentendido com o rei.

DEIDÁMIA: filha do rei de Ciros, apaixonou-se por Aquiles quando este lá esteve disfarçado de mulher. Deu-lhe um filho chamado Neoptolemo.

DEÍFOBO: filho de Príamo, rei de Tróia, casou-se com Helena após a morte de Pária. Foi morto após a tomada de Tróia.

DEIONEU: pai de Clia, morreu junto com ela em uma armadilha patrocinada por Ixion.

DEJANIRA: filha do rei de Calidon, casou-se com Hércules. Enganada por Nesso, um centauro inimigo do herói, enviou ao marido uma túnica envenenada, o que lhe provocou a morte. Desesperada, Dejanira suicidou-se.

DEUCALIÃO: filho de Prometeu e Pandora. O único sobrevivente, junto com sua esposa Pirra, de um dilúvio mandado por Júpiter.

DIANA: Ártemis, em grego, é filha de Júpiter e Latona e irmã de Apolo. É considerada a deusa da caça. Era muito ciosa de sua virgindade. Na mais famosa de suas aventuras, transformou em um cervo o caçador Acteão, que a viu nua durante o banho.

DICE: junto com Eunomia e Irene, compunha as Horas, divindades que representavam as Estações.

DIDO: filha de Belo, rei de Tiro. Apaixonou-se por Enéias, quando já era rainha de Cartago. Este a rejeitou e ela suicidou-se no alto de uma pira.

DIOMEDES: herói da Etólia e companheiro constante de Ulisses em Tróia. Feriu Vênus durante uma refrega. Por isso, a deusa inspirou a infidelidade em sua mulher Egialéia. Foi morto pelo rei Dauno, da Itália, após um desentendimento.

DIÓSCUROS: denominação grega dada aos gêmeos Castor e Pólux que significa "filhos de Zeus".

DISCÓRDIA: Éris, em grego. Irmã de Marte, é a divindade das guerras e dos desentendimentos. Seus cabelos são feitos de serpentes e presos por uma tiara ensangüentada. Originou a Guerra de Tróia, ao lançar o Pomo da Discórdia entre as deusas Juno, Vênus e Minerva.

DÓRIS: filha do Oceano, era mãe de Anfitrite e das demais Nereidas. Opôs-se, a princípio, ao casamento de sua filha com Netuno, o deus dos mares, mas acabou concordando. Era casada com Nereu, outra divindade marinha.

DRÍADES: eram as ninfas das árvores e das florestas.

ECO: ninfa do séquito de Diana, deusa da caça. Favorecia as infidelidades de Júpiter, distraindo Juno com longas conversas. Foi punida por Juno e desde então só pôde falar repetindo as últimas palavras do que escutava. Apaixonou-se por Narciso, mas este só tinha olhos para si mesmo.

ÉDIPO: filho de Laio e Jocasta, o mais trágico de todos os personagens da mitologia. Sem saber, matou o pai numa discussão de beira de estrada. Decifrou o célebre enigma da Esfinge, tornou-se rei de Tebas e, inocentemente, casou-se com a própria mãe, com quem teve dois filhos, Etéocles e Polinice, e duas filhas, Antígona e Ismênia. Ao saber de tudo, arrancou os próprios olhos e se exilou de Tebas. Jocasta suicidou-se.

EETES: rei da Cólquida, país onde estava escondido o Velocino de Ouro. Pai de Medéia, feiticeira que ajudou Jasão e os Argonautas a se apossarem da famosa relíquia.

EFIALTES: filho de Netuno e Ifimedia. Gigante feroz, a exemplo de seu irmão Oto. Ambos tentaram escalar o Olimpo, mas acabaram vítimas de um ardil engendrado por Diana, deusa da caça.

EGINA: filha do rio Asopo, foi seqüestrada por Júpiter. Levada para uma ilha que recebeu o seu nome, deu à luz a Éaco, considerado o mais piedoso dos gregos.

EGISTO: produto de um incesto, Egisto era filho de Tiestes e da própria filha deste,

Pelops. Era amante de Clitemnestra, esposa de Agamenon, e com ela tramou a morte do comandante grego. Foi morto por Orestes, filho de Agamenon e Clitemnestra.

EGITO: filho de Netuno e de Líbia, teve cinqüenta filhos que se uniram às cinqüenta Danaides, filhas de seu irmão Danao.

ELECTRA: a filha de Agamenon e Clitemnestra que salvou o seu irmão, Orestes, e o instigou a vingar a morte do pai, assassinado por Clitemnestra e seu amante Egisto.

ENÉIAS: herói troiano, filho de Anquises e de Vênus. Quando Tróia foi derrotada, fugiu da cidade em chamas levando o pai nas costas e seu filho Iulo (ou Ascânio) pela mão. Teve um romance infeliz com a rainha Dido, de Cartago, e envolveu-se numa sangrenta guerra para se estabelecer na Itália. Morreu afogado durante uma batalha no rio Numício. Ancestral de Rômulo, o fundador de Roma.

ENONE: uma das ninfas do monte Ida e esposa de Pária. Foi trocada por Helena e recusou-se a tratar do antigo marido quando este foi ferido pelas flechas envenenadas de Filoctetes.

ÉOLO: deus dos ventos, filho de Netuno. Ulisses visitou-o e recebeu dele um saco cheio de ventos; como seus homens o abriram inadvertidamente no meio da jornada, retrocederam de volta à ilha. Éolo, irritado, expulsou-os de lá.

EPAFO: filho de Io e de Júpiter. Instigou o jovem Faetonte a guiar o carro do Sol a fim de provar que era mesmo filho desta divindade.

EPEUS: o construtor do Cavalo de Tróia. Estava entre os guerreiros que se esconderam dentro do engenho e somente ele sabia abrir a porta de saída.

EPICASTA: outra denominação para a mãe de Édipo, Jocasta.

EPIMETEU: irmão de Prometeu e pai de Pirra. Aceitou como presentes de Júpiter a figura de Pandora e a caixa que escondia todos os males.

ERECTEU: rei ateniense e pai de Creúsa, que fora violada por Apolo.

ERESICTÃO: filho de Triopas, destruiu um bosque consagrado à deusa Ceres, que em castigo lhe enviou uma fome insaciável.

ERIFILA: irmã de Adrastos, rei de Argos, era casada com Anfiarus, um famoso adivinho da corte. Um colar que pertencera a Harmonia e que lhe foi ofertado por Polinice, pretendente ao trono de Tebas, a fez convencer Adrastos a se lançar à guerra contra Tebas, mesmo sabendo que Anfiarus nela morreria.

ESON: irmão de Pélias e pai de Jasão. Quando velho, foi rejuvenescido pela feiticeira Medéia, amante do seu filho. Outra versão diz que foi obrigado a matar-se por ordem de seu irmão, que lhe usurpara o trono.

ESCAMANDRO: rio que passava perto de Tróia, também chamado de Xanto. Sua nascente teria sido escavada pelas mãos de Hércules. Durante a Guerra de Tróia, rebelou-se contra Aquiles, farto de receber em seu leito tantos cadáveres das mãos do herói grego. O rio lançou sobre Aquiles as

suas águas revoltas, sendo este salvo por intervenção de Vulcano, que arremessou sobre o leito do rio o fogo de suas forjas.

ESCOPAS: rei da Tessália. Pediu ao poeta Simônides que lhe fizesse um poema lauda-tório; como este não lhe agradou, pagou-lhe somente a metade do preço ajustado. Morreu no desabamento de uma sala do palácio.

ESCULÁPIO: em grego, Asclépio. Filho de Apolo e da ninfa Corônis, era o deus da medicina. Ressuscitava mortos, o que fez com que Júpiter o fulminasse com um raio.

ESFINGE: criatura com cabeça de mulher, asas de águia e corpo de leão que desgraçava Tebas, devorando todos que não resolviam os seus enigmas. Foi derrotada por Édipo e suicidou-se atirando-se de um precipício.

ESTENO: uma das Górgonas. ESTIGE: ninfa, filha de Tétis e do Oceano. Ajudou Júpiter na luta contra os Titãs e foi recompensada com uma fonte de águas mágicas que desaguavam nos infernos. Quando um juramento era feito em nome do Estige, nem mesmo os deuses podiam quebrá-lo. Tétis tornou seu filho Aquiles invencível mergulhando-o em suas águas.

ESTRÓFIO: filho de Crisos, rei de Crisa. Em sua casa foi criado Orestes, seu sobrinho, que fugira da casa materna por temer por sua própria vida.

EUMEU: guardador de porcos e servo fiel de Ulisses. Ajudou este último a liquidar com os pretendentes que assediavam a sua esposa Penélope.

EUNÁPIO: rei de Quios, que não quis dar a sua filha em casamento a Órion.

EUNOMIA: uma das três Horas, divindades das Estações.

EURÍALO: amigo de Niso. Ambos tentaram furar o bloqueio das tropas de Turno, inimigo de Enéias, para levar a este um recado. Foram mortos por uma patrulha inimiga.

EURÍDICE: uma dríade, ninfa das florestas. Casou-se com Orfeu, mas, picada por uma cobra, baixou aos infernos. Orfeu tentou resgatá-la, mas não foi feliz.

EURÍLOCO: o único dos companheiros de Ulisses a escapar de ser metamorfoseado em porco pela feiticeira Circe. Após nova transformação, aconselhou os demais a comerem os bois do Sol, o que acarretou um naufrágio, do qual somente escapou Ulisses.

EURÍMACO: um dos pretendentes de Penélope, que Ulisses abateu com um tiro de flecha.

EURISTEU: primo de Hércules, encarregou-o de realizar os famosos Doze Trabalhos. Tínha tanto medo de Hércules que se enfiou dentro de um jarro de bronze quando este veio lhe intimar.

EURITIÃO: um dos argonautas que participaram, ao lado de Jasão, da caça ao Velocino de Ouro.

EUROPA: filha de Agenor, rei de Sídon, foi raptada por Júpiter, que se metamorfoseou em um touro branco para levar a cabo seu plano. Era irmã de Cadmo, que a procurou inutilmente.

ETÉOCLES: filho mais novo de Édipo, envolveu-se numa disputa com o irmão Poli-nice pelo trono de Tebas. Os dois mataram-se reciprocamente em um duelo às portas de Tebas.

EURÍALA: uma das Górgonas.

EURÍNOME: filha do Oceano e de Tétis, era uma Titânida. Junto com a mãe acolheu Vulcano quando este, recém-nascido, foi arremessado ao mar por sua mãe, Juno.

FAETONTE: filho do Sol e de Climene, foi arrojado dos céus por Júpiter quando tentava conduzir desastradamente o carro do pai.

FAMA: deusa alegórica, venerada em especial pelos atenienses. Traz uma trombeta na mão e diz-se que tem cem bocas e cem ouvidos.

FAUNOS: divindades campestres dos romanos, descendentes de Fauno, terceiro rei da Itália. Embora tivessem uma existência longuíssima, não eram imortais. Assemelham-se aos silvanos romanos e aos sátiros gregos.

FEBE: irmã de Hilária, junto a quem foi alvo da tentativa de rapto por parte dos Dióscuros.

FEBO: apelido de Apolo, que não raro é confundido com o Sol (Hélios).

FEDRA: esposa de Teseu, filha de Minos e Pasífae. Apaixonou-se por Hipólito, filho que Teseu tivera da amazona Hipólita. Repudiada, matou-se, não sem antes armar uma intriga na qual aparecia como vítima.

Hipólito morreu num acidente provocado por Netuno, a pedido de Teseu, que acreditara no logro.

FILÉCIO: servo de Ulisses que, como Eumeu, ajudou-o a eliminar os pretendentes que se assenhorearam de seu palácio.

FILEMON: velho camponês marido de Baucis, recebeu junto com esta a visita de Júpiter em sua própria casa. Por tê-lo recebido bem, foram ambos poupados de um terrível dilúvio.

FILOCTETES: amigo de Hércules. Recebeu do grande herói seu arco e suas flechas como presente, momentos antes que o corpo de Hércules ardesse na pira fúnebre. Como quebrou o juramento de jamais revelar a ninguém onde ficava o túmulo do herói, foi punido com uma horrível ferida no pé.

FÍLON: um dos caçadores de Acteão, que o acompanhava quando este foi transformado por Diana em um alce.

FINEU: adivinho que trocou os olhos pela longevidade. O Sol, indignado por este desprezo à sua luz, mandou que as Harpias o castigassem, emporcalhando toda comida que ele tocasse.

FLORA: ninfa das Ilhas Afortunadas. Esposa de Zéfiro e deusa das flores.

FORBAS: amigo de Palinuro, o piloto de Enéias que caiu ao mar, derrubado pelo Sono. O deus assumiu a forma de Forbas para induzi-lo ao descumprimento do dever. FÓRCIS: divindade marinha, filha

do Mar e da Terra. Casou-se com sua irmã Ceto, que deu à luz as Górgonas e o dragão que guardava as maçãs das Hespérides.

FRIXO: filho de Atamas, rei da Beócia. Fugiu da casa de seu pai por este haver decretado, com base em um falso oráculo, que tanto ele quanto a sua irmã Hele deveriam ser sacrificados. Foram transportados pelos ares por um carneiro de lã dourada. Sua irmã, contudo, caiu e morreu afogada no mar que passou a receber o seu nome: Helesponto ("Mar de Hele").

FÚRIAS: Erinias ou Eumênides dos gregos, eram a personificação do remorso e da ira vingativa. Eram três: Aleto, Tisífone e Megera. Foram elas que atormentaram Orestes, após este ter assassinado a sua mãe, Clitemnestra.

GALATÉIA (1): ninfa que foi amada por Ácis. Polifemo, entretanto, esmagou-o numa crise de ciúmes ao lançar sobre ele um gigantesco penedo.

GALATÉIA (2): estátua de marfim esculpida por Pigmalião, que ganhou vida depois que o seu autor implorou a Vênus que a transformasse em gente.

GANIMEDES: filho do rei Trós, era um jovem de admirável beleza. Foi raptado por Júpiter para servir de escanção aos deuses do Olimpo.

GERIÃO: gigante de três corpos que apascentava em sua ilha o seu rebanho. Hércules recebeu como um de seus Doze Trabalhos a missão de roubar o gado de Gerião, o que fez após matar o gigante com sua clava.

GIGANTES: forma latina de Titãs, filhos da Terra e do Céu. Combateram contra Júpiter e os demais deuses olímpicos na chamada "Gigantomaquia", ou "Titanomaquia", a Guerra dos Gigantes. O corpo destes seres terminava em uma longa cauda de serpente. Alguns autores, entretanto, consideram os gigantes não tanto como filhos da Terra e do Céu, mas como monstros, tal como os Ciclopes, as Erinias, os Hecatônquiros (gigantes de cem braços).

GLAUCO (1): filho de Hipóloco, combateu contra os gregos na Guerra de Tróia, ao lado do primo Sarpédon. Foi morto por Ajax, filho de Telamon.

GLAUCO (2): pescador da Beócía que ao comer de uma erva mágica transmutou-se em um deus marinho. Tinha o dom da profecia e teve um infeliz romance com a ninfa Cila, que a feiticeira Circe transformou em um monstro.

GÓRGONAS: Esteno, Euríale e Medusa eram filhas de duas divindades marinhas obscuras. Das três, Medusa é de longe a mais famosa. Foi morta por Perseu, que lhe cortou fora a cabeça. Seu olhar tinha o poder de converter as pessoas em pedra.

GRAÇAS: Cárites, em grego, eram filhas de Júpiter e Eurínome e inspiravam as coisas boas da vida. Eram três: Aglae, Eufrosina e Tália. A primeira trazia o brilho, a segunda, a alegria da alma, e a terceira, o verdor da juventude.

GRIFO: animal fabuloso representado com corpo de leão, cabeça e asas de águia, orelhas de cavalo. Sua missão era a de guardar os tesouros da Terra.

HADES: o Plutão dos gregos. Por esta denominação também se entendem, em sentido amplo, as regiões infernais, ou o mundo dos mortos.

HARMONIA: filha de Marte e Vênus, casou-se com Cadmo, fundador de Tebas. Foi metamorfoseada em serpente no fim da vida.

HARPIAS: mulheres aladas e monstruosas que envenenavam toda comida que tocavam. Tinham cara de velhas e corpo de abutre. Eram mães dos dois cavalos imortais de Aquiles.

HARPÓCRATES: deus do silêncio entre os gregos e romanos, filho de Isis e de Osíris. E o Horus dos egípcios.

HEBE: filha de Júpiter e Juno, personificava a juventude. Era ela quem servia o néctar no céu, até o dia em que resvalou, provocando o riso de todo o Olimpo. Foi substituída por Ganimedes, que Júpiter mandou a sua águia raptar. Casou-se no céu com Hércules.

HÉCATE: deusa noturna e infernal, tomava a forma de animais noturnos e surgia em encruzilhadas. Filha de Astéria e Perseu e freqüentemente associada à Diana.

HECATÔNQUIROS: filhos do Céu e da Terra, eram gigantes monstruosos de cem braços e cinqüenta cabeças, que Saturno encerrara no Tártaro por ter medo deles. Júpiter os libertou e por isso ajudaram-no na sua luta contra Saturno e os demais Titãs.

HÉCUBA: esposa de Príamo, rei de Tróia. Mãe de Heitor, Pária e Cassandra, entre outros. Atribuem-lhe a maternidade de até cinqüenta filhos. Foi levada como escrava por Ulisses após a queda de Tróia. Morreu apedrejada durante o regresso por ter arrancado os olhos de um de seus captores. Teria virado uma cadela de olhos de fogo.

HEITOR: filho de Príamo, rei de Tróia, e de Hécuba. O maior dos troianos, morto por Aquiles diante das muralhas da cidade de Tróia. Seu corpo foi arrastado por Aquiles até o próprio rei Príamo implorar-lhe pessoalmente que o devolvesse, para que se pudesse proceder aos funerais.

HELE: filha de Atamas, rei da Beócia. Perseguida pela ira da madrasta Néfele, acabou morrendo afogada no Helesponto.

HELENA: filha de Leda e de Júpiter. Casada com Menelau, fugiu com Pária para Tróia, o que provocou a Guerra de Tróia. Posteriormente foi perdoada pelo marido e levada de volta para Argos. A tradição mais aceita diz que morreu enforcada na ilha de Rodes.

HÉRCULES: o maior dos heróis e semideuses gregos, filho de Júpiter e Alcmena. A seu respeito há uma infinidade de lendas, a mais famosa das quais é o ciclo de aventuras que recebeu o nome de Doze Trabalhos. Morreu envenenado por uma túnica que sua mulher Dejanira lhe mandou inadvertidamente. Casou-se no céu com Hebe, a deusa da juventude.

HERMAFRODITA: também conhecido como Hermafrodito, era filho de Mercúrio e Vênus. Apaixonado pela ninfa Salmácis, acabou fundindo-se com ela num único ser.

HERMÍONE: filha de Helena e Menelau. Ca-

sou-se com Neoptolemo, filho de Aquiles, e mais tarde com Orestes.

HERMÓCARES: apaixonou-se por Ctésila, filha de Alcidamo. Fugiu para casar-se com ela, tendo um filho desta união.

HERO: sacerdotisa de Vênus, morava às margens do Helesponto. Teve um romance com Leandro que terminou com a morte de ambos.

HESPÉRIDES: filhas de Júpiter e Têmis, viviam próximas à ilha dos Bem-Aventurados. Estavam encarregadas de vigiar as maçãs douradas que Hércules foi encarregado de raptar. Ajudaram a criar Juno, esposa de Júpiter.

HIDRA: monstro de nove cabeças que vivia no lago de Lerna. Hércules matou-a cortando todas as suas cabeças e embebendo suas flechas no veneno que lhe escapava das feridas.

HILÁRIA: irmã de Febe, foram ambas vítimas de uma tentativa de rapto por parte dos irmãos Castor e Pólux.

HILAS: jovem de grande beleza que Hércules raptou após ter assassinado o rei dos dríopes, levando-o consigo na expedição dos Argonautas. Perdeu-o, entretanto, quando as ninfas de um lago o raptaram. O másculo herói ficou tão triste com a perda que abandonou a expedição.

HIPERMNESTRA: mulher de Linceu. A única das Danaides que se recusou a matar o marido na noite de núpcias.

HIPÓLITA: rainha das amazonas morta por Hércules após ele ter conquistado o seu cinturão, neste que foi um de seus Doze Trabalhos.

HIPÓLITO: filho de Teseu e da amazona Hipólita. Foi alvo da paixão de Fedra, sua madrasta, que acabou por provocar a morte de ambos.

HIPOMENE: filho de Megareu, venceu Atalanta numa corrida pedestre, ganhando a sua mão em recompensa. Cibele transformou ambos em leões, atrelando-os ao seu carro.

HORAS: divindades que representam as Estações. São três: Eunomia, Dique e Irene.

ÍCARO: filho de Dédalo, foi encerrado junto com seu pai no labirinto de Creta, por ordem do rei Minos. Após construírem asas coladas com cera, escaparam da prisão. Mas Ícaro, voando perto demais do sol, acabou caindo e morrendo no mar.

IDOTÉIA: segunda mulher do rei cego Fineu e irmã de Cadmo.

IFICLES: filho de Alcmena e Anfitrião, era irmão gêmeo de Hércules, que, no entanto, era filho de Júpiter.

IFIGÊNIA: filha de Agamenon e Clitemnestra, foi sacrificada, segundo determinação de um oráculo, para que as tropas gregas de Agamenon pudessem partir para Tróia. Clitemnestra não perdoou a atitude do marido e passou a tramar, desde então, a sua morte.

IFIMEDIA: mãe dos irmãos aloídas. Seduziu Netuno, indo todos os dias à praia, até que este lhe deu os filhos Oto e Efialtes.

ILÍCIA: deusa que preside aos partos. Filha de Júpiter e Juno.

IOBATES: rei da Lícia, que usou do subterfúgio de mandar seu hóspede Belerofonte matar a Quimera para alcançar desta forma a sua morte, a pedido do rei Preto.

Io: jovem sacerdotisa que o ciúme de Juno metamorfoseou em vaca para subtraí-la aos desejos de seu marido Júpiter.

ÍON: filho de Creúsa e Apolo.

IRENE: uma das três Horas, conhecidas como "as porteiras do céu".

ÍRIS: irmã das Harpias, não tinha, no entanto, nada da feiúra daquelas. Representa o arco-íris e era a mensageira de Juno, assim como Mercúrio o era de Júpiter.

ISMÊNIA: irmã de Antígona, filha incestuosa de Édipo e Jocasta. Tentou defender a irmã da ira de Creonte, sem sucesso.

IULO: também conhecido como Ascânio, era filho de Enéias e Creusa. Fundou a cidade de Alba-Longa, da qual se originou Roma.

IXION: rei da Tessália, desposou Clia. Porém, mais tarde, matou ela e o seu pai Deioneu. É pai dos centauros, nascidos dele e de uma nuvem. Por ter tentado violar Juno, esposa de Júpiter, foi parar no inferno, onde gira numa roda de fogo por toda a eternidade.

JAPETO: um dos Titãs, filho do Céu e da Terra. Pai de Atlas e de Prometeu.

JARBAS: rei da Getúlia. Havia pedido em vão a mão de Dido, rainha de Cartago, em casamento. Encolerizou-se por ela ceder, depois, aos amores de Enéias. JASÃO: célebre herói grego que liderou a busca dos Argonautas pelo Velocino de Ouro. Casou-se com Medéia, mas se separou dela posteriormente, com funestas conseqüências.

JUNO: a Hera dos gregos. Era filha de Saturno e da Terra. Casou-se com Júpiter, seu próprio irmão. Celebrizou-se pelo ciúme que tinha do marido infiel, perturbando com isto a vida de deusas e mortais.

JÚPITER: O pai dos deuses, filho de Saturno e da Terra. É o mais importante e poderoso dos deuses olímpicos. Tomou o poder do pai ao obrigá-lo a ingerir uma poção mágica que o fez regurgitar os seus próprios filhos que ele havia engolido. Marido de Juno, com quem teve vários filhos, dentre os quais Mercúrio era o mais fiel e dedicado.

LAERTES: pai de Ulisses, casado com Anticléia.

LAIO: pai de Édipo, foi morto por este numa discussão de estrada.

LAOCOONTE: sacerdote troiano, foi morto por serpentes, junto com seus filhos, após ter advertido o rei Príamo de que o cavalo de madeira que os gregos haviam deixado como presente era uma armadilha.

LAOMEDONTE: pai de Príamo, rei de Tróia. Mandou que Apolo e Netuno construíssem as muralhas de Tróia, embora se recusasse posteriormente a pagar-lhes o serviço, atraindo para o reino grandes devastações. Foi morto por Hércules também por ter se recusado a pagar-lhe por um serviço prestado.

LAQUESIS: uma das três Parcas; a que girava o fuso para fiar o destino do homem.

LATINO: rei do Lácio, recusou-se a dar a mão de sua filha Lavínia ao troiano Enéias, por esta já estar prometida a Turno, rei dos rútulos, gerando a guerra que deu a vitória, por fim, a Enéias.

LATONA: OU Leto, era a mãe de Apolo e Diana. Quando engravidou dos dois, por obra de Júpiter, teve de fugir da ira de Juno, a ciumenta esposa do deus supremo. Deu à luz na ilha Ortígia, após fugir da serpente Píton, que Apolo mataria mais tarde com suas setas.

LAVÍNIA: filha de Latino, rei do Lácio e de Amata. A disputa pela sua mão, entre o troiano Enéias e o rútulo Turno, deu ensejo à guerra que seria vencida pelo primeiro.

LEANDRO: jovem grego de Ábidos que atravessava a nado, todas as noites, o Helesponto, para ver sua amada Hero, até que um dia morreu afogado durante uma tempestade. Hero, inconsolada, suicidou-se em seguida.

LEDA: esposa de Tíndaro, teve de Júpiter, que se metamorfoseara em cisne para engravidá-la, quatro filhos nascidos de dois ovos: do primeiro surgiram Pólux e Clitemnestra, e do segundo, Castor e Helena.

LICABAS: chefe dos piratas que raptaram o jovem Baco. Foi transformado em um golfinho.

LICAS: companheiro de Hércules, levou até o herói a túnica que sua esposa lhe remetera, sem saber que era envenenada. Nem por isso deixou de ser punido: Hércules matou-o, jogando-o para o alto. Terminou convertido em uma montanha.

LICE: ninfa que se apaixonou pelo pastor Dáfnis, filho de Mercúrio. Numa crise de ciúmes, cegou o pastor, por este tê-la traído com a filha do rei da Sicília.

LICOMEDES: rei de Ciros, acolheu o jovem Aquiles quando este, aconselhado pela mãe, Tétis, foi lá se esconder para não ter de ir a Tróia, uma vez que um oráculo predissera a sua morte caso participasse daquela guerra. Teseu também se refugiou em sua corte.

LINCEU: um dos Argonautas. Ficou famoso por sua notável visão.

LUA: Selene, em grego. Freqüentemente confundida com Diana. Apaixonou-se pelo pastor Endimião, visitando-o todas as noites durante o sono.

MACAONTE: filho de Esculápio, esteve em Tróia como médico e soldado dos gregos. Foi um dos homens a se esconderem dentro do cavalo de madeira que levou a ruína a Tróia (embora também se afirme que tenha morrido antes, vítima das flechas da amazona Pentesiléia).

MAIA: ninfa do monte Cilene, era filha de Atlas e mãe de Mercúrio.

MARTE: Ares, em grego. Filho de Júpiter e Juno. Considerado o deus da guerra, era malvisto por todos os deuses, à exceção de Vênus, que teve dele um filho, Cupido, o deus do amor. Apesar de belicoso, saía-se mal todas as vezes em que se envolvia pessoalmente em alguma disputa, tendo sido ferido até por Diomedes, um simples mortal.

MEDÉIA: filha do rei Eetes, da Cólquida, era temível feiticeira e ajudou Jasão a conquistar o Velocino de Ouro. Mais tarde foi traída por ele, o que a fez matar em represália sua rival e seus próprios filhos. Diz-se que jamais morreu, pois mesmo a Morte tinha medo de se aproximar dela.

MEDUSA: uma das três Górgonas, tinha o poder de converter as pessoas em pedra somente com seu olhar. Perseu abateu-a, e do seu sangue nasceu Pégaso, o cavalo alado.

MEGARA: filha de Creonte, rei de Tebas, casou-se com Hércules. Foi morta, bem como seus filhos, durante um acesso de loucura que se abateu sobre Hércules.

MEGERA: uma das três Fúrias, personificação da vingança e do remorso.

MELÁNTIO: cabreiro justiçado por Ulisses, durante o massacre dos pretendentes, por haver tomado o partido destes quando da volta de Ulisses a ítaca.

MELEAGRO: filho do rei de Calidon e de Altéia, participou da caçada ao javali de Calidon junto com Atalanta, por quem se apaixonou. Sua mãe, entretanto, o condenou à morte, por ele haver matado seu tio, irmão dela, ao final da caçada.

MÊMNON: filho de Titono e Aurora, ajudou Príamo, rei troiano, a combater os gregos. Foi morto por Aquiles em um duelo às portas de Tróia.

MENELAU: filho de Atreu, marido de Helena. Depois que ela fugiu com o troiano Pária, Menelau saiu em seu encalço junto com as tropas de seu irmão Agamenon. Terminada a guerra, retornou com ela para Argos. Diz-se que não morreu e que foi transportado diretamente para os Campos Elíseos pelo próprio Júpiter, seu sogro presumido.

MENESTEU: rival de Teseu pela disputa do poder em Atenas. Esteve em Tróia e foi um dos ocupantes do traiçoeiro cavalo de madeira que os gregos deram de presente aos troianos.

MENOCEU: filho de Creonte, que foi sacrificado para que Tebas saísse vitoriosa na Guerra dos Sete contra Tebas.

MERCÚRIO: O Hermes dos gregos, era filho de Júpiter e de Maia. Deus dos comerciantes e dos ladrões e o mais esperto dos deuses. É também o mensageiro das divindades, a exemplo de íris, sua contrapartida feminina.

MESSAPO: comandante dos rótulos, que Niso e Euríalo, soldados de Enéias, abateram enquanto dormia.

MÉTIS: a personificação da Prudência, filha do Oceano e de Tétis. Foi a primeira esposa de Júpiter e quem forneceu a ele a beberagem que fez com que Saturno regurgitasse os filhos que havia engolido anteriormente.

METRA: filha de Eresictão. Foi vendida pelo próprio pai para poder saciar sua fome inesgotável, castigo que lhe aplicou Ceres após este haver profanado seu bosque sagrado.

MIDAS: célebre rei da Frígia, que obteve de Baco o dom de converter em ouro tudo quanto tocasse.

MINERVA: Atena, para os gregos. Filha de Métis e Júpiter, que engoliu a mulher e a filha. Minerva nasceu da cabeça do pai, armada dos pés à cabeça. Era deusa da sabedoria e, secundariamente, da guerra.

MINOS: rei de Creta, filho de Júpiter e Europa. Por ter sido um grande legislador, foi colocado nos infernos para julgar os mortos, junto com seu irmão Radamanto.

MINOTAURO: monstro com cabeça de touro e corpo de homem que vivia no labirinto de Creta e que Teseu abateu com o auxílio de Ariadne.

MIRMIDÕES: eram os soldados de Aquiles durante a Guerra de Tróia. Teriam nascido das formigas, daí o nome grego *myrmex*.

MISENO; um dos companheiros de Enéias. Morreu nas costas da Itália, lançado ao mar por Tritão, que lhe invejou a arte de assoprar a tuba guerreira.

MOIRAS: ver Parcas.

MOMO: personificação do Sarcasmo. Entre os gregos é uma divindade feminina, filha da Noite e irmã das Hespérides. Entre os romanos, é o deus da alegria e dos festejos.

MORFEU: deus dos sonhos, filho de Hipno.

MORTE: Tanatos, para os gregos, irmã do Sono e filha da Noite. Tinha o coração de ferro e as entranhas de bronze. Hércules venceu-a num duelo, para resgatar Alceste de suas garras. Diz-se que Sísifo também ludibriou-a, quando esta veio buscá-lo.

NÁIADES: ninfas dos córregos e das fontes. NARCISO: filho do rio Cefiso, apaixonou-se pela sua própria imagem refletida num espelho d'água. Acabou morrendo afogado ao mergulhar no rio para abraçar-se.

NÉFELE: mãe adotiva de Frixo e de Hebe, e esposa de Atamas, que tudo fez para matá-los, obrigando-os a fugir montados em um carneiro dourado.

NEOPTOLEMO: filho de Aquiles e Deidâmia. Foi o assassino de Astíanax, o jovem filho de Heitor, que ele jogou do alto de uma torre após a queda de Tróia. Ficou com Andrômaca, a viúva de Heitor, na condição de escrava, e dela teve três filhos. Foi morto por Orestes, a mando de Hermíone, sua esposa, que tinha ciúmes de Andrômaca.

NEREIDAS: filhas de Nereu e de Dóris. São ninfas marinhas. As mais famosas são Tétis, mãe de Aquiles, e Anfitrite, esposa de Netuno.

NEREU: filho do Mar e da Terra, era uma das mais antigas divindades marinhas, anterior ao próprio Netuno, sendo conhecido como "O Velho do Mar". Tinha o dom da metamorfose.

NESTOR: rei de Pilos, foi um dos homens que tiveram a vida mais longa em seu tempo, pois dizia-se que vivia dos anos roubados aos seus parentes, mortos por Hércules. Participou de quase todas as grandes aventuras da Antigüidade, como a caçada ao javali de Calidon, a expedição dos Argonautas e a Guerra de Tróia.

NETUNO: o Posseidon (ou Posídon) dos gregos. Filho de Saturno e de Cibele, era irmão de Júpiter e Plutão e com eles dividiu o governo do mundo após o destronamento de Saturno. Coube a Netuno o governo dos mares, que ele exerce ao lado de Anfitrite, uma das nereidas, filhas de Nereu.

NICÓSTRATO: filho de Helena, que a expulsou de sua pátria após a morte de Menelau.

NÍOBE: filha de Tântalo, atraiu a ira de Diana, a deusa da caça, quando ousou comparar-se à deusa, julgando-se mais bela que ela. Diana e seu irmão Apolo mataram, a flechadas, os seus quatorze filhos -, sete homens e sete mulheres. Níobe, petrificada pela dor, converteu-se em um rochedo, do qual mana uma fonte.

NESSO: centauro que tentou violar Dejanira, a esposa de Hércules, sendo por isso morto pelas flechas envenenadas do herói. Antes de morrer, no entanto, deixou um pouco de seu sangue para que Dejanira o embebesse em uma túnica que deveria ser dada de presente a seu esposo. Dejanira, acreditando que o sangue tinha propriedades miraculosas, assim o fez, o que provocou a morte do herói e a sua própria.

NINFAS: divindades femininas que habitam a natureza.

Niso: amigo de Euríalo, tentou com ele furar o bloqueio dos rútulos e levar uma mensagem até seu comandante, Enéias. Ambos morreram sem levar a cabo a missão.

NISSO: um dos pretendentes à mão de Penélope, esposa de Ulisses, que acabou, a exemplo dos demais, abatido pelas flechas do rei de ítaca.

NOITE: filha do Caos, irmã do Erebo, a escuridão infernal. É mãe das Moiras, ou Parcas.

OCEANO: um dos Titãs, Oceano era um rio imenso que circundava o mundo, segundo a concepção dos gregos. Era esposo de Tétis, também filha do Céu e da Terra.

ONFALE: rainha da Lídia, teve Hércules como escravo durante três anos (ou apenas um, conforme outros). Usou durante este tempo a pele de leão de Hércules, enquanto este trajava suas roupas femininas, fiando o linho aos seus pés.

ORFEU: filho de Calíope, uma das nove Musas, foi o maior poeta grego. Casou-se com Eurídice, quando esta morreu tentou retirá-la dos infernos, porém sem sucesso. Morreu despedaçado pelas bacantes, sacerdotisas de Baco.

ORSON: caçador e filho de Netuno, foi morto acidentalmente por Diana e transformado posteriormente em uma constelação.

ORÍTIA: filha de Erecteu, rei de Atenas, foi raptada por Bóreas, deus do vento norte.

OTO: um dos Aloídas, era irmão de Efialtes. Ambos tentaram escalar o Olimpo e foram mortos pela audácia.

PÃ: filho de Mercúrio e da ninfa Dríope, era o deus dos bosques, sendo representado com pés de bode e o corpo peludo, com dois chifres na cabeça.

PALAMEDES: companheiro de Agamenon e dos gregos na guerra contra Tróia, foi acusado injustamente, por uma tramóia de Ulisses, de ser espião dos troianos, o que lhe valeu a morte por apedrejamento. PALINURO: piloto de Enéias, morreu antes de desembarcar na Itália, ao cair do leme, durante a noite. Enéias o reencontrou nos infernos.

PANDORA: a primeira mulher, segundo a mitologia. Foi modelada por Vulcano e animada por Minerva. Recebeu de Júpiter uma caixa contendo todos os males. Como fosse muito curiosa, logo a abriu e escaparam-se todos, levando ao mundo a desgraça e o sofrimento.

PARCAS: as Moiras dos gregos. Eram três

deusas que personificavam o destino humano: Átropos, Cloto e Laquesis. A primeira carde o fio da vida de uma pessoa, a segunda o enrola e a última o corta, significando com isto que sua vida chegou ao fim.

PÁRIS: filho de Príamo, rei de Tróia, e de Hécuba. Raptou Helena aos gregos, o que deu origem à Guerra de Tróia. Matou Aquiles com um flechada no calcanhar e morreu atingido por uma flecha envenenada de Filoctetes.

PÁTROCLO: companheiro de Aquiles, combateu no lugar deste, envergando a sua armadura, o que lhe valeu a morte pelas mãos de Heitor.

PÉGASO: cavalo alado nascido do sangue de Medusa, após esta ter sido decapitada por Perseu. Belerofonte montou-o quando de sua caçada a Quimera.

PELEU: rei de Ftia e pai de Aquiles, o maior dos gregos. Casou-se com a ninfa Tétis. Durante a Guerra de Tróia foi destronado, indo morrer em Cós.

PÉLIAS: filho da ninfa Tiro e de Netuno, era meio-irmão de Aéson, pai de Jasão. Apossou-se do trono em Iolco, expulsando Jasão do reino, o que deu origem à célebre aventura dos Argonautas. Foi assassinado por suas próprias filhas, por instigação da feiticeira Medéia.

PÉLOPE: OU Pélops, era neto de Júpiter e filho de Tântalo, rei da Lídia. Quando menino foi feito em pedaços pelo pai e oferecido como alimento aos deuses. Após ser ressuscitado por Júpiter, casou-se com Hipodâmia e com ela teve vários filhos, dos quais os mais famosos são Atreu e Tiestes, que, a exemplo de seus descendentes, cometeram as piores vilanias.

PENÉLOPE: esposa de Ulisses, foi requestada por diversos pretendentes durante a ausência do marido, que lutava em Tróia. Celebrizou-se pelo expediente do manto, que costurava de dia e descosturava à noite para protelar a escolha do novo marido.

PENTESILÉIA: rainha das Amazonas, filha de Marte. Tentou ajudar Príamo, rei de Tróia, a repelir os gregos, porém sem sucesso, e foi morta pelas mãos de Aquiles.

PERIANDRO: rei de Corinto, tentou evitar que Arion, músico favorito da corte, partisse em uma viagem desastrada para a Sicília.

PERSEU: herói grego nascido de uma chuva de ouro que Júpiter fez cair sobre Danae, aprisionada pelo próprio pai em uma torre. Enfrentou as Górgonas, tendo cortado a cabeça da temível Medusa. Matou inadvertidamente o avô Acrísio durante uma disputa de arremesso de disco, tal como estava predito num antigo oráculo. PIGMALIÃO (1): rei de Tiro e irmão de Dido, matou o cunhado Siqueu para se apoderar do trono. Foi estrangulado por sua mulher, Astebe.

PIGMALIÃO (2): escultor da ilha de Chipre que se apaixonou pela sua própria escultura, batizada de Galatéia.

PÍLADES: fiel companheiro de Orestes, ajudou-o a vingar-se de sua mãe, Clitemnestra, e do amante, Egisto, que haviam matado Agamenon, pai do amigo. Casou-se mais tarde com Electra, irmã de Orestes.

PÍRAMO: jovem assírio que teve uma paixão proibida por Tisbe, podendo se comunicar com ela somente por meio de uma parede. Acabou se matando ao encontrar a amada morta.

PIRRA: filha de Epimeteu e Pandora, foi mulher de Deucalião. Ambos escaparam de um naufrágio após construírem um barco, aconselhados por Júpiter.

PIRRA: "ruiva", em grego, era o nome que Aquiles assumiu quando esteve disfarçado de mulher na corte do rei Licomedes.

PÍTIA: O mesmo que Pitonisa. Era a sacerdotisa do oráculo de Apolo, em Delfos.

PÍTON: serpente monstruosa que perseguiu Latona, quando esta esteve grávida de

Apolo e Diana. Apolo matou-a com suas flechas.

PLÊIADES: eram filhas de Atlas. Cansadas de serem perseguidas pelo caçador Orson, pediram a Júpiter que as transformasse em uma constelação.

PLUTÃO: deus dos infernos e dos mortos, é irmão de Júpiter e filho de Saturno. Casou-se com Prosérpina, filha de Ceres, após um rapto bem-sucedido.

POLIDECTO: rei da ilha de Sérifo, o qual acolheu Danae e seu filho Perseu, que tinham sido colocados em um baú em alto-mar por Acrísio, pai de Danae. Apaixonou-se pela mãe de Perseu e tentou se desvencilhar deste mandando-o enfrentar as temíveis Górgonas. Foi transformado em uma estátua de pedra após tentar se apoderar à força de Danae.

POLIFEMO: Ciclope, filho de Netuno, vivia isolado em sua caverna, até que Ulisses chegou à ilha onde habitava. Teve o único olho perfurado após ter comido vários companheiros do herói de ítaca.

POLINICE: filho primogênito de Édipo, foi expulso de Tebas pelo irmão Etéocles, o que deu origem à guerra civil que culminou com a morte de ambos.

POLITES: um dos tantos filhos de Príamo, rei de Tróia. Foi morto por Neoptolemo às vistas do próprio pai, durante a tomada de Tróia.

POLIXO: mulher de Tlepólemo, vingou a morte do marido, que morrera às portas de Tróia, mandando matar Helena.

PÓLUX: um dos Dióscuros, era filho de Leda e irmão de Castor. Recusou a imortalidade enquanto o irmão permanecesse nos infernos.

POMONA: ninfa de admirável beleza, deusa dos frutos e dos jardins, tornou-se mulher de Vertuno, outra divindade dos pomares.

PRÍAMO: filho de Laomedonte, foi o último dos reis de Tróia, tendo sido morto por Neoptolemo, filho de Aquiles, também conhecido como Pirro, após a tomada da cidade pelos gregos. Era casado com Hécuba, com quem teve inúmeros filhos, dos quais os mais famosos eram Heitor, Pária e Cassandra.

PRÓCRIS: filha de Erecteu, rei de Atenas, casou-se com Céfalo. Seus ciúmes levaram-no à morte.

PROCUSTO: bandido de estrada que torturava os passantes lançando-os em dois leitos, conforme o tamanho da vítima. Se era pequena, lançava-a sobre o leito grande e lhe espichava os membros até a morte; caso fosse grande, lançava-a sobre o leito pequeno e lhe cortava o excesso dos membros. Foi morto por Teseu.

PRETO: rei de Argos, deu asilo a Belerofonte após este haver matado um dos mais ilustres cidadãos de Corinto.

PROMETEU: filho do Titã Japeto e da oceânide Climene. É considerado o criador da raça humana, a quem modelou do barro. Roubou o fogo dos deuses, razão pela qual foi punido, sendo encadeado ao monte Cáucaso, onde uma águia lhe bicava eternamente o fígado. Hércules libertou-o mais tarde do suplício, com a concordância de Júpiter.

PROSÉRPINA: Perséfone dos gregos. Era filha de Ceres e Júpiter. Foi raptada por Plutão, tornando-se rainha dos infernos.

PROTEU: divindade marinha, filha do Oceano e de Tétis, tinha o dom da metamorfose.

PSIQUE: jovem de grande beleza, foi amada por Cupido. Personificava a alma.

QUELONE: ninfa que Juno metamorfoseou em tartaruga, por não ter comparecido ao seu casamento com Júpiter.

QUERES: divindades cruéis do cortejo de Marte, eram enviadas às batalhas para recolher a alma dos mortos às moradas sombrias. Eram chamadas de "as cadelas de Plutão".

QUIMERA: monstro fabuloso, mistura de cabra e leão, que Belerofonte enfrentou e matou montado em seu cavalo alado Pégaso.

QUÍRON: o mais sábio dos centauros, foi preceptor de diversos personagens importantes da mitologia, como Aquiles, Esculápio, Jasão e até do próprio Apolo.

SALMÁCIS: ninfa que se apaixonou por Hermafrodito. Amavam-se tanto que se uniram em um só corpo.

SARPÉDON: filho de Júpiter, combateu ao lado dos troianos na Guerra de Tróia. Foi morto por Pátroclo.

SÁTIROS: divindades dos bosques e dos montes, companheiros do séquito de Baco. Eram criaturas rudes e libidinosas, que viviam a perseguir as ninfas pelas florestas.

SATURNO: Cronos, para os gregos. Era um dos Titãs, filho do Céu e da Terra. Com uma foice mutilou o pai, tomando o poder entre os deuses. Foi destronado, por sua vez, por seu filho Júpiter.

SELENE: divindade grega que personifica a Lua, freqüentemente confundida com Diana.

SÊMELE: filha de Cadmo e Harmonia. Quando grávida de Baco, Júpiter apareceu para ela em todo o seu esplendor de deus, matando-a queimada. Antes, porém, que ela morresse, Júpiter lhe retirou o filho do ventre e colocou-o em sua coxa, onde foi gerado até seu nascimento. Baco, mais tarde, desceu aos infernos e retirou sua mãe de lá, levando-a para morar no Olimpo, na condição de deusa.

SEREIAS: seres fantásticos, metade mulheres, metade pássaros, atacavam as embarcações que passavam entre a ilha de Capri e as costas da Itália, levando os marinheiros à morte com seu belo canto. Despeitadas por terem sido ignoradas por Ulisses, lançaram-se ao mar, transformando-se em rochedos.

SIBILA: profetisa que proferia oráculos. Enéias foi conduzido pela Sibila quando errava nas regiões infernais, em busca da sombra de seu pai, Anquises.

SILÊNCIO: em grego, Muda, deusa do Silêncio. O mesmo que Lara ou Tácita, era uma náiade de Almon, regato que deságua no Tibre.

SILENO: filho de Pã, era um sátiro e pai de criação de Baco. Andava sempre embriagado e montado em seu burrico, do qual caía freqüentemente.

SIMÔNIDES: célebre poeta grego. Encarregado de fazer o elogio de Escopas, rei da Tessália, acabou se desentendendo com ele na hora de receber o pagamento. Escapou na última hora de morrer

esmagado junto com o rei, após o desabamento do salão onde a corte se reunira para escutar o poema.

SÍNIS: temível bandoleiro, filho de Netuno, que foi morto por Teseu. Amarrava as extremidades de suas vítimas às copas vergadas de dois pinheiros e depois as largava, despedaçando, com isto, a vítima.

SÍNON: espião grego que convenceu os troianos a admitirem a entrada do cavalo fatídico no interior das muralhas de Tróia.

SÍSIFO: filho de Éolo, era considerado o mais astucioso dos mortais. Recebeu no inferno o castigo de ter de empurrar montanha acima uma rocha imensa, que sempre despenca para baixo tão logo alcança o cume. Passa por ser o pai verdadeiro de Ulisses, em vez de Laertes.

SIQUEU: rei de Tiro e marido de Dido, foi morto por seu cunhado Pigmalião, o que obrigou Dido a se exilar, com medo de ser morta, também, pelo inescrupuloso irmão.

SIRINGE: era uma hamadríade (ninfa das árvores) da Arcádia. Perseguida por Pã, um sátiro das florestas, pediu aos deuses que a transformassem em um caniço. Pã, entristecido, tomou o caniço e fez dele uma flauta, dando origem, assim, à chamada "flauta de Pã".

SÍRIUS: cão de Órion, caçador que Diana matou acidentalmente com uma flechada.

SOL: Hélios, em grego, era um dos Titãs. Freqüentemente confundido com Apolo, era a personificação do Sol.

SONO: O Hipno dos gregos. Filho da Noite e do Erebo, o Sono é irmão da Morte.

SULMON: soldado de Volceno, comandante dos rútulos que surpreendeu Niso e Euríalo quando tentavam furar o bloqueio imposto pelas suas tropas ao acampamento troiano.

TAGO: soldado rútulo morto por Niso, companheiro de Euríalo.

TALOS: gigante de bronze que protegia as muralhas de Creta. Foi morto graças a um feitiço de Medéia.

TÂNTALO: rei da Lídia, era filho de Júpiter. Por ter cortado o filho em pedaços para servi-lo aos deuses foi condenado ao Tártaro. Lá, está permanentemente mergulhado num lago cujas águas estão sempre fora do alcance dos seus lábios, tendo acima da cabeça uma árvore de saborosos frutos, que um vento sempre afasta de suas mãos quando ele tenta alcançá-los.

TELÊMACO: filho de Ulisses e Penélope, ajudou o pai a expulsar de ítaca os pretendentes à mão de sua mãe.

TELEMO: adivinho que morava no país dos Ciclopes. Predisse a Polifemo que um dia este seria cegado por um viajante chamado Ulisses.

TÊMIS: filha de Urano e da Terra, foi a primeira esposa de Júpiter. Personifica a Justiça.

TERRA: Géia, em grego. Filha do Caos, é um dos deuses primordiais, a exemplo do seu esposo, o Céu. Mãe dos Titãs, entre os quais Saturno, que a libertou da tirania do marido, cortando-lhe os testículos com uma foice que ela própria lhe dera.

TESEU: um dos principais heróis da mitologia, era filho de Netuno, segundo a versão mais aceita. Derrotou o Mínotauro no labirinto de Creta e foi o responsável pela morte do filho Hipólito, por julgar que este havia traído sua confiança ao se aproximar de Fedra, sua esposa.

TÉTIS (1): filha do Céu e da Terra, era casada com o Oceano. Ajudou a criar Juno, filha de Cibele e Saturno.

TÉTIS (2): uma das Nereidas, era filha de Nereu e Dóris e mãe de Aquiles.

TÍFIS: foi o primeiro piloto do navio Argo, que conduziu os Argonautas até o Velocino de Ouro. Morreu antes de poder chegar ao destino.

TIMOETES: um dos comandantes troianos que ajudaram a colocar para dentro das muralhas de Tróia o fatídico cavalo de madeira.

TÍNDARO: rei de Esparta, marido de Leda e pai suposto de Castor, Pólux, Clitemnestra e Helena. Era, a exemplo de Nestor, um símbolo de longevidade.

TIRÉSIAS: o mais famoso dos adivinhos gregos, ficou cego graças a Minerva, por ele tê-la flagrado nua durante o banho. Penalizada, a deusa lhe deu depois um bastão mágico, que o fazia movimentar-se com a mesma precisão de uma pessoa normal. São inúmeras as suas predições, que continuou a fazer mesmo depois de morto, nos infernos, quando recebeu a visita de Ulisses.

TISBE: jovem princesa da Babilônia, que teve um romance infeliz com Píramo, aos moldes de Romeu e Julieta, com o mesmo desenlace trágico.

TISÍFONE: uma das três Fúrias (Erínias dos gregos), divindade vingativa, personificação do remorso. As outras duas eram Aleto e Megera.

TITÃO: príncipe troiano, era irmão de Príamo, último rei de Tróia.

TITÃS: a primeira geração dos deuses, filhos do Céu e da Terra. Eram seres monstruosos, os quais, à medida que iam nascendo, eram encerrados pelo pai no ventre da mãe Terra. Saturno, um deles, os libertou, ao mutilar o próprio pai com uma foice. Protagonizaram mais tarde a Guerra dos Titãs, para destruir Júpiter. Derrotados, foram encerrados pelo deus nas profundezas do Tártaro.

TITONO: irmão mais velho de Príamo, rei de Tróia. Aurora apaixonou-se por ele, mas cometeu o equívoco de pedir a Júpiter que lhe concedesse a imortalidade, sem lhe pedir também a eterna juventude. Titono envelheceu tanto que Aurora encerrou-o num quarto escuro, onde ele acabou por tornar-se uma cigarra.

TMOLO: deus das montanhas, foi um dos jurados da disputa musical entre Pã e Apolo.

TRITÃO: filho de Netuno e Anfitrite, era um semideus marinho. Tirava sons retumbantes de sua grande concha marinha. Algumas lendas afirmam que morreu decapitado.

TROFÔNIO: célebre arquiteto construtor do templo de Delfos. Após construir um templo magnífico para Apolo, foi premiado por este com a morte, prêmio que também coube a Agamedes, companheiro de Trofônio e arquiteto como ele.

TURNO: rei dos rútulos e inimigo de Enéias, foi morto por este durante a disputa pela mão de Lavínia, filha de Latino, rei do Lácio.

ULISSES: para alguns, filho de Laertes, para outros, filho de Sísifo. Um dos maiores heróis gregos e célebre pela engenhosidade e esperteza. Esteve na Guerra de Tróia, tendo sido o autor do embuste do cavalo de madeira que pôs fim à guerra. No regresso, enfrentou uma série de percalços para poder chegar a salvo em sua ítaca natal, onde teve ainda de enfrentar os pretendentes à mão de sua esposa Penélope, que por pouco não dilapidaram todos os seus bens.

VÊNUS: Afrodite, para os gregos, era a deusa do amor. Nasceu da espuma do Mar, que foi fecundada pelos testículos extirpados do Céu. Era mãe de Cupido. Esteve ao lado dos troianos na Guerra de Tróia e teve um romance proibido com Marte, deus da guerra. VERTUNO: divindade romana, era o deus dos jardins e dos pomares. Casou-se com a ninfa Pomona.

VESTA: OU Héstia, para os gregos. Irmã mais velha dos deuses olímpicos, filhos de Saturno e Cibele, foi engolida como eles, pelo pai, tão logo nasceu. Júpiter a libertou junto com os demais. É a deusa dos lares, muito cultuada entre os romanos. Suas sacerdotisas, as vestais, eram castas e assim deviam permanecer por toda a vida.

VÉSPER: Héspero, em grego. Segundo a lenda, era filho de Atlas, e se transformou em uma estrela vespertina quando contemplava, um dia, do alto de uma montanha, os astros que brilhavam no céu.

VOLCENO: comandante rútulo que surpreen-

deu Niso e Euríalo, guerreiros de Enéias, após o massacre que estes patrocinaram nos acampamentos de Turno.

VULCANO: Hefestos, em grego. Filho de Júpiter e Juno, é o deus das forjas e dos artífices. Coxo, adquiriu este defeito ao ter sido lançado do céu, ainda bebê, pela sua mãe, que não podia admitir ter um filho tão horrível. Apesar disto, casou-se mais tarde com Vênus, a mais bela das deusas.

XANTOS: um dos cavalos falantes e imortais presenteados por Netuno a Peleu por ocasião do seu casamento com Tétis (o outro se chamava Bálios). Conduziram o carro de Aquiles durante a Guerra de Tróia e predisseram a morte deste, antes de uma batalha.

XUTO: estrangeiro que se casou com Creúsa, filha de Erecteu, rei de Atenas.

ZÉFIRO: filho de Éolo e de Aurora, personificava o vento oeste, brando e refrescante.

ZEUS: ver Júpiter.

BIBLIOGRAFIA

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis.* São Paulo: Ediouro, 1965.

COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana.* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GANDON, Odile. *Deuses e heróis da mitologia grega e latina.* 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da mitologia grega.* 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

HAMILTON, Edith. *Mitologia.* 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOMERO. *A Ilíada.* 11. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

________ . *Odisséia.* 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

MENARD, Pierre. *Mitologia grega e romana.* São Paulo: Fittipaldi Editores Ltda., três volumes.

RIBEIRO, Joaquim Chaves. *Vocabulário e fabulário da mitologia.* 1. ed. São Paulo: Martins, 1962.

STEPHANIDES, Menelaos. *A Odisséia.* 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2000.

____________________ . *Ilíada: a guerra de Tróia.* 1. ed. São Paulo: Odisseus, 2000.

____________________ . *Os deuses do Olimpo.* 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens.* 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VIRGÍLIO. *Eneida.* 11. ed. São Paulo: Ediouro, s/d.

WILKINSON, Philip. *O livro ilustrado da mitologia: lendas e histórias fabulosas sobre grandes heróis e deuses do mundo inteiro.* 2. ed. São Paulo:, 2001.

As 100 Melhores Histórias da Mitologia

A Guerra de Tróia. Os Doze Trabalhos de Hércules. A história de amor de Cupido e Psiquê. A desgraça de Édipo. O retorno de Ulisses a Ítaca.

As maiores batalhas do mundo antigo, o nascimento dos mais célebres heróis de então, os principais episódios envolvendo deuses e deusas do Olimpo, mortais, imortais, monstros e bestas são aqui relatados na sua forma original: com o vigor da ficção. Nas cem histórias que compõem este livro, as forças da natureza tomam vida, forma-se o Universo, nasce o homem, surgem os animais e explicam-se, segundo a ótica mágica da mitologia greco-romana, os primórdios da existência e da história da humanidade. Os mitos não são mitos, mas personagens vívidos e de carne e osso, que pensam, sentem e amam — tudo isso contado numa prosa acessível — e que compõem o berço da cultura ocidental.

ISBN 85-254-1316-X
9 788525 413161